

A close-up photograph of a woman's face, focusing on her eyes and hair. She has light blue eyes and freckles. A small white flower is tucked into her dark, wavy hair. The background is a soft, out-of-focus grey.

Da tragédia
nasce a força.

És
o Meu
Destino

LESLEY
PEARSE

ASA

Decorative floral patterns in a reddish-brown color, resembling roses, are positioned at the bottom of the cover, partially overlapping the author's name.

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Ficha Técnica

Título original: SURVIVOR

Título: És o Meu Destino

Autor: Lesley Pearse

Traduzido do Inglês por: Mário Dias Correia

Adaptação da capa: Maria Manuel Lacerda

Imagem de capa: Craig Fordham

Fotografia da autora: Charlotte Murphy, 2014

ISBN: 9789892328799

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdoba, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2014, Lesley Pearse

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

—A Mariette é tão... — Miss Quigley fez uma pausa, franzindo os lábios enquanto procurava o adjetivo mais adequado para descrever a sua indócil aluna. — Tão desafiadora!

Belle conseguiu reprimir um sorriso ao ouvir a descrição que a professora fazia da sua filha de onze anos. Era o que também lhe chamavam muitas vezes, quando tinha a mesma idade.

Findas as aulas do dia, pouco depois das quatro e meia, Miss Quigley sentira a necessidade de falar com a mãe de Mariette.

Belle levava a professora para a sala de estar, em sinal de respeito, mas não fazia a mais pequena tenção de lhe oferecer chá. Não queria encorajar a mulher a demorar-se.

— Penso que o que está a ver é apenas sinal de um carácter forte. O que foi exatamente que ela fez que lhe pareceu tão perturbador?

— Não tenho qualquer incidente em particular que seja um exemplo flagrante. Mas ela contesta tudo o que eu digo. Ainda há dias, estava a dizer à turma que muitos soldados neozelandeses perderam a vida durante a Grande Guerra, e ela declarou que a França tinha perdido vinte e cinco por cento dos seus homens.

— Mas é verdade — disse Belle. — Não chamaria contestação ao facto de o fazer notar... sobretudo sendo o pai francês e tendo lutado pelo seu país.

Era tentador acrescentar que Étienne fora condecorado com a Croix de Guerre pela sua coragem, mas Belle sabia que ele não gostaria que andasse a apregoá-lo.

Miss Quigley cruzou os braços sobre o peito.

— Mas é que ela tem opiniões a respeito de tudo! E também me irrita muito o hábito que tem de ensinar às outras crianças frases duvidosas em francês.

— Julgo que descobrirá que não têm nada de duvidoso. É só porque gosta do som da língua. Duvido que seja algo mais do que «Por favor, empresta-me um lápis», ou «Hoje está muito calor.» Tanto o pai como eu queremos que seja bilingue, e estamos muito satisfeitos com os seus progressos.

O bufar desdenhoso de Miss Quigley mostrou sem margem para dúvidas que considerava ensinar francês a uma criança uma coisa subversiva.

– É excessivamente confiante! – Disse isto como se fosse um insulto. – É sempre a primeira a falar, assume a liderança em tudo.

– Lamento muito que isso lhe pareça perturbador. – Belle pensou que aquela velha professora, seca como um galho, deveria concentrar-se em ajudar as crianças menos capazes da escola e dar graças por ter ao menos uma aluna que gostava de aprender. – Seria de esperar que uma professora apreciasse tal entusiasmo... É, ao fim e ao cabo, um elogio ao seu trabalho.

– O orgulho precede a queda – retorquiu a professora, com um novo bufar de reprovação. – Ela pode ser um peixe grande neste pequeno lago, mas como vai sair-se quando for confrontada com peixes ainda maiores?

– Uma criança confiante consegue sempre adaptar-se. – Belle estava a ficar cada vez mais irritada. – Vamos agora falar dos progressos dela na escola? Pensei que fosse esse o motivo da sua visita.

– A Mariette lê e escreve muito bem – admitiu Miss Quigley, de má vontade. – Também é boa a aritmética. Mas distrai as outras crianças quando acaba os seus trabalhos e impede os colegas de acabarem os deles.

– Fala com eles?

Belle sentiu que estavam finalmente a chegar a algum lado.

– Sim.

– Nesse caso, dir-lhe-ei que não o faça. Mas talvez pudesse dar-lhe mais trabalhos, ou outra tarefa qualquer para a manter ocupada?

Havia já algum tempo que Belle se apercebera de que Miss Quigley implicava com Mariette. Não lhe parecia que fosse por ela ser mais viva ou mais inteligente do que as outras crianças da mesma idade, mas apenas porque nem a filha nem ela própria bajulavam a professora como outras crianças e mães de Russell costumavam fazer.

Miss Quigley, uma mulher desengraçada, magra e reservada de quarenta e muitos anos, chegara a Russell para ensinar mais ou menos pela mesma altura em que Belle e Étienne tinham casado. Diziam as más-línguas que escolhera Russell para estar mais perto de Silas Waldron, um viúvo que vivia em Kerikeri e que conhecera em Auckland. Talvez na esperança de que a amizade desabrochasse em amor e casamento, o que obviamente não acontecera.

Nunca seria fácil para uma mulher solteira, sem família nem amigos próximos na área, adaptar-se à vida numa comunidade tão isolada depois de ter vivido numa grande cidade. Miss Quigley tinha muito pouco em comum

com as mães dos seus alunos, cujas vidas giravam em torno dos maridos e das famílias, e o mais certo era achá-las muito provincianas.

E o facto de ser tão seca e empertigada – não se rebaixava a falar de banalidades e quase nunca sorria, quanto mais rir – não ajudava nada, e se alguma vez esperara encontrar um marido entre os homens ricos que visitavam a vila no verão para pescar espadartes, bem podia esperar sentada. Belle duvidava que qualquer deles quisesse para esposa uma mulher de meia-idade com um ar tão amargo.

– Se me permite que fale com toda a franqueza, Mrs. Carrera, penso que devia tentar dominar a rebeldia da Mariette encorajando-a a dedicar-se a ocupações mais próprias de uma senhora do que velejar. Quando vinha para cá, vi-a empurrar o barco para a água com o vestido arregaçado de uma maneira muito pouco decente.

De repente, Belle era toda ouvidos. Olhou para a professora, alarmada.

– Viu a Mari levar o barco para a água? O pai não estava com ela?

– Não, estava sozinha, a gritar para alguém na praia, como uma peixeira.

– Porque foi que não mo disse logo que chegou? – Belle arrancou o avental e encaminhou-se para a porta. – Ou acredita que deixamos uma criança de onze anos andar de barco sozinha?

– É precisamente ao que quero chegar, ela é desafiadora – respondeu Miss Quigley. Mas a conversa acabou ali, porque Belle já tinha saído porta fora, deixando-a sozinha na sala de estar.

Belle correu a toda a velocidade ao longo da praia em direção ao pontão, com o coração apertado pelo medo. Étienne tinha prometido a Mariette sair com ela no pequeno barco à vela para mais uma lição depois das aulas, se acabasse o seu trabalho a horas. Mas, a dar crédito a Miss Quigley, Mariette achava que já sabia o suficiente para velejar sozinha.

Estava um belo dia de outubro, cheio de sol, com vento na medida certa para uma perfeita tarde de vela, mas Mariette não era suficientemente forte, nem suficientemente experiente, para controlar um barco sozinha. O pai dissera-lho dúzias de vezes. Uma súbita rajada de vento podia voltar o barco, e ela podia ser atingida na cabeça pela retranca. Apesar de saber nadar bem, a água da baía estava ainda muito fria naquela altura do ano, e em certos lugares havia correntes perigosas.

Ao ver Charley Lomax um pouco mais à frente, Belle gritou-lhe:

– A Mari saiu sozinha no barco. Importas-te de ir procurar o Étienne? E se vires a Mog, diz-lhe também a ela.

Charley Lomax era uma das personagens de Russell, com cerca de cinquenta anos, um bom trabalhador quando estava sóbrio, mas propenso a apanhar bebedeiras que podiam durar dias. Vivia numa esqualida cabana na orla da vila, mas Étienne gostava dele e trabalhavam muitas vezes juntos em projetos de construção.

O homem agitou a mão para fazer sinal de que compreendera o que ela tinha dito e afastou-se a correr tão depressa que era evidente que naquele dia estava sóbrio.

Uma súbita dor no lado obrigou Belle a deter-se por um instante. A fazer pala com a mão para proteger os olhos, examinou a baía. O barco tinha uma vela vermelha, e quando Étienne o comprara Belle deixara-se muitas vezes ficar a vê-lo prepará-lo para sair. Não achara graça nenhuma quando ele começara a levar Mariette para a ensinar, e ainda não o deixava levar os rapazes, Alexis e Noel, que tinham apenas oito e sete anos, respetivamente, e ainda não nadavam muito bem. Mas cedera no caso de Mariette, porque a rapariga adorava tudo o que tivesse a ver com barcos e com o mar e adorava acima de tudo estar sozinha com o pai.

Avistou o bote, que deslizava a boa velocidade, já muito afastado da margem. Mariette era apenas um minúsculo ponto, sentada na borda e inclinada para trás para manter o bote equilibrado. O medo de Belle era que não tivesse força de braços suficiente para o fazer dar a volta e fosse levada para o mar aberto, onde as ondas eram grandes.

– *Belle!*

Belle voltou-se ao ouvir o grito de Mog e viu-a correr na sua direção, a arrastar Alexis e Noel pela mão. Quase todos os dias era ela que ia buscá-los à escola, pois acabavam as aulas meia hora antes de Mariette, e geralmente levava-os a dar um passeio, para os deixar gastar o excesso de energia acumulada.

Em qualquer outra ocasião, Belle teria ficado espantada ao ver como uma mulher de cinquenta e nove anos e com um ligeiro coxear era capaz de correr tão depressa. Naquele momento, porém, só conseguia pensar no perigo em que a filha se encontrava.

– A Mari está ali, sozinha – gritou, a apontar para o barco, ao longe. – Sabes onde está o Étienne?

Mog chegou junto dela e dobrou-se pela cintura, esgotada pelo esforço da corrida.

– O Charley foi chamá-lo. Está perto, em casa dos Baxter – ofegou. – Há de ir diretamente para o pontão e levar o outro barco para ir buscá-la. É melhor ires com ele, para o ajudar.

– Se o barco se volta, ela afoga-se – disse Belle numa voz que tremia, enquanto continuavam a avançar para o pontão. – Avisei-a um milhão de vezes de que o mar pode ser perigoso. Porque é que ela tem sempre de contestar tudo?

– Acalma-te, Belle – disse Mog. – A Mari fez mal em desobedecer-te, mas se continuas a ver o barco direito, é porque ainda não há necessidade de entrar em pânico. O Étienne vai estar aí antes que o Diabo esfregue um olho.

Mog não se enganava. Quando pisaram o pontão, uma nuvem de pó anunciou a chegada de Étienne na velha camioneta.

Apesar de já ter feito cinquenta e um, os anos tinham sido generosos para com ele, e continuava tão esbelto e forte como no dia em que tinham casado. Tinha mais rugas à volta dos olhos azuis, e o cabelo era mais branco do que louro, mas conservara o poder de fazer os corações das mulheres palpitarem um pouco, sobretudo o de Belle.

Como ela esperava, ele não se deteve para explicações, recriminações ou sugestões. Disse a Alexis que corresse a casa e trouxesse uma manta quente, pediu a Mog que ficasse com Noel, agarrou a mão de Belle e correram juntos pelo pontão até ao sítio onde estava amarrado o pequeno barco de pesca. Saltou para bordo e ligou o motor, enquanto Belle soltava as amarras e saltava atrás dele. Étienne afastou o barco do pontão com a ajuda de uma vara de manobra e segundos depois iam a caminho do bote.

Étienne olhou para a minúscula embarcação ao longe.

– Está a manobrá-lo bem – disse, com uma inconfundível nota de orgulho, mas então olhou para a cara aterrorizada de Belle. – Não podíamos esperar ter filhos dóceis e obedientes, Belle! A Mari herdou o melhor e o pior de nós os dois.

Belle esteve tentada a dizer que ele nunca devia ter comprado o bote – e que nunca lhe perdoaria se Mariette se afogasse, ou ficasse sequer magoada –, mas não o fez, porque sabia que Étienne nunca perdoaria a si mesmo se acontecesse alguma coisa. Além disso, tinha concordado que todas as

crianças que viviam junto ao mar deviam saber nadar e andar de barco, de modo que era tão responsável como ele.

Nenhum dos dois voltou a falar, ambos a desejar, em silêncio, que o barco de pesca fosse mais rápido. À medida que se aproximavam, viam nitidamente como Mariette lutava contra a força do vento na vela.

– Está agarrada à escota com todas as forças e a esquecer-se do leme para o fazer virar – disse Étienne. Tinha os dentes cerrados de medo, porque se Mariette continuasse como estava, não tardaria a sair da baía para o mar aberto.

Enquanto se aproximavam, uma súbita mudança do vento fez o pequeno bote capotar e, horrorizados, os dois viram Mariette ser lançada borda fora como uma boneca de trapos. Viram-na cair, ouviram o chapão na água, e viram-na desaparecer no mesmo instante.

– Onde está ela? Não a vejo! – gritou Belle.

Perto de Russell, o mar estava calmo, mas ali, tão ao largo, encrespava-se, e o choque da imersão repentina numa água extremamente fria podia ser o suficiente para impedir alguém de nadar, sobretudo uma rapariga pequena.

– *Mari!* – gritou Étienne, a plenos pulmões. – Ouves-me?

Estavam a cerca de cinquenta metros de distância do barco voltado, e Belle, louca de medo, perscrutava as ondas à procura da filha. Olhou para o marido e viu que tinha os dentes cerrados de absoluta determinação. Étienne baixou o regime do motor e preparou-se para mergulhar.

– Pega no leme e contorna o bote, devagar e de largo – disse ele, enquanto descalçava as botas. – Se a vires, grita e agita isto – acrescentou, entregando-lhe um pano vermelho.

Mergulhou e voltou à superfície a cerca de três metros de distância.

Belle fez o que lhe fora dito, contornando devagar o bote voltado, ao mesmo tempo que chamava o nome da filha e sondava a superfície do mar com um olhar ansioso. Étienne mergulhava, voltava à superfície, mergulhava de novo.

O terror ameaçava apoderar-se de Belle, que imaginava vê-lo a qualquer momento reaparecer à tona trazendo nos braços o corpo sem vida da filha. Tentou controlar o pânico dizendo a si mesma que sabia que Mariette não tinha sido atingida pela retranca, pelo que não estaria inconsciente, e que nadava como um peixe. Mas cada segundo que passava sem a ver significava que já se tinha afogado.

– Por favor, Deus, salva-a – murmurou, num paroxismo de aflição, enquanto Étienne voltava a mergulhar.

E então, como que em resposta à sua prece, viu-a. Um rosto branco e assustado balouçou na crista de uma onda e mãos desesperadas estenderam-se para a quilha do bote voltado.

– Fica aí, Mari – gritou Belle, agitando o pano vermelho com gestos fenéticos. – O papá vai-te buscar! Agarra-te com força!

Étienne emergiu do outro lado da quilha.

– Deste lado! Ela está deste lado do barco! – gritou Belle, e apontou.

Étienne ergueu uma mão para lhe dar a entender que tinha ouvido. Enquanto nadava para contornar o bote voltado, Belle manobrou o barco de pesca para o aproximar.

Étienne não precisou de mais de um par de minutos para chegar junto de Mariette e, segurando-a, nadou com ela até ao barco de pesca e entregou-a nos braços estendidos de Belle.

– Vou voltar ao bote para o endireitar. Podemos rebocá-lo até Russell – gritou da água, e tornou a afastar-se.

– Oh, Mari, és uma menina tão má – exclamou Belle enquanto despia à filha o vestido encharcado e a envolvia num velho casaco de Étienne. – Tive tanto medo que te tivesses afogado.

– O papá disse-me que se alguma vez o barco se voltasse, eu devia ficar junto dele – soluçou Mariette, a tossir e a cuspir água salgada. – Mas não conseguia ver por causa das ondas e tinha muito medo. Estava a nadar na direção errada, e então voltei-me e vi-o.

Belle não se sentia com coragem para sermões naquele momento, estava demasiado aliviada por Mariette estar a salvo, de modo que se limitou a abraçá-la com força contra o peito enquanto via Étienne endireitar o bote e prender-lhe um cabo de reboque. Não havia muito que ele não soubesse a respeito de barcos – aprendera a velejar quando era rapaz, em Marselha, e era sempre muito requisitado pelos proprietários de barcos de Russell, tanto como tripulante como para fazer reparações –, mas não sabia muito a respeito de crianças, e Belle estava furiosa com ele por ter encorajado uma garota de onze anos a pensar que sabia o suficiente para sair sozinha para o mar.

Se Miss Quigley não tivesse visto Mariette a empurrar o bote para a água, podia ter passado outra hora ou mais antes que fosse procurá-la. Uma vez

fora da baía, a corrente teria arrastado a criança para o largo, e talvez o seu pequeno corpo nunca mais fosse encontrado.

Mas não disse nada disto a Mariette, que já apanhara um susto mais do que suficiente. De momento, tudo o que queria era manter a filha aquecida e apertá-la contra o peito.

Étienne tinha razão quando dizia que a filha herdara o melhor e o pior dos pais. Era tão temerária como o pai e tão determinada como a mãe. Era, também, tortuosa, teimosa e desobediente. Até no físico era uma mistura dos dois, com cabelo louro-arruivado e encaracolado, como a mãe, os pómulos altos do pai, e os olhos azul-escuros e a boca larga da mãe. Não era exatamente bonita, mas havia algo de cativante nas suas feições, como acontecia com Étienne.

– Estás muito zangado comigo? – perguntou Mariette numa vozinha trémula, quando o pai subiu para bordo e começou a despir as roupas encharcadas.

– Estou, sim – respondeu Étienne, com um ar severo. – Disse-te dúzias de vezes para nunca saíres no barco sozinha. Não posso acreditar que me desobedeceste. Tiveste muita sorte por termos descoberto onde estavas a tempo e por irmos a caminho. Não é só uma questão de ser um bom nadador, a água está gelada e até um homem adulto como eu pode ficar paralisado numa questão de minutos. Sabes o que aconteceria à tua família se te tivesses afogado?

– Ficavam todos muito tristes – respondeu Mariette, de cabeça baixa e a tentar encolher-se ainda mais no velho casaco em que Belle a tinha embrulhado.

– Não apenas tristes, destroçados – disse ele, agachando-se em frente da filha. – És apenas uma garotinha, podes ter aprendido a velejar com mar calmo e pouco vento, mas ainda não tens força suficiente para controlar um barco com vento forte. Tens de aprender a obedecer-me a mim e à tua mãe, Mariette. Não te proibimos de fazer coisas só para sermos maus para ti, é para tua segurança.

– Pe-peço des-desculpa – gaguejou ela, em parte por causa do frio, mas também por saber que estava metida em sarilhos. – Queria que te orgulhasses de mim por eu saber andar tão bem de barco.

– Orgulhávamo-nos muito mais de ti se fosses obediente – disse Belle, pondo-se de pé para ir ligar o motor. – Se Miss Quigley não te tivesse visto,

só saberíamos onde estavas quando já fosse demasiado tarde. Espero que entendas isto como um aviso e nunca mais voltes a sair para parte nenhuma... num barco, num carro ou a pé... sem primeiro me perguntares a mim ou ao teu pai se podes.

– Prometo – soluçou Mariette. – Por favor, não fiquem zangados comigo.

Belle voltou-se para olhar para a filha. Estava aninhada contra o pai, como costumava fazer quando tinha cinco ou seis anos. Nessa altura, o cabelo dela era de um louro muito puro. Agora estava a ficar mais cor de cobre e encaracolado, e Belle mantinha-o preso em tranças apertadas para não o deixar tornar-se um matagal rebelde. Desde muito pequena que Mariette aprendera a adotar uma expressão de anjinho de olhos arregalados que Belle e Étienne achavam encantadora mas que por vezes os preocupava, porque ela a usava para os levar à certa, e às outras pessoas também. De momento, estava sinceramente arrependida, mas Belle tinha consciência de que nunca seria uma criança submissa e obediente. Da próxima vez que se lhe metesse na cabeça fazer qualquer coisa que não devesse, a lição daquele dia seria esquecida.

Quando estavam a escolher um nome para ela e Étienne sugerira Mariette, porque fora o nome da mãe, acrescentara, a rir, que significava Pequena Rebelde. Seria o nome que a fazia comportar-se daquela maneira?

Nunca bebé algum fora mais desejado. Os médicos tinham dito a Belle, quando ela perdera o filho do seu primeiro marido, Jimmy Reilly, em Inglaterra, que era pouco provável que pudesse voltar a conceber. Na altura, com Jimmy a ser gravemente ferido na guerra e todos os problemas que isso acarretara, aceitara o facto de que nunca viria a ser mãe e esforçara-se muito por evitar pensar sequer em bebés. Mas nunca conseguira. Sempre fora como uma ferida dentro dela, uma fonte constante de desgosto.

Então, no fim da guerra, surgira a gripe espanhola e, como dezenas de milhares de outros, Jimmy apanhara-a e morrera, tal como Garth, tio dele e marido de Mog.

Belle e Mog tinham ido para a Nova Zelândia dispostas a começarem uma nova vida. E no entanto, embora fosse jovem, Belle não tinha expectativas de encontrar outro homem que pudesse amar. Ouvira certa vez alguém referir-se a ela e a Mog como as «Duas Viúvas Inglesas», e adivinhara que era o que toda a gente lhes chamava. Pensava que envelheceriam as duas juntas, ganhando a vida a fazer vestidos e chapéus, e

que o mais perto que chegariam de uma criança seria a cuidar dos filhos das vizinhas.

Então Étienne, um homem que ela amara e que julgava ter morrido em França, aparecera à sua procura. Ainda agora considerava aquilo um milagre; já tinha aceitado que naquele ponto da sua vida nunca mais voltaria a sentir amor e paixão.

Chocara as boas almas de Russell ao não esconder o seu desejo pelo galante francês, mas não se importara. Acreditara que Deus – ou apenas a sorte – tinha intervindo para a compensar de todos os desgostos do passado. Estava grávida de quatro meses quando tinham casado, e nunca em toda a história da humanidade noiva alguma chegara diante do altar mais orgulhosa e feliz.

Tanta coisa acontecera desde então... provações, desapontamentos, períodos de grande ansiedade. E no entanto, ter Étienne a seu lado, e a alegria que viera com cada um dos seus três maravilhosos e saudáveis filhos, tinham feito que até os tempos mais conturbados parecessem insignificantes.

Naquele momento, porém, enquanto voltava a olhar para Mariette, apercebia-se de que os filhos podem trazer desgostos ainda maiores do que qualquer das coisas más que experimentara no passado. Mariette era demasiado corajosa e irrequieta para o seu próprio bem, e tão obstinada como qualquer dos pais. Quando tivesse quinze ou dezasseis anos, a sua ousadia e espírito de aventura iam provavelmente fazê-la rebelar-se contra a vida tranquila e sonolenta que fazia ali em Russell e procurar a excitação que desejava noutro lugar qualquer. Belle sabia melhor do que ninguém que perigos ameaçavam raparigas como ela, e a simples ideia de Mariette poder ser sujeita a alguns desses perigos gelava-lhe o sangue nas veias.

Mog levava os rapazes para casa e deixara duas mantas no pontão. Étienne embrulhou Mariette numa delas, pôs a outra à volta dos ombros nus e, depois de amarrar o barco, pegou na filha ao colo e levou-a para casa.

Mog e os rapazes esperavam no alpendre da pequena moradia de Robertson Street. Os binóculos pousados em cima da mesa davam testemunho de que tinham acompanhado ansiosamente, de terra, a operação de salvamento e só tinham regressado a casa depois de saberem que Mariette estava a salvo.

Mog nunca fora dada a dramas; limitou-se a estender os braços para a criança que tiritava e dizer que tinha um banho quente à espera dela, acrescentando que Étienne deveria aproveitar para fazer o mesmo logo a seguir.

– Vais dar-lhe umas palmadas no traseiro? – perguntou Noel, com uma nota de esperança na voz.

Ambos os rapazes tinham o cabelo escuro de Belle, e os seus olhos eram azul-cobalto, mais escuros do que os dela, mas a expressão facial era a do pai: desconfiada, atenta. No entanto, nenhum deles era tão aventureiro como a irmã mais velha. Étienne ria sempre que alguém referia o facto, e respondia: «Deem-lhes tempo!»

– Não sejas parvo, Noel – disse Alexis. – Já lhe chega o susto que apanhou, quase a afogar-se.

O tom superior de Alexis fez Belle sorrir. Usava-o muitas vezes, como que para marcar bem que era um ano mais velho. Fazia lembrar a Belle a falecida mãe, Annie, com as suas feições fortes e a mesma tendência para ser gelado. Mas, felizmente, Alexis era sensato e podia-se ter sempre a certeza de que fazia o que lhe mandavam.

Mais tarde nessa noite, depois de as crianças terem jantado e ido para a cama, Mog foi buscar a garrafa de *brandy* que guardava na despensa e serviu uma medida em três copos.

Estavam na cozinha, a louça do jantar tinha sido lavada e arrumada. Havia já muito que anoitecera, mas o clarão do candeeiro a petróleo tornava o ambiente acolhedor e propício a uma conversa em família.

– Eu sei que estão os dois preocupados com a Mari – disse Mog, enquanto entregava um copo a Belle e outro a Étienne. Ambos tinham estado sombriamente silenciosos durante a refeição da noite; as crianças tinham detetado o ambiente geral e ido para a cama sem as habituais manobras dilatórias. – Mas talvez tenha sido bom ela ter apanhado um susto hoje. Duvido que volte a correr um risco assim tão cedo.

Mog comprara a pequena casa de madeira quando ela e Belle tinham chegado a Russell, mas Étienne ampliara-a consideravelmente desde que casara com Belle. Estavam ainda à espera que a eletricidade chegasse à vila, mas a cozinha era agora muito maior e havia uma lavandaria separada com

uma caldeira para aquecer água para os banhos e para lavar a roupa. De um dos lados da casa, Étienne construíra duas divisões para Mog, a que ela tanto podia aceder através do vestíbulo como pelo alpendre que corria ao longo da fachada. Por cima das divisões de Mog havia dois quartos novos. Os rapazes partilhavam um e Mariette ocupava o outro.

Tinham dito às pessoas que Mog era tia de Belle, o que era uma explicação muito mais fácil do que a verdade. Na realidade, Mog trabalhara como criada para Annie Cooper, a mãe de Belle, e fora praticamente ela que a criara. Anos mais tarde, Mog casara com Garth Franklin e Belle com o sobrinho de Garth, Jimmy Reilly. Excetuando o par de anos em que estivera na América e em Paris, e o tempo que passara como condutora de ambulâncias, em França, durante a guerra, ela e Mog sempre tinham vivido juntas. Para os filhos de Belle e de Étienne, desempenhava o papel de uma avó muito querida. Como tal, a sua opinião a respeito das crianças – ou, de facto, sobre qualquer questão familiar – era sempre valorizada.

– Concordo, Mog – assentiu Étienne. – Um bom susto é uma das melhores maneiras de as crianças aprenderem o que é o perigo. Felizmente, ninguém sofreu hoje, a não ser nós, os adultos. Acho que preferia voltar a Ypres a reviver aqueles momentos horríveis enquanto procurava a Mari no mar. Sei que foi o mesmo para ti em terra, Mog, e a pobre Belle ainda está abalada.

– Devíamos livrar-nos daquele barco – desabafou Belle. – Talvez a Mari tenha ficado demasiado assustada para repetir a graça, mas um dos rapazes pode querer tentar.

Étienne pegou-lhe nas mãos e sorriu, compreensivo.

– Vivemos num sítio onde o mar é um perigo sempre presente, e dependemos dos barcos para nos deslocarmos. Também foi assim para mim quando era criança, em Marselha. Sei que é muito melhor ensiná-los a respeitar os perigos do mar, e a manobrar bem um barco, do que tentar mantê-los afastados da água.

– Concordo. Em todo o lado há perigo para as crianças – disse Mog. – Trepas às árvores, desconhecidos que podem querer fazer-lhes mal, comer bagas venenosas, doenças contagiosas, a lista é interminável. É impossível protegê-las de tudo. E tu sabe-lo melhor que ninguém, Belle!

Belle suspirou.

– Sim, sei, mas pensei que criando os nossos filhos aqui, neste lugar tão bonito, as probabilidades de acontecer alguma coisa má seriam menores. Sabem o que a Mari me disse quando lhe fui aconchegar a roupa esta noite? «Gostava de ser uma heroína como a Grace Darling ou a Joana d’Arc. Não quero trabalhar numa padaria nem coser vestidos.» Se é com coisas destas que ela sonha, como podemos alimentar a esperança de que case com um homem bom e trabalhador e tenha um rancho de filhos?

Étienne riu.

– Ela só tem onze anos, Belle. Aposto que também sonhavas com coisas assim, quando tinhas a mesma idade.

– Só com fazer chapéus bonitos – respondeu Belle. – Não me imaginava a salvar pessoas num barco a remos nem a chefiar um país na guerra.

– O meu sonho era conhecer a rainha Vitória – disse Mog. – E o teu, Étienne?

– Ter montes de coisas para comer – disse ele. – Mas a verdade é que passava a maior parte do tempo meio morto de fome.

– Então vocês os dois realizaram os vossos sonhos – concluiu Mog, com uma gargalhada. – Eu não. Nem sequer consegui enfrentar as multidões para ver o cortejo fúnebre da rainha Vitória. Não deves preocupar-te com os devaneios da Mari a respeito de ser uma heroína, não faz mal nenhum aspirar a coisas corajosas e boas. Além disso, espera até que os rapazes cresçam um pouco mais: hão de fazer coisas que vão pôr-te os cabelos brancos. Não podes envolvê-los num casulo de algodão. Tudo o que podes fazer é ensinar-lhes os valores certos, apontá-los na direção certa e rezar! Um dia, hás de sentar-te no alpendre com um dos teus muitos netos ao colo e sentir-te muito feliz por tudo ter corrido bem.

Mog era sempre a voz da razão, e Belle e Étienne amavam-na por isso. Acontecesse o que acontecesse – Étienne perder dinheiro numa tentativa gorada de plantar uma vinha, um incêndio na cozinha que os obrigara a reconstruir a casa, ou até a vaca que entrara no jardim num dia em que estavam fora e comera a maior parte das plantas e legumes antes que voltassem a casa e corressem com ela –, Mog conseguia sempre ver a franja dourada na nuvem mais escura. Belle lembrava-se de, depois do incêndio, Mog ter dito que até viera a calhar, porque de qualquer modo andavam a pensar em ampliar a casa. Até brincara com o desastre da vinha, afirmando que se tivesse sido um êxito teriam começado todos a beber demasiado.

Era uma alma feliz com uma filosofia simples: enquanto tivesse a família que tanto amava à sua volta, comida suficiente na mesa e um teto por cima da cabeça, nada poderia fazer-lhe mal. Com cinquenta e nove anos, continuava a ter a energia de uma mulher dez anos mais nova. Podia usar óculos, e ter os cabelos brancos como a neve e o rosto enrugado, mas continuava a ser uma mulher imponente. Nem mesmo naquela altura, em que os bancos executavam hipotecas todos os dias e havia uma depressão a nível mundial, tinha perdido o otimismo, convencida de que nada de mau lhes ia acontecer.

– São os anos daqui até que as crianças assentem e tenham os seus próprios filhos que me preocupam – disse Belle. Mas disse-o com um sorriso, porque com Mog e Étienne a seu lado, sentia-se quase invencível.

Enquanto os três beberricavam o *brandy*, Mog examinava Belle com um olho avaliador. Com trinta e seis anos, Belle continuava a ser uma mulher muito bonita, os seus cabelos negros e encaracolados eram tão luxuriantes como quando tinha vinte, e as poucas rugas de riso e os poucos quilos que ganhara ao longo daquele tempo tinham aumentado em vez de diminuir os seus encantos. Era uma mulher que os homens desejavam e, por causa disso, algumas das matronas de Russell vigiavam-na como falcões. Mas não precisavam. O coração de Belle pertencia inteiro a Étienne, e ela não tinha olhos para mais ninguém. Também Belle estava segura com ele, Étienne não se interessava por outras mulheres, e só um louco arriscaria desafiar a sua ira – um olhar para aqueles frios olhos azuis, e a cicatriz já muito apagada na face, era o suficiente para dizer fosse a quem fosse que não era um homem que conviesse irritar.

Mog lembrava-se bem das suas reservas quando ele aparecera pela primeira vez à procura de Belle. Podia ser um herói de guerra, mas a maneira como vivera antes disso não tinha nada que a recomendasse. Mas então vira a luz nos olhos de Belle quando olhara para ele, sentira que era aquele o destino dela, e por isso aceitara-o.

Agora, amava-o como se fosse seu filho. E ele provara uma e outra vez o seu valor. Era forte, fiável, terno e fiel, com um maravilhoso sentido de humor que nunca o abandonava nem nos momentos mais difíceis. Quer estivesse a pescar para pôr comida na mesa, a fazer trabalho de construção, a desbravar a terra ou a embalar um dos filhos nos braços para o adormecer, dava o seu melhor. Sim, talvez o seu plano de plantar uma vinha tivesse

falhado – uma coisa que as pessoas mais mesquinhas de Russell gostavam de recordar com prazer –, mas, no todo, sempre fora um excelente marido e pai, e era apreciado na comunidade.

– Em que estás a pensar? – perguntou Étienne, a olhar para Mog com uma sobrancelha inquisitivamente arqueada.

– Em como estou feliz por tudo ter corrido bem para vocês – respondeu ela. – Fizemos bem em vir todos para a Nova Zelândia, não fizemos?

– Fizemos com certeza – disse Belle, com um sorriso. – Quando desespero por não termos eletricidade, canalizações modernas e estradas decentes, penso em como o tempo deve estar frio e chuvoso em Inglaterra.

– Aproximam-se dias difíceis para todos nós – avisou Étienne. – O colapso de Wall Street foi há dois anos, há sete de milhões de desempregados na América, e também aqui as coisas estão a complicar-se. Os agricultores não recebem quase nada pelos seus produtos, há fábricas a fechar em Auckland, os efeitos hão de acabar por chegar até cá.

– Não vai impedir os ricos de virem pescar e velejar, pois não? – perguntou Belle.

Ao longo dos últimos dez anos, tinham assistido a um grande aumento do número de pessoas que chegavam para passar o verão, sobretudo graças ao grande escritor e desportista americano Zane Grey, que, em 1926, estivera em Russell para pescar espadartes. No ano seguinte, o duque e a duquesa de York tinham passado algumas noites no porto a bordo do *HMS Renown*, e desde então tinham aparecido dúzias de outras pessoas ricas e importantes. Belle e Mog tinham tirado bom partido destes visitantes, sobretudo fazendo alterações nas roupas que levavam, Mas Belle vendera também bastantes chapéus e Mog fizera calções, saias e blusas para as senhoras que achavam as suas roupas demasiado formais para aquele lugar.

Quanto a Étienne, levava inúmeros grupos a pescar no seu barco, famílias inteiras que queriam um piquenique numa praia, e transportara veraneantes de um lado para o outro. Meses antes, a estrada que ligava Russell a Whangarei ficara pronta, e aquele verão era o primeiro em que os turistas podiam chegar de carro, apesar de a estrada ter mais curvas do que um saca-rolhas.

– Talvez os mais ricos continuem a vir, mas os pequenos parques de campismo aqui à volta já começaram a sentir o aperto, agora que as pessoas

das cidades estão a perder os empregos – fez Étienne notar. – Somos capazes de ter de começar a apertar o cinto, em breve.

– Vamos ficar bem – disse Mog, convicta. – Podemos não ter dinheiro no banco, mas não temos dívidas e nós os três somos capazes de experimentar seja o que for. Mas o que devíamos estar a fazer agora era decidir como vamos lidar com a Mari. Amanhã já não se vai lembrar de que escapou por uma unha negra. Tem de ser castigada de tal maneira que não se esqueça de como o que fez foi grave. Além disso, está a tornar-se demasiado indisciplinada. Miss Quigley tem razão quando diz que ela é desafiadora, e isso não é bom numa garotinha de onze anos.

– É confiante, só isso – disse Belle, irritada. – Não vou criá-la como a Annie me criou a mim, praticamente uma prisioneira.

– Isso é injusto, Belle – interveio Étienne. – A Mog teve de manter-te perto de si quando eras criança porque em Londres havia perigos por todo o lado. Não é isso que a Mog quer fazer com a Mari.

– Claro que não – disse Mog. – Ela só precisa de ser um pouco mais controlada. Há já algum tempo que entra e sai quando bem lhe apetece. Devia ajudar mais em casa, aprender a cozinhar e a costurar, não a trepar às árvores e a jogar à bola com os rapazes. Mais quatro anos e será uma mulherzinha, e não preciso de te dizer, Belle, os perigos que isso pode acarretar.

Belle franziu os lábios.

– Oh, não olhes para mim com esses ares de santinha! – exclamou Mog, impaciente. – Admitamo-lo, entre os três, conhecemos bem de mais todos os sarilhos em que os jovens se podem meter. Aqui há muito menos tentações do que havia em Londres, ou em Marselha. Mas a vida pode ser demasiado aborrecida para os nossos pequenos. E isso há de fazê-los arranjar problemas.

Étienne sorriu.

– Tens razão, Mog, como sempre. Ficaria muito mais feliz se o sonho da Mari fosse ter uma loja de chapéus, ou tornar-se bailarina. Mas uma vez que isso é improvável, temos de encaminhá-la para qualquer coisa mais segura do que tornar-se uma nova Joana d’Arc.

– Quem lhe terá falado de Joana d’Arc? – disse Belle, a olhar acusadoramente para ele.

Étienne encolheu os ombros, num gesto muito francês.

– Falo aos rapazes do rei Artur, tal como falo à Mari de uma camponesa francesa que chefiou os exércitos do seu país numa guerra. Pensei que querias igualdade para as mulheres.

– E queria. Quero. Mas quando temos uma filha nossa, esperamos que case com um homem bom que a ame e que seja feliz para sempre.

– Também eu espero isso – concordou Étienne. – Mas ao mesmo tempo quero que a Mari aspire a coisas maiores. É inteligente, talvez o seu destino seja ser médica, ou advogada, ou ser bem-sucedida onde eu falhei e ter a sua vinha. Devemos fazer tudo o que pudermos para canalizar as forças dela na direção certa.

Mog estava na sala de trabalho a coser pérolas num véu de noiva quando Mariette entrou, vestida para a rua. Usava o vestido às riscas verdes e brancas que Mog lhe fizera recentemente e estava muito bonita.

Mog sempre afirmara que ela havia de tornar-se bonita quando crescesse um pouco mais, e não se enganara. Com dezoito anos, um metro e sessenta e oito de altura, um corpo perfeito e cabelo comprido louro e encaracolado, era a inveja das amigas e, sem dúvida, o objeto do desejo de muitos homens. Naquele dia, tinha o cabelo preso de ambos os lados da cabeça por fitas verdes.

– Não me parece bem que andes por aí a passear num domingo à tarde – disse Mog. – Quando eu tinha a tua idade, não me deixavam.

Mariette riu.

– Oh, Moggy! Isso é tão antiquado e vitoriano. Que mal faz dar um pequeno passeio num dia tão bonito. Aposto que Jesus não passava os domingos sentado em casa com o nariz enfiado num livro.

– No tempo de Jesus não havia livros – retorquiu Mog. – Além disso, pensei que ias ajudar-me. Estou quase a acabar o véu, mas há centenas de pérolas para coser no vestido.

– Ajudo-te quando voltar. Só quero um pouco de exercício e de ar fresco.

– Mas disseste aos teus pais que não querias ir com eles a Paihia porque ias ficar a ajudar-me. – Mog olhou para Mariette, desconfiada. – Estás a planear encontrar-te com algum rapaz?

– Não! Porque é que tu e a mamã pensam sempre que vou encontrar-me com rapazes?

Mog notou o súbito rubor das faces de Mariette, e a falsa indignação na sua voz, e soube que não se enganara nas suas suspeitas.

– Há muito pouco que eu e a tua mãe não saibamos a respeito de rapariguinhas como tu – disse, num tom duro.

Adorava Mariette, mas não era cega para os seus defeitos. A rapariga era egocêntrica, tortuosa e manipuladora, sem ter, ao que parecia, nada da compaixão da mãe... ou da capacidade de trabalho do pai.

Podiam todos orgulhar-se por ser tão inteligente, e o seu rosto adorável seria capaz de derreter um coração de pedra, mas Mog receava muito que

um dia se metesse em graves sarilhos.

Tinha ajudado o Dr. Crowley a trazê-la ao mundo, e no instante em que a tivera nos braços e olhara para aquela carinha vermelha e zangada, fora invadida por uma avassaladora onda de amor. Tinha amado Belle da mesma maneira, quando ela era bebê e a criara praticamente sozinha. Mas na altura era apenas a criada, e porque sabia que a mãe de Belle, Annie, podia pô-la na rua a qualquer momento, aprendera a reprimir os seus sentimentos e a manter a boca calada até que Annie lhe pedisse uma opinião.

Com Mariette, porém, fora tudo muito diferente. Tanto Belle como Étienne a viam como avó da filha e, como tal, não tinha necessidade de reprimir fosse o que fosse – nem a sua ajuda, nem a sua opinião, nem o seu amor pela bebê. Mas amar tanto uma criança era uma faca de dois gumes. Mog podia ter a alegria de saber que era tão importante para Mariette como os seus pais, mas com isso vinha o medo de que lhe acontecesse qualquer coisa de mau.

Belle fora raptada por criminosos quando tinha quinze anos, e houvera ocasiões, durante os dois anos em que estivera desaparecida, em que Mog sentira que ia enlouquecer com a agonia de não saber o que acontecera à sua menina. Embora fosse improvável que semelhante coisa pudesse acontecer a Mariette, havia muitos outros perigos para uma rapariga como ela. Mog sentia que era seu dever mantê-la a salvo, e se falhasse por não ter sido suficientemente firme, nunca conseguiria perdoar a si mesma.

Em tempos, isso significara apenas certificar-se de que Mariette não brincava em lugares perigosos, comia como devia ser para se manter saudável e sabia distinguir o certo do errado. Mas então – e parecia ter acontecido da noite para o dia – Mariette tornara-se uma jovem adulta e, de repente, Mog vira todo um mundo de novos perigos. Não podia manter fechada em casa uma rapariga de dezoito anos, esconder aquelas curvas de mulher ou tornar menos deslumbrante o seu sorriso.

E também não podia alertá-la para as coisas de que alguns homens eram capazes – pelo menos sem lhe explicar como o sabia. Belle acreditava que a filha estava perfeitamente segura em Russell, que nenhum homem se atreveria a tomar liberdades com ela por medo a Étienne. Talvez tivesse razão, mas Mog conhecia Mariette e sabia que era muito capaz de ser ela a tomar a iniciativa.

– Bem, se tens mesmo de sair, vai, mas volta às quatro – disse, relutante.
– Precisamos de luz do dia para coser as pérolas no vestido, mas com as duas a trabalhar conseguimos acabá-lo numa hora.

Mariette concordou e abraçou Mog. Então, antes que lhe impingissem mais sermões, pegou num casaco de malha e correu porta fora.

Mariette *ia* encontrar-se com alguém. O receio apertava-lhe o coração enquanto caminhava em direção a Flag Staff Hill para comparecer ao encontro. Mas o seu medo não era por ter mentido a Mog – tinha mentido tantas vezes a Mog e aos pais naqueles dois últimos meses que já estava muito para lá de qualquer sentimento de culpa –, e sim porque naquele dia ia romper com Sam, e estava a contar que ele não aceitasse bem a decisão.

Conhecera-o um ano antes, quando o cargueiro em que trabalhava ancorara na baía para algumas pequenas reparações. A tripulação inteira desembarcara em Russell e causara um enorme burburinho, com bebedeiras e desordens. Sam distinguia-se dos outros por ser jovem, alto, louro e muito bonito; os restantes eram todos homens baixos, de aspeto rude e, sobretudo, com bem mais de trinta anos.

Mariette só falara com ele uma vez. Sam perguntara-lhe o que havia que fazer em Paihia e se valia a pena apanhar o *ferry* até lá. Ela dissera-lhe que Paihia não era tão bonita como Russell, e ele rira e respondera que só estava interessado em raparigas bonitas, não na paisagem.

Depois de o navio ter partido, Mariette ouvira os pais comentarem o mau comportamento da tripulação. Não só houvera uma luta no Duke of Marlborough, com cadeiras e janelas partidas, como várias mulheres e raparigas tinham sido incomodadas, e a vila inteira ficara indignada.

O pai parecera ter alguma compreensão para com os marinheiros. Dissera que provavelmente tinham ouvido dizer que Russell fora em tempos conhecida como o «Inferno do Pacífico» e tinham ficado desapontados ao descobrirem que se transformara num lugar tão puritano, sem mulheres disponíveis e sem sequer um salão de baile.

A imagem do belo marinheiro, cujo nome nem sequer sabia, ficara-lhe na memória. Recordava a maneira como ele a olhara, como se conseguisse ver através das roupas, e de como isso a fizera sentir-se toda efervescente por dentro.

Durante o resto do verão anterior, dera por si a pensar muito em rapazes. Não tinha falta de pretendentes – era, ao fim e ao cabo, considerada a rapariga mais bonita de Russell –, mas eram apenas rapazes com os quais tinha crescido, e nenhum deles a fazia sentir como o desconhecido louro e alto fizera. Praticara com alguns, deixara-os chegar ao ponto de a beijarem, mas os beijos não a tinham incendiado como acontecia nos livros que lia.

Mariette lia todos os livros a que conseguia deitar mão e, por causa do que lia a respeito de grandes cidades e outros países, achava Russell uma terriola muito aborrecida. Em sua opinião, não tinha nada para oferecer além da beleza da paisagem. Excetuando um ou outro baile de vez em quando, um ou outro filme passado de longe em longe ou um piquenique, não havia nada que fazer. Se pudesse ir à pesca e velejar com o pai todos os dias, então sim, seria feliz. Mas ele não podia levá-la sempre consigo, e os donos dos iates que muitas vezes precisavam de uma tripulação não acreditavam que uma rapariga estivesse à altura da tarefa.

Quanto às antigas amigas da escola, sentia que as deixara muito para trás. Essas contentavam-se com ajudar as mães nas lides da casa, e juntarem-se em grupinhos para trocar segredinhos, risinhos e mexericos. Nem uma única sonhava viajar pelo mundo ou fazer coisas perigosas e excitantes, como ela.

Ouvira dizer que o marinheiro era australiano, e por isso nunca esperara tornar a vê-lo. No entanto, para sua deliciada surpresa, ele voltara a Russell. Já não era marinheiro, trabalhava agora como camionista para uma empresa madeireira e ia buscar cargas de troncos, que eram depois enviadas para o interior, às várias florestas da Ilha do Norte.

Tinha-o encontrado na estação dos correios, e o rasgado sorriso dele dissera-lhe que se lembrava dela e gostara do que vira. Tinham conversado um pouco, e ela namoriscara com ele, mas sabia que nunca os pais consentiriam que saísse com um homem feito de vinte e cinco anos que estava apenas de passagem, e por isso não se atrevera a aceitar um encontro para essa noite.

Mantivera as coisas assim durante três dias, parando o tempo suficiente para conversar e namoriscar um pouco, mas só quando ouvira dizer que ele ia partir para outro lado qualquer no dia seguinte soubera que era agora ou nunca.

Havia sempre homens reunidos nas proximidades do Duke of Marlborough, à espera que o *pub* abrisse, às seis da tarde, de modo que tivera o cuidado de passar por lá a essa hora, usando o mais bonito dos seus vestidos. Os olhos dele tinham-se iluminado ao vê-la, e a sensação de efervescência que Mariette experimentara no primeiro encontro voltara mais forte do que nunca. Nas breves conversas que tinham tido, ficara um pouco desapontada ao descobrir que era um homem rude, que usava uma linguagem grosseira e palavras cruas para comentar a perfeição do seu corpo e das suas pernas. Além disso, a velha camisa aos quadrados e as calças de fustão estavam bastante sujas, mas tinha uns bonitos olhos azuis e pestanas escuras e compridas e, sobretudo, achava irresistível a sensação de perigo que parecia emanar da sua pele bronzeada.

Naquele dia, já tomara a precaução de dizer aos pais que ia a casa de uma amiga, e aceitara prontamente a sugestão de um passeio. Estava convencida de que ele já estava apaixonado porque parecera não se importar de perder a última rodada no *pub*, às seis, uma ocasião que poucos homens deixariam escapar.

Uma vez longe da cidade e de olhares curiosos, ele beijara-a, e fora tudo o que Mariette esperara, e mais ainda. Perdera a noção do tempo nos braços dele; Sam fizera o coração dela galopar à desfilada, transformara-lhe os joelhos em geleia, e uma estranha mas maravilhosa sensação de ânsia nas entranhas fizera-a esquecer todas as cautelas.

Mas ele recuara.

– Não posso fazer-te isto – dissera. – És demasiado nova, e eu vou partir para outro lado. Não é justo para ti.

Deixara Russell cedo na manhã seguinte, e nem sequer dissera se voltaria. Mas aquelas últimas palavras tinham-na convencido de que no fundo era um cavalheiro, e que a sua rudeza se devia apenas ao facto de não estar habituado à companhia de mulheres.

Tinham passado duas semanas antes que voltasse, e durante aqueles catorze dias ela não conseguira pensar noutra coisa senão nele e nos seus beijos. Tivera de esconder tudo, não se atrevera sequer a contar a uma das suas amigas, com medo de que se soubesse.

Quando voltara, ele dissera-lhe que a tivera nos seus pensamentos durante todo aquele tempo e que estava apaixonado por ela. Que rapariga não

acreditaria numa tal afirmação? E como poderia não o deixar fazer amor com ela, quando acreditava estar também apaixonada por ele?

A primeira vez fora em Flag Staff Hill, atrás de uns arbustos, e ela soubera, quando ele a estendera no chão sem a mais pequena consideração pelo seu conforto, que tinha cometido um erro. Quisera algo romântico e belo, mas tudo o que tivera fora nádegas arranhadas, coxas doridas e desilusão. E então, quando ele dissera que tinha de voltar ao *pub* para se encontrar com um amigo, sentira-se enganada e humilhada.

Mas, por parvoíce, convencera-se de que havia de melhorar. Lera vários livros em que a heroína sentia o mesmo que ela na primeira vez, e no fim acabava sempre tudo bem. Certa vez, quando ele partira de Russell sem lhe dizer quando – ou se – voltaria, chegara até a convencer-se de que se comportava assim porque tinha medo de a amar.

Sem ninguém com quem falar, e aterrorizada pela ideia de os pais virem a saber, passara a viver num estado de perpétua ansiedade. Por vezes, pedia a Deus que Sam não voltasse a Russell, para que pudesse esquecê-lo. Quando, porém, uma semana mais tarde, o vira da janela do quarto, encostado a uma árvore no extremo de Robertson Street que ficava mais próximo do porto, a olhar para a casa, sentira que tinha de correr ao encontro dele.

Estupidamente, acreditara que seria capaz de mudá-lo tentando que ele falasse com ela, a beijasse e a acarinhasse, sem mais nada.

– Não estou muito satisfeita com a maneira como me tens tratado – dissera-lhe. – Quero conversar contigo, saber tudo a teu respeito. Podemos ir dar um passeio e fazer isso, sem a... – Hesitara, sem saber como lhe chamar. – Tu sabes, a coisa?

Ele acariciara-lhe a face de uma maneira que ela achara verdadeiramente terna.

– Ouve, querida, não consegui deixar de pensar em ti desde a última vez – dissera, veemente. – Não me faças isto!

Olhando para trás, era agora evidente que ele não a amava muito nem pouco, que só queria sexo. Mas na altura não o tinha visto; tudo o que vira fora os olhos suplicantes, e por isso fizera o que ele queria.

À quarta vez, ele fora ainda mais bruto, deitando-a por terra e penetrando-a à força. E quando acabara, degradara-a ainda mais dizendo-lhe que fosse para casa porque tinha de ir falar com alguém a respeito de um negócio.

Havia uma frase que Mog costumava usar quando finalmente compreendia a verdade a respeito de alguma coisa ou de alguém: «As escamas caíram-me dos olhos.» Mariette rira muitas vezes daquelas palavras, dizendo que os peixes é que tinham escamas. Mas acabara por compreender o que significavam dez dias antes, da última vez que Sam estivera em Russell.

Nessa ocasião, fora verdadeiramente bruto e grosseiro. Obrigara-a a ajoelhar-se atrás de uns arbustos e penetrara-a por trás, como um cão. Não houvera sequer um beijo. Depois, enquanto abotoava as calças, dissera-lhe que fosse ter com ele ao mesmo lugar no domingo da semana seguinte – e que não se atrasasse.

Fora como despejarem-lhe em cima um balde de água gelada, mas fizera-a recuperar o juízo.

Desde então, não parara de ser atormentada pela vergonha por tê-lo deixado tratá-la daquela maneira. Esperara fervorosamente que ele nunca mais voltasse a Russell e que as coisas pudessem ficar por ali.

Mas não estava destinado a acontecer. No dia anterior, quando caminhava pela marginal, lá estava ele, com outros homens, à espera que o Duke of Marlborough abrisse.

Estava muito sujo, cheirava a suor azedo, e não fora um sorriso que lhe dirigira, e sim um olhar lascivo.

– Não esqueças o nosso encontro de amanhã – dissera, e esfregara sugestivamente as virilhas. Ela continuara a andar, sem se deter.

A seu ver, tinha duas opções. Uma era não aparecer de todo, mas havia sempre o perigo de ele aparecer lá em casa e alertar os pais para o que tinha estado a acontecer. A outra era comparecer ao encontro e mostrar-lhe de que massa era feita. A segunda agradava-lhe muito mais, e Mariette sabia que a faria sentir-se muito melhor.

Naquele momento, porém, ao vê-lo lá mais acima sentado na erva a fumar um cigarro, o medo apertou-lhe o estômago. Ele voltou-se quando ela se aproximou, mas não lhe sorriu nem se pôs de pé para a receber.

– Não vou ficar – disse ela, quando chegou suficientemente perto para se fazer ouvir. – Só vim dizer-te que não quero voltar a ver-te.

– Ah, sim? – respondeu ele, em tom de troça. – Podias ter-me dito isso ontem e poupar-me o trabalho de vir até aqui, mas acho que isto é o truque

habitual das mulheres para me obrigar a dizer qualquer coisa lamecha. Estás com azar, querida, escolheste o homem errado.

Mariette chegou junto dele e olhou-o de cima.

– Podes crer que escolhi o homem errado – retorquiu. – Trataste-me de uma maneira vergonhosa e nunca mais quero voltar a ver-te.

Nesta altura, ele levantou-se de um salto.

– Dei-te o que tu querias, não dei?

– Acreditas de verdade que isso é tudo o que qualquer rapariga quer? – perguntou ela, incrédula face a tamanha arrogância.

– Estavas morta por isso. Todos aqueles pestanejos e olhares convidativos. Raparigas como tu há muitas. Levam os homens a fornicá-las, e depois querem que eles casem com elas.

– *Casar* contigo? – exclamou Mariette, indignada. – Vê se te enxergas! Não casava contigo nem que me pagassem um milhão de libras. És bruto, arrogante e ordinário. Não consigo imaginar o que foi que me levou a pensar que havia em ti qualquer coisa de que gostar. Mas já disse o que tinha a dizer, e agora vou para casa.

– Mais devagar, minha menina – disse ele, e agarrou-a por um braço. – Nenhuma pega de meia tigela me insulta e se fica a rir.

– Tu não te importaste de me insultar com o teu comportamento animalesco – atirou-lhe ela, enquanto tentava libertar-se.

Ele cravou-lhe os dedos nos braços com tanta força que a magoou.

– Achas-te muito importante, não achas? – rosnou, aproximando a cara da dela. – Que motivo tens para te orgulhar? Dizem que o teu velho é um herói da guerra, mas é um raio de um franciú, e naquele tempo davam medalhas aos franciús só por limparem o próprio rabo. Quanto à tua mãe, bem, por aquilo que ouvi atirou-se ao primeiro homem solteiro que apareceu por cá e foi grávida para o casamento.

De repente, Mariette apercebeu-se de que fora muito estúpida ao ir até ali, pois não havia ninguém que a socorresse se Sam quisesse fazer-lhe mal.

– Larga-me – pediu.

– Já te largo, fica descansada – disse ele. – Mas só depois de me chupares.

Mariette só percebeu o que ele queria dizer quando o viu desabotoar a braguilha, tirar o pénis para fora e puxá-la para baixo.

– De joelhos – ordenou ele. – E fá-lo bem feito.

Só pensar naquilo provocou-lhe vômitos, e não tinha a mais pequena intenção de fazer uma coisa tão nojenta. Mas sabia que ele era muito mais forte do que ela, e que a única maneira de levar a melhor era pela astúcia.

Inspirou fundo e obrigou-se a sorrir-lhe.

– Suponho que podia... em nome dos velhos tempos – disse, enquanto se inclinava para lhe pegar no pénis. Ainda estava flácido, com um aspeto suado e sujo, mas no momento em que ela o rodeou com a mão e dobrou os joelhos como se fosse ajoelhar-se, ele largou-lhe o braço.

Ao toque dos dedos dela, o pénis dele endireitou-se, grosso como o braço de um bebé. Mariette olhou para cima e viu-o de cabeça inclinada para trás, os olhos fechados. Era o momento.

Com um rápido movimento, levantou um joelho e atingiu-o em cheio nos testículos, e então voltou-se e fugiu o mais depressa que foi capaz.

Olhou por cima do ombro e viu-o dobrado pela dor. Viu-o cair de joelhos, agarrado às partes, a uivar.

Foi o choque que a fez chorar. A mãe e Mog sempre a tinham avisado para que não confiasse em desconhecidos ou permitisse que alguém tomasse liberdades com ela. Mas aqueles avisos nunca tinham significado grande coisa até então porque, até conhecer Sam, todas as pessoas que conhecera tinham sido boas e decentes.

Recordou, no entanto, como, anos antes, quando os tempos eram verdadeiramente duros por causa da Depressão, a mãe ficava ansiosa sempre que homens de rostos emaciados e roupas esfarrapadas lhes batiam à porta a pedir comida.

– Não abras a porta seja a quem for quando eu não estiver – dizia-lhe. – Os tempos de desespero levam as pessoas a fazer coisas desesperadas.

Na altura achava estranho que, depois de a alertarem contra aqueles homens, a mãe e Mog lhes dessem de comer e beber, e muitas vezes lavassem e tratassem as bolhas que tinham nos pés.

– Não têm culpa do aspeto que têm – explicava Mog. – Têm fome e estão exaustos. Neste momento há homens como eles por todo o mundo, a viajar de um lado para o outro na esperança de arranjar trabalho. Temos escapado à dura realidade do que a Depressão representa para a maior parte das pessoas. Felizmente, vamo-nos governando com os legumes da horta, a vaca e as galinhas, e o peixe que o teu pai pesca. Caso contrário, também nós teríamos fome.

Depois disso, Mariette começara a reparar nas coisas. Ninguém tinha dinheiro para mandar fazer vestidos ou chapéus novos, de modo que a mãe e Mog não ganhavam nada. Apercebera-se de que ambas comiam como passarinhos para que ela e os irmãos tivessem mais comida. À noite, acendiam só um candeeiro, e os vestidos velhos eram desmanchados e transformados noutras coisas, e ela e os irmãos tinham de ir todos os dias até à beira-mar apanhar madeira para o lume.

O pai falava com irritação dos programas de assistência que deviam ajudar os homens a alimentarem as respetivas famílias. Mas para terem direito à miséria que pagavam, eram obrigados a ir para campos de trabalho a quilómetros de distância de casa. Nesses campos, construíam estradas tendo como únicas ferramentas pás e picaretas, limpavam mato, abriam valas e faziam trabalhos muitas vezes inúteis que só serviam para destruir a alma. Viviam em tendas com chão de terra, e a comida que recebiam era tão má que nem um cão a aceitaria.

Ficara também a saber que, nas cidades, muitas crianças andavam vestidas de farrapos, sem sapatos, e que muitos bebés morriam porque não havia leite para lhes dar.

Dezenas de milhares de homens e mulheres tinham perdido os empregos, as lojas e as fábricas fechavam, os agricultores enfrentavam a ruína. Para muitas pessoas, a sopa dos pobres era a única coisa que as impedia de morrer de fome.

A família juntava-se todas as noites à volta do rádio para ouvir o «Uncle Scrim», como faziam outras pessoas por toda a Nova Zelândia, mas para além de se divertirem ouviam notícias de marchas da fome em Inglaterra e até de motins em Wellington e outras cidades neozelandesas.

Felizmente, as coisas tinham começado a melhorar no último ano. Os homens estavam a deixar os campos de trabalho e a regressar a casa, as fábricas voltavam a abrir, os bancos mostravam-se mais compassivos para com os agricultores. Havia até leite gratuito para todas as crianças das escolas. No entanto, o único trabalho que Mariette conseguia arranjar era ajudar a mãe e Mog a fazer vestidos e chapéus. Queria qualquer coisa que fosse ela a escolher, mas em Russell não havia mais nada.

Limpou os olhos ao chegar ao pequeno grupo de cabanas no sopé da colina, porque conhecia todos os maoris que ali viviam e não queria que ninguém a visse chorar. Quando passou pela casa dos Komeke, Anahera, a

irmã mais nova da sua amiga Matui, acenou-lhe. Tinha apenas quinze anos e estava em adiantado estado de gravidez. Mog comentara dias antes que mais uma boca para alimentar naquela família era a última coisa de que precisavam.

A visão do ventre inchado de Anahera fez Mariette erguer vivamente a cabeça. E se ela própria estivesse grávida?

Não compreendia porque não considerara mais cedo a possibilidade: ao fim e ao cabo, tinham-lhe explicado muito bem toda aquela história dos bebês quando fizera doze anos. O que significava que não tinha a desculpa da ignorância, como Anahera talvez tivesse.

A garra do medo apertou-lhe o coração e provocou-lhe náuseas. Já era mau que bastasse ter-se deixado usar por Sam, quanto mais carregar também o filho dele.

Os pais e Mog eram, de um modo geral, pessoas lenientes e compreensivas. Mariette não saberia contar as vezes que os vira apoiar pessoas que tinham chocado os vizinhos de vistas mais estreitas. Nunca julgavam fosse quem fosse e eram sempre os primeiros a oferecer ajuda a quem precisasse.

Mas não poderia esperar compreensão se ficasse grávida de um homem bruto e grosseiro que nem sequer amava.

Mog soube que alguma coisa tinha acontecido no momento em que Mariette entrou. Os olhos dela, como em tempos os de Belle, tinham um brilho de medo; estava nervosa, como se esperasse ser acusada de qualquer coisa. Quando lhe perguntou o que se passava, Mariette respondeu que estava com medo de chegar atrasada para completar o vestido de noiva.

O apurado sexto sentido de Mog disse-lhe que havia ali muito mais do que isso, mas não perguntou mais nada. Tinha aprendido muitos anos antes, com Belle, que insistir numa explicação resultava quase sempre numa boca definitivamente fechada. Nisso, Mariette saía à mãe.

Estavam sentadas frente a frente, uma de cada lado da mesa de trabalho, com o vestido de noiva de Janet Appleby estendido entre as duas. Coser pérolas ao longo da bainha era uma tarefa complicada que exigia paciência e uma visão excelente, mas era o género de trabalho que ambas apreciavam e regra geral, quando trabalhavam juntas, conversavam e riam.

Naquele dia, no entanto, Mariette não era a mesma; mal tinha dito uma palavra desde que se sentara, enfiara o dedal no dedo e começara a coser. Normalmente, teria dito aonde fora passear e quem tinha visto, arrancando quase sempre uma gargalhada a Mog com os seus comentários sarcásticos a respeito das roupas que passavam por «domingueiras» aos olhos de algumas vizinhas. As mulheres de Russell não davam muito atenção à moda. Muitas delas usavam vestidos que lhes assentavam mal.

Mog ficara surpreendida e encantada quando Mariette, que até aos doze, treze anos fora uma autêntica maria-razaz, começara a dedicar-se à costura. Com o tempo, tornara-se tão hábil como ela, e muito melhor do que a mãe. Mog costumava comentar que os seus pontos, muito pequenos e precisos, pareciam o trabalho de uma fada.

Espreitou por cima dos óculos e observou Mariette, que estava a enfiar linha na agulha. Tinha uma verdadeira mistura das feições dos pais, com os olhos de Belle e os pómulos altos e salientes de Étienne. Mas o cabelo louro-arzuivado, que era um resultado comum de ter um pai moreno e outro louro, dava-lhe uma característica distintiva que era só dela. Tinha também uma pele impecável, límpida e lisa como uma boneca de porcelana.

– Estás muito calada – disse Mog, num tom descontraído. – Preocupada com alguma coisa?

– Não – respondeu Mariette, com uma secura um tudo-nada excessiva. – Às vezes é bom estar calada.

Ao cabo de mais vinte minutos de silêncio, Mog sentiu-se compelida a insistir.

– Se há alguma coisa que te preocupa, conta-me. Talvez eu possa ajudar-te – disse.

– Não há nada que me preocupe. Bem, a não ser arranjar um emprego.

Mog tinha quase a certeza de que aquilo não era verdade.

– E que achas da ideia da tua mãe, enfermagem?

– Hum – respondeu Mariette. – Não me parece que tenha nascido para isso. Todas aquelas arrastadeiras, vomitados e sangue. Mas seria bom ir para Auckland.

– Queres deixar a tua casa?

Mog soube que tinha acertado em cheio pela maneira como Mariette abriu muito os olhos – apesar de ter soltado uma gargalhada desprovida de humor, como se tal coisa fosse impossível.

– Claro que não. Mas aqui não há muitas oportunidades para mim, pois não?

– Nunca se sabe o que está ao virar da esquina – disse Mog, no seu tom calmo. – O verão está a chegar, e vai aparecer muita gente nova e diferente, para pescar e velejar.

– É isso que todos julgam que eu quero? Arranjar um marido?

– É o que a maior parte das raparigas quer – respondeu Mog.

– Pois eu não quero passar o resto da minha vida a cozinhar, limpar a casa e lavar roupa – ripostou Mariette. – E no fundo o casamento é isso, não é? A Janet Appleby pode ser suficientemente estúpida para pensar que casar é só um vestido bonito e uma grande festa, mas eu não sou.

Mog abanou a cabeça, reprovadora.

– És demasiado nova para seres tão cética – disse. – E além disso estás enganada. O casamento é partilhar a vida com o homem que amamos, criar os nossos filhos, apoiarmo-nos um ao outro. Só casei já muito perto da meia-idade, e só tivemos alguns anos juntos antes de o Garth ser levado pela gripe espanhola, mas foram os melhores anos da minha vida. Olha para os teus pais, Mari... continuam tão apaixonados como quando casaram. Penso que a tua mãe te diria que casar é muito mais do que cozinhar, limpar a casa e lavar roupa.

– Mas eles tiveram de casar, não tiveram? – perguntou Mariette. – A mamã estava grávida quando casou.

Mog ficou chocada ao ouvir aquelas palavras vindas dos lábios de Mariette e perguntou-se quem lho teria dito. Mas não ia negá-lo, mesmo que a maior parte das pessoas considerasse aquilo uma coisa vergonhosa.

– Casaram porque não conseguiam viver separados – disse, num tom cheio de reprovação. – E, na minha opinião, foi essa a única razão por que casaram.

– Mas vocês ficavam todos furiosos se eu engravidasse sem estar casada.

Foi o tom de Mariette, mais do que as palavras, que fez Mog desconfiar. Passara a maior parte da sua vida anterior a ouvir conversas entre mulheres e aprendera a ler nas entrelinhas, a ouvir as ligeiras inflexões nos comentários que revelavam aquilo que a pessoa queria na verdade dizer mas não podia pôr em palavras. Belle costumava afirmar que era impossível enganá-la.

– Estás grávida, Mari? – perguntou, sem alterar o tom da voz. – É isso que se passa? Saíres hoje para te encontrares com alguém, os longos silêncios desde que voltaste? Estás preocupada?

– Claro que não estou grávida! – respondeu Mariette com alguma indignação. – Onde é que foste buscar essa ideia?

– Deste-ma tu – disse Mog. – Ou então pensas que podes estar. Mas o que mais me preocupa é teres ido obviamente encontrar-te com alguém que sabes que nós não aprovaríamos. Penso que deves dizer-me quem é, agora mesmo.

Por muito rebelde que fosse, quando confrontada com uma pergunta direta Mariette respondia regra geral com a verdade. Tinha os dentes cerrados, o que sugeriu a Mog que estava a preparar-se para recusar admitir fosse o que fosse.

– Sabes muito bem que vamos acabar por descobrir – lembrou-lhe Mog. – Ninguém pode fazer seja o que for em Russell sem que acabe por se saber. É melhor dizeres-me agora do que deixar que uma coscuvilheira qualquer vá contar à tua mãe com o único objetivo de a perturbar.

– Acabou-se, portanto não interessa – declarou Mariette. – Não vou voltar a vê-lo.

– Se é alguém que não serve para ti, então tudo bem. Mas a menos que esteja só de passagem por Russell, vai ser difícil evitá-lo – disse Mog. – Mas o meu palpite é que se trata de alguém que conheces há muito tempo. É o Carlo Belsito?

Carlo Belsito trabalhava nos *ferries*. Apesar de ter nascido na Nova Zelândia, possuía todas as características da sua ascendência italiana, com cabelos negros e encaracolados, uns olhos de cachorrinho abandonado e um físico em que poucas mulheres em Russell podiam deixar de reparar. Era um mulherengo, e circulavam inúmeras histórias desagradáveis a respeito das suas proezas amorosas.

– O Carlo! – exclamou Mariette, espantada. – Por quem me tomas, Mog? Eu desprezo-o.

– Bem, é um alívio. – Seria mau que tivesses perdido um minuto que fosse da tua vida com ele. Deixa-me pensar, quem mais há?

– Deixa isso, Mog – pediu Mariette. – Já te disse que acabou. Tudo o que quero é esquecê-lo.

Mog sabia que teria mais a ganhar deixando cair o assunto naquele momento e voltando à carga mais tarde.

– Tudo bem – disse. – Já só nos faltam cinquenta pérolas. Vamos tentar cosê-las antes de ficarmos sem luz.

Reparou que Mariette parecia ter ficado muito aliviada por poder gozar daquela trégua. Achou graça ao facto de a rapariga pensar que a coisa tinha ficado por ali.

Na manhã seguinte, Étienne saiu cedo na camioneta para ir a Waitangi buscar um carregamento de madeira, e levou Mariette consigo. Mog desconfiou que ela tinha pedido para ir na esperança de que, durante a sua ausência, a conversa do dia anterior fosse esquecida.

Depois de os rapazes terem ido para a escola, Belle decidiu fazer uma limpeza a fundo ao quarto deles. Mog foi até à padaria dos Reid, como fazia todas as segundas-feiras. Belle e Vera Reid, a filha dos donos, tinham-se tornado amigas quando eram as duas condutoras de ambulância em França, e fora Vera que encorajara Belle e Mog a emigrarem para a Nova Zelândia, no fim da guerra.

Vera tinha-se mudado para Wellington em 1924, casara e tivera três filhos, mas Mog mantivera a sua amizade com Peggy, a mãe de Vera.

Don, o marido de Peggy, estava a servir na loja quando Mog entrou, e o seu rosto abriu-se num alegre sorriso. Tinha mais de setenta anos e parecia ter encolhido até ficar com metade do tamanho do homem corpulento e enérgico que ela e Belle tinham conhecido ao chegarem a Russell. O filho mais novo do casal, Tony, era agora o padeiro – Don já não tinha forças para pegar nos pesados tabuleiros carregados de pães nem para amassar a massa.

– A Peggy está lá atrás, na lavandaria. Entra, se queres falar com ela. Vai ficar contente por ter alguém a quem se queixar – disse Don.

Mog agradeceu-lhe e passou a porta que dava acesso à padaria e à casa onde a família vivia. A lavandaria ficava no exterior da cozinha; Mog sentiu o calor da caldeira, o cheiro do sabão carbólico e o vapor antes de mesmo de lá chegar.

Se Don tinha encolhido, Peggy tinha-se expandido. Sempre fora roliça, mas agora estava muito gorda, com uns cabelos brancos de neve. De pé junto da caldeira, remexia a barrela com um pau, e o suor escorria-lhe pelas faces muito vermelhas. Mas o grande rosto redondo abriu-se num sorriso desdentado ao ver a amiga.

– Vieste assistir ao trabalho de escrava? – perguntou.

– Aposto que mal podes esperar pelo dia em que a eletricidade chegue a Russell – disse Mog. – Eu de certeza que não vou ter saudades de acender o lume na caldeira e aparar os pavios e encher os candeeiros.

Peggy levantou o avental e limpou a cara.

– Bem podes dizê-lo. Estou demasiado velha para estas canseiras. A nossa Vera tem uma dessas novas máquinas de lavar roupa elétricas, com uns rolos que giram sozinhos. O que eu não dava para ter uma! Mas deixa-me arranjar-te qualquer coisa para beber e vamos sentar-nos a conversar um pouco, está bem?

Peggy foi buscar dois copos de limonada e sentaram-se as duas no pátio, à sombra de uma figueira.

Conversaram a respeito disto e daquilo durante algum tempo, e Peggy disse que estava a planear fazer umas pequenas férias em casa da filha, em breve.

– Porque é que tu e a Belle não vêm também? – perguntou. – A Vera tem fartura de espaço, e havia de ficar encantada por vos ver.

– Eu podia ir, mas a Belle não vai deixar os rapazes – respondeu Mog. – Tu sabes como é... sempre prontos a fazer disparates se não se anda de olho em cima deles.

Peggy assentiu com a cabeça.

– Lembro-me de como eram os meus... uns patifezinhos, era o que eram... e a Vera não era muito melhor do que eles. Mas quando estiveram na guerra, daria tudo para os ter outra vez a fazer-me a cabeça em água. Acho que foi por isso que engordei tanto. Já não tenho nada com que me preocupar!

E riu à gargalhada, fazendo estremecer os seus muitos queixos.

– Só aqui entre nós, ouviste algum falatório a respeito da Mariette? – perguntou Mog. – Tem andado a ver um rapaz, mas não quis dizer-me quem é. É sempre mau sinal.

Peggy pensou no assunto por um instante.

– Disse-se qualquer coisa a respeito daquele australiano. Tu sabes, aquele que fazia parte da tripulação do barco que estive na baía para reparações, no ano passado? – disse. – Agora carrega madeira, mas aparece por cá de vez em quando. A Avril Avery jura que os viu a passear de mão dada. Mas essa era capaz de acusar o papa de dar chupa-chupas envenenados à Shirley Temple!

Mog riu da piada de Peggy a respeito de Avril Avery, que era os olhos e os ouvidos da pequena vila. No entanto, apesar de ser uma coscuvilheira,

Avril não era uma mentirosa, de modo que devia ter na verdade visto Mari e o homem juntos.

– Bem, suponho que a Mari há de acabar por nos dizer quando se sentir preparada. Mas é melhor eu ir buscar o pão e voltar para casa. Obrigada pela limonada, e depois falo contigo a respeito de ir visitar a Vera.

Mog ficara demasiado perturbada pelo que Peggy lhe dissera para ir diretamente para casa. Em vez disso, desceu até à marginal e sentou-se num banco a olhar para o mar enquanto refletia. Tinha visto o homem em questão várias vezes, a pairar por perto da casa, mas nunca lhe ocorrera que fosse por causa de Mariette, porque era demasiado velho para ela. Tinha havido muita conversa a respeito dele – histórias de bebedeiras, zaragatas, brincadeiras com um par de raparigas maoris –, e uma vez que dormia numa tenda, e não no hotel, quando estava na cidade, só Deus sabia em que mais andaria metido.

E se Mari estivesse grávida dele e fosse por isso que andava tão perturbada?

Só de pensar nisso, as lágrimas correram pela cara de Mog.

– Que se passa, Mog? – perguntou Belle, nessa tarde. Tinha passado a manhã inteira ocupada nos quartos. Quando acabara, fora juntar-se a Mog na sala de trabalho para continuar a trabalhar num chapéu que estava a fazer. Mog tinha um pedaço de guingão estendido à sua frente em cima da mesa de corte, mas até ao momento ainda não lhe tocara. – Estás há séculos a olhar para o ar.

Mog sobressaltou-se.

– O que foi que disseste?

Belle repetiu o que tinha dito.

– Se tens algum problema, conta-me – acrescentou.

Mog olhou para o rosto preocupado de Belle. Não pela primeira vez, perguntou-se como conseguia ela, aos quarenta e três anos, conservar aquele aspeto jovem e aquela figura perfeita. Havia alguns fios grisalhos entre os cabelos negros, e algumas rugas à volta dos olhos, mas continuava a ser uma beldade.

– Estava a pensar na última carta do Noah, em que ele sugere que talvez fosse bom para a Mari conhecer a Inglaterra.

– E? Quando a leste, disseste que ele devia estar maluco para sugerir semelhante coisa quando anda no ar a ameaça de uma nova guerra.

– Eu sei, mas toda a gente... e o Noah também... diz que será evitada, e comecei a pensar que talvez não fosse má ideia. Ele é padrinho da Mari, ao fim e ao cabo, e tem uma bela casa, e montes de ligações úteis. A sua influência só podia ser benéfica. A Mari precisa de trabalho, e aqui não vai encontrá-lo. E como é costume dizer, o Diabo ocupa a cabeça do vadio.

Belle olhou para Mog de olhos semicerrados.

– Como foi que te lembraste disto? Sabes alguma coisa que eu não saiba?

– Não, estava só a pensar que aqui ela tem uma vida sem objetivos. Disse-me que gostava de ir para Auckland, mas não para ser enfermeira. Em Auckland não conhecemos ninguém que a tenha debaixo de olho. Só pensei que Londres e o Noah seriam uma boa saída para ela.

– Concordo que a Mari precisa de mais qualquer coisa do que costurar um pouco e ajudar com os rapazes – disse Belle, sentando-se à mesa de corte em frente de Mog. – Mas mandá-la para o outro lado do mundo!

– Sim, eu sei que é um pouco radical. Mas sabemos que o Noah e a Lisette tomarão conta dela, e a filha deles far-lhe-á companhia. Pensa nas oportunidades que ela teria.

– E nas oportunidades que teria para se meter em sarilhos – fez Belle notar. – Agora diz-me, de onde veio esta ideia? Sei que nunca sugeririas que mandássemos a Mari para longe a menos que pensasses que podia acontecer-lhe alguma coisa aqui. O que se passa?

Mog franziu os lábios. Estava sempre a esquecer-se de que Belle era tão boa como ela a ler as pessoas. Agora estava encurralada; tendo começado aquilo, ia ter de continuar, mesmo que isso significasse denunciar Mari.

– Diz-me! – exigiu Belle. – Se a Mari se meteu num sarilho qualquer, tenho o direito de saber.

– Oh, Belle – implorou Mog. – É uma daquelas situações em que fico mal se te falar dos meus medos, e mal se o não fizer. Tu e o Étienne vão ficar furiosos se eu tiver razão, e provavelmente tornar tudo ainda pior. E se eu estiver errada, a Mari nunca mais voltará a falar comigo. Ainda por cima, nem sequer tenho a certeza de que haja um problema sério.

Belle ficou calada durante alguns instantes. Pegou numa almofada de alfinetes e começou a dispor os alfinetes em filas muito certinhas.

– Muito bem! – disse, por fim. – Ambas sabemos que és muito intuitiva, de modo que o mais certo é teres razão no que quer que seja que receias. Nesse caso, porque é que não me dizes? Podemos remoeir as duas o assunto com toda a calma, e então decidir como lidar com ele. A Mari não precisa de saber que me disseste fosse o que fosse.

Mog inspirou fundo e confessou que receava que Mari andasse a encontrar-se em segredo com o marinheiro louro.

Belle empalideceu.

– Deus nos ajude! – exclamou. – Dessa não estava eu à espera! Sabia, claro, que o homem tinha voltado a Russell, é impossível não reparar nele, mas a Mari nunca o mencionou.

– A melhor maneira de nos despistar – bufou Mog. – Mas lembra-te de que não tenho quaisquer provas de que é com ele que ela anda a encontrar-se. Além disso, disse-me que estava tudo acabado. Mas pela maneira como se comportou ontem, suspeitei de que alguma coisa a preocupava.

– Talvez só tivesse com medo de que ele viesse cá a casa? Todos sabemos que o Étienne arrancaria os membros um a um a um homem desses se pensasse que ele tinha tomado liberdades com a filha. Achas que eles...?

Calou-se, incapaz de completar a pergunta.

– Sim, acho que têm andado a fazê-lo – disse Mog, sem rodeios. – Um homem da idade e do género dele não ia perder tempo com uma rapariga que não cooperasse. Além disso, há qualquer coisa que a preocupa desde há algum tempo... anda distraída, com a cabeça na lua.

– O Étienne mata-o! – exclamou Belle, ao aperceber-se de todas as implicações do que ouvia.

– Estás a ver porque me pareceu uma boa ideia mandá-la para Londres? – perguntou Mog. – Se a Avril disse à Peggy que os tinha visto juntos, podes apostar que disse a mais alguém. E tu sabes como são as pessoas daqui. Se a notícia se espalha... e vai espalhar-se de certeza... ela passa a ser vista como mercadoria estragada, e é bem capaz de encontrar alguém muito pior do que ele.

Belle inclinou-se para a mesa de corte, com a cabeça apoiada nas mãos.

– Eu sei bem o que significa ser aquela de que toda a gente fala. Lembra-te das coisas horríveis que disseram a meu respeito quando o Étienne apareceu por cá? Ainda hoje, passados tantos anos, há mulheres que acham que os maridos não estão seguros comigo por perto. Há vergonhas que

nunca se esquecem. – Olhou para Mog, cheia de medo. – Mas onde tinha ela a cabeça?

– Tu, melhor do que ninguém, devias saber que nessas alturas as raparigas não pensam – disse Mog, com rude franqueza.

Belle corou ao ouvir aquela referência oblíqua ao seu *affaire* com Étienne em França, quando ainda estava casada com Jimmy Reilly.

– Julguei estar a agir corretamente ao explicar-lhe os factos da vida e que as raparigas devem proteger-se esperando até estarem casadas – retorquiu. – Mas talvez devesse ter sido como outras mães e dizer-lhe que o sexo era um mal que as mulheres tinham de suportar.

– Duvido que tivesse feito grande diferença – disse Mog. – A Mari é tão impetuosa como tu e o Étienne; nunca deu ouvidos a conselhos nem obedeceu a regras. Se queres que te diga, acho que isto aconteceu por ela não ter nada que fazer. O tédio é um terreno fértil para o disparate.

– Que vamos nós fazer? – perguntou Belle, em pânico.

– Podemos rezar para que não esteja grávida, para começar. Mas não estou a ver como é que vamos esconder isto do Étienne. Fazê-lo seria dar a entender à Mari que desculpamos o que ela fez. Portou-se como uma pegazinha, e vai ter de enfrentar as consequências.

Belle estremeceu ao ouvir estas palavras duras.

– Oh, Mog – suspirou. – Depois de casar com o Étienne e de estarmos a viver felizes aqui, pensei verdadeiramente que os maus tempos tinham acabado para todos nós. E agora isto!

Mog estendeu a mão por cima da mesa e pegou na de Belle, para a confortar.

– Talvez não seja tão mau como eu receio, mas de qualquer modo temos de fazer alguma coisa. Se tentarmos mantê-la fechada em casa, só vai servir para a fazer rebelar-se. Talvez consiga arranjar emprego num escritório ou numa loja em Auckland, mas é demasiado nova para ir para lá sem qualquer espécie de supervisão.

– Tens razão – concordou Belle. – Mas Inglaterra parece tão drástico, tão longe. O Noah e a Lisette são ideais de muitas maneiras, também têm uma filha, e têm experiência suficiente para saber os perigos que uma rapariga pode correr. Seriam uma boa influência, e uma inspiração para a Mari. Mas como podemos nós deixá-la ir?

– Aguentaste-te na América, em condições muito piores, e eras muito mais nova do que a Mari. Mas antes de pensarmos nisto a sério, temos de convencê-la a confessar a verdade, e penso que terá de ser na presença do Étienne.

– Talvez tenhamos percebido tudo mal? – disse Belle, esperançada.

– Talvez um dia as galinhas tenham dentes! – retorquiu Mog. – Ambas temos demasiada experiência de raparigas transviadas para esperarmos uma explicação mais inocente. O melhor será fazê-lo esta noite, depois de os rapazes irem para a cama.

Belle e Mog puseram de parte as suas preocupações a respeito de Mariette quando o resto da família chegou a casa. Jantaram todos juntos e Belle certificou-se de que os dois rapazes iam para a cama pouco depois das sete. Quando voltou a descer, Étienne ainda estava sentado à mesa da cozinha, a ler o jornal, enquanto Mog e Mariette acabavam de lavar a louça.

Mariette pôs o pano da louça a secar e preparou-se para sair da cozinha.

– Fecha a porta e senta-te – disse Belle, num tom duro.

– Porquê? – perguntou Mariette. – Só ia buscar um livro para ler.

– Há coisas de que temos de falar – continuou Belle. – Senta-te ao pé do teu pai.

– Que se passa? – perguntou Étienne, intrigado, pousando o jornal e olhando para ela.

– A Mari tem uma coisa para te dizer – anunciou Belle. – Na realidade, tem uma coisa para dizer a todos nós. Vamos, Mari, queremos saber o nome do rapaz com quem tens andado!

Étienne gostava de dizer que estava velho, mas, com cinquenta e oito anos, conservava todo o cabelo, o seu corpo era magro e musculoso, os seus olhos não tinham perdido o brilho e continuava a ser forte como um cavalo.

– Foste muito prestável durante todo o dia, ao contrário do que é costume... Teve alguma coisa a ver com aquilo de que a tua mãe está a falar? – perguntou, a olhar duramente para a filha.

Mariette corou.

– Foi só um rapaz, nada de especial. E de qualquer modo já acabou – disse ela, a atropelar as palavras.

– Nome! – quase rugiu Belle. – Já sei quem é, só quero ouvir-te dizê-lo. Mariette estremeceu de uma forma visível.

– Sam – choramingou. – Não podia dizer-lhes, sabia que não aprovariam.

Étienne parecia aturdido, mas mais pela fúria de Belle do que pelo nome, pois não se lembrava de ninguém chamado Sam.

– Como podias esperar que aprovássemos que andasses por aí a namorar às escondidas com qualquer rapaz? – perguntou Belle, com a voz dura e fria. – Mas aquele homem! Tem pelo menos vinte e cinco anos, é grosseiro, anda sempre metido em zaragatas e é arrogante. Andaste a mentir-nos estas últimas semanas para te encontrares com ele. Porquê, Mari?

– Porque sabia que ia ser assim – retorquiu Mariette.

– Estão a falar daquele marinheiro australiano louro? – perguntou Étienne, espantado.

Belle assentiu com um movimento de cabeça.

– Nesse caso, concordo totalmente com a tua mãe. É um animal, embebeda-se todas as noites, e ouvi outros homens dizerem que nenhuma rapariga está segura perto dele.

– Desculpa, papá – disse Mari, suplicante. – Tens razão a respeito dele, mas ao princípio eu não percebi.

– O simples facto de te encontrares com ele em segredo diz-me que sabias muito bem que não prestava. Até que ponto foi essa história?

Mariette cruzou os braços, olhou insolentemente para a parede da cozinha e não respondeu.

– Responde-me, Mari – ordenou Étienne. – Foram amantes?

O silêncio da filha foi resposta bastante. A fúria incendiou-lhe o rosto.

– Ainda mal fizeste dezoito anos, tens a vida toda à tua frente, e estiveste disposta a deitar tudo a perder por uma cambalhota na erva com um homem tão indigno como ele. Estás grávida?

Olhou para Belle e para Mog, à espera que confirmassem ou negassem a possibilidade.

Belle encolheu os ombros.

– Não sei. Só agora soube que as coisas tinham chegado tão longe.

– Mariette! Vais dizer-nos, agora! – rugiu Étienne. – Estás grávida?

Ela continuou a evitar-lhe o olhar.

– Posso estar, suponho – respondeu, e ouviu-o inspirar fundo por entre os dentes cerrados. – E não me venhas com ares de superioridade. Sabes muito

bem que a mamã estava grávida de mim quando casaram.

Belle estava espantada com a ausência de vergonha da filha, e de respeito pelo pai, e sentia uma vontade enorme de lhe bater. Mas conseguiu controlar-se.

– É melhor pedires a Deus que não estejas grávida, porque se tiveres não vais tardar a descobrir o que é a vida real – cuspiu. – Agora vai para o teu quarto. Não suporto olhar para ti.

*

Mariette saiu da cozinha o mais depressa que pôde. A reação furiosa da mãe, e o facto de todos terem concluído logo que estava grávida, faziam que a hipótese parecesse ainda mais provável.

Que lhe aconteceria se estivesse? Não se punha sequer a questão de casar com Sam. Mesmo que ele concordasse – e claro que não concordaria – esperá-la-ia uma vida miserável, sobrecarregada com um filho que não desejava.

As pessoas eram más para as mães solteiras, e a julgar pela reação dos pais e de Mog, a tortura começaria ali mesmo, na sua própria casa.

Atirou-se para cima da cama e chorou. Ouvia o murmúrio das vozes deles lá em baixo e, de vez em quando, a do pai soava mais alto. Aquilo era o pior de tudo. Podia viver com a reprovação da mãe e de Mog, mas não suportava a ideia de o seu papá estar desapontado com ela.

Lá em baixo, na cozinha, Étienne andava de um lado para o outro, a espumar. Belle sabia que o que ele queria era correr porta fora, encontrar Sam e matá-lo à pancada. Era uma coisa que tinha de evitar.

– Ele é jovem e muito forte – insistiu, de pé diante da porta para que o marido não pudesse sair. – Se fores lá agora, furioso como estás, ele vai retaliar, e tu podes ficar a perder. Além disso, a vila inteira ficará a saber... e quando isso acontecer, não há maneira de voltar atrás.

Também Mog interveio.

– Lembra-te de que a Mari fez isto voluntariamente. Queria um pouco de excitação, e teve-a. Agora tem de aprender o significado da palavra «consequências». E tu também! Se fores espancar o Sam, estarás a dar-lhe a ela a ideia de que foi ele o único culpado.

– Estão mesmo a sugerir que não faça nada? – perguntou Étienne, estupefacto por elas não estarem também a gritar pelo sangue do homem.

– Claro que não – disse Belle, apaziguadora. – Mas a Mog tem razão. A Mari é tão culpada como ele. Tê-la-ia compreendido com mais facilidade se ela tivesse dito que o amava. Por vezes é tão fria que me custa a crer que seja minha filha. Por favor, espera até amanhã, Étienne, antes de fazeres qualquer coisa precipitada. Tudo o que conseguirias seria dar mais munições às más-línguas.

Étienne estava magoado por tanto a mulher como Mog o acharem demasiado velho para dar uma boa sova ao homem que lhe seduzira a filha. Mas reconhecia que fazia sentido esperar até à manhã seguinte antes de fazer ou dizer fosse o que fosse.

Passou aquela noite às voltas na cama, sem dormir, com a cabeça cheia de imagens da filha e daquele marinheiro sujo juntos.

Levantou-se ao raiar da aurora, vestiu-se e saiu sem fazer ruído, deixando Belle ainda a dormir. A fúria que se apoderara dele na noite anterior tinha acalmado. Tudo o que queria era confrontar o homem e pelo menos tentar compreender o que fora que Mari vira nele.

Ouvira dizer que o ex-marinheiro estava acampado num terreno baldio perto do sopé de Flag Staff Hill e, enquanto se encaminhava para lá, recordou a única vez que tinham falado. O homem saíra bêbedo, aos tropeções, do Duke of Marlborough no preciso instante em que ele ia a passar, e chocara contra o seu ombro.

– Põe-te direito e vê para onde vais – dissera-lhe Étienne.

O homem endireitara-se e olhara de esguelha para ele.

– Deves ser o herói de guerra franciú, com um sotaque desses – dissera, num tom carregado de desprezo.

– E tu deves ser o cretino do bêbedo australiano, com um sotaque desses – retorquira Étienne, e seguira em frente, ignorando um comentário ridículo sobre se ele andava a apanhar caracóis para comer.

Aquele breve encontro era a única prova de que Étienne precisava para saber que o sujeito era um palhaço ignorante e tornava a possibilidade de Mari trazer no ventre um filho dele ainda mais alarmante.

Encontrou a tenda, meio escondida entre uns arbustos, e recordou então que tinha havido queixas de vários habitantes da vila pelo facto de o homem se ter ali instalado.

A tenda era pequena e suja e fazia uma curva para baixo no meio, porque as cordas estavam mal esticadas. Étienne ficou a olhar durante alguns instantes e então, com um pontapé, soltou as cordas. A tenda abateu-se. Do interior veio o som de pragas furiosas, quando o homem acordou e deu por si embrulhado em lona.

Étienne esperou. Desconfiava que o sujeito era suficientemente desleixado para continuar onde estava apesar da lona húmida que o cobria, mas, ao cabo de um ou dois minutos, viu-o rastejar para fora a esfregar os olhos, vestindo apenas um par de sebatas ceroulas.

Durante os instantes de espera, Étienne reparara no lixo que rodeava o acampamento – sobretudo garrafas de cerveja e latas de comida. Perguntou a si mesmo se o homem alguma vez tomava banho e como pudera Mari, que fora criada numa casa limpa, tolerar aquela falta de higiene.

– Foste tu que deitaste abaixo a minha tenda? – perguntou o homem, de olhos semicerrados. Um restolho de barba cobria-lhe a cara e os cabelos louros estavam sujos. E no entanto, mesmo assim, o tronco bronzeado e musculoso impressionava e ele era na verdade bonito.

– Culpado, senhor doutor juiz – respondeu Étienne. – Deves é dar graças aos Céus por eu não te ter atacado com um machado e arrancado a cabeça. De pé! Sei que és mais reles que merda, mas gosto de olhar um homem nos olhos quando falo com ele.

– O que é que queres de mim? – perguntou Sam, enquanto se punha de pé.

– Como se não soubesses! – troçou Étienne. – Sabes muito bem que sou o pai da Mariette. Mas, claro, se tivesses alguma noção do que é a decência terias ido ter comigo e pedido a minha autorização para andares com ela.

– Já ninguém faz isso – rosnou Sam. – Vai para casa, velho, e mete-te com alguém da tua idade. A Mari é que se atirou a mim. Podes não gostar de ouvir isto, mas foi o que aconteceu. Agora desanda daqui.

– Vinha na esperança de descobrir em ti qualquer coisa que te redimisse – retorquiu Étienne. – Mas vives como um porco e cheiras pior do que um porco. Penso que a Mari deve ter enlouquecido temporariamente para se

envolver com um monte de esterco como tu. Vais deixar Russell esta manhã no primeiro *ferry*, e nunca mais voltas. Se voltares, vais arrepender-te.

Sam riu desdenhosamente.

– E achas que és tu que me vais fazer arrepender, velho? Como é que tencionas fazer isso?

– Assim – disse Étienne, e desferiu-lhe um murro tão violento no queixo que ele recuou a cambalear e quase caiu.

Sam ficou momentaneamente aturdido. Esfregou o queixo e olhou para Étienne, como que a avaliá-lo.

– Não quero lutar contigo porque nunca mais voltavas a levantar-te – disse. – Vai-te embora, antes que eu te magoe.

– Assim? – Étienne atingiu-o de novo na barriga com o punho direito, seguido de imediato por um direto com a esquerda em cheio no queixo. – Vá lá, não te contenhas. Sou um velho, lembras-te?

Sam voltou a recuar, com o sangue a escorrer-lhe pelo queixo. Ergueu os punhos para ripostar, mas Étienne esquivou-se com facilidade e atingiu-o mais duas vezes na cara antes que ele pudesse pestanejar.

Jorrou sangue do nariz dele, e Étienne riu.

– Pensava que ias magoar-me. Mas és demasiado lento. É assim que se faz – disse, e disparou um gancho de baixo para cima que atirou a cabeça de Sam para trás, seguido por um violentíssimo murro no diafragma que o estendeu no chão.

Étienne aproximou-se e pousou a bota no peito do homem mais novo, imobilizando-o.

– Para tua informação, aprendi a lutar nos becos de Marselha – disse. – E também sou bastante jeitoso com uma faca. Queres que te mostre?

Tirou de uma bainha presa ao cinto uma faca com um estreita lâmina de quinze centímetros, inclinou-se para Sam e aproximou a ponta do nariz do jovem.

– Naquele tempo, um dos meus castigos preferidos para as pessoas que me chateavam era abrir-lhes o nariz. Deixa um homem muito feio, as raparigas deixam de gostar dele, de modo que tem de recorrer às putas velhas quando fica desesperado por uma foda – rosnou, em voz baixa.

Sam soltou um uivo de terror e Étienne sorriu quando olhou para baixo e viu que ele se tinha urinado.

– Geralmente também se cagam todos quando começo a trabalhar. Já não te sentes tão homem, pois não? Mal posso esperar para contar à Mari que não me conseguiste dar um único murro. Então, vais deixar Russell esta manhã? Ou preciso de te dar mais um empurrãozinho para te convencer a fazer o que te mandam?

– Não, eu vou – gemeu Sam. – Não me corte!

– Tens medo de ficar feio, é? Estou aqui a pensar que devia tratar disso, para que não faças mal a mais raparigas – disse Étienne. – Para seres um verdadeiro homem, tens de tratar as mulheres com respeito. Sempre que te sentires tentado a agir de outro modo, pensa em mim e na minha faca a rasgar-te o nariz.

E para reforçar a ideia, passou a lâmina da faca à volta das narinas do homem, a saborear o terror que lhe via nos olhos, a maneira como todos os seus músculos se contraíam à espera da agonia que sabia que ia seguir-se.

Étienne endireitou-se e devolveu a faca à bainha, mas pisou ainda com mais força o peito de Sam.

– Vou andando. Mas lá estarei, no pontão, para te ver apanhar o *ferry* das nove. Se não apareceres, virei eu buscar-te. Mas só para ter a certeza de que não te esqueces, vou deixar-te qualquer coisa em que pensar.

Cerrou o punho e desferiu um terrível murro na boca de Sam. Tirou a bota de cima do peito do homem e recuou dois passos.

– É melhor sentares-te, ou ainda te afogas no teu próprio sangue.

Sam sentou-se no chão e cuspiu sangue, juntamente com os dois dentes da frente. Toda a cara dele era uma massa ensanguentada.

Étienne fez um sorriso feroz.

– Não ter os dentes da frente é quase tão bom como um nariz rasgado para afastar as raparigas. Lembra-te, no *ferry* das nove. Ou há mais do mesmo à espera. Agora este velho vai para casa tomar o pequeno-almoço.

Afastou-se, mas, alguns metros mais à frente, olhou para trás e viu Sam a tentar levantar-se, com uma mão na barriga e a outra na boca. A dor que lhe infligira não ia ajudar Mari se ela estivesse grávida daquele homem, mas a ele fazia-o sem dúvida sentir-se muito melhor.

Quando acordou e se viu sozinha na cama, Belle adivinhou que Étienne tinha ido confrontar Sam. Saltou da cama e desceu à cozinha para espevitar

as brasas do fogão, acrescentando mais lenha para pôr a chaleira ao lume quando ele voltasse. Mas temia que o marido estivesse caído algures, demasiado ferido para chegar a casa, de modo que decidiu vestir-se e sair para ir procurá-lo.

Nesse instante, a porta abriu-se e Étienne entrou. Um olhar à cara dele foi o suficiente para lhe dizer que a sua missão tinha sido bem-sucedida; não parecia ferido, excetuando um pouco de sangue nos nós dos dedos.

– Que aconteceu? – perguntou ela.

– Nada com que precisas de te preocupar – respondeu ele, com os olhos a brilhar.

– Deixa-me tratar disso – disse ela, a apontar para a mão dele.

– Não é preciso. O sangue não é meu – declarou Étienne, com toda a calma, e foi até ao lava-louça lavar as mãos.

Belle não perguntou mais nada. Em vez disso, juntou uns restos de pão para dar às galinhas e pôs a mesa para o pequeno-almoço. Quando voltou à cozinha, depois de ter ido acordar os rapazes, encontrou Étienne sentado à mesa, a olhar para o vazio.

– Achas mesmo que a Mari tem um coração frio? – perguntou ele de repente, quando ela pousou a chaleira em cima da mesa.

– Por vezes – admitiu ela. – Não parece ser dotada de grande compaixão. Detesto dizer isto, mas há alturas em que penso que saiu à Annie.

Belle raramente falava da mãe, que morrera cinco anos antes, de cancro. O único contacto entre as duas desde que ela partira para a Nova Zelândia fora um postal de Natal todos os anos, e só soubera da morte da mãe através do advogado dela. Deixara tudo o que tinha à filha – pouco mais de mil libras – mas, por muito grata que tivesse ficado por receber aquele dinheiro numa altura em que todos eles enfrentavam dificuldades financeiras, Belle teria preferido uma carta da mãe a dizer que a amava e que se arrependia de tantos anos de abandono e frieza.

Étienne agarrou-a pela cintura e apertou a cara contra o peito dela.

– Como foi possível termos uma filha incapaz de compaixão? – murmurou.

– Não é que seja incapaz. Só ainda não passou por nada suficientemente mau para aprender a ter pena dos outros – respondeu Belle. – O Sam disse-te qualquer coisa a este respeito?

Ele abanou a cabeça.

– Não, a única coisa que disse foi que foi ela que se atirou a ele. Mas estava a pensar em como a Mari se portou ontem à noite... Não mostrou a mais pequena emoção, nem em relação ao Sam, nem em relação ao que isto significa para nós. É assustador.

Belle levantou-lhe a cara e inclinou-se para o beijar.

– Estava na defensiva... acho que aquele homem a assustou. E além disso está envergonhada. Penso que estava a reter tudo dentro dela com tanta força que foi incapaz de mostrar emoção. Mas isso não quer dizer que não a sinta.

– Aquele malandro chamou-me velho, e é como me sinto neste momento – disse ele. – O que é que fazemos se ela estiver grávida?

– Para mim não és um velho. Vamos pedir à Mog que leve os rapazes à escola, anda lá para cima comigo e conversamos no quarto.

– Tenho de acabar o telhado da casa dos Apsley.

– Isso pode esperar. Vai andando para cima, e eu já te levo o chá.

Dez minutos mais tarde, depois de pedir a Mog que assumisse o comando, Belle foi juntar-se a Étienne no quarto de ambos. Étienne estava estendido em cima da cama, com um ar derrotado. Ela pousou o chá na mesinha de cabeceira, deitou-se ao lado dele e abraçou-o.

– Ele bateu-te?

– Nem me tocou. – Étienne suspirou. – Não teve oportunidade para isso. Mas eu causei grandes estragos naquela cara tão bonita e ordenei-lhe que apanhasse o *ferry* das nove e nunca mais voltasse.

– Parece que continuas tão perigoso como antigamente – disse ela, com um sorriso.

– Agora envergonho-me um pouco por me ter sabido tão bem – admitiu ele. – Até saquei da faca que costumo usar para amanhar o peixe e ameacei cortar-lhe o nariz. Até me custa a crer que fiz uma coisa daquelas. Mas se o tivesses visto, Belle! Imundo, a viver como um animal, e eu só conseguia pensar que aquele tipo tinha abusado da nossa menina.

Belle apertou-o com força contra o peito e não disse nada. Compreendia o que ele sentia.

– Fi-lo mijar-se de medo. Mas porque é que fui tão pedante, Belle? Fiz coisas muito piores do que ele é sequer capaz de imaginar. E nunca me detive a pensar que podia ter engravidado uma rapariga.

– Duvido muito que alguma vez tenhas tratado mal uma rapariga – disse ela, apaziguadora. – E compreendo que te sintas um pouco hipócrita, porque eu sinto o mesmo... ao fim e ao cabo, também não era assim tão pura. Mas é porque ambos fizemos tanta coisa errada que queremos melhor para a Mari. Tinha muita esperança de que ela se apaixonasse por um homem bom que a amasse e que flutuasse até ao altar de vestido branco e véu, e nunca me passou pela cabeça que pudesse ser tão atrevida.

Étienne riu.

– «Atrevida» é uma palavra curiosa. Também tu foste atrevida em tempos, se bem me recordo.

– Fui, contigo – admitiu ela. – E ainda sou, às vezes!

– Não as suficientes – disse ele, enfiando a mão por baixo da camisa de noite para lhe acariciar os seios.

– Viemos para aqui para falar – ralhou ela, mas não o obrigou a retirar a mão. – Eu e a Mog pensamos que tudo isto aconteceu porque a Mari estava aborrecida. Queria um pouco de excitação e encontrou-a nele. Mesmo que não esteja grávida, isto é o género de coisa que pode voltar a acontecer se ela não tiver o suficiente com que se ocupar.

– Peço a Deus que não esteja grávida, porque se estiver nenhuma das coisas que quisemos para ela vai acontecer. – Étienne suspirou. – Soube de pessoas que faziam passar por seus os filhos das filhas, mas aqui não podemos fazer isso, as pessoas vivem todas demasiado perto umas das outras.

– A menos que fôssemos todos para Inglaterra e voltássemos mais tarde com o bebé – disse Belle, com um risinho.

Étienne riu com ela.

– Inglaterra é um pouco drástico! Ir para a Ilha do Sul faria mais sentido.

Belle ficou pensativa.

– Estava a brincar, mas não é má ideia. Ninguém senão nós saberia que o filho não era nosso. Aos quarenta e três anos as mulheres ainda podem ter filhos.

– O que foi que a Mog sugeriu? – perguntou Étienne. – Ela geralmente é boa a arranjar soluções.

– Bem, foi isso que me levou a falar de Inglaterra. Antes de pensarmos que a Mari podia estar grávida, a Mog tinha sugerido que a mandássemos

para casa do Noah. Ele é o padrinho dela, ao fim e ao cabo, e lá teria muito mais oportunidades.

– E também há ainda mais oportunidades para as coisas darem para o torto – respondeu ele.

– Foi exatamente o que eu disse. Mas com a tua sugestão de fingirmos que o bebé é nosso, talvez fosse boa ideia voltarmos todos para lá. Temos aquele dinheiro da Annie. Até podíamos escrever para as pessoas daqui e dizer: Sabem uma coisa? Tivemos mais um filho! Quando voltássemos, a Mari poderia fazer o que quisesse com a sua vida, mas o bebé estaria a salvo aqui connosco.

Ao ver que Étienne não respondia, Belle pensou que ele reprovava a ideia.

– Mas vou rezar muito para que ela não esteja grávida – acrescentou. – Estamos demasiado velhos para ser pais outra vez.

Ele deixou escapar um fundo suspiro.

– Lembras-te de como ficámos felizes quando soubemos que íamos ter a Mariette? Todos os bebés deviam começar a vida a serem assim tão desejados.

– Concordo – admitiu Belle. – Mas a Annie não me desejava e entregou-me aos cuidados da Mog. E não me saí nada mal, pois não?

– Aconteça o que acontecer, com bebé ou sem bebé, temos de fazer com que a Mari assuma a responsabilidade pelas suas ações – disse Étienne, num tom firme. – Ambos sabemos que vamos amar o filho dela... apesar de o pai ser uma cobra e estarmos os dois demasiado velhos para voltar a percorrer essa estrada. Mas não lhe vamos falar nisto, nem em possíveis idas para Inglaterra, nada. Quero que ela fique a cozer no seu próprio molho durante algum tempo. Está a precisar de um bom susto para ver se ganha juízo.

À medida que os dias passavam sem que Mari tivesse o período, Belle ia ficando cada vez mais ansiosa. O rosto geralmente sorridente de Mog fechara-se numa permanente expressão carregada, Étienne andava sombrio e calado e até Alexis e Noel perguntavam o que se passava.

Belle confrontara a filha mais tarde naquele dia, depois de Étienne ter ido assistir à partida de Sam, e fizera-lhe um amargo e zangado discurso a respeito de como desiludira a família e pusera em risco todo o seu futuro. Quando Mariette retorquira que ela não era melhor – ou acaso não estava grávida no dia em que casara? –, Belle dera-lhe um estalo na cara.

Mariette parecia incapaz de se aperceber da gravidade da sua situação. Afirmava não fazer ideia de quando tivera a última menstruação. Não se desculpava, não fizera sequer qualquer tentativa para explicar os motivos que a tinham levado a comportar-se como se comportara, e andava constantemente com um ar carrancudo. Não se oferecia para ajudar mais na lida da casa – como qualquer outra rapariga faria ao tomar consciência do sarilho em que se metera – e quando lhe pediam que fizesse qualquer coisa reagia como se se considerasse superior a esse género de trabalhos.

– Não aguento mais isto – confessou Belle a Étienne uma noite, quando estavam na cama. – Cheguei ao fim da paciência. Nem sequer consigo que ela me diga o que pensa a respeito de ter um filho.

Étienne apertou-a contra o peito, a tentar confortá-la.

– Eu sugeriria levá-la a sair no barco. Talvez conseguisse falar com ela longe de casa. Mas isso parece demasiado simpático, como se estivesse a desculpar o comportamento dela.

– Só quero a minha filha de volta – disse Belle. – Nem sequer reconheço esta Mariette, é como uma estranha.

– Suponho que está tão assustada como nós – respondeu Étienne. – Neste momento, deve sentir o peso do mundo inteiro em cima dos ombros. Nós, melhor do que ninguém, temos a obrigação de saber o que é deixarmo-nos entusiasmar.

– És sempre tão compreensivo! – ralhou Belle, irritada.

– Se sou, é só porque cometi todos os erros da cartilha. Imagina como deve ser sentir que toda a gente na tua família está contra ti.

– É o que ela merece.

– Merece? Não tenho assim tanta certeza. Provavelmente pensa que vamos mandá-la para uma dessas instituições para delinquentes.

– Com certeza não pode pensar uma coisa dessas a nosso respeito! – exclamou Belle, horrorizada.

Étienne beijou-lhe a ponta do nariz.

– Tens de ter presente que ela não sabe dos aspetos mais vergonhosos dos nossos passados nem das embrulhadas em que nos metemos. E espero que nunca venha a saber. Mas foram todas essas coisas que definiram os nossos caracteres, e julgo que fizeram de nós pessoas melhores, mais compreensivas. Esta é a primeira lição a sério da Mari, e espero que tenha aprendido alguma coisa com ela.

*

Tinham passado duas semanas depois de Sam ter sido expulso da vila quando Mariette irrompeu na sala de trabalho onde Belle e Mog estavam a costurar.

– Não estou grávida, veio-me o período! – anunciou, delirante.

– Oh, minha santa tia! Que alívio! – exclamou Mog.

Durante um ou dois segundos, Belle ficou incapaz de reagir. Tivera tanta certeza que Mariette estava grávida, por muito que esperasse que não, que demorou algum tempo a assimilar a notícia de que as suas preces tinham sido atendidas.

Finalmente, pôs-se de pé e abraçou a filha.

– Estou muito feliz por teres sido poupada – disse, ofegante. – Mas tens de me prometer que aprendeste com o que aconteceu. Tiveste muita sorte desta vez, mas não quero que esta família volte a passar pela agonia que todos conhecemos nestas últimas duas semanas. Nunca mais.

– Nem eu – disse Mariette, com o rosto iluminado pelo alívio. – Prometo, vou esperar até estar casada. O que não vai acontecer tão cedo.

Depois de Mariette ter saído da sala, Belle e Mog olharam uma para a outra e começaram a rir à gargalhada.

– Não sei porque é que estamos a rir – disse Belle. – Não tem graça nenhuma.

– A promessa dela de que vai esperar até estar casada é engraçada – respondeu Mog. – Acho que vamos ter de arranjar maneira de lhe ensinar alguns truques do ofício, Belle. Porque se ela conhece outro rapaz pelo qual se sinta atraída, é certo que não se vai ficar pelos beijos.

Parecia que Mariette tinha na realidade começado uma vida nova. Na semana que se seguiu à descoberta de que não estava grávida, tornou-se uma rapariga diferente: foi dócil, e prestável, brincou com os irmãos e não tentou sequer sair sozinha. Belle tinha quase a certeza de que não se tratava de uma mudança permanente de comportamento, mas deixou de considerar sequer a possibilidade de mandar a rapariga para Inglaterra.

Já tarde numa noite de domingo, depois de as crianças e de Mog terem ido para a cama, Belle e Étienne estavam sentados no balouço do alpendre, uma vez que estava muito abafado dentro de casa. Para surpresa de Belle, Étienne voltou a trazer à baila o assunto de Inglaterra.

– Acho que devíamos mandá-la para lá – disse, de repente. – A vila inteira anda a falar dela.

– Quem é que fala? – perguntou Belle alarmada, porque Étienne era regra geral o último a saber dos mexericos.

– Não sei como foi que começou, mas o Angus disse-me que, no meu lugar, a mandava para casa de um parente qualquer até que as coisas acalmassem. E como sabes, Belle, ele não é do género de andar a repetir coscuvilhices, além de ter um fraquinho pela Mari.

Angus era um velho escocês que costumava ir pescar com Étienne. A mulher morrera um par de anos antes e os dois filhos tinham-se mudado para Christchurch. Belle sabia que a sua amizade com Étienne era muito importante para ele e que fora por isso que sentira que tinha de alertá-lo para o que se dizia.

– A mim ninguém me disse nada – declarou.

– Nem iam dizer, pois não? As pessoas gostam muito de falar dos infortúnios dos outros, mas poucas têm coragem suficiente para enfrentar aqueles em cuja casaca andam a cortar.

– O que é que achas que se diz? – perguntou Belle, agora preocupada, porque sabia que era de certeza mais do que Mari e Sam andarem de mão dada.

– Penso que o Sam deve ter falado com alguém no *ferry*. Seja como for, corre palavra de que eu lhe dei uma sova, e não é preciso ser muito esperto para perceber porquê. Se a Mari continuar aqui, vai ser marginalizada por

muita gente e pode tornar-se um alvo para os rapazes que a vejam como «fácil».

– Não podemos mandá-la uns tempos para junto da Vera e da família? – perguntou Belle.

– Podíamos, se a Vera aceitasse. Mas muita gente daqui tem parentes em Wellington, e os mexericos segui-la-iam. Com o Noah e a Lisette, pode começar de novo. O Noah ajudá-la-á a arranjar um emprego adequado, e como a Rose é só alguns anos mais velha do que a Mari, serão como irmãs. Podemos usar uma parte do dinheiro que a Annie te deixou para pagar a passagem. Penso que pode ser o melhor para ela. Terias gostado de ficar enterrada num pasmaceira como esta quando tinhas dezoito anos?

Belle recordou o seu décimo oitavo aniversário, altura em que já era oficialmente uma prostituta. Os chamados cavalheiros a que tivera de fazer companhia eram todos muito gordos, com o hálito mais rançoso que alguma vez cheirara. Naquela noite, teria dado tudo para estar num lugar tão bonito e tranquilo como Russell. Mas supunha que era preciso experimentar a maldade do mundo para saber verdadeiramente quando se estava no paraíso.

Belle, no entanto, nunca falava daqueles tempos – nem sequer a Étienne ou a Mog, que sabiam a verdade toda. Tudo isso fazia parte de outra vida, em que eles eram todas pessoas diferentes, e correra uma cortina sobre esse passado.

– Tens razão. Com dezoito anos uma pessoa quer mais do que o mar e vacas a deambular por uma rua poeirenta. Quer ver lojas iluminadas a eletricidade, quer ir dançar e usar o género de roupas que aqui não serviriam para nada. Mas... e se rebenta a guerra? Como irá a Mari voltar a casa?

– Ouvimos nas notícias que o Chamberlain voltou de um encontro com o Hitler e acenou com o documento que tinha assinado, dizendo que garantia «Paz no nosso tempo». Ninguém em Inglaterra nem em França quer uma guerra, e o Noah dizia na sua última carta que achava que era possível evitá-la. Ele deve saber, Belle. Foi correspondente de guerra na última. Além disso, não há ninguém em quem confiasse mais para manter a nossa filha a salvo.

– Concorde com isso; é um homem bom e carinhoso. Mas não será pedir demasiado esperar que ele assuma a responsabilidade pela Mari? Ambos

sabemos como ela pode ser obstinada.

Conhecedora da forte ligação que existia entre Étienne e a filha, Belle estava espantada por ele considerar sequer a possibilidade de a mandar para longe. O facto de parecer estar decidido a fazê-lo dava bem a medida de como receava pelo futuro dela em Russell.

– Os filhos são diferentes quando estão longe dos pais – disse ele, passando-lhe o braço pelos ombros e puxando-a para si. – A Mari tem-se portado bem, mas quem sabe quanto tempo vai durar? Mais alguns meses e vai voltar a fazer um disparate qualquer, ainda por cima ressentida por não ver um futuro aqui. Mas se a mandarmos para Inglaterra, talvez aprenda a dar valor ao que tinha, e volte para junto de nós de boa vontade.

– Como foi que chegámos a isto? – perguntou Belle, com a voz a quebrar-se-lhe na garganta. – Quando ela nasceu, pensámos que ia ter tudo o que nós nunca tivemos: amor, segurança, um lar feliz num lugar onde nunca nada de mau poderia acontecer-lhe. E agora estamos a falar de mandá-la para o outro lado do mundo.

– Todos os pais têm tendência para pensar que são donos dos filhos – disse Étienne –, mas não é verdade, só os temos por empréstimo. E quando se tornam adultos, têm de fazer o seu próprio caminho. Em Inglaterra, a Mari vai poder encontrar um emprego interessante, que a satisfaça. Através do Noah e da Lisette, vai conhecer rapazes decentes, fazer amizade com outras jovens da sua idade, e a experiência de conhecer a Inglaterra vai ser em si mesma toda uma educação.

Belle sabia que ele tinha razão. Mas tinha medo pela filha, lá tão longe.

– E se ela chegar lá e detestar tudo? Ou se gostar tanto que nunca mais queira voltar?

– A primeira preocupação é fácil de resolver – disse Étienne, calmamente. – Quanto à segunda, ambos sabemos que as raparigas acabam geralmente nos lugares para onde os maridos as levam. Nunca teremos a garantia de que ela vai viver perto de nós para sempre. Prefiro perdê-la para uma vida boa e feliz em Inglaterra a vê-la casada com o primeiro homem daqui que lho propuser e tornar-se velha e azeda antes de tempo por nunca ter experimentado o género de amor que nós temos.

Belle aninhou-se contra o ombro dele.

– Sempre soubeste escolher os melhores argumentos para defender os teus pontos de vista – suspirou. – Vou tentar ver as coisas à tua maneira.

Então, como é que fazemos agora?

– Amanhã telefono ao Noah – disse Étienne. – Mas antes de sabermos se ele está disposto a recebê-la, não vamos dizer nada à Mari.

Belle escondeu a cara no pescoço do marido. Não havia mais nada a dizer. Sabia que custava tanto a Étienne como a ela perder a sua menina.

Mariette estava bem consciente de que as pessoas a julgavam fria porque não mostrava emoção. Enfurecia-a o facto de, só porque não chorava nem gemia, nem dizia coisas lamechas, todos acharem que isso significava que não tinha sentimentos.

Aquela história com Sam tinha sido a coisa mais horrível e dolorosa que alguma vez lhe acontecera. Não só aquele homem tinha conseguido fazê-la sentir-se suja, envergonhada e estúpida, como as suas próprias ações tinham feito os pais e Mog sentirem-se horrorizados e desiludidos. Queria muito encontrar palavras para lhes dizer como estava arrependida, quanto lhe custava tê-los magoado, mas não era capaz. Manter-se calada e afastada deles fora a sua única maneira de lidar com a situação.

Então, quando descobrira que afinal não estava grávida, pensara que o assunto estava arrumado, que podiam todos esquecer que tinha acontecido. Mas ajudar mais em casa, tentar mostrar-lhes como os amava e como lamentava tudo o que se passara, não fora o bastante para mandar para longe aquele fantasma. Continuava ali, como um mau cheiro quase impercetível que recusava desaparecer, fizesse ela o que fizesse.

Fora de casa, era ainda pior. Sentia que toda a gente falava dela; os mais velhos ignoravam-na, os mais novos olhavam-na com sorrisinhos de troça. Um a um, todos os seus amigos a abandonaram; ninguém aparecia, não havia convites para ir aonde quer que fosse.

Talvez outras raparigas na sua situação tivessem chorado e feito uma cena, mas não era esse o seu estilo. Por isso empinara o nariz e fingira que não queria saber.

Quando o pai lhe disse que o padrinho, que vivia em Inglaterra, tinha perguntado se ela gostaria de o visitar, a sua primeira reação foi de pura alegria. A ideia de deixar para trás a humilhação e a reprovação geral era por si só mais do que suficiente. E quem não queria a aventura de ir para Londres e ver ao vivo todas aquelas coisas espantosas que só tinha visto em livros e revistas? Adorou a ideia de viajar num grande navio durante mais de seis semanas, e ficou excitadíssima com a perspectiva de arranjar um emprego a sério, conhecer pessoas novas que teriam uma visão da vida muito mais ampla do que a daquelas que conhecia ali em Russell.

Mas a delícia e a excitação depressa desapareceram quando percebeu que estava a ser banida por ter envergonhado a família.

Não lho disseram explicitamente. Falaram de haver mais oportunidades, de lhe dar a possibilidade de ver o mundo. No entanto, mesmo que fosse isso que na verdade queriam para ela, Mariette também sabia que achavam que os seus erros passados estavam a afetar os irmãos.

Não conhecia o tio Noah e a tia Lisette. Eram apenas nomes num cartão de Natal, as pessoas que lhe mandavam prendas, e aos irmãos, no dia dos anos. Tinha de admitir que eram sempre prendas encantadoras – no seu décimo oitavo aniversário, tinham-lhe oferecido uma bonita pulseira de prata. Sabia que viviam numa casa maravilhosa, que o tio Noah era um jornalista e escritor famoso, e um grande amigo dos pais. Mas para ela, eram estranhos para os quais estava a ser despachada.

Aprendera a sua lição. Sam era um homem horrível, um miserável, e arrependia-se de ter sequer olhado para ele. Não tencionava voltar a cometer um erro daqueles. Mas por muito mal que se tivesse portado, não compreendia por que razão achavam os vizinhos que tinham o direito de a julgar. Não prejudicara nenhum deles, e estava capaz de apostar que todos tinham, como ela, feito na vida qualquer coisa de que se envergonhavam.

No passado, quando sonhava sair de Russell, imaginara sempre os amigos e a família, em lágrimas, a acenarem-lhe do cais. E também sempre pensara que se alguma vez voltasse, seria um regresso alegre e triunfante. Agora, porém, sentia que todos sussurrariam «vai pela sombra» quando partisse, esperando nunca mais voltar a vê-la.

Miss Quigley sempre dissera que era desafiadora, e foi isso que decidiu ser naquele momento. Ia comportar-se como se estivesse desejosa por partir porque Russell era demasiado pequena para ela. Talvez, se conseguisse representar suficientemente bem, acabasse por acreditar também nisso e deixasse de ter medo.

Sozinha no seu quarto, à noite, no entanto, dava por si a chorar. Ia ter saudades de Noel e de Alexis; por muito que de vez em quando eles a irritassem, amava os irmãos. Quanto à mãe, ao pai e a Mog, não conseguia imaginar como seria a vida sem os ver todos os dias. Para quem se voltaria, quando estivesse assustada ou se sentisse sozinha? Toda a gente comentava a sua confiança, mas, e se ela a abandonasse quando chegasse a Inglaterra?

– Acho que estás a ser muito corajosa – disse-lhe o pai uma manhã, quase como se lhe tivesse lido os pensamentos. – Tenho a certeza de que estás um pouco preocupada por ires para o outro lado do mundo sem nós, mas vais adorar, Mari. Além de ficares a conhecer Londres, tenho a certeza de que o tio Noah te vai levar também a França. Tem uma casa perto de Marselha que já foi minha. Imagina ver todos os lugares de que eu e a tua mãe te falámos!

Mariette sempre quisera que o pai se orgulhasse dela, e se a única maneira de conseguir que isso acontecesse era parecer corajosa, então era o que tinha de fazer. Por isso não se lançou nos braços dele e não lhe disse que não suportava a ideia de não ir velejar e pescar com ele, o que era verdade. Em vez disso, forçou um sorriso e disse como desejava ver o Palácio de Buckingham, a Torre de Londres, o rio Sena e a Torre Eiffel, e que estava grata pela oportunidade que lhe era dada.

Mog desenterrou do fundo de uma mala um grosso casaco de lã com gola de pele de raposa que levava de Inglaterra e começou a desmanchá-lo com a ideia de o arranjar para Mariette. A mãe descobriu um pedaço de feltro castanho para fazer um chapéu a condizer, e mostrou-lhe as bonitas penas com que tencionava enfeitá-lo.

Marcaram-lhe passagem num navio que partia de Auckland para Inglaterra a 18 de dezembro, no pino do verão, mas que chegaria ao seu destino em pleno inverno.

Sempre ficara um pouco confusa quando ouvia os imigrantes ingleses queixarem-se de que a Nova Zelândia estava de pernas para o ar, de como tinham saudades das grandes fogueiras e da neve e do gelo do Natal em casa. Os pais nunca o faziam. Na realidade, costumavam rir das pessoas que se esforçavam desesperadamente por manter as tradições europeias, incluindo a carne assada ao jantar e o pudim de Natal, quando a temperatura ultrapassava os trinta graus.

A família festejava sempre o Natal com um piquenique especial na praia, onde nadavam e jogavam críquete. E apesar de Mog lhes contar muitas vezes histórias da aldeia mineira no País de Gales onde nascera, nunca se pareciam com as imagens dos cartões de Natal que chegavam de Inglaterra, cheias de neve muito branca e pura, trenós puxados por cavalos e mesas carregadas de comida. As histórias de Mog eram relatos sombrios que falavam de comer um magro guisado de coelho, de uma aldeia coberta de

pó de carvão, de homens e mulheres que eram velhos aos trinta e cinco anos devido à miséria e ao excesso de trabalho.

Mog sempre dissera que fazia muito mais sentido festejar o nascimento de Cristo num lugar quente, porque Cristo nascera em Belém e Belém era um lugar quente. Adorava colher flores e ervas silvestres para enfeitar a casa, e pendurava no alpendre dúzias de lanternas de papel pintadas com cores alegres. Quando anoitecia, o pai acendia as velas que estavam lá dentro e era uma coisa mágica sentarem-se no exterior com os vários vizinhos que apareciam. Todos os anos a mãe dizia que era muito melhor do que os Natais em Inglaterra.

Mariette não se importava de perder o Natal em Russell – provavelmente não seria menos divertido no navio – mas preocupava-a um pouco a possibilidade de o inverno inglês ser muito mais frio do que aquilo a que estava habituada ali na Ilha do Norte. Mog e a mãe tinham muitas vezes falado, no passado, de nevoeiros tão densos que não se via um palmo à frente do nariz, e do gelo que se formava do lado de dentro dos vidros das janelas, e apesar de ambas terem tido o cuidado de lhe explicar como a casa do tio Noah seria quente e confortável, continuava a sentir-se um pouco apreensiva.

Para afastar do pensamento estas insistentes preocupações, Mariette dedicou-se a ajudar a fazer as novas roupas de que ia precisar.

Era excitante estar a fazer o género de roupas que nunca teria oportunidade de usar em Russell. Semanas antes, Noah mandara a Mog algumas revista de moda inglesas, e agora ela estava no seu elemento, a decidir que vestidos e casacos podia copiar. Encontrou uma encantadora renda creme no baú onde guardava os tecidos. Ia servir para um vestido de noite, e havia também um crepe lilás que pregueava maravilhosamente. Mas Mariette tinha dúvidas a respeito do pano de lã aos quadrados que Mog planeava usar para fazer um fato: parecia-lhe mais adequado para Miss Quigley, a professora.

– De moda percebo eu – disse Mog num tom de reprovação ao notar o ar desdenhoso de Mariette. – Mrs. Simpson usou um fato exatamente igual ao que vou fazer para ti pouco antes de o rei ter abdicado. Ninguém era mais elegante do que ela, apesar de nenhum de nós aprovar o casamento. Vais descobrir que as mulheres inglesas se preocupam muito mais com o seu aspeto do que as daqui, e têm regras a respeito do que vestem. Não se sai à

rua sem chapéu, ou de pernas nuas, nem mesmo no verão. Quando formos a Auckland para nos despedirmos de ti, vamos ter de comprar meias e luvas. Mas quando chegares a Inglaterra, a Lisette ajuda-te nessas coisas; é muito chique, como seria de esperar de uma francesa.

A 12 de dezembro, dois dias antes da data marcada para Mariette sair de Russell, Belle acordou cheia de dúvidas a respeito de mandar a filha para tão longe.

Tinham decidido que Mog e Étienne a acompanhariam no vapor até Auckland enquanto ela ficaria em casa com os rapazes. Uma vez em Auckland, Mog trataria de comprar o que faltava das coisas de que Mariette ia precisar em Inglaterra. Étienne estava muito mais preparado do que ela para se certificar de que a filha e a respetiva bagagem embarcavam no navio certo e a horas. Além disso, ser-lhe-ia menos penoso despedir-se dela ali em casa do que ficar a acenar-lhe no cais de Auckland.

– Sinto-me como me senti em França, quando me enfiaram naquela carruagem para me levarem até ao navio que partia para Nova Iorque – confessou a Étienne. – E se eu me sinto assim, como deve a Mari estar a sentir-se?

Étienne tinha-se levantado para se vestir, mas ao ouvir a ansiedade e a tristeza na voz de Belle sentou-se na cama ao lado dela e abraçou-a.

– O caso da Mari não tem nada a ver. Para começar, tu tinhas passado por um autêntico inferno antes daquele dia – disse. – Além disso, não fazias a mínima ideia de para onde ias ser levada. E eras muito mais nova do que a Mari. Eu e a Mog vamos acompanhá-la, e ela vai para uma casa onde será tão amada como aqui. E a Mari sabe montes de coisas sobre Inglaterra. Está pronta para nos deixar, Belle. Russell já não lhe chega, quer um novo começo. Tens de deixá-la ir. Podemos falar com ela pelo telefone da padaria, de vez em quando. Não está a ser vendida, como tu foste; é livre de construir uma vida excitante, que a satisfaça.

– Mas e se rebenta a guerra? Pode ficar lá retida – argumentou Belle, com lágrimas na voz.

A sombra que passou pelas feições de Étienne disse-lhe que o marido estava tão apreensivo e triste com a partida da filha como ela. Mas era feito de um material mais duro, e nunca o admitiria.

– O Noah não faria piadas a respeito de o governo mandar cavar trincheiras em Hyde Park e começar a armazenar sacos de areia se achasse que iam na verdade ser precisos – disse Étienne, num tom firme. – Diz que o Hitler não quer lutar contra a Inglaterra. Além disso, se estiver enganado, ou se as coisas mudarem, porá a Mari no primeiro navio de regresso a casa.

– Tens a certeza? – perguntou Belle.

– Como é que podes sequer perguntar isso, Belle? – disse Étienne. – Já esqueceste tudo o que ele fez por nós no passado? Se não fosse ele, nunca mais teríamos voltado a ver-nos. Isso não te diz que estamos a pôr a nossa filha nas melhores mãos possíveis?

– Sim, claro. – Belle suspirou. – Mas não consigo deixar de me preocupar.

– Não deixes que a Mari o veja – avisou ele. – Está desejosa de ir, e devemos despedir-nos dela com alegria, ou vai acabar por ficar tão ansiosa como tu. Vamos preparar um piquenique e sair no barco, para lhe dar uma coisa boa para recordar.

Horas mais tarde, ao leme do barco de pesca, Étienne lançou um olhar de soslaio a Mariette. Como sempre que estava a bordo, não saiu de junto dele, a aguardar ansiosa o momento em que o pai lhe entregaria o leme. Alexis e Noel estavam sentados à popa, com Belle e Mog. Ainda não tinham desenvolvido a paixão da irmã mais velha pelo mar. Mantinham-se silenciosos, muito mais entusiasmados com a perspectiva de chegar à praia para o piquenique do que com o passeio de barco.

Era de dias como aquele que ia ter mais saudades quando Mari estivesse longe. Era a única da família que gostava tanto de pescar, nadar e velejar como ele. Alguns dos melhores momentos que tinham passado juntos tinham sido na baía, a voar sobre a água no pequeno bote, com o vento no cabelo molhado de espuma.

A partida da filha punha-lhe uma dor no peito. Tão parecida com ele, quando era mais novo: determinada, dura e por vezes implacável, traços de carácter que lhe tinham sido úteis mas que não condiziam com a feminidade. Esperava fervorosamente que Noah e Lisette a encorajassem a usar a sua perspicácia e a controlar a exuberância e a força de vontade inatas.

Belle fora bela com a idade de Mari, com cabelos negros e encaracolados, lábios cheios e macios e olhos da cor do céu no verão, protegidos por pestanas densas e compridas. Tinha esse género de beleza esmagadora que fazia toda a gente voltar-se para olhar para ela.

Em comparação, Mari era apenas bonita, com os seus cabelos da cor de um *penny* novo, as maçãs do rosto bem definidas e o queixo pequeno e bem desenhado. Os olhos tinham a mesma forma e cor que os de Belle, mas ela usava-os para mirar as pessoas com um olhar gelado, como ele próprio fazia. No entanto, adivinhava que dentro de alguns anos se transformaria numa autêntica beldade. Esperava que, por essa altura, ela já tivesse adquirido confiança e aprumo e a noção do seu próprio valor. A ideia de outro homem a submeter à sua vontade gelava-lhe o sangue nas veias.

– Foi um dia perfeito – disse Belle enquanto Étienne a ajudava a embarcar, ao fim da tarde. Mog foi a seguir, a arregaçar a saia para não a molhar.

Tinham acendido uma fogueira na praia e assado salsichas e *bacon*. Os rapazes e Mariette tinham brincado no mar enquanto Mog dormitava em cima de uma manta. Belle e Étienne tinham construído um imponente castelo de areia que depois os miúdos decoraram com conchas.

Os rapazes de quinze e catorze anos são, por natureza, pouco dados a sentimentalismos. Ambos tinham, com uma absoluta falta de tato, perguntado se podiam ficar com o quarto de Mariette quando ela se fosse embora. Alexis dissera, dias antes, que não ia ter saudades das implicações da irmã, e das discussões que ela provocava. Noel estava mais interessado em rãguebi e em críquete do que em pensar se ia ou não ter saudades dela.

Mas ambos se tinham mostrado menos barulhentos e argumentativos durante todo o dia, de modo que talvez não estivessem assim tão desejosos de vê-la pelas costas como os seus cortantes comentários podiam dar a entender.

– É disto que vou ter saudades... a seguir a todos vocês, claro – disse Mariette, abarcando com um gesto da mão o mar turquesa e o verde muito vivo das árvores que desciam mesmo até à beira da água. A pequena praia de areia era um lugar escondido que ela gostava de pensar que mais ninguém conhecia ou visitava.

– Também há mar à volta de toda a Inglaterra – disse Mog. – Mas tenho de admitir que não é muito azul. É quase sempre cinzento, e muito frio. Foi por isso que nunca aprendi a nadar.

– Mas há coisas muito bonitas em Inglaterra que não temos aqui – acrescentou Belle. – Há castelos, palácios e pequenas aldeias muito mais bonitos do que qualquer coisa que exista na Nova Zelândia. Em Londres, vais ver lojas tão magníficas que vais pensar que é preciso ser alguém importante para lá entrar. E também há comboios que circulam por baixo do chão. Quando eu e a Mog de lá saímos, havia muito mais cavalos do que carros ou camionetas, e poucas pessoas tinham eletricidade em casa, mas agora tudo isso mudou. Nem te vais reconhecer, a acender uma luz com toda a facilidade, ou a abrir uma torneira e sair água quente. Quando ficámos no apartamento que o Noah tinha, no fim da guerra, as divisões eram todas quentinhas porque havia uma grande caldeira na cave que aquecia a água dos irradiadores de todo o prédio. Tenho a certeza de que na casa onde vive agora há de ser igual. E não é preciso sair de casa para ir à sanita.

Étienne ligou o motor e, enquanto o barco se dirigia para águas mais profundas, Mariette perguntou se toda a gente em Inglaterra tinha casas como a do tio Noah.

– Infelizmente, não – respondeu Belle. – Ainda há muita gente a viver naquilo que eles chamam pardieiros, com uma torneira e uma sanita no pátio partilhada por todos os moradores, mas tu nunca irás a esses lugares. O tio Noah vive numa zona muito bonita de Londres.

– Quero ver a cidade inteira, não só os lugares onde vivem os ricos – declarou Mariette. – Quero ir à zona onde vivias quando eras pequena.

– Suponho que o Noah há de mostrar-te o Ram's Head, que era do meu Garth – disse Mog. – A casa onde vivíamos quando a tua mãe era pequena foi destruída por um incêndio, mas há lá perto um grande mercado de frutas, legumes e flores chamado Covent Garden. Não acredito que tenha mudado muito desde o nosso tempo; o cheiro das flores é de cortar a respiração. Era o lugar preferido da tua mãe.

Só imaginar Mariette em Seven Dials encheu Belle de ansiedade. Não queria que a filha tropeçasse nas verdades mais sombrias a respeito do que a vida em tempos fora para ela e para Mog. Noah sabia tudo, claro, mas ela

tinha a certeza de que nunca revelaria fosse o que fosse deliberadamente. Mas e se Mariette insistisse e ele deixasse escapar qualquer coisa?

Mog captou-lhe o olhar. Como sempre, detetou no mesmo instante a tensão, e era perita em despoletá-la.

– Não vais gostar dessa parte de Londres, é tudo muito triste e sujo – disse. Mas se quiseses ver Trafalgar Square e St. James Park, fica tudo ali perto. E depois há o rio Tamisa, que é um regalo para os olhos, tão largo, com tantos barcos. E a Torre de Londres, onde costumavam encarcerar os fidalgos por traição, é um pouco mais à frente.

Belle suspirou de alívio quando Mariette se pôs de pé e se foi juntar a Étienne ao leme. Só esperava que Noah fosse tão bom como Mog a desviar conversas de terrenos perigosos.

*

Muito mais tarde, quando estavam na cama, Belle perguntou ao marido se não receava que Mariette importunasse Noah com perguntas a respeito do passado dos dois.

– Porque haveria de o fazer? – Étienne pareceu surpreendido pela pergunta. – Aos dezoito anos, achamos que qualquer pessoa com mais de quarenta é velha e aborrecida. E mesmo que ela perguntasse, ele limitar-se-ia a dizer-lhe que me conheceu em Paris, onde tu estavas a aprender a fazer chapéus. O Noah é esperto, há de saber muito bem como ser vago.

– Espero que sim – disse Belle.

Étienne dirigiu-lhe um sorriso compreensivo.

– Talvez um dia, quando a Mari for mais velha e mais experiente, possamos contar-lhe a história toda, se ela quiser ouvi-la.

Belle decidiu que ele tinha razão e aninhou-se-lhe nos braços.

– Foi um dia maravilhoso. Foi bom ver a Mari a brincar com o Alexis e o Noel. Parecia muito descontraída.

– E porque não havia de estar? Está prestes a embarcar numa aventura. Temos de confiar que saiba cuidar de si mesma.

– Só queria ter a certeza de que há de voltar para nós – sussurrou Belle. – Olha para a quantidade de pessoas que conhecemos aqui e cujos filhos foram para a Austrália, para a América ou para a Europa e nunca mais voltaram.

– Se ela encontrar a felicidade em Inglaterra e quiser lá ficar, então que assim seja – disse Étienne. – Prefiro que viva longe de nós e feliz a que esteja connosco e infeliz. Tenho a certeza de que pensas o mesmo.

– Suponho que sim – suspirou Belle. – Mas não quero pensar nisso, faz-me ficar demasiado triste.

Mariette ficou contente quando se ouviu o anúncio a pedir a todos os visitantes que não iam viajar no *SS Rimutaka* que abandonassem o navio. Custava-lhe muito ver Mog e o seu papá tão tristes e emocionados por causa da partida dela. Sabia-se à beira de ceder e desfazer-se em lágrimas, e sabia que isso só os faria sentir ainda pior.

Quando naquela manhã, na pensão, vestira o vestido amarelo com o bolero a condizer que Mog fizera para ela e pusera na cabeça, inclinado para um lado, o pequeno e atrevido chapéu de tule e cetim às riscas brancas e amarelas, sentira-se uma estrela de Hollywood. Tinha até uns sapatos novos, com os modernos saltos Louis, e um baú cheio de roupa nova e excitante. Mas um novo guarda-roupa não compensava deixar a família; nunca lhe daria o conforto e a segurança que os seus entes queridos davam.

– Porta-te com juízo – disse Mog, num tom de aviso, pela vigésima vez naquele dia, enquanto limpava os olhos com um lenço de renda que já estava encharcado. – Ou eu vou até lá e ralho-te.

Mog envolveu-a num abraço apertado. Como sempre, cheirava a água-de-colónia com aroma a alfazema – um cheiro que Mariette sempre associaria a casa. Aquele dia fora a primeira vez que notara que Mog estava a ficar velha; estava calor, e achara-a ofegante e hesitante no andar. Quando retribuiu o abraço, pensou em como seria horrível se Mog morresse antes de ela voltar a casa, e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

– Não trabalhes demasiado, Moggy – conseguiu dizer. – Já é mais do que tempo de descansares.

Mog agarrou-a pelos ombros, com as lágrimas a correrem-lhe pela cara, e olhou para ela.

– Deixa-me olhar bem para ti uma última vez, meu tesouro – disse, com a voz quebrada pela emoção. – Vais estar no meu coração e nas minhas orações. Escreve-nos sempre. Prometes?

Mariette só conseguiu assentir com a cabeça e voltou-se para o pai. Chocada, viu que também ele tinha lágrimas nos olhos. Escondeu a cara no peito dele, e o abraço do pai quase a esmagou.

– Não sei encontrar as palavras certas para dizer o que significas para mim, Mari – sussurrou ele. – Tudo o que posso dizer é que é como o vento na baía quando saímos no bote, ou fisgar um grande espadarte, ou os

primeiros morangos do ano. Tens de aproveitar ao máximo esta viagem a Inglaterra, e saboreá-la. Mas pensa antes de agires, e escuta a tua consciência. E regressa a salvo para junto de nós, quando estiveres pronta.

Mariette sentiu mais do que viu os beijos dele nas faces, e o derradeiro apertar das suas mãos, porque estava cega pelas lágrimas.

Mog pareceu-lhe tão pequena e vulnerável enquanto descia a prancha, apoiada ao pai, a caminho do cais. Até o pai, que sempre julgara indestrutível, parecia menos ágil, menos forte. Todo o seu ser queria correr atrás deles e dizer que não podia deixá-los, que também os amava, mas era demasiado tarde. Os motores do navio começaram a funcionar, os marinheiros estavam a retirar a prancha de embarque e dentro de minutos zarpariam.

Por isso agarrou-se com força à amurada e acenou, apenas um dos seiscentos passageiros do navio, que tinha capacidade para oitocentos. Muitos deles choravam na despedida aos entes queridos, outros estavam muito excitados com a perspectiva de uma viagem a Inglaterra, e havia algumas famílias, de aspeto pobre e ar triste, que não tinham ninguém a quem acenar. Calculou que eram pessoas que, por não terem conseguido refazer a vida na Nova Zelândia, tinham decidido voltar a casa. Estranhamente, foi com aquelas famílias que mais se identificou; calculou que, naquele instante, havia em Russell pessoas a coscuvilhar a seu respeito e a recordar umas às outras que o pai perdera dinheiro na vinha e que a mulher já estava grávida no dia do casamento.

Dizer adeus à mãe e aos rapazes fora horrível. Só Peggy e Don, os donos da padaria, tinham ido despedir-se dela ao cais do vapor. Regra geral, a vila inteira aparecia nestas ocasiões, e esta ausência sublinhava bem a que ponto se desgraçara a si mesma e à família. Vira a ansiedade e a dor gravadas no rosto da mãe e soubera que, apesar de tentar parecer contente e feliz diante da filha, iria para casa chorar. E nem sequer teria o marido e Mog para a consolarem. Até os rapazes pareciam tristes, e tinham-na abraçado e beijado sem que fosse preciso mandá-los, e tinham-lhe recordado que tinha de mandar postais de todos os lugares que visitasse.

Até àquele momento, enquanto o navio se afastava lentamente do cais, não tivera bem a noção de que estava de facto a deixar a Nova Zelândia – estivera meio à espera que acontecesse qualquer coisa que o impedisse –, mas via agora como, a cada segundo que passava, aumentava a distância

que a separava de terra. Acenou com gestos ainda mais frenéticos, apesar de já não conseguir distinguir as feições de Mog ou do pai. Só via os chapéus, o de Mog azul-escuro com uma fita branca, e o pai agitava o panamá com uma mão e um lenço com a outra. Dentro de dias seria Natal, e um novo dilúvio de lágrimas inundou-lhe as faces ao pensar nos irmãos a abrir as prendas sem que ela lá estivesse para partilhar a excitação.

«Hei de voltar», prometeu a si mesma. «Não com o rabo entre as pernas, mas bem-sucedida e triunfante. Vão ver.»

O navio começava a ganhar velocidade e as pessoas no cais já mal se viam. Era tempo de ir arrumar as suas coisas no camarote que partilharia com outra rapariga solteira.

Enquanto se dirigia à escada que descia até aos camarotes, Mariette fez um esforço para se recompor. Não ia ser um bebé e chorar, porque o sonho que alimentara durante anos de ver o mundo estava a tornar-se realidade. Ia cruzar o equador, passar de um hemisfério para outro, até ao lugar de que os pais e Mog tantas vezes falavam.

Claro que, nos seus devaneios a respeito daquela aventura, se imaginava sempre com alguém a seu lado, não a fazê-lo sozinha. Podia ter roupas novas para usar, dinheiro para gastar e pessoas à sua espera em Southampton, mas era tudo muito assustador.

Encontrou o camarote sem dificuldade, porque o pai a levara até lá quando tinham chegado ao navio. Quando vira como era minúsculo – dois beliches, com pouco mais de meio metro de espaço ao lado – compreendera porque fora necessário guardar as roupas para a viagem numa pequena mala e deixar o baú ir para o porão.

Mal abriu a porta, percebeu que a sua companheira de camarote parecia não saber disto, pois todo o chão estava coberto de roupas espalhadas. Avançando com cuidado por entre a desordem, viu uma rapariga de cabelos escuros deitada no beliche inferior, com a cara enterrada na almofada, a chorar.

– Olá – arriscou. – Vamos ser companheiras de camarote.

– Não há espaço para as duas, é do tamanho de um caixão – disse a rapariga, com a cara ainda enterrada na almofada. – Quem me dera estar morta.

Ver outra rapariga prostrada pelo desgosto teve em Mariette um efeito galvanizador. Por muito que lhe apetecesse trepar para o seu beliche e chorar por deixar a família para trás, o choro da rapariga pareceu-lhe ridículo, e decidiu que não ia imitá-la.

— Isso é uma parvoíce, quando estamos a menos de quilómetro e meio da costa — disse. — Também estou triste por deixar a minha família, mas não vale a pena afundares-te no desgosto.

Ao ouvir isto, a rapariga voltou a cabeça e pousou em Mariette uns olhos vermelhos e inchados. Parecia ter vinte e quatro ou vinte e cinco anos.

— Quem és tu para dizer que me estou a afundar no desgosto? — perguntou, agressiva.

— Tens as tuas coisas espalhadas por todo o lado, e parece-me que seria muito mais sensato arrumá-las antes de te deitares aí cheia de pena de ti mesma. Também tenho de partilhar este camarote.

— Não há aqui espaço para uma pessoa, quanto mais para duas. Não é aquilo a que estou habituada.

— É natural que não, a menos que tivesses passado a tua vida toda num barco. — Mariette começava a ficar irritada. — Vais ter de guardar algumas destas coisas numa mala e deixar o criado de bordo levá-las para o porão.

— Preciso de tudo — disse a rapariga, alarmada. — Não vou mandar nada para parte nenhuma.

Mariette fez uma pequena pausa. Não gostava dos ares superiores da rapariga, ou sequer do seu aspeto. Era grande, e tinha a cara salpicada de manchas. Mas não queria começar aquela viagem com uma discussão.

— Como te chamas? — perguntou.

— Stella Murgatroyd.

— Bem, eu chamo-me Mariette Carrera, geralmente conhecida como Mari. Ora bem, Stella, vamos passar várias semanas juntas neste camarote. E, como tu fizeste notar, não há muito espaço. O que significa que vai ter de estar arrumado. Há uma gaveta debaixo de cada beliche, um armário muito estreito para pendurar coisas e duas prateleiras. É melhor começares a arrumar as tuas coisas, senão eu vou pisá-las quando arrumar as minhas.

— Quem julgas tu que és? — Stella levantou-se do beliche. Era vários centímetros mais alta do que Mariette e estava tão perto que os seus grandes seios quase lhe tocavam. — Não consinto que uma criança me diga o que fazer.

– Desculpa, tu é que te estás a comportar como uma criança – replicou Mariette, indignada. – E uma criança muito mal-educada, ainda por cima. Põe a tua mala no teu beliche, dobra a tua roupa e arruma-a. – Inclinou-se, apanhou do chão um braçado de roupas e atirou-o para cima do beliche. – Estamos a começar mal. Arruma as tuas coisas, e então talvez possamos ir tomar uma chávena de chá e tornar-nos amigas.

Ao ouvir isto, a rapariga franziu a cara toda e começou a chorar.

– Tu não compreendes – disse, por entre os soluços. – Eu não quero ir para Inglaterra. Mas eles obrigaram-me.

Mariette começava a sentir-se claustrofóbica naquele pequeno espaço; a tentação de sair dali para fora e deixar aquela criatura lamurienta desenvencilhar-se sozinha era grande. Mas a mãe sempre lhe tinha ensinado que devia ajudar os mais pequenos e menos capazes do que ela. A rapariga não era com certeza mais pequena, mas parecia incapaz de fazer fosse o que fosse sozinha.

– Tudo bem, deixemos isso por enquanto. Lava a cara e vamos tomar um chá, e podes contar-me a história toda. Que tal?

Stella nem sequer sabia como baixar o lavatório articulado; ficou a olhar com uma expressão aparvalhada até que Mariette lhe mostrou como funcionava. Como não dava sinais de saber onde estavam as toalhas, Mariette molhou o canto de uma das suas e limpou-lhe a cara como faria a um dos irmãos.

– Assim está melhor – disse. – Talvez haja por aí alguns marinheiros jeitosos. Não queres que te vejam com a cara cheia de manchas, pois não?

No salão, uma hora e duas chávenas de chá mais tarde, Mariette ficou a saber a razão do desgosto de Stella. Tinha vinte e quatro anos, os pais tinham morrido, vítimas da gripe espanhola, em 1919, quando tinha cinco anos, e ela, o irmão e a irmã mais velhos tinham ido viver com os avós, em Wellington. Quando o avô morrera, deixara algum dinheiro aos três irmãos. O irmão e a irmã tinham partido para Inglaterra, deixando-a a ela, então com quinze anos, a viver com a avó.

– Tencionava ir para Inglaterra e juntar-me a eles quando fizesse vinte e um anos e recebesse o meu dinheiro – disse Stella. – Mas a avó adoeceu pouco antes disso, e eu não podia deixá-la. Passei quase três anos a fazer

tudo por ela, e foi horrível, nem sequer sei dizer-te como foi mau. Mas então ela morreu, há uns meses, e eu, em vez de poder continuar em casa dela e voltar a ter uma boa vida, descobri que ela tinha deixado a casa e o dinheiro ao meu tio, e ele queria que eu saísse de lá. Nunca fez nada de nada pela mãe, quase nunca a visitava, e não quis saber do que pudesse acontecer-me.

Mariette ouviu esta história com uma certa dose de ceticismo. Pelo que Stella lhe dissera, a casa da avó era grande, com vários criados, pelo que era muito pouco provável que fosse só ela a tratar da doente. No pouco tempo decorrido desde que conhecera Stella, já aprendera o suficiente para perceber que a rapariga tivera uma vida privilegiada. Talvez a avó achasse que uma vez que ela já recebera a herança do avô, devia construir a sua própria vida, como os irmãos tinham feito.

– Vais então ter com o teu irmão e a tua irmã a Inglaterra? – perguntou.

– Era esse o meu plano – respondeu Stella. – Mas o meu irmão escreveu há dias a dizer que, embora possa ficar com ele algumas semanas, vou ter de arranjar um emprego e um sítio onde viver. Não sei como é que vou fazer isso, nunca trabalhei.

Mariette teve de fazer um grande esforço para reprimir um sorriso trocista.

– Podias arranjar trabalho como governanta, uma vez que tens experiência de tratar da tua avó – sugeriu.

– Oh, não, não podia servir ninguém – disse Stella, horrorizada. – Não fui criada para isso.

Enquanto fazia conversa de circunstância sobre o navio e alguns dos outros passageiros, Mariette estudava Stella. A rapariga não era nenhuma beldade, tinha toda a graça de uma carroça, e o vestido azul-claro, ainda que obviamente de boa qualidade, era antiquado – mais adequado para alguém da idade de Mog do que para uma rapariga de vinte e quatro anos. Mas os cabelos, presos num desleixado rolo, eram escuros e brilhantes, e os olhos cor de avelã eram bonitos. Agora que as manchas vermelhas da cara estavam a desaparecer, Mariette reparou que também tinha uma boa pele.

O broche que tinha preso ao vestido parecia ser de safiras e diamantes verdadeiros, e o anel com uma opala rodeada por diamantes que usava no dedo devia ter vindo da avó. Por tudo aquilo, Mariette calculou que as outras roupas dela deviam ser bastante melhores.

Mog costumava falar de quanto gostava de revelar o verdadeiro potencial das mulheres quando fazia vestidos para elas, e ocorreu a Mariette que naquela longa viagem haveria maneiras piores de passar o tempo do que a tentar transformar aquele patinho feio, se não num cisne, pelo menos numa mulher mais atraente.

– Bem, Stella, estamos condenadas a viver uma com a outra durante seis semanas. Acho que devíamos dedicar esse tempo a melhorarmo-nos, talvez aprendendo coisas novas ou conhecendo pessoas que sejam muito diferentes de nós, mas primeiro temos de resolver a questão do camarote e das tuas roupas. E como eu sou boa com roupas, deixa-me decidir por ti o que vai ter de ir para o porão.

Se Mariette esperasse partilhar o camarote com uma jovem divertida, como ela, teria ficado desapontada com Stella. Felizmente, esperara ter por companheira uma velha solteirona que passasse o tempo a queixar-se de tudo e mais alguma coisa, de modo que, em comparação, Stella até nem era assim tão má.

Era preguiçosa, lenta e muito inexperiente, mas Mariette depressa descobriu que era fácil levá-la a fazer tudo o que quisesse.

Começou com as roupas. Passou-as em revista, separou as que eram adequadas ao tempo quente e guardou as restantes. Dois dias mais tarde, tinha convencido Stella de que os seus cabelos ficariam muito mais bonitos se os usasse soltos, e, tendo descoberto que havia uma cabeleireira entre os passageiros, persuadiu-a a cortá-los à altura dos ombros. Foi um triunfo: no mesmo instante, Stella passou a aparentar a idade que tinha, em vez de parecer uma mulher a aproximar-se rapidamente da meia-idade.

– A avó dizia que a única ocasião em que uma mulher podia usar os cabelos soltos era no quarto, com o marido – disse Stella, a mirar-se no espelho, desconfiada.

– Isso acabou com o afundamento do *Titanic* – informou-a Mariette. – Todos os teus vestidos são demasiado compridos, não deviam passar do meio da perna, de modo que vamos encurtá-los.

Por muito satisfatório que fosse transformar Stella, isso não a impedia de ter saudades. Assaltavam-na por vagas, quando via outra passageira abraçar um filho, ou quando uma refeição lhe lembrava a casa dos pais. Havia um

oficial que, visto de costas, era igualzinho ao pai; sempre que o via caminhar pelo convés, tinha um sobressalto. E à noite, no seu beliche, tinha saudades de a mãe ou Mog lhe irem aconchegar as mantas.

Durante o jantar do dia de Natal, ficou muito contente ao ver um dos criados sorrir galantemente a Stella e demorar a servi-la um pouco mais do que seria necessário. Não era nada de especial, com trinta e poucos anos e um início de calvície, mas era uma prova de que a saia mais curta do vestido de veludo vermelho de Stella e o seu novo penteado estavam a resultar.

Quando acordara naquela manhã, sentira-se muito triste ao imaginar a excitação de Alexis e Noel ao abrirem as prendas – tanto que até chorara um pouco. Mas embora Stella não substituísse a família, ver a sua nova amiga sorrir-lhe de olhos brilhantes por ter finalmente conseguido um pouco de atenção masculina ajudou-a a sentir-se um pouco menos marginalizada e sozinha.

Os primeiros dez dias da viagem foram agradáveis e tranquilos. Gostava de não ter ninguém a mandá-la fazer isto ou aquilo, ou a ralhar com ela por não ajudar em casa o suficiente. Tinha Stella por companhia, e apesar de a rapariga ser nervosa e um pouco *snob* e de as duas terem muito pouco em comum, conseguia sempre pô-la a fazer o que queria. Preguiçavam ao sol, jogavam *quoits* no convés, ou cartas no salão, falavam com os outros passageiros. E quando se fartava de pessoas, Mariette passava o tempo a ler ou a olhar para a vastidão do oceano.

Mas mesmo para alguém que gostava do mar tanto como ela, depressa se tornou monótono olhar dia após dia para a mesma paisagem azul de mar e céu. Lá aparecia de vez em quando um bando de golfinhos para quebrar a mesmice, e, muito de longe em longe, outro navio à distância, mas, com a repetição, até estes avistamentos acabaram por tornar-se cada vez menos interessantes. Aborrecia-se, o tempo passava demasiado devagar e ela queria fazer exercício – nadar, velejar ou apenas passear. Podia, claro, dar voltas ao convés, mas pensou que isso daria com ela em doida.

Também deu por si a ficar irritada com muitos dos passageiros, que não faziam outra coisa senão queixarem-se da Nova Zelândia. Só uns poucos ingleses a bordo voltavam para visitar parentes; a maioria regressava porque não tinha sido feliz na Nova Zelândia. Alguns tinham perdido os empregos e o dinheiro durante a Depressão, outros achavam a agricultura

uma vida demasiado dura, e havia aqueles que tinham emigrado convencidos de que iam adorar os grandes espaços abertos, só para descobrirem que tinham saudades das multidões das cidades inglesas. Foi uma desilusão para Mariette descobrir que tantas daquelas pessoas eram apagadas e tímidas, quando esperara que fossem ousadas e aventureiras.

A passagem do equador foi assinalada com a cerimónia que a mãe e Mog lhe tinham descrito. Um marinheiro vestido de Neptuno foi regado com água e então outros membros da tripulação fingiram barbeá-lo com um pincel e uma navalha enormes. Os passageiros que nunca tinham atravessado o equador, incluindo Mariette e Stella, foram mergulhados numa celha com água e receberam um certificado de passagem da linha.

Foi pouco depois de terem passado o equador que Stella e muitos outros passageiros começaram a enjoar. Mariette não foi minimamente afetada e não tinha grande paciência para aqueles que foram. Insistia em dizer a Stella que se sentiria muito melhor se subisse ao convés e apanhasse um pouco de ar fresco, mas a rapariga não lhe dava ouvidos e deixava-se ficar deitada no beliche, cada vez mais doente. O cheiro a vomitado parecia ter impregnado o camarote – por vezes, Mariette mal conseguia suportá-lo –, mas porque Mog lhe dissera que devia ser generosa e ajudar os que se sentissem mal, cuidava, ainda que de má vontade, de Stella, lavando-lhe a cara e as mãos, escovando-lhe os cabelos e despejando a bacia quando necessário.

Stella recuperou quando chegaram ao canal do Panamá, e a novidade de passarem pelas comportas e verem terra ali tão perto fez com que Mariette passasse o dia inteiro no convés, a observar. Mal podia esperar que chegassem à Venezuela, onde o navio faria uma escala de dois dias em Curaçao e os passageiros teriam oportunidade de ir a terra.

Um dia antes de chegarem a Curaçao, Mariette adoeceu. Esteve de perfeita saúde até cerca de uma hora depois do almoço, e então, de repente, começou a arder em febre, a língua pareceu inchar-lhe na boca e uma espécie de urticária espalhou-se-lhe pelo corpo todo. Sentia-se tão mal que ficou contente quando Stella chamou o Dr. Haslem, que a levou para a enfermaria. Ouviu-o dizer a Stella que podia ser sarampo e que teria de ficar em isolamento, sem quaisquer visitas.

Soube-lhe bem estar ali naquela sala fresca, e poder dormir. Na manhã seguinte, mal se apercebeu de que os motores do navio tinham parado, nem quis saber quando ouviu o bater de pés e o som de vozes excitadas lá em cima no convés, quando os passageiros desembarcaram. Devia ter dormido todo o dia, pois quando voltou a dar por si era outra vez noite lá fora e ouvia, muito fraco, o som de música, que presumiu vir do porto. Durante todo esse tempo, teve vagamente consciência de um homem com sotaque inglês que entrava e saía, a fazia beber água, lhe dava medicamentos para tomar e lhe punha qualquer coisa fresca na testa. Mas apercebeu-se de muito pouco mais.

Quando voltou a abrir os olhos, entrava um raio de sol pela vigia. Demorou um ou dois instantes a lembrar-se da razão por que estava naquela minúscula sala branca, e onde estava. Com gestos cuidadosos, sentou-se na cama e serviu-se de um pouco de água do jarro pousado na mesa de cabeceira. A língua parecia ter voltado ao tamanho normal, já não tinha febre e, ao examinar os braços, viu que a urticária desaparecera.

Não fazia ideia de quanto tempo estivera na enfermaria, mas uma vez que o navio não se movia, não podia ter sido mais de dois dias. Levantou-se da cama para usar o bacio, e olhou pela vigia. Infelizmente, estava voltada para o lado do mar e tudo o que conseguiu ver foi alguns pequenos barcos, na sua maioria semelhantes a canoas, tripulados por homens de pele castanha ou negra em tronco nu.

Tinha desejado muito ir a terra, e estava exasperada por ter perdido a oportunidade. Olhou para a camisa de algodão que vestia e percebeu que lhe tinham levado as roupas, mas quando tentou abrir a porta para as ir procurar, descobriu que estava fechada à chave.

Apesar de saber que a medida se destinava apenas a impedir que qualquer outro passageiro entrasse ali e se expusesse à infecção, nem por isso deixou de se sentir abandonada e prisioneira.

Enquanto voltava para a cama, resignada a esperar que aparecesse alguém, sentiu o estômago protestar com fome. Ao cabo de meia hora a ouvir os barulhos das suas entranhas, e desejosa por ao menos uma chávena de chá, tornou a levantar-se e começou a bater na porta e a chamar.

– Espere, vou buscar a chave – disse do outro lado uma voz de homem.

– Estou cheia de fome – gritou ela. – Já não estou doente. Quero sair daqui.

– Está bem, não vale a pena exaltar-se – respondeu ele. – Volte para a cama que eu vou ver se encontro o médico.

O sotaque era inglês, e como todos os membros da tripulação que conhecera até ao momento eram neozelandeses, ou italianos, ou de outras nacionalidades europeias, pensou que devia ser o mesmo homem que tratara dela desde que a tinham levado para ali.

Ao cabo de mais uma espera interminável, a porta foi aberta pelo Dr. Haslem, um homenzinho muito magro com um grande nariz e óculos de aros de tartaruga.

– A que se deve esta barulheira toda? – perguntou, aparentemente muito aborrecido por o terem ido chamar.

– Já estou boa – disse ela, sentando-se na cama. – E cheia de fome. Quero voltar para o meu camarote.

O médico fechou a porta e começou por examinar-lhe a cara. Depois pegou-lhe num dos braços, e depois no outro.

– A urticária desapareceu – disse, e enfiou-lhe um termómetro na boca. Enquanto esperava pelo resultado, observou-lhe as pernas e as costas. Então, recuperando o termómetro, anunciou que a temperatura estava normal. – É óbvio que não foi sarampo – disse. – Deve ter sido uma reação a qualquer coisa que comeu. Mas antes de sair vai ter de ingerir algum alimento, e então verei como está.

– Mas se sabe que não é contagioso, não posso voltar para o meu camarote, ou pelo menos subir ao convés? – perguntou ela. – E podem devolver-me as minhas roupas?

Com alguma relutância, o médico acedeu a pedir ao criado de bordo que lhe levasse as roupas e uma refeição. Mas disse-lhe que ia ter de fazer uma

dieta ligeira nos próximos dias, e que não fosse a terra.

– Se começar a sentir-se outra vez doente, volte imediatamente para aqui – disse.

Pouco tempo depois de o médico ter saído, a porta da enfermaria voltou a abrir-se e o criado de bordo entrou transportando uma bandeja com comida. Durante todo o tempo que passara à espera, Mariette não pensara noutra coisa senão em comida, mas ver o criado de bordo inglês que acabava de entrar fê-la esquecer a fome.

A sua aparência com Errol Flynn, o ator de Hollywood, era incrível, com cabelos negros penteados para trás e uma cara arrasadoramente bonita, com dentes brancos e perfeitos e uns olhos escuros que cintilavam. Quando ele sorriu, Mariette viu que tinha uma covinha funda no queixo.

– Não é bem um banquete – disse ele, enquanto lhe entregava a bandeja.
– Mas mandaram-me trazer-lhe qualquer coisa leve. É bom vê-la com melhor aspeto. Esteve bastante mal. Estava muito preocupado consigo.

Não foi só o físico dele que a afetou. A voz fê-la lembrar-se de casa, porque o sotaque era bastante parecido com o de Mog e da mãe, e o timbre profundo como o do pai. Mariette olhou para a omeleta pálida e a tigela de arroz-doce. Se outra pessoa qualquer lhe tivesse levado aquilo, talvez tivesse sido sarcástica, mas entregue pelas mãos dele pareceu-lhe o néctar dos deuses.

– É ótimo, obrigada – disse, e corou por saber que ele a tinha visto no seu pior absoluto, e só podia esperar que a febre não a tivesse levado a dizer qualquer coisa estúpida. – Não vai a terra?

– Não, tenho de ficar a bordo para o caso de mais alguém adoecer.

– É uma pena. Queria tanto ir a Curaçao. E tenho a certeza de que o mesmo acontece consigo.

– Já cá estive outras vezes. Não tem muito que se lhe diga. Só iria embebedar-me, e pode ser difícil lidar com pessoas doentes depois de uma noite de pândega.

– Está cá mais alguém que precise dos seus cuidados?

– Não, só a menina. Ficou toda a gente curada, por milagre, quando o barco entrou no porto. Mas estávamos preocupados consigo. Esteve mesmo muito mal. Tem a certeza de que se sente bem agora?

– Nunca estive melhor – respondeu ela. – Importa-se de ir buscar as minhas roupas, para eu poder voltar ao meu camarote?

– Vou tratar disso enquanto come. Volto já.

Ao sair da enfermaria, Mariette reparou na calma e no silêncio que reinavam no navio. Não se sentia o trepidar dos motores, não havia passageiros a andar de um lado para o outro. A maior parte da tripulação parecia ter também ido a terra. Tomou um duche, arranjou o cabelo e vestiu um vestido de verão às riscas azuis e brancas que, achava ela, lhe realçava a esbelteza da cintura. Era, além disso, suficientemente curto para exhibir as pernas, que, diziam as pessoas, tinha muito bonitas. E então voltou à enfermaria.

Enquanto comia o almoço, o atraente criado de bordo fizera-lhe companhia. Dissera-lhe que se chamava Morgan Griffiths, tinha vinte e cinco anos e havia seis que estava na Marinha Mercante. Também lhe dissera que tinha tido o azar de ir parar ao serviço da enfermaria. Mas rira ao dizê-lo, de modo que ela acreditara que na realidade até gostava.

A meio da conversa, dissera que o seu dia ia arrastar-se, pois não haveria nada que fazer até os passageiros começarem a voltar, lá para o fim da tarde. E ela tivera a certeza de que era uma sugestão para que voltasse.

E tinha obviamente sido, porque o rosto dele iluminou-se quando ela passou a porta.

– Não está já doente outra vez, espero? – disse ele.

– Não, pensei que apreciasse um pouco de companhia.

– Estava a preparar-me para ir lá para cima e sentar-me ao sol a fumar um cigarro – disse ele, a apontar para as escadas estreitas que davam acesso ao convés. – Ouço chamar, se alguém precisar de mim.

Morgan era uma das pessoas de trato mais fácil que ela alguma vez conhecera. A conversa fluiu entre os dois a respeito de tudo e mais alguma coisa. Ele disse-lhe que queria deixar a Marinha Mercante porque estava farto de estar às ordens de toda a gente.

– Espere até que deixemos o porto e as coisas comecem a pôr-se feias no Atlântico – acrescentou, com um profundo suspiro. – O enjoo vai atacar praticamente toda a gente. Regressar a Inglaterra não costuma ser tão mau como sair, porque a maior parte das pessoas já tem alguma experiência, mas nesta viagem há muitos estreantes. Vão todos convencer-se de que estão a morrer, e vai ser o inferno.

Foi vago a respeito do seu passado, limitando-se a dizer que tinha passado uma parte da infância em Londres.

– Era para ser mecânico, tenho jeito para essas coisas, mas, sabe-se lá porquê, meteu-se-me na cabeça que queria vir para o mar. Estaria mais feliz na sala das máquinas, mas puseram-me como criado de bordo. Se continuo nisto muito mais tempo, ainda dou em doido. Quero um trabalho de homem a sério.

– Se a guerra rebentar, vai tê-lo – disse ela. – Pode alistar-se na Royal Navy.

– Deus me livre! – disse ele, com uma gargalhada. – Já é mau andar no mar semanas seguidas às ordens de toda a gente, mas debaixo de fogo e com muito poucas probabilidades de escapar seria ainda pior. Mas gostava de ir para o exército, se me deixassem conduzir camiões ou tanques.

Mariette não conseguia imaginá-lo num trabalho em que se sujasse. Ficava tão bem com o seu casaco branco imaculado, o seu cabelo tão impecável como se acabasse de sair do barbeiro. Pensou que era o homem perfeito – era simpático e bonito – e adorava a maneira como ele lhe fazia perguntas sobre a família e a vida na Nova Zelândia com genuíno interesse. Tudo o que conhecia da Nova Zelândia era Auckland, mas tinha ouvido dizer que a Baía das Ilhas era muito bonita e esperava poder lá ir um dia. Também queria saber o que ia ela fazer em Inglaterra, e falou de lugares que achava que devia visitar.

– O mais certo era o seu pai e o seu tio em Inglaterra quererem rachar-me a cabeça por sugerir isto, mas penso que além de ver todas as atrações turísticas, o Palácio de Buckingham e a Torre de Londres e tudo isso, devia também ir ao East End de Londres – disse, com aquele seu grande e adorável sorriso. – Dar-lhe-ia uma visão mais equilibrada do que a Inglaterra e os Ingleses são na verdade. Pode ser esquelético e sombrio, mas também é vibrante e real. Vivemos lá durante algum tempo quando eu estava a crescer, e aprendi mais do que alguma vez aprendi na escola. Não vai aprender grande coisa em St. John's Wood. Aí gira tudo à volta do dinheiro e posição social.

Havia coisas em Morgan que lhe faziam lembrar o pai, que sempre estivera inabalavelmente do lado dos mais fracos, não fazia vénias às pessoas só porque eram ricas e influentes e também tinha aquele profundo interesse pelos outros que Morgan parecia partilhar.

Mas sentia que, como o pai, Morgan não era homem que conviesse irritar. Toda a sua vida, Mariette ouvira as pessoas de Russell comentarem este facto a respeito de Étienne. Davam a entender que podia ser perigoso – na realidade, Peggy costumava dizer, na brincadeira, que noutros tempos teria sido um pirata. Ficava sempre confusa ao ouvir estes comentários, porque achava o seu papá absolutamente perfeito. Era forte, protetor, carinhoso e compreensivo. Mas quando soubera da ferocidade com que espancara Sam e como o obrigara a sair de Russell, compreendera que era aquela a face do pai que os outros sempre tinham adivinhado.

Crescera a ouvir rapazes gabarem-se de como eram duros, mas quando postos à prova, quase sempre falhavam. Morgan não dissera nada que desse a entender que era um duro – pelo contrário, quando falava de cuidar de pessoas doentes, muitos poderiam até pensar que era uma pessoa sensível –, mas ela detetava nele um núcleo mais rijo. E pelo pouco que ele dissera a respeito da sua infância, adivinhava que fora difícil, como a dos seus próprios pais.

Sabia que não devia sequer estar a pensar num homem tão pouco tempo depois de se ter escaleado com Sam. E no entanto, estar sentada num recanto do convés à luz quente do sol, só a conversar, parecia-lhe a coisa mais natural e inofensiva do mundo. Ele não estava a tentar seduzi-la.

A conversa acabou abruptamente quando uma tonitruante voz vinda lá de baixo chamou:

– *Griffiths!*

Morgan levantou-se de um salto e atirou o cigarro borda fora.

– É o tenente Hoyle. Tenho de ir – sussurrou. – Não desça até à enfermaria. Dê a volta pelo convés, ou serei castigado por socializar com os passageiros. Até breve.

Beijou o indicador e tocou-lhe com ele na face antes de desaparecer escada abaixo.

Quando Stella voltou, ao fim da tarde, no escaler do navio, trazia o rosto vermelho, queimado pelo sol. Enquanto se vestia para o jantar, não parou de falar, animada, sobre o seu dia. Tinha-o passado na companhia de três casais que Mariette achava serem as pessoas mais aborrecidas a bordo. Pelo que Stella lhe disse, tinham ficado afrontados pela esqualidez do porto, pelo número de marinheiros bêbedos e pelas raparigas nativas, muito novas, que pareciam estar a vender-se.

– Nunca tinha visto uma coisa assim – repetia Stella. – Os homens pressionavam-nos para que comprássemos coisas, e disseram-me coisas tão atrevidas que teria tido muito medo se estivesse sozinha.

Mariette sentiu uma pontada de inveja por não ter visto nada daquilo. O barco ficara ancorado tão longe do porto que não conseguira distinguir quaisquer pormenores, só tivera a provocante sensação de que era um lugar colorido e animado. Por outro lado, se pudesse ir, nunca teria conhecido Morgan.

Stella não se calou durante uma hora, e só quando se lhe acabou o fôlego se lembrou de perguntar como estava a amiga.

– Oh, meu Deus! – guinchou. – O que tu deves ter pensado de mim por ter ido a terra estando tu tão doente!

– Agora já estou melhor – respondeu Mariette, seca. Achava que, por vezes, Stella conseguia ser insuportavelmente lamechas. – O médico diz que deve ter sido uma reação a qualquer coisa que comi.

– Mrs. Jago disse o mesmo, ontem – concordou Stella. – A irmã fica doente se comer qualquer coisa que tenha amêndoas.

Mariette conteve uma resposta mais dura. Stella não podia deixar de ser influenciada por pessoas como Mrs. Jago, que estavam convencidas de que sabiam tudo. Mas ficaria magoada se ela lho dissesse.

– Desconfio que foi aquele prato picante que comi ao almoço – acabou por dizer. – Sabe Deus o que lá estava! Achei o sabor um pouco estranho, e uma hora mais tarde estava doente.

– Trouxe uma coisa para ti – disse Stella, tirando da bolsa um lenço colorido. – Esperava que ainda estivesses na enfermaria e pensei que ia animar-te.

O lenço era em vários tons de azul, e muito bonito. Por muito irritante que conseguisse ser, Stella era uma alma generosa. Mariette abraçou a rapariga mais velha e disse que o lenço lhe recordaria sempre aquela viagem, como perdera a oportunidade de ver Curaçao, e a sua querida amiga.

– Ao princípio achei que não nos íamos dar bem – disse Stella, a brilhar não só do escaldão mas também de satisfação pelo elogio. – Achei que eras um pouco dura, mas afinal não és. És tão mole como eu.

Mais tarde nessa noite, depois do jantar, Mariette foi para o convés e foi até ao lugar onde tinha estado com Morgan, na esperança de tornar a vê-lo. O navio deixaria o porto cedo na manhã seguinte. Um dos criados de bordo de serviço no salão dissera-lhe que muitos dos tripulantes continuavam em terra, mas ela não acreditava que Morgan tivesse ido com eles.

Estava uma bela noite, muito amena, e uma lua quase cheia projetava uma faixa de prata na superfície escura do mar. Ouvia alguém tocar «Puttin’ on the Ritz» no piano do salão, mas do cais chegava-lhe o som de uma música menos suave, instrumentos de sopro a tocarem qualquer coisa animada que a fazia querer dançar.

Sabia que dentro de dias começariam a encontrar um tempo muito mais frio e tempestuoso. Mas ali, onde o calor era como uma suave carícia nos seus braços nus, tornava-se difícil imaginar que não tardaria a ter de abrir o baú para procurar roupas de lã, o casaco que Mog fizera para ela e as meias grossas.

– À minha procura?

A voz de Morgan fê-la voltar-se da amurada a que se tinha apoiado.

– Devia dizer que não, que estava só a passar – disse, com uma gargalhada. – Mas o Morgan saberia que não era verdade.

– A verdade é que já subi e descí aqueles degraus uma dúzia de vezes esta noite na esperança de que aparecesse – respondeu ele, e sorriu. – Dentro de poucos dias estará demasiado frio para vir até cá fora. Nessa altura não será fácil vê-la.

Conversaram um pouco. Morgan disse que a enfermaria ainda estava deserta, mas que ele e as duas enfermeiras que lá trabalhavam tinham estado a preparar tudo para a avalanche que sabiam que ia acontecer dentro

de dois ou três dias. Mariette contou-lhe como Stella tinha regressado com a cara bronzada e como ficara chocada com a imundície e o barulho do porto.

– Nesse caso não havia de gostar do Cairo – riu ele. – Estive num navio que aportava lá um par de vezes por ano. Isso sim, faz Curaçao parecer e cheirar a paraíso. Não é um lugar para gente de estômago fraco, mas eu adorei.

– Que espécie de música estão a tocar no porto? – perguntou Mariette. – Gosto. É muito animada, e faz-nos querer dançar.

– *Jazz*. Nunca tinha ouvido?

– Não. Em Russell, temos um piano e um senhor que toca violino nos bailes, e de vez em quando surge um visitante que tem uma guitarra ou um acordeão. As pessoas têm gramofones, claro, mas os discos são quase todos de música clássica ou de ópera. No rádio ouvimos música popular, mas nunca ouvi nada parecido com isto.

– O *jazz* é basicamente música dos negros – explicou ele. – Adoro, e ouvi dizer que há uns clubes noturnos no Harlem, em Nova Iorque, onde os melhores músicos vão tocar. Também há em Londres alguns lugares onde se pode ouvir *jazz*, mas o *swing* é muito mais popular, grandes bandas com montes de metais, e cantores. Tem raízes no *jazz*, e é mais fácil de dançar. Mas já deve ter ouvido.

Mariette assentiu com a cabeça.

– Sim, acho que sim, no rádio. Mas isto é muito diferente.

– Os músicos improvisam; é como se fossem inventando a música à medida que a tocam. O *jazz* daqui é diferente do que se ouve na América ou em Inglaterra, porque tem raízes sul-americanas e das Índias Ocidentais.

– Parece que gosta mesmo de música. Toca algum instrumento?

– Piano – disse ele. – Mas não sou muito bom. Quando vivíamos no East End de Londres, a senhora que morava por baixo de nós tinha um piano, e ensinou-me. Talvez um dia, quando assentar num sítio qualquer de uma maneira mais permanente, arranje um piano e volte a tocar.

– E onde assentaria? – perguntou ela.

Ele riu.

– Como quer que responda a isso, Mariette? Tudo pode acontecer. Estou sempre a entrar e a sair de portos; de alguns gosto, de outros mal posso esperar por sair de lá. O sítio de onde vem parece perfeito, mas

provavelmente não conseguiria ganhar a vida lá. Em todo o caso, se formos para a guerra, terei de alistar-me. E quem sabe aonde irei parar? Posso até não sobreviver.

– Não diga isso! – ralhou ela. – Acha mesmo que vai haver guerra?

– Julgo que não há a mais pequena dúvida a esse respeito. Os oficiais estão todos convencidos disso; alguns deles serviram na última guerra, e sabem reconhecer os sinais.

– Mas o meu tio Noah foi correspondente de guerra na última e disse que não vai acontecer nada.

Morgan olhou para ela com uma expressão grave.

– Nesse caso, julgo que está a enterrar a cabeça na areia. Porque aqueles que sabem dizem que a questão que se põe não é se vai haver guerra, mas quando.

– Oh, Céus! – exclamou Mariette. – Ninguém na Nova Zelândia acreditava que as coisas chegassem verdadeiramente a isso.

– Não faça esse ar tão triste – disse ele, e levantou-lhe o queixo com a ponta do dedo para poder olhá-la nos olhos. – Faça como eu. Pense na aventura. A guerra pode criar oportunidades e como eu disse, tudo pode acontecer.

Mariette voltou a experimentar a familiar sensação de tontura quando olhou para os olhos escuros dele.

– És suficientemente bonita para fazer qualquer homem perder a cabeça, Mariette – disse ele, com um sorriso. – Achas que um beijo pode traçar a minha sorte para sempre?

Ela lambeu os lábios, nervosa, sem saber se devia chegar-se mais, ou se ele estava só a provocá-la.

– Não sei – sussurrou.

– Então vamos descobrir – disse Morgan e, segurando-lhe a cara com ambas as mãos, baixou os lábios para os dela.

As palavras «Tudo pode acontecer» ecoaram na cabeça de Mariette enquanto a língua dele lhe entrava na boca, e sentiu arrepios descerem-lhe pela espinha. Passou os braços à volta do pescoço de Morgan e perdeu-se na delícia sensual daquele beijo.

O beijo prolongou-se e, enquanto as respirações de ambos se tornavam ofegantes, Morgan deixou deslizar as mãos até às nádegas dela e puxou-a mais para si. Mariette sentiu a ereção dele através das roupas. Apesar da

vozinha que, no fundo da cabeça, lhe recordava ao que aquilo podia levá-la, não tinha forças para recuar.

– Gostava de poder levar-te para a enfermaria, mas tenho medo de que apareça alguém – murmurou ele ao ouvido dela, entre beijos apaixonados.

– Não me atrevo a ir tão longe. Posso engravidar – sussurrou ela em resposta.

Ele afastou-se ligeiramente, com uma expressão ofendida.

– Não deixaria que isso acontecesse, tenho camisinhas – disse, com uma nota de indignação.

Mariette teve de presumir que uma caminha era o mesmo que um preservativo, uma coisa que a mãe referira antes de ela partir para Auckland.

– É demasiado cedo – disse, a tentar parecer que estava a falar a sério. – Mal te conheço.

Morgan sentou-se num banco e puxou-a para o colo.

– Nesse caso vamos ter de arranjar tempo durante o resto da viagem para nos conhecermos melhor – sussurrou, e beijou-lhe o pescoço, fazendo eriçar todos os pelos do corpo dela. – Gosto muito de ti, Mariette. Era capaz de me sentir tentado a abandonar o navio em Inglaterra para ficar contigo.

– Não podes fazer isso – disse ela. – Além disso, duvido que o meu tio me perca de vista. Aposto que os meus pais lhe escreveram a dizer para me manter debaixo de olho.

– Há sempre maneiras. – Morgan sorriu-lhe. – Andas na linha durante uns tempos para lhe ganhar a confiança, e então... – Calou-se, deixando-a imaginar como poderia escapar. – Mas é verdade que não posso abandonar o navio no fim desta viagem. Seja como for, precisas de descobrir se gostas de mim o suficiente para te arriscares comigo.

Mariette já estava convencida de que arriscaria fosse o que fosse para estar com ele, mas ficou satisfeita por Morgan não estar a apontar-lhe uma arma à cabeça só para poder aproveitar-se dela.

Estavam a recomeçar a beijar-se quando uma voz vinda da enfermaria o chamou aos gritos.

– Tenho de ir – disse ele, com um ar muito desapontado. – Tenta encontrar-te aqui comigo amanhã ao meio-dia.

Mariette voltou ao camarote como se flutuasse nas nuvens. Stella já estava deitada, com uma espessa camada de creme branco a cobrir-lhe toda

a cara.

– Foi Mrs. Jago que mo deu – explicou. – Diz que é tão bom que de manhã o escaldão já terá desaparecido. Onde estiveste? Procurei-te por todo o lado.

– No convés, a olhar para o mar. – Mariette queria falar de Morgan à amiga, mas receava que ela contasse a outra pessoa e a notícia se espalhasse por todo o navio. – Estive a pensar que amanhã, depois de partirmos de Curaçao, é melhor irmos buscar roupas mais quentes – disse, para mudar de assunto. – É melhor não esperarmos até estar frio a sério, porque por essa altura és capaz de estar outra vez enjoada.

Dois dias mais tarde, o mar tornou-se picado e as nuvens acastelaram-se. Ao princípio, bastava um casaco de lã para estar no convés, mas depressa as pessoas começaram a usar roupas pesadas, e os jogos de convés foram esquecidos.

Mariette queria sentir-se excitada por estar a chegar a Inglaterra. Mas a única coisa em que conseguia pensar era que, quando a viagem acabasse, não poderia continuar a ver Morgan. Tinham passado duas horas sentados ao sol junto às escadas que davam acesso à enfermaria no dia seguinte a terem largado de Curaçao, mas ele avisara-a de que, muito provavelmente, era a última vez que teria mais do que alguns minutos para estar com ela.

Tal como ele previra, mal o tempo piorou a enfermaria começou a ser um local muito concorrido. Não só por causa do enjoo, mas também de quedas nos conveses molhados e em escadas, e havia até passageiros que caíam dos beliches. Embora isto significasse que podiam encontrar-se no convés sem muito receio de serem vistos, a verdade era que o frio e a chuva não convidavam a grandes demoras ao ar livre.

Os momentos que partilhavam, no entanto, eram muito doces. Morgan era tudo o que Sam nunca fora; enfiava as mãos por baixo do casaco dela e abraçava-a e beijava-a, mas nunca era grosseiro e tinha sempre em atenção o conforto e a reputação dela, em vez de tentar arrastá-la para um canto escuro. Gostava de conversar e de rir, e dizia muitas vezes que o que mais desejava era que pudessem ir para o salão juntos beber confortavelmente um chá. Mas ao passo que os oficiais do navio estavam autorizados, e eram

até encorajados, a conviver com os passageiros, o mesmo não acontecia com a tripulação.

Cada vez que se encontravam, a paixão incendiava-se entre os dois. Mariette começou a ter dificuldade em comer e dormir, de tanto pensar nele. À noite, ficava deitada no seu beliche a tentar imaginar como seria se ele abandonasse o navio em Inglaterra. Mas sabia que não passava de uma fantasia, porque ele explicara-lhe que tinha de fazer pelo menos mais uma viagem de regresso à Nova Zelândia, e isso significava mais de três meses antes que tivesse oportunidade de voltar a vê-lo.

Além disso, ele não estava a dizer o género de coisas que ela queria ouvir – que escreveria, que mal seria capaz de esperar para voltar a vê-la. Com a recordação de Sam ainda a assombrar-lhe os pensamentos, receava ser apenas uma diversão numa longa viagem, e que na seguinte ele arranjasse outra rapariga.

Como Mariette já esperava, Stella voltou a enjoar mal o tempo piorou. Mas daquela vez foi muito mais grave: a cara dela ficou verde como sopa de ervilhas, e não parava de vomitar. Mariette viu-se obrigada a cuidar dela, uma vez que todos os criados de bordo estavam assoberbados de trabalho. Às horas das refeições, o salão de jantar estava quase vazio, tantos eram os passageiros doentes.

– Deves ter água salgada nas veias – brincou Morgan, porque ela nunca era minimamente afetada, por muito mau que o mar estivesse. – Até alguns dos tripulantes adoeceram.

– Acho que é por ter andado metida em barcos quase desde que aprendi a andar – respondeu ela. – Mas estou a ficar muito cansada de cuidar da Stella. Passo a noite inteira a subir e a descer do meu beliche, a mudar-lhe a cama, a lavá-la. E o cheiro no camarote é horrível.

– Na enfermaria é o mesmo – disse Morgan. – Quem não está enjoado quando lá entra, depressa fica.

No dia seguinte, Stella estava quase inconsciente, e Mariette assustou-se tanto que pediu a um dos criados de bordo que chamasse o Dr. Haslem. Quando entrou no camarote, o médico ficou alarmado ao ver o estado de desidratação a que Stella chegara e decidiu mandá-la imediatamente para a enfermaria, para ser posta a soro.

– Trate de dormir um pouco enquanto ela lá estiver, minha menina, ou não tarda está também doente – disse a Mariette, antes de Stella ser levada numa maca.

Mariette retirou os lençóis sujos de Stella, refez a cama, limpou o camarote e trepou para o seu próprio beliche, grata pela trégua.

Instantes mais tarde, o som de alguém a entrar no camarote acordou-a. Mas já era noite, de modo que devia ter dormido bastante tempo.

– Quem é? – perguntou.

– Eu, o Morgan.

Mariette acendeu a luz.

– A Stella está pior? – perguntou.

– Não, está muito melhor, agora que lhe enfiaram alguns líquidos no corpo. Mas eu acabei o meu turno, e pensei que ficasses feliz por me ver.

– E estou. Mas não quero que arranjes problemas – disse ela. Estava um pouco chocada por ele ter corrido um risco tão grande. Os dois criados de bordo que se ocupavam dos passageiros naquele pavimento eram homens já de alguma idade e nada do género de fazer vista grossa a uma tão flagrante violação das regras.

– Tu vales todos os riscos – afirmou ele, encostando-se ao beliche dela para a beijar. – De qualquer modo, desde que saia antes de nascer o dia, ninguém saberá. Posso ficar?

Ela hesitou apenas um instante. Mas depois de tantas noites deitada naquele beliche a imaginar como seria estar com ele, como podia repeli-lo agora?

– Não temos de fazer nada, se não quiseres – disse ele, enquanto despiu o casaco branco, a camisa e as calças. – Só quero abraçar-te.

Mas no instante em que Morgan se enfiou debaixo das mantas e a rodeou com os braços, e ela sentiu o peito nu dele contra o seu, Mariette soube que ia quebrar o voto que fizera na Nova Zelândia de nunca mais voltar a fazer sexo antes de casar.

Ele beijou-a muito ternamente, e quando lhe despiu a camisa de noite e começou a chupar-lhe os mamilos, ela desejou-o demasiado para o fazer parar.

Compreendeu, enquanto Morgan a acariciava e beijava, que era assim que fazer amor devia ser, e não tinha qualquer semelhança com o sexo animal que conhecera com Sam. Estava completamente perdida na delicadeza do

toque dele, a adorar a maneira como explorava com os dedos os seus lugares mais secretos, acariciando-a de uma maneira que lhe lançava espasmos de delicioso prazer por todo o corpo.

O beliche era tão estreito que não havia espaço para se mexerem, mas mesmo assim ele conseguiu pô-la em posições que tornavam mais fácil lambê-la e chupá-la. Mariette mal podia acreditar que um homem fosse capaz de enfiar a língua no seu sexo, e que pudesse ser tão excitante. Explodiu num orgasmo, e deve ter gritado, porque ele tapou-lhe a boca com uma mão.

– Sabes maravilhosamente bem – disse Morgan. – E vou fazer-te isto muitas mais vezes, porque adoro ouvir-te gemer.

– Tenho de ir – sussurrou Morgan muito mais tarde. – Olha, está a clarear!

Mariette olhou para a vigia e viu que ele tinha razão. Em vez de um círculo de escuridão, estava agora cinzenta. Não tinham dormido um minuto que fosse; quando não estavam a fazer amor, tinham-se aconchegado um ao outro e falado em murmúrios. Fora maravilhoso, e Mariette sentiu que ele estava tão relutante em deixá-la como ela em vê-lo ir.

– Duvido que voltemos a ter uma oportunidade como esta – disse ele, enquanto se libertava dos braços dela e descia do beliche para se vestir. E temos de ter muito cuidado para que ninguém saiba de nós. Não estou muito preocupado por mim e pelo meu emprego. Mas se chega aos ouvidos de um dos oficiais, qualquer um deles é bem capaz de contactar o teu tio.

Mariette sentiu um frémito de medo percorrer-lhe o corpo.

– Não iam fazer uma coisa dessas, pois não?

Morgan fez uma careta.

– Já aconteceu, no caso de raparigas muito novas a viajar sozinhas. Aham que é o seu dever moral.

– Mas voltarei a ver-te em Inglaterra? – perguntou ela, nervosa, debruçando-se da beira do beliche para lhe despentear os cabelos. Tinha a sensação de que ele estava a tentar dizer-lhe que aquilo era o fim.

– Tenho de ser sincero contigo, Mari – disse ele, pegando-lhe na mãos para lhe beijar os dedos. – Não posso prometer-te seja o que for neste

momento por causa do meu trabalho. Mas prometes-me que esperarás por mim? Não te ponhas a pensar que desapareci para sempre se não souberes de mim durante algum tempo. Escrever-te-ei quando puder. E da próxima vez que voltar a Inglaterra, voltaremos a encontrar-nos.

Acabou de se vestir, beijou-a mais uma vez e saiu, escapulindo-se tão silenciosamente que ela nem ouviu o estalido do trinco da porta.

Mariette estava demasiado exausta para tentar analisar o que Morgan lhe dissera, demasiado ensonada para sequer se sentar na cama e endireitar as roupas. Foi acordada, mais tarde, por Alfred, o criado de bordo, que batia à porta.

– Está bem, Miss Carrera? – perguntava o homem.

Desceu do beliche, vestiu a camisa de noite e um robe, e abriu a porta.

– Receei que estivesse doente quando não a vi aparecer para o pequeno-almoço – disse Alfred. Era um homem corpulento, de meia-idade e um pouco picuinhas, mas tinha sido muito bondoso e prestável para as duas.

– Estou ótima. Só um pouco cansada – respondeu ela. – Hoje escusa de se preocupar com o camarote.

– Não ia ter tempo, de qualquer modo – disse Alfred, num tom que sugeria alguma irritação por ver a sua rotina alterada. – Já passa da uma. Se quer almoçar, é melhor ir agora.

Mariette agradeceu-lhe e disse que não tinha fome. Tinha, mas sabia que precisava de tomar um duche antes de se vestir e não se sentia com forças para se apressar.

– Sabe como está Miss Murgatroyd? – perguntou.

O homem abanou a cabeça.

– Com quase todos os passageiros doentes, tenho demasiado que fazer para ir à enfermaria.

Mariette fechou a porta e encostou-se a ela por um instante, enquanto punha um pouco de ordem nas ideias. Tinha o corpo dorido de tanto sexo, e estava ainda muito cansada. Mas quando fechou os olhos e pensou nas coisas que ela e Morgan tinham feito um ao outro, um frémito de deliciosa excitação percorreu-lhe o corpo.

Depois do duche e de se ter vestido, Mariette desceu até à enfermaria para saber da amiga. Uma das enfermeiras disse-lhe que Stella estava bastante melhor e que podia ir visitá-la. Se Morgan estava lá, não o viu.

O rosto de Stella iluminou-se ao vê-la. Apesar de estar ainda muito abatida, a cor voltara ao normal e teve forças para se sentar e falar.

– Julguei que ia morrer – disse, dramática. – Para ser franca, sentia-me tão mal que desejei a morte.

– Vais então poder voltar ao camarote? – perguntou Mariette, na esperança de que não fosse esse o caso.

– Tenho de esperar pela autorização do médico – respondeu Stella. Suspirou, como se esperasse que ele lhe recusasse. – Já viste o criado de bordo que trabalha aqui? É um espanto, e ainda por cima muito gentil. Vale a pena adoecer só para estar perto dele.

– O de cabelos pretos que parece o Errol Flynn? – perguntou Mariette, sabendo muito bem que só podia tratar-se de Morgan.

– Sim, esse – respondeu Stella, com uma expressão sonhadora. – Julguei que estava a delirar quando vi um homem tão bonito a limpar-me a testa. Mas quando ele apareceu esta manhã soube que não tinha sido imaginação minha. É mesmo uma brasa.

Mariette não estava a gostar do rumo da conversa.

– Se estás suficientemente bem para te interessares por um criado de bordo, é porque estás curada – disse. – Queres que venha cá buscar-te mais tarde?

Gostava de saber onde estaria Morgan – passara a noite inteira acordado e devia estar exausto –, mas não podia perguntar. Ir buscar Stella seria a desculpa ideal para voltar mais tarde.

– Não, não te incomodes – disse Stella. – Estou bem aqui. Até gosto, agora que me sinto um pouco melhor.

Mariette saiu da enfermaria e dirigiu-se ao salão. O mar acalmara um pouco, e havia mais gente do que tinha visto nos últimos dias. Conseguiu uma chávena de chá e não tardou a ver-se arrastada para conversas com várias pessoas diferentes que começavam todas por lhe perguntar como estava Stella, naquilo que, depressa percebeu, não passava de uma jogada de abertura para lhe dizerem como elas próprias tinham estado doentes e lhe falarem do que tinham sofrido na Nova Zelândia.

Sentiu-se tentada a recordar-lhes que era neozelandesa e talvez sugerir que o fracasso e a infelicidade que tinham conhecido no país se devera ao facto de serem suficientemente estúpidas para imaginar que aquela nova terra seria igual a Inglaterra. Em casa, ouvira muitas vezes as pessoas troçarem dos imigrantes que não faziam o mais pequeno esforço para se adaptarem e em vez disso passavam o tempo a comparar, sempre em

desfavor, a Nova Zelândia com a sua terra natal. Mas conteve o sarcasmo, sorriu cheia de compreensão e desejou para si mesma que achassem o inverno em Inglaterra muito pior do que se lembravam.

Ao cabo de cerca de uma hora, no entanto, cansou-se de ser delicada e saiu para o convés, na esperança de encontrar Morgan.

O frio era intenso, o céu cinzento e ameaçador, e depois de passar alguns minutos a ver a proa do navio fender as vagas, Mariette, gelada até aos ossos, teve de retirar para o conforto do camarote.

Deitou-se no beliche de Stella e tentou ler, mas os pensamentos teimavam em voltar a Morgan. Seria aquilo o fim para os dois? Talvez fosse verdade o que as pessoas diziam, que depois de conseguirem o que queriam das raparigas, os homens perdiam o interesse. Mas porque havia ele de pedir-lhe que promettesse esperar, se não estivesse a falar a sério?

Aninhada nos seus braços, permitira-se acreditar que ele a queria para sempre, que só teria de fazer mais uma viagem de regresso e depois poderiam estar juntos. Mas mesmo que Morgan estivesse a ser sincero no que dizia, agora que estava sozinha, Mariette via os problemas. O mais certo era o pai ter contado ao tio Noah a respeito de Sam e ter-lhe pedido que a mantivesse com rédea curta em Inglaterra. Mas ainda que não tivesse, era pouco provável que o tio aceitasse receber em sua casa um homem que ela conhecera durante a viagem. Se Morgan fosse um oficial, talvez fosse diferente – Mog dissera-lhe que os Ingleses eram muito *snobs* naquela questão das classes.

Uma pancada na porta arrancou-a com um sobressalto a este devaneio, e saltou do beliche para abrir. Para seu espanto, era Morgan, que entrou rapidamente e fechou a porta.

– Estás a correr um grande risco a vir aqui durante o dia – arquejou ela.

– Tu vales a pena – disse Morgan, e abraçou-a para a beijar. – Duvido que tenhamos oportunidade de voltar a estar juntos antes de chegarmos a Inglaterra, e não queria deixar-te sem saberes o que sinto por ti.

– O que é que sentes por mim? – perguntou ela.

– Não é óbvio? Estou louco por ti. Não me teria arriscado a vir ao teu camarote em pleno dia se não estivesse.

Aquelas palavras dissiparam por completo as dúvidas que sentira momentos antes, e beijou-o apaixonadamente.

Morgan foi o primeiro a afastar-se.

– Preciso de saber que confias em mim – disse. – Não sei dizer-te o dia, nem sequer o mês, em que voltarei a Inglaterra. Não sou bom a escrever cartas, e de qualquer modo o correio pode demorar uma eternidade a chegar. Mas prometes-me que não vais desanimar e esquecer-me? Logo que volte, avisar-te-ei. Tenho a certeza de que as pessoas te vão dizer que os marinheiros têm uma rapariga em cada porto, mas tu serás a única rapariga no meu coração.

– E tu serás o único rapaz no meu – disse ela, emocionada pelas palavras dele. – Vou dar-te a morada do meu tio, para o caso de não voltarmos a ter oportunidade.

Escreveu a morada num pedaço de papel, e ele guardou-o no bolso do casaco branco antes de a deitar no beliche de Stella.

Despiu-lhe a camisola, desabotoou-lhe a blusa, e então beijou-a enquanto enfiava a mão por baixo do decote da combinação para lhe acariciar os seios.

Ela arqueou as costas, e ele respondeu inclinando-se para lhe beijar e chupar os mamilos. Mariette segurou-lhe a cabeça com ambas as mãos, transportada para outro mundo onde nada importava senão as deliciosas sensações que os lábios dele criavam.

Estavam tão embrenhados um no outro que nenhum dos dois ouviu a porta do camarote abrir-se. Só perceberam que não estavam sozinhos quando ouviram uma exclamação abafada.

– O que é isto? – tonitruou a voz irada de Stella.

Morgan deu um salto, batendo com a cabeça no beliche superior e expondo Mariette, que estava nua da cintura para cima.

Estavam tão estupefactos que tudo o que conseguiam fazer era olhar para Stella.

– O que é isto? – repetiu a rapariga, suficientemente alto para ser ouvida por alguém que estivesse no corredor. – No meu beliche! Que coisa nojenta! Não esperava isto de ti, Mariette.

– Calma, Stella – disse Morgan, pondo-se de pé e pousando as mãos nos ombros dela. Mariette puxou a combinação para cima, para tapar os seios, e vestiu a camisola. – Gostamos muito um do outro, só queríamos estar algum tempo juntos.

– É vergonhoso, é o que é – exclamou Stella, afastando-se de Morgan e agitando um dedo na direção de Mariette. – Como pudeste portar-te desta

maneira com um criado de bordo!

– Estaria tudo bem se ele fosse o comandante, suponho? – retorquiu Mariette. – Oh, não faças tanto escândalo, Stella. Não é crime beijar um homem, mesmo que seja um criado de bordo. Ainda esta manhã me dizias que ele era muito gentil e adorável. Tens ciúmes por ele gostar de mim?

– Ciúmes de um comportamento tão impróprio? Acho que não!

– Então, Stella – disse Morgan, apaziguador. – Lamento que tenha assistido a isto, estamos os dois muito embaraçados, como de certeza também está. Estamos ambos muito felizes por já estar suficientemente bem para sair da enfermaria. Mas não esqueça que foi a Mari que cuidou de si durante a maior parte da viagem. Não merece que se volte contra ela só porque nos apaixonámos um pelo outro.

Depois de ouvir estas palavras, já não importava a Mariette o que Stella pensava dela, ou até que o navio inteiro ficasse a saber.

– Queria contar-te – disse. – Mas tu sabes bem que o Morgan teria problemas se algum dos oficiais soubesse. E tu tens estado doente, não era a altura certa para te perturbar com histórias destas, pois não?

Stella continuava a olhar para os dois com uma expressão furiosa.

– Não pensem que vão escapar desta com falinhas mansas – disse. – Vou falar com um dos oficiais.

– Por favor, não faças isso – pediu Mariette, e agarrou-lhe uma mão para a impedir de sair a correr. – O Morgan perderia o emprego, e tem uma mãe viúva para sustentar. Descarrega em cima de mim, se queres, mas deixa-o fora disto.

Stella sacudiu-lhe a mão e empurrou Morgan na direção da porta.

– Saia daqui, e não se atreva a voltar a aparecer. – Abriu a porta. – E pensar que acreditei que era um cavalheiro!

Bateu com a porta depois de ele sair, e Mariette continuou a tentar convencê-la.

– Eu amo-o, Stella. Foi ele que tratou de mim quando estive doente em Curaçao, e passámos a tarde a conhecer-nos um ao outro enquanto estiveste em terra. Ele só veio aqui ao camarote esta tarde porque está demasiado frio para nos encontrarmos no convés. Só queríamos falar e estar juntos. Será assim tão mau?

– Vocês não estavam a falar! – retorquiu Stella, muito vermelha de indignação. – Se eu não tivesse aparecido, ele tinha-se aproveitado de ti.

Enoja-me pensar que foste capaz de fazer uma coisa destas.

Mariette continuou a desculpar-se, quase a suplicar à rapariga mais velha, mas nada do que disse fez qualquer diferença. Stella manteve uma expressão de pedra e repetiu vezes sem conta que estava enojada.

Uma reação daquelas tinha de ser ciúme, mas Mariette não se atreveu a voltar a acusá-la disso com receio de que ela cumprisse a ameaça de ir falar com um oficial. Não estava na sua natureza suplicar fosse a quem fosse, mas soube que daquela vez não tinha outro remédio. Não só para ele poder conservar o emprego, mas também porque ela era uma menor e o comandante podia considerar seu dever contactar o tio e contar-lhe o que sabia. E não podia permitir que isso acontecesse.

– Não queria perturbar-te por nada deste mundo – disse. – Temos sido tão boas amigas, não te voltes contra mim por causa disto. Eu sei que foi errado, mas deixámo-nos entusiasmar.

– Não quero ter mais nada a ver contigo – respondeu Stella, lançando-lhe um olhar capaz de gelar um pinguim. – Não vou denunciar-te, desta vez, mas mantém-te longe de mim durante o resto da viagem.

Ao princípio, Mariette ficou tão feliz por Morgan ter dito que a amava que não se importou se Stella queria ou não ter mais qualquer coisa a ver com ela. Mas ao cabo de apenas um dia a ser ignorada pela amiga, descobriu que afinal sempre se importava. Stella só falava com ela quando não tinha outro remédio, e às refeições sentava-se junto de outras pessoas, ignorando-a.

O frio era insuportável, e Mariette pedia aos Céus que o mar voltasse a encrespar-se para ela poder cuidar de Stella e conquistar o seu perdão. Mas o mar continuou calmo, e Stella continuou bem, e a sua atitude continuou tão gélida como o tempo.

O frio extremo impedia Mariette de subir ao convés na esperança de ver Morgan. Considerou a possibilidade de fingir uma doença para ser levada para a enfermaria, mas concluiu que isso poderia causar ainda mais problemas.

Duas noites antes da data prevista para a chegada a Southampton, porém, embrulhou-se nas roupas mais quentes que tinha e decidiu arriscar. Para sua delícia, Morgan estava junto à porta que dava acesso à enfermaria.

O rosto dele iluminou-se ao vê-la.

– Tenho passado a vida a vir cá acima – disse ele. – Já começava a pensar que a Stella te tinha feito desistir de mim.

– Nunca conseguiria fazê-lo, mas tem sido horrorosa – respondeu Mariette. – Sinto-me completamente indesejada. Não fala comigo, está constantemente a lançar-me olhares furiosos. Estou convencida de que são ciúmes.

– Bem, há muito de que ter ciúmes. És bonita, és boa companhia e tens-me a mim. A propósito, o que foi que te levou a dizer que tenho de sustentar uma mãe viúva?

Mariette riu.

– O desespero. Achei que ela não seria suficientemente cruel para fazer uma viúva passar fome.

Morgan sorriu.

– Gosto de saber que o teu cérebro funciona bem numa emergência.

– Bem, foi também autopreservação. Não queria que ela falasse.

– Da próxima vez que eu voltar a Inglaterra, é melhor fazermos tudo como deve ser. Dizes ao teu tio que eu cuidei de ti quando estavas doente e que quero visitar-te. Achas que ele recusa?

Mariette encolheu os ombros.

– Não vejo porque haveria de recusar, é perfeitamente razoável. Só vou ter de ter cuidado para não parecer demasiado excitada com a perspetiva de te ver.

– Mas vais estar?

Ela olhou para aquele rosto adorável – os olhos escuros e brilhantes, a pele bronzeada e os dentes brancos e perfeitos – e sentiu-se fraca de desejo.

– Sabes que sim – admitiu. – Ninguém estaria aqui num convés gelado se não estivesse seriamente apaixonada.

Foi a última vez que Mariette viu Morgan. Voltou ao convés na noite seguinte, mas ele não estava lá. E de manhã, quando o navio entrou em Southampton, toda a tripulação estava tão ocupada que soube que não valia a pena tentar encontrá-lo.

De pé no convés, embrulhada no casaco castanho e a agarrar o chapéu para que o vento não lho levasse, a primeira impressão que teve de

Inglaterra foi que tinha um ar triste. Era tudo cinzento – o céu, o mar, os edifícios –, e o frio cortava como facas. Mog dissera que, mal março chegasse, veria rebentos verdes nas árvores, narcisos-amarelos nos parques, e o sol brilharia. Mas fevereiro não era claramente um bom mês para ver Inglaterra pela primeira vez.

A bagagem dela estava, com as de todos os outros passageiros, num convés inferior, pronta para ser levada para terra. Quando chegara o momento de deixar o camarote, Stella entrara em pânico porque não conseguia enfiar tudo dentro da mala. Mariette podia tê-la ajudado, mas depois de ter sido ignorada durante tanto tempo, não se sentia nem um bocadinho para aí voltada.

Tinha consigo uma fotografia recente do tio Noah e da tia Lisette. Ele era um homem corpulento, com um início de calvície, e a tia Lisette parecia Mrs. Simpson, a mulher pela qual o rei abdicara. Segundo a mãe, Lisette fora muito bonita quando era nova, com cabelo e olhos escuros. Estava agora na casa dos cinquenta, e os cabelos ondulados começavam a ficar grisalhos, mas continuava bonita. Traria um casaco e um chapéu de peles castanhos, com uma flor vermelha presa à gola para a ajudar a reconhecê-la. Mariette esperava que sim.

As pessoas que enchiam o cais começavam a tornar-se visíveis, mas ainda passaria algum tempo antes que conseguisse distinguir os pormenores dos rostos. O de Morgan estava-lhe gravado na memória, e as suas feições impediam o registo de quaisquer outras imagens. Recordou a covinha no queixo quando ele sorria, a maneira como um dos cantos da boca se encurvava para cima quando fazia uma pergunta, o arco perfeito das sobrancelhas negras. Lembrava-se muito nitidamente do primeiro beijo, mas não do último. Porque seria?

Olhou em redor, na esperança de que ele estivesse algures ali perto, a observá-la. Mas não o viu. Seria verdade que a amava? Gostava de ter a certeza absoluta disso.

Com apenas cem metros de água a separá-los do cais, a tripulação estava a postos, e havia mais marinheiros à espera no molhe. Perscrutou a linha de pessoas que esperavam atrás da barreira. Por enquanto, tudo o que podiam fazer era acenar: os passageiros teriam de apresentar os seus passaportes às autoridades antes de poderem ser recebidos por amigos e familiares.

Não viu ninguém que se parecesse com o tio Noah e a tia Lisette e, num momento de pânico, teve a certeza de que se tinham esquecido dela.

Finalmente, os motores do navio pararam, as amarras foram presas e a prancha de desembarque colocada no seu lugar.

Mariette voltou a olhar em redor, mas continuava a não haver sinais de Morgan, apesar de muitos dos criados de bordo estarem na coberta superior a acenar em despedida.

A única coisa de que Mariette teve consciência, quando se juntou à agitada fila de pessoas que esperavam para mostrar o passaporte, foi do frio cortante. Tinha os pés e as pernas gelados; as meias de algodão que Mog lhe comprara em Auckland não eram proteção contra o cruel assalto do vento.

Havia muitas pessoas, todas a acotovelarem-se e a empurrarem-se, muito barulho e confusão. Deixou-se arrastar por passageiros cujos rostos se lhe tinham tornado familiares ao longo daquelas últimas semanas. Não sabia para onde a sua bagagem seria levada e, se o tio Noah não estivesse à espera dela, não tinha a mínima ideia do que fazer. Então, quando os seus olhos já começavam a encher-se de lágrimas de medo, ouviu alguém gritar o seu nome.

– *Aqui, Mari! Estamos aqui!*

A voz voltou a gritar e, no meio de toda aquela gente, viu um homem com um sobretudo escuro a agitar um chapéu de feltro. Esgueirando-se por entre a multidão, Mariette chegou junto dele, e ele abraçou-a com força.

– Pobrezinha, deves estar cheia de frio e confusa – disse, enquanto a apertava contra o peito. – Bem-vinda a Inglaterra. Pode estar um frio de morte, mas nós estamos encantados por te ver.

Mariette só teve verdadeiramente consciência da presença de Lisette quando ouviu uma voz suave dizer com um claro sotaque francês:

– Não chores, pequenina. Estávamos mortos por te conhecer e mal podemos esperar para te levar para casa.

Foi só depois das dez dessa noite, quando estava deitada no quarto mais bonito que alguma vez tinha visto, que Mariette teve oportunidade de refletir em tudo o que experimentara nesse dia e pôr um pouco de ordem nos pensamentos.

Apesar de saber que o tio Noah se tornara um jornalista e escritor aclamado desde os tempos em que fora amigo do pai, nem por um instante imaginara que vivesse como um milionário, nem que fosse tão terno e amoroso. Desde o primeiro momento, em que ele a abraçara, sentira-se verdadeiramente à vontade.

O carro dele era um *Daimler* preto, conduzido por um *chauffeur* uniformizado chamado Andrews, e como nunca conhecera outra coisa senão carros e camionetas velhos e desconjuntados, ficara espantada com o luxo dos bancos forrados a couro, com o espaço, com o conforto sublime. O tio Noah sentara-se à frente, ao lado de Andrews, mas passara o caminho todo a voltar-se para trás para falar com ela e com Lisette. Fizera-lhe muitas perguntas a respeito dos pais e dos irmãos. E no meio de tudo isto, falara-lhe dos lugares em Inglaterra que queria que ela conhecesse.

O aspeto dele contradizia a sua verdadeira natureza. Embora a corpulência, o cabelo a rarear, o fato feito por medida e o magnífico sobretudo fossem tudo o que ela poderia esperar num homem de meia-idade abastado, a sua personalidade era irreprimivelmente jovem e entusiasta. Minutos depois de o conhecer, começara a pensar nele como sendo muito mais novo do que na verdade era.

Lisette tinha o ar clássico de uma bailarina, em parte devido ao modo como usava o cabelo preso num rolo apertado, mas era também esbelta, graciosa, elegantemente vestida e muito serena. O casaco de peles, que Mariette calculava ser arminho, era castanho-claro, com uma gola muito fofa que lhe realçava as maçãs do rosto altas e a bonita pele. Apesar disso, dava a impressão de não se preocupar muito com o aspeto. Embora se mostrasse sempre interessada e atenta, deixara o marido fazer a maior parte da conversa. Quando falava, a sua voz era suave e calmante, e o sotaque francês lembrava muito a Mariette o do pai.

Parecera-lhe uma longa viagem por entre terrenos cultivados, bosques e pequenas aldeias tão antigas e bonitas que poderiam ser ilustrações de um

livro infantil. Apesar de triste e nua sob o seu manto de inverno, a paisagem conservava ainda muita beleza nas árvores despidas de folhas, nas pequenas pontes que se encurvavam sobre ribeiros e nas colinas cobertas de uma erva muito mais verde do que qualquer coisa que alguma vez tivesse visto na Nova Zelândia.

Tinham parado para almoçar naquilo que Noah dissera ser uma velha estalagem da mala-posta em Godalming, uma aldeia muito bonita. A estalagem tinha grandes traves de madeira de um lado ao outro do teto baixo, e uma enorme lareira, e Mariette ficara muito surpreendida ao ver lá mulheres.

– Na Nova Zelândia as mulheres não podem frequentar *pubs*? – exclamou Lisette. – Que estranho! As mulheres inglesas não costumam frequentá-los sozinhas, claro, mas está a tornar-se muito comum, hoje em dia, grupos de amigas juntarem-se num *pub* para almoçar, ou para uma bebida, à noite. Em Inglaterra, os *pubs* são o centro da vida da aldeia.

Quando entraram em Londres, os olhos de Mariette quase lhe saltaram da cara. Noah dissera a Andrews que atravessasse a Ponte de Westminster, para que ela pudesse ver as Casas do Parlamento e o Big Ben. Contornaram Trafalgar Square e subiram a Mall em direção ao Palácio de Buckingham. Apesar de já ter visto muitas fotografias daqueles lugares, era tudo muito maior e mais esplêndido do que esperara.

– Londres tem muito mais para ver do que aquilo que te mostrámos hoje – dissera Noah, a sorrir do espanto dela. – Mas vamos esperar até te habituares ao frio antes de te levarmos a ver o resto.

Tinham finalmente chegado a casa de Noah, e o seu tamanho deixara Mariette de boca aberta. Noah dissera que tinha sido construída em 1795, o que a tornava muito mais velha do que qualquer casa que tivesse visto na Nova Zelândia. Podia ser velha, mas era também muito graciosa e bem proporcionada, com um pórtico por cima da porta principal e três grandes janelas em arco de cada lado.

Mog e Belle costumavam usar palavras como «acolhedora» e «aconchegada» para descrever a casa que o tio Noah e a tia Lisette tinham antes de elas partirem para a Nova Zelândia. Mas aquela casa fora comprada mais tarde. Acolhedora e aconchegada não eram sem dúvida as melhores palavras para a descrever. Grandiosa, palaciana – mesmo espetacular – seriam termos bem mais adequados.

Mariette esforçou-se muito por não mostrar o seu espanto quando Mrs. Andrews, a governanta e mulher do motorista, abriu a porta da frente e revelou um enorme vestíbulo com um soalho brilhante como um espelho e uma majestosa escadaria, larga e encurvada, como só tinha visto no cinema.

– Andamos a nadar em todo este espaço desde que o Jean-Philippe casou, há dois anos – disse Noah, enquanto Mrs. Andrews lhe ficava com o sobretudo e o chapéu. Mr. Andrews já estava a levar as malas de Mariette para cima. – Só nos apercebemos da quantidade de espaço que tínhamos quando ele se foi embora. Agora somos só nós e a Rose. Neste momento está em casa de uns amigos, mas volta amanhã.

A sala de estar, à direita do vestíbulo, era imensa, decorada em suaves tons pastel, com cortinados que chegavam ao chão e eram rematados em cima por sanefas debruadas a trança de fio de ouro. Em frente de uma lareira acesa, grandes sofás convidavam o visitante a aninhar-se, e perto da janela havia uma mesa de madeira polida coberta de fotografias em molduras de prata.

Mariette ficou emocionada ao ver algumas fotografias suas. Havia uma dela, bebé, ao colo de Noah, quando ele viajara até à Nova Zelândia para ser seu padrinho, e outra tirada quando tinha quinze anos, a velejar no bote, e uma, encantadora, da mãe e do pai no dia em que tinham casado, e uma de Mog e de Belle, presumivelmente tirada no fim da guerra, quando iam partir para a Nova Zelândia, porque estavam as duas muito bem vestidas.

– Este é o Jean-Philippe – disse Lisette, a apontar para a fotografia de um jovem de cabelos muito escuros e expressão muito séria. – Agora tem trinta e um anos, mas aqui tinha vinte e seis. – E então tocou na fotografia do seu casamento. – E aqui é ele com a noiva, a Alice.

Mariette sabia que Jean-Philippe era o enteado de Noah, e perguntou-se se apareceria em breve para a conhecer.

– É a Rose? – perguntou, pegando na fotografia de uma rapariga na casa dos vinte. Fez-lhe lembrar a maneira como Mog descrevia Noah quando era novo, com uma cara redonda, cabelo muito encaracolado e um enorme sorriso.

– Sim, é a minha filha... e o nome assenta-lhe bem, porque é muito mais inglesa do que francesa¹ – disse Lisette. – Tem vinte e quatro anos, mas

ainda é suficientemente nova para ser uma boa companhia para ti.

– É bom ver a mamã e o papá e a Mog também aqui – comentou Mariette.
– Não estava à espera.

Lisette pousou as mãos nos ombros dela e olhou-a nos olhos.

– A tua mãe e o teu pai são muito importantes para o Noah e para mim. Temos uma ligação mais forte do que simples laços de família. Por isso temos as vossas fotografias aqui, em nossa casa. Estou à espera de que me mandem uma do Alexis e do Noel, e então também eles vão passar a estar aqui.

– Tenho uma na minha mala. A mamã disse-me para lha dar – disse Mariette.

– Deves ter saudades dos teus pais, tão longe de casa – disse Lisette, e passou-lhe os braços pelos ombros para a abraçar. – Mas quero que penses em mim e no Noah como teus pais substitutos. Não receies dizer-nos seja o que for. Não somos... Como é que se diz em inglês? Não somos ogres.

Mariette não era, de um modo geral, muito dada a abraços, mas foi bom sentir os braços de Lisette a rodeá-la. Gostava dela, e compreendia agora por que razão a mãe e a francesa tinham sido tão grandes amigas. Havia nelas uma parecença, não no aspeto, mas em qualquer coisa indefinível que sentia sem conseguir explicar.

Quando estendeu a mão para apagar o candeeiro da mesa de cabeceira no seu novo quarto, Mariette lembrou-se de Mog dizer que nem se ia reconhecer quando descobrisse as alegrias de viver com eletricidade. Já se lhe habituara no navio, mas ali naquele bonito quarto creme e cor-de-rosa, que Lisette lhe dissera ter sido inspirado na loja de chapéus de Belle, esperou nunca mais ter de voltar a acender um candeeiro a petróleo.

Era comovente saber que Lisette pensara em Belle quando planeara o quarto, que no entanto lhe parecia muito francês. A talha dourada do elaborado toucador e do banco a condizer recordavam-lhe as fotografias que tinha visto do mobiliário do Palácio de Versalhes. Na parede por cima da cama, havia duas fotografias, ambas de chapéus escandalosamente vaporosos. Lisette disse que as tinha descoberto num mercado de rua de Paris e que tanto ela como Noah perceberam logo que eram perfeitas para aquele quarto.

A casa de Russell era muito simples na decoração e no mobiliário, o que fazia aquela parecer ainda mais grandiosa e decadente, mas não eram só as alcatifas sumptuosas, a mobília de madeira polida e essas coisas que tanto impressionavam Mariette, era mais a maneira como estava a ser tratada e o puro conforto de tudo aquilo. Enquanto jantavam, Mrs. Andrews tratara de desfazer as malas dela, levando tudo o que precisava de ser lavado. Havia uma *chaise-longue* creme junto da janela, e os irradiadores espalhados por toda a casa mantinham aquecidas todas as divisões. Até a cama onde estava deitada era de casal, com lençóis macios e suaves como seda.

Tomara banho numa casa de banho que era só dela, contígua ao quarto. Havia toalhas fofas a aquecer numa armação metálica e ter de sair de casa para ir à sanita era agora uma coisa do passado. Tudo aquilo excedia os seus mais loucos sonhos.

Mas faltavam duas coisas. Uma era o som do mar. Desde muito pequena que costumava ficar acordada a ouvir o marulhar das ondas a desfazerem-se na praia, e durante a viagem desde a Nova Zelândia esse som continuara a rodeá-la. Ali havia apenas o trânsito, um zumbido fraco à medida que se ia fazendo tarde, reconfortante, sim, mas não como o mar.

A outra era Morgan. Conseguira evitar pensar nele durante a maior parte do dia, mas agora que estava sozinha, a ausência doía-lhe. Estaria a pensar nela naquele momento? Ou já a esquecera e andava por Southampton a dançar, a beber e à procura de outra rapariga?

As duas primeiras semanas em Londres foram um tal turbilhão de novas experiências que Mariette não teve tantas saudades de Morgan como pensara que ia ter. Só à noite, já tarde, ele se lhe insinuava nos pensamentos, e apesar de querer muito vê-lo, não era tão mau como julgara que seria.

Adorava Londres. Não era só ver os lugares famosos – a Torre de Londres, a Catedral de São Paulo, o Jardim Zoológico –, era também as coisas simples, como um passeio de autocarro, comer peixe com batatas fritas ou deslizar num trenó em Primrose Hill quando nevava. Nunca tinha visto neve – tinham-na na Ilha do Sul, mas nunca em Russell – e custava-lhe a acreditar que um homem como Noah voasse alegremente encosta abaixo sentado num trenó atrás dela.

Quando escrevia para casa, as palavras fluíam, tal era a excitação de partilhar com a família as experiências que tivera e as coisas que vira. Sentia-se obrigada a dizer-lhes que tinha saudades de todos, mas a verdade era que estava demasiado feliz com a sua nova vida para lhes dedicar mais do que um pensamento ocasional.

Adorava morar numa rua tão azafamada. De manhã cedo, quando olhava pela janela, havia cavalheiros de chapéu de coco e guarda-chuva enrolado a caminho da City. Havia também muitas empregadas de escritório bem vestidas, mães que levavam os filhos pequenos à escola e crianças mais velhas que faziam sozinhas, entre brincadeiras, o mesmo caminho.

Depois, mais avançada a manhã, havia os comerciantes: o padeiro que distribuía pão com a sua carroça tirada por um cavalo, o vendedor de carvão, até um homem que afiava facas e tesouras. Quando havia sol, apareciam amas a empurrar carrinhos de bebé, enquanto as criadas lavavam os degraus dos portais e poliam as aplicações de latão das portas.

Recordava as ruas de Russell, por onde as vacas deambulavam à vontade, e que quando chovia se transformavam em pântanos. Agora que ali estava, em Londres, não conseguia imaginar-se a voltar para um modo de vida tão primitivo.

A ideia de que Noah e Lisette podiam fartar-se dela – e recambiá-la para casa – preocupava-a, e para tornar a possibilidade menos provável tinha o cuidado de se comportar sempre de uma maneira exemplar. Falava francês com Lisette, porque sabia que ela gostava, e oferecia-se para ajudar em casa. Mrs. Andrews ocupava-se de tudo, de modo que Lisette respondia invariavelmente que não havia nada que fazer. Mas Mariette fazia a sua própria cama, mantinha o seu quarto muito arrumado e estava sempre atenta a mais qualquer coisa que pudesse agradar a Lisette.

Adorava fazer recados. As pequenas lojas ali perto eram como grutas de Aladino cheias de tesouros, e as grandes lojas, mais longe, em Oxford Street e em Regent Street, eram tão espantosas que conseguia andar por lá um dia inteiro sem se aborrecer.

Rose voltara a casa no seu segundo dia em Londres. Apesar de à primeira vista lhe ter parecido uma dessas jovens aristocratas que costumava ver nos filmes ingleses, gostara dela.

– Suponho que a mamã e o papá vão exagerar nas visitas turísticas – disse Rose, com um sorriso contagioso –, por isso eu levo-te aos lugares mais

divertidos. Já alguma vez andaste de patins? Adoro. Há um rinkes em Finchley Road, perto daqui. Queres ir lá amanhã à noite?

Mariette só tinha visto pessoas a patinar no cinema, mas pareceu-lhe uma coisa divertida, e concordou com entusiasmo.

Fora tudo o que Rose dissera, e mais. Ao princípio, agarrara-se à vedação do rinkes, com medo, mas então Rose e uma amiga pegaram-lhe nas mãos e levaram-na consigo.

Depois disso, não tardou a apanhar-lhe o jeito, e no fim da sessão já era até capaz de patinar para trás. Foi elogiada por aprender tão depressa.

Rose e o seu círculo de amigas eram muito diferentes das mulheres da mesma idade que conhecera em Russell. Apesar de poucas fazerem trabalho remunerado, todas pareciam ter recebido excelentes educações. Passavam os dias a visitar amigas, a almoçar juntas e a ajudar em diversas obras de beneficência. Rose explicou-lhe que não era apropriado as raparigas da classe média trabalharem e que ela própria era uma exceção, tendo aprendido as funções de guarda-livros. Mas nem mesmo Rose ia trabalhar todos os dias; aparentemente, o trabalho de guarda-livros que fazia era para pessoas conhecidas do pai, e alternava essa atividade com os seus compromissos sociais e o seu trabalho de caridade.

No entanto, apesar de não trabalharem, nenhuma das amigas de Rose parecia minimamente preocupada com casar e criar uma família. Viajavam, interessavam-se muito pelas questões mundiais, iam a concertos, frequentavam clubes noturnos e praticavam desporto. Ao lado delas, Mariette sentia-se uma autêntica parva que não fazia a mais pequena ideia a respeito do que quer que fosse.

— Os meus pais esperam que eu trabalhe enquanto aqui estiver — confidenciou um dia a Rose. — Mas eu não sei nada, por isso em que é que posso trabalhar?

— O que é que gostas de fazer? — perguntou Rose.

— Andar de barco e pescar — brincou Mariette. — Mas não me parece que haja muita procura para esses talentos aqui em Londres. Também gosto de costurar.

Rose sorriu.

— Podes andar de barco no Serpentine, no verão, mas costurar é uma clara mais-valia. Aposto que a minha mãe poderia puxar alguns cordelinhos por esse lado. Conhece a maior parte das modistas de Londres.

Rose deve ter falado aos pais no assunto, porque na noite seguinte, quando ela não estava por ter ido a um concerto com uma amiga, Noah abordou a questão, ao jantar.

– Sei que a Belle e o Étienne acham que devias trabalhar enquanto cá estás, mas eu e a Lisette queríamos que aproveitasses a tua estada em Londres durante algum tempo antes de pensarmos nisso. No entanto, a Rose referiu que gostas de costura.

– É uma das coisas que sei fazer – respondeu ela. – Mas a verdade é que tive duas boas professoras, a minha mãe e a Mog.

Noah franziu a testa.

– Por muito que gostes de costura, Mari, julgo que te sentirias muito desiludida a trabalhar com uma modista. O salário é uma miséria e o horário horrível, e o mais provável era porem-te a trabalhar apenas numa pequena parte de um vestido, sem nunca te darem a oportunidade de fazer uma peça completa. Que achas de um curso de secretária? Se souberes datilografar, arranjas trabalho em qualquer parte do mundo, e quando voltares à Nova Zelândia também. Quem me dera ter aprendido a escrever à máquina como deve ser quando era rapaz. Mas não aprendi, e o resultado foi ter de me desenvencilhar com dois ou três dedos durante todos estes anos.

Mariette tinha-o ouvido a escrever à máquina, no escritório. Crescera a ver numa prateleira da estante, lá em casa, o livro que ele escrevera a respeito da guerra de 1914 e que fora um tremendo êxito. Os pais costumavam mostrá-lo a toda a gente, dizendo, orgulhosos, que tinha sido escrito por um amigo deles. Sentia-se agora um pouco envergonhada por não ter tentado lê-lo, sobretudo porque a contribuição do pai fora enorme, ao contar a Noah como era a verdadeira vida dos soldados nas trincheiras e denunciar os erros dos generais. Depois daquele *bestseller*, Noah voltara-se para a ficção, produzindo uma série de romances policiais que tinham conquistado um vasto público. Lera dois deles durante a viagem e gostara muito.

– Acho que gostava de fazer isso, tio Noah – disse. Por muito que gostasse de costura, não tinha a certeza de querer ficar enclausurada num mundo exclusivamente feminino. – E acho que a mamã e o papá também aprovariam.

Noah sorriu.

– Amanhã, logo de manhã, vou fazer uns telefonemas – declarou. – Penso que a Lisete concordará que a costura pode ser um passatempo gratificante, mas dificilmente uma carreira.

Mais tarde, depois do jantar, Noah foi trabalhar para o escritório enquanto Lisette e Mariette ficavam sentadas junto à lareira a conversar em francês. Agora faziam questão de falar francês todos os dias, muitas vezes apenas durante alguns minutos enquanto faziam qualquer coisa juntas, mas em noites como aquela, quando estavam sozinhas, arrastavam a conversa por uma hora ou mais.

O pai costumava fazer o mesmo desde que ela tivera idade suficiente para falar, e era uma coisa de que Mariette gostava. Mas conversar com outra mulher trazia palavras novas ao seu vocabulário, e Lisette esforçava-se por dar-lhe um sotaque mais parisiense, em vez da pronúncia marsehesa que aprendera com o pai.

Conversaram em francês a respeito de moda durante algum tempo, até que, de repente, Lisette mudou para o inglês.

– Espero que não tenhas concordado com o curso de secretária só para agradar ao Noah – disse. – Ele consegue ter umas ideias muito estranhas a respeito de que trabalhos são adequados para as mulheres. Desde que se tornou famoso, tornou-se também um pouco *snob*.

– Quer dizer que ele acha que fazer costura é um pouco como trabalhar numa fábrica? – perguntou Mariette.

Mog brincava muitas vezes com o sistema de classes em Inglaterra, mas os seus comentários passavam ao lado de Mariette, porque na Nova Zelândia não existiam verdadeiramente classes. Mas Morgan fizera algumas observações muito cáusticas a respeito da diferença entre oficiais e simples marinheiros. E depois de estar em Inglaterra alguns dias, começara a notar certas coisas, sobretudo as maneiras de falar.

Todas as amigas de Rose tinham sotaques muito finos, como as pessoas que ouvia no rádio. Uma delas fizera um comentário cortante a respeito de alguém a que chamara «uma caixeira», dando-lhe a ideia de que via aqueles que tinham empregos mais humildes, ou falavam de uma maneira diferente, como pertencendo a outra espécie.

Fora esta atitude que a levava a compreender que as amigas de Rose não aprovariam Morgan, cujo sotaque já identificara como sendo *cockney*, muito semelhante ao do jovial leiteiro que lhe chamava «filha» e tratava

Lisette por «dona». Mr. e Mrs. Andrews falavam de uma maneira parecida, ainda que menos óbvia.

Lisette fez um curioso barulho de chupar com a boca, como se estivesse a considerar se o marido achava ou não a costura uma ocupação tão baixa como o trabalho fabril.

– É muito difícil para mim explicar o que as pessoas em Inglaterra pensam a respeito dessas coisas, minha querida. O Noah tem agora muitos amigos importantes, e isso alterou-lhe um pouco a perspetiva.

– E não gostaria de dizer a esses amigos que a afilhada trabalha como costureira? – sugeriu Mariette.

Lisette corou.

– És tão parecida com a tua mãe, Mari. A Belle sempre disse o que pensava, e não o que os outros gostariam de ouvir.

Para Mariette, fazer vestidos bonitos exigia tanta perícia como ser cirurgião, e não fazia sentido classificar uma pessoa como sendo de classe baixa e a outra de classe alta.

– Mas ser secretária está bem? – perguntou.

– É um trabalho que filhas de boas famílias fazem – respondeu Lisette, e agitou as mãos, como se também para ela aquilo não fizesse sentido.

– Quer dizer, se não forem suficientemente espertas para serem contabilistas ou médicas?

– Agora pareces o Étienne – disse Lisette, com um sorriso desprovido de humor. – Sempre foi um defensor das classes trabalhadoras. Também a tua mãe e a Mog tiveram de lutar contra as diferenças de classes. Lembro-me de, quando se mudaram para Blackheath, terem feito um grande esforço para parecerem mais finas, para serem aceites. Tinham um livro que costumavam ler, chamado *Inglês Correto*, e quando as visitava treinávamos as três as frases. Ríamos imenso a imitar aquilo a que a Mog chamava «vozes elegantes».

Mariette riu. Lembrou-se de como, pouco antes de ela partir, Mog e a mãe tinham feito aquilo para exemplificar como algumas pessoas em Inglaterra falavam. O sotaque de Londres tinha-se esbatido muito ao cabo de quase vinte anos na Nova Zelândia, de tal modo que agora falavam praticamente como as pessoas que lá tinham nascido, mas quando conversavam uma com a outra, sobretudo a respeito de Inglaterra, tendiam a voltar à maneira antiga.

– Eu tenho a vantagem de ser francesa – continuou Lisette, com uma pequena gargalhada. – Por qualquer razão, as pessoas que ouvem o meu sotaque presumem que sou uma «senhora». Mas demorei anos a perceber o que isso queria dizer. Ainda hoje, quando vejo Mrs. Andrews, que é dez anos mais velha do que eu, pegar num cesto cheio de carvão, quero ajudá-la. Mas ela ficaria horrorizada se o fizesse. Acha que lhe compete a ela fazer esses trabalhos.

– Acho que não sei muito bem o que é que me compete – disse Mariette. – O meu pai pesca e faz trabalhos de construção, a minha mãe faz chapéus. O que me insere na classe operária, não é verdade?

– O sistema de classes é todo ele ridículo – disse Lisette, dando-lhe uma palmadinha no joelho como que para destacar que também ela o achava confuso. – Tanto eu como o Noah vimos de origens humildes, mas porque o Noah fez nome como jornalista e escritor, demos por nós empurrados para cima. Foi exatamente por isso que os teus pais acharam que éramos as pessoas certas para orientar o teu futuro.

– Mas o papá detesta o sistema de classes – protestou Mariette, com uma ponta de indignação. – Não me parece que queira que eu me dê ares de superioridade.

– Não é disso que se trata. Trata-se de adquirir polimento, de saber estar, para que te possas dar facilmente com todo o género de pessoas, Mari. Eu e o Noah tivemos de aprender, como a tua mãe teve quando tinha a loja de chapéus. É esse polimento que os teus pais querem para ti. Nunca queriam que te tornasses uma *snoob*, mas querem que as portas se abram para ti.

«É possível que, daqui a seis meses, voltes para casa e cases com um carpinteiro, ou com um pescador, e sejas tão feliz como os teus pais são. Mas é sempre bom ter opções, saber que possibilidades a vida nos oferece. E é nisso que eu e o Noah queremos ajudar-te. Compreendes o que quero dizer?»

– Sim, compreendo – disse Mariette. Lisette tinha explicado muito bem a questão. – Mas não me parece que o tio Noah achasse muita graça se eu andasse com um condutor de autocarro, um maquinista de comboio ou um criado de bordo, pois não?

– Conheceste um criado de bordo simpático no navio?

O tom inquisitivo na voz de Lisette alertou Mariette para o seu erro. A expressão «criado de bordo» escapara-lhe dos lábios, e era evidente que Lisette apanhara de imediato a sua importância.

Não valia a pena tentar mentir.

– Conheci – admitiu. – Chama-se Morgan Griffiths, e cuidou de mim quando estive doente, na enfermaria. Gostei muito dele.

– Estou a ver – disse Lisette, pensativa. – Há alguma razão para não teres falado dele mais cedo?

– Bem, como provavelmente sabe, fui um pouco tola com um homem, lá na Nova Zelândia – respondeu Mariette, cautelosa. – Suponho que a mamã e o papá lhe pediram que me vigiasse como um falcão.

– Por muito estranho que te possa parecer, os teus pais não nos disseram nada sobre isso. Claro que desconfiámos de qualquer coisa. – Lisette sorriu. – Mas não foste a única a ser tola. É uma coisa que se espera dos jovens. A Rose teve os seus momentos, e o Jean-Philippe também, quando tinha a tua idade. Tanto eu como o Noah fizemos coisas de que hoje não nos orgulhamos. O grande perigo para as raparigas é que muitas vezes se deixam levar por uma cara bonita e não olham para o carácter do homem. Achas que o Morgan é um homem bom?

– Sim, acho. Mas é difícil ter a certeza quando se passou muito pouco tempo com alguém.

– E no navio só o viste por alguns momentos, aqui e ali?

Mariette assentiu com a cabeça.

Lisette pegou-lhe nas mãos e apertou-lhas.

– Quando nos encontramos com um homem em segredo, só vemos o que queremos ver. Muitas vezes somos apanhadas pela excitação e por aquilo que ele nos faz sentir e não questionamos seja o que for, não olhamos com muita atenção. Descobri que a melhor maneira de saber como um homem é na verdade é observá-lo na companhia de outras pessoas que conheçamos bem. Nessas alturas, os pontos bons e maus tornam-se aparentes.

– Mas houve outras pessoas que disseram que ele era encantador. – Mariette sentia que Lisette estava a descartar Morgan sem sequer o conhecer. – Também havia de achar, se o conhecesse.

– Espero que sim, *ma chérie*. – Lisette sorriu. – Quando ele voltar a Inglaterra, convidamo-lo para vir cá a casa. Está bem?

A primeira semana de março foi fria, com chuva e vento forte, mas no aniversário de Mariette, dia 8, o céu estava azul e a temperatura amena. De repente, havia manchas de narcisos-amarelos nos parques e nos jardins, rebentos verdes nas árvores, e Mariette compreendeu porque dizia Mog que a Inglaterra era bela na primavera.

Lisette e Noah deram-lhe um bonito medalhão de prata como prenda de anos, com uma inscrição dos dois no interior. Rose ofereceu-lhe uma estola fofa e de casa chegou uma caixa com um vestido turquesa de crepe-da-china feito por Mog, um chapéu branco com uma fita turquesa da mãe e, do pai, um modelo do pequeno barco de pesca que ele próprio fizera e pintara. O nome do barco era *Pequena Rebelde*, e os olhos dela encheram-se de lágrimas.

Lisette organizou um chá especial de anos, incluindo um bolo com dezanove velas. Depois de Mariette ter soprado as velas, Rose anunciou que Peter Hayes iria buscá-las mais tarde para irem ao Soho dançar.

– Por isso é melhor vestires os teus melhores trapinhos, Mari – disse. – Sei que estás morta por usar aquele divinal vestido de renda creme desde que chegaste. Agora é a tua oportunidade.

Peter Hayes levava Rose a sair com muita frequência. Rose confidenciara a Mariette que era o homem com quem queria casar, mas que andava a fazer-se difícil, aceitando muitas vezes convites de outros amigos.

Mariette gostava de Peter, tal como Lisette e Noah. Tinha vinte e oito anos e era alto, com uns suaves olhos castanhos. Apesar de não ser exatamente bonito, era, como Rose o descrevia, apresentável, e era advogado. Rose dava muita importância ao facto de ele pertencer a uma excelente família, e falava muitas vezes da grande casa que tinham no Berkshire, mas por muito que se esforçasse por dar a entender que o escolhera por causa da posição social da família, Mariette sabia que não era esse o seu único atrativo. Não só era divertido, inteligente, bom e generoso, como também era *sexy*.

Rose era virgem e tencionava manter-se assim até ao casamento, mas Mariette bem via, pela maneira como o rosto dela se iluminava na companhia de Peter, que estava desejosa de ir para a cama com ele.

– Vais divertir-te muito com o Peter e a Rose – garantiu-lhe Lisette. – Sei que posso confiar no Peter para tomar conta das duas. Agora vão arranjar-

se.

Enquanto subiam as escadas, Rose sussurrou:

– O Peter vai trazer um amigo. Sei que vais gostar dele. Chama-se Gerald Allsop; é mais novo do que o Peter, mas frequentaram a mesma escola.

– Também é advogado? – perguntou Mariette.

– Não, ainda não, ainda está a fazer o estágio. Não disse à mamã e ao papá que ele ia connosco porque eles iam querer conhecê-lo e interrogá-lo primeiro. Por vezes são tão antiquados que é um tormento para qualquer um. Por isso vai lá ter connosco. Mas se gostares dele e quiseses voltar a vê-lo, amanhã digo-lhes que o Peter to apresentou, o que é mais ou menos verdade.

– Tens a certeza de que queres que eu vá contigo e com o Peter? – perguntou Mariette. Estava com um pouco de receio que Gerald fosse aborrecido e emproado e que Rose só a tivesse convidado para ir com eles naquela noite para impedir que ele se intrometesse quando quisesse estar a sós com Peter.

– Claro que tenho – disse Rose, e passou-lhe o braço pela cintura. – Já tens dezanove anos, idade suficiente para ser apresentada, e eu quero ver se ainda te lembras de todas as danças que te ensinei.

*

– Estás muito bonita! – exclamou Noah quando Mariette e Rose voltaram à sala, uma hora mais tarde.

Mariette corou. Adorava o vestido de renda creme; tinha uma combinação de seda com alças finas e um decote cavado, mas o vestido em si tinha mangas pelo cotovelo e um decote mais subido, o que criava um efeito de transparência que mostrava pele suficiente para ser sedutor sem ser ordinário. A saia era cortada de viés, de modo que se ajustava às ancas e depois se abria para baixo, chegando a meio da barriga da perna.

– Perfeito! – Lisette bateu palmas, para manifestar a sua aprovação. – Sempre invejei a Belle por ter a Mog para lhe fazer as roupas; é uma modista maravilhosa. – Tirou a estola nova das mãos de Mariette e arranhou-lha à volta dos ombros. – Tão chique e bonita.

– Não acha que devia ter penteado os cabelos para cima? – perguntou Mariette. Quisera prendê-los num rolo, um estilo popular entre as amigas de Rose, mas eram demasiado encaracolados para ficarem no sítio, de modo

que resolvera prendê-los de ambos os lados da cara com duas pequenas travessas.

– Seria um crime esconder uns cabelos tão bonitos – declarou Noah, perentório. – Em minha opinião, todas as mulheres deviam andar de caracóis ao vento pelo menos até aos trinta.

Lisette riu.

– Por vontade dele, ainda andava com os meus soltos e grisalhos. Mas tem razão a teu respeito, Mari, os teus cabelos são demasiado bonitos para ficarem presos.

– E tu também estás muito bonita – disse Noah a Rose. – Sempre gostei de te ver com esse vestido.

Rose usava um vestido de crepe-da-china cor-de-rosa com cintura descaída e bordados de um rosa ligeiramente mais forte. Mariette achava-o um pouco antiquado, mas ficava bem a Rose, que tinha pouco peito. Os sapatos de cetim tinham sido tingidos para fazer conjunto com o vestido e usava uma flor cor-de-rosa no cabelo.

A campainha da porta tocou.

– Deve ser o Peter – disse Rose. – Anda, Mari, são horas de dançar.

– Divirtam-se – disse Lisette. – Mas lembrem-se, não venham tarde para casa.

Mariette ouvira Rose falar muito do Soho, e os seus olhos brilhavam sempre que o fazia. Dizia que era o lugar aonde todas as pessoas divertidas iam quando saíam à noite, e o Bag O’Nails, onde festejariam o seu aniversário, ficava bem no centro de tudo.

O clube estava escuro e cheio de fumo e de gente. Uma banda de cinco músicos negros tocava *jazz*, aquela música animada que ouvira em Curaçao. Enquanto se esgueiravam por entre a multidão até à mesa que lhes estava reservada, Mariette viu, pelas expressões extasiadas à sua volta, que não era a única a gostar.

A pista de dança estava apinhada de enérgicos dançarinos, e a cena era surpreendentemente diferente de tudo o que imaginara. Até ao momento, todos os ingleses que conhecera eram muito contidos, de modo que esperara que dançassem a valsa, ou no máximo o *quickstep*, não que pulassem de um

lado para o outro como estavam a fazer. Mas a música fazia-a querer perder todas as inibições e dançar também assim.

Gerald esperava-os na mesa. Quando ele se pôs de pé para lhe ser apresentado por Peter, Mariette soube logo que nunca aquele homem seria capaz de lhe fazer o coração bater mais depressa, por muito «adequado» que pudesse ser como namorado.

Era alto, esbelto, e usava o *smoking* com a confiança de um homem nascido para o fazer. Era, à sua maneira, atraente, com cabelos castanho-claros bem cortados, olhos castanhos de cachorrinho e um sorriso brilhante. Mas a mão que apertou a dela era demasiado suave e macia, e os dentes eram amarelados e tortos.

No entanto, Gerald olhava para ela como se lhe tivessem oferecido um maravilhoso e inesperado presente, e por isso Mariette deduziu que ele imaginava que todas as raparigas neozelandesas deviam ser feias como uma picareta.

Uma garrafa de champanhe estava já a refrescar num balde de gelo em cima da mesa. Gerald encheu as taças e fez um brinde de aniversário a Mariette.

– Ouvi dizer que a Nova Zelândia é um país muito bonito – disse, e sorriu-lhe. – Mas não sabia que as raparigas de lá também eram bonitas.

Mariette nunca tivera grandes oportunidades para beber álcool. Em ocasiões especiais, desde os seus catorze anos, o pai servia-lhe um copo de vinho, a que acrescentava sempre um pouco de água. Bebera, às escondidas, um ou outro golo de *brandy* ou *whisky* em casa de amigas, quando os pais delas não estavam, mas embora gostasse da ideia de beber, não gostava do sabor. Naquele momento, porém, descobriu que gostava do sabor do champanhe, e do efeito desinibidor que tinha nela.

– A minha mãe nunca me vai perdoar se te levar para casa bêbeda – avisou Rose. – Por isso bebe devagar, e pouco.

Mariette tinha de admitir que Gerald era um perfeito cavalheiro. E divertido, também; ria com facilidade e parecia muito interessado em dançar com ela.

A música era demasiado alta para permitir uma conversa, e de todos os modos ela não queria falar. Para quê, quando podia dançar e deixar-se levar pela música? Quando o ritmo abrandou, estava a sentir-se claramente zozza

da bebida, e era bom estar nos braços de Gerald durante as músicas mais lentas.

– Posso voltar a convidar-te para sair? – perguntou ele. – Podíamos ir ao teatro, ou jantar.

– Seria bom – respondeu ela, inclinando-se para o ombro dele. – Sim, gostaria muito.

Então, de repente, Rose disse que eram horas de ir. A última coisa que Mariette se lembrava de ter pensado, ao sair do clube, foi que se aquilo era uma amostra da vida noturna de Londres, nunca mais voltaria a casa.

1 A rosa é a flor nacional de Inglaterra. (*N. do E.*)

À medida que março dava lugar a abril, Mariette notou que, nos jornais, se falava muito da guerra civil em Espanha, mas quase nada a respeito de um conflito com a Alemanha. Quando abordavam a possibilidade, era num tom tão leve que se tornava difícil levá-los a sério. Mesmo assim, em janeiro tinham sido distribuídas máscaras antigás às crianças das escolas, e todos os dias apareciam mais sacos de areia em frente dos edifícios públicos. As pessoas eram aconselhadas a colar tiras de adesivo nas janelas, cruzando-as em X, para evitar os estilhaços de vidro em caso de ataque aéreo, e estavam a ser escavadas trincheiras em muitos parques para a construção de abrigos antiaéreos.

Mas continuava a não ter notícias de Morgan.

Na incerteza, alternava entre pensar que era só porque uma carta escrita no mar demorava muito tempo a chegar a Inglaterra e convencer-se de que ele a esquecera no instante em que ela desembarcara do navio. Mas as cartas de casa chegavam-lhe às mãos num prazo de oito semanas, e perguntava a si mesma porque haveria ele de lhe dizer que a amava e pedir que o esperasse se não estava a ser sincero.

Tinha iniciado o seu curso de secretariado no Marshalls Secretarial College for Young Ladies, em Swiss Cottage, em finais de março, o que a ajudava a não estar sempre a pensar em Morgan. No seu primeiro dia na escola, falara-se muito a respeito de Hitler ter invadido a Áustria. E quase todas as tardes, quando chegava a casa, Noah ou estava a falar ao telefone, ou de saída para reuniões nas quais se discutiriam os possíveis desfechos de todos aqueles acontecimentos.

No fim de abril, Noah anunciou que queria ir à Alemanha, para tentar avaliar por si mesmo o estado de espírito das pessoas. Disse que devia estar cego quando dissera que a guerra poderia ser evitada e que estava agora convencido de que era inevitável.

Partiu para a Alemanha uma semana mais tarde, mas quando os pais telefonaram uma noite, nessa altura, Mariette não lhes disse aonde o tio Noah tinha ido, nem lhes falou da opinião dele a respeito da inevitabilidade de uma guerra. Como os pais só podiam falar durante três minutos, devido ao custo da chamada, preencheu esse tempo com histórias a respeito do que tinha feito, perguntou pelos irmãos e por Mog, recorreu a todos os

estratagemas para não dar ao pai oportunidade de fazer perguntas. Sabia que se ele descobrisse que a opinião de Noah tinha mudado, lhe exigiria que marcasse passagem no primeiro navio de regresso a casa, e não era isso que ela queria.

Tinha mais saudades da família do que esperara ter, mas queria ainda mais continuar em Inglaterra. Ali sentia-se livre, as pessoas não passavam o tempo a vigiar os seus estados de espírito e não a julgavam. Rose tornara-se uma irmã mais velha e uma amiga. Certas noites, punha a tocar no gramofone que tinha no quarto o seu disco mais recente e ensinava-a a dançar. Outras vezes, iam ao cinema, ou patinar. Rose era um pouco mandona, e por vezes muito *snob*, mas isso divertia Mariette mais do que a ofendia.

Havia também muitas noites em que Rose saía sem a levar, para se encontrar com os amigos. Mas Mariette não se importava; tinha o rádio para ouvir, Lisette para conversar em francês, livros para ler.

Adaptou-se muito bem ao Marshalls Secretarial College. Nunca nenhuma das outras raparigas tinha conhecido alguém da Nova Zelândia, e todas queriam ser suas amigas. Achava a estenografia difícil, mas gostava muito de escrever à máquina e já era uma das mais rápidas da turma. Adorava conversar com as colegas durante o intervalo do almoço; nenhuma delas era tão ingénua e preconceituosa como as raparigas neozelandesas. Ouvia-as falar dos lugares onde tinham estado, das famílias e dos rapazes com que tinham saído, e sentia que estava a aprender mais numa semana do que aprenderia num ano inteiro em Russell.

Mas fora Londres que lhe roubara o coração, e não queria deixá-la. A cidade era bela e excitante, talvez um pouco perigosa, e Mariette sentia que era ali o seu lugar.

Morgan era outras das razões por que não queria partir. Só pensar em como tinham feito amor fazia-a estremecer e ferver, e tinha de confiar que ele acabaria por escrever, ou até voltar para ela. Se fosse obrigada a regressar a casa naquele momento, ficaria para sempre sem saber se ele fora na verdade «o tal».

Conseguir um diploma de estenógrafa e datilógrafa ajudá-la-ia a ficar em Londres. Os pais orgulhar-se-iam dela. E se encontrasse um emprego de que gostasse, achava que não insistiriam no seu regresso.

A noite em que Noah voltou da sua viagem de dez dias à Alemanha foi uma noite que Mariette nunca haveria de esquecer, porque foi então que ficou a saber por que razão a guerra era inevitável.

A expressão grave do seu rosto ao entrar em casa já lhes dera alguns indícios de que estava preocupado. Mas foi a maneira como os abraçou a todos que revelou até que ponto tinha medo.

— Não gostei nada do aspeto que as coisas estão a tomar por lá — disse ao jantar. — Parece estar toda a gente fascinada pelo Hitler. Embora seja verdade que arrancou a Alemanha da Depressão e voltou a criar o pleno emprego, construiu o seu poder destruindo ou mandando prender todos os que se oponham aos seus ideais e métodos.

— Achas então que vai mesmo haver guerra? — perguntou Lisette, muito pálida.

— Já não tenho a mínima dúvida. — Noah abanou tristemente a cabeça. — O Chamberlain pode estar cheio de boas intenções de apaziguamento, mas os nacional-socialistas do Hitler detêm todo o poder, e vão varrer qualquer tentativa de oposição. Já têm a Áustria, e a Checoslováquia... quem sabe o que mais querem? E estão a perseguir os judeus. Falei com um grupo que ia a caminho de Hamburgo na esperança de conseguir passagem para a América. Tinham todos nascido na Alemanha, lutaram pelo seu país em 1914, e apesar disso disseram-me que temiam pelas suas vidas se ficassem.

— Mas porque faz o Hitler uma coisa dessas? — perguntou Mariette.

Noah suspirou.

— Hitler e o partido nazi parecem ver os judeus como a causa de todos os males. Culpam-nos da terrível inflação que começou em 1929, e de praticamente tudo o mais. Em Berlim, vi velhos judeus obrigados a porem-se de joelhos e esfregarem as ruas. Nem queria acreditar no que via.

— Isso é horrível, papá — arquejou Rose. — Não podias impedi-lo?

Noah olhou para ela e voltou a suspirar.

— Como, quando as pessoas à minha volta riam e troçavam dos pobres velhos? Ter-me-iam linchado. Assisti a um comício em que o Hitler se dirigiu a uma enorme multidão, milhares de pessoas. Não compreendi quase nada do que disse, mas vi um terrível fervor nos olhos dos seus seguidores. Veem-no quase como um deus, um líder que vai devolver-lhes tudo o que lhes foi tirado em 1918.

– Não falemos mais disso esta noite – pediu Lisette. – É assustador.

*

Poucos dias depois do regresso de Noah da Alemanha, Mariette recebeu a sua primeira carta de Morgan, enviada da Nova Zelândia. Ficou tão excitada que julgou que o seu coração lhe ia explodir. Mas quando a leu, a alma caiu-lhe aos pés e mal pôde acreditar que tinha sido Morgan a escrevê-la: mal rabiscada numa caligrafia infantil, cheia de erros de ortografia, sem pontuação, e sem a mais pequena referência a qualquer das coisas de que costumavam falar e partilhavam quando estavam juntos.

Dizia que a amava e que mal podia esperar para voltar a vê-la. Também dizia que o seu navio estava a sofrer algumas reparações, mas não explicava quanto tempo iam demorar, e muito menos quando esperava poder regressar. Como não datara a carta, e o carimbo dos correios estava demasiado esborratado para permitir uma leitura, tanto quanto sabia ele podia até já estar de volta a Inglaterra.

Passou dois ou três dias a pensar naquilo e chegou à conclusão de que Morgan tinha obviamente recebido pouca ou nenhuma educação. Fora vago a respeito da sua infância, e excetuando a referência ao facto de ter vivido no East End durante algum tempo, pouco ou nada lhe dissera. Mas era inteligente e fluente a falar, como era possível que escrevesse tão mal?

Talvez ser capaz de escrever uma carta bonita não fosse o mais importante de tudo, mas Mariette fora criada a dar valor à palavra escrita e sentia-se desconfortável ao verificar que faltava a Morgan uma competência tão básica.

No início de maio, Mariette fizera tais progressos no Marshalls College que se tornara a datilógrafa mais rápida de toda a turma. Apesar de ter ainda algum caminho a percorrer para chegar às oitenta palavras por minuto exigidas para conseguir o diploma, e de ser ainda lenta na estenografia, a professora dizia que estava quase lá.

Poucos dias mais tarde, quando ainda estava numa espécie de nuvem cor-de-rosa graças aos comentários encorajadores da professora, e imaginava um futuro brilhante para si mesma, chegou uma segunda carta de Morgan. Não esperava voltar a saber dele tão depressa, e entrou em parafuso.

Morgan estava em Londres, instalado em Whitechapel, e pedia-lhe que se encontrasse com ele no sábado à tarde, em Trafalgar Square.

Apesar de o seu coração ter dado um salto involuntário no peito perante a ideia de voltar a vê-lo, não tinha muito a certeza de que aquele encontro fosse uma boa ideia. Não teria qualquer dificuldade em sair de casa num sábado à tarde – podia dizer que ia fazer compras com uma colega da escola e depois ia ao cinema –, mas repugnava-a enganar Noah e Lisette.

Descobrira que a vida era muito mais fácil quando se tinha aprovação, e sentia-se feliz por frequentar a escola e fazer amizade com raparigas que eram tão bem comportadas como Rose. A noite no Soho mostrara-lhe que se podia divertir sem ter de mentir, ou fazer sexo.

E o encontro com Morgan envolveria ambas as coisas.

Ainda no dia anterior Rose lhe falara de uma amiga que se tinha apaixonado por um homem que vinha, como ela dizia, «do lado errado da cidade».

– Consigo ver um certo romance na situação – dissera, pensativa. – Mas ela não vai gostar de viver numa casa de duas divisões num bairro pobre. Gosto demasiado do meu conforto para ser feliz na pobreza, mesmo que adorasse o homem.

Rose podia ser um pouco *snob*, mas não deixava de ter razão. Mariette habituara-se ao luxo da casa do padrinho, e sabia que era assim que queria viver para sempre. E tinha praticamente a certeza de que Morgan nunca poderia oferecer-lho.

Seria suficiente ter um homem que fazia o seu coração bater mais depressa? Não seria preferível responder a Morgan e arranjar uma desculpa qualquer, e depois tentar esquecê-lo?

E no entanto, no sábado à tarde, estava em Trafalgar Square, com o seu bonito vestido de verão e um chapéu branco. Estava um belo dia, e a vozinha interior que a exortava a ter juízo e pensar no futuro fora calada pelo desejo de voltar a estar nos braços de Morgan.

Estava a ver uma mulher dar de comer aos pombos, com alguns pousados nos braços, nos ombros e até na cabeça, quando Morgan apareceu atrás dela e lhe pousou a mão num ombro, fazendo-a dar um salto.

– Olá, linda – disse. – Desculpa ter-te assustado.

Mariette olhou para ele e sentiu que os joelhos se lhe transformavam em gelatina. Pensava que talvez tivesse imaginado como era bonito. Mas ali

estava ele, à luz do sol, ainda mais encantador do que o recordava. Vestia uma camisa branca aberta no pescoço, calças de flanela cinzentas e casaco de *tweed*; os seus olhos escuros continuavam brilhantes, a covinha no queixo era adorável, e o seu rosto bronzeado era quase estranho depois de tanto tempo rodeada de londrinos pálidos.

– É bom voltar a ver-te – disse, com inesperada timidez. – Daqui a quanto tempo tens de voltar ao navio?

– Não vou voltar, vou alistar-me no exército. Faço os exames médicos na segunda-feira.

Sem lhe dar tempo para fazer mais perguntas, tomou-a nos braços e beijou-a. Mariette descobriu então que os seus sentimentos por ele não tinham mudado; o seu coração começou a bater com mais força, desceram-lhe arrepios pela espinha, e desejou-o.

– Vamos para St. James's Park? – sugeriu ele, quando por fim a largou. – Aos sábados vai lá uma banda tocar.

O calor do sol tinha trazido para as ruas centenas de pessoas, pares de namorados que passeavam de mãos dadas, famílias inteiras, algumas a fazer piqueniques na relva, e idosos a dar um passeio.

As cadeiras de lona estavam dispostas em fila diante do coreto, a maior parte já ocupada por pessoas que aguardavam a chegada da banda. Pais com filhos pequenos davam de comer aos patos do lago.

Morgan estendeu o casaco na relva, para que ambos se sentassem. Explicou porque achava melhor alistar-se já, em vez de esperar pela mobilização.

– Assim, posso escolher o que vou fazer. Pedi para ser colocado numa divisão de transportes ou de ambulâncias. Se continuasse no navio e a guerra rebentasse, mandavam-me para a sala das máquinas, ou qualquer coisa assim. Vão com certeza deixar de transportar passageiros seja para onde for. E tu, Mari, se queres voltar à Nova Zelândia, devias fazê-lo enquanto ainda podes.

– Não quero ir para casa – confessou ela. – Só espero que o meu pai não me mande voltar. – E falou-lhe do curso de secretária que estava a fazer e da sua vida em casa dos tios. – Tenho saudades da minha família, mas em Russell não há nada para mim e gostava de fazer qualquer coisa para ajudar aqui. A minha mãe conduziu ambulâncias em França na última guerra; eu não seria capaz disso, mas deve haver qualquer coisa que possa fazer.

– Como falas francês, podias candidatar-te a um emprego no governo, talvez eles precisem de secretárias bilingues – disse ele, e então falou-lhe de alguns passageiros do navio e das razões que tinham para quererem voltar apesar da ameaça de guerra. – As pessoas nunca sabem até que ponto são patrióticas até sentirem que o seu país está ameaçado. Um homem, já com mais de sessenta anos, disse-me que não se sentia capaz de continuar na Nova Zelândia numa altura em que os membros mais jovens da sua família enfrentavam privações e perigos. Achei que era um pouco louco, como se estivesse a enfiar a cabeça na boca do leão, mas então descobri que também queria dar o meu contributo.

A clareza e paixão deste pequeno discurso fizeram-na recordar as preocupações que a carta despertara nela. Encaminhou a conversa de modo a poder perguntar-lhe que escola tinha frequentado.

– Perguntas isso por causa das minhas cartas? – Morgan olhou para ela, com uma expressão envergonhada. – Ainda pensei em arranjar alguém que as escrevesse por mim, mas depois percebi que não ia conseguir manter a mentira e que mais tarde ou mais cedo ia ter de te contar. Aposto que achas que sou um bruto.

– Não, porque sei que não és. Mas fiquei um pouco chocada – admitiu ela. – Sabia que tinha de haver uma boa razão: talvez não tivesses podido receber muita instrução. Por isso diz-me agora, e depois podemos esquecer o assunto.

Ele hesitou, de olhos baixos.

– Os meus pais eram ciganos – disse por fim. – Nunca paravam muito tempo no mesmo sítio. Disse-te que vivi durante algum tempo no East End, e foi lá que comecei a ir à escola. O mais longe que consegui chegar foi aprender a ler, e então mudámo-nos para outro sítio qualquer. Nunca estive mais de seis meses no mesmo lugar. Todos os ciganos vivem assim, e os meus pais achavam que nem eu nem os meus irmãos precisávamos de mais instrução.

Mariette nunca tinha sequer visto um cigano. Tudo o que sabia do modo de vida deles era o que lera nos livros, e parecia-lhe muito romântico.

– Viveste numa caravana?

– Sim. Bem, pelo menos enquanto o meu pai trabalhava nas feiras e nos circos. A minha mãe também tinha um número. Mas no inverno alugávamos um par de quartos num sítio qualquer. O único lugar onde

costumávamos passar vários meses era o East End, porque o meu pai conseguia arranjar trabalho temporário nas docas. Mas não gostavam daquele género de vida, de modo que lá voltávamos à estrada.

– Os teus pais ainda estão vivos?

– Não, morreram num acidente de viação, há anos. O meu pai era condutor num comboio de camiões de um circo, na costa nordeste de Inglaterra, e houve uma enorme tempestade. O camião da frente chocou com alguém que vinha em sentido contrário e enfeixaram-se todos uns nos outros. O camião do meu pai e o que vinha atrás saíram da estrada e desfizeram-se nos penhascos ao fundo da ribanceira. Morreram sete pessoas naquela noite, e várias outras ficaram feridas.

– Que horror – murmurou Mariette.

– Sim, foi terrível. Mas eu só soube muito depois do funeral, porque andava no mar. A última vez que tinha visto os meus pais fora mais de um ano antes, e nessa altura tinha tido uma enorme discussão com o meu pai por causa da minha mãe. Tentei explicar-lhe que ela queria uma casa permanente, mas, como sempre, ele enfureceu-se. Era um rufião que não queria saber dos sentimentos de ninguém senão dos dele, por isso deu-me um murro na cara e disse-me que desaparecesse. Eu disse-lhe que nunca mais voltaria a pôr-me a vista em cima.

Mariette percebeu, pela maneira como ele quase cuspiu a informação, que aquilo ainda lhe doía.

– Lamento – disse.

Ele fez um sorriso sombrio.

– Não lamentos... bem, não pelo meu pai, teve aquilo que merecia, e ainda foi pouco. É da minha mãe que tenho pena, a vida dela foi um inferno. Se não estivesse com ele naquela noite, se tivesse ficado viúva, poderia ter-lhe arranjado uma casinha e tomado conta dela. Merecia melhor.

– E os teus irmãos?

– Os dois mais velhos são iguais ao pai. – Morgan suspirou. – Nunca mais tive contacto com eles. O mais novo, o Caleb, é mais parecido comigo, e iria vê-lo se soubesse onde está. Mas não sei, de modo que não há nada a fazer.

– Entraste para a Marinha Mercante para teres uma vida diferente?

Ele estendeu a mão e despenteou-lhe os cabelos.

– Sim, era esse o plano, mas acabei por descobrir que era a mesma vida, só que no mar, em vez de ser em terra. Acho que nunca perdi o cigano que há em mim, e também nunca estudei.

– Mas deves ter aprendido muita coisa?

Ele encolheu os ombros.

– A respeito das pessoas, talvez, e de geografia. Mas continuo a dar erros, e não consigo escrever uma boa carta.

– Podes aprender essas coisas, se leres. Costumas ler?

– Consigo ler um livro infantil, mas pouco mais.

*

Ficaram no parque até cerca das cinco, quando começou a arrefecer, e então foram para a Lyons' Corner House, na Strand, beber um chá.

Havia muita gente e muito barulho, mas conseguiram arranjar uma mesa num canto onde ao menos podiam ouvir-se um ao outro. Ao princípio, Morgan continuou a falar do navio e dos lugares que tinha visto, mas então, de repente, mudou de assunto.

– Vens comigo para o meu quarto? – perguntou.

Havia qualquer coisa nos olhos dele – era quase como se estivesse a desafiá-la – que a fez ficar alerta.

– Não sei se será boa ideia – disse.

– Porquê?

Ela hesitou. Como podia admitir que não queria ser levada para um quarto miserável no East End?

– Pensei que me amavas – insistiu Morgan. – Mudaste de ideias agora que sabes que sou um cigano ignorante, não foi?

– Não sejas assim – sussurrou ela, porque ele tinha levantado a voz e as pessoas da mesa ao lado estavam a olhar. – Não é nada disso.

– Bem, então prova-o e vem comigo.

Pôs-se de pé, deixou algum dinheiro em cima da mesa para pagar a conta e estendeu a mão para ela.

Enquanto passavam por entre as mesas e saíam para a rua, Mariette sentia-se muito nervosa.

– Não faças esse ar tão duro – pediu. – É assustador.

Ele agarrou-a pelos braços e aproximou a cara da dela.

– Eu digo-te o que é verdadeiramente assustador. É conhecer uma rapariga que diz que me ama, e começar a pensar que posso ter uma vida

melhor com ela, mas no instante em que lhe digo de onde venho e a razão por que não sei ler e escrever muito bem, ela começar a tratar-me com frieza.

– Não é nada disso – protestou ela. – É só porque não sei se quero ir contigo para o teu quarto.

– Porque não?

– É demasiado cedo. Podes pensar que está tudo bem por causa do que aconteceu no navio, mas apesar de ter sido muito bom, foi muito arriscado, e eu não me atrevo a voltar a correr esse risco.

Morgan abanou a cabeça, incrédulo.

– Pensei que não tinhas os mesmos preconceitos que as outras pessoas carregam consigo. Conheci-os a todos nas minhas viagens: judeus, negros, chineses, indianos, até irlandeses, todos eles são desprezados. Mas os ciganos estão quase sempre no topo da lista dos indesejáveis. Agora descubro que és igual.

– Não tenho nenhum preconceito contra o facto de seres cigano – protestou ela, indignada. – O que estás a dizer é ridículo. Não gosto é de sentir que estou a ser pressionada. Não quero ficar grávida sem estar casada, sobretudo com uma guerra prestes a começar.

– Eu teria cuidado – disse ele.

Mariette abanou a cabeça, exasperada.

– Se continuas assim, sou bem capaz de arranjar um preconceito contra ti. Mas se queres saber, engravidar não é a única coisa de que tenho medo. Não quero ir para um quarto miserável e feio em Whitechapel e depois arrepender-me de ter ido.

Ele largou-lhe os braços e recuou um passo, com um ar um pouco confuso.

– Para onde queres ir, então?

Mariette sentiu que ele estava na esperança de que ela dissesse um hotel, mas não ia fazê-lo.

– A minha mãe viveu algures perto daqui. Num lugar chamado Seven Dials. Podemos ir até lá? Gostava muito de o conhecer. Viveu num *pub* chamado Ram's Head.

Ele encolheu os ombros, sem parecer muito entusiasmado.

– Se é isso que queres. Não é muito melhor do que Whitechapel, mas é mais perto.

Enquanto desciam a Strand, uma majestosa e larga avenida ladeada de lojas encantadoras, Morgan pareceu voltar ao que era antes de se zangar. Indicou-lhe o Savoy, explicando que tinha sido o primeiro hotel de Londres a ter luz elétrica, e acrescentou que tinha trabalhado lá, nas cozinhas, durante algumas semanas antes de entrar para a Marinha Mercante.

Mariette estava ainda um pouco desconfiada, desejosa de fazer as coisas voltarem ao que tinham sido ao início da tarde, de modo que lhe fez perguntas a respeito do alistamento e de quanto tempo passaria ainda antes que vestisse o uniforme.

– Julgo que logo que passar os exames médicos vou direto para o campo de instrução. – Sorriu. – Não devem querer dar-me tempo para pensar melhor e mudar de ideias. Calculo que lá para terça ou quarta-feira já estarei a fazer a formação em quadrado.

Quando saíram da Strand em direção ao mercado de Covent Garden, as ruas tornaram-se assinalavelmente mais estreitas e pobres, e havia muito menos gente.

– As tardes de sábado e os domingos são as únicas alturas em que isto por aqui está sossegado – disse Morgan. – Durante a semana, reina a maior das confusões quase vinte e quatro horas por dia, porque os vendedores de fruta, legumes e flores abrem as bancas de madrugada. Quando, às nove da manhã, aparecem os empregados de escritório, já o pessoal do mercado fez quase um dia de trabalho.

Mariette ficou muito chocada ao ver um grupo de mulheres de ar miserável a remexer nos restos que os vendedores tinham deixado para trás, recolhendo as frutas e os legumes que não estivessem completamente podres.

– A minha mãe costumava mandar-nos fazer aquilo no sábado à noite – disse Morgan. – Aqui era melhor do que em Whitechapel. Cozinhava um guisado com legumes e uns restos de carneiro. Fazia-o durar pelo menos três dias.

Mariette estremeceu ao pensar naquilo, e então voltou a sua atenção para as muitas pessoas bem vestidas que se apeavam de táxis no meio dos detritos do mercado.

– Que vêm aquelas pessoas aqui fazer? – perguntou.

– Os teatros – respondeu Morgan. – É difícil de imaginar agora, antes de ser tudo limpo, mas além de alguns dos melhores teatros, há por aqui

restaurantes muito bons. E também é o único lugar onde se pode beber uma bebida de madrugada, porque os bares abrem para os homens do mercado. É frequente ver por cá gente fina, a beber mais um par de copos antes de ir a cambalear para casa.

Depois de passarem o mercado, o ambiente tornou-se muito esquelético. Havia pequenos becos sujos e estreitos que pareciam os lugares que Charles Dickens descrevia nos seus livros. Mog falava muitas vezes do tempo em que ali vivera, mas Mariette sempre imaginara que fosse mais colorido e pitoresco; não estava à espera dos edifícios enegrecidos pela fuligem, dos vidros cobertos de sujidade, do fedor a mofo e a lixo.

– Cá estamos, o Ram's Head – disse Morgan, e apontou para uma taberna do outro lado do que parecia ser uma das ruas ligeiramente melhores do bairro. – Entramos para beber um copo?

Mariette não respondeu de imediato porque, de repente, estava a recordar a história que Mog contava a respeito de como fora viver para ali. A casa onde era governanta de Annie, a mãe de Belle, fora destruída por um incêndio. Salvas por Garth Franklin e Jimmy Reilly, tinham ido viver com eles para aquele *pub*. Alguns anos mais tarde, quando Belle regressara de Paris, casara com Reilly e Mog casara com Garth antes de se mudarem para o outro lado de Londres.

O Ram's Head era o que ela viria a reconhecer como um velho *pub* inglês. Tinha janelas em arco, com vidros coloridos, e uma porta baixa que significava que as pessoas altas tinham de inclinar a cabeça para entrar, mas estava a precisar muito de uma pintura e de um arranjo geral.

Mog descrevera os aposentos por cima do *pub* como sendo uma «pocilga» quando fora para lá viver. A avaliar pelas cortinas esfarrapadas nas janelas superiores, continuava a sê-lo.

– Então, entramos? Ou não? – insistiu Morgan.

Ela não queria, mas receou que admitir os seus sentimentos levasse Morgan a pensar que era uma *snob*.

– Claro que vamos entrar – disse, a esforçar-se muito por parecer entusiasmada. – Assim poderei escrever para casa e dizer-lhes que estive cá.

Era ainda demasiado cedo para haver muito movimento – apenas cerca de vinte pessoas, na sua maioria homens ainda com as roupas de trabalho – e, para grande alívio de Mariette, o interior estava surpreendentemente bem

conservado. O chão de pedra tinha sido esfregado, as mesas estavam limpas e os espelhos por trás do balcão brilhavam. Calculou que o homem corpulento atrás do bar, com um colete às riscas e um bigode grande e retorcido, era o proprietário, e que a mais velha das duas empregadas devia ser mulher dele. A mais nova era uma loura falsa, que usava um decote pronunciado e um *bâton* vermelho a condizer. Era muito provocante, agitando as pestanas e sacudindo os cabelos para trás enquanto enchia as canecas.

Morgan pediu uma caneca de cerveja para si e um porto com limão para Mariette, e foram sentar-se perto da lareira.

Mariette contara-lhe alguma coisa a respeito da mãe e de Mog, no navio. Recordou-lhe então que tinham casado com um tio e sobrinho, e que ambos tinham morrido durante a epidemia de gripe espanhola, no fim da guerra.

– A Mog dizia que as pessoas tinham um pouco de medo do Garth, quando era ele o dono disto – acrescentou. – É uma sensação estranha, pensar que este era o *pub* que ela limpava e onde se apaixonou pelo marido.

– Na altura, esta zona era frequentada por gente muito pouco recomendável – disse Morgan. – E também havia dúzias de bordéis na área. O teu Garth tinha de ser duro para manter os clientes na linha. Não disseste que vendeu o *pub* e se mudou para Blackheath?

Mariette confirmou com um aceno de cabeça.

– Costumávamos ir todos os anos com a feira para Blackheath, no feriado de agosto – disse ele, com um sorriso. – A minha mãe adorava aquele lugar. Levava-nos a Greenwich Park para ver os veados e ficámos a ver os filhos dos ricos brincarem com os barcos no lago. Só me lembro do calor e do sol.

– A minha mãe e a Mog tiveram de aprender a ser «senhoras» quando foram para lá; as clientes da minha mãe na loja de chapéus eram todas empertigadas. Não falam muito desses tempos porque o Jimmy perdeu um braço e uma perna na guerra e penso que as coisas começaram a correr mal para elas.

– Foram muito corajosas em emigrarem para a Nova Zelândia quando os maridos morreram – disse Morgan, com admiração. – Onde foi que a tua mãe conheceu o teu pai?

– Em Paris, antes da guerra. O tio Noah também lá estava, e tornaram-se todos grandes amigos, mas a minha mãe voltou para cá e casou com o Jimmy. Anos mais tarde, o tio Noah e o meu pai descobriram o que tinha acontecido e onde ela estava, e o meu pai foi à Nova Zelândia procurá-la. E viveram felizes para sempre.

Morgan sorriu.

– Parece muito romântico. A pobre da minha mãe não pôde escolher com quem casava, foi a família que combinou tudo. Eu nunca soube nem metade do que ela tinha de aguentar até ter cerca de catorze anos.

Ficaram um par de horas no Ram's Head, a conversar, mas Morgan parecia diferente do que tinha sido no navio. Sempre que ela falava de uma coisa que tinha feito com Rose, ou de um lugar que tinha visitado com a família, ele respondia com uma história sobre as misérias e privações da sua própria infância.

Era como se tivesse inveja dela, mas isso parecia ridículo. Qualquer homem que a amasse devia ficar contente por saber que ela estava a ser tão bem tratada em Londres.

Mais tarde, quando o *pub* começou a ficar cheio, saíram e passearam pelo West End. Morgan mostrou-lhe o Windmill Theatre, com as suas ousadas coristas, a Tin Pan Alley, onde os músicos iam comprar pautas, e muitos outros teatros onde atores e atrizes famosos representavam. Ele voltara a ser o velho Morgan, interessante e divertido.

Parou muitas vezes para a beijar em becos escuros, apertando o corpo contra o dela de uma maneira que Mariette achava excitante mas também um pouco assustadora, pois receava que ele tentasse arrastá-la para um sítio qualquer.

No entanto, quando, às dez horas, ela disse que tinha de voltar para casa, ele aceitou sem levantar objeções.

– Vamos até à estação de Green Park – disse. – Podes apanhar lá o metro para St. John's Wood, e eu para Bethnal Green. A menos que queiras que eu te acompanhe até casa?

Mariette ficou comovida por ele estar disposto a fazê-lo, mas disse que não era preciso, que podia ir sozinha. A última coisa que queria era que

Noah e Lisette a vissem com ele antes de ter tido oportunidade de confessar onde estivera verdadeiramente naquele dia.

– Só mais uns beijos – pediu Morgan, quando chegaram a Green Park, e puxou-a para o parque em vez de seguir até à estação do metropolitano.

Pegou-lhe na mão e levou-a para os arbustos junto ao Ritz Hotel. O salão de jantar do hotel era iluminado por enormes lustres. Havia grandes espelhos nas paredes, copos de cristal e talheres de prata em cima das mesas, e tudo aquilo parecia refulgir e cintilar.

– Olha para todos aqueles finaços – disse Morgan, a apontar para os comensais. – Um dia, Mari, havemos de estar ali. – Aposto que os quartos são do outro mundo.

Ficaram alguns momentos a olhar para as pessoas que enchiam o salão de jantar, com os braços na cintura um do outro. As senhoras usavam vestidos de noite elegantes e joias magníficas, e os cavalheiros tinham um ar muito distinto com os seus *smokings* e laços pretos.

– Havias de ficar muito bonito de *smoking* – disse ela. – Mas penso que jantar e dormir ali deve custar mais dinheiro do que alguma vez viremos a ter.

Morgan voltou-se para a beijar, apertando-a contra o peito. Enquanto a beijava, puxou-a para mais perto de uma grande árvore junto às janelas do salão de jantar do hotel. Os beijos dele eram excitantes, mas de repente Mariette teve uma estranha sensação de arrepio. Morgan tinha-a levado para um sítio onde não seriam vistos por quem passasse no parque, mas que ficava bem à vista de quem olhasse pelas janelas do hotel.

Ninguém olhava – estava toda a gente demasiado ocupada a conversar e a saborear o jantar –, mas, mesmo assim, sentiu que aquilo era a maneira dele de fazer uma afirmação. Talvez não pudesse comer e dormir no Ritz, mas podia fazer sexo com uma rapariga mesmo diante das janelas do hotel.

Tentou afastar os lábios para poder dizer que se queria ir embora, mas ele apertou-a com mais força. Enfiou-lhe a mão por baixo da saia do vestido e dentro das cuecas, e Mariette percebeu no mesmo instante que estava decidido a possuí-la ali mesmo, quer ela quisesse ou não.

Chocada, conseguiu pôr as mãos nos ombros dele e empurrá-lo o suficiente para interromper o beijo.

– Tenho de ir, Morgan – disse, na esperança de que ele dissesse qualquer coisa que lhe provasse que se enganara quanto às suas intenções.

– Ainda não, primeiro vou foder-te.

Horrorizada por ele ter usado uma palavra tão ordinária, Mariette tentou empurrá-lo com mais força.

– Não quero, não está certo – disse.

– No navio achaste que estava muito bem, e olha que é a mesma pila – respondeu ele, levando a mão à braguilha e começando a desabotoá-la.

Uma imagem da humilhação que sofrera com Sam encheu a cabeça de Mariette.

– Já disse que não! – gritou, e empurrou-o com todas as suas forças. – Para!

– Não estás a falar a sério. Adoras – disse ele, e empurrou-a com força contra o tronco da árvore, usando o peso do corpo para a imobilizar.

A fúria cegou-a. Não ia permitir que ele a tratasse daquela maneira. Moveu a cabeça, como se fosse beijá-lo, e quando os lábios dele se aproximaram dos dela, abriu a boca e mordeu com força. Ao mesmo tempo, levantou o joelho e atingiu-o entre as pernas.

Morgan recuou, a cambalear e a pingar sangue do lábio inferior.

– Como é que podes ser assim? – rosnou-lhe ela. – Chamas a isto amor?

E então voltou-se e correu. Ouviu-o gritar que estava arrependido, mas não parou. A entrada da estação do metro ficava mesmo em frente dos portões do parque, e ela desceu os degraus a correr e comprou o bilhete. Estava a passar a cancela para chegar à escada rolante, a conter as lágrimas, quando o ouviu chamar.

– *Mariette, espera!*

Olhou para trás e viu-o descer os degraus dois a dois.

– Não sei o que me deu. Deixa-me explicar! – gritava.

Ela sacudiu a cabeça num gesto de desafio e avançou para a escada rolante.

No entanto, quando não o ouviu descer atrás de si, arrependido e apaixonado, preparado para acompanhá-la a casa sem mais disparates, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Como fora tola em pensar que ele a amava. Tudo o que queria era um pouco de sexo furtivo antes de se alistar, e isso era muito, muito humilhante.

Lisette e Noah estavam na cozinha quando Mariette abriu a porta da frente. Lisette gritou que estavam a fazer cacau. Tudo o que ela queria era ir para o seu quarto e desabafar em lágrimas a desilusão que o comportamento de Morgan lhe causara. Mas sabia que Lisette e Noah achariam estranho se não se lhes juntasse.

Como esperava, Lisette perguntou-lhe o que tinha feito e se se tinha divertido.

– Menti-lhes – confessou Mariette. – Não fui sair com uma amiga. Fui encontrar-me com o Morgan, o rapaz que conheci no navio. – Olhou para Noah e explicou que Morgan fora o criado de bordo que cuidara dela na enfermaria quando tivera uma reação alérgica.

– Porque foi que mentiste? – perguntou Noah. Não parecia zangado, só confuso.

– Pensei que não aprovariam – disse ela, baixando a cabeça. – Mas ele deixou o navio e vai alistar-se no exército.

– Gostaste tanto dele hoje como tinhas gostado no navio? – perguntou Lisette. Estava a olhar atentamente para ela, como se desconfiasse de qualquer coisa.

– Não, para ser franca. – Mariette abanou a cabeça. – É bonito, e boa companhia, mas não é para mim.

– Uma rapariga bonita da tua idade deve ter montes de admiradores e não levar nenhum deles demasiado a sério – sentenciou Noah, com um grande sorriso. – Por falar de admiradores, o Gerald telefonou esta noite. Quer levar-te ao teatro, para a semana, e vai voltar a ligar amanhã.

– Que bom – disse ela, num fio de voz. – Vai ser agradável.

Da maneira como se sentia naquele momento, achava que nunca mais ia acreditar noutro homem. Mas não ia dizer nada que levasse Lisette a interrogá-la mais a respeito de Morgan.

Mais tarde nessa noite, enquanto Mariette, sentada diante do toucador, escovava os cabelos as cem vezes que fora criada a considerar necessárias para os manter brilhantes, Morgan estava molemente sentado nos degraus do portal da sua pensão em Whitechapel.

Não pudera correr atrás de Mariette porque tivera de esperar a sua vez para comprar um bilhete, e quando passara a cancela já ela ia no comboio a

caminho de casa. Fizera tudo errado, devia ter calculado que uns quantos meses em Londres com parentes que eram finãos iam mudá-la. Que diabo lhe passara pela cabeça para lhe saltar em cima como um raio de um selvagem?

A verdade era que soubera, só pela maneira como ela falava da sua vida em Londres, que nunca ia ficar com alguém como ele. Tinha visto o modo como ela olhava para aquelas pessoas a jantar no Ritz, com os olhos a brilharem como se tivesse visto Deus. Doía-lhe, porque no navio olhara para ele da mesma maneira. Não era grande desculpa para o modo como tentara forçá-la, mas era a única que tinha para dar. Talvez tivesse pensado que, se conseguisse voltar a excitá-la, a tal expressão voltasse aos olhos dela, mas para ele.

Pousou os cotovelos nos joelhos e apoiou a cabeça nas mãos. A rua continuava tão barulhenta, agora que era quase meia-noite, como estivera durante o dia. Homens embriagados passavam aos tropeções, gritando com quem viam, e, um pouco mais adiante, havia uma família inteira sentada no passeio, a beber; um piano tocava algures ali perto, alguns miúdos brincavam às lutas à luz de um candeeiro na esquina, e de vez em quando alguém punha a cabeça de fora de uma janela e berrava a chamar alguém.

Morgan sempre gostara daquela parte de Londres – compreendia as pessoas –, mas como pudera pensar que Mariette também gostaria?

Tudo o que ela veria seria a miséria, a ignorância, a sobrelotação e as privações. Nunca veria o espírito dos moradores, nem riria do seu rico sentido de humor, ou quererá ser amiga de alguém dali.

Já era suficientemente mau saber que Mariette tinha o pensamento fixo num estilo de vida que ele nunca poderia proporcionar-lhe. Mas era muito pior pensar que a última recordação que teria dele seria de como tentara possuí-la à força.

Estava tão envergonhado.

Quando, no início de julho, deixou a escola depois do último dia de aulas, levando na mão o seu diploma, Mariette estava muito triste. Passara os exames finais com distinção, mas a alegria do êxito era ofuscada pelo conhecimento de que ia ter de regressar à Nova Zelândia.

A guerra estava iminente. Havia semanas que Noah andava com uma expressão permanentemente preocupada. Nos últimos tempos, tinha apanhado Noah e Lisette em conversas sussurradas, que cessavam quando ela entrava na sala, e sabia que estavam a falar de comprar-lhe uma passagem de regresso a casa. Não valia a pena pedir-lhes que a deixassem ficar quando os pais insistiam que voltasse; já tinham cedido ao deixar que acabasse o curso de secretária e obtivesse o seu diploma. Agora que já o tinha, era tempo de partir.

Mas ela não queria ir. Adorava tudo em Inglaterra, e apesar de todos aqueles preparativos para a guerra serem ameaçadores – havia agora balões de barragem no céu, estavam a ser cavadas mais trincheiras nos parques, os sacos de areia amontoavam-se diante dos edifícios, os vidros das janelas e montras enchiam-se de tiras de adesivo e por todo o lado surgiam novos abrigos antiaéreos –, continuava a querer ficar.

E o facto de o tempo estar quente e soalheiro, e Rose e as amigas falarem de bailes de verão, piqueniques e concertos ao ar livre não ajudava nada. A atmosfera prevalecente era de «fá-lo agora porque amanhã pode ser demasiado tarde», e os jovens de vinte e vinte e um anos já tinham sido chamados; Londres enchia-se de homens de uniforme.

Mariette tentava pensar nos aspetos positivos de regressar a casa. Mas além de ver a família, nadar e andar de barco, não lhe ocorria mais nada. Ficar encurralada do outro lado do mundo, desocupada enquanto todos os homens em condições de o fazer se preparavam para combater não era uma perspetiva agradável.

Sentira-se tão em baixo logo a seguir ao incidente com Morgan que, nessa altura, talvez tivesse aceitado voltar a casa, mas entretanto pusera tudo isso para trás das costas. Ele escrevera a pedir desculpa, mas a carta fora tão curta e mal escrita, sem lhe dar qualquer ideia de quais tinham sido as suas verdadeiras razões, que só servira para confirmar que não era o homem apropriado para ela.

O que não a impedia de pensar nele, e perguntar-se porque fora que, de repente, se comportara daquela maneira. Gostaria de poder sentar-se e falar com ele cara a cara, para tentar perceber.

De momento, tinha Gerald para a levar a sair. Podia não sentir nada por ele senão amizade, mas Gerald era divertido, generoso, e demasiado cavalheiro para lhe pedir mais do que um beijo de boas-noites.

Contornou a casa para entrar pela cozinha e deteve-se, espantada pela visão que se lhe deparou. No relvado, tinha sido posta uma comprida mesa de jantar. Estava maravilhosamente arranjada, com flores e dúzias de velas. Percebeu no mesmo instante que era para ela, uma festa-surpresa de despedida, e que era a respeito daquilo que Noah e Lisette tinham andado a sussurrar.

Podia não querer ir para casa, mas continuava a ser muito querido da parte de Noah e de Lisette organizarem-lhe uma despedida em grande estilo.

Lisette saiu da cozinha, deteve-se bruscamente e então riu da expressão espantada dela.

— Sim, é para ti, queríamos festejar teres passado nos exames. Há semanas que ando a rezar por bom tempo para podermos fazer a festa no jardim, e as minhas preces foram atendidas.

— Está tudo tão bonito. — Os olhos de Mariette começaram a marejar-se de lágrimas; estava emocionada por Lisette fingir que a festa era para festejar o resultado dos seus exames e não de despedida. — Imagine-se, fazerem tudo isto em segredo!

— Foi um prazer. — Lisette aproximou-se dela e limpou-lhe as lágrimas com uma ponta do avental. — Mostra-me o teu diploma. Vamos ter de pô-lo num lugar onde todos o possam ver.

Mariette tirou o papel do sobrescrito e entregou-lho.

— Aprovada com distinção! — exclamou Lisette. — O Noah vai ficar tão orgulhoso de ti. Mas agora vai-te arranjar. Tens de estar no teu melhor para receber os convidados. A Rose já está lá em cima.

Às seis e meia, Mariette estava pronta, com o seu vestido de renda creme. Rose penteara-lhe os cabelos para cima e prendera um par de botões de rosa entre os caracóis dourados.

– O papá quer-nos lá em baixo antes de os convidados chegarem para podermos ter alguns momentos em família – disse Rose, enquanto dava os últimos retoques no penteado de Mariette. – Espero que não diga que é também uma festa de despedida e que te vai enfiar num navio de um momento para o outro. Não quero que te vás embora, Mari. Eu sei que é egoísmo, e que tu queres ver a tua família, mas tem sido tão bom ter-te cá.

– Eu também não quero ir – admitiu Mariette, comovida pelas palavras de Rose. – Mas é o que os meus pais querem. Por isso aproveitemos ao máximo a noite, porque podemos não voltar a ter outra oportunidade.

Na sala de estar, Noah entregou a cada uma taça de champanhe, e fizeram um pequeno brinde a Mariette. Lisette pediu então a Rose que a ajudasse na cozinha. Mariette adivinhou que era porque Noah tinha qualquer coisa a dizer-lhe, e o coração afundou-se-lhe no peito.

– A Lisette acha que eu devia esperar até amanhã para te dizer isto – começou ele, com um ar muito sério –, mas como sei que todos os teus amigos acham que vai ser também um jantar de despedida, senti que tinha de to dizer agora.

Fez uma pausa, como se não soubesse como continuar.

– Não vi bem as coisas – disse, por fim. – Pensei que não houvesse nenhum problema em fazer-te chegar a casa, mas parece que quase todos os navios que partem para a Nova Zelândia estão concentrados em transportar carga, e os poucos que vão levar passageiros estão completamente lotados. Lamento, minha querida, mas a menos que apareça qualquer coisa no último minuto, receio que tenhas de ficar cá.

O choque deixou Mariette sem palavras.

– Tentei mover influências – continuou ele, claramente convencido de que o silêncio dela se devia ao desgosto –, mas sem resultado. Sinto que falhei no meu dever para contigo e para com os teus pais. Lamento muito.

Uma bolha de alegria rebentou dentro dela. Queria abraçá-lo, dançar com ele pela sala, dizer-lhe que aquilo era o seu sonho tornado realidade. Mas resistiu à tentação. Era mais apropriado parecer triste e desapontada por não poder voltar a ver a família no futuro mais próximo.

Pousou a mão no braço dele.

– Não faz mal, tio Noah – disse. – Ninguém podia prever o que ia acontecer. Fez o que pôde. E de qualquer maneira, uma vez que tenho uma

mãe inglesa e um pai francês, talvez seja meu dever ficar e contribuir como puder para o esforço de guerra.

A testa de Noah desenrugou-se.

– Isso é muito corajoso e nobre da tua parte, Mari. Devo dizer que nenhum de nós queria perder-te, todos gostamos muito de ti. Mas ando à procura de uma casa fora de Londres, onde tu e a Rose estejam mais seguras em caso de ataque aéreo.

– Não falemos mais disso esta noite – disse Mariette. – A tia Lisette teve muito trabalho e devemos todos mostrar-lhe como o apreciamos.

Foi uma festa maravilhosa. As cerca de duas dúzias de convidados eram na sua maioria pessoas de quem Mariette se tornara amiga por intermédio de Rose. Todas a tinham recebido de braços abertos quando chegara a Inglaterra, convidando-a para inúmeras saídas e festas, e todas disseram que estavam encantadas por ela não ir para casa e poderem continuar a divertir-se juntos. A comida era soberba, o vinho abundava, e quando anoiteceu as dúzias de velas e as enfiadas de luzes coloridas escondidas nos arbustos transformaram o jardim num lugar encantado.

Mariette achou um pouco estranho o facto de Jean-Philippe e a mulher, Alice, não estarem presentes. Seria de esperar que fossem convidados para uma festa de família. Sentiu que havia ali algum mistério; estivera com eles duas vezes, e só de passagem, mas mesmo nessas breves ocasiões sentira uma certa tensão no ar. Lisette ia de vez em quando ver o filho, sozinha – sobretudo para almoçar –, mas quando chegava a casa nunca dizia nada a respeito daqueles encontros. Mariette interrogara Rose, mas ela limitara-se a encolher os ombros. «O Jean-Philippe é um bicho estranho», fora tudo o que tivera a dizer sobre o assunto.

Mas os pensamentos de Mariette a respeito de Jean-Philippe foram fugazes. Estavam ali muitas pessoas com as quais queria conversar, e não tardou que estivesse atarefada a combinar futuras saídas.

Mais tarde, Rose levou o gramofone para o jardim e puseram alguns discos a tocar. Mariette, porém, absteve-se da maior parte das danças e brincadeiras porque queria transmitir a Lisette e a Noah a ideia de que ficara um pouco abalada por aquilo que lhe tinham dito antes.

Mog afirmava muitas vezes que ela era retorcida, mas Mariette nunca compreendera muito bem o que queria dizer com aquilo. Agora sabia. Em casa, nunca quisera saber se a família estava zangada com ela, mas mal se apercebera de que era em Inglaterra que queria ficar, fizera todos os possíveis para que os seus anfitriões gostassem dela e não quisessem mandá-la embora.

Sabia que era um pouco hipócrita ser prestável, agradecida, bem disposta e afetuosa para servir os seus objetivos. Mas a verdade era que não lhe custava nada ser todas essas coisas porque Noah, Lisette e Rose eram pessoas encantadoras e razoáveis, apostadas em proporcionar-lhe o máximo de diversão possível.

Talvez exibisse um pouco de admiração extra por Rose, para a manter feliz, e nunca contrariava os planos que ela fazia para as duas. E também se esforçava por passar algum tempo com Lisette, coisa que Rose nunca fazia, e fazia a Noah perguntas intermináveis a respeito do que ele escrevia, de história inglesa e de todas as coisas que lhe interessavam.

O que começara por ser um plano para lhes agradar tornara-se desnecessário, porque acabara por gostar verdadeiramente deles. Descobrira que Noah era um homem fascinante, e que Lisette tinha profundezas escondidas que gostaria de sondar para lhe descobrir os segredos. Tinha de admitir que se tivesse conhecido Rose na Nova Zelândia, tê-la-ia repellido de imediato – porque era teimosa, *snob* e por vezes um pouco mazinha –, mas tinha também outras qualidades que mais do que compensavam estas características irritantes, como a paciência com que a ensinara a dançar, o sentido de humor e o facto de ser tão leal. Nunca revelava os segredos das duas, nunca a amesquinhava diante das amigas e apoiava-a em todas as circunstâncias.

A sua desonestidade para com Gerald envergonhava-a mais. Fingia-se sempre ofegante de felicidade quando o via e fingia que os beijos dele a excitavam para o manter interessado, porque gostava de ser levada a jantar e a dançar e de ser tratada como uma senhora.

Estava a vê-lo naquele momento, a apreciar a festa. Conversava com Rose, Peter e um par de outras pessoas, mas não parava de procurá-la com aqueles seus langorosos olhos de cachorrinho triste. Era um homem atencioso, de modo que provavelmente sentia que ela queria estar sozinha por alguns instantes e esperaria que o procurasse. Era uma coisa de que

gostava nele – na realidade, havia nele muitas coisas de que gostava –, mas só como amigo, mais nada.

Tornara-se tão boa a desempenhar o papel da convidada ideal que dera por si a tornar-se também a filha ideal. Quando falava ao telefone com os pais, nunca se esquecia de dizer como tinha saudades deles, dos irmãos e de Mog. Interessava-se por tudo o que eles faziam, sabendo que isso os convenceria de que tinha crescido e se tinha tornado uma pessoa responsável. Só lhes dava notícias ligadas a cultura ou educação, como as peças que tinha visto no teatro, os bailados no Sadler's Well's ou as suas amizades com outras estudantes da escola.

Semanas antes, no escritório de Noah, lera às escondidas uma carta que ele estava a escrever a Belle e Étienne. Noah falava com carinho e afeto de como ela tinha amadurecido, de como era encantadora com as amigas, de como ajudava Lisette. Interrompera a escrita no ponto em que dizia que ia ter muitas saudades quando ela regressasse a casa, e Mariette perguntara-se se estaria a considerar a possibilidade de pedir para a deixarem ficar.

Naquela noite, se conseguisse livrar-se dos pensamentos nostálgicos a respeito de Morgan, poderia dizer que era a rapariga mais feliz do mundo. Não compreendia como era possível ele continuar a insinuar-se-lhe na mente depois da maneira horrível como se comportara.

Mas talvez até fosse bom ele ter-se mostrado tal como era, porque viver ali em St. John's Wood permitira-lhe conhecer e apreciar as melhores coisas da vida, coisas que ele nunca poderia oferecer-lhe. Talvez pensar assim fizesse dela uma mercenária, mas não conseguia imaginar coisa pior do que viver numa miserável casa de duas divisões e usar o mesmo vestido dia sim, dia não, mesmo que Morgan a tratasse como uma rainha.

«É aquilo que eu quero», pensou enquanto via Lisette e Noah dançarem de cara encostada. Era óbvio para qualquer pessoa que o casamento deles era muito feliz. Mesmo quando tinham uma pequena discussão a respeito de qualquer coisa, um deles começava a rir, e de repente tudo tinha passado e os dois estavam a abraçar-se. Mariette não conseguia imaginar nada nem ninguém a separá-los. E o mesmo podia dizer dos pais, embora Belle fosse muito menos dócil do que Lisette.

Perguntou a si mesma se uma mulher saberia que tinha descoberto o homem certo logo no primeiro encontro. E se não, quanto tempo seria preciso esperar para ter a certeza absoluta?

Nas semanas que se seguiram à festa que celebrara o fim do seu curso, Mariette reparou que as pessoas se tinham tornado muito mais focadas no que era importante e no que não era. Toda a gente falava de aproveitar tudo ao máximo porque ninguém sabia o que estava ao virar da esquina, dando a entender que a morte podia surgir de um momento para o outro. O facto de, em julho e agosto, o tempo ter estado bom, com longos períodos de calor e sol, ajudou muito a este estado de espírito. Noah dizia que nunca tinha visto tantas famílias a fazer piqueniques em Hampstead Heath e a nadar nos lagos que lá havia.

As pessoas encaravam com calma a perspectiva da guerra, mas isso talvez fosse por não estarem muito bem informadas e, no fundo, acreditarem que poderia ser evitada no último momento.

Mariette estava informada, graças a Noah. Ele ficara furioso quando, em março, Hitler mandara as suas tropas invadir a Checoslováquia. E quando, em maio, a Alemanha e a Itália tinham assinado o Pacto de Aço, dissera que já não era possível continuar a afirmar que não tinham intenções agressivas.

Foi o seu sentido do dever e a necessidade de manter o dedo no pulso dos acontecimentos, como ele dizia, que o levou a, no início de agosto, mandar Lisette, Rose e Mariette para umas férias numa moradia perto de Arundel, enquanto ele ficava em Londres.

– Não me vais querer por perto, sempre a falar da guerra – disse a Lisette quando as acompanhou até ao carro. – Divirtam-se as três, pode ser a última oportunidade que têm de gozar umas férias descansadas nos próximos anos.

Enquanto Andrews conduzia o carro para a rua, Mariette olhou para trás e viu o padrinho de pé nos degraus do portal. Pareceu-lhe de repente mais velho, e um pouco assustado.

– Está a ser assombrado pelas coisas que viu na última guerra – disse Lisette, como se lhe tivesse adivinhado os pensamentos. – Tinha a certeza de que todos aqueles milhões de jovens corajosos, de um e do outro lado, tinham morrido para garantir uma paz duradoura. Agora descobre que estava enganado, e isso é sempre uma coisa difícil de aceitar para um

idealista. Disse-me esta manhã que vai arranjar um trabalho qualquer relacionado com a guerra, e espero que isso o ajude a recompor-se.

As palavras de Lisette abalaram Mariette e fizeram-na evocar a imagem do pai. Nunca pensara muito no que ele tinha passado durante a última guerra. Só sabia que fora um herói e que lhe tinham dado a Croix de Guerre, a mais alta condecoração militar francesa. Mas estaria naquele momento a sentir o mesmo que Noah, a pensar que talvez os sacrifícios feitos por tantos dos seus compatriotas não tivessem servido para nada? Estava a ficar velho e não devia ser fácil ver jovens cheios de entusiasmo e de patriotismo a alistarem-se, sabendo que muitos deles iam morrer.

E estaria também preocupado com ela? Com medo de que pudesse ser ferida ou morta? Falara com ele pelo telefone, pouco depois de Noah ter explicado por que razão não podia regressar a casa, e parecera-lhe calmo, nem sequer ligeiramente comovido. Mas dissera uma coisa que lhe parecera muito estranha:

«A guerra pode trazer à tona o melhor e o pior que há em nós, Mari. A verdadeira coragem é quando consegues manter-te fiel ao que está certo, seja qual for o custo para ti, mesmo quando parece que toda a esperança se perdeu. Espero que nunca te encontres nessa situação. Mas se acontecer, lembra-te do que te disse.»

Todos os pensamentos sombrios a respeito do que a guerra podia trazer-lhes e às respetivas famílias se dissiparam quando Lisette e as duas raparigas chegaram à encantadora casinha de campo com telhado de colmo em Arundel. Era pequena, apenas uma sala de estar com cozinha e dois quartos de dormir. Não havia casa de banho e a retrete ficava no quintal, mas era tudo tão bonito, com uma vista maravilhosa sobre os campos até ao rio, que não se importaram. Rose disse que parecia uma casa de bonecas e sugeriu que se revezassem para cozinhar e fazer as limpezas, para que Lisette pudesse ter umas verdadeiras férias.

Sorriu a Mariette.

– O que significa, claro, que só teremos uma refeição decente de três em três dias, quando for a vez da mamã. E da minha parte conta com saladas, não sei fazer muito mais.

Era bom ver Lisette relaxar; em Londres, andava sempre ocupada com o seu voluntariado, a jardinar e a fazer pequenas coisas pela casa. Mariette perguntava-se muitas vezes porque não pedia a Mrs. Andrews para fazer mais coisas – ao fim e ao cabo, era a governanta.

– Não é estranho apreciarmos mais as coisas simples quando estamos fora de casa? – disse Rose na segunda manhã, quando estavam a tomar o pequeno-almoço sentadas a uma pequena mesa no quintal, junto à porta da cozinha. – Comemos torradas todos os dias, mas esta torrada, com este doce de laranja soberbo, sabe muito melhor ao ar livre. Em casa, ir à loja comprar ovos ou qualquer coisa assim parece-me um trabalho horrível. Mas a ideia de daqui a pouco subir aquele caminho para ir comprar mercearias deixa-me encantada.

– Não tardavas a aborrecer-te, se tivesses de viver sempre aqui – riu Lisette. – E por falar em ir fazer compras à aldeia, devíamos começar a comprar açúcar, chá, farinha e coisas assim. Vai ser tudo racionado logo que a guerra começar.

– Açambarcar comida não é uma coisa muito feia? – perguntou Rose.

– Talvez. Mas eu lembro-me de passar sem ela, e de como foi horrível, na última guerra. Ia por vezes a Blackheath, quando a Belle estava em França. A Mog conseguia sempre arranjar carne e queijo, acho que o Garth devia comprá-los no mercado negro. Invejava-os tanto. Ela enfiava sempre alguns embrulhos na minha mala antes de eu ir embora. Também passámos um dia a fazer conservas de fruta, e isso é uma coisa que devíamos fazer quando voltarmos a Londres. Na verdade, acho que até podemos comprar ameixas e levá-las para casa.

– A Mog continua a fazer conservas de frutas, geleias e *chutneys* – disse Mariette, e de repente evocou uma imagem de Mog diante do fogão a mexer uma grande panela com uma colher de pau, enquanto filas e filas de brilhantes boiões de vidro esperavam em cima da mesa da cozinha. – Podíamos cultivar legumes no quintal, tia Lisette, e talvez arranjar algumas galinhas. Foi o que nos aguentou, quando os tempos se tornaram muito difíceis, há uns anos. Isso e o papá ir à pesca. Sei tudo sobre galinhas, posso tratar delas.

Lisette riu da expressão entusiasmada de Mariette.

– Nunca esperei ouvir-te sugerir que cultivássemos legumes ou criássemos galinhas – disse. – Mas tens razão, é exatamente o que devemos

fazer. Quando eu era nova, em França, tínhamos galinhas e porcos, e cultivávamos legumes. Nesse tempo, eu costumava sonhar com um bonito jardim cheio de flores. Quando o Noah comprou a casa onde agora vivemos, fiquei felicíssima por poder finalmente ter o meu jardim. Agora queres que arranque tudo para cultivar coisas para comer?

Era a primeira vez que Lisette dizia qualquer coisa sobre a sua infância, e Mariette queria saber mais.

– Pode conservar alguns canteiros de flores – disse. – Mas a sua família era pobre?

– Muito pobre – respondeu Lisette com uma careta. – Éramos cinco filhos, e lembro-me de ter fome muitas vezes e buracos nas solas dos sapatos. Costumava sonhar com comida: carne assada, porco, e grande bolos de frutas. Queria vestidos bonitos e roupa interior fina, um casaco quente e sapatos que me servissem. Fugi para Paris quando tinha catorze anos, convencida de que todas essas coisas estavam lá à minha espera. Depressa descobri que só há uma maneira de as conseguir: trabalhando muito.

– Ou casar com um homem rico – disse Mariette.

– Os homens ricos não casam com raparigas pobres vestidas de farrapos – retorquiu Lisette, num tom duro.

Mariette corou, sentindo que tinha tocado um ponto sensível com o seu comentário.

– Nunca fala dos seus irmãos e irmãs. Ainda estão vivos? – perguntou Rose.

– A minha irmã morreu de pneumonia, em 1911. Os meus irmãos talvez tenham morrido na guerra. Mas se sobreviveram, terão agora sessenta e setenta e muitos anos, pois eu era a mais nova. Zangámo-nos há muito tempo. Eram pessoas más e mesquinhas, não quero saber deles.

Mariette tinha a certeza de que havia uma grande história por detrás do pouco que Lisette revelara, e resolveu voltar ao assunto noutra ocasião.

Entretanto, eram as melhores férias que se pudesse imaginar. O tempo estava magnífico e as três davam longos passeios em que exploravam a região, apanhavam o comboio até Littlehampton ou sentavam-se no quintal a ler. Compraram boiões de vidro, fizeram conservas de groselha e ameixa e enormes quantidades de geleia de framboesa para levarem para Londres. À noite, jogavam cartas ou ficavam sentadas a conversar.

*

À medida que o final de agosto se aproximava, era como se toda a gente em Inglaterra estivesse a reter a respiração, à espera de ouvir no rádio o anúncio do início da guerra. Como na pequena casa não tinham rádio, os vizinhos, um casal já de idade, convidaram-nas para irem no domingo, dia 3 de setembro, às onze horas, ouvir o primeiro-ministro Neville Chamberlain fazer o seu discurso.

O dia estava quente e sem vento. Reunidos à volta do rádio, mal ouviram o tom grave da voz de Chamberlain, souberam que só podiam ser más notícias.

— Esta manhã, o embaixador britânico em Berlim entregou ao governo alemão uma nota final na qual se afirmava que, a menos que nos fosse comunicado, até às onze horas, que estavam preparados para retirar as suas tropas da Polónia, existiria entre nós um estado de guerra.

«Tenho de vos dizer que esse compromisso não foi assumido, e consequentemente este país está em guerra com a Alemanha.»

Para Mariette, foi como se tudo entrasse em câmara lenta enquanto continuava a ouvir o discurso de Chamberlain. Viu uma lágrima deslizar pela face de Lisette, viu o alarme espelhado nos rostos do velho casal que, como ela já sabia, tinha perdido os dois filhos na guerra anterior. Rose limitava-se a olhar para o vazio, como se estivesse petrificada.

Reparou que estava uma abelha presa nas cortinas de renda da janela. Queria ir ajudá-la a libertar-se, mas parecia-lhe errado fazer uma coisa tão trivial num momento daqueles.

— Que Deus vos abençoe a todos — concluiu Chamberlain. — Rogamos-lhe que defenda os justos. Porque é contra o mal que vamos lutar: a força bruta, a má fé, a injustiça, a opressão e a perseguição. E, contra elas, estou certo de que o bem prevalecerá.

O velho foi o primeiro a falar.

— Bem, com guerra ou sem ela, tenho de ir regar o feijão — disse.

Estas palavras quebraram o silêncio. Lisette levantou-se e agradeceu ao casal ter-lhes permitido ouvir o comunicado. E voltaram as três à pequena casa.

Sem que ninguém dissesse uma palavra, todas sentiram que as férias tinham chegado ao fim. Lisette pôs a chaleira ao lume, e Mariette e Rose sentaram-se à mesa, à espera de que ela lhes dissesse o que fazer.

– Vou até à cabina telefónica ligar para o Noah – disse Lisette. – Calculo que já tenha dito ao Andrews para nos vir buscar. Por isso, enquanto lhe ligo, é melhor começarem a fazer as malas.

– Quanto tempo passará até que as bombas comecem a cair? – perguntou Rose, amedrontada.

Lisette aproximou-se da filha e acariciou-lhe a face, num gesto de conforto.

– Não sei, querida, mas suponho que a Alemanha atacará a França primeiro. Mas, como sabes, começaram a evacuar as crianças de Londres na sexta-feira. E há já semanas que nos aconselham a levar as máscaras de gás para todo o lado, de modo que talvez o governo esteja à espera que os bombardeamentos comecem imediatamente.

– Nesse caso, será sensato voltarmos agora a Londres? – argumentou Rose. – Porque é que não vem o papá para cá?

– Não quero ficar aqui. Quero fazer qualquer coisa útil para o esforço de guerra, e isso significa estar em Londres – disse Mariette, veemente. Gostava de Arundel para umas férias, mas morreria de tédio se a estada se prolongasse por vários meses. – Tenho a certeza de que tu também queres fazer qualquer coisa, Rose. E os teus clientes não vão precisar de ti?

– Penso que muitos deles também vão sair de Londres – respondeu Rose.

– O teu pai decidirá para onde iremos enquanto durar a guerra – declarou Lisette, pondo fim ao debate. – Por mim, preferia arriscar e ficar em casa. Temos, ao fim e ao cabo, uma boa cave. Além disso, o meu lugar é junto do meu marido.

*

Um dia depois de terem regressado de Arundel, Peter e Gabriel apareceram para anunciar que se tinham alistado na RAF. Como ambos tinham pertencido ao corpo de cadetes da RAF na escola, e tinham alguma experiência de voo, iam seguir diretamente para o centro de treino na manhã seguinte, para aprenderem a pilotar *Spitfires* e *Hurricanes*.

Mariette aplaudiu a decisão, mas Rose desfez-se em lágrimas, atirou-se para os braços de Peter e disse que tinha medo de que ele morresse.

– Então, pequena – disse ele, com um ar um tudo-nada embaraçado. – Tenho de dar o meu contributo pelo rei e pela pátria, e tudo isso. Havemos de ter licenças. Vamos estar no Kent, não vai ser muito difícil vir até cá para te ver.

De repente, Gerald pareceu muito mais atraente aos olhos de Mariette. Quando, mais tarde nessa noite, foram os quatro a Hampstead Heath para uma bebida, beijou-o apaixonadamente no parque de estacionamento do *pub* e prometeu escrever-lhe.

– Vai ser tão importante para mim, saber que és a minha namorada e estás à minha espera – disse ele, cobrindo-lhe o rosto de beijos. – És tudo para mim.

– Também eu gosto muito de ti – respondeu ela, subitamente consciente de que era verdade. – Tem muito cuidado contigo, Gerry.

No fim, para o público em geral não houve necessidade de pânico nem de decisões precipitadas, porque nada aconteceu. Não houve bombas, nem ameaças de invasão iminente, nada. Os jornais noticiavam que a Polónia tinha sido ocupada pelos Alemães, mas em Inglaterra ficou conhecida como a «Guerra Fingida». As pessoas queixavam-se das cadernetas de racionamento, e das regras do *blackout*, como se não acreditassem que a verdadeira guerra chegasse alguma vez a afetar a Inglaterra. Pelo Natal, muitas das crianças que tinham sido evacuadas de Londres voltaram à cidade com os pais.

Depois do regresso de Arundel, os pedidos de Lisette para ficar e o severo racionamento de combustíveis que estava prestes a ser imposto convenceram Noah a mudar de ideias quanto a saírem de Londres. Resolveu deixar o carro na garagem enquanto a guerra durasse e pôs Andrews a limpar e caiar a cave, como primeiro passo para transformá-la em abrigo antiaéreo.

Mariette gostou do desafio de tornar a cave confortável. Quando Noah comprou não só camas mas também aquecedores e candeeiros a petróleo para o caso de faltar a eletricidade, foi ela que se ocupou dos candeeiros. Recordou, com uma ponta de ironia, que não muito tempo antes, em casa dos pais, era sua obrigação encher os depósitos dos candeeiros e aparar os pavios. E agora estava a fazê-lo outra vez. Lisette deixou-a subir ao sótão, onde encontrou alguns velhos quadros, uma estante e várias outras pequenas peças de mobiliário. Dispôs tudo aquilo na cave, enchendo a estante de livros e juntando também alguns jogos de mesa e *puzzles*.

– Não percebo como é que consegues estar tão entusiasmada com a perspectiva de ficar aqui fechada – comentou Rose, quando foi dar uma vista de olhos. Franziu o nariz, desagrada. – Cheira mal e é fria. Acho que a mamã não tem razão em querer ficar em Londres. Seríamos muito mais felizes no campo. Quase todos os meus amigos já se foram embora.

Muitos dos vizinhos deles em S. John's Wood tinham entaipado as janelas e saído de Londres. Mr. e Mrs. Andrews decidiram que também eles iam mudar-se para casa de uns parentes que tinham uma quinta no Dorset.

– Vão precisar mais de nós do que os senhores – disse Mrs. Andrews a Lisette. – Com todos os rapazes novos a serem mobilizados, vão precisar de ajuda na quinta.

Na manhã seguinte à partida de Mr. e Mrs. Andrews, e para grande choque de Mariette, chegou uma carta de Morgan, tão mal escrita como as anteriores. Dizia:

Eu sei que me portei mal. Mas palavra, amo-te. E não queria fazer-te mal. Por favor diz que me perdoaste e escreve-me. Porque vou partir para França com o meu regimento. E por favor envia-me uma fotografia.

Mariette pensou que deveria sentir-se ofendida, mas tudo o que fez foi abanar a cabeça, espantada com tanto descaramento. Morgan só tinha escrito por medo do que o esperava e porque queria pensar que tinha uma namorada à sua espera. Já não queria ser essa namorada, mas não conseguia impedir-se de sentir algum receio por ele.

Na manhã seguinte, saiu cedo para uma entrevista de emprego em Baker Street. Enquanto se encaminhava para lá, pensava em como Morgan e Gerald eram diferentes, apesar de ambos quererem desesperadamente que ela lhes escrevesse. Se ao menos Gerald a incendiasse como Morgan fizera, teria aceitado casar com ele sem hesitar, se ele lho pedisse. Além de ter todas as credenciais necessárias – família, educação, boas perspectivas –, era uma excelente companhia, o género de homem que todos queriam para ela.

Embora não tivesse a mais pequena intenção de escrever a Morgan – só se fosse completamente louca, depois da maneira como ele a tratara –, não podia deixar de sentir-se um pouco triste quando recordava como ele era bonito, e como fora um amante maravilhoso antes de se ter desgraçado.

Mas a verdade era que, com a guerra a começar e toda a gama de novas experiências que se lhe deparavam, talvez fosse uma boa altura para estar livre de amarras.

Mr. Greville saiu do seu gabinete e tossicou alto para chamar a atenção de toda a gente. Mariette, que estava a datilografar uma carta para um fornecedor, ergueu os olhos para o patrão, expectante, enquanto todas as outras funcionárias interrompiam o que estavam a fazer.

– Mr. Chamberlain demitiu-se do cargo de primeiro-ministro – anunciou Mr. Greville, com a sua habitual pomposidade.

– Quem vai substituí-lo, senhor? – perguntou Doris. Doris tinha a seu cargo a contabilidade e considerava-se um furo acima de todas as outras colegas de trabalho.

– Tenho a certeza de que será o Winston Churchill, é o único homem com as credenciais adequadas, apesar de não ser muito de fiar – respondeu Mr. Greville. – Calculo que será confirmado em breve. Mas uma coisa é certa, vão ser necessários mais uniformes. Há males que vêm por bem, como é costume dizer.

Voltou a desaparecer no seu gabinete, deixando Mariette a pensar que a sua óbvia satisfação por poder ganhar dinheiro com a guerra não era de muito bom gosto.

Na altura da entrevista para secretária, em setembro – oito meses antes –, a única coisa boa que vira naquele emprego fora o facto de ficar a dez minutos de casa, a pé. Uma empresa que produzia uniformes parecia terrivelmente aborrecida, os escritórios em Baker Street eram tristes e sombrios e achara Mr. Greville asqueroso. Mas estava bem consciente da sua juventude e inexperiência, e de que era pouco provável que encontrasse uma oferta melhor, de modo que sentira que tinha de aceitar.

Rose visitara-a no escritório uma vez e proclamara que Greville – que tinha cerca de quarenta anos, com cabelos escuros oleosos e um bigode de pontas pendentes – era «um aldrabão típico do East End, apenas um furo acima de um vendedor ambulante». Mariette, no entanto, não tinha a mínima dúvida de que o patrão era um bom homem de negócios, fossem quais fossem as suas origens. Dezoito meses antes, produzia casacos de senhora na sua fábrica em Shoreditch, mas fora dos primeiros a candidatar-se aos contratos com o governo para o fornecimento de uniformes, e reconvertera toda a linha de produção nesse sentido.

Não obstante as reservas de Mariette quanto ao cargo, acabara por revelar-se muito melhor do que ela esperara. Gostava de Polly, a assistente de Doris, e de Susan, que trabalhava no arquivo, e a sua convicção de que Mr. Greville estaria a tentar seduzi-la no espaço de uma semana – parecia na verdade ser esse género de homem – não se confirmara. Nunca fizera ou dissera qualquer coisa que se pudesse considerar menos própria.

E também não se aborrecia. Imaginara que o seu trabalho se resumiria a tomar notas e escrever cartas para as fábricas de têxteis do Norte de Inglaterra. Mas depressa percebera que era muito mais. Além de acompanhar as encomendas de fivelas e botões, obter amostras de tecidos e muitas outras tarefas relacionadas, tinha também de ir com bastante frequência à fábrica em Shoreditch verificar como estava a correr a produção. Tomava notas estenográficas das reuniões de Greville com altas patentes militares e, de vez em quando, ele pedia-lhe que o acompanhasse a almoços ou jantares com homens que poderiam proporcionar-lhe novas oportunidades de negócio.

– Uma cara bonita e um toque de classe convencem a maior parte dos homens – dissera da primeira vez que lhe pedira que o acompanhasse a um jantar no Savoy. E ficara ainda mais impressionado, porque um dos convidados era francês e ela servira de intérprete.

Mariette sabia que devia o «toque de classe» a Noah e a Lisette. Podia atribuir todos os melhoramentos do seu carácter desde que deixara a Nova Zelândia, dezassete meses antes, à influência deles. Não fora só o facto de a terem mandado para uma escola, ou de a terem levado ao teatro, ou a insistência de Lisette em que fosse sempre chique e requintada. Fora mais uma questão de lhe terem aberto os olhos para o seu próprio potencial.

Em Russell, os seus únicos talentos eram velejar, pescar e costurar. E, sendo também os seus únicos interesses, não faziam dela uma grande conversadora. Mas Noah contagiara-a com o seu entusiasmo pela história e pelos acontecimentos mundiais, e Lisette ensinara-a, pelo exemplo, a interessar-se por outras pessoas. Era agora capaz de desempenhar o seu papel num jantar; aprendera a fazer as perguntas certas e a deixar os convidados brilharem, o que os fazia pensar que era inteligente e interessada. Em tempos pensara que ser rebelde era a melhor maneira de conseguir a atenção dos outros, mas agora descobrira que a tinha sem precisar sequer de se esforçar.

Lembrava-se de acordar de manhã, em Russell, já aborrecida antes do pequeno-almoço porque todos os dias eram tão previsíveis. A mesma rotina, as mesmas caras, as mesmas conversas a respeito do tempo, à mistura com mexericos.

Agora, porém, podia ter uma conversa a sério com um desconhecido no autocarro. As pessoas queriam dar expressão ao horror que lhes causavam as atrocidades cometidas na Polónia e louvar a coragem dos Polacos, que tinham tão valorosamente tentado defender Varsóvia. Muitas vezes, aqueles desconhecidos diziam-lhe que a empresa para que trabalhavam ia mudar-se para um lugar «seguro» no campo, ou as jovens confidenciavam-lhe que iam alistar-se no Land Army ou nas WAFF. Mas quer as pessoas falassem da guerra em geral ou apenas do pequeno papel que nela desempenhavam, havia sem dúvida no ar uma atmosfera de excitação e expectativa.

Apesar de ainda não haver em Londres sinais evidentes de guerra — excetuando o facto de praticamente todos os homens válidos usarem agora uniforme —, esse dia estava cada vez mais próximo. Em abril, os Alemães tinham invadido a Dinamarca e a Noruega, e Noah dissera, na noite anterior, que era apenas uma questão de dias antes que varressem a Holanda, a Bélgica e o Luxemburgo. Estava muito preocupado pelo facto de os Franceses terem concentrado as suas forças ao longo da Linha Maginot, um extenso complexo de casamatas e defesas antitanque na fronteira com a Alemanha, entre a Suíça e o Luxemburgo, e não compreendia como podiam ser cegos ao ponto de não perceberem que o ataque viria através da Bélgica.

Ali em Inglaterra, no entanto, a vida continuava praticamente igual ao que tinha sido antes do início da guerra. O racionamento, o *blackout* e ter de levar a máscara de gás para todo o lado eram um aborrecimento. Porém, até ao momento, o maior perigo que Mariette enfrentara fora tropeçar ou chocar com alguém no escuro.

Ela e Rose estavam preocupadas com David e Gerald, que tinham completado o seu treino como pilotos e podiam a qualquer momento ser chamados a ir combater o inimigo. No entanto, quando iam a casa de licença, mostravam-se sempre muito animados, prontos para uma noite de diversão na cidade com as respetivas namoradas, e a julgar pelas histórias que contavam a respeito dos seus colegas pilotos, também eles passavam bons momentos na base.

Mariette acabara por gostar muito de Gerald, e embora não estivesse verdadeiramente apaixonada por ele, podia dizer que o amava como o mais querido dos amigos. Era uma boa companhia, divertido, generoso e de convívio fácil, e entristecia-a o facto de os seus beijos a deixarem pouco mais que indiferente. Desejava com todo o coração que ele fosse capaz de a fazer sentir o mesmo que Morgan.

Morgan estava agora algures no Norte de França. Ela tinha acabado por ceder e escrevera-lhe, apenas porque sentira a necessidade de lhe dizer que se comportara de uma maneira inaceitável naquela noite e explicar-lhe que isso matara todo o afeto que em tempos sentira por ele.

Mesmo assim, Morgan respondera, dizendo que compreendia os sentimentos dela e estava envergonhado. Mas suplicava-lhe que lhe escrevesse de vez em quando, porque não tinha mais ninguém de quem pudesse esperar receber uma carta.

Por isso ela continuara a escrever, porque tinha pena dele. Mas a incapacidade dele de escrever uma boa carta era tão frustrante como a incapacidade de Gerald de a fazer sentir paixão. Morgan não conseguia transmitir o que sentia por ela, o que estava a fazer e nem sequer como estava a dar-se no exército.

Continuava a afirmar que a amava. Mas Mariette não sabia dizer se aquelas palavras eram sinceras ou se ele estava apenas a agarrar-se a uma imagem dela como uma espécie de conforto para a solidão e a lonjura.

Quanto aos seus próprios sentimentos por ele, eram confusos. Ainda pensava na maneira como ele sabia fazer amor, e em como era bonito, mas sentia que na realidade não o conhecia.

Conhecia Gerald. Além de vir a casa com frequência e levá-la a jantar e a dançar, escrevia cartas maravilhosas. Mostrava um interesse genuíno pelo que ela fazia; incluía muitas vezes nas suas missivas um ou outro poema de que gostava, falava-lhe dos livros que lia, e havia sempre historietas divertidas a respeito de outros pilotos. Embora fosse mais do que evidente que estava ansioso por sair na sua primeira missão, também confessava que por vezes tinha medo. Foram as cartas dele que a fizeram ver como era um homem bom: corajoso, honesto e muito aberto.

Rose dissera certa vez que, em sua opinião, uma mulher tinha melhores probabilidades de um casamento longo e feliz com um homem que fosse «adequado» como seu melhor amigo e que o que as pessoas diziam a

respeito de se apaixonarem não passava de um monte de tolices. Talvez tivesse razão, mas Mariette achava que Rose nunca tinha sido «acordada» por um homem. Talvez se tivesse pensasse de um modo diferente.

Logo a seguir ao almoço, poucas horas depois de ter feito o anúncio a respeito da demissão de Chamberlain, Mr. Greville chamou Mariette ao seu gabinete.

– Quero que vá a Shoreditch com instruções para a produção – disse, enquanto enfiava alguns papéis num sobrescrito de papel castanho. – Acabo de receber uma grande encomenda de uniformes, o que significa que as operárias vão ter de trabalhar mais e durante mais tempo para a satisfazer. Iria eu próprio à fábrica falar com elas, mas tenho de apanhar o comboio para ir ao Yorkshire negociar com os nossos fornecedores. Por isso quero que vá no meu lugar.

Mariette não percebeu muito bem o que ele queria dizer com aquilo, o que deve ter sido evidente na sua expressão.

– Pelo amor de Deus, Miss Carrera, com certeza não é assim tão difícil de compreender! – exclamou Mr. Greville. – Quero que fale com elas e se certifique de que compreendem como o trabalho que fazem é essencial para o esforço de guerra. É ou não capaz de o fazer?

Mariette engoliu em seco. As operárias da fábrica eram um osso duro de roer, e era pouco provável que gostassem que alguém lhes dissesse que tinham de trabalhar com mais empenho e durante mais horas, sobretudo se a pessoa que o dizia era uma empregada de escritório, mais nova do que a maior parte delas e que nada sabia de coser uniformes. Mas estava emocionada por Greville a ter julgado capaz de uma tal missão, e encantada com a perspetiva de uma tarde no East End.

Rose não compreendia porque gostava ela tanto de lá ir – estremecia só de pensar em todas aquelas pessoas apinhadas, na miséria e na doença –, mas Mariette compreendia agora por que razão Morgan dissera que era um lugar que precisava de ver. Viver em St. John's Wood e conviver exclusivamente com os ricos e os privilegiados ter-lhe-ia dado uma visão muito limitada de Londres.

No entanto, a sua primeira reação fora de puro horror. Já sabia, mesmo antes de lá ir pela primeira vez, que por vezes viviam famílias inteiras numa

única divisão, que uma única sanita exterior e uma torneira podiam servir vinte ou mais pessoas, e que a maior parte dessas pessoas estava meio morta de fome.

Mas o que viu naquela primeira visita foi desesperança. Havia prédios sujos e cinzentos com roupa ainda mais cinzenta posta a secar em pátios fétidos, aonde o sol mal chegava. Viu crianças vestidas de farrapos com faces pálidas e olhos encovados sentadas como bonecos de trapos nos degraus das portas. Uma mulher cansada empurrava à sua frente um velho carrinho de bebé onde transportava, além de uma criança de peito, outra que teria pouco mais de um ano, uma saca de carvão e uma trouxa de roupa para lavar.

Nesse dia, sentira o estômago revoltado pelos cheiros, e tivera de desviar os olhos para não ver um homem aleijado a ser puxado numa caixa de sabão com rodas por uma rapariguinha que não devia ter mais de sete ou oito anos. Quisera voltar a correr para St. John's Wood, onde se sentia segura, e não compreendia porque achara Morgan que ela tinha de conhecer aquele lugar horrível.

Meses volvidos, no entanto, depois de muitas mais visitas e de ter conhecido muitas das operárias da fábrica, algumas das quais viviam nesses mesmos prédios que lhe tinham parecido tão repelentes, tinha uma opinião diferente.

Podiam ter muito pouco, e muitas viviam em condições terríveis, mas não eram farrapos espezinhados e vencidos. Contrariando todas as probabilidades, a maior parte conseguia manter-se, e manter os filhos e as casas onde vivia, surpreendentemente limpos. Ouvira falar de ratazanas e de percevejos, e de como viver em tal proximidade com outras pessoas significava que sabiam tanto das funções corporais dos vizinhos como das suas próprias. Mas isso eram coisas de que riam. E o riso, ao que parecia, era, no East End, tão importante como a comida e a bebida.

Mariette via as pessoas que acabara por conhecer como pequenos e corajosos *terriers*, prontos a fazer frente a outro cão com duas vezes o seu tamanho. Admirava as operárias da fábrica, que cantavam enquanto trabalhavam, faziam piadas a respeito de tudo e partilhavam o que tinham. Via como as vizinhas cuidavam dos velhos, dos doentes e dos filhos umas das outras. Havia uma camaradagem que nunca antes tinha experimentado. Por vezes, quase desejava ser uma delas, porque lhe pareciam muito mais

genuínas e bondosas do que algumas pessoas que tinha conhecido por intermédio de Rose e considerava suas amigas.

– É capaz de fazer isto, Miss Carrera – continuou Mr. Greville. – Tem jeito para lidar com as pessoas, e já me disseram que muitas das trabalhadoras da fábrica gostam de si e a admiram. Portanto, não me deixe ficar mal!

– Vou tentar, Mr. Greville – disse ela, e voltou ao escritório para ir buscar o casaco e a bolsa.

Mariette desejava ter tido a coragem de erguer a voz e dizer que talvez as operárias se sentissem mais inclinadas a ajudá-lo se ele fosse um pouco mais generoso para com elas, se tivesse em consideração que muitas delas tinham filhos e pais idosos para cuidar, além de fazerem o seu trabalho. Mas Mr. Greville era um homem duro – ainda na semana anterior despedira uma mulher que tinha levado para casa uns restos de lã para fazer uma manta de retalhos. Os restos teriam sido deitados para o lixo, não serviam para mais nada, mas ele achara que tinha de dar um exemplo.

Apanhou o metro para Bethnal Green e daí seguiu a pé para a fábrica de Greville. Daquela vez, não reparou nas casas pequenas e feias, nem no cheiro a mofo e humidade que saía das portas abertas. Estava demasiado concentrada a pensar no que poderia dizer às operárias da fábrica para as inspirar a trabalharem mais horas.

A fábrica de Greville fechava o extremo de um pequeno beco ladeado por pequenas casas em banda. O feio edifício de pedra erguia-se atrás de altos portões de ferro forjado, o que o fazia parecer uma prisão ou um asilo num livro de Dickens. Na realidade, fora construído no século xix para servir de matadouro. A fachada, que devia ser o lugar para onde os animais eram encaminhados antes de serem abatidos, era agora um cais de carga e descarga. Com a sua alvenaria enegrecida pela fuligem, e os ganchos e roldanas que tinham ficado da anterior utilização, conservava toda a sinistra aparência de outros tempos.

Mariette entrou pela porta lateral e subiu os degraus até à oficina do primeiro piso. O barulho de cerca de trinta máquinas de coser a funcionar ao mesmo tempo era ensurdecador, acompanhado pelo silvo dos jatos de

vapor que vinha da engomadoria. O cheiro a óleo, a lã húmida, a suor e a perfume barato era avassalador.

Quando ali estivera pela primeira vez, Mariette pensara que uma pessoa podia facilmente enlouquecer num ambiente daqueles, sobretudo porque as mulheres gritavam umas com as outras para se fazerem ouvir acima do barulho das máquinas. Mas nada daquilo parecia afetá-las.

Encontrou Solly Freilich, o gerente, no seu escritório. Gostava de Solly. Teria talvez cinquenta e cinco anos e era baixinho e magro, com um ar de cão escorraçado, mas os seus olhos tinham sempre um brilho divertido e ela sabia, pelas suas conversas com as operárias, que era um homem justo. Entregou-lhe as notas de Mr. Greville e explicou-lhe que tinha ordens para se dirigir às trabalhadoras.

– Desejo-lhe sorte – disse ele. – Vão apupá-la, mas faça de conta que não é nada consigo.

Ao sair do gabinete com ela, Solly soprou um apito para atrair a atenção das operárias e pediu-lhes que desligassem as máquinas.

Mariette sentiu que as pernas se lhe transformavam em gelatina quando a grande sala ficou silenciosa e todos os olhos se voltaram para ela, expectantes. Eram cerca de trinta mulheres, com idades que iam dos dezoito aos cinquenta anos. Os cortadores, todos homens, tinham sido mobilizados, e os seus lugares ocupados por algumas das mulheres mais velhas, que trabalhavam para Greville havia anos e depressa se tinham adaptado à função. Havia apenas quatro outros homens além de Solly. Dois tinham mais de cinquenta anos, demasiado velhos para serem mobilizados, o terceiro era um rapaz com cerca de quinze, e o quarto era um jovem de vinte e poucos anos, com cabelos escuros e encaracolados. Mariette não o conhecia, mas ele estava a olhar para ela com um ar avaliador.

– Mr. Greville pediu a Miss Carrera que viesse dirigir-vos algumas palavras – anunciou Solly. – Por favor, prestem atenção e não interrompam.

Todas as mulheres usavam a mesma bata verde e um lenço atado como um turbante à volta da cabeça. Mariette falara com muitas delas noutras ocasiões e descobrira-as interessadas na sua pessoa por ser alguém que vinha do outro lado do mundo. Naquele momento, porém, adivinhando que era portadora de más notícias, cruzaram os braços sobre o peito e olharam para ela de uma maneira intimidante.

O que Mariette mais queria era sair dali para fora a correr. Mas sabia que, se o fizesse, perderia o emprego.

– Hoje, recebemos uma grande encomenda de mais uniformes... – começou.

– E quer que trabalhem mais para os despachar? – gritou uma mulher, nas últimas filas. Isto criou uma onda de indignação que a deixou ainda mais intimidada. Mas estava decidida a responder na mesma moeda.

– O seu nome é Rose Lee, a Cigana? – gritou em resposta à mulher, uma loura oxigenada que, segundo sabia, costumava provocar agitação. – Deve ser, porque esteve obviamente a olhar para a sua bola de cristal.

Uma onda de pequenas gargalhadas percorreu o grupo, e ela soube então que as mulheres estavam preparadas para ouvir.

– Bem, a previsão da Rose Lee está certa – continuou. – A mensagem de Mr. Greville é que quer que todas vocês se esforcem mais durante mais horas para preparar esta grande encomenda.

Como esperava, houve protestos. Alguém gritou que Greville podia enfiar as horas extra num certo sítio a menos que estivesse disposto a pagá-las à parte. Várias mulheres puseram-se de pé, como que para sair, e outra gritou que Greville era um covarde por ter mandado uma miúda fazer o trabalho sujo por ele.

– Por favor, sentem-se e ouçam-me – gritou Mariette acima do barulho das vozes. – Não me foi dito nada a respeito de pagamentos extraordinários. E eu sei muito bem que pedir-lhes para trabalhar mais horas quando muitas têm em casa filhos que precisam dos vossos cuidados vai causar problemas. Mas há uma boa razão para que todas se esforcem um pouco mais. Peço a todas as que têm um marido, um namorado ou um irmão que se alistaram que levantem a mão!

Quase todas elas ergueram a mão.

– E aposto que ficaram todas orgulhosas por vê-los de uniforme.

Houve um movimento geral de concordância.

– Pois bem, todos aqueles uniformes, do primeiro ao último, foram feitos por mulheres como vocês – disse Mariette, passando os olhos pelas filas de operárias. – Aqui em Shoreditch é muito difícil imaginar aquilo que os nossos homens enfrentam, e tenho a certeza de que muitas de vocês têm medo de que aqueles que amam não voltem para casa. Mas aqueles que já se alistaram estão agora em França e são apenas uma pequena parte do

exército de que a Inglaterra precisa para ganhar esta guerra. Todos os dias, há milhares de homens a alistarem-se. E isso significa milhares de novos uniformes.

«Peço-lhes que trabalhem mais rápido e durante mais tempo para que cada um desses homens possa sentir-se bem e confiante com o seu novo uniforme. Um homem confiante é um soldado melhor. E quanto melhor os nossos soldados se sentirem, mais probabilidades temos de ganhar esta guerra.»

Fez uma pequena pausa, para deixá-las digerir aquilo.

– Mas não é só isso que peço – continuou, erguendo um pouco a voz. – Peço-lhes que ponham amor em cada costura, e as vossas preces pela segurança dos homens que vão usar cada um dos vossos uniformes. Nunca saberão os nomes dos homens que vão usá-los, mas poderá bem ser um dos vossos maridos, ou namorados, ou irmãos. Aqui na fábrica, nenhuma de vocês terá de enfrentar balas e tanques. Mas os homens que vestem o uniforme sim. Será então demasiado pedir que cada uma de vós dê mais algumas horas por semana para que esses homens corajosos tenham o aspeto digno que merecem? Não serão recompensadas com dinheiro, mas quando a guerra acabar e os vossos homens voltarem, poderão orgulhar-se de terem feito a vossa parte para ajudar.

Houve uma pausa momentânea, e então, de repente, todas as mulheres aplaudiram ruidosamente. Mariette viu até uma ou outra limpar uma lágrima do canto do olho. Nenhuma se pôs de pé para exigir mais dinheiro.

Solly adiantou-se e dirigiu-se às operárias.

– De volta ao trabalho, então. Amanhã falo convosco sobre a escala para as horas extraordinárias.

Enquanto as máquinas recomeçavam a trabalhar, Solly pegou no cotovelo de Mariette para a acompanhar até à saída.

– Não fazia ideia do que dizer – confessou ela, quando chegaram a uma área mais silenciosa onde Solly podia ouvi-la. – Sentirem-se bem com o uniforme não vai proteger os nossos rapazes contra as balas e as minas.

Solly pousou-lhe uma mão no ombro.

– Não, não vai. Mas pôs as mulheres a pensar nos homens que vão usar os uniformes, e para elas isso é motivação suficiente. Nasceu para falar em público, Miss Carrera! Quando me disse o que Mr. Greville queria que conseguisse, fiquei meio à espera de um motim. Mas em vez disso, elas

tomaram as suas palavras a peito. Esperemos que não se lembrem de coser cartas de amor nas costuras.

Mariette riu; estava tão aliviada por ter acabado.

– Penso que as pessoas precisam que lhes recordem a importância do trabalho que fazem para que lhes pareça mais importante.

– O meu pai e o meu avô foram cortadores – disse Solly. – Eu fui ensinado a sentir orgulho na maneira como os cavalheiros ficavam elegantes nos fatos que fazia para eles. Em tempos difíceis, tudo o que tinha era esse orgulho. Penso que deu àquelas costureiras a mesma ideia. Mas também penso que deve tentar influenciar Mr. Greville, persuadi-lo a dar às operárias um bónus qualquer. Orgulho no trabalho feito não chega para pôr pão na mesa.

Mariette concordou com um gesto de cabeça. Não percebia como tinha Greville o descaramento de esperar que as mulheres trabalhassem mais horas sem um pagamento extra, enquanto ele ganhava uma fortuna.

– Vou falar-lhe nisso logo que ele regresse do Yorkshire – prometeu.

Quando saiu do edifício e se encaminhava para o portão, o homem de cabelos escuros que vira no interior da fábrica aproximou-se dela.

– Tem o dom da palavra – disse, com um largo sorriso. – Estava à espera de vê-las atirarem-lhe coisas, mas conseguiu encantá-las.

Tinha um rosto fascinante, com uns olhos muito verdes e pómulos salientes. Não era, de modo algum, a cara de um galã do cinema, mas era uma cara para que qualquer pessoa olharia duas vezes.

– Para dizer a verdade, estava a contar com problemas – admitiu ela. – Não tinha nada com que dourar a pílula.

– Saiu-se bem. Todas elas sabem que o Greville é um patife avarento e que vai ganhar um monte de massa com a guerra.

Mariette não podia concordar abertamente, não tinha maneira de saber que as suas palavras não iriam acabar no ouvido do patrão.

– A guerra está cada vez mais próxima, todos temos de contribuir e fazer alguns sacrifícios – respondeu. – Mas qual é o seu trabalho aqui na fábrica?

– Faz-tudo – respondeu ele, com um sorriso. – Mecânico quando as máquinas se avariavam, motorista, embalador, varredor e responsável por fazer o chá.

– Porque foi que não se alistou?

– Ocupação prioritária – disse ele e, ao ver a expressão de surpresa dela, acrescentou. – Não, não é a de faz-tudo! Refiro-me a ser bombeiro. Só ajudo aqui nas minhas folgas. Chamo-me John Abbot e sou sobrinho do Greville, filho da irmã dele.

– Prazer em conhecê-lo, Mr. Abbot.

– Johnny para toda a gente. Venha beber uma chávena de chá comigo, há um café depois da esquina.

– Tenho de voltar ao escritório – disse ela, mas deu por si a olhar para aqueles olhos verdes e a sentir-se tentada.

– O mais certo é o Solly ligar para o meu tio a falar-lhe das maravilhas que conseguiu, de modo que se chegar um pouco mais tarde ao escritório é pouco provável que ele a despeça.

– Foi ao Yorkshire, não vai saber, de qualquer modo – disse ela. – E um chá sabia-me bem.

O café era imundo, com linóleo esburacado no chão, e uma nuvem de fumo de tabaco pairava sobre as cerca de doze pessoas que pareciam ter criado raízes nas cadeiras. As toalhas de oleado das mesas estavam a precisar de ser limpas e a ruiva atrás do balcão parecia meio adormecida. Mas Johnny levou Mariette até à mesa junto à montra e disse-lhe que se sentasse enquanto ia buscar o chá.

– É um autêntico buraco – sussurrou, ao voltar com duas canecas –, mas acredite ou não, fazem as melhores sanduíches de *bacon* que alguma vez provou. O que não deixa de ser curioso, porque o dono é judeu e eles não comem carne de porco.

Johnny parecia já saber muito a respeito dela – que acabava de fazer vinte anos, era da Nova Zelândia e vivia com os tios em St. John's Wood. Disse que o tio estava muito impressionado com a sua competência como secretária e afirmava que era a melhor que alguma vez tivera.

– Já passaram por lá duas ou três múmias. E ficou embasbacado quando descobriu que fala francês. Porque é que trabalha para ele, Miss Carrera? Com esse aspeto e esses miolos, podia de certeza ter arranjado alguma coisa melhor.

– Tinha de ganhar experiência como secretária num sítio qualquer, e o escritório fica muito perto de minha casa – disse ela. – Mas acabei por gostar de lá estar. E trate-me por Mari. É o diminutivo de Mariette.

– Ma-ri-e-tte – disse ele, a destacar cada sílaba. – Um nome muito bonito, e muito *oh lá lá!*

Ela sorriu.

– Significa «Pequena Rebelde». Mas ainda não me rebelei contra nada desde que cheguei a Inglaterra.

– Quer isso dizer que na sua terra era rebelde?

– Acho que era – concordou ela. – Mas era uma vilazinha sonolenta, onde não havia nada que fazer. Não havia muitas oportunidades e os meus pais acharam que vir para cá seria bom para mim.

– Anda com alguém?

A pergunta, assim à queima-roupa, surpreendeu-a um pouco.

– É uma expressão um pouco pateta, não é? – Riu. – É tão inglês, implicar que uma relação só envolve andar.

– Então e se eu lhe perguntar se tem namorado? Isso implica beijos e festinhas.

– Nada de sério – respondeu ela. – Tenho um par de amigos a quem escrevo enquanto estão fora. Um está no exército, o outro na RAF. E o Johnny?

– Há raparigas que vejo de vez em quando, mas nenhuma especial. A meu ver, esta guerra vai trazer oportunidades. Não sei exatamente que forma vão assumir, mas quero estar livre quando o momento chegar.

O comentário fê-la sentir-se um pouco desconfortável, embora não soubesse dizer porquê.

– Quando começarem os bombardeamentos, vai andar muito ocupado com os incêndios – disse, num tom de censura. Via que ele era aquilo a que Rose chamava um «Chico Esperto», um tipo um tudo-nada demasiado confiante, alguém que não hesitaria em distorcer as regras ou violar a lei se a compensação valesse a pena.

– É verdade. – Johnny suspirou. – Estou quase a desejar que comece, para podermos acabar com isto de uma vez por todas. Isto de ficar aqui à espera que aconteça qualquer coisa está a dar cabo de mim.

– Isso é uma coisa horrível de dizer – exclamou Mariette, mas não conseguiu evitar um sorriso. Era verdade, parecia que Londres inteira estava a reter a respiração.

Eram horas de ir, mas quando saíram do café, ele pegou-lhe na mão.

– Podemos voltar a encontrar-nos? – perguntou, a olhá-la nos olhos. – Posso levá-la a um clube, dançar, o que quiser. Só divertirmo-nos um pouco, nada de sério. E andar o menos possível.

– Vou ter de pensar nisso – disse ela, e começou a afastar-se.

Mas não resistiu a olhar por cima do ombro. Ele estava encostado à parede, de mãos nos bolsos, a observá-la. Havia qualquer coisa na sua postura, e na maneira como a olhava, que a levou a pensar que talvez fosse divertido.

– Ligue-me para o escritório – gritou.

Três dias mais tarde, foi anunciado que Winston Churchill tinha sido escolhido para nomear um governo de coligação, um governo de guerra. E era tempo, porque entretanto os Alemães atravessavam praticamente sem oposição a Holanda, a Bélgica e o Luxemburgo. As notícias assustadoras expulsaram Johnny dos pensamentos de Mariette.

O exército holandês rendeu-se poucos dias mais tarde, e dizia-se que as tropas francesas e britânicas estavam a recuar para a costa francesa.

Não voltara a saber de Morgan, mas quando ela e Rose foram ao cinema ver *E Tudo o Vento Levou*, o comentário noticioso da Pathé projetado antes do filme foi alarmante. Colunas maciças de tanques alemães, apoiados por infantaria motorizada e precedidos por bombardeamentos aéreos precisos levavam de vencida as antiquadas defesas em Antuérpia e em Bruxelas. Viram no ecrã as ruínas fumegantes do que tinham sido casas, igrejas e escolas. Milhares de pessoas, muitas com bebés de colo e crianças pequenas, enchiam as estradas numa tentativa desesperada de chegar a um lugar seguro.

Duas mulheres que estavam no cinema ficaram completamente histéricas e começaram a gritar que em breve os Alemães estariam em Inglaterra. Mariette tinha visto os grandes rolos de arame-farpado quando estivera em Littlehampton, e as tabuletas a avisar que as praias estavam minadas, mas o exército alemão parecia invencível. Não acreditava que minas e arame-farpado fossem o bastante para impedir o inimigo de atravessar o Canal.

No dia seguinte à ida ao cinema, o céu pareceu encher-se de *Spitfires* e *Hurricanes*. Comparados com os aviões alemães que tinha visto nas notícias, pareciam tristemente pequenos.

Rose acordou num estado de nervos horrível só de pensar que Peter podia ser abatido.

– Não têm a mais pequena hipótese naqueles aviõezinhos, se forem atingidos. – soluçava. – Não suporto a ideia de o perder.

Mariette não podia garantir-lhe que ele nunca seria abatido com o seu avião – era mais do que evidente que iam morrer muitos pilotos –, e no entanto, quando Peter e Gerald foram visitá-las alguns dias mais tarde, com uma licença de vinte e quatro horas, pareciam impávidos e desejosos de serem mandados na primeira missão.

– Não tens medo? – perguntou Mariette a Gerald quando, mais tarde, estavam os dois sozinhos sentados no jardim.

– De voar, não, adoro – disse ele, com um sorriso. – Mas acho que vou ter se me vir com um *Messerschmitt* colado à minha cauda. Mas não posso mostrá-lo agora, tenho de manter a velha calma britânica, e tudo isso.

Pediu-lhe uma fotografia dela, e Mariette deu-lhe uma que tinha sido tirada na noite da festa-surpresa quando acabara o curso.

– Hei de beijá-la, para me dar sorte, sempre que levantar voo – disse ele, enquanto a guardava na carteira. E então beijou-a com todo o abandono de um homem que pensava que aquele podia ser o seu último beijo. – Amo-te, Mari – sussurrou, quando por fim se afastou. – Estás sempre nos meus pensamentos, adormeço a imaginar que um dia havemos de casar e nunca mais teremos de voltar a dizer adeus.

Mariette não foi capaz de lhe dizer que ficaria muito feliz por casar com ele, mas aquele beijo apaixonado agitou sentimentos dentro dela, de modo que o abraçou e retribuiu o beijo. Se ele interpretasse o gesto como um sinal de que os seus sentimentos eram iguais aos dele, não havia nada que pudesse fazer para o evitar. E além disso, se Gerald continuasse a beijá-la daquela maneira, até podia acabar por descobrir que era amor verdadeiro.

Foi devido ao receio que sentia por Gerald que respondeu que não a Johnny quando ele telefonou a convidá-la para sair. A verdade era que lhe apetecia uma noite divertida a dançar, sobretudo com um homem que não estava em risco de morrer num futuro próximo, mas pareceu-lhe errado estando Gerald convencido de que ela era a sua namorada.

A evacuação de milhares de soldados britânicos e franceses das praias de Dunquerque começou a 27 de maio. Noah foi a Dover no dia seguinte para escrever um artigo a respeito da operação. Ficou lá até 4 de junho, data em que terminou o resgate das tropas. Durante esse tempo, Mariette, Rose e Lisette ficaram, à noite, coladas ao rádio, a ouvir as notícias. Além dos transportes de tropas enviados para levar a cabo a evacuação, centenas de pessoas comuns ao longo da costa tinham atravessado o Canal em pequenos barcos para salvar o maior número de soldados possível. Soube-se que algumas tinham feito os setenta quilómetros da viagem de ida e volta duas vezes, com mar picado e os aviões alemães a dispararem contra elas. Foi tão comovente e heroico que as três ouviram as notícias com as lágrimas a correrem-lhes pela cara.

Depois viram, nos noticiários Pathé no cinema, como milhares de soldados franceses e ingleses tinham aguardado pacientemente nas praias de Dunquerque, apesar de se encontrarem sob fogo cerrado do inimigo. Ainda mais reveladoras eram as imagens dos feridos a serem retirados de maca dos barcos e navios em Dover e Folkestone.

Todos os dias, Mariette aguardava, ansiosa, a chegada do correio, mas não houve nenhuma carta de Morgan a dizer-lhe que estava são e salvo de regresso a Inglaterra. Perguntava-se se alguém saberia como contactar com ele, se o pior teria acontecido. Os irmãos eram os parentes mais próximos, ao fim e ao cabo.

A 18 de junho, ouviram o emocionante discurso de Winston Churchill em que ele dizia que a Batalha de França tinha terminado e a Batalha de Inglaterra ia agora começar. «Preparemo-nos, pois, para cumprir o nosso dever», disse, entre outras frases que arrepiavam e exaltavam, terminando com, «As pessoas continuarão a dizer, ‘Este foi o seu melhor momento.’»

No dia seguinte, Mariette recebeu uma carta exceccionalmente curta de Morgan, enviada de um hospital em Folkestone. Dizia:

Apanhei alguns estilhaços, mas estou bem. Não venhas cá, não quero que me vejas enquanto estiver assim.

Com afeto,

Morgan

Mariette perguntou-se se aquilo seria apenas bravata e na realidade ele queria que ela fosse visitá-lo, mas Lisette aconselhou-a a levá-lo a sério.

– Pode estar com muitas dores, e talvez não possa andar neste momento. Há homens que gostam de ser apapicados, mas outros detestam que os vejam quando estão vulneráveis. Além disso, todos os comboios de lá para Londres hão de vir cheios de feridos. Não haverá lugar para ti.

Winston Churchill não se enganara ao afirmar que a Batalha de Inglaterra ia começar. A 14 de junho, os Alemães entraram em Paris. Com o inimigo do outro lado do Canal e a Luftwaffe a atacar os navios britânicos, a invasão parecia iminente.

Os jornais noticiavam que grupos de submarinos alemães estavam a infligir pesadas perdas à navegação no Atlântico, e os Italianos tinham-se aliado aos Alemães para atacar as forças britânicas no Egito. Para Gerald, Peter e os outros pilotos deixou de haver folgas e licenças: todos os dias levantavam voo nos seus pequenos *Spitfires* e *Hurricanes* para se baterem corajosamente em defesa de Inglaterra. Os aeródromos do Sul do país estavam a ser atacados pela Luftwaffe. Noah contou-lhes, no regresso de uma viagem a Brighton, que assistira a ferozes combates travados no céu.

Era óbvio para toda a gente que, a despeito da indomável coragem dos pilotos de caça britânicos, a Alemanha tinha uma esmagadora vantagem no número de aparelhos que podia lançar na luta.

A chegada a Inglaterra de milhares de soldados da Commonwealth foi um facto encorajador. E no entanto, ao mesmo tempo toda a gente suspeitava de que estavam ali porque a invasão de Inglaterra ia começar.

A 2 de julho, Mariette chegou a casa, vinda do trabalho, e encontrou Rose e Lisette sentadas na cozinha, desfeitas em lágrimas.

– Que aconteceu? – perguntou, com o estômago apertado pelo medo. – Onde está o tio Noah? Foi ele?

– Não, o Noah está bem – rouquejou Lisette. – É o Gerald... o avião dele foi abatido, hoje.

Mariette deixou-se cair numa cadeira, em choque. Não precisava de perguntar se Gerald tinha morrido, via-o nas caras das duas.

– Como é que sabem? – perguntou.

– O Peter telefonou. Saíram esta manhã, com três outros pilotos – disse Lisette, em voz baixa. – O Gerald tinha abatido um *Heinkel* e estavam todos a regressar à base, em formação, quando outro *Heinkel* saiu das nuvens e disparou contra ele. O Peter disse que o avião do Gerald foi atingido na cauda, entrou em espiral e então explodiu. Ele não teve a mais pequena hipótese.

Mariette tapou a cara com as mãos. Recordou o último beijo apaixonado de Gerald, e como ele dissera que a amava. Quem lhe dera ter-lhe dito que também o amava, tê-lo deixado partir a acreditar que um dia haviam de casar. Duvidava que algum dia conhecesse outro homem com qualidades tão maravilhosas, e doía-lhe muito saber que nunca mais voltaria a vê-lo.

De repente, a guerra tornou-se muito real para ela. Milhares de homens podiam ter sido mortos por toda a Europa – duas mulheres da fábrica de Shoreditch tinham perdido os maridos em Dunquerque, e outro piloto, amigo de Gerald e de Peter, fora abatido logo na sua primeira missão –, mas nunca conhecera nenhum deles. Nunca os ouvira rir, nunca dançara com eles, e sobretudo nunca fora beijada por eles. A morte de Gerald pôs a guerra em primeiro plano, mesmo em frente dela, e todos aqueles sacos de areia, abrigos antiaéreos e máscaras de gás tinham finalmente um significado real. Iam morrer pessoas, ali em Londres – não apenas estranhos, mas pessoas que ela conhecia bem – e a vida tal como a conhecera nunca mais ia voltar a ser a mesma.

Nessa noite, ficou a pé até tarde a escrever uma longa carta para casa. Já não era a Mariette tortuosa; as palavras que escrevia vinham diretas do coração. Alexis tinha agora dezassete anos, Noel dezasseis, e a ideia de que os irmãos se aproximavam da idade em que seriam mobilizados gelava-lhe o sangue nas veias. De repente, a família tornava-se muito mais preciosa, e sentia que tinha de lhes dizer isso mesmo. Escreveu:

Ter sabido hoje que o Gerald foi abatido fez-me compreender o que a guerra realmente significa. Significa ter medo por aqueles que amamos, compreender que nunca mais nada voltará a ser o mesmo. Espero saber ser tão corajosa como vocês os dois na última guerra. E quem me dera ter-vos perguntado a respeito das vossas experiências. Tenho sido horivelmente egoísta, não tenho?

Fechou os olhos por um instante e imaginou-os sentados à volta da mesa da cozinha. Quase conseguia sentir o cheiro de uma das maravilhosas tartes de carne de Mog a cozer no forno, e ouvir o débil silvo dos candeeiros a petróleo e a tagarelice dos irmãos. Pela primeira vez desde que saíra de casa, desejou verdadeiramente estar outra vez lá, sem mais nada que a preocupasse do que escolher que vestido ia usar no próximo baile.

A partir do início de agosto, os bombardeiros alemães tinham começado a atacar a navegação no Canal e o porto de Dover, passando em seguida para os aeródromos e as docas. A Grã-Bretanha lutava com todas as forças que conseguia reunir; de todas as bases do Sul de Inglaterra, os *Spitfires* e os *Hurricanes* levantavam voo para interceptar e abater os aviões inimigos. Doris, do escritório, que vivia no Kent, contava que todos os dias, ao raiar da aurora, o céu se enchia de pilotos da RAF que voavam em formações cerradas ao encontro dos atacantes. Mas o número de baixas era muito elevado, e a cada regresso os que voltavam era menos do que os que tinham partido.

Então, a 19 de agosto, houve um grande ataque contra as docas do East End de Londres. Mariette soube do bombardeamento em primeira mão, através de Johnny, que estivera lá a combater os incêndios.

Dois dias depois do ataque, ele foi buscá-la ao escritório para a levar a tomar uma bebida. Ainda tinha os olhos avermelhados do fumo.

– Nem tenho palavras para explicar, mas posso dizer-te que é horrível – admitiu. – Tenho de voltar lá esta noite, porque continua a arder. Uma pessoa pensa que apagou um fogo, e ele reacende-se noutro lugar. Os mais velhos dizem que vai levar pelo menos quinze dias a apagá-lo por completo.

Mariette tinha-se encontrado duas vezes com Johnny depois da morte de Gerald. A primeira fora no dia seguinte ao funeral na igreja de Finchley, que a família sempre frequentara. Rose, Lisette e Noah tinham lá estado com ela. Peter e os pais também. O comandante de Gerald e dois dos seus amigos mais chegados na RAF tinham tido algumas horas de licença para assistir ao serviço, e as restantes pessoas eram família, vizinhos e amigos de infância. Ver os pais, os avós, duas irmãs e um irmão mais novo vergados pela dor destroçara-lhe o coração. Fora evidente que Gerald devia ter dito à família que ela era a rapariga com quem ia casar; quando eles puseram de lado o seu próprio desgosto para lhe oferecerem as suas condolências, Mariette sentiu-se uma impostora. Mas naquele dia as suas lágrimas tinham sido genuínas. Não podia acreditar que ele fora levado tão novo, antes que tivesse tempo de realizar qualquer das ambições que lhe confidenciara. E eram ambições simples. Queria aprender a montar, porque adorava cavalos,

velejar com ela e fazer esqui na Suíça. Mariette desejava tanto que tivesse havido tempo para fazer todas aquelas coisas com ele, e que pudesse tê-lo amado de verdade.

Johnny ligara-lhe para o escritório na manhã seguinte e apanhara-a com o moral completamente em baixo, a temer o momento de voltar para casa naquela tarde. Sabia que Rose ia querer falar de Gerald e dos seus receios por Peter. Por isso aceitou encontrar-se com ele quando saísse.

Ficou satisfeita por ter ido, porque Johnny fazia-a esquecer-se de si mesma. Não levava a vida a sério e não via qualquer razão para que ela o fizesse. Primeiro, levou-a a um pequeno restaurante em Marylebone Road, e durante a refeição contou-lhe histórias divertidas a respeito dos bombeiros que trabalhavam com ele. Depois foram para um *pub* ali perto, onde ele lhe ofereceu várias bebidas.

Ela falou-lhe de Gerald e de Morgan.

– Um morreu e o outro não quer que eu o visite – disse, sombria. – Sinto-me mal porque o Gerald gostava mais de mim do que eu dele. O que é que isso faz de mim?

– Honesta – respondeu ele, com um sorriso. – Muitas mulheres fingiriam que ele tinha sido o amor das suas vidas só para se aproveitarem da compaixão. Gostavas dele, preocupavas-te com ele, mas não podes apaixonar-te por alguém só porque é isso que a pessoa espera. Quanto ao outro fulano que não quer ver-te porque está ferido, ou julga que é um herói, ou então tem outra rapariga e não quer que dê de caras com ela.

– Não acredito que ele tenha outra rapariga – disse ela, indignada.

Johnny arqueou uma sobrancelha escura, numa expressão irónica.

– Bem, estar convencido de que é um herói não é muito melhor. Não ficou sem uma perna, pois não?

Mariette não sabia se devia sentir-se ofendida ou satisfeita com aquela franqueza.

– Se ficou, não me disse – respondeu. – Disse que tinham sido só uns estilhaços.

Johnny encolheu os ombros.

– Não tenho muita pachorra para pessoas que não são capazes de dizer o que têm a dizer. Se queres a minha opinião, estás a perder o teu tempo a preocupar-te com ele. Um homem não diz à sua miúda que não o visite sem um motivo qualquer. Não faz sentido.

Ainda que a sua falta de compaixão para com Morgan pudesse parecer sinal de um coração empedernido, a verdade era que Johnny tinha um jeito especial para relativizar as coisas. Ela não amava Morgan – ele tinha matado esse sentimento com a maneira como se comportara – e se Morgan gostava dela, como afirmava gostar, deveria ser completamente franco. Quer isso significasse admitir que os seus ferimentos eram mais graves do que dissera, ou que tinha outra rapariga.

Mas já começara a aperceber-se de que poucas pessoas eram completamente francas. Podiam não mentir, no sentido estrito, mas enfeitavam as coisas para as tornarem mais aceitáveis. Noah não teria aprovado a relação com Morgan, se o tivesse conhecido, Mas quando soubera que ele tinha sido ferido em Dunquerque, mostrara uma preocupação que ela sabia que não sentia. Ouvira pessoas no funeral de Gerald dizerem que ele teria preferido morrer como um herói do que viver uma vida longa e vulgar. Parvoíce: Gerald quisera uma vida vulgar; a guerra simplesmente interferira nos seus planos.

Noah e Lisette também não dariam a sua aprovação a Johnny. «Um vigarista *cockney*», seria a opinião de Rose, e era verdade que ele era um pouco rude e nem sequer era diabolicamente bonito como Morgan. Mas era esperto, divertido, e era precisa tanta coragem para enfrentar um grande incêndio e vencê-lo como para pilotar um avião. Por isso talvez ele não viesse a ser «o tal», mas ela gostava dos seus olhos verdes e da marotice que brilhava neles, gostava da maneira como a sua mão parecia tão pequena na dele, e sabia que queria voltar a vê-lo.

Os olhos raiados de vermelho e a evidente exaustão no segundo encontro fizeram-na gostar ainda mais dele. Havia qualquer coisa de muito galante num homem que tinha passado dois dias a combater um incêndio e que podia ter optado por deixar-se cair numa cama de campanha na escola provisoriamente transformada em quartel de bombeiros, mas que, em vez disso, arranjava forças para estar com ela. Até insistira em acompanhá-la a casa depois de terem jantado juntos, e quando a beijara ao fundo da rua, ela desejara que aquele beijo se prolongasse para sempre.

– Não sei quando poderei voltar a ver-te – disse ele, enquanto passava a ponta do dedo pelos lábios dela e a olhava nos olhos. – Aqueles bombardeiros não vão desistir, e tenho o pressentimento de que as coisas

vão tornar-se ainda piores. Mas telefono-te quando puder, e da próxima vez levo-te a dançar.

Pouco depois, tinham sido as populosas áreas comerciais da City, e a seguir, a 5 de setembro, os bombardeiros inimigos tinham concentrado a sua atenção nas enormes instalações petrolíferas de Thames Haven e Shell Haven, junto à foz do rio, pegando fogo a um depósito com uma bomba incendiária.

Johnny telefonou-lhe no dia seguinte e contou-lhe que estava na cobertura de um dos depósitos, de mangueira apontada para arrefecer os outros depósitos ameaçados, quando aparecera um *Messerschmitt* em voo rasante, com as metralhadoras a cuspir fogo.

– A maior parte da rapaziada correu a abrigar-se – disse, num tom jovial –, mas eu estava lá em cima e não tinha para onde ir. E além disso, se largasse o raio da mangueira e tentasse raspar-me, era bem possível que os depósitos se incendiassem, e então os meus camaradas teriam ficado encurralados, cercados pelo fogo, de modo que tinha de ficar onde estava. Felizmente, safei-me.

Ainda nessa manhã, ao pequeno-almoço, Noah falara do ataque às instalações petrolíferas. Dissera que, devido ao excelente historial em termos de segurança das companhias petrolíferas, havia em Inglaterra poucos homens com experiência no combate àquele género de fogo. E acrescentara que os homens que tinham lidado com a situação eram verdadeiros heróis, porque se o fogo tivesse alastrado aos outros depósitos, teria provocado um desastre de proporções imprevisíveis.

Talvez devesse ter dito na altura que conhecia e gostava de um desses heróis. Mas tão pouco tempo depois da morte de Gerald, não lhe parecera bem.

Na manhã seguinte, as sirenes dos alarmes antiaéreos começaram a uivar. Mariette saltou da cama e saiu para o patamar, onde viu Noah, de pijama, a olhar pela janela.

– Deve ser um falso alarme – disse ele, voltando-se para ela. – Vai estar um belo dia, o céu está completamente limpo, sem uma única nuvem.

Mariette olhou pela janela. Como Noah dizia, não havia nada no céu que justificasse qualquer preocupação.

– Talvez os bombardeiros se dirijam mais uma vez para a área a sul do rio – observou. – Ou para as povoações costeiras. Deve ser um alarme geral.

Desceram todos à cozinha para uma chávena de chá, e continuava a parecer que Noah tinha razão. Estava tudo calmo lá fora, não havia pessoas a correr, e o dia prometia ser quente.

– É uma pena trabalhares esta manhã. Podíamos ir fazer um piquenique em Hampstead Heath – disse Rose.

– Só trabalho até à uma – respondeu Mariette. – E como Mr. Greville chega sempre às sete, aos sábados, se eu chegar um pouco mais cedo talvez me deixe sair às onze.

– É estranho não terem feito soar o sinal de fim de alerta, se foi um falso alarme – observou Noah pensativamente, um pouco mais tarde.

– Suponho que não podem, enquanto estiver alguma coisa a acontecer num sítio qualquer – disse Rose.

A ideia de um piquenique era muito atraente. Mariette deixou Rose a tratar disso, vestiu-se e encaminhou-se para o escritório. As ruas estavam ainda muito silenciosas; não viu mais de cinco pessoas no caminho até Baker Street, e todas elas pareciam muito des preocupadas, a caminho dos respetivos empregos, tal como ela.

Mr. Greville já estava no escritório e, a julgar pelo estado amarrotado das roupas que vestia, Mariette pensou que devia ter lá passado a noite. Talvez tivesse saído com amigos e não tivesse tido tempo de ir a casa. Ele nunca dizia nada a respeito da sua vida privada. Mariette sabia que vivia perto de Epping Forest, era casado e tinha dois filhos, ambos no exército. Mas Mrs. Greville nunca aparecia no escritório, e Mariette tinha a sensação de que não eram muito felizes juntos.

Explicou a razão por que chegara tão cedo e ele limitou-se a resmungar a sua concordância, autorizando-a a sair às onze. Posto isto, ela sentou-se à secretária e começou a datilografar as cartas que ele lhe tinha ditado na tarde anterior.

Não estava ali há mais de quinze minutos quando o telefone tocou. Greville atendeu, e Mariette viu a cara dele ficar muito pálida enquanto ouvia o que lhe diziam.

Agradeceu à pessoa com quem falava e pousou o auscultador.

– Voltaram a atacar Thames Haven – disse. – Esquadrilhas de bombardeiros apoiadas por centenas de caças. A Ford Motor Works foi

atingida, e a Beckton Gasworks também. Neste momento vão a caminho das docas, a largar incendiárias.

– Oh, não! Então a sereia, há pouco, não foi um falso alarme!

– Se a fábrica é atingida, fico arruinado – disse ele, a torcer as mãos.

Mariette achou aquela preocupação muito egoísta. Conhecia bem a área agora, e tinha visto grandes armazéns cheios de produtos alimentares e outros bens vitais para o esforço de guerra. Havia grande cargueiros, atracados como alvos indefesos sob a luz brilhante do sol, silos de cereais, moagens de farinha, destilarias de alcatrão, fábricas de produtos químicos, fábricas de tintas e vernizes, e hectares de pilhas de maneira que, se pegassem fogo, poderiam explodir e fazer alastrar o incêndio por quilômetros em redor. Mas pior do que isso – e o que deveria ser a principal preocupação de Greville naquele momento – era o número de casas naquela área, com tantas pessoas prestes a serem mortas ou feridas.

Foi então que ouviu o rebentar de bombas à distância.

– O nosso Johnny! – disse Greville, a limpar a testa com um lenço. – A minha irmã fica com o coração destroçado, se ele morre.

Mariette pensou que talvez afinal o patrão sempre tivesse um coração. Nunca lhe dera a entender que ela e Johnny eram mais do que conhecidos. Mas à medida que o medo por ele ia crescendo, desejou poder admitir que gostava do sobrinho de Greville, quanto mais não fosse para partilharem aquela ansiedade.

Não era, porém, o momento de dizer a Greville aquelas coisas.

– O armazém fica bastante afastado das docas – disse, pondo-se de pé e pousando-lhe a mão no braço. – Deve estar a salvo. Quanto ao Johnny, foi treinado para combater incêndios, tenho a certeza de que vai ficar bem. É pelas costureiras que devemos temer; muitas delas vivem perto das docas.

Fez chá para os dois. Mas enquanto o bebiam, a estrondo das bombas ia-se tornando cada vez mais forte. Ouviram os aviões britânicos passarem lá em cima, claramente determinados a atacar o inimigo e fazê-lo retroceder.

– É melhor ir para casa – disse Greville. – E eu vou ver o que posso fazer na fábrica.

– Vou consigo – disse ela, sem se deter para pensar no que aquilo implicava. – É o edifício mais sólido da zona, pode ser que as pessoas procurem refugiar-se lá. Há uma cave por baixo, não há?

Greville olhou para ela, quase como se a visse pela primeira vez.

– Sim, há. Talvez consigamos levar algumas coisas lá para baixo e pô-las em segurança.

Não era nos fardos de tecidos nem nas máquinas de coser que ela estava a pensar, era só nas pessoas, mas teria tempo de gizar um plano pelo caminho.

O condutor do táxi deixou-os na esquina de Whitechapel High Street. Dificilmente poderiam esperar que os levasse mais longe, com as nuvens negras de fumo acre a pairarem sobre as docas. O zumbido dos aviões lá em cima e o estrondo das bombas a cair cá em baixo, misturados com o som das sirenes das ambulâncias, eram o suficiente para fazer qualquer um voltar costas e fugir.

Greville hesitou quando meteram por uma estreita rua transversal.

– Talvez devêssemos ir para casa enquanto podemos – disse.

– Não, vamos para a fábrica – insistiu ela, agarrando-o por um braço. Aqui ainda não caíram bombas, não corremos um perigo imediato.

Pareceu a Mariette que toda a gente tinha corrido para os abrigos, ou se acoitava dentro de casa, porque as ruas estavam completamente desertas. Teve medo. O fumo negro, os vapores dos produtos químicos, os rebentamentos, o matraquear das antiaéreas e o uivo das ambulâncias fizeram-na pensar que estavam a caminho do Inferno.

Estugaram o passo para chegar à fábrica, mas não voltaram a falar. Mariette sabia que devia ter ligado para casa antes de sair do escritório. Mal ouvisse as bombas, Noah ligaria a um dos seus muitos contactos para saber o que estava a acontecer, e onde. Quando ligasse para o escritório e descobrisse que não estava lá ninguém, ficaria preocupado com ela.

Quando chegaram aos portões da fábrica, Mariette decidiu telefonar para casa mal estivessem no interior. Mas logo que Greville abriu os portões, um punhado de pessoas apareceu na rua.

– Podemos entrar, senhor? – perguntou uma mulher, com um bebé nos braços e duas crianças pequenas agarradas às saias.

Ao ver que Greville não respondia, Mariette falou por ele.

– Sim, entrem, estaremos todos a salvo na cave.

Uma hora mais tarde, havia mais de cinquenta pessoas, sobretudo mulheres e crianças, na vasta cave. Vinham todas de casas nas redondezas, e algumas das mulheres trabalhavam na fábrica. A cave nunca fora usada para armazenar materiais ou maquinaria, por ser demasiado húmida no inverno. Naquela altura, porém, em finais do verão, estava seca. Greville pusera os poucos homens, todos eles demasiado velhos ou demasiado novos para serem mobilizados, a carregar algumas máquinas de costura e fardos de tecidos lá para baixo. Mariette e algumas das mulheres tinham levado cadeiras e uma grande mesa montada sobre cavaletes que era usada para cortar os uniformes, num esforço para dar a toda a gente um pouco mais de conforto.

A cave era iluminada por apenas duas lâmpadas que estavam sempre a piscar, mas Mariette descobrira uma caixa de velas como recurso no caso de se apagarem definitivamente. Ali em baixo, o barulho das explosões era abafado, mas ouviu uma garotinha perguntar à mãe se agora estavam a salvo. Esperava que estivessem.

Quando arriscou uma viagem à oficina, dois pisos mais acima, pareceu-lhe que o estrondear junto ao rio estava a aproximar-se. O denso fumo negro impedia-a de ver fosse o que fosse a mais de vinte metros das janelas, mas ouvia o estrépito da alvenaria a desmoronar-se e o silvo das mangueiras, e pareceram-lhe ameaçadoramente próximos.

Foi Noah que atendeu o telefone quando ligou para casa.

– O que te passou pela cabeça para ires para aí? – foi a primeira coisa que perguntou.

– Tinha de tentar ajudar – respondeu ela. – Penso que estamos seguros, pelo menos por enquanto. Mas se o bombardeamento piorar, importa-se de avisar alguém de que há aqui pessoas na cave?

Noah prometeu avisar a Defesa Civil e aconselhou-a a garantir que havia ventilação adequada na cave e a levar água para toda a gente.

– Se o teu Mr. Greville tivesse um mínimo de juízo ou previdência, teria feito preparativos para uma eventualidade como esta – ralhou. – Não se pode encher uma cave de pessoas sem tomar certas medidas.

– O que é que é melhor para esta gente, morrer esmagada nas suas casas com uma sanduíche na mão ou passar fome e sobreviver? – ripostou ela num tom duro, e desligou o telefone.

Havia uma espécie de cozinha nas traseiras do cais de cargas e descargas. Estava muito suja – as operárias da fábrica sempre tinham usado a cozinha da oficina principal para fazerem o seu chá –, mas, quaisquer que fossem as insuficiências, era mais seguro servirem-se dela do que correr o risco de as pessoas subirem mais um lanço de escadas. Mariette recolheu as chávenas e as canecas e o equipamento para fazer chá e levou tudo para baixo. Havia também uma retrete, ao lado da cozinha; esperou que, apesar de tudo, o bombardeamento não se tornasse tão mau que tivessem de recorrer a usar baldes na cave.

Toda a gente exceto as crianças, demasiado novas para perceberem o que se passava lá em cima, parecia aterrorizada. As pessoas sentavam-se em grupos, atentas ao mais pequeno som. Iris e Janet, duas das costureiras, distribuíam chávenas de chá e tentavam comportar-se como se tudo aquilo não passasse de uma brincadeira, mas os sorrisos que recebiam em troca eram forçados.

Greville manteve-se ocupado a juntar pastas e documentos e a levá-los para a cave.

– Graças a Deus a grande encomenda de uniformes foi levantada na quinta-feira – disse a Mariette a dada altura. – Suponho que as raparigas poderão trabalhar aqui em baixo na segunda, se o bombardeamento continuar... Isto é, se eu arranjar maneira de fazer cá chegar a eletricidade.

Mariette ficou espantada por aquele homem só conseguir pensar no negócio.

– Se me permite que lho diga, devíamos estar a pensar era em como vamos conseguir trazer mantas, leite para as crianças e comida para toda a gente. Não em fazer uniformes.

Algumas das crianças já começavam a dizer que tinham fome. Mas quando Mariette se preparava para sugerir que talvez fosse boa ideia reunir um grupo de voluntários para ir às casas mais próximas buscar comida e leite, houve uma explosão. Violenta, suficientemente forte para fazer chover pó e calíça sobre toda a gente. Muitas pessoas gritaram, outras cobriram a cabeça com as mãos, como se isso pudesse protegê-las, e algumas correram para a porta.

– Fomos atingidos? – perguntou Mariette a Greville. Mas mais lhe valia ter poupado o fôlego, porque ele estava a tremer de medo. – Controle-se – sibilou-lhe ela, agarrando-lhe um braço. – Vou verificar os estragos.

Abriu a porta da cave com cuidado, meio à espera de encontrar a passagem bloqueada. Mas não estava, de modo que subiu a correr os degraus de cimento até ao cais de carga. Continuava intacto, tal como os portões abertos da fábrica, mas as casas do lado direito da rua tinham sofrido um impacte direto. Toda a enfiada, cerca de dez pequenas casas, desabara como um castelo de cartas. O ar estava carregado de nuvens rodopiantes de pó de tijolo e argamassa; enquanto ela olhava, demasiado chocada para se mexer, a última parede da fiada de casas tombou também.

Ao ouvir outro avião, olhou na direção das docas a tempo de ver um bombardeiro alemão largar a sua carga de bombas a menos de oitocentos metros de distância. O estrondo da ensurdecadora explosão que se seguiu fê-la recuar para dentro da fábrica e descer as escadas a correr.

Iris aproximou-se dela.

– O que é que foi atingido? – perguntou.

Mariette hesitou. Uma das casas destruídas era a da mulher. Iris tinha quatro filhos, todos eles ali na cave com ela, e o marido estava no exército.

– Vá lá, acabe com o meu sofrimento de uma vez por todas – brincou Iris.

Mariette gostava de Iris. Estava sempre a rir. Afirmava não ter motivo nenhum para ser infeliz. Tinha trinta e um anos e dera à luz o primeiro filho com dezassete; e os outros três tinham-se seguido uns aos outros numa rápida sucessão. Por causa do seus cabelos louro-oxigenados e do seu voluptuoso seio, que cingia em vestidos justos de generoso decote, algumas das costureiras mais maldosas chamavam-lhe pega, mas ela não se importava. Uma das suas réplicas preferidas às que coscuvilhavam a seu respeito era: «Os homens gostam de um anjo na cozinha e de uma pega no quarto. Não sou grande coisa a cozinhar, mas posso ser uma pega em qualquer divisão que eles queiram.»

– Lamento, Iris – disse Mariette –, mas a sua casa, e toda a fila foi atingida.

Iris empalideceu e tapou a boca com as mãos, horrorizada. Mas para espanto de Mariette, forçou uma gargalhada.

– Nesse caso, ainda bem que estava atrasada com a renda – disse. – Ficava maluca era se tivesse acabado de a pagar.

A maior parte das outras residentes da fila de casas também estava ali na cave, mas nenhuma recebeu a notícia com a mesma coragem que Iris. Uma

delas, uma mulher de meia-idade, muito gorda, começou a gemer muito alto e a balouçar-se para trás e para a frente na cadeira, e ninguém conseguia confortá-la.

Nessa altura soou a sireia que assinalava o fim do ataque, e quase todos se levantaram para sair. Mariette acompanhou-os até ao pátio. Quando viram a devastação que tinham diante dos olhos e o fumo negro e oleoso que quase escondia o sol, pararam, abalados, impotentes e sem saberem o que fazer.

– Se as vossas casas foram atingidas ou se o alarme voltar a tocar, podem vir para aqui – disse-lhes Mariette. – Talvez seja boa ideia trazerem alguma comida.

Ficou a vê-los treparem por cima do entulho que atravancava a rua; até as raparigas novas pareciam de repente velhas e gastas. Aqueles cujas casas tinham sido atingidas procuravam no meio dos destroços qualquer coisa que pudessem salvar. Só as crianças pareciam não ter sido afetadas pela devastação. Viu uma garotinha apanhar uma boneca de trapos do meio do monte de ruínas que fora a sua casa e gritar alegremente à mãe que só precisava de uma boa lavagem.

– O que é que vamos fazer? – perguntou Iris, a seu lado.

Mariette sabia que ela se estava a referir a arranjar uma casa.

– Penso que o pessoal da Defesa Civil vai ajudar nesse aspeto – disse. – Pedi ao meu tio que lhes telefonasse e lhes dissesse que havia aqui pessoas, de modo que é provável que mandem alguém em breve. Mas esta noite o melhor é ficar na cave com os seus filhos. Vamos ver se conseguimos encontrar alguma roupa de vestir e de cama?

*

Havia demasiado que fazer para Mariette pensar sequer em ir para casa. Algumas das mulheres estavam demasiado aturdidas pela destruição das suas casas para pensarem pela sua própria cabeça. E apesar de Mariette presumir que não haveria mais bombardeamentos naquele dia, não podia ter a certeza disso.

Tinha feito uma lista de todos os que se encontravam na cave, incluindo as respetivas moradas. Também pedira que lhe dissessem os nomes de outras pessoas que vivessem na mesma morada mas que não estivessem com eles, para o caso de as suas casas também terem sido bombardeadas. Tanto quanto percebia, todos os moradores da fila de casas destruídas junto

à fábrica se tinham refugiado na cave ou estavam noutros lugares quando a bomba caíra, pelo que não parecia provável que houvesse pessoas soterradas pelos escombros. Mas alguém tinha de alertar a Defesa Civil para aquilo, de modo que quando viu Greville fechar à chave o piso superior e preparar-se para ir para casa, ficou chocada.

– Mas que vai acontecer a toda esta gente sem teto? – perguntou.

– Vou deixar a cave aberta. É o suficiente, não é? – respondeu ele, e pareceu surpreendido por ela esperar mais da sua parte.

– Não acha que devia ficar até aparecer alguém da Defesa Civil?

– Para fazer o quê? – disse Greville, impaciente. – Nenhuma das pessoas que aqui estiveram ficou ferida. Não estão doentes, podem falar por si mesmas, não podem? Devia ir para casa.

– Irei, depois de ter a certeza de que alguém com autoridade sabe da cave.

– Bem, nesse caso vá-se embora assim que aparecer alguém – disse ele; o tom foi seco, como se estivesse irritado com ela. – Se eu vir um polícia na rua principal, encaminhá-lo-ei para cá.

Mariette começou a ajudar as mulheres a recuperar mantas e roupas das ruínas das suas casas. Enquanto ali estava, algumas das pessoas que se tinham ido embora mais cedo voltaram. Muitas delas choravam, ou pareciam aturdidadas.

– É como o fim do mundo – soluçou uma mulher. – Desapareceram ruas inteiras, só restam montes de tijolos e mobílias partidas. O meu relógio de pé está feito em cacos, espalhado pela rua. Houve mortos, vimos as equipas de salvamento estenderem corpos no passeio.

Mariette passou-lhe um braço pelos ombros, para a confortar.

– Alguém lhes disse para onde ir?

– Dissemos-lhes que tínhamos estado na fábrica durante o bombardeamento e eles mandaram-nos voltar para cá.

Um garoto ruivo, com cerca de doze anos, deu-lhe mais informação.

– Falei com um dos homens das equipas de salvamento, e ele disse-me que os incêndios nas docas estão muito maus e que quase todos os carros de bombeiros de Londres foram para lá. E também há pessoas presas debaixo do entulho, a poucas ruas daqui. Estão a tentar arranjar autocarros para levar as pessoas para um sítio mais seguro, mas vai levar algum tempo porque quase todas as ruas estão cheias de entulho. O homem disse-nos que

voltássemos para aqui e passássemos cá a noite. Disse que iam mandar alguém com mantas e sanduíches.

Por volta das cinco e meia, apareceu um homem que transportava num carrinho de mão um monte de mantas, uma caixa de sanduíches de queijo e algumas garrafas de leite. As pessoas que viviam no lado esquerdo da rua e cujas casas não tinham sido atingidas levaram o que podiam dispensar. Uma delas preparou biberões para os bebés e distribuiu algumas fraldas velhas.

Mariette preparava-se para regressar a casa quando o uivo da sereia voltou a fazer-se ouvir. Até ao momento, tudo na cave parecera organizado e até um pouco acolhedor. As pessoas tinham ocupado o seu espaço com as respetivas famílias e amigos, estendido mantas no chão, muitas tinham acendido velas dentro de boiões de geleia, e o ambiente era calmo e bastante jovial, sobretudo tendo em conta aquilo por que tinham passado horas antes.

Mas tudo mudou quando outras pessoas começaram a bater à porta para que as deixassem entrar. Não eram só as do lado da rua que ficara intacto e que já ali tinham estado, mas também outras de ruas vizinhas. De repente, estabeleceu-se a confusão quando os recém-chegados passaram por cima das mantas cuidadosamente estendidas e os proprietários protestaram. Os bebés choravam, havia crianças pequenas a correr de um lado para o outro, as pessoas discutiam aos berros.

Mariette viu-se forçada a assumir o comando. Soprou o apito que encontrara horas antes para chamar a atenção de toda a gente.

– Eles podem recomeçar a bombardear-nos a qualquer momento. Por isso, antes que o façam, por favor ouçam-me. Esta cave tem espaço suficiente para todos, mas por favor tenham maneiras e não pisem as mantas nem assustem as crianças com discussões. Estamos todos juntos nisto. Não é muito confortável, há só uma sanita no cais de carga, por isso estou a pedir a todos que sejam gentis uns com os outros e partilhem o pouco que temos. São capazes disso?

– Claro, boneca, podes partilhar a minha manta sempre que quiseses – gritou um homem de cerca de trinta anos e cabelos desgrenhados.

Antes que Mariette tivesse oportunidade de responder, ouviram o zumbido de aviões a aproximar-se, cada vez mais forte até se transformar

num rugido. Seguiu-se o ladrar das antiaéreas e o silvo de bombas a cair e os tremendos abalos quando explodiam.

Parecia muito pior do que o bombardeamento daquela manhã. As pessoas davam as mãos ou apertavam os filhos contra o peito; à ténue luz das poucas velas, todos os rostos refletiam terror. Ninguém sabia até que profundidade uma bomba podia penetrar, e havia o perigo muito real de ficarem enterrados vivos.

Mariette andava de um lado para o outro, a anotar os nomes, as moradas e as datas de nascimento de todos eles. Ocorreu-lhe que, se sofressem um impacto direto e ficassem ali soterrados, a lista nunca seria encontrada. Mas estar ocupada, conhecer aquelas pessoas e talvez proporcionar-lhes algum conforto assumindo o controlo da situação ajudava-a a não pensar no perigo.

O bombardeamento durou toda a noite. Houve pausas, de vez em quando, que as pessoas aproveitavam para correr até à sanita e para despejar os baldes que as crianças mais pequenas estavam a usar. Algumas das crianças adormeceram, mas para os adultos não houve descanso.

Iris encarregou-se de fazer o chá. Alfie, o rapaz ruivo que tinha falado com os homens das equipas de salvamento, organizou um jogo com algumas das crianças. Uma mulher já idosa encostou-se a um fardo de tecido e começou a tricotar. Mariette perguntou-lhe como conseguia fazê-lo com tão pouca luz.

– Sempre tricotei toda a minha vida – respondeu ela. – Já nem preciso de olhar. O meu marido costumava dizer que havia de pôr um par de agulhas e um novelo de lã no meu caixão. Mas morreu há dois anos, de modos que agora faço roupinhas para os filhos das minhas vizinhas.

Às seis da manhã, voltou a soar o sinal de fim de alerta. Mas ninguém parecia ter pressa de sair da cave.

Iris ofereceu-se para fazer mais chá antes de enfrentarem o mundo exterior.

– Se voltarem logo à noite – gritou – tragam chávenas. – E se alguém tiver uma bandeja grande ou um bule, tragam-nos também.

Mariette saiu para o pátio. Procurava um pouco de ar fresco, mas era coisa que não existia, com os turbilhões de pó e o fumo dos incêndios.

Tinha o vestido imundo, suspeitava de que era bem capaz de ter apanhado alguns piolhos das crianças e tinha a certeza de que cheirava mal. Mas, acima de tudo, estava farta de ser generosa, bondosa e prestável. Não estava na sua natureza ser nenhuma daquelas coisas durante muito tempo.

Queria ir para casa, enfiar-se numa banheira de água quente e em seguida dormir oito horas. Mas não sabia como podia ir-se embora sem dar a ideia de que estava a abandonar toda aquela gente.

Enquanto ali estava, no meio dos remoinhos de pó, viu, surpreendida, Johnny entrar pelo portão.

Parecia exausto e ainda estava de uniforme, que mesmo à distância fedia a lã molhada e a fogo.

– Quer dizer que os meus espiões não se enganaram – disse, com o rosto negro de fuligem a rasgar-se num enorme sorriso. – Disseram-me que havia pessoas abrigadas na fábrica do meu tio. E quem mandava era uma rapariga que falava de uma maneira esquisita! Pensei que talvez fosses tu.

Mariette riu.

– Então falo de uma maneira esquisita, é? Estou feliz por te ver! Deve ter sido horrível.

– Muito mau – respondeu ele. – Estou de serviço há trinta e seis horas, sem parar. Mas tinha de vir certificar-me de que estavas inteira.

– Como vês, estou. Mas deixa-me arranjar-te uma chávena de chá e qualquer coisa para te sentares.

– Se me sento agora, nunca mais me ponho de pé – disse ele. – O meu tio está cá?

Mariette teve de admitir que Mr. Greville fora para casa antes do segundo ataque aéreo.

Johnny assobiou por entre os dentes cerrados.

– Mas que grande herói – disse.

Iris apareceu com uma caneca de chá para ele.

– Vi-te da janela da cozinha, Johnny. Suponho que reparaste que a minha casa desapareceu.

– Sim, lamento muito – disse ele. – Mas a julgar pelo que vi quando vinha para cá, mesmo assim tiveste muita sorte.

– Eu e os miúdos tínhamos morrido todos se não fosse Miss Carrera – explicou Iris. – Por vontade do teu tio, a fábrica tinha ficado fechada. Ninguém na minha rua sabia para onde ir quando o alarme começou a tocar.

O malandro do vigilante dos ataques aéreos não hesita em denunciar alguém que tenha uma frestinha de luz na janela, mas ontem, quando precisávamos dele, ninguém o viu.

– Nesse caso, devem dar parte dele – respondeu Johnny. – E tu podes ir para o abrigo antiaéreo mais próximo, de qualquer modo. Mas talvez o meu tio deixe a cave aberta a partir de agora. A verdade é que é capaz de não ter alternativa, isto aqui é muito mais seguro do que alguns dos abrigos que o governo construiu. Um, ao fundo da rua, foi atingido em cheio e todos os que lá estavam morreram. Mas não quero falar de coisas tristes, vim ver a Mari.

Iris pôs uma mão na anca e fez uma cara cómica.

– Ah, então para ti ela é Mari? Passa-se aqui alguma coisa que eu deva saber?

Mariette riu.

– Não, somos apenas amigos.

– Bem, o pobre rapaz está meio morto, de modo que não me parece que precise de um pau de cabeloira – disse Iris e, fazendo meia-volta, regressou à cozinha.

– Como consegue ela estar tão bem disposta sem casa e com quatro filhos é coisa que não compreendo – observou Mariette. – Se fosse eu, estava desfeita.

– Há muitas como ela por aqui – disse Johnny. – Nascidas com uma espinha de aço. Ao fundo da rua, há mulheres a escavarem o entulho com as mãos nuas à procura de familiares. Mas dá-me um beijo, se é que aguentas tocar em alguém tão porco.

– Claro que aguento. – Mariette riu, e aproximou-se para lhe passar os braços pelo pescoço. Johnny cheirava horrivelmente mal, tinha o uniforme encharcado e os lábios gretados pelo calor do fogo. Mas ela só conseguia pensar em como estava feliz por vê-lo, e em como ele era corajoso.

– Esse beijo deu-me nova vida – disse ele, quando ela se afastou. – Desculpa ter sujado o teu vestido.

Mariette olhou para baixo e viu que, além do pó que notara mais cedo, estava agora negro de fuligem por tê-lo abraçado.

– Lava-se. E tu precisas de ir descansar. Mas obrigada por teres vindo, estava preocupada contigo.

– Não era assim que eu tencionava que fosse – disse ele, embaraçado. – Queria levar-te a sair para nos divertirmos, os dois muito bem vestidos. Queria uma noite romântica contigo.

Os olhos de Mariette encheram-se de lágrimas. Não pensara muito no que queria com ele, mas uma noite romântica parecia perfeito.

– O nosso momento há de chegar, Johnny – disse. – Prefiro ter um homem sujo mas corajoso a um fuinha escorregadio que só se preocupe consigo mesmo.

Mariette fez uma pausa na carta que estava a escrever para casa, hesitante entre dizer-lhes a verdade exata ou uma versão diluída para lhes poupar a preocupação.

Não podia contar-lhes que ia dançar com Johnny todas as noites que ele tinha de folga sem lhes explicar quem ele era e admitir que Noah e Lisette ainda não o conheciam. Se tentasse falar com ligeireza dos bombardeamentos, eles pensariam que estava a esconder a verdade. Mas se lhes dissesse como era a realidade, preocupar-se-iam com a sua segurança.

Já sabiam que desde o início do Blitz ela começara a trabalhar para Mr. Greville apenas dois dias por semana, passando o resto do tempo no East End a distribuir roupas pelas famílias cujas casas tinham sido destruídas e a ajudá-las a preencher os papéis para o realojamento. Suspeitava de que devia ter sido um grande choque para os pais, porque a Mariette que tinham visto partir da Nova Zelândia nunca se ofereceria como voluntária fosse para o que fosse a menos que tivesse alguma coisa a ganhar com isso. Mas não tinham manifestado surpresa, só orgulho por ela pôr outros à frente de si mesma. Fora ela que ficara surpreendida por a aprovação dos pais ser tão importante para si.

Em cartas anteriores, contara-lhes pequenas histórias a respeito das pessoas que ia conhecendo, mas falar de casas bombardeadas e de filhos ou maridos desaparecidos ou capturados pelo inimigo estava a tornar-se demasiado deprimente.

Não ia com certeza dizer-lhes que perdera o medo aos ataques aéreos porque isso seria dar a entender que continuava tão temerária como sempre, de modo que era muito mais fácil escrever a respeito de coisas menos violentas, coisas do dia a dia, como a escassez de comida ou a irritação do *blackout*, ou contar-lhes histórias divertidas a respeito das raparigas que conhecera por intermédio de Rose e que tinham procurado refúgio em propriedades no campo. A maior parte tinha medo dos animais da quinta, até das galinhas. Descobrirem que se esperava que limpassem estábulos e pocilgas, aprendessem a lavrar a terra e a viver num lugar onde tomar um banho significava aquecer um panelão de água era um inesgotável filão de episódios engraçados – embora desconfiasse que talvez nada daquilo tivesse

tanta graça em Russell. E talvez Mog e a mãe nunca tivessem conhecido meninas ricas e privilegiadas para compreenderem até que ponto conseguiam ser irritantes.

Rose não se transformara numa camponesa. Em vez disso, levava as suas competências contabilísticas para o Ministério da Defesa e contribuía com a sua parte para o esforço de guerra. O ministério transferira as suas instalações para um lugar algures no Hertfordshire, e era também lá que ela vivia. O trabalho que fazia era mais ou menos secreto, mas Mariette gostava de provocá-la afirmando que se resumia a requisitar papel higiénico e sabonetes para as tropas. Rose ria destas brincadeiras, o que fazia Mariette desconfiar que a amiga estava a usar o seu excelente cérebro para fazer qualquer coisa verdadeiramente importante. Nas poucas ocasiões em que a vira nos últimos tempos, Rose parecera-lhe muito feliz – apesar de quase nunca estar com Peter –, e isso fizera-a pensar que talvez houvesse outro homem na sua vida.

A casa parecia muito grande e vazia, agora que Rose se fora embora. Noah passava o tempo a escrever artigos sobre a guerra destinados às pessoas comuns ou a desempenhar as suas funções na Home Guard. Lisette voltara à enfermagem num hospital local. Mas a verdade era que Mariette passava muito pouco tempo em casa; nos dias em que estava a ajudar no East End, as mais das vezes os alarmes soavam, e ela acabava por passar a noite num abrigo.

Já perdera a conta ao número de cadáveres e partes de corpos que tinha visto no fim dos ataques aéreos. Ou a quantas pessoas que tinham perdido entes queridos tentara confortar. Levava crianças cujos pais tinham morrido para casa de parentes; escrevera cartas para homens nas Forças Armadas a dizer-lhes que a mulher e os filhos estavam gravemente feridos num hospital. Ainda no mês anterior, quando o frio fora intenso, encontrara um velho morto à porta do escritório em Baker Street. As pessoas que passavam deviam tê-lo visto caído no portal e pensado que era um vagabundo a curtir os efeitos de uma bebedeira. Os homens da ambulância tinham dito que morrera de frio.

Mr. Greville tinha uma fábrica nova, no Berkshire, e a maior parte do trabalho de escritório era feita lá. Tinha protestado quando Mariette lhe disse que queria ajudar no East End, mas acabara por ser a melhor solução para todos, porque Doris era capaz de gerir o escritório de Baker Street

quase sozinha. Greville só aparecia nas manhãs de segunda-feira, ditando então todas as cartas que Mariette datilografava no dia seguinte.

Descobrira as novas instalações pouco depois daquele primeiro e terrível bombardeamento, e contratara novas costureiras na área. Todas as operárias do East End tinham ficado espantadas ao receberem um bônus de cinco libras com o último pagamento. Muito claramente, Greville sentira remorsos por estar a despedir pessoas que tinham trabalhado para ele durante anos. A maior parte, no entanto, ficara feliz por ir trabalhar nas fábricas de munições, ou como cobradoras nos autocarros, empregos com melhores salários. Em todo o caso, as cinco libras extra tinham sido importantes para todas elas, e passados meses ainda falavam disso.

A cave da antiga fábrica era agora um verdadeiro abrigo antiaéreo, com beliches de madeira e instalações sanitárias apropriadas. A oficina, no primeiro piso, era usada como centro de apoio durante o dia, e era lá que Mariette trabalhava. As pessoas doavam roupas, colchões e utensílios domésticos ao centro de apoio, e aqueles que tinham perdido tudo encontravam lá aquilo de que precisavam. O centro estava também aberto a todos os residentes da área; as pessoas podiam ir lá beber uma chávena de chá e comer uma sanduíche e falar com alguém que as ajudasse a resolver os problemas que tinham. Os que tinham ficado sem teto eram o pior problema, e ninguém parecia saber como resolvê-lo. Não havia, pura e simplesmente, casas suficientes para acolher aquelas pessoas. Algumas iam para as estações de metropolitano todas as noites, outras acampavam nas escolas e nas igrejas. E depois havia as que se limitavam a permanecer em edifícios semidestruídos, na esperança de que fossem reparados.

A antiga cave da fábrica era para Mariette, como para a maior parte das antigas operárias, a primeira escolha como abrigo antiaéreo. Havia noites em que quase parecia uma festa, com toda a gente a aparecer, a partilhar comida e bebida e a inventar jogos para passar o tempo. Riam de como tinham ficado assustados durante o primeiro bombardeamento, e as outras raparigas contavam-lhe histórias a respeito das aventuras e romances que tinham tido desde então.

Era espantoso como toda a gente se tornara indiferente em relação ao perigo. Ao cabo de cinquenta e sete noites consecutivas de ataques aéreos, falavam com ar entendido a respeito da diferença entre bombas altamente explosivas, engenhos incendiários e bombas equipadas com para-quedas,

como se sempre tivessem feito parte das suas vidas. Rapazinhos de onze e doze anos tinham sido treinados para apagar pequenos incêndios causados pelas incendiárias com um balde de água e uma bomba manual, para evitar chamar os bombeiros. E faziam-no rápida e eficazmente, orgulhando-se do seu trabalho. As pessoas passavam as noites nos abrigos, regressando a casa de manhã para se lavarem e mudarem de roupa, e descobriam que os prédios que habitavam tinham sido destruídos. Mas não ficavam sentadas a lamentar-se, iam para os seus empregos como se nada tivesse acontecido. Também as lojas continuavam abertas, mesmo sem montras. Mariette vira numa delas um cartaz que dizia: «Ainda mais aberta do que de costume».

A todo o instante, Mariette era recordada do que Morgan costumava dizer a respeito dos habitantes do East End. Eram muito resistentes. Aguentavam tudo o que lhes atirassem para cima, riam perante a calamidade, mantinham-se unidos, cuidavam dos filhos uns dos outros, partilhavam tudo o que tinham, e quando um deles ficava sem casa, os outros todos juntavam-se para ajudar.

Arriscavam a vida para ir num pulo a casa buscar as agulhas de tricotar e o novelo de lã, ou chamar um vizinho que não tinha aparecido no abrigo, ou verificar se tinham fechado o gás. Todos pareciam ter a mesma convicção fatalista de que se uma bomba lhes estivesse destinada, nada poderiam fazer para a evitar. Quase toda a gente que Mariette conhecia tinha uma ou outra vez escapado por uma unha negra. Ela própria tinha-se atirado para o chão uma noite ao ouvir o silvo de uma bomba, cobrira a cabeça com as mãos e rezara uma última e frenética oração. Mas a bomba caiu a trinta metros de distância, e os únicos estragos tinham sido sofridos pelo casaco dela, que ficara coberto de pó de tijolo.

Também Johnny era um fatalista. Contava-lhe histórias de arrepiar os cabelos a respeito de ficar encurralado no meio de um círculo de fogo, sinceramente convencido de que aqueles eram os últimos momentos da sua vida, e então, de repente, acontecer um milagre qualquer. Uma parede caía e proporcionava uma saída, ou alguém fora do círculo apontava a mangueira para as chamas durante o tempo suficiente para permitir aos homens encurralados porem-se a salvo. Certa vez, quando estava numa situação semelhante com quatro outros homens, tinham levantado uma tampa de saneamento, descido para as esgotos e reaparecido, a feder horivelmente,

várias ruas mais longe. Dizia que cada vez que tinha sorte, perguntava a si mesmo quanto mais tempo ia essa sorte durar.

Por vezes, Mariette falava dele a Lisette e a Noah, mas sempre como o seu amigo bombeiro, o sobrinho de Mr. Greville, nunca como namorado. Mas era o que ele era – o seu namorado – e a relação entre os dois era tal como Johnny dissera, um romance doce. Ainda não tivera sexo com ele, só se tinham beijado e dado as mãos, acariciado e rido juntos. Era quase como voltar a ter dezoito anos e ser inocente e confiante, mas sempre ansiosa por voltar a vê-lo sem o remorso de ter feito qualquer coisa errada. Num mundo que era, por vezes, uma espécie de pesadelo cruel, ele fazia-a sentir-se segura. Mas continuava a não ser capaz de dizer a Lisette e a Noah que Johnny era mais do que um amigo, porque sabia que eles não aprovariam. E não fazia sentido preocupá-los quando nem ela própria sabia no que é que aquele pequeno romance ia dar.

Em Russell, quando se apaixonara por Sam, julgava saber o que era o amor. Não tardou a descobrir como estava enganada, e ainda tinha as marcas do que ele lhe fizera. Então apareceu Morgan, que lhe mostrou como o sexo podia ser maravilhoso e a fez pensar que era aquilo o verdadeiro amor. Mas depois tornara-se brutal, e não tentara sequer explicar porquê. O cavalheiresco Gerald pusera-a num pedestal, mas tudo o que sentira por ele fora amizade.

Johnny era completamente diferente dos outros homens. Sabia comunicar de todas as maneiras possíveis, desde a ternura com que lhe acariciava os cabelos à expressão do olhar, aos risos e até aos silêncios. Parecia ter o condão de aparecer quando ela mais precisava dele, mas nunca seria um capacho como Gerald fora. Não fazia promessas mirabolantes, nem sequer falava do futuro, mas talvez isso fosse porque privava com a morte todas as noites quando combatia os incêndios. Havia sempre tanto de que falar, mas tão pouco tempo para estarem juntos.

Amava-o?

Parecia sem dúvida amor quando o coração lhe dava um salto no peito ao vê-lo de manhã encostado à parede da fábrica depois de mais uma noite de bombardeamentos. Por vezes, ainda tinha o uniforme encharcado, a cara suja de fuligem, mas noutras manhãs já se tinha lavado, barbeado e mudado de roupa. Mas estava quase sempre exausto. «Se só te visse depois de uma boa noite de sono», dizia muitas vezes, «nunca te via.»

O romance deles era feito de momentos roubados. Uma chávena de chá de manhã cedo num café abafado enquanto, na rua, as pessoas varriam os vidros partidos e o entulho da noite anterior. Ou uma hora à tarde, quando passeavam juntos, a tentarem fingir que o vento gelado não os cortava como facas, sabendo que quando escurecesse ele teria de voltar para o quartel.

Havia, no entanto, qualquer coisa de irreal naquela relação, quase como se os dois fossem personagens de um filme. Tinha falado disto a Joan, a sua amiga *cockney*.

Joan rira.

– Bem, eu chamaria ao filme um raio de um melodrama. Tu distribuis farpelas, o Johnny apaga incêndios. Tu vens do lado fino da cidade, ele do lado errado. Nunca estão juntos o tempo suficiente para saberem se servem um para o outro. Ainda por cima, tu vais para o outro lado do mundo quando e se esta porcaria desta guerra acabar. Não sei se consigo ver um final feliz, querida.

Houvera uma pausa nos bombardeamentos durante o Ano Novo porque o nevoeiro denso, ou a neve, tinha desencorajado os bombardeiros. Houvera umas poucas noites em que ela e Johnny tinham vestido as suas melhores roupas e ido dançar nos clubes do West End. Durante algumas horas, nos braços dele, esquecia os horrores da guerra e podiam ser como os namorados costumavam ser antes do início daquela loucura.

Mas mal os céus clarearam, e a lua brilhou no Tamisa, os bombardeiros voltaram, usando aquela faixa de luz prateada para os guiar até ao centro de Londres e destruir um pouco mais da capital.

Naquela noite, não tinha havido ataque aéreo. St. John's Wood não assistira à destruição maciça que assolara o Leste e o Sudeste da cidade. As pessoas da área falavam muito das poucas enfiadas de bombas que tinham caído, mas na realidade não fora quase nada. A cave debaixo da casa era muito confortável como abrigo, mas Mariette só lá estivera quatro vezes, e em todas o mais perto que uma bomba caíra fora a trezentos metros de distância.

Mariette apagou a luz do quarto e afastou a cortina de *blackout* para espreitar lá para fora. Como sempre, os feixes de luz dos projetores varriam o céu, atentos à aproximação de bombardeiros inimigos. Sorriu ao pensar que Noah estava a manobrar uma daquelas luzes em Primrose Hill. Saía agora quase todas as noites, e parecia gostar. Era outra coisa curiosa a

respeito da guerra: as pessoas pareciam mais felizes quando tinham um papel a desempenhar. E, apesar de todas as privações que tinham de suportar, dizia-se que não houvera suicídios durante o Blitz.

Mas dentro de dois dias, a 8 de março, Noah não estaria a manobrar os projetores, Lisette não estaria a pensar ferimentos e Rose estaria em casa, todos eles bem vestidos e prontos para ir ao Café de Paris festejar o vigésimo primeiro aniversário de Mariette. A sugestão partira de Rose, porque não só era o lugar da moda no West End, como também era considerado o mais seguro, uma vez que o salão de baile ficava quatro pisos abaixo de Leicester Square.

O novo vestido de noite de Mariette estava pendurado na porta do guarda-fato: um vestido de veludo acetinado cinzento-prateado que se lhe colava ao corpo e se prolongava para trás numa pequena cauda. Noah comprara-o para Lisette em Paris, no início dos anos vinte. Mas Lisette insistia que era demasiado velha, com cinquenta e seis anos, e demasiado larga na cintura, para voltar a usá-lo. Ficara encantada ao descobrir que servia perfeitamente a Mariette, sem necessidade de qualquer alteração.

— A Belle e o Étienne ficariam tão orgulhosos se te vissem com ele — disse Lisette, no dia em que ela o tinha provado. — A menina deles toda crescida, e tão bonita. Temos de tirar fotografias para lhes mandar. Vai ser duro para eles, não estarem contigo num dia tão especial.

Mariette aproximou-se do vestido e acariciou o tecido suave e sensual. Da primeira vez que Lisette o tirara do armário para lho mostrar, pensara que o cinzento-prateado lhe roubaria toda a cor, mas enganara-se. Refletia a luz para a cara dela e fazia-a brilhar. Mal podia esperar para o vestir. Lisette também tinha razão a respeito de os pais ficarem tristes: os aniversários sempre tinham sido importantes na família, com decorações na cozinha e no jardim. Belle fazia sempre uma coroa elaborada para o aniversariante, rapaz ou rapariga, que tinha de a usar durante toda a festa. Apareciam todos os amigos e vizinhos, Mog fazia um bolo fantástico e toda a gente tinha de vestir as suas melhores roupas e participar em jogos. Muitas vezes, os adultos continuavam a comer e a beber até de madrugada, e Mariette lembrava-se de desejar ser crescida para poder ficar com eles.

Imaginava Belle e Mog a chorarem um pouco no dia 8. Talvez Mog fizesse um bolo de qualquer maneira, e todos eles ergueriam um copo de vinho para brindar a ela. Mas seria uma coisa discreta, porque Alexis fora

chamado às fileiras mal completara dezoito anos, em janeiro. Estava no campo de treino, à espera de saber se o seu regimento seria enviado para a Europa ou para o Norte de África. Dentro de menos de um ano, seria a vez de Noel. Mal podia acreditar que os seus escanzelados irmãos mais novos se tinham transformado em jovens capazes de disparar uma arma. Perguntou-se como iriam os pais e Mog aguentar sem nenhum dos filhos em casa.

Desejou poder ir a casa e vê-los a todos; todos aqueles pensamentos acrimoniosos a respeito de Russell ser um buraco primitivo e atrasado onde nunca nada acontecia pareciam-lhe agora tão estúpidos. Daria tudo para estar naquele momento a velejar na baía ou a subir ao cume de Flag Staff Hill para contemplar a vista espetacular. Sentar-se no alpendre, no silêncio do fim da tarde, com uma brisa tépida a agitar-lhe os cabelos. Parecia-lhe o paraíso.

Voltou à sua carta e escreveu estes pensamentos a respeito de casa e de quanto desejava estar com eles, e acrescentou:

No momento em que escrevo isto, está a manhã a começar para vocês. Quase consigo ouvir a Mog a espreitar as brasas do fogão e a gritar ao Noel que se levante. Suponho que a mamã está lá fora a dar de comer às galinhas e que o papá já saiu de casa para levar alguém à pesca. Não dava valor a estas coisas quando aí estava, mas agora dou.

Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas quando recordou como tinha manipulado os pais. Lembrou-se dos enganar, das mentiras, e de pensar que era de algum modo carenciada por Russell ser uma terra tão pequena e sossegada. Sabia agora, depois de ter visto crianças verdadeiramente carenciadas, que tivera a melhor infância que alguém poderia ter. Sempre tivera o suficiente que comer, e muito amor e atenção. Nunca ninguém erguera uma mão para ela. Nunca o pai chegara a casa embriagado e violento. A mãe tornava tudo divertido, e Mog era quem a mimava. O colo dela era um dos melhores lugares do mundo para estar quando Mariette era pequena.

Sabia agora que queria um casamento como o que os pais tinham – partilhavam tudo, o bom e o mau, e o amor deles brilhava como um farol –

e como fora tola ao pensar que seria assim com Morgan. E no entanto, irritava-a não ser capaz de o esquecer. A última mensagem que recebera dele chegara pouco antes do início do Blitz. Não podia chamar-lhe uma carta, de tão curta que era. Dizia que ia deixar o hospital em breve e que esperava que ela estivesse bem.

Nem uma palavra a respeito dos seus ferimentos, ou se ia voltar para o seu regimento ou ser transferido para outro hospital, e desde então não voltara a saber dele.

Johnny continuava a afirmar que Morgan tinha outra namorada e não era homem suficiente para o admitir. Mas aquilo não fazia sentido, pois nesse caso porque se daria ao trabalho de escrever do hospital?

Pura e simplesmente não o compreendia. Mas depois do que vira e ouvira a respeito do comportamento das pessoas naqueles últimos seis meses, já nada a surpreenderia. Vira mulheres casadas e com filhos terem casos escaldantes com outros homens enquanto os maridos que diziam amar lutavam em África. Duas mulheres que conhecia estavam grávidas de homens que tinham encontrado num baile e nunca mais voltariam a ver. O marido de Iris desertara e foi apanhado em Portsmouth com uma rapariga de dezasseis anos. Escrevera à mulher enquanto aguardava julgamento em tribunal militar a dizer-lhe que não a amava e nunca a tinha amado. Um homem já de idade que vivia perto da fábrica notificara as autoridades do desaparecimento da mulher depois de um ataque aéreo. Um par de dias mais tarde, o corpo foi encontrado debaixo de um monte de entulho, mas os ferimentos indicavam ter sido agredida várias vezes na cabeça com um cano de chumbo, e não uma morte por esmagamento. Quando a polícia começou a investigar o crime, o marido foi-se abaixo e confessou que a tinha matado. Disse que se convencera de que ia morrer num ataque aéreo e não suportava a ideia de a deixar sozinha.

Parecia a Mariette que a guerra tinha, em maior ou menor medida, modificado o carácter de toda a gente. Os mansos podiam tornar-se bravos, os maus tornarem-se generosos, e homens de modos calmos e suaves podiam tornar-se pequenos Hitlers a partir do momento em que vestiam um uniforme de vigilante de ataque aéreo. Sabia que ela própria também tinha mudado. Nem queria acreditar em como costumava ser egocêntrica, e no entanto agora passava o tempo a distribuir roupas velhas às pessoas quando

podia ganhar bom dinheiro como secretária, sair todas as noites para dançar e namoriscar com oficiais de licença.

Peter ia levar um amigo, também piloto, à sua festa de aniversário. Chamava-se Edwin Atkins, tinha vinte e seis anos e, segundo Rose, era muito atraente e divertido.

Mariette gostava que Rose e Peter desistissem de fazer o papel de cupido; aquele era o terceiro homem que tentavam impingir-lhe desde que Gerald morrera. Esperava que fosse igual aos outros dois: bem-educado, animado, um pouco arrogante. Os pilotos de caça podiam ser heróis nacionais e o sonho da maior parte das raparigas, mas não eram o dela.

Na sala de estar, Noah empoleirou-se no rebordo almofadado do guarda-fogo e sorriu enquanto o fotógrafo que tinha contratado para ir lá a casa antes de saírem para o Café de Paris tirava algumas fotografias a Mariette sozinha.

Mariette estava sensacional com o seu vestido prateado, com os caracóis louros a caírem em ondas soltas sobre os leitosos ombros nus e o colar que Lisette lhe emprestara a refulgir como se fosse de diamantes verdadeiros, apesar de serem apenas imitações. Mas a pulseira que ostentava no pulso era verdadeira, a prenda deles pelo seu vigésimo primeiro aniversário.

Havia dois anos que estava com eles, e gostavam muito dela. Tinha os modos descomplexados de Belle, um sorriso pronto, um genuíno interesse pelas pessoas. Ao princípio, Noah achara-a um tudo-nada calculista, como se estivesse sempre a avaliar toda a gente, à procura de pontos fracos. Mas devia ter sido apenas o seu velho espírito jornalístico a ver sombras onde não as havia, ou talvez porque Annie, a avó dela, fora assim. Annie nunca sentira lealdade a ninguém, e sobretudo não a Mog, que lhe fora tão dedicada. Étienne, o pai da rapariga, também tinha alguns traços de carácter um pouco preocupantes. Era o melhor homem possível para ter do nosso lado, mas só um louco se atreveria a irritá-lo.

No entanto, fosse o que fosse que tivesse pensado dois anos antes, enganara-se, e Mariette tinha agora um carácter muito próprio. Podia ter a persistência obstinada da mãe em fazer o que queria, com a coragem do pai e uns salpicos da arrogância de Annie, mas tinha também um grande

coração. Esperava que ela se apaixonasse por Edwin naquela noite. O rapaz era perfeito: inteligente, encantador e de uma boa família.

Lisette não se cansava de lhe dizer que tinha de parar de tentar casar a rapariga com um «finaço»; achava que Mariette precisava de um homem parecido com Étienne para ser feliz. Mas Mariette era a filha dele, e não conseguia impedir-se de querer o melhor para ela.

– Agora uma foto de grupo – disse o fotógrafo, colocando Mariette com Rose de um lado e Lisette do outro e fazendo sinal a Noah.

– Primeiro faça uma das três raparigas mais bonitas de Londres – disse Noah, enquanto se levantava.

Rose usava um fabuloso vestido de noite cor-de-rosa, e Lisette estava elegante como só uma francesa podia estar vestida de renda preta.

– Não sou um felizardo por ir levar estas três beldades ao Café de Paris?

O alarme de ataque aéreo começou a uivar no preciso instante em que Noah pagava o táxi em frente do Café de Paris, junto a Picadilly Circus. A noite estava gelada, e tanto Mariette como Rose apertaram melhor as estolas de pele à volta dos ombros antes de se apressarem a entrar no clube. Quando os salões de baile e os clubes noturnos foram fechados, no início da guerra, o Café de Paris permanecera aberto por ser subterrâneo e considerado mais seguro do que qualquer abrigo. Tinha uma história longa e ilustre, atraindo os ricos e famosos desde que o príncipe de Gales anunciara que era o seu clube noturno preferido. Rose, Noah e Lisette já lá tinham estado antes da guerra, mas naquela noite estavam tão excitados como Mariette porque queriam ver a banda residente, Ken «Snakehips» Johnson e a sua West Indian Orchestra.

Uma longa escada descia até à primeira de várias galerias, onde cada mesa era iluminada por um pequeno candeeiro. Mariette ficou extasiada com a decoração do clube, que fazia lembrar a do salão de baile do paquete *Titanic*, da White Star, com uma grande profusão de folha de ouro e belos lustres.

Peter e o amigo, Edwin, estavam sentados à mesa, à espera deles, muito garbosos nos seus uniformes. Mariette ficou agradavelmente surpreendida ao verificar que Edwin era na verdade tão atraente como Rose dissera. Tinha uma cara dura, com um queixo quadrado, cabelos castanhos e olhos azuis, de expressão suave. Gostou do sorriso; era um pouco embaraçado, revelador de que não tinha muito a certeza de querer ser «emparelhado» com a parente de Rose. Mas se sentia alguma relutância, não o mostrou. Levantou-se para lhe apertar a mão e guiou-a até à cadeira a seu lado.

A mesa deles ficava na galeria mais baixa, sobranceira ao palco e à pista de dança. De momento, estava um quarteto a tocar, e o vocalista cantava «Stormy Weather». Mariette estava tão entretida a ver as senhoras de vestido de noite e os cavalheiros de *smoking* ou de uniforme que nem reparou que um criado servia champanhe a todos e Noah propunha um brinde. Até que Edwin lhe tocou no braço.

– À nossa linda Mariette, nos seus vinte e um anos – disse Noah, de taça erguida. – Quem me dera que a Belle e o Étienne pudessem estar aqui

connosco esta noite, ficariam tão orgulhosos de ti. Mas bebamos a um feliz aniversário e aos amigos ausentes!

– A um feliz aniversário e aos amigos ausentes! – repetiram todos em coro.

– Deve sentir-se um pouco triste por estar tão longe de casa no seu dia de anos – disse-lhe Edwin, depois do brinde.

A sensibilidade dele comoveu-a.

– Sim, tive muitas saudades de casa esta manhã, quando acordei. A minha mãe fazia sempre uma grande festa nos nossos aniversários. O meu irmão mais velho foi mobilizado, o que só deixa o mais novo, o Noel, para ela apaparicar.

– Na Nova Zelândia sabem o que tem sido o Blitz, ou os jornais de lá focam-se mais no Norte de África e nos Japoneses?

– Os meus pais nunca comentam, mas tenho a certeza de que o meu pai está muito bem informado de tudo o que se passa, em todo o mundo. Mas eles sabem melhor do que a maior parte dos neozelandeses o que é a guerra, porque o meu pai combateu na última, no exército francês. E a minha mãe conduziu ambulâncias em França.

– Pelo que o Peter me diz, tem o mesmo espírito. Tem estado a ajudar no East End, não é?

– Aconteceu por acidente, para dizer a verdade. Fui apanhada num dos primeiros ataques aéreos àquela zona. Depois de ter conhecido as pessoas e visto os problemas que enfrentam, não podia fazer outra coisa senão ajudar. São muito castigados. Mas não o quero maçar com este assunto!

Ele sorriu, com os olhos azuis quentes como um céu de verão.

– Concentramo-nos sobretudo em abater o inimigo e voltar para casa incólumes. Não vemos o sofrimento que as bombas causam aos civis, pelo menos da maneira que a Mariette o vê.

Ela sentiu-se tocada por esta falta de ego, gostou da voz grave, e sentiu um pequeno arrepio descer-lhe pela espinha. Talvez quisesse voltar a ver aquele homem depois daquela noite.

A refeição foi uma desilusão – o bife era pequeno e duro e os legumes excessivamente cozidos –, mas era assim que as coisas eram agora em quase todos os restaurantes e ninguém comentava. Em contrapartida, o champanhe e o vinho que se seguiram eram bons, e era um prazer estar rodeada por pessoas que se divertiam.

Mariette estava encantada com Edwin; era divertido, conversador, mas sem forçar a nota. Queria saber coisas a respeito da Nova Zelândia e disse que tinha pensado em emigrar para lá quando a guerra acabasse.

– Se alguma vez acabar – concluiu, num tom triste. – Adoro pescar no mar e velejar, e quero viver num país com espaço.

– Disso temos lá muito – respondeu Mariette, com uma pequena gargalhada. – E mais ovelhas do que pessoas!

– O que é que achas dele? – perguntou Rose mais tarde, quando Edwin e Peter os deixaram para ir aos lavabos.

– É muito simpático – admitiu Mariette.

– Isso quer dizer que vais querer vê-lo outra vez?

Mariette riu.

– Vejamos primeiro o que esta noite nos traz.

*

Terminaram a refeição com vinho e o criado levantou a mesa, deixando apenas as bebidas. Chegara o momento de «Snakehips» Johnson atuar, e Mariette e Rose mal podiam esperar para ver o jovem e atraente cantor da Guiana que merecera a alcunha de «ancas de cobra» devido à sinuosa suavidade dos seus movimentos e à maneira como mexia as ancas.

Não ficaram desapontadas. Ken Johnson era ainda mais bonito em carne e osso do que nas fotografias que tinham visto, e a sua West Indian Orchestra tocava música *swing* que os fez levantarem-se todos da mesa para descerem até à pista de dança.

– Depois das dez, ninguém vai conseguir mexer-se nesta pista minúscula – disse Edwin a Mariette, enquanto dançavam. – É quando chega a maior parte das pessoas. A parte boa é que podemos dançar mais chegados.

Mariette sorriu. Gostaria de dançar mais chegada àquele homem. Mas então apercebeu-se de que mais pessoas significaria filas mais compridas para a casa de banho, pelo que pediu licença e se dirigiu a uma delas.

Deteve-se para olhar para trás antes de entrar. «Snakehips» estava a cantar o seu grande êxito «Oh Johnny, Oh Johnny. How You Can Love». As palavras fizeram-na sentir-se um pouco culpada por estar a divertir-se tanto com outro homem, mas recalcou este pensamento e recordou a si mesma que aquilo era uma festa de família, não um encontro amoroso.

Lisette e Noah dançavam o *quickstep*, mas Rose e Peter limitavam-se a balouçar-se de um lado para o outro, abraçados. Edwin estava à beira da

pista de dança, a ver e a fumar um cigarro. Mariette, que estivera mas ou menos a contar que ele arranjasse um novo par mal ela se afastasse, ficou satisfeita ao ver que não.

Estava a retocar os lábios quando ouviu o rebentamento ensurdecido de uma bomba. O engenho parecia ter descido através do edifício, esmagando tudo à sua passagem. O choque fê-la deixar cair o *bâton*, e então começaram os gritos.

Quando abriu a porta, o espetáculo que se lhe deparou foi tão horrível que também ela gritou. A bomba tinha caído em cima do palco, e pensou que «Snakehips» e os outros membros da banda estavam mortos. Viu-os caídos no chão, com as camisas brancas já avermelhadas de sangue.

As luzes piscavam mas ela viu, horrorizada, que uma mulher sentada junto à pista de baile tinha sido decapitada.

E então as luzes apagaram-se por completo.

Naquele segundo ou dois antes de as luzes se apagarem, não conseguira ver nenhum dos membros do seu grupo porque a pista de baile estava apinhada de gente que tinha caído ou estava a tentar fugir. Mas enquanto estava ali parada, rígida de choque na escuridão, caiu uma segunda bomba.

O breve clarão do rebentamento e a luz de algumas velas em mesas mais afastadas permitiu-lhe perceber que nenhuma das pessoas que se encontravam na pista de baile tivera grandes hipóteses de sobrevivência. Estavam demasiado apertadas umas contra as outras, criando um turbilhão de corpos que se agitavam enquanto pedaços de estuque, tijolo e vidros estilhaçados dos lustres choviam do teto.

Instintivamente, recuou um passo em vez de avançar para a carnagem. Aprendera o suficiente a respeito de bombardeamentos no East End para saber que o edifício inteiro podia desabar. Estava debaixo da galeria, onde, momentos antes, tinham estado sentados a uma mesa a comer e a beber. Havia mais duas galerias por cima daquela, e depois a longa escada que dava acesso à rua. Sabia que dentro de minutos iam aparecer homens com lanternas, e então seria possível ver quem morrera ou estava gravemente ferido. Mas a menos que Noah, Lisette, Peter, Rose e Edwin tivessem abandonado a pista de dança enquanto ela estivera na casa de banho, receava que se encontrassem no meio da confusão de corpos amontoados que avistara de relance antes de as luzes se apagarem.

Olhou para cima e viu as estrelas a cintilarem através do buraco que a bomba abrira no teto. Então viu luzes que oscilavam, lá em cima, e ouviu instruções gritadas, e sirenes de ambulâncias. E foi só então, quando teve a certeza de que a ajuda vinha a caminho, que começou a chorar.

Mais luzes brilharam ao nível da rua, e uma voz autoritária de homem gritou:

– Todos os que não estão feridos, façam o favor de subir a escada até à rua. Há aqui pessoas à espera para tomar nota dos vossos nomes. Não tentem encontrar agora os vossos amigos e familiares, só vão dificultar o trabalho das equipas de salvamento.

Mariette não conseguia mexer-se. A cabeça dizia-lhe que tinha de o fazer, mas os seus olhos estavam presos ao emaranhado de corpos na pista de dança. A luz era demasiado fraca para lhe permitir identificar quem quer que fosse, mas forçou a vista a tentar descobrir o vestido cor-de-rosa de Rose ou o uniforme azul de Peter. O facto de não conseguir ver nenhum deles deu-lhe um pouco de esperança, mas sabia que o vestido preto de Lisette e o *smoking* de Noah se misturariam com todos os outros que ali estavam.

Quantas pessoas teriam morrido?

Uma mão pousou-lhe no braço, sobressaltando-a. Era um dos membros das equipas de salvamento, de capacete metálico na cabeça e empunhando uma lanterna.

– Venha comigo, menina, há pessoas lá em cima que cuidarão de si.

– Estava na casa de banho quando aconteceu – soluçou ela. – Era a festa dos meus vinte e um anos e deixei-os a dançar. Não sei se estão entre... – Apontou para a pista de dança.

– Talvez não estivessem – disse o homem, numa voz cheia de gentileza. – Vamos levá-la para cima, pode ser que os encontre lá.

O homem agarrou-lhe o braço com firmeza e levou-a até às escadas. Mariette deteve-se no primeiro patamar, para olhar para baixo. Havia agora mais luz, e conseguiu ver membros das equipas de salvamento, polícias e pessoal das ambulâncias moverem-se por entre os corpos caídos na pista de dança, à procura de sobreviventes. Duas mulheres rasgavam tiras da orla dos vestidos para fazer ligaduras. Viu-as ajudar uma mulher com um vestido branco e vermelho sentar-se, mas então percebeu que o vestido era branco e o vermelho era sangue.

Então viu Rose, cujo vestido cor-de-rosa era inconfundível, com um braço atravessado sobre a cara e as pernas torcidas para um lado, como se tivesse sido atirada ao ar e voltado a cair.

– É uma das minhas amigas – disse ao homem. – A do vestido cor-de-rosa. A mãe, o pai e o namorado também devem lá estar. Pode ir verificar?

– Irei, depois de a acompanhar até lá acima – respondeu ele. – Venha, menina, isto não é lugar para si.

Havia muito mais pessoas como ela a serem encaminhadas pelas escadas acima. Todas em estado de choque, a moverem-se devagar, como vira tantas outras moverem-se depois dos bombardeamentos. Ouvia choro, pessoas a suplicar que as ajudassem a encontrar alguém. E havia feridos, com cortes na cabeça e na cara, a tropeçarem no esforço de subir as escadas, enquanto os maqueiros e os membros das equipas de salvamento desciam pelo outro lado.

Chegou por fim ao vestíbulo do clube, ao nível da rua, onde um mulher com o uniforme da Defesa Civil tomou nota do nome dela e lhe perguntou pelo resto do grupo com que estava: nomes, moradas, roupas que vestiam e tudo o mais que pudesse ajudar a identificá-los.

Mariette conseguiu dar-lhe a informação.

– Vi a Rose na pista de dança, de modo que julgo que estão todos juntos – acrescentou, e começou a chorar. – E havia também o Edwin Atkins. Veste um uniforme da RAF, cerca de um metro e oitenta de altura, vinte e seis anos.

– É uma grande ajuda, Miss Carrera – disse a mulher. – Vejo que está a tremer. Vou pedir a alguém que lhe arranje uma manta e a leve a beber uma chávena de chá. Pode esperar lá por notícias dos seus amigos.

Com uma manta do exército à volta dos ombros nus, Mariette foi levada com outras pessoas, todas em choque profundo como ela própria, para uma cave um pouco mais abaixo na mesma rua. Já lá estavam cerca de quarenta pessoas, algumas sentadas a chorar, outras a andar para trás e para a frente, inquietas. Era fácil distinguir as que tinham estado no Café de Paris, pelas roupas que vestiam. Mas havia outras, vestidas normalmente, que ali deviam ter procurado refúgio quando o alarme de ataque aéreo soara, um par de horas antes.

Uma mulher alta e corpulenta, com um uniforme do Women's Voluntary Service, distribuía chávenas de chá, mas a Mariette nada daquilo parecia

real. Sentia que devia ser ela a pessoa a empurrar o carrinho do chá, a distribuir as chávenas, porque era esse o papel que estava habituada a desempenhar. Nunca esperara ser a pessoa que recebia compaixão, a quem perguntavam se estava suficientemente quente, a ser o alvo de solicitudes.

Pegou numa chávena de chá, mas estava a tremer tanto que uma das ajudantes lha tirou das mãos, a levou para um sítio onde se pudesse sentar, pousou a chávena a seu lado e lhe apertou com mais força a manta à volta dos ombros.

A maior parte das outras pessoas não conseguia parar de falar em voz alta a respeito do que tinha acontecido. Algumas diziam que ainda bem que as bombas tinham caído tão cedo; se tivessem sido largadas depois das dez, quando o clube estivesse no auge, teria sido muito pior. Percebeu que a maior parte dos sobreviventes estava nas galerias superiores. Alguns, como ela, tinham amigos ou parentes que tinham ido dançar e dos quais ainda não sabiam nada, mas a esmagadora maioria não perdera ninguém, só estavam ali até que lhes arranjassem um transporte para casa.

Fazia-a sentir-se doente ouvi-los esmiuçar os pormenores, descrever os membros da banda que tinham sido atingidos e a mulher que fora decapitada.

– Eu e o meu marido tínhamos estado a dançar cinco minutos antes de a bomba explodir – repetia uma mulher. Usava uma estola de arminho e um colar de diamantes à volta do pescoço. – O meu marido disse que não gostava do aperto lá em baixo. E pensar que me zanguei com ele!

Mariette lembrou-se de que tinha deixado a pequena bolsa de noite e a estola de pele em cima da cadeira. Não tinha dinheiro nem chaves para entrar em casa. Estava gelada, apesar da manta, e sentia o chão de cimento a transformar-lhe os pés em blocos de gelo através das finas solas dos sapatos.

Então, quando já começava a pensar que se tinham esquecido dela, Edwin entrou na cave. Tinha o braço esquerdo ao peito, o uniforme sujo de estuque e de pó e um golpe feio na cara. Mas estava vivo.

Mariette correu para ele.

– Graças a Deus que está bem. E os outros?

Ele passou-lhe o braço bom pelos ombros e puxou-a para si.

– Todos mortos, infelizmente, Mari – disse, numa voz que a emoção quebrava. – Estive a identificá-los.

Mariette ouvira pessoas na sua situação dizerem que não acreditavam, que tinha de haver um engano qualquer, e naquele momento podia identificar-se com elas. Como era possível pessoas que significavam tanto para ela serem-lhe arrancadas de uma maneira tão terrível?

Edwin assumiu o controlo da situação.

– Logo que soar o fim do alarme, vou levá-la para casa, Mari. Julgo que a Rose tem um irmão. Vamos ter de contactá-lo.

– Chama-se Jean-Philippe, mas só o vi um par de vezes – disse ela. – Está na Marinha. Mas não tenho chaves para entrar em casa, nem nada – balbuciou, e recomeçou a chorar ainda mais convulsivamente.

– Eu tenho as chaves. A polícia tirou-as do bolso de Mr. Baylis – disse ele. – Isto é a pior coisa que lhe poderia acontecer, Mari. Mas eu vou ajudá-la. Agora sente-se, e falemos de si. Tem mais parentes em Inglaterra? Amigos que possam apoiá-la?

*

Já passava das três da manhã quando chegaram a St. John's Wood. Mariette ainda tinha a manta que lhe tinham posto à volta dos ombros, e chorara durante a maior parte da viagem de táxi até casa. Mas o seu desgosto tornou-se ainda maior quando entrou e viu todas as coisas que faziam parte de Noah e de Lisette. O cesto de costura junto ao cadeirão dela, o livro na mesinha ao lado do dele. As fotografias de família estavam numa pequena mesa de apoio, por baixo da janela, e até o leve aroma do perfume de Lisette ainda pairava no ar.

Se não fosse pelos anos dela, estariam naquele momento a salvo, na cama. Mas agora Rose nunca teria o seu casamento, e a casa nunca veria os netos de Noah e de Lisette a correrem pelas escadas. Ainda um par de dias antes Noah dissera que iriam todos à Nova Zelândia quando a guerra acabasse. Mas agora isso nunca aconteceria.

– Penso que é melhor telefonar imediatamente aos seus pais – sugeriu Edwin. – Já é da parte da tarde, na Nova Zelândia.

– Não têm telefone em casa – respondeu ela. – Quando ligam para mim, é da padaria da tia Peggy.

– Então telefone para lá. Quer que seja eu a tratar disso?

Edwin serviu-lhe um *brandy* enquanto ela procurava o número na agenda da família. Em seguida ele espevitou o lume na lareira, que ficara abafado,

reacendendo as chamas. Fê-la sentar-se perto do calor e marcou o número da central.

– Suponho que vai demorar algum tempo – disse, e tapou o bocal com a mão para que a telefonista não ouvisse. – Beba esse *brandy*, é bom para o choque. Qual é o apelido da sua tia?

– Reid – respondeu ela, num fio de voz, a imaginar a gorda e jovial tia Peggy a bambolear-se em direção ao telefone e a gritar para o aparelho, como sempre fazia. – Não é mesmo minha tia, é só uma amiga da minha mãe.

Ele assentiu com a cabeça, e então falou.

– Mrs. Reid? Mrs. Peggy Reid?

Mariette ouviu uma voz de mulher perguntar quem falava. Pôs-se de pé e pegou no auscultador.

– Tia Peggy, sou eu, a Mari. Aconteceu uma coisa horrível. Pode chamar a mamã, ou o papá, ou a Mog?

– A Mog está mesmo aqui a meu lado, querida, veio visitar-me. Vou passar-ta.

– Mari? – A voz de Mog soou fraca e assustada. – O que aconteceu?

– Estão todos mortos! – balbuciou Mariette, a atropelar as palavras, por entre soluços. – O tio Noah, a tia Lisette, a Rose e o namorado dela, o Peter. Levaram-me a um clube para festejar o meu aniversário. As bombas entraram pelo teto. Eu estava na casa de banho. Morreram todos.

Ouviu Mog fazer um som – uma exclamação de raiva mais do que de surpresa –, mas, como sempre que a tragédia se abatia, Mog era uma rocha.

– Onde estás agora? E quem está contigo? – perguntou, com a voz aguda de dor, mas controlada. – Vou ter de ir a casa dizer à tua mãe, e tu tens de me contar tudo o que puderes.

– Estou em casa do tio Noah, e o Edwin, um amigo do Peter, está comigo. Tem sido muito bom para mim. – Só falar com Mog fazia-a sentir-se mais calma. – Não estou ferida, nem sequer um arranhão. O Edwin identificou os corpos. Aqui é de madrugada, e não há bombardeamentos. Mas é tão horrível, não consigo acreditar que morreram todos.

– Deixa-me falar com o jovem. Edwin, disseste tu que se chamava? Tens de ir para a cama com uma botija de água quente. É uma coisa horrível, e tu sofreste um grande choque. Amanhã tens de contactar o Jean-Philippe. Ele saberá o que fazer. Se pudesse voar, ia já para aí para te abraçar, mas não

posso, e o teu pai e a tua mãe também não. Por isso tens de ser forte, minha querida. Agora deixa-me falar com o Edwin.

– O que foi que ela lhe disse? – perguntou Mariette a Edwin, depois de ele ter desligado o telefone.

– O que a minha avó me teria dito nas mesmas circunstâncias. Que não me aproveitasse de si e me certificasse de que está bem aquecida. E então lembrou-se de que perdi o meu melhor amigo, disse que lamentava muito e que provavelmente eu também estava a precisar da minha mãe, e de um *brandy*. – Edwin esboçou um sorriso. – Parece uma mulher de carácter forte. Disse que iria diretamente para casa para contar à sua mãe, mas que o seu pai estava fora e só voltaria mais tarde. Disse que ligarão de manhã, o que quer dizer amanhã à tarde, às seis horas daqui.

– Não pensei na sua perda – admitiu Mariette, enquanto ele se sentava a seu lado. – Lamento muito.

– Compreendo. Para mim é diferente... a maior parte de nós, na esquadrilha, já perdeu tantos amigos que estamos mais ou menos habituados. Continua a ser horrível, mas aprendemos a seguir em frente. Isto foi estranho e diferente por ser tão inesperado. Todos nós, os pilotos, acreditamos que vamos morrer nos nossos aviões, não num clube noturno.

– Nem sequer lhe perguntei pelos seus ferimentos. Tem o braço partido?

– Não me parece, apesar de me terem dito para ir ao hospital para ser observado. Fui atirado pelos ares e caí mal. Penso que está só deslocado. Um dos homens da Defesa Civil disse-me que houve trinta e quatro mortos e cerca de oitenta feridos. Se a Mari não tivesse ido à casa de banho, teria havido mais dois mortos.

O *brandy*, depois do champanhe e do vinho que já bebera, estava a fazê-la sentir-se zozza. Pôs-se de pé e cambaleou, agarrando-se ao sofá para se equilibrar.

– Calma! Sente-se enquanto eu lhe arranjo uma botija de água quente, e depois a ajudo a deitar-se – disse ele.

– Pode dormir no quarto da Rose – respondeu ela, e voltou a deixar-se cair no sofá.

*

Um pouco mais tarde, agarrada à botija de água, Mariette deixou Edwin ajudá-la a subir as escadas. Apontou para a porta do quarto de Rose e cambaleou em direção ao seu.

– Penso que vai precisar de ajuda para despir esse vestido – disse ele.

Ela voltou-se, a pensar por um instante que Edwin estava a tencionar aproveitar-se da situação. Mas tudo o que viu no rosto dele foi preocupação.

– Vejo que tem colchetes e ilhós a que não vai conseguir chegar. Seria uma pena rasgar um vestido tão bonito.

Edwin tinha razão, não ia conseguir fazê-lo sozinha; fora Lisette que lho apertara quando o vestira. Voltou-se de costas e sentiu os dedos dele agitarem-se.

– Pronto, já está – disse ele, e pousou uma mão no ombro dela. – Se tiver medo durante a noite, chame por mim. Ouvi-la-ei.

Ela segurou o vestido contra o peito, voltou-se e beijou-o na face.

– Obrigada por tudo, Edwin. Não sei o que teria feito sem si.

Ele puxou-a para si com o braço bom.

– Não foi de certeza assim que imaginei que a noite ia acabar. Nem queria acreditar na minha sorte quando a vi. Mas recebi ordens da sua avó. Vou cuidar de si.

Mariette adormeceu mal se deitou, mas uma hora mais tarde estava outra vez acordada e passou o resto da noite a chorar com a cara escondida na almofada. Nunca quisera tanto ter os pais e Mog a seu lado. Estava assustada, horrorizada pelo que tinha acontecido e não fazia a mínima ideia de como ia lidar com aquilo tudo.

Às sete da manhã, não aguentou mais estar ali deitada com aquelas imagens terríveis a passarem-lhe pela cabeça. Quando desceu para fazer uma chávena de chá, encontrou Edwin sentado na cozinha, de olhos tão vermelhos e tão perturbado como ela própria.

– Não sei o que tenho de fazer – admitiu, sentando-se à mesa da cozinha em frente dele. – A polícia vai aparecer cá em casa? O que é que vão fazer com os corpos até ao funeral?

– Eu também não sei – disse ele. – Nunca tive de lidar com nada parecido com isto. Penso que as pessoas da agência funerária explicarão tudo. Mas não é a Mariette que tem de se preocupar com isso. É o Jean-Philippe. A sua avó, ou tia, disse-lhe que o contactasse. Posso tratar disso, se quiser.

– Ele está na Marinha, de modo que duvido que esteja cá – respondeu Mariette. – Mas a Alice, a mulher, há de saber como contactá-lo, suponho. Ficar-lhe-ia muito agradecida se fosse o Edwin a dar-lhe a notícia. O mais certo era eu fazer uma enorme trapalhada.

Ela disse que ia buscar o número ao escritório de Noah. Quando voltou, a chaleira estava a ferver. Fez chá para os dois.

– O problema – explicou – é que o Jean-Philippe não é uma pessoa fácil. A própria Rose costumava dizer que era como tentar falar com uma parede de tijolos.

Edwin assentiu com a cabeça.

– O Peter disse qualquer coisa do género. Dizia que o Jean-Philippe e a Rose são como o vinho e a água. Mas a verdade é que são só meios-irmãos, de modo que talvez isso explique a diferença.

Mariette tinha-se muitas vezes perguntado quem seria o pai de Jean-Philippe. Pensava que se ele tivesse morrido Lisette teria falado nisso, e Lisette não era do género de se divorciar. Era apenas mais uma área nebulosa no passado partilhado dos pais e de Noah e Lisette, e uma área que

pouco importava agora que o padrinho e a mulher, que ela aprendera a amar tanto, tinham morrido.

Mas Jean-Philippe estava vivo, e a perspectiva de ter de comunicar com ele preocupava-a, pois tinha a sensação de que houvera animosidade entre Noah e o enteado. Lisette, no meio dos dois, servira sempre de anteparo.

Pensando bem, tudo isto deveria ter sido evidente logo no primeiro encontro. Jean-Philippe mostrara-se educado mas frio para com ela, e toda a cena parecera mais uma visita imposta pelo dever do que por um desejo genuíno de ver a mãe e conhecer a filha da sua velha amiga. A fotografia que estava na sala de estar favorecia-o, fazendo-o parecer-se muito mais com Lisette do que na realidade parecia. Em pessoa, tinha um aspeto estranho; os cabelos negros de azeviche cresciam-lhe muito abaixo na testa, e os olhos igualmente escuros eram demasiado pequenos. O rosto quase podia ser descrito como triangular, com um queixo muito pontiagudo.

Naquele dia, não se demorara mais de vinte minutos. Na altura, Mariette não dera importância ao facto, mas passado algum tempo, depois de uma segunda visita igualmente breve, perguntara a Lisette por que motivo ele não aparecia mais vezes e não ficava mais tempo. Lisette parecera embaraçada e dissera qualquer coisa a respeito de andar muito ocupado.

Nos dois anos que passara em casa de Noah e Lisette, Mariette só tinha visto Alice, a mulher de Jean-Philippe, duas vezes. Lisette dissera em certa ocasião que a nora sofria dos nervos, e que era por isso que nunca recebiam ninguém. Mariette pensara de si para si que também ela teria problemas de nervos se fosse casada com um homem tão frio.

Perguntava-se como fora possível uma mulher tão meiga, amável e generosa como Lisette ter tido um filho tão diferente dela. Teria o pai sido um bruto, e teria sido por isso que Lisette o deixara?

Edwin esperou até às nove da manhã para telefonar a Jean-Philippe. Disse que não era justo acordar alguém tão cedo num domingo para lhe dar notícias tão terríveis.

Mariette sentou-se a seu lado no sofá enquanto ele fazia a chamada. Quando uma voz de homem atendeu, Edwin hesitou um instante, pois não esperava que Jean-Philippe estivesse em casa.

Não havia uma maneira fácil ou indolor de dizer a alguém que toda a sua família tinha perecido, mas Mariette achou que Edwin se saiu muito bem. Comunicou os factos com gentileza e tato. Tropeçou um par de vezes nas palavras, e pediu repetidamente desculpa. Mas fez um relato preciso do que tinha acontecido, incluindo o choque de Mariette e a apreensão dela por ele, e acrescentou as suas próprias condolências pela perda que Jean-Philippe sofrera.

Quando pousou o auscultador, parecia abalado.

– Foi tão seco – exclamou, a olhar para Mariette com um ar confuso. – Quase como se estivesse ofendido por eu estar a contar-lhe. Disse que tinha sabido do que acontecera no Café de Paris através do noticiário da manhã e perguntou o que nos tinha passado pela cabeça para irmos todos a um clube noturno no West End? Ouviste-me dizer que era o teu vigésimo primeiro aniversário? Pois nessa altura fez uma espécie de bufar desdenhoso. Até perguntou porque é que nós os dois sobrevivemos. Nem sequer quis saber se estávamos feridos!

Mariette pousou-lhe a mão no braço, num gesto apaziguador.

– É um sujeito muito frio – admitiu. – Mas suponho que foi o choque que o fez falar assim. Quando as coisas lhe assentarem na cabeça, provavelmente vai telefonar e mostrar-se mais humano.

– Vai ter de ser; cabe-lhe a ele organizar o funeral e tratar dos assuntos dos pais. Quem me dera poder ficar para te ajudar, Mariette, mas tenho de me apresentar em Biggin Hill e também comunicar a morte do Peter. Ontem à noite pedi à polícia que informasse os pais, mas vou ter de falar com eles.

– Já fizeste mais do que o suficiente por mim. Nem imagino como teria aguentado ontem à noite se não estivesses cá.

– Telefonar-te-ei sempre que puder, Mari – disse ele, e usou o braço bom para a puxar para si e beijá-la na testa. – Detesto deixar-te aqui sem ninguém para cuidar de ti. Tens alguma amiga que possa ficar contigo?

– Não sei porquê, mas duvido que o Jean-Philippe aprovasse qualquer das amigas que fiz no East End, se as encontrasse cá em casa – disse ela, sombria. – Mas vou contactar todos os amigos que fiz através da Rose. Vai manter-me ocupada durante o dia, de modo que não te preocupes comigo, Edwin. Mas como é que tencionas voar ou conduzir com esse braço magoado?

Ele esboçou um sorriso pálido.

– Não tenciono. O meu carro está na base. Vou apanhar uma boleia na estação. Vou falar com o médico e ou ele me dá baixa por doença, ou fico a fazer serviço em terra. Mas contar à rapaziada o que aconteceu ao Peter vai ser muito duro. Toda a gente gostava muito dele.

Mariette viu que os olhos dele se humedeciam, e levantou a mão para lhe acariciar a cara em silenciosa solidariedade.

– Devo contactar o serviço da Rose, ou é melhor deixar isso para o irmão?

– Talvez seja aconselhável esperar que ele te contacte. A maneira como falou comigo sugere que é do género de se sentir ofendido por qualquer coisa que lhe pareça falta de consideração.

– Não estou à espera de grande conforto da parte dele – admitiu Mariette.
– Posso estar enganada, mas desconfio que é uma pessoa hostil e agressiva.

Edwin tirou do bolso uma caneta e um bloco de notas.

– Este é o número da base – disse, enquanto o escrevia. – Podes deixar recado para mim, se precisares de alguma espécie de ajuda. Mesmo que seja só por te apetecer falar. Não receies contactar-me, Mari. Se isto não tivesse acontecido, estaria ansioso por voltar a ver-te. Gosto muito de ti, não é só por causa do que aconteceu.

– Eu também gosto de ti – admitiu ela. – Mas agora é melhor ires, antes que arranjes problemas.

Ele inclinou-se e beijou-a nos lábios. Só um ligeiro toque, mas o suficiente para ela saber que estava a falar a sério.

Depois de Edwin sair, Mariette foi ao quarto de Rose fazer a cama e procurar a agenda dela. Mas ver as roupas espalhadas por cima da cama, o pó de arroz a salpicar o tampo do toucador, o livro *As Vinhas da Ira* aberto na mesa de cabeceira, depois de o terem discutido recentemente, encheu-a de uma enorme e avassaladora sensação de perda.

Tinham sido tantas, tantas as noites passadas naquele quarto a conversar e a rir. Fora ali que Rose a ensinara a dançar música *swing*, a beber, lhe falara de estrelas de cinema que ela desconhecia por completo. Mas também tinham falado de amor. Admirara a sofisticação de Rose, deplorara a ingenuidade da amiga em matéria de sexo, e no entanto esperara vir um dia a ter a mesma compostura que ela.

Envergonhava-se agora de ter por vezes achado que Rose era uma *snob*, mandona e maliciosa, porque o bom que havia nela excedia em muito o mau e tornara-se tão querida para ela como uma irmã. Rose fora tão generosa com o seu tempo, partilhara os amigos, nem uma única vez a fizera sentir-se uma parente pobre ou um fardo. Só agora que ela tinha desaparecido Mariette se apercebia de que fora Rose quem lhe dera a confiança para ser o que queria ser. Nunca Rose quererá distribuir roupas usadas a pessoas sem teto, ou ouvir os seus problemas, mas também nunca troçara dela por o fazer. Na realidade, até a admirara.

Perder Noah e Lisette, que tinham sido tão bons para ela, era terrível. Tinham-na amado e acarinhado, tinham-na alimentado, pagado o curso dela e muito mais. Mas esperara ter Rose na sua vida para sempre, ser dama de honor no casamento dela, madrinha dos seus filhos, partilhar tudo com ela, amigas até que a morte as separasse, quando já fossem muito velhinhas.

Deitou-se na cama de Rose e chorou. Não lágrimas de choque como as da noite anterior, mas lágrimas por uma perda de que sentia que nunca conseguiria recuperar. Nunca em toda a sua vida se sentira tão sozinha. Nunca mais ouviria Rose cantar «Puttin' on the Ritz». Nunca mais ouviria as suas gargalhadas, ou a veria franzir o nariz quando lhe descrevia alguma cena horrível a que assistira no East End. Nunca mais sorriria ao ver a maneira como arqueava uma sobrancelha quando não acreditava verdadeiramente em qualquer coisa que lhe estivessem a contar, ou como nunca se esquecia de verificar se a costura das meias estava direita antes de sair. Tudo pequenas coisas, sem importância, mas que faziam Rose ser o que era – uma pessoa calorosa, vibrante, cheia da alegria de viver.

Ainda estava a chorar quando, uma hora mais tarde, ouviu a campainha da porta da frente. Levantou-se, correu até à casa de banho para passar uma toalha molhada pelos olhos inchados e foi abrir.

Era Jean-Philippe.

– Lamento tanto – arquejou ela. – Ainda não consigo acreditar. Deve ter sido um choque enorme para si.

– Sim – disse ele, entrando e pousando o chapéu de feltro em cima da mesa do vestíbulo. – Se a mãe me tivesse dito que planeava ir a um lugar daqueles, tê-la-ia aconselhado a não o fazer. O West End não é sítio para se estar quando as bombas começam a cair. O Palácio de Buckingham também foi atingido ontem à noite.

Trajava à civil, com um fato escuro de bom corte por baixo de um sobretudo azul-escuro. Mariette estava à espera que ele falasse de como devia ter sido horrível para ela, pedisse alguns pormenores a respeito da tragédia. Mas ele não disse mais nada, limitou-se a entrar na sala de estar e servir-se de um *scotch*.

Mariette seguiu-o.

– O Edwin deixou um bilhete para si a explicar quem precisa de contactar por causa dos corpos – disse ela, a sentir-se muito desconfortável na presença dele. – Também tenho o número do serviço da Rose. Posso falar com eles, se quiser.

– Tratarei eu disso, e de tudo o mais – respondeu ele secamente, despejando o *whisky* de um trago.

– Quanto tempo tem de licença? – perguntou ela, hesitante. – Ainda que, dadas as circunstâncias, suponho que lha prolonguem.

– Devia apresentar-me na terça-feira – respondeu ele. – Mas consegui mais uma semana.

– Quer que lhe arranje qualquer coisa para comer? – perguntou Mariette. Sabia que ele vivia em Hampstead, que era pertíssimo, mas sentiu que tinha de oferecer qualquer coisa.

– Não, já comi, e agora não tenho muito tempo. Por isso, se a Mariette for andando, tratarei de juntar os papéis e as outras coisas de que preciso.

Mariette ficou chocada ao ver-se dispensada como se fosse uma criada.

– Há alguma coisa em que possa ajudá-lo? – perguntou.

– Não, mas espero que dentro de um ou dois dias arranje um sítio onde ficar. Depois do funeral, vou fechar a casa até me mudar para cá.

Por um instante, ela pensou que tinha ouvido mal.

– Quer que eu me vá embora?

– Foi o que eu disse. Acaso não ouve bem?

– Claro que ouço. Só não consigo acreditar que tenha dito uma coisa dessas – retorquiu ela. – O tio Noah e a tia Lisette teriam ficado horrorizados.

– Eles não eram seus tios – disse ele, num tom duro. – Você é apenas a filha de alguém que a minha mãe tratou quando estava em França. Agora é adulta e já se aproveitou deles que chegasse.

Mariette ficou atordoadada.

– Porque é que está a ser tão mau para mim? – perguntou, indignada. – Sabe muito bem que eu não podia ter regressado a casa depois de a guerra ter começado. E se os seus pais não me quisessem aqui, tê-lo-iam dito.

– Talvez, mas os meus pais já cá não estão. Agora vá andando, tenho coisas que fazer.

– Só um instante. – Mariette deu um passo na direção dele. – Não compreendo a sua hostilidade para comigo. Amava os seus pais e a Rose como se fossem minha família. O que tenciona fazer com esta casa e tudo o que contém é lá consigo, compreendo isso. Mas se pensa que me vai pôr na rua antes do funeral, sem me deixar tentar confortar as pessoas que vão aparecer e preparar aqui a comida para o velório depois, então está muito enganado. Tente fazê-lo e eu informo os editores dos jornais para os quais o tio Noah escrevia. Ele era conhecido como um homem compassivo, e as pessoas vão ficar horrorizadas ao saber que o enteado não partilha qualquer dos seus sentimentos.

– Oh, sim, era compassivo para com prostitutas, sem dúvida. E a sua mãe era uma delas!

Mariette recuou a cambalear, abalada pelo choque.

– Então não sabia? – perguntou ele, com um sorriso de escárnio. – Escreveu o livro a respeito das mulheres vendidas para a prostituição porque ajudou a salvar a sua mãe dessa vida.

– Não acredito em si – disse ela num fio de voz, apesar de ter a horrível sensação de que talvez houvesse naquilo um grão de verdade.

– A Belle foi criada num bordel de Seven Dials, testemunhou um assassinio que lá foi cometido e por isso a raptaram, para a calar e para a venderem para a prostituição, em França – respondeu ele. Fez uma pausa, e então os lábios abriram-se-lhe num sorriso satisfeito. – Mais tarde – continuou –, o assassino foi apanhado e enforcado, e a sua preciosa mãe foi a principal testemunha. Por isso não me venha dizer que vai falar com editores. Não vai querer que a sua historiazinha seja conhecida, pois não?

Mariette fugiu escadas acima, com medo de um homem que era capaz de ser tão mau.

Cerca de uma hora mais tarde, Jean-Philippe chamou-a. Tinha guardado alguns papéis numa caixa de cartão, onde ela reparou que havia também

alguns estojos de joias.

Mariette passara a última hora a andar de um lado para o outro no seu quarto, sufocada por lágrimas de raiva. Mas sabia que podia colocar-se numa situação de verdadeiro perigo se lhe dissesse o que pensava dele.

– Vou-me embora; telefonar-lhe-ei a respeito do funeral – disse. – Reconheço que fui um pouco precipitado, de modo que pode ficar até dois dias depois do velório. Mas se, quando voltar, der por falta de qualquer coisa, chamarei a polícia.

Ela sentiu-se tentada a dizer-lhe aonde podia ir, mas engoliu as palavras e limitou-se a assentir com a cabeça.

Depois de ele sair, prendeu a corrente no encaixe – não o julgava incapaz de voltar sorrateiramente para trás para a espiar –, encostou-se à porta e tentou pensar no que fazer.

Mas considerar o futuro era impossível depois de ter ouvido uma coisa tão chocante a respeito da mãe. Eram cinco da tarde, o que significava que os pais lhe ligariam daí a uma hora. Não podia perguntar uma coisa daquelas à mãe pelo telefone. Mas tinha de saber se era verdade.

Como podia descobrir?

O gabinete de Noah parecia ser o lugar mais lógico para procurar.

Começou por procurar os livros que ele escrevera e encontrou um chamado *Escravas Brancas*. Mas depois de uma rápida passagem pelas páginas, pareceu-lhe que não havia quaisquer nomes verdadeiros nos vários casos relatados, apenas pormenores a respeito de como tinham sido raptadas e muitas estatísticas relativas ao número de raparigas desaparecidas que nunca mais tinham sido encontradas. Havia também um capítulo a respeito de raparigas estrangeiras levadas para Inglaterra, supostamente como criadas em casas particulares, que tinham sido vendidas a bordéis e arruinadas.

Pôs aquele livro de parte para ler com atenção mais tarde e verificou os outros, mas eram todos obras de ficção a respeito da última guerra. Passou em revista os arquivos que continham correspondência dos últimos cinco anos sobre uma vasta gama de assuntos, mas não encontrou nada a respeito de prostituição.

Noah mantinha as suas coisas muito bem arrumadas, com os livros de referência dispostos por ordem alfabética e por tema, os de ficção por autor. Reinava a ordem: as poucas caixas de cartão que ocupavam uma prateleira

estavam todas rotuladas, e bastou-lhe uma vista de olhos para verificar que continham faturas, material de pesquisa, artigos de revistas e críticas aos livros que escrevera.

Estava quase a desistir quando o telefone tocou. Correu para o atender.

– Mamã? – perguntou, ofegante.

– Oh minha querida! Nem sei dizer-te o que todos nós sentimos quando soubemos as notícias. Como é que te estás a aguentar?

O som doce e familiar da voz da mãe bastou para lhe encher os olhos de lágrimas.

– Já estive melhor – disse. – O Jean-Philippe esteve cá, vai tratar de tudo.

– Sim, claro que vai. Sempre foi um rapazinho encantador.

Mariette rilhou os dentes. Não podia dizer à mãe o que ele tinha dito, e nem sequer que tinha sido expulsa da casa, porque sabia que ia deixar a família num frenesi.

– Conta-me exatamente o que aconteceu – pediu Belle. – A Mog ficou tão perturbada que provavelmente não percebeu nada.

Mariette voltou a explicar tudo.

– Não se preocupem comigo – concluiu. – Tenho amigos que vão cuidar de mim. Escreverei depois do funeral. Agora preciso de me sentar sossegada e pensar.

– Gostava tanto da Lisette e do Noah – disse Belle, e era evidente que estava a chorar. – Ajudaram-me a atravessar tempos muito difíceis. E a Rose era uma menina tão bonita e sossegada. É difícil aceitar que morreram todos dessa maneira.

– Olha, mamã, estou a ter muita dificuldade em falar. Vou sentar-me e escrever-te uma carta. Diz ao papá e à Mog que estou bem, só muito triste. E esta chamada vai custar uma fortuna, de modo que o melhor é desligar.

– Todos nós te amamos, querida – disse Belle, e dessa vez não conseguiu controlar as lágrimas. – Quem me dera poder estar aí para te abraçar.

– Também eu vos amo a todos. Vou já escrever.

Mariette sentia-se como se tivesse sido passada pelos rolos da máquina de lavar roupa e espremida até ficar vazia. Deixou-se cair no sofá e recomeçou a chorar.

O toque do telefone sobressaltou-a. Preparou-se, à espera de que fosse Jean-Philippe com mais ordens, mas era Johnny.

– Graças a Deus estás aí! – exclamou ele, mal ouviu a voz dela. – Não rezo muitas vezes, mas rezei quando soube do bombardeamento do Café de Paris. Não consegui arranjar a lista com os nomes dos mortos, e como sabia que ias lá estar, tive muito medo de te ter perdido. Mas as minhas preces foram atendidas. Que alívio!

Não foi capaz de lhe dizer que Lisette, Noah, Rose e Peter tinham morrido. Sabia que ele largaria o serviço e correria para ali. Se Jean-Philippe o descobrisse, ficaria ainda com mais munições para usar contra ela. Por isso disse que estaria no escritório de Greville no dia seguinte e perguntou-lhe se podia arranjar umas horas para estar com ela depois do trabalho.

– Foi um choque muito grande – acrescentou. – Vou tomar um banho e enfiar-me na cama.

– Sim, pareces arrasada – disse ele. – Amanhã consigo arranjar uma folga. Vou ter contigo às cinco e meia.

O alarme soou às sete e meia dessa noite. Mariette sentiu-se tentada a ir para a cama e correr o risco, mas sabia que era uma temeridade, de modo que pegou no pijama e no roupão, encheu uma botija de água quente de passagem pela cozinha e desceu à cave.

Lisette acrescentara alguns melhoramentos ao abrigo da família – um candeeiro de pé, um tapete no chão, uma grande manta de retalhos pendurada na parede. Disse que tinha começado a fazê-la quando estava grávida de Rose e Noah passava muito tempo fora, durante a primeira guerra. Mas que quando se tinham mudado para aquela casa, não se adequava à decoração dos quartos.

Era mais uma coisa a recordar-lhe os muitos talentos de Lisette. Tinha sido uma mulher gentil e serena que gostava de andar tranquilamente pela sua casa, mais preocupada com o conforto dos outros do que com o seu. Nunca erguia a voz, as refeições eram preparadas sem alvoroço, e Mariette quase nunca a vira a limpar, a lavar roupa ou a fazer fosse o que fosse para manter a casa limpa e arrumada. E no entanto, estava sempre tudo imaculado, nada mudara desde que Mr. e Mrs. Andrews tinham partido para ir ajudar os seus parentes agricultores. Era ela que fazia tudo. Mesmo ali em baixo, tivera de tornar o ambiente aconchegado e agradável para a família.

Havia *puzzles*, jogos de tabuleiro e livros nas prateleiras, e até um ramo de flores artificiais numa jarra.

Mariette pousou a botija de água quente em cima de uma das camas, ligou o aquecedor elétrico e sentou-se num dos cadeirões. Ouvia o rebentamento abafado das bombas à distância, e perguntou-se se estariam a atacar outra vez o East End, ou se o alvo daquela noite seria outra parte de Londres.

Para onde iria viver quando saísse dali? Que espécie de alojamentos poderia pagar com o salário de apenas dois dias por semana?

A resposta era óbvia, claro: ia ter de arranjar outro emprego. Mas a fazer o quê? As fábricas de munições? Picar bilhetes num autocarro?

Ali sentada, reparou que, no canto mais afastado, havia três grandes caixas de cartão, empilhadas umas em cima das outras. Noah dissera que ia deixá-las ali, onde não estorvariam ninguém. Lisette brincara com ele a respeito do conteúdo, dizendo que eram os primeiros artigos que escreveu quando se tornou jornalista e que era um tolo sentimental por não deitar tudo aquilo fora. Noah limitara-se a rir, o que sugeria que ela tinha razão.

Mariette pensou que talvez encontrasse ali qualquer coisa a respeito da mãe. Era possível que Jean-Philippe tivesse visto a papelada, no tempo em que vivia com os pais, e tivesse sido assim que obtivera as suas informações.

A primeira caixa continha o que Lisette calculara. Recortes de jornais. Noah colara cada um deles num cartolina e escrevera a data e o título do jornal que o publicara. O mais antigo que encontrou datava de 1905, quando ele tinha vinte anos. Era a respeito de um casamento em Camden Town; descrevia o vestido da noiva, que era de tafetá creme e renda, enquanto as damas de honor, irmãs mais novas da nubente, vestiam de cor-de-rosa.

Continuou a procurar e descobriu que os artigos mais antigos eram quase todos referentes a casamentos ou funerais, com um ou outro sobre almoços ou jantares de angariação de fundos, em que anotava quem fora o organizador, quanto dinheiro fora angariado e os nomes de todos os notáveis presentes.

Já nessa altura era organizado, e os recortes estavam arquivados por data. Folheou-os rapidamente, só se detendo para ler aqueles cujo título se destacava. Ao ver um que dizia «Tarântula Causa Terror», datado de janeiro

de 1910, no *The Herald*, leu a história de um carregador de Covent Garden que fora visto com uma tarântula em cima do ombro. Alertado para o facto, o homem ficara paralisado pelo terror, e fora preciso um rapazinho com um copo e um pedaço de cartão para retirar o animal e pô-lo em segurança dentro de uma caixa. Mais tarde, a aranha foi levada para o Zoo de Londres. Ao lado do recorte, Noah tinha escrito: «A minha primeira reportagem a sério».

A partir daquela data, a julgar pelo número de recortes, passara obviamente a ter muito mais trabalho e a escrever sobre assuntos mais interessantes. E então, em agosto de 1910, o *The Herald* publicara um grande artigo sobre raparigas desaparecidas na área de Seven Dials. Era o primeiro que aparecia assinado por ele.

Era um artigo apaixonado – via-se que Noah se interessara profundamente pela sorte daquelas raparigas e fizera uma investigação exaustiva. Todos os desaparecimentos tinham sido comunicados à polícia, mas nenhuma das raparigas fora encontrada. Noah destacava que eram todas bonitas, mas que viviam em boas casas, sem qualquer razão para fugirem. Todas tinham desaparecido quando iam fazer algum recado ou estavam a caminho de visitar uma amiga, e estava convencido de que tinham sido raptadas para trabalharem como prostitutas, possivelmente em França ou na Bélgica. No final do artigo, havia uma lista de nomes. Um deles era o de Belle Cooper.

Mariette estava atordoadada.

Fechou a caixa e passou à seguinte. Também esta estava cheia de recortes de jornais, mas não havia nada de interesse para ela. Reparou, em todo o caso, que a estrela de Noah estava em clara ascensão no mundo do jornalismo. Muitas das suas histórias apareciam na primeira página do jornal, e todas elas estavam assinadas.

A terceira caixa era mais do mesmo. Porém, quando estava quase a chegar ao fundo, encontrou o que procurava. A reportagem do julgamento de um assassínio no Old Bailey, em 1913. Não tinha sido escrita por Noah nem estava colada em cartolina, como as outras. Era curta e concisa.

Mr. Frank James Waldegrave, também conhecido como Kent, fora considerado culpado do assassínio de uma tal Millie Simmons, em Jake's Court, Seven Dials, em janeiro de 1910, e condenado à forca. A principal testemunha, Belle Cooper, declarara ter assistido ao crime quando tinha

quinze anos, ter sido subsequentemente raptada por Waldegrave e por um cúmplice, levada para Paris e vendida a um bordel.

Aturdida e horrorizada, Mariette ficou ali sentada a olhar para o recorte de jornal que tinha nas mãos. Não compreendia como podia a mãe ser tão gentil, carinhosa e normal depois de passar por uma coisa daquelas.

Precisava de saber a história toda: qual fora o papel de Noah, de Lisette e do pai em tudo aquilo, e como se aguentara Mog quando Belle desapareceu. E no entanto, por muito mau que fosse, aquilo explicava por que razão os pais e Mog sempre tinham sido tão compreensivos para com as fraquezas dos outros.

Se Jean-Philippe esperara esmagá-la com a história da sua família, estava com azar. Quando muito, tudo aquilo só a fazia amar e admirar ainda mais a mãe.

— Eu arranjo-te um sítio onde ficar — disse Johnny, pegando nas mãos de Mariette por cima do tampo da mesa do café e apertando-lhas. — E a minha vontade é ir procurar o Jean-Philippe e dar-lhe uma boa sova. Esse tipo não é um homem, é uma cobra.

O café ficava perto do escritório de Baker Street e ela acabava de lhe contar tudo o que acontecera no Café de Paris e como Jean-Philippe a tratara horivelmente.

Mariette conseguiu esboçar um sorriso pálido.

— Isso não resolvia nada, e ele mandava-te prender. E então o que seria de mim?

— Gostava de poder fazer mais — disse Johnny. — Nem acredito que vieste trabalhar hoje. Deves ter aço na espinha.

— O que é que ia fazer durante todo o dia, se ficasse em casa? Já não sinto que moro lá. O Jean-Philippe nem precisava de me mandar sair... não quero ficar lá sozinha, e além disso nem sequer podia suportar a despesa. Mas a Lisette há de estar a dar voltas na tumba por causa da maneira como o filho se está a comportar. Ou estaria, se estivesse numa.

— O que foi que o meu tio disse hoje?

— Foi muito gentil, e ficou muito chocado, claro. Bem, ninguém está à espera que um empregado apareça a dizer que quatro das seis pessoas com que foi sair na noite anterior para festejar os anos estão mortas. Disse que devia pedir para conhecer o conteúdo do testamento do tio Noah, mas eu não posso fazer uma coisa dessas.

— Mas se descobrisses o nome do solicitador do teu tio, podias contar-lhe o que aconteceu — sugeriu Johnny. — Suponho que o Jean-Philippe tem direito a tudo, agora que a mãe e a irmã morreram. Mas nunca se sabe, o teu tio pode ter-te deixado qualquer coisa... ao fim e ao cabo, eras afilhada dele. Esse patife é bem capaz de dizer ao solicitador que desapareceste, ou qualquer coisa assim. Não me admirava nada.

— Não quero perguntar uma coisa dessas. Seria pôr-me ao mesmo nível que o Jean-Philippe.

— Não precisas de perguntar se ele te deixou alguma coisa, podes só dizer-lhe que queres deixar-lhe uma morada para o caso de ser preciso entrar em contacto contigo. Mas, como disse, vou arranjar um sítio para ficares.

Conheço montes de pessoas que talvez tenham espaço para uma inquilina, e não vivem em nenhuma barraca.

– És muito querido. Ontem à noite senti que estava a ser esmagada pelo peso de tudo isto. Mas quando acordei esta manhã, senti-me um pouco melhor por saber que ia ver-te à tarde.

Johnny não respondeu de imediato, limitou-se a olhar para as mãos dela nas dele em cima da mesa.

Quando falou, foi de uma maneira entrecortada, como se estivesse a tentar encontrar as palavras certas.

– Quando pensei que te podia ter perdido, desejei ter-te dito que te amo. Nunca me atrevi a dizê-lo antes porque tive medo que fugisses de mim. Então, quando atendeste o telefone, ontem à tarde, fiquei tão feliz por estares viva que achei que devia dizer-te.

«Estava há pouco a ver-te sair do escritório, e parecia que estavas a caminho da forca. Mas mal me viste, fizeste um sorriso. Mas sabes o que pensei?»

– Não, diz-me.

– Que tinhas pedido para falar comigo para me dizer que estava tudo acabado.

Em vista de tudo o que acabava de lhe dizer, Mariette ficou chocada por ele ter pensado em si mesmo, e passou-lhe pela cabeça a ideia de que Johnny ia tentar aproveitar a tragédia dela para servir os seus próprios objetivos.

– Porque havias de pensar uma coisa dessas? – perguntou.

– É fácil, querida. Tu és especial, bonita, inteligente, tens tudo a teu favor. Porque havias de querer ligar-te a um bombeiro quando podes ter um homem rico que te dê uma boa casa e todas as coisas a que estás habituada? E porque foi que não me disseste ontem, pelo telefone, que todos os teus familiares tinham morrido?

– Porque sabia que largarias tudo para vir ter comigo – disse ela. – Tive medo de que o Jean-Philippe voltasse. Se te encontrasse lá em casa, podia ter sido feio.

– Tinha-o feito engolir os dentes. Mas aposto que não foi só disso que tiveste medo.

Havia no comentário uma implicação de que ela tinha vergonha dele. Mariette ficou ressentida por Johnny trazer o assunto à baila naquele

instante, quando já tinha tanta coisa a amargurá-la. Fora sua intenção contar-lhe o que Jean-Philippe dissera a respeito da mãe. Mas, dadas as circunstâncias, talvez não fosse muito boa ideia.

Foram até um *pub* e tomaram um par de bebidas, mas Mariette sentia-se demasiado triste, abatida e preocupada para lhe apetecer falar. Não podia deixar de comparar o comportamento de Edwin, no dia anterior, com a maneira como Johnny se estava a portar naquele momento. Edwin soubera reconfortá-la, e só a vira pela primeira vez duas horas antes da tragédia. Em contrapartida, Johnny, que a conhecia havia meses, parecia incapaz de perceber como tudo aquilo era terrível para ela.

– Quero ir para casa – disse, quando ele lhe ofereceu uma terceira bebida. Eram só oito horas, mas ela já tivera a sua conta para um dia. – Desculpa, Johnny, mas sinto-me demasiado infeliz para tentar sequer conversar.

– Tudo bem, vou contigo – disse ele.

– Não, Johnny. Vou sozinha.

– Sempre disseste que querias que tivéssemos uma oportunidade de estarmos a sós num sítio confortável – lembrou ele, num tom de censura.

– Há um momento e um lugar para tudo – respondeu ela, seca. – Este não é o momento. E a casa do meu tio, tão cedo depois do que aconteceu, não é o lugar. Tem um pouco de respeito, Johnny!

– Só queria cuidar de ti. Há pessoas que nunca estão contentes – retorquiu ele.

Mariette não conseguia esquecer a expressão amuada de Johnny enquanto caminhava de regresso a casa. Sentia mesmo que ele tinha esperado aproveitar-se dela num momento de vulnerabilidade, e isso doía-lhe. Mas talvez estivesse a exagerar e a pensar o pior porque não tinha em quem descarregar...

Quando chegou a casa, porém, ficou muito satisfeita por não ter cedido e deixado que Johnny a acompanhasse, porque Jean-Philippe estava lá. Tinha nas mãos um grande bloco de notas e uma caneta e parecia estar a fazer o inventário dos objetos valiosos.

– O funeral está marcado para St. Mark's na sexta-feira, às duas – disse, desviando os olhos da lista para falar com ela. – Prepare qualquer coisa para vinte pessoas.

Mariette pensou em sugerir-lhe que usasse a expressão «por favor», mas ficou mais preocupada com o número.

– Só vinte? – perguntou. Assim de repente, ocorriam-lhe pelo menos quinze casais que tinham sido amigos próximos de Noah e de Lisette, sem incluir os colegas jornalistas e escritores de Noah, nem os amigos e colegas de trabalho de Rose.

– Não vou pagar um banquete a uma multidão – respondeu ele, num tom altivo. – Deixei na cozinha uma lista das pessoas que convidei para virem cá a casa. Umas sanduíches serão o suficiente. Suponho que é possível conseguir rações adicionais para um funeral, mas não estou a ver a vantagem de desperdiçar comida com pessoas numa altura destas.

Mariette pensou que tal mesquinhez não era sequer digna de resposta.

– Mas contactou todas as pessoas de que eles gostavam?

– Publiquei um obituário no *The Times*.

Ela soube que aquilo queria dizer que não contactara, e que não telefonara nem escrevera uma carta pessoal fosse a quem fosse. Ficou chocada por tamanha insensibilidade.

– Não acha que a sua família gostaria que falasse pessoalmente com as pessoas de quem gostavam?

O rosto dele escureceu.

– Quem é você para julgar as minhas decisões? – rosnou. – Tenho coisas mais importantes que fazer com o meu tempo do que telefonar às tolas das amigas da Rose ou aos conhecidos do meu padrasto.

Mariette pensou que era melhor mostrar a sua desaprovação voltando-lhe costas do que dizendo mais. Ao fim e ao cabo, a família era dele, não dela. E se aquele homem não tinha a delicadeza nem a compaixão de pensar no que eles teriam querido, a culpa não lhe cabia.

Jean-Philippe saiu pouco depois das dez sem voltar a dirigir-lhe a palavra. Levou consigo os candelabros e uma salva de prata da sala de jantar, um relógio de mesa da sala de estar e um conjunto de quatro pequenas aguarelas emolduradas a talha dourada do quarto de Noah e Lisette. Tinha de presumir que receava que ela roubasse aquelas coisas e o insulto, para cúmulo, levou-a às lágrimas.

Quando na manhã seguinte chegou ao escritório, encontrou Mr. Greville a olhar para o *The Times*.

– Já viu este obituário a respeito do seu tio? – perguntou ele, a apontar para uma coluna na terceira página, assinada por Walter Franklin, o editor. – Sei que tinha dito que o seu tio era escritor, mas não fazia ideia de que fosse tão famoso.

Havia muito que Mariette se apercebera de que Greville não era tão duro como gostava de dar a entender. Fora muito bondoso no dia seguinte à tragédia, e perguntara-lhe se precisava de dinheiro. Ajudava sentir que ele se preocupava com ela, e sorriu-lhe agradecida enquanto pegava no jornal.

Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas de orgulho enquanto lia.

Jean-Philippe podia achar que meia dúzia de linhas a anunciar a morte da mãe, do padrasto e da irmã, mais a data e a hora do funeral, eram um obituário suficiente. Mas ali estava um a sério, escrito por um homem que conhecera Noah bem e o admirava.

Fleet Street inteira chora a morte do escritor e jornalista Noah Baylis, que perdeu a vida a 8 de março, juntamente com a mulher, a filha e uma amiga da família, no Café de Paris, onde festejava o vigésimo primeiro aniversário da afilhada.

Muitas vezes chamadas «A Voz da Grande Guerra», as reportagens que Baylis escreveu durante o conflito ficarão para sempre entre as melhores e mais informativas visões sobre a terrível destruição e o verdadeiro preço da guerra.

Era imparcial, retratando não só o heroísmo que via mas também o chocante desperdício de vidas humanas. Os seus textos apaixonadamente descritivos permitiam-nos ver o que ele via, entrar nesse inferno que assombrou tantos dos nossos homens durante tanto tempo depois.

Continuava, elogiando os livros de Noah e as suas muitas peças de acutilante jornalismo investigativo a respeito dos senhores dos bairros degradados, da indiferença em relação àqueles que a guerra deixara inválidos e da extrema pobreza que muitas pessoas tinham enfrentado durante os anos da Depressão. E concluía:

Baylis tinha um grande coração, e usou o seu talento de escritor para despertar nas pessoas a consciência da desigualdade neste país. A sua morte é uma enorme perda para o jornalismo e para todos os que o amavam e respeitavam.

Mariette achava que nunca tinha conhecido Mr. Franklin, mas esperou que ele estivesse no funeral para poder apertar-lhe a mão e agradecer-lhe.

– Espero que o Jean-Philippe leia isto e se envergonhe – disse, enquanto limpava os olhos. Contou então a Greville o que tinha acontecido na noite anterior. – A única coisa que lhe interessa é deitar a mão a tudo o que tenha valor. Imagine o que a tia Lisette pensaria de tal comportamento!

– Quanto mais depressa sair de lá melhor – disse Greville, pousando uma mão no ombro dela. – Pode vir trabalhar para o escritório da fábrica nova, claro, e seria fácil arranjar-lhe lá um sítio onde viver. Mas, pelo que ouço, provavelmente vai querer ficar mais perto do nosso Johnny.

Ao ver a surpresa no rosto dela, fez-lhe um dos seus raros sorrisos. – Há muito que adivinhei. O rapaz não seria a minha escolha para si, mas não me cabe a mim decidir, pois não?

Mariette perguntou-se o que queria ele dizer com aquilo de Johnny não ser a escolha que faria para ela. Parecia uma coisa estranha para dizer a respeito de um sobrinho. Saberla alguma coisa sobre Johnny que ela ignorava?

Cortou o obituário, para poder mandá-lo aos pais. Era tão triste aquele pedaço de papel ser tudo o que podia oferecer-lhes para os consolar pela perda dos seus queridos amigos.

Na manhã de sexta-feira, Mariette sentou-se na cama e olhou para a mala aberta no chão. Estava feita, pronta para sair dali, só faltava juntar umas poucas coisas de última hora. Iria ao funeral, voltaria ali e diria todas as coisas certas às pessoas que Jean-Louis considerara dignas de um convite, e depois ir-se-ia embora.

Joan, uma amiga que trabalhara com ela na antiga fábrica, oferecera-lhe uma cama até que conseguisse encontrar qualquer coisa permanente. Era em Bow, uma casinha minúscula com uma retrete exterior, sem casa de banho e iluminação a gás. Joan sentia-se muito sozinha desde que os dois

filhos tinham sido evacuados para o Devon e o marido fora mandado para o Norte de África. Apesar de estar muito agradecida à amiga, e aliviada por depois daquele dia não ter de voltar a ver Jean-Philippe, Mariette sentia um aperto no coração por deixar um lugar cheio de tantas recordações maravilhosas.

Apenas seis dias antes, estivera a transbordar de felicidade. O seu vigésimo primeiro aniversário significava que era oficialmente uma adulta, e fora assim que se sentira, forte, capaz, pronta para tudo o que tivesse pela frente. Mas na altura não sabia que o seu mundo ia desmoronar-se e que ia perder três pessoas que significavam tudo para si. Havia agora dentro dela um vazio no sítio onde elas tinham estado. Talvez, se pudesse voltar para a Nova Zelândia, fosse possível preencher esse vazio com a sua própria família. Mas não podia ir para casa. E ali não havia ninguém, nem sequer Johnny, capaz de afastar a enorme dor que sentia.

Levantou-se da cama e foi preparar um banho. A partir daquele dia, ia ter de se contentar com os banhos públicos, e sabia que ia detestar. Depois de se vestir, teria de ir buscar o pão à padaria – Mr. Giggs, o proprietário, fora amigo de Lisette e prometera três pães para fazer as sanduíches.

Era uma sorte Lisette ter sido tão precavida: havia no armário quatro latas de salmão, duas de carne e ingredientes mais do que suficientes para fazer um grande bolo de frutas. Mariette fizera o bolo no dia anterior, além de pãezinhos com salsicha e tartes de geleia. Era uma pequena vingança contra Jean-Philippe, certificar-se de que os convidados comiam tudo o que ele provavelmente esperava levar para casa. Também guardara no fundo da mala um pouco de chá, açúcar e mais algumas coisas, para ajudar Joan.

Ao meio-dia e meia, estava tudo pronto. A mesa da sala de jantar ficara muito bonita, com a toalha debruada a renda preferida de Lisette, um jarro com narcisos-amarelos do jardim e a comida disposta nas melhores travessas, com as sanduíches cobertas por panos húmidos para se manterem frescas. As chávenas de chá e os pires esperavam na mesinha com rodas, e as bebidas e os copos na sala de estar.

Estava um belo dia de primavera. Os crocos tinham-se aberto à luz do sol, e havia grandes massas de narcisos-amarelos. Ao olhar para o jardim, Mariette pensou que nunca tinham chegado a arranjar as galinhas que sugerira quando estavam de férias em Arundel, mas no ano anterior tinham cultivado alguns legumes. Perguntou-se o que iria acontecer ao belo jardim

que Lisette tanto amara e a que dedicara tanto trabalho. Não imaginava Jean-Philippe a continuar a cuidar dele.

St. Mark's estava à cunha, e muitas pessoas foram obrigadas a ficar de pé. Mariette olhou de soslaio para Jean-Philippe, que estava a seu lado a cantar o primeiro hino, e perguntou a si mesma se estaria a sentir remorsos agora que se tornara evidente aos olhos de toda a gente o quanto a sua família fora amada. Alice, a mulher, não o acompanhara. Quando Mariette lhe perguntou por ela, respondeu que não estava bem. Soou a mentira, e Mariette perguntou-se se o casamento deles se teria desfeito. Poderia ser uma explicação para a pressa dele em querer mudar-se para a casa da família.

O serviço fúnebre foi extremamente doloroso para ela. Tinha frequentado muitas vezes aquela igreja com Noah, Lisette e Rose, e, embora não fossem o género de família que ia todos os domingos, conheciam bem o vigário, e esperara que ele dissesse qualquer coisa de pessoal, pelo menos a respeito de Noah. Mas não o fez, e Mariette pensou que talvez Jean-Philippe lhe tivesse dito para não o fazer. No momento em que toda a congregação teve de seguir os três caixões até ao cemitério contíguo, onde seriam baixados à terra, ouviu alguns murmúrios que sugeriam que não fora só ela a estranhar o tom impessoal do serviço.

Quando Johnny chamara a Jean-Philippe uma cobra, parecera-lhe um insulto muito geral. Mas terminado o funeral, e depois de o vigário ter pronunciado as últimas palavras, reparou na maneira cautelosa como as pessoas se aproximavam dele, e que a maior parte optava até por evitá-lo, de modo que talvez também o vissem como uma cobra capaz de lhes cuspir veneno na cara.

Manteve-se afastada de Jean-Philippe, mas ficou tocada pela quantidade de pessoas que a abordavam para lhe oferecerem as suas condolências. Algumas conhecia de as ter visto em casa de Noah e Lisette, outras eram vizinhos, mas muitas mais eram desconhecidos que, todavia, pareciam saber muito bem quem ela era.

A maior surpresa foi o facto de Mr. e Mrs. Hayes, os pais de Peter, terem aparecido. Perguntara a si mesma quem seria o casal de ar aristocrático sentado atrás dela e de Jean-Philippe na igreja, mas quando os dois se lhes

apresentaram, estranhou não lhes ter adivinhado a identidade. Correspondiam exatamente ao que Rose lhe contara a respeito deles. Mr. Hayes era um homem alto, de sessenta e tal anos, com uma abundante cabeleira branca e penetrantes olhos azuis. A mulher era magra, com pómulos altos, e os poucos cabelos que espreitavam de baixo do chapéu preto de aba larga eram ainda louros. Pensou que fariam um bonito par, em circunstâncias mais felizes. Naquele dia, porém, vestidos de luto e com os rostos marcados pelo desgosto da perda do filho, pareciam velhos.

Mrs. Hayes tinha os olhos húmidos, e lágrimas anteriores tinham deixado um rasto no pó de arroz com que adornara a cara.

– Sentimos que tínhamos de vir – disse, com o lábio inferior a tremer. – Soubemos pelo Edwin como isto tem sido horrível para si, e gostávamos muito da Rose. Esperávamos que viesse a ser nossa nora.

– Quem me dera tê-los conhecido num momento mais feliz – respondeu Mariette, pegando nas duas mãos da senhora. – Lamento muito a perda do vosso Peter, e acho ainda mais tocante terem vindo aqui hoje, apesar do vosso desgosto.

– O pior foi a maneira como ele nos fez sentir indesejados – disse Mrs. Hayes, com um gesto de cabeça na direção de Jean-Philippe. – Já tinha sido suficientemente mau sabermos a data e a hora do funeral pelo jornal, em vez de um telefonema, mas atribuímos o lapso ao desgosto. Mas quando lhe dissemos quem éramos, há pouco, mal olhou para nós. Nem uma palavra de conforto por termos perdido o nosso filho.

Mariette ficou chocada, julgara que a grosseria de Jean-Philippe se dirigia exclusivamente contra ela.

– Lamento muito – disse. – Só posso supor que está demasiado embrenhado na sua própria perda. Eu queria telefonar, e tê-lo-ia feito, mas o Jean-Phillippe ficou com a agenda da Rose e disse que se encarregaria de contactar toda a gente.

– Parece que não falou com nenhum dos amigos da Rose – respondeu Mrs. Hayes, num tom de indignação. – Falámos com alguns que conhecíamos quando chegámos à igreja e nenhum tinha sido contactado. Exceto aquele homem – acrescentou, e apontou para um homem de meia-idade, baixo e rotundo, que usava uma barbicha e estava a falar com Jean-Philippe. – Julgo que é a pessoa para quem a Rose trabalhava.

– Sir Ralph Hastings – explicou Mariette. Vira-o uma vez, quando ele dera uma boleia a Rose num fim de semana.

– Nunca a Rose acharia um homem com um título mais importante do que os amigos e os futuros sogros – disse Mrs. Hayes, acutilante.

– Não, nunca – concordou Mariette. – Nem o Noah e a Lisette. Tenho de admitir que o Jean-Philippe foi mito desagradável para mim. Tenho de abandonar a casa depois do velório.

– Oh, meu Deus! – exclamou Mrs. Hayes. – Está a dizer que a mandou sair?

Mariette assentiu com a cabeça.

– Se virem o Edwin, importam-se de lhe dizer? Deixar-lhe-ei um recado em Biggin Hill logo que esteja instalada.

– Vamos estar com ele na segunda-feira, quando enterrarmos o Peter – disse Mr. Hayes. – Tem sido um grande apoio para nós nesta última semana, como muitos dos colegas pilotos do Peter. Também os pais do Gerald foram visitar-nos. Um casal encantador. Perguntaram por si, Mariette. Tinham grandes esperanças em relação a vocês os dois.

Mariette teve de repente uma vívida recordação de si mesma no carro de Peter, com Rose ao lado dele e ela e Gerald sentados no banco de trás, todos a cantar a plenos pulmões. Alguns dos melhores momentos que passara em Londres tinham sido com eles, e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

– Era um homem encantador, e tenho muitas saudades dele – disse tristemente.

Mais tarde, em casa, Mariette afadigou-se a servir o chá, a oferecer bolo e sanduíches. Não conhecia nenhuma das pessoas que Jean-Philippe tinha convidado, excetuando Sir Ralph Hastings, e mesmo esse fora um conhecimento mais do que fugaz. Notou que na realidade havia apenas um denominador comum entre todos os presentes: riqueza e posição. Nenhum deles era um amigo chegado da família. Havia advogados, banqueiros e outros assim. Presumivelmente, pessoas que Jean-Philippe descobrira através da correspondência de Noah e considerava poderem ser-lhe úteis. Isto fê-la desprezá-lo ainda mais, e sentiu-se tentada a pegar na mala e sair naquele instante, deixando-o governar-se sozinho.

Um homem baixo, com óculos de aros dourados, aproximou-se dela.

– Deve ser a Mariette? – disse.

– Sim, sou eu – respondeu ela, a perguntar-se se deveria conhecê-lo. – Peço desculpa, mas já nos conhecemos? – perguntou.

– Não, minha, querida, mas conheci a sua mãe, há muitos anos. Henry Fortesque, advogado reformado. Eu e o Noah fomos grandes amigos quando éramos novos, mas depois a vida afastou-nos, como tantas vezes acontece. Conheci a sua mãe, a Belle, quando ela esteve no apartamento dele antes de partir para a Nova Zelândia, e gostei muito dela. Quando convidou o Noah para ser seu padrinho, ele ficou muito comovido. Da última vez que falei com ele ao telefone há um ano, disse-me que estava com eles.

Encontrar alguém que conhecia a mãe e gostara de Noah foi como receber um abraço consolador.

– Então sabe que a minha mãe vive agora na Nova Zelândia e que tenho dois irmãos mais novos, o Alexis e o Noel – disse, com um sorriso.

– Tenho-me mantido a par da vida dela. Ajudei um pouco o Noah a encontrá-la quando o seu pai estava em França. Pelo que sei, é um homem muito carismático, além de ser um verdadeiro herói da guerra. Há poucas coisas mais gratificantes na vida do que ver duas pessoas que merecem a felicidade encontrarem-na juntas. Quanto a si, Mariette, tem a beleza da sua mãe e, suspeito, todo o charme do seu pai.

Mariette riu baixinho.

– A si também não lhe falta charme – disse. – É tão bom encontrar hoje aqui alguém que tem uma ligação com a minha família. Via o tio Noah, a tia Lisette e a Rose como a minha segunda família, e perdê-los a todos é muito duro.

Ele pousou-lhe a mão no cotovelo e levou-a da sala de estar para a cozinha.

– Perdoe estar a puxá-la, minha querida – disse –, mas notei um certo gelo entre si e o filho da Lisette. Uma vez que estão aqui muito poucos dos verdadeiros amigos do Noah e da Lisette, formei a minha opinião quanto ao motivo. Suspeito que ele só me convidou por pensar que eu lhe poderia ser útil.

– Estou muito triste com a maneira como ele se tem portado com as pessoas – sussurrou ela. – Mas foi ainda pior para mim. Esta tem sido a minha casa durante os últimos dois anos, mas ainda os corpos do tio Noah e

da tia Lisette não tinham arrefecido quando ele me ordenou que saísse. Vou-me embora logo que este velório terminar.

Henry Fortesque arqueou as sobrancelhas, estupefacto.

– Mas isso é horrível, minha querida – disse. – Sei que o Noah já a via como uma segunda filha, ele próprio mo disse. Esperava, quando a guerra acabasse, poder acompanhá-la, com a Lisette, até à Nova Zelândia, para ver a Belle e o Étienne. Mas não podemos falar agora, as paredes têm ouvidos. Se lhe der o meu cartão, irá visitar-me? Vivo muito perto, em Hampstead.

Havia tanta bondade nos seus olhos castanhos.

– Gostava muito, Mr. Fortesque. Seria maravilhoso poder falar com alguém que conheceu o tio Noah e a família dele.

– Trate-me por Henry, por favor. E para onde tenciona mudar-se?

– Para Bow, onde uma amiga se ofereceu para me alojar até que eu encontre outra coisa qualquer. Pode não ser muito, mas será mais acolhedor do que esta casa.

Ele tirou um cartão de uma pequena caixa de prata e entregou-lho.

– Aceita almoçar em minha casa no domingo? A minha mulher sente a falta dos nossos filhos, vai ficar encantada por poder enchê-la de comida.

– Seria maravilhoso. Obrigada, Henry, fez-me sentir muito melhor.

– Por volta da uma – disse ele. – Geralmente almoçamos antes das duas.

Os convidados comeram tudo, até à última sanduíche e ao último pãozinho com salsicha, e começaram a sair.

Mariette subiu ao quarto, guardou na mala as últimas coisas e lançou um derradeiro olhar àquele espaço que Lisette lhe dissera ter sido inspirado pela loja de chapéus da mãe. Esperava que Jean-Philippe nunca tivesse um momento de felicidade naquela casa, ou onde quer que fosse.

Quando chegou ao fundo das escadas, com o casaco e a mala na mão, Jean-Philippe saiu da sala de estar.

– Há a limpeza para fazer – disse, secamente.

– Pois há, faça-a – replicou ela, no mesmo tom. – Vou-me embora, e espero nunca ter a infelicidade de voltar a vê-lo. E também espero que não tenha um momento de felicidade nesta casa.

– Sua miserável – disse, e deu um passo ameaçador na direção dela.

– Toque-me, e nem chegará a perceber o que lhe aconteceu – avisou Mariette. – Se a sua mãe não estivesse já morta, morreria de vergonha ao ver a maneira como se comportou. A lamber as botas a gente rica e influente que ela mal conhecia, mas a ignorar todos os que ela amava. Tudo o que posso dizer é que o seu pai deve ter sido um homem muito mau, porque de certeza absoluta não foi com ela que aprendeu a ser assim.

Abriu a porta da frente e saiu sem olhar para trás.

Mas não foi capaz de conter as lágrimas que estivera a reprimir durante todo o dia. Saltaram-lhe dos olhos e correram-lhe pela cara.

– Hei de arranjar uma maneira de te magoar, maldito Jean-Philippe – murmurou. – Espera e verás.

Joan tinha obviamente feito um esforço enorme para tornar a sua pequena casa em Soame Street acolhedora para Mariette. Havia só uma divisão no piso térreo, e uma pequena cozinha, mas ela tinha limpado a casa e esfregado o chão de pedra.

– Eu sei que não é aquilo a que estás habituada, querida – disse Joan, enquanto a abraçava. – Mas estou contente por estares aqui. E espero que possamos dar umas boas gargalhadas juntas, para ajudar a expulsar toda essa tristeza.

Joan tinha vinte e oito anos, era pequena e seca. E apesar de não ter grande beleza, com cabelo castanho baço, a sua personalidade compensava bem a falta de encantos físicos. O seu sorriso era capaz de iluminar uma sala, tinha energia e fogo, e fazia rir toda a gente com piadas e comentários irreverentes a respeito de tudo, desde a religião a Winston Churchill.

– É um gorducho e um finaço, mas da próxima vez que vier para estes lados vou oferecer-lhe uma boa foda – dissera a respeito de Churchill logo na primeira vez que Mariette falara com ela. – É que, estás a ver, um homem como ele provavelmente nem sabe o que isso é. A mulher parece-me demasiado fina para essas coisas.

A sua filosofia de vida era muito simples: há que procurar o lado engraçado de tudo, por muito grave que o problema pareça ser. Mariette estava decidida a adotar também essa filosofia.

– Então, como foi o funeral? – perguntou Joan.

– Tão reconfortante como um Natal num asilo – respondeu Mariette. – Quem me dera ter um ferro em brasa e enfiá-lo pelo traseiro do Jean-Philippe acima. Mas trouxe-te prendas dele! Claro que ele não sabe que no-las deu, mas isso só as torna ainda melhores.

Abriu a mala e tirou de lá uma garrafa de *gin* cheia, embrulhada num casaco de lã. Reparara na maneira como os convidados atacavam as bebidas e pensara que Jean-Philippe ia julgar que tinham despachado também aquela garrafa. Depois tirou o chá, o açúcar, uma lata de salmão, um pouco de pasta de peixe e um grande pedaço de bolo de frutas.

Joan abriu muito os olhos castanho-claros.

– Raios, Mari, estou orgulhosa de ti. Nunca pensei pôr as mãos numa garrafa de *gin* cheiinha! E salmão, e tudo! Maravilhoso.

– E surripiei isto para ti – disse Mariette, tirando um *bâton* do bolso. – Era da Rose, e não me pareceu que o Jean-Philippe quisesse usá-lo.

– Pelo que me disseste desse verme, não me espantava nada se gostasse de usar roupas de mulher – riu Joan. – Aproximou-se do espelho por cima da lareira e aplicou um pouco de *bâton* cor de coral. – Devias ter sacado mais coisas, Mari, ias sentir-te melhor.

– Para dizer a verdade, estava cheia de medo de que ele quisesse ver a minha mala – admitiu Mariette. – Não queria dar-lhe mais munições contra mim. E além disso, vou planear uma vingança.

Joan acendeu a lareira e puxaram as duas poltronas para perto do lume. A segurar cada uma um copo de *gin* misturado com sumo de laranja, Mariette relatou a Joan os acontecimentos do dia.

– Talvez esse tal Henry possa ajudar-te a arranjar um emprego – disse Joan.

– Nem sequer vou contar com isso. Já me basta ele ter conhecido a minha mãe e gostado do tio Noah. Agora fala-me do Ian e da Sandra. Na quarta-feira disseste que tinhas recebido uma carta deles.

Ian e Sandra eram os dois filhos de Joan que tinham sido evacuados. Como quase todas as crianças de Londres, tinham sido retirados da cidade em setembro de 1939. Quando não houvera bombas a cair durante a Guerra Fingida, muitas mães com filhos tinham começado a regressar. Mas Joan resistira ao desejo de trazer os dela porque estavam muito felizes na povoação costeira de Lyme Regis, e sentia que seria errado desenraizá-los. No fim, verificara-se que tinha sido muito sensata. Com os primeiros

bombardeamentos, as crianças que tinham voltado foram novamente mandadas para longe, e muitas famílias estavam descontentes com os lugares onde tinham sido alojadas.

– A professora do Ian diz que ele é suficientemente inteligente para passar o exame de admissão ao secundário e entrar para uma escola de currículo avançado – respondeu Joan, orgulhosa. – E a Sandra foi a melhor da turma em ortografia. Acho que no próximo fim de semana vou até lá vê-los. Mrs. Harding deixa-me sempre partilhar a cama da Sandra, não é nada do género de se armar em fina. É uma boa mulher.

– Também tu és – recordou-lhe Mariette. – Muitas mães têm ciúmes das mulheres que lhes cuidam dos filhos, mas tu sempre estiveste agradecida a Mrs. Harding e nunca disseste mal dela ou tentaste minar o seu trabalho. Tenho a certeza de que essa é uma das razões por que o Ian e a Sandra se sentem felizes com ela.

– Mas olha que é muito duro – disse Joan, pensativa. – De cada vez que os vejo, cresceram mais um par de centímetros. E agora falam como gente fina, e até usam guardanapo quando comem.

– Oh, isso já eu não consentia – brincou Mariette. – Pode ser que te exijam o mesmo quando voltarem para casa.

Joan franziu a testa.

– Tenho medo de envergonhá-los, com a minha maneira de falar, e tudo isso. Perdi uma parte tão grande do crescimento deles. Como é que vão ser quando voltarem para este buraco?

– Vão amar-te tal como és – afirmou Mariette, perentória. – Eu vim de uma casa na Nova Zelândia com uma sanita no quintal e sem eletricidade. Habituei-me ao luxo em St. John's Wood, mas voltaria para junto dos meus pais já amanhã, se pudesse, e não me queixaria por não ter eletricidade. Não há ninguém como a nossa mãe.

Ocorreu a Mariette, naquela noite, enquanto tentava adormecer na cama pequena e dura de Ian, que tinha na verdade aprendido como a sua família era preciosa.

Não haveria mais telefonemas, e passariam algumas semanas antes que os pais recebessem aquela morada nova para poderem escrever. Ela não tinha

dinheiro para ligar para a padaria em Russell, mesmo que fosse possível fazê-lo de uma cabina pública.

Mas tinha de esforçar-se por ver as coisas de uma perspectiva otimista, como Joan fazia.

Não houvera ataques aéreos naquela noite, nem durante os últimos três dias. E no domingo iria a casa de Henry.

Joan dissera-lhe que acabaria por arranjar um emprego, e talvez devesse acreditar também nisso.

Pensou que outra coisa por que devia estar contente era o facto de viver perto de Johnny. Mas o último encontro entre os dois deixara-a nervosa, e não sabia se ainda sentia o mesmo por ele.

Mariette teve de perguntar três vezes o caminho para Willow Road antes de conseguir lá chegar. Esperara que fosse perto da estação do metro de Hampstead, mas ficava a uns bons dez minutos a pé.

O passeio não a incomodou; estava um dia de sol, em Hampstead fazia muito menos calor do que em Bow, havia muito poucos sinais de bombardeamentos e era agradável ver jardins cheios de narcisos-amarelos e montes de árvores. Houvera um ataque aéreo na noite anterior, e ela e Joan tinham ido para o abrigo. Um velho que estava perto delas passara o tempo a coçar-se, e quando soou o sinal de fim de alarme, por volta das duas da manhã, também ela estava a coçar-se, convencida de que apanhara fosse o que fosse que o afligia.

Ao examinar-se naquela manhã, à luz do dia, não descobrira nada de anormal na pele, de modo que provavelmente fora «só imaginação», como Joan dissera. Pensou que devia ser mais como Joan, rir daquelas coisas, deixar de ser tão sensível a cheiros desagradáveis e à sujidade e tentar ver os desconhecidos que encontrava nos abrigos como potenciais amigos em vez de tratá-los com desconfiança.

O número onze de Willow Road era uma bonita casa de fachada simétrica, com uma alta sebe de ligustro muito bem aparada que crescia em arco por cima de um portão alto de ferro-forjado. Henry devia tê-la visto da janela, pois abriu a porta da frente ainda antes de ela tocar à campainha.

– Encontrou-me – disse, com um grande sorriso. – Só mais tarde me lembrei de que lhe devia ter dado indicações.

Levou-a para uma grande cozinha nas traseiras da casa, com janelas para um jardim bem cuidado, e apresentou-a à mulher, Doreen.

– Estou tão contente por se ter sentido capaz de vir – disse Doreen, enquanto lhe apertava a mão. – Passou por muito, e segundo o Henry me contou, o enteado do Noah tornou tudo ainda pior sendo extremamente desagradável. Mariette esperara que a mulher de Henry fosse elegante e talvez um pouco fria, mas não poderia estar mais enganada. Tinha cerca de cinquenta anos e um ar muito maternal, gorducha, com os cabelos que começavam a ficar grisalhos presos num carrapito mal amanhado. Vestia um camisolão de lã tricotado à mão e uma saia de *tweed*, e o avental que

usava por cima tinha sido lavado tantas vezes que se tornava difícil distinguir um padrão.

– Foi ainda mais desagradável quando saí. Mas acho que lhe deixei motivos para pensar, além de toda a louça para lavar. – Mariette sorriu; tinha gostado de Doreen à primeira vista. – Mas confesso que me senti triste ao sair daquela casa. Passei lá momentos tão felizes, com o tio Noah, a tia Lisette e a Rose. Amava-os muito e não compreendo por que razão foi o Jean-Philippe tão mau para mim.

– O Noah começou a ter problemas com ele quando o rapaz tinha cerca de doze anos. Era insolente, estragava de propósito as coisas dele e fazia tudo o que podia para criar uma separação entre ele e a Lisette – disse Henry. – O Noah pediu-me conselhos porque o nosso filho, o Douglas, tem a mesma idade. A minha opinião é que o Noah se esforçou demasiado por conquistar o rapaz quando casou com a Lisette. A intenção era boa, claro, mas foi demasiado indulgente, nunca o corrigia, e o rapaz cresceu convencido de que podia fazer o que quisesse.

– Só o vi uma vez – observou Doreen, voltando aos legumes que estava a cozinhar. – A Lisette e o Noah trouxeram os filhos cá a casa, para um chá. Já nessa altura era desagradável. Senti que tinha ciúmes da irmã e que se ressentia da ligação tão estreita entre a mãe e o Noah. Durante o pouco tempo que cá estive, conseguiu perturbar toda a gente.

– Pensei que um colégio interno o endireitasse – continuou Henry. – Mas o que fez foi convencê-lo ainda mais da sua própria importância.

Doreen voltou-se para o marido.

– Tenho a certeza de que hoje o que a Mariette mais quer é esquecer o Jean-Philippe. Porque é que não a levas para a sala de estar e lhe ofereces um cálice de *sherry* antes do almoço?

A sala de estar tinha portas envidraçadas que davam para o jardim das traseiras. Era uma divisão acolhedora, com grandes cadeirões e um sofá forrado a tecido com um padrão floral verde e rosa. Um enorme armário com portas de vidro, cheio de figurinhas de porcelana, ocupava uma parede quase toda.

Henry serviu dois cálices de *sherry*.

– Ao futuro – disse, tocando com o cálice no dela. – Calculo que se sinta um pouco desencorajada neste momento, esta maldita guerra parece nunca mais acabar, e muito sozinha. Mas a guerra traz por vezes oportunidades

que não aparecem em tempo de paz, sobretudo para as mulheres, e ouvi rumores de que o Ernest Bevin está a preparar planos para mobilizar mulheres, deixando-as desempenhar funções que até agora estavam reservadas aos homens.

– A sério? Acho muito bem. E estou a precisar de outro emprego, agora que tenho de pagar renda.

Falou resumidamente do seu trabalho na empresa de Greville, e do seu voluntariado no East End, acrescentando que estava de momento a residir em Bow.

– Uma secretária com a sua experiência não deveria sentir que precisa de trabalhar numa fábrica de munições ou trepar por postes telegráficos. Sei que não era isso que o Noah queria para si. Diga-me, Mariette, o seu pai ensinou-lhe francês?

– *Bien sûr, mon père me ferait passer...*

Henry interrompeu-a com um gesto.

– Ok, sabe falar francês. Eu, infelizmente, não – disse, e riu.

– Estava a dizer que, por vezes, o meu pai me obrigava a falar francês com ele o dia todo. E havia noites em que eu e a Lisette não falávamos outra língua. Foi ela que corrigiu o meu sotaque... o do meu pai era mais de Marselha, e ela achava que o meu devia ser parisiense. Mas porque pergunta?

– Por vezes, sei de colegas que precisam de secretárias bilingues – respondeu ele, com um sorriso. – Vou pensar nisso e ver que cordelinhos posso puxar.

Durante o almoço, Henry e Doreen fizeram-lhe inúmeras perguntas a respeito da Nova Zelândia. Aparentemente o filho, Douglas, que era engenheiro, estava a pensar emigrar para lá quando a guerra acabasse.

– É um bom lugar para um novo começo – disse ela. – Há muito espaço, paisagens muito bonitas e um clima parecido com o de Inglaterra, sobretudo na Ilha do Sul. Penso que o Douglas pode ter lá uma boa vida. Porque é que não vão com ele? Iam adorar.

– A ideia passou-nos pela cabeça – admitiu Henry. – Mas é difícil uma pessoa desenraizar-se com a nossa idade. Por outro lado, como tantas vezes

digo à Doreen, se o Douglas se for embora, não restará muito para nos prender aqui.

– Não tardariam a fazer montes de amigos – disse Mariette. – Há muitos ingleses, ou filhos de pais ingleses. Calculo que um advogado arranjasse lá tanto que fazer como aqui.

E falou-lhes de como a Baía das Ilhas era bonita, e a respeito de velejar e pescar, e das saudades que tinha de tudo aquilo.

– Sabe então manobrar um barco? – perguntou Henry.

Mariette sorriu.

– O meu pai acha que sou melhor do que a maior parte dos homens. Começou a levar-me para o mar quando eu tinha três ou quatro anos, e a partir dos seis tornei-me uma excelente nadadora. Julgo que me está no sangue. Não há lugar onde o meu pai se sinta mais feliz do que a bordo de um barco, e comigo acontece o mesmo.

– Gostava de ter tido a sorte de conhecer o Étienne – disse Henry. – O Noah idolatrava-o. Certa vez disse: «Ele é o género de homem que todos nós gostaríamos de ser: destemido, forte e temível para quem tenha a ousadia de o provocar, mas ao mesmo tempo tem um lado muito terno. Depositei toda a minha confiança nele, e nunca me arrependi.»

– Que palavras tão bonitas. – Os olhos de Mariette humedeceram-se de lágrimas. – Mas o meu pai também tinha uma enorme admiração pelo tio Noah. Desde que cheguei a Inglaterra, tenho a sensação de que passaram juntos por qualquer coisa dramática, mas nunca tive oportunidade de sondar o tio Noah a esse respeito.

– Tenho a certeza de que o seu pai lhe contará tudo, um dia – disse Henry.
 – Nós, os pais, temos de esperar para ver se os nossos filhos já são suficientemente maduros para lidar com acontecimentos do nosso passado. Talvez quando a guerra acabar e voltar para casa seja a altura certa.

Mariette soube então, pela maneira como Henry olhava para ela, que ele sabia tudo a respeito das circunstâncias que tinham juntado Noah e Étienne. Perguntou-se se saberia também do passado da mãe. Mas ele era tão leal como o pai e Noah, e ela sabia que nunca revelaria os segredos de outra pessoa.

Mariette deixou Henry e Doreen por volta das cinco, com alguma relutância, porque a casa deles era alegre e confortável, o almoço fora delicioso e os dois tinham-na feito sentir-se querida. Durante algumas horas, fora capaz de esquecer os seus problemas. Mas quando chegara o momento de partir, e Doreen lhe dera um abraço de despedida, lembrara-se de que Lisette costumava fazer o mesmo, e sentira novamente uma pontada de desgosto.

Sabia que não podia alimentar a esperança de substituir o que tivera com Noah e Lisette. Tinha de crescer e assumir a responsabilidade por si mesma. Henry tinha o número do telefone do escritório de Greville, bem como a morada de Joan, e ela estava convencida de que ia ajudá-la a arranjar outro emprego a tempo inteiro.

A semana que se seguiu à visita de Mariette a casa dos Fortesque foi terrível, com o pior bombardeamento aéreo até à data na quarta-feira à noite. Ela e Joan tinham passado o dia inteiro na antiga fábrica e iam a caminho de casa quando o alarme começou a tocar. Não tinham jantado, e o abrigo onde foram forçadas a procurar refúgio era muito mau. Havia apenas tábuas para as pessoas se sentarem, um chão de terra húmido, e os que já lá se encontravam não gostaram da presença de um par de desconhecidas.

Foi um ataque aterrorizador. Sempre que uma bomba caía, o pó chovia do teto sobre elas e tudo aquilo tremia. Mariette pensou verdadeiramente que ia morrer naquela noite, se não devido ao rebentamento de uma bomba, então de fome, de sede ou de falta de sono. Quando soou o fim do alarme, já muito perto do raiar do dia, ela e Joan mal conseguiam andar, de tão doridas que estavam. Mais tarde, viriam a saber que o ataque daquela noite fora levado a cabo por várias centenas de bombardeiros e que tinham morrido 750 pessoas, muitas delas num abrigo que sofrera um impacto direto. Mas a recordação mais duradoura da noite seria a de duas mulheres que não tinham parado de falar a respeito de a compota e a geleia de laranja terem sido acrescentadas à lista dos bens racionados. Qualquer pessoa pensaria que a compota era vital para o bem-estar da nação, pela maneira como as duas se queixavam.

— Eu bem queria dizer-lhes que calassem as matracas — disse Joan enquanto caminhavam tropegamente até casa, sem sequer saberem se iam encontrá-la de pé. — Se tivesse um boião de compota comigo, tinha-lho enfiado no cu.

Johnny aparecera quando estavam a beber uma reconfortante chávena de chá. Quando Joan referiu que tencionava ir ver os filhos no fim de semana, os olhos dele brilharam perante a perspectiva de Mariette ficar sozinha em casa.

Foi talvez por estar tão cansada que Mariette lhe atirou à queima-roupa:

– Não fiques com a ideia de que isso significa que vais poder dormir comigo.

– Acredites ou não, só pensei que seria agradável poder conversar contigo num sítio quente e aconchegado – replicou ele, num tom indignado. – Mas o mais certo é haver mais ataques aéreos e eu andar a apagar fogos.

Foi-se embora minutos mais tarde e Mariette deixou-se cair numa cadeira e pousou a cabeça entre as mãos.

– Porque é que eu disse aquilo? – perguntou a Joan.

– Porque era exatamente o que ele estava a pensar – respondeu Joan, com um sorriso. – Oh, disfarçou muito bem, apagar fogos foi uma maneira ótima de te lembrar que é um raio de um herói. Descansa que há de voltar, não te preocupes com isso.

Mas Johnny não voltou. Joan partiu para Lyme Regis na sexta-feira, à hora do almoço e, por volta das seis, sob uma chuva que não parava de cair, Mariette voltou para uma casa vazia e triste. Acendeu a lareira, certificou-se de que as janelas estavam bem tapadas e ligou o rádio para ter companhia.

Não houve ataque aéreo, talvez por a visibilidade ser tão má. Vir-se-ia a saber, na manhã seguinte, que dessa vez os bombardeiros alemães tinham visado Plymouth, causando enormes estragos na cidade, tal como tinham feito em Bristol no início da semana.

Sentada a olhar para o lume, naquela noite, Mariette pensou numa mulher com quem falara horas antes. Devia ter cerca de vinte e oito anos, o noivo fora morto no Norte de África e ela estivera a viver num quarto alugado a algumas ruas de distância da fábrica, mas a casa tinha sido bombardeada. Como a própria Mariette, estava agora a morar com uma amiga.

– Eu sei que toda a gente diz, «Nós aguentamos», mas eu acho que não aguento mais – disse a mulher. – A minha mãe morreu há quatro anos, o meu pai foi para a última guerra sem nunca me ter visto. Quando conheci o meu Sidney, pensei que podíamos construir uma vida boa e feliz juntos,

mas agora também ele se foi. Olho para toda esta destruição, para todas as provas, e sei que só vai tornar-se ainda pior. E pergunto a mim mesma qual é a vantagem de continuar? Para quê? Perdi a minha mãe e o homem que amava, só tenho as roupas que trago vestidas, mais nada. Não tenho forças para tentar construir uma vida nova.

Mariette abraçara-a e fizera-lhe uma preleção na linha de «nunca se sabe o que o futuro nos reserva». Mas a verdade era que sentia exatamente o mesmo que ela. Joan podia concentrar-se em sobreviver à guerra por causa do marido e dos filhos. Mas a família dela estava a milhares de quilómetros de distância, ali em Londres não tinha ninguém que lhe fosse chegado. Até Johnny, que, poucas semanas antes, ela julgara que talvez pudesse ser «o tal», parecia agora não querer continuar a ser seu amigo.

Henry cumpriu a sua palavra. A 2 de abril, Mariette recebeu dele uma breve carta a pedir-lhe que entrasse em contacto com um tal Mr. Perry, na Prinknall and Forbes, em Chancery Lane. Escrevia Henry:

Precisa de uma secretária que também fale e escreva fluentemente em francês. Embora os seus clientes sejam maioritariamente ingleses, tem também alguns franceses, e espera vir a ter ainda mais no próximo ano, devido à situação em França. Penso que pode ser o lugar perfeito para si.

Depois de ser entrevistada, Mariette não ficou muito segura de ser aquele o emprego que queria. Em primeiro lugar, significaria ter de deixar Mr. Greville, que até podia ser um tudo-nada oleoso, mas ela acabara por habituar-se aos seus modos, e mesmo por gostar um pouco dele. Em segundo lugar, não gostara muito do emproado Mr. Perry, que lhe falara num tom sobranceiro. Era gordo, com uma cara brilhante e avermelhada, e tinha mau hálito, e ela nem sequer se imaginava a sentar-se perto dele, quanto mais alterar a sua opinião inicial.

Mas aceitou o lugar porque precisava dele e porque era mais fácil chegar a Bow de Holborn do que de Baker Street.

Mr. Greville foi inesperadamente simpático quando ela lhe deu a notícia.

— Já estava meio à espera — disse. — Sabia que dois dias de trabalho por semana não lhe iam chegar agora. Mas fale-me do seu novo emprego. Espero que não tenha ido trabalhar para uma fábrica de munições só porque pagam bem?

Ela explicou-lhe que era um escritório de advogados e que o seu trabalho consistiria em fazer traduções de francês.

— Fico contente por si — respondeu ele. — Para ser franco, tenho andado a pensar em desfazer-me deste escritório. Posso fazer tudo lá na fábrica. Desejo-lhe sorte, Miss Carrera. Foi uma excelente secretária, e vou ter saudades suas.

Mas Mariette arrependeu-se de ter aceitado o novo emprego quase logo no primeiro dia. As outras funcionárias, datilógrafas e secretárias eram um bando de mulheres *snoobs* e distantes que muito claramente nunca aceitariam uma recém-chegada no seu pequeno grupo. Ouviu alguns murmúrios a respeito do facto de falar francês e ser da Nova Zelândia, como se estas coisas fossem suficientemente estranhas para decidirem ignorá-la.

Só na segunda semana a sua capacidade para servir de intérprete foi posta à prova pela primeira vez. Mr. Perry chamou-a ao seu gabinete para traduzir o que dizia uma nova cliente francesa que não sabia mais do que meia dúzia de palavras de inglês.

Mrs. Dupont era judia. O marido, que era médico, obrigara-a a fugir de Paris, com os dois filhos, poucos dias antes de a cidade ter caído nas mãos dos Alemães. Os rumores que ouvira a respeito de os judeus serem arrebanhados e mandados para campos de trabalho tinham-no assustado, e pensara que estariam mais seguros em Inglaterra, junto de familiares.

Desde que chegara, Mrs. Dupont não voltara a saber do marido. Um dos parentes dera-lhe o nome de Mr. Perry, e estava ali na esperança de que ele conseguisse descobrir o que lhe acontecera.

Mariette não teve problemas em traduzir a história da mulher, nem a resposta de Mr. Perry, que prometeu fazer o que pudesse. Anotou todas as referências respeitantes ao Dr. Dupont, exatamente como o patrão lhe pediu, mas não pôde deixar de perguntar-se por que razão nenhum dos parentes de Mrs. Dupont que viviam em Londres, e presumivelmente falavam bem inglês, a tinha acompanhado. Se algum deles o tivesse feito, teria sem dúvida percebido, pela secura das respostas de Mr. Perry, que ele não sentia a mais pequena simpatia pelo problema dela.

Se Mr. Perry a tivesse deixado sair do gabinete ao despedir-se de Mrs. Dupont e acompanhá-la até à porta, Mariette poderia ter falado com a pobre mulher e sugerido que contactasse também a Cruz Vermelha. Infelizmente, Mr. Perry reteve-a para lhe ditar uma carta urgente para outro cliente, e a oportunidade perdeu-se.

– Acha que a Gestapo prendeu o Dr. Dupont? – perguntou, terminado o ditado.

– Parece-me muito improvável – respondeu ele, despreocupado. – O mais certo é ter mandado a mulher para Londres por razões muito suas. Sabe como são os Franceses.

Mariette abriu a boca para lhe recordar que o pai era francês e que só mandaria a mulher para longe se a vida dela estivesse em perigo, mas calou-se. Precisava daquele emprego. E, além disso, podia pedir conselho a um dos judeus que encontrava tantas vezes no abrigo, e em seguida fazê-lo chegar a Mrs. Dupont.

*

À medida que a primavera se transformava em verão, Mariette sentia muitas vezes que se não fosse por Joan e outros amigos que tinha feito no East End, deixaria Londres e procuraria um lugar onde pudesse viver longe do perigo das bombas. A última invenção dos Alemães era uma mina lançada de para-quedas. Algumas tinham o tamanho de marcos de correio e explodiam por impacte, com resultados devastadores. Duas bastavam para destruir uma rua inteira.

A 20 de abril, aconteceu o pior ataque aéreo desde dezembro. Segundo Johnny, 1500 incêndios, um número recorde, foram ateados naquela noite por bombas incendiárias, ainda antes de uma chuva de mais de mil bombas altamente explosivas e minas aéreas se ter abatido sobre a capital. Oito hospitais de Londres foram atingidos, parte do Selfridges pegou fogo e uma bomba de 250 quilos trespassou o teto do transepto norte da Catedral de S. Paulo. Três dias mais tarde, os bombardeiros voltaram em força e concentraram-se no East End, como se já não tivessem castigado o suficiente aquela área.

No início de maio, Mariette e Joan viram no cinema um noticiário que mostrava tropas australianas, neozelandesas, britânicas e polacas a retirar de Termópilas, na Grécia. Mariette sabia que Alexis estava lá. A notícia dizia

que 7000 homens tinham sido feitos prisioneiros e ela ficou apavorada pela possibilidade de o irmão ser um deles.

A 10 de maio, os bombardeiros reapareceram, usando a lua cheia para os guiar até aos seus alvos. Arrasaram todas as estações ferroviárias e destruíram mais de 5000 casas, deixando grandes áreas de Londres sem gás, água ou eletricidade. Na manhã de 11, Mariette e Joan saíram a cambalear do abrigo e viram um manto de fumo castanho a tapar o sol. Tantas ruas tinham ficado intransitáveis que, para muitas pessoas, foi impossível chegar aos respetivos empregos. Mariette abriu caminho como pôde, só para encontrar o escritório fechado. Deflagrara um incêndio de enormes proporções em City Road. Era uma destilaria de *gin*, e o álcool dificultava o combate às chamas. No Sul de Londres, a fábrica de sabonetes Palmolive estava a arder; enquanto os bombeiros lutavam para dominar o fogo, a água transformava-se em espuma quente.

Mais tarde nesse dia, ela e Joan ouviram dizer que a Scotland Yard, St. Jame's Palace, os Law Courts e muitos outros edifícios famosos tinham sido danificados. Até a Torre de Londres fora atingida por centenas de incendiárias.

Johnny apareceu de fugida, um par de dias mais tarde, para dizer a Mariette que o Serviço de Bombeiros ia ser nacionalizado, algo que ele esperava que acontecesse havia muito tempo. De momento, cada brigada local tinha patentes, equipamento e palavras de comando diferentes, o que dificultava o trabalho quando homens de duas corporações distintas lutavam contra os fogos lado a lado.

Mariette bem quis mostrar-se entusiasmada com a notícia, mas ela e Joan estavam muito mais preocupadas com o assustador número de um milhão de pessoas que tinham ficado sem teto, com apenas 129 centros de apoio pequenos e mal equipados para lhes proporcionar algum abrigo. Todas as janelas da casa de Joan tinham sido estilhaçadas e, como tantas outras famílias, tinham ficado sem água, gás ou eletricidade. Taparam as janelas com tábuas, iam buscar água a uma fonte provisória e davam-se por felizes por ainda terem uma cama onde dormir.

Quando Mariette soube que 50 000 soldados tinham sido resgatados nas praias da Grécia, naquilo a que a imprensa chamou um segundo Dunquerque, rezou fervorosamente a Deus para que Alexis estivesse entre eles. As suas preces foram atendidas quando, por fim, recebeu uma carta de

casa, em junho, e soube que o irmão estava bem. Mas Austin Roberts, um rapaz que andara com ela na escola e o primeiro rapaz a beijá-la, tinha morrido. Podia ter lidado recentemente com perdas bem mais graves, mas saber que Austin morreria tão longe de casa abalou-a muito.

Fê-la desabafar com Joan que estava farta de Londres, e da guerra.

– Não aguento mais. Não suporto ver as pessoas a remexerem nas ruínas das suas casas, o cheiro dos incêndios, respirar pó de tijolo e saber que uma destas noites será a nossa vez. Vou sair de Londres antes de dar em doida com tudo isto.

Como seria de esperar, Joan brincou com o assunto.

– Então alista-te no raio do Land Army – disse. – Vais ficar linda naquele uniforme com aqueles grandes calções de montar que parecem uns sacos! Já imaginaste todos os velhos fazendeiros cheios de vontadinha que vão tentar comer-te no celeiro? Vais adorar mungir vacas, limpar estábulos e plantar couves.

– Não me importava de fazer nenhuma dessas coisas... exceto os velhos fazendeiros – ripostou Mariette. – Odeio ver crateras de bombas, só ouvir más notícias e tentar fazer uma refeição decente com quase nada.

– Ora, sabes muito bem que ias ter saudades de ficar na fila para rações que já desapareceram todas quando chega a tua vez! E estás a esquecer como gostas de passar as noites no abrigo ao lado de um bêbedo que não para de dar peidos.

– Com essa apanhaste-me, ia ter saudades de tudo isso – riu Mariette.

– Só para te animar um pouco mais, acabam de racionar as roupas e tudo o mais. Portanto, mesmo que tivéssemos dinheiro para comprar roupas novas, não teríamos o raio dos cupões – lembrou-lhe Joan.

Mariette soltou uma gargalhada.

– Sabes, Joan, és a única coisa de Londres de que ia ter saudades. E talvez também do Johnny. Mas acho que ele desistiu de mim, já quase nunca aparece. E quando aparece, só fala de incêndios.

– Porque é que não lhe dás o que ele quer? – Como sempre, Joan disse o que pensava. – Era uma maneira de o fazer esquecer os incêndios, e seriam os dois muito mais felizes. E não me venhas dizer que te estás a guardar para o casamento. Sei muito bem que já o fizeste.

– Não quero fazê-lo com ele – admitiu Mariette, embaraçada. – Durante todo este tempo tenho usado a desculpa de que nunca houve oportunidade,

mas é isso mesmo, uma desculpa. Não sinto isso por ele. – Falou então a Joan de Morgan, e de como estava sempre desejosa de fazê-lo com ele. – É isso que devemos sentir por um homem, não é?

Joan sorriu.

– Sim, querida, é isso que devemos sentir.

– Mas ele foi horrível. Tentou forçar-me, no parque, na véspera de ir alistar-se. Não sabia ler nem escrever muito bem e a última vez que soube dele ia sair do hospital em Folkestone depois de ter sido ferido em Dunquerque.

Para sua surpresa, Joan soltou uma gargalhada.

– Santo Deus, não há dúvida de que sabes escolhê-los! – disse. – O que estava uma menina fina como tu a fazer com um cigano que não sabe ler nem escrever? Mas acho que ele só tentou forçar-te naquela noite porque sentiu que podia perder-te.

Foi a vez de Mariette rir.

– Pois não podia ter escolhido um caminho mais rápido.

– Sim, talvez, mas os homens pensam com a pila, filha. Houve qualquer coisa que tu disseste ou fizeste que o fez sentir-se inseguro. Talvez saber que ficaste chocada por ele não saber ler nem escrever muito bem, ou aquilo de ser cigano. Talvez até tenha pensado que podia morrer na guerra. Por isso quis pôr-te o selo, como os cães fazem quando mijam contra um candeeiro.

Mariette riu da explicação, mas de si para si admitiu que, por muito crua que fosse, fazia algum sentido.

– Bem, agora nunca vou saber a resposta. Tudo o que me deixou foi a imagem da sua cara bonita gravada na cabeça, e a recordação de como o sexo pode ser bom – disse. – Mas voltando ao Johnny, o que é que devo fazer em relação a ele?

Joan fez um ar pensativo.

– Se não sentes aquilo pelo Johnny agora, nunca vais sentir. Portanto, mais vale desenganares o pobre rapaz. Não é justo mantê-lo preso a ti.

– Não sei como fazê-lo. Foi um amigo tão bom quando o Blitz estava no seu pior, e não quero magoá-lo.

– Nunca ouviste dizer que não se pode fazer uma omeleta sem partir ovos? Bem, aqui é a mesma coisa. Mas vais magoar mais o Johnny se continuares a mantê-lo à distância. Além disso, por aquilo que vi do Johnny,

o bombeiro, ele pensa nele primeiro. Não consigo deixar de pensar que ele só continua agarrado a ti por tu seres quem és, e não por estar loucamente apaixonado por ti.

– Não sou ninguém – exclamou Mariette, com alguma indignação.

– Deixa-te de histórias! Em comparação com o resto das pessoas daqui, és uma finaça! És uma secretária, falas francês e tens classe. E quando a guerra acabar, vais voltar para casa. O Johnny está convencido de que os teus pais são ricos.

Mariette escarneceu da frieza da avaliação de Joan. Mas quando ficou sozinha e pensou um pouco em certos comentários que Johnny tinha feito no passado – na frequência com que falava de pessoas ricas e das oportunidades que a guerra podia proporcionar –, começou a pensar que talvez a amiga tivesse razão.

Depois do devastador bombardeamento de 10 de maio, houve uma trégua. Ao cabo de meses de bombardeamentos aéreos quase contínuos, ninguém acreditava verdadeiramente que não recommençassem naquela noite ou na seguinte. No entanto, pouco a pouco, à medida que as ruas eram limpas de entulho e as janelas partidas substituídas, as pessoas permitiram-se pensar que o Blitz tinha mesmo acabado e que Hitler estava demasiado ocupado a atacar a Rússia para continuar a incomodar-se com elas.

O tempo mantinha-se bom, de modo que quando Mariette e Joan não estavam a ajudar no centro de apoio montado na antiga fábrica, à noite, iam muitas vezes a um *pub*, ao cinema ou a um salão de baile. Por vezes, se não estava de serviço, Johnny acompanhava-as, e Mariette pôs de lado tanto a ideia de sair de Londres como de dizer a Johnny que era melhor arranjar outra namorada. Não que os seus sentimentos em relação a ele tivessem mudado, era só porque achava que devia esperar até que ele provasse o seu valor, de uma maneira ou de outra.

Um fim de semana, Mariette foi a Lyme Regis com Joan, ver os filhos dela. Ficou encantada com a beleza do Dorset e da sossegada vilazinha costeira.

Ian e Sandra eram crianças encantadoras. A prolongada estada com Mr. e Mrs. Harding dera-lhes vantagens que, nem mesmo com a melhor boa vontade do mundo, Joan lhes poderia ter proporcionado. Ian ia começar a

frequentar uma escola secundária de currículo avançado em setembro e Sandra, com nove anos, parecia ser igualmente inteligente.

Ambas tinham o físico magro mas forte da mãe, e o seu feitio brincalhão. Era óbvio que os Harding as amavam como se fossem suas, e no entanto acolheram Joan e Mariette como se também fizessem parte da família alargada. Joan chamava-lhes «gente fina», mas Mariette reconheceu-os como sendo vulgares pessoas do campo, com os mesmos valores com que ela própria tinha sido criada. O sotaque *cockney* das crianças fora atenuado pela maneira de falar característica do Dorset, tinham excelentes maneiras, e a sua pele e o seu cabelo brilhavam graças à comida boa e à paz em que viviam.

– Por muitas saudades que tenha deles – dissera Joan, pouco depois de terem chegado à bonita e confortável casa dos Harding –, prefiro que estejam aqui seguros e felizes.

As crianças levaram Mariette e a mãe até ao alto da falésia para um piquenique que Mrs. Harding tinha preparado. Para as duas adultas, os ovos cozidos, as fatias de deliciosa tarte de frango e o pão caseiro foram um festim. Os Harding tinham mais de vinte galinhas, e Ian fez-lhes um pormenorizado relato de como Mr. Harding torcera o pescoço à que fora transformada em tarte.

Estava-se muito bem no alto da falésia, com o calor do sol a aquecer-lhes a pele, o mar tão azul como o céu, o ar limpo e fresco e as ervas a ondularem movidas pela brisa suave. Ambas as crianças se deitaram de costas, com a cabeça apoiada no colo de Joan. Mariette observou a ternura com que a mãe lhes acariciava os cabelos e desejou fervorosamente que Rodney, o marido, voltasse para casa são e salvo e a pequena família se tornasse a reunir.

– Podemos vir viver para cá para sempre quando a guerra acabar e o papá voltar? – perguntou Ian, quase como se tivesse lido os pensamentos de Mariette. – Mr. Harding disse que a vila precisa de um bom mecânico, e o papá é bom, não é?

– É, sim, querido, e eu gostava muito – respondeu Joan, e o seu rosto adquiriu uma expressão sonhadora. – Imagina como será depois de eles tirarem o arame-farpado e as minas das praias. Eu podia comprar-vos baldes e pás e íamos todos andar de barco. E talvez o vosso papá pudesse levar-nos à pesca. E viveríamos numa casinha bonita, com galinhas no quintal.

– Isso parece a minha infância lá na Nova Zelândia – disse Mariette, e uma onda de saudade invadiu-a. – Quem me dera ter uma varinha mágica para acabar com esta guerra horrível. E então todos poderíamos ter o que queremos.

Na tarde de domingo, de regresso a Londres no comboio, Mariette e Joan estavam queimadas pelo sol e com a barriga cheia como não lhes acontecia havia já muito tempo. Mas mantinham-se silenciosas.

Mariette sabia que Joan estava a sonhar com aquela casinha no campo, e talvez a pensar em como podia tornar esse sonho realidade. Quanto a ela, partilhava em silêncio a dor da amiga por ter de deixar os filhos, e perguntava-se quando fora que deixara de ser completamente egocêntrica para passar a preocupar-se com os outros.

Ao fim de dez dias de paz, a 27 de julho, a sireia de alarme aéreo voltou a soar no preciso instante em que Mariette e Joan se preparavam para ir para a cama. Olharam uma para a outra, espantadas.

Joan agitou um punho cerrado para o teto.

– Filhos da mãe! – gritou. – Pensávamos que tinham mais que fazer do que vir chatear-nos outra vez!

– Talvez seja um falso alarme – disse Mariette, mas despejou o cacau que acabava de fazer para dentro de uma garrafa-termo e pô-la no cesto que tinham sempre pronto para o caso de um ataque aéreo.

Joan subiu a correr ao primeiro piso para ir buscar um par de mantas.

– Pelo menos a noite está boa – disse, ao voltar. – Claro que o reverso da medalha é que vai haver pulgas no abrigo, e sovacos malcheirosos.

Cinco minutos mais tarde estavam no abrigo, sentadas lado a lado no duro banco de madeira. Não havia desconhecidos naquela noite, só gente da vizinhança. Sobretudo mulheres, mas também alguns homens já demasiado velhos para serem mobilizados.

– Parece ser a quilómetros daqui – observou Edna, que vivia muito perto da casa delas, ao ouvir os rebentamentos abafados pela distância. – Devia ter ficado na minha cama.

O comentário de Edna era comum. Muitas pessoas tinham desistido de ir para os abrigos depois das primeiras semanas do Blitz. Estavam convencidas de que, se tivesse chegado a sua vez, morreriam quer

estivessem ou não no abrigo. Mas muitas mais estavam de tal maneira aterrorizadas pelos bombardeamentos que se tinham instalado de uma maneira quase permanente nas estações do metropolitano. A de Bethnal Green era das mais populares, por ser muito profunda e poder acolher milhares de pessoas.

Mariette fora algumas vezes para estações de metro, no início do Blitz, mas detestara. Na ausência de instalações sanitárias adequadas, as pessoas usavam os túneis como casa de banho, e o fedor era horrível. Vira rebentarem lutas quando alguém pisava a «cama» de outra pessoa qualquer. Havia bêbedos, o barulho era constante, com bebês a chorar, e dizia-se que os carteiristas proliferavam. Sabia que desde então tinham sido montados estrados de madeira e sanitários, e que também havia cantinas onde se podia beber e comer qualquer coisa. Mas ela e Joan gostavam mais daquele abrigo ao fundo da rua onde moravam, ou do que ficava por baixo da antiga fábrica de Greville.

Por muito cansada que afirmasse estar, Joan arrebitava sempre que tinha público, e naquela noite não foi exceção. Pouco depois estava lançada, a contar às vizinhas a sua visita a Lyme Regis, de modo que Mariette pôs uma almofada atrás da cabeça, embrulhou uma manta à volta dos ombros, recostou-se contra a parede e fechou os olhos.

Como tantas vezes acontecia, a imagem de Johnny acudiu-lhe ao espírito. Ainda era afligida pelo problema de como dar-lhe a entender, sem o magoar, que não era o homem que queria.

Constituíam um mistério para ela o facto de só conhecer homens que não lhe serviam. Primeiro fora Sam que, além do aspeto físico, acabara por não ter mais nada para oferecer. Morgan tivera a beleza física e atração sexual, mas não havia desculpa para a maneira como tentara forçá-la a ter relações. Gerald fora encantador, de confiança, com boas maneiras, e teria dado um marido maravilhoso, mas não fazia faísca. Johnny podia ser uma excelente companhia, e tinha um enorme sentido de humor, mas, além de lhe faltar atração sexual, não conseguia deixar de pensar que tinha motivos escondidos para andar com ela.

Conhecera mulheres casadas com homens que eram autênticos animais, brutos e maus, e que apesar disso amavam. Conhecera outras mulheres que tinham casado para conseguirem segurança e que morriam de tédio com os seus maridos muito certinhos. Se não fosse pelos seus próprio pais, e Lisette

e Noah, poderia ser tentada a pensar que havia que escolher entre uma coisa e outra – bom sexo ou segurança – e que era impossível encontrar ambas no mesmo homem.

E também havia, claro, Edwin. Esse parecia não ter defeitos. Era atraente, bem-educado, inteligente, generoso e boa companhia. Mas a verdade era que só passara uma noite com ele e, tendo em conta os acontecimentos daquela noite, não estava em condições de formar a respeito dele uma opinião fiável.

Talvez devesse ter-lhe telefonado para a base? Mas não telefonara, por causa do lugar onde estava a viver. E também não queria dar a impressão de andar a persegui-lo. Mas talvez pudesse escrever-lhe uma carta. Uma coisa ligeira, só a perguntar-lhe onde estava, dizer-lhe que tinha um novo emprego. Não daria a impressão de que andava a persegui-lo, pois não?

Olhou em redor. A luz era demasiado fraca para lhe permitir ver muito bem a maior parte das pessoas, mas reparou no brilho dos cabelos ruivos de Clara; Aggie, ainda com o seu avental amarelo, tricotava febrilmente. Os dois velhos sentados à sua frente, Ernie e May Forrest, estavam tão apertados um contra o outro que pareciam fundidos num só. Tinham as mãos dadas, e sempre que uma bomba explodia lá longe ele usava a mão livre para puxar a cabeça de May para o seu ombro. Mariette sabia, de uma conversa que tivera com eles tempos antes, que tinham casado quando May tinha dezoito anos, depois de Ernie voltar da Grande Guerra. Tinham oito filhos vivos, e outros dois tinham sido levados pela difteria. Muito recentemente, tinham recebido um telegrama a dizer que um dos filhos fora feito prisioneiro no Norte de África. Mas ali estavam, com o amor que sentiam um pelo outro a brilhar como um farol. Mariette sabia que também queria um amor assim, um amor que durasse para sempre.

O gemido agudo dos aviões estava a aproximar-se, os rebentamentos a tornarem-se cada vez mais fortes. Como sempre, ninguém comentou. Tinham havia muito aprendido a ser estoicos e a manter uma aparência de calma; era uma questão de orgulho. Joan abriu a garrafa-termo e serviu cacau para si mesma e para Mariette, mas os olhos das duas encontraram-se num silencioso sinal de resignação pelo que podia vir a ser uma longa noite.

As pessoas tinham-se tornado verdadeiras especialistas em bombas nos últimos meses. Algumas eram até capazes de dizer com exatidão onde

estavam a cair, só pelo som.

Um bombardeiro passou lá em cima, a voar baixo. As detonações das bombas a atingirem um alvo soaram muito perto. Do teto do abrigo choveu pó sobre todos eles.

– Foi a minha casa – disse Clara, com uma gargalhada nervosa.

Regra geral, quando uma bomba caía perto, a seguinte ia cair mais longe. Mas antes que alguém pudesse relaxar, houve uma enorme explosão mesmo por cima deles e as luzes apagaram-se. Pedacos de alvenaria e traves de madeira desabaram sobre os refugiados.

– Deus nos ajude! – gritou alguém.

Foi a última coisa que Mariette ouviu.

Mariette recuperou a consciência, engasgada. Tinha a boca cheia de terra. Tossiu e cuspiu-a, mas aquele pequeno movimento provocou-lhe uma lancinante pontada de dor na cabeça. Estava demasiado escuro para ver o que quer que fosse, mas apercebeu-se de que estava estendida no chão e de que qualquer coisa pesada lhe tinha caído sobre as pernas; doíam-lhe, e não conseguia mexê-las.

Por um breve instante, pensou que era um pesadelo – já os tinha tido, iguais àquilo –, mas a dor na cabeça e o pó que a sufocava eram muito reais. O abrigo sofrera um impacto direto.

Tinha as mãos livres, de modo que as levou à cabeça e sentiu a viscosidade do sangue. Em seguida, fê-las deslizar ao longo do que lhe tinha caído em cima das pernas e descobriu que era uma trave de madeira. Quando a bomba explodira, estava sentada no banco. Qualquer coisa devia tê-la atingido na cabeça e atirado para o chão antes de aquela trave lhe ter caído em cima das pernas.

– Joan! – chamou. – Ouves-me?

Houve gemidos abafados vindos de algures, mas demasiado longe para ser Joan. Estendeu a mão direita, a tatear a escuridão a seu lado, e os seus dedos sentiram o toque familiar do casaco de malha da amiga. Também ela estava caída no chão. Continuou a tatear, encontrou a cabeça, os ombros e o tronco de Joan, e percebeu que a mesma trave que lhe prendia as pernas estava atravessada sobre o ventre da amiga.

Tinham sempre uma lanterna no cesto de emergência, que estivera junto aos seus pés quando Joan deitara o cacau nas canecas de esmalte. Conseguiu soerguer-se, esticar a mão e encontrar o cesto preso debaixo da trave.

– Alguém me ouve? – gritou. – Estou a tentar chegar a uma lanterna, e em breve virão pessoas para nos tirar daqui.

– És tu, Mari?

Reconheceu a voz de Aggie, mas pareceu-lhe muito fraca e distante.

– Sim, sou eu, Aggie. Estás muito ferida?

– Não sei. Tenho dores, e não consigo mexer-me.

– A ajuda não tarda aí – disse Mariette, enquanto se concentrava em chegar ao cesto preso, puxando pelo entrançado de verga do lado. – Alguém

mais quer dizer-me como está?

– Dói-me a cabeça e o ombro – respondeu uma voz débil. – Sou a Brenda.

– Mais alguém?

Não houve resposta, e Mariette soube que isso significava que estavam mortos ou inconscientes. Esperou fervorosamente que fosse a segunda hipótese. Houvera dezoito pessoas ali dentro incluindo o velho Tom, o vigilante dos ataques aéreos – fora ele que fizera a contagem antes de fechar a porta –, e o sangue gelou-se-lhe nas veias ao pensar em todos eles soterrados pelo entulho.

Conseguiu por fim abrir um buraco no lado do cesto. Enfiou a mão por ele, procurou a pequena lanterna, encontrou-a e tirou-a para fora, com muito cuidado. Sabia muito bem, de operações de salvamento a que tinha assistido, que um gesto precipitado era quanto bastava para fazer cair mais entulho.

Acendeu a lanterna. Era um feixe de luz pateticamente pequeno, apenas o suficiente para ver, por entre a revolteante nuvem de pó, que ela, Joan e as três pessoas sentadas do outro lado de Joan, até à porta do abrigo, tinham todas sido atingidas pela mesma trave. As que estavam mais perto da porta eram as que pareciam ter sofrido a maior força do impacto.

Ao examinar Joan o melhor que pôde, descobriu que a amiga estava viva, mas inconsciente. A maneira como estava torcida debaixo da trave não lhe pareceu boa. Havia muito sangue no chão ao lado dela, mas Mariette não conseguia ver de onde vinha.

A trave terminava logo a seguir a Mariette e, ironicamente, fora o cesto de verga que a impedira de lhe cair com toda a força em cima das pernas. Doíam-lhe muito, e estavam a sangrar; os sapatos tinham desaparecido, mas conseguia mexer os dedos dos pés, o que era um bom sinal. À sua esquerda, e para lá do fim da trave, havia apenas um grande monte de entulho. Mrs. Heady, o marido e a filha tinham estado ali sentados, e presumivelmente estavam soterrados.

Entre Mariette e o outro lado do abrigo havia um enorme bloco de betão, para lá do qual estavam Brenda e Aggie, e também Clara, Ernie e May, e Edna, e mais algumas pessoas cujos nomes não sabia. Não conseguia ver nenhuma delas.

Ouvira muitas vezes as equipas de salvamento da Defesa Civil gritarem às pessoas enterradas debaixo de edifícios bombardeados que se mantivessem quietas e tentassem não entrar em pânico. Apontou a lanterna para cima e viu um enorme buraco no teto. Fora de lá que viera o grande pedaço de betão que estava agora no meio do abrigo, mas o feixe da lanterna não era suficientemente forte para lhe permitir ver o que havia para lá do buraco. Talvez mais pedaços de betão soltos ou traves que podiam cair também.

– Brenda! Aggie! Conseguem ver a luz da lanterna? – perguntou, e agitou-a de um lado para o outro, para a tornar mais evidente.

– Muito mal – respondeu Brenda. – Não o suficiente para ver quem está deste lado.

– Vou tentar chamar ajuda! – gritou Mariette. – Mantenham-se imóveis e não entrem em pânico. Tentem falar com os que estão perto de vocês, talvez estejam só inconscientes.

– Tenho medo, Mari – respondeu Aggie, mas a sua voz foi pouco mais do que um murmúrio.

– Também eu – disse Mariette. – Mas já todos nós vimos as equipas de salvamento tirarem pessoas de sítios muito piores do que este, de modo que não desespere.

O que ela dizia era verdade. Mas as bombas continuavam a cair ali perto, e não podiam esperar que as equipas da Defesa Civil aparecessem antes de soar o fim do alarme. E mesmo assim era possível que não fossem diretamente para ali, a menos que alguém tivesse comunicado que aquele abrigo fora atingido. Tinha de arranjar maneira de sair e avisá-las de que havia pessoas presas debaixo dos escombros.

Depois de ter tranquilizado mais uma vez Brenda e Aggie, examinou a trave. Mesmo que conseguisse levantar a ponta do seu lado e libertar as pernas, isso iria aumentar a pressão sobre Joan. Precisava de arranjar uma maneira de a manter levantada.

Tateou à volta com as mãos e encontrou primeiro um tijolo, e depois outro. Posto de lado, o tijolo ficava mais alto do que a espessura de uma perna. Se conseguisse enfiar um junto às suas pernas, no sítio onde estavam presas, e então levantar a trave o suficiente para virá-lo de lado, poderia libertar-se, e então acrescentar mais um tijolo para dar mais suporte.

Fazer deslizar o tijolo ao longo da perna foi fácil, mas, sentada, era quase impossível levantar a pesada trave o suficiente para o voltar. Enquanto se esforçava por o fazer, o sangue jorrou da ferida que tinha na cabeça, e a dor nas pernas tornou-se mais forte.

Cerrou os dentes, disse a si mesma que era capaz e voltou a tentar. Os seus braços não eram suficientemente compridos para agarrar bem a trave por cima, de modo que teve de enfiar as mãos por baixo e empurrar. Ao cabo de algumas tentativas, conseguiu levantá-la um pouco. Segurando-a apenas com a mão direita, tentou virar o tijolo com a esquerda. Nunca nada fora tão difícil, sentiu os músculos do braço à beira da rutura, mas por fim conseguiu.

Deixou-se cair para trás, para descansar um pouco, e explicou, ofegante, a Brenda e a Aggie o que tinha feito.

– Agora só preciso de tirar as pernas daqui – acrescentou.

O esforço de apontar os pés para baixo provocou-lhe dores terríveis, e não tinha espaço para recuar de modo a tornar mais fácil libertar as pernas. Mas tinha de o fazer, por muito que doesse.

As pernas, quando por fim as tirou de baixo das traves, metiam medo; dos joelhos até aos tornozelos, pareciam duas peças de carne no talho de Smithfield Market, e as dores eram incríveis, ao ponto de lhe causarem náuseas. Mas, mesmo assim, conseguiu pôr-se de pé. Com um esforço enorme, levantou um pouco mais a trave e enfiou debaixo dela mais alguns tijolos que estavam espalhados pelo chão, para aliviar a pressão sobre a pélvis da amiga. Joan gemeu quando estava mesmo a acabar.

Mariette inclinou-se para ela e afastou-lhe os cabelos da cara.

– Vou buscar ajuda, Joan. Aguenta – disse.

– Ian... Sandra – murmurou Joan, debilmente.

– Vais vê-los em breve – disse Mariette, a esforçar-se por conter as lágrimas. Mesmo à fraca luz da lanterna, podia ver que a amiga estava muito mal.

Os bombeiros pareciam estar a afastar-se, e ela tinha de encontrar ajuda depressa. Com uma rápida palavra a Brenda e a Aggie, para lhes dizer que Joan estava consciente e pedir-lhes que continuassem a falar com ela, avançou para a porta, a apontar o feixe de luz da lanterna para ver bem onde punha os pés, com receio de provocar um novo desabamento.

Tom, o vigilante dos ataques aéreos, caído junto à porta, estava morto. Ao cair, a trave esmagara-lhe metade da cabeça. Os dois velhos, Ernie e May, sentados ao lado dele, pareciam também mortos, mas Mariette não conseguia ver-lhes as mãos para verificar a pulsação.

Soubera, ainda antes de chegar à porta, que a escada de cimento do outro lado podia estar bloqueada, e havia uma boa probabilidade de não conseguir abrir a porta, em todo o caso. Mas, para sua surpresa, abriu-se só um pouco, o suficiente para a deixar esgueirar-se.

Apontou o feixe da lanterna para a escada e viu que estava bloqueada por enormes pedaços de entulho, e que o corrimão metálico de um dos lados estava retorcido como uma cobra. Mas sentiu ar fresco na cara, e avistou uma abertura no meio do entulho. Só podia esperar que fosse uma espécie de chaminé e continuasse até ao topo.

Começou por gritar o mais alto que pôde, a pedir ajuda, sabendo que trepar pelo entulho poderia fazê-lo desabar em cima dela – ou, pior ainda, podia acabar por descobrir que o buraco que via estava tapado mais acima –, mas cada minuto de espera significava menos probabilidades de sobrevivência para os outros. Tinha de tentar subir.

Trepar era uma coisa em que sempre fora boa. Havia quem dissesse que parecia um cabrito montês, mas nunca tivera de trepar com duas pernas magoadas e uma ferida na cabeça, ou por um buraco que mal tinha largura suficiente para a deixar passar. Tirou o cinto do vestido, atou-o com um nó à volta da pequena lanterna, pôs a lanterna em cima da cabeça e prendeu as pontas do cinto com outro nó debaixo do queixo. Doeulhe muito onde o tecido tocou na ferida, mas tinha de aguentar; não havia alternativa, se queria ter luz e as duas mãos livres.

Começou a trepar lenta e cuidadosamente, verificando o entulho com as mãos para se certificar de que estava estável. Uma vez no interior do buraco em forma de tubo, deixou de ter espaço para manobra e teve de contorcer-se como uma cobra, com os braços esticados acima da cabeça, a segurar-se com os dedos e os cotovelos enquanto procurava com os pés pontos de apoio que lhe permitissem subir mais alguns centímetros.

Era aterrorizador, porque cada vez que encontrava um grande pedaço de entulho a sobressair da parede do tubo, temia ficar lá entalada. Uma vez que os pedaços de cimento e os tijolos tinham obviamente caído da casa

contígua ao abrigo, era muito provável que quanto mais subisse mais instável tudo aquilo se tornasse.

De vez em quando, ouvia um rumor ominoso, e tijolos e pedras soltavam-se abaixo dela e tombavam para o fundo do tubo. Outros pedaços mais pequenos choviam-lhe em cima, cortando-lhe os braços, as mãos e os ombros e raspando-lhe as pernas laceradas, mas Mariette recusava pensar que podia cair, ou ser enterrada viva, e continuava a rastejar como uma cobra, sempre para cima.

Então viu, um pouco mais alto, um clarão alaranjado. Soube que tinha de ser um incêndio ali perto, e que estava a vê-lo através de uma abertura no entulho. Era a rua, e haveria lá pessoas.

Estava quase a conseguir.

Patrick Feanny fazia parte da primeira equipa da Defesa Civil a chegar a Fairfield Road, em Bow, depois de ter sido recebida a notícia de violentos bombardeamentos em algumas ruas vizinhas. Havia vários pequenos fogos provocados por incendiárias ainda a arder. Mas como o sinal de fim de alarme não tinha ainda soado, não havia os habituais vigilantes, rapazes e outros cidadãos animados de espírito cívico a tentar apagá-los com bombas manuais.

No meio de Fairfield Road, a olhar para o que tinha sido Soame Street, uma rua estreita ladeada por pequenas casas em banda, contemplava a cena de destruição total que se estendia à sua frente. Todas as casas tinham sido esmagadas, cerca de trinta no total. Só restava uma parede de pé no início da fila, e nessa parede estava pendurada uma fotografia.

Trinta casas significava para cima de mais 170 pessoas sem teto, e o seu coração encheu-se de pena por aqueles infelizes. Feanny tinha servido na última guerra e, com dezanove anos, sobrevivera à Batalha do Somme. Alistara-se também para aquela, não porque quisesse lutar mas por sentir que era esse o seu dever. Não fora aceite no serviço ativo, de modo que em vez disso juntara-se à Defesa Civil. Na altura, julgara ser uma opção suave, mas os acontecimentos tinham-se encarregado de lhe provar que estava enganado.

Já perdera a conta ao número de pessoas que tirara de edifícios bombardeados, muitas delas gravemente feridas, mas muitas mais mortas.

Talvez as pessoas tivessem finalmente percebido que Hitler não estava a brincar e, uma vez que os abrigos eram agora muito melhores, a maior parte tinha o bom senso de os usar. Mas numa rua como Soame Street havia sempre alguém demasiado teimoso, ou convencido da sua própria imortalidade, para se refugiar num abrigo, e enquanto olhava para o que restava, Feanny perguntava a si mesmo onde estaria o corpo, ou os corpos, naquela noite.

Um pedido de socorro vindo do extremo da rua fê-lo trepar por cima de um monte de entulho para ir investigar. Regra geral, era quando soava o fim do alarme que alguém avisava as equipas de salvamento de que fulano ou sicrano não tinham sido vistos no abrigo.

Quando chegou ao fim de Soame Street viu a rapariga, dobrada pela cintura, como se estivesse cheia de dores. O clarão de um dos incêndios permitiu-lhe perceber que estava coberta de sangue.

– O abrigo! – gritou ela, a apontar para a esquina onde a escada começava. – Estávamos lá dezanove, mas sei que pelo menos três ainda estão vivos.

O sinal de fim de alarme soou nesse momento, e a rapariga tombou no chão, desmaiada.

Feanny soprou o apito para chamar o resto da equipa e ordenou a um dos homens que chamasse ambulâncias. Enquanto esperava por ajuda, aproximou-se da rapariga, para a examinar.

Tinha as pernas num estado lastimável, e estava descalça. Tinha um pequena lanterna amarrada à cabeça, que sangrava abundantemente, por um cinto de tecido. Estava coberta de pó de tijolo e o vestido estava rasgado e sujo.

Voltou a si quando ele lhe tirava a lanterna da cabeça, e Feanny ofereceu-lhe água de um cantil que tinha consigo. Ela bebeu um pouco e tentou pôr-se de pé.

– Temos de tirá-los dali – disse. – Consegui subir por entre o entulho que bloqueia a escada, mas vai ser preciso desimpedi-la primeiro.

Feanny apontou a sua própria lanterna para o início dos degraus e perguntou-se como diabo conseguira ela passar por ali.

– Ok – disse –, já vem ajuda a caminho. Mas diga-me o seu nome.

– Mariette Carrera – respondeu ela. – Vivo em Soame Street com Joan Waitly, que é uma dos que ainda estão vivos. Tem de tirá-la dali, ela tem

dois filhos.

– Vou tirar, mas primeiro preciso que me diga como estão as coisas lá em baixo. Quanto mais soubermos a respeito das condições, mais probabilidades teremos de tirá-los de lá a salvo.

Ela voltou a tentar pôr-se de pé, mas via-se que estava cheia de dores. Feanny pegou-lhe ao colo, levou-a para um muro baixo que ainda estava de pé e sentou-a nele.

– Uma trave de madeira caiu em cima de nós e prendeu-nos, à direita de quem entra. O Tom, o vigilante, está junto à porta. Está morto, e penso que o casal ao lado dele também. Depois há a Joan, a minha amiga. Eu estava sentada a seguir a ela. Consegui escorar a trave com uns tijolos para poder sair de lá e para tirar o peso de cima dela. Depois há um grande pedaço de betão no meio, a tapar as pessoas que estão do outro lado. E outro na ponta da trave, para lá do sítio onde eu estava sentada. A Aggie e a Brenda estão do lado esquerdo, e ambas falaram comigo. Mas pareceu-me que estavam muito mal. A porta do abrigo só abre uma fresta. Consegui passar, e depois subi pelo entulho até aos degraus.

– Fez bem em descrever tudo tão nitidamente – disse Feanny. – Logo que a ambulância chegar, mando-os levarem-na para o hospital.

– Não vou enquanto a Joan não sair – respondeu ela, e abanou a cabeça.

Feanny soube que não valia a pena discutir com ela. Fez sinal a um dos homens para que a envolvesse numa manta e iniciou os trabalhos de salvamento.

Mariette não fazia ideia de que horas eram quando saíra do abrigo, mas devia ter sido por volta das três da manhã. No entanto, fossem que horas fossem, pareceu passar uma eternidade antes que as primeiras luzes da aurora começassem a iluminar o céu. Vários maqueiros tinham tentado convencê-la a deixá-los levá-la para o hospital, mas ela recusara obstinadamente.

– Irei quando a Joan sair – respondia.

À medida que o céu clareava, viu que Soame Street tinha desaparecido. Não restava nada exceto montes de destroços com uma ou outra panela, peças de roupa e pedaços de cortinas espalhadas aqui e ali. Já tinha visto cenas iguais àquela dúzias de vezes, e sentira uma pena enorme das pessoas

que tinham perdido tudo. Mas daquela vez eram todas pessoas que conhecia; tinha estado em casa delas, conhecia os filhos, os maridos, os parentes. As lágrimas escorreram-lhe pela cara suja de sangue e de pó. A guerra era cruel. Que tinham aquelas pessoas feito para merecer aquilo?

Ouviu vozes por entre as rodopiantes nuvens de pó de tijolo e de estuque, soube que eram os vizinhos a regressar de outros abrigos e estações de metro. Gritos de espanto encheram o ar quando viram o que tinha acontecido, gritos que se transformaram em gemidos de desespero quando se aperceberam de que tinham perdido tudo o que possuíam.

Algumas daquelas pessoas aproximaram-se dela, a quererem partilhar a sua dor, mas, embora tentasse consolá-las, recordando-lhes que pelo menos estavam vivas, tinha os olhos fixos na equipa de salvamento que trabalhava no abrigo.

Compreendia que tinham de remover o entulho com cuidado, mas mesmo assim parecia-lhe que estavam a mover-se a passo de caracol.

– Mari!

Voltou-se e viu Johnny avançar na sua direção. Acabava obviamente de sair de turno e ainda estava de uniforme, com o rosto coberto de sujidade. Tentou pôr-se de pé, mas os joelhos dobraram-se-lhe e foi obrigada a sentar-se de novo.

– Oh, querida! – exclamou ele, quando se aproximou o suficiente para ver os ferimentos. – Ouvi dizer no quartel que Soame Street tinha sido arrasada. Não ficaste em casa, pois não?

Ela falou-lhe do abrigo e de como tinha conseguido sair.

– Não vou a parte nenhuma enquanto não souber como está a Joan – concluiu.

Johnny estava muito habituado às diversas maneiras como as pessoas reagem aos bombardeamentos. Aos traumatizados que corriam aterrorizados, com expressões tresloucadas, aos aturdidos, que se limitavam a ficar sentados imóveis, de olhar fixo, aos que pareciam aceitar a fatalidade com toda a calma, só para se irem abaixo mais tarde. Sabia que havia muito pouco que se pudesse fazer por eles, além de tratar os ferimentos, oferecer-lhes chá e uma manta quente, e bondade. No fim, haviam de acabar por encontrar a sua própria maneira de lidar com o que lhes tinha acontecido.

Mas conhecia Mari, e aquela guerra já lhe roubara mais do que à maioria das pessoas. Precisava de cuidados médicos imediatos; se os ferimentos nas

pernas e na cabeça não fossem limpos e tratados rapidamente, acabariam por infectar.

– Deixa-me levar-te para o hospital antes que esses ferimentos infetem – disse. – Prometo voltar para aqui logo a seguir e ajudar. E avisar-te-ei logo que houver notícias.

– Não, vou ficar – declarou ela, teimosa. – Irei na mesma ambulância que a Joan, quando a tirarem dali. Ela precisa de saber que me tem a seu lado.

Também Johnny soube que não valia a pena argumentar. Aquela força de vontade indomável sempre fora o problema entre os dois. Talvez o tio tivesse razão ao dizer que seria mais feliz com uma rapariga do mesmo meio que ele, uma que quisesse um homem para cuidar dela, que não estivesse determinada a fazer tudo à sua maneira.

– Ok – disse, aconchegando melhor a manta. – Vou ajudar a equipa de salvamento. Mas vais ao menos deixar uma das enfermeiras limpar esses ferimentos e pôr-lhes um penso provisório? Não poderás ajudar ninguém se essas feridas infetarem.

– Está bem – disse ela. – Mas vais ter cuidado lá dentro, não vais?

Depois de pedir a uma das enfermeiras das ambulâncias que se ocupasse de Mariette, Johnny juntou-se à equipa de salvamento e apresentou-se.

Tinham quase chegado à porta do abrigo, mas estavam a ser constantemente atrasados pela queda de mais destroços na escada.

– Só Deus sabe como aquela rapariga conseguiu sair – disse-lhe Feanny. – Vimos o buraco por onde passou, e quase não dava para um gato. É espantoso o que a determinação consegue fazer.

Johnny disse-lhe que era a sua namorada e sorriu, constrangido.

– Bem, dizer que é «minha namorada» é mais uma força de expressão, porque ela tem a sua própria lei. Tudo o que sei é que não irá para o hospital enquanto não tirarmos daí a amiga. Quanto mais depressa o conseguirmos, melhor.

A porta foi finalmente aberta e Feanny entrou, seguido pelos seus homens e por Johnny. Mas a sua primeira impressão não permitia grandes esperanças. Tom, o vigilante, e o casal sentado a seu lado estavam mortos. Apontou a lanterna mais para a frente e viu a mulher que sabia ser Joan.

Mas antes que pudessem tirá-la dali, ou ao vigilante e os dois velhos, seria preciso levantar a trave que os prendia.

Voltou o feixe de luz para cima e viu que havia outras traves apoiadas num equilíbrio precário em saliências de betão, e para lá delas estavam as restantes pessoas encurraladas. Um movimento em falso, e tudo aquilo desabaria. Aquele não era um abrigo construído de propósito com o rigor necessário, era apenas uma vasta cave que corria por baixo de três pardieiros típicos do East End. Antes da guerra, fora usada como armazém por um negociante de mobílias em segunda mão. Uma das casas que lhe ficavam por cima já se tinha desmoronado, e as outras duas podiam ruir a qualquer momento.

Gritou a avisar os que estivessem conscientes de que ele e a sua equipa tinham chegado e iam tirá-los dali em breve.

Recebeu uma débil resposta de duas mulheres que se identificaram como Brenda e Aggie.

Agachado, Feanny avançou com cuidado ao longo da trave, chegou junto de Joan e tateou-lhe o pulso. Sentiu-o, mas muito fraco; se ia salvá-la, teria de fazê-lo sem mais demora. Viu os tijolos que Mariette lhe dissera que tinha usado para escorar a trave e libertar-se, e perguntou a si mesmo onde teria ela ido buscar forças para o fazer.

Olhou para os seus homens, indicando-lhes onde deviam situar-se.

– Vou contar até três. Levantem a trave e levem-na para fora, pela porta – disse. – Então tu, Johnny, pegas na amiga da tua rapariga e leva-la para a ambulância. Não há espaço para usar uma maca. Prontos? Um, dois, três, *levantem!*

Houve uma pequena deslocação de entulho quando a trave foi levantada, mas os homens não se amedrontaram. Mal viu que Joan estava livre, Johnny saltou para a frente, pegou nela e levou-a para fora.

Quando chegou ao alto dos degraus, Mariette correu para ele. Uma das enfermeiras conseguira limpar-lhe a cara, mas ela afastou-a no instante em que Johnny apareceu.

– Está viva? – perguntou.

– Sim, mas por pouco – respondeu Johnny, enquanto a transportava para a ambulância. – Agora vais com ela, Mari, acabaram-se as desculpas.

— Lamento, Miss Carrera, mas não se põe sequer a questão de sair daqui hoje.

Mariette olhou para o rosto severo da irmã Charles, que a enfermeira tinha chamado porque ela estava a arranjar problemas.

Não fora essa a sua intenção, mas no instante em que entrara no hospital em Whitechapel, o cheiro e os feridos à sua volta provocaram-lhe náuseas. E então, quando lhe tinham ordenado que se despisse e se deitasse numa cama num cubículo, tivera medo, e por isso pedira à enfermeira que a remendasse o mais depressa que pudesse e a deixasse ir.

A irmã Charles tinha passado havia muito os quarenta e era alta e magra, com esse ar de majestade de quem está habituado a ser obedecido. Levantou o lençol que tapava as pernas de Mariette e fez uma careta.

— O uso da palavra «remendar» ofende-me — disse, num tom seco. — Nunca permitiria que um paciente meu saísse daqui sabendo que não tinha recebido os cuidados necessários para que os seus ferimentos sarassem devidamente.

«As feridas que tem na cabeça e nas pernas precisam de ser lavadas e cosidas e, ao que sei, quase não há um centímetro do seu corpo que não apresente uma laceração. Além disso, precisa de repousar na cama para recuperar da provação por que passou.»

— Só queria sair daqui depressa porque tenho de ajudar as minhas amigas — explicou Mariette.

— Não vai poder ajudar nenhuma delas no estado em que se encontra. Pelo que o condutor da ambulância disse ao pessoal daqui quando a trouxe, julgo saber que foi a responsável por alertar a equipa de salvamento para a situação das suas amigas no abrigo. Vejo pelos seus ferimentos o que teve de fazer para lhes conseguir essa ajuda, e foi muito corajoso da sua parte. Mas aqui mando eu, e vai fazer o que lhe digo.

Por estranho que pudesse parecer, o tom perentório da ordem fez Mariette sentir-se melhor. A verdade era que não sabia por que razão tinha insistido tanto em sair. Já não tinha uma casa para onde ir, e Johnny apareceria em breve com notícias sobre os outros ocupantes do abrigo.

Por isso esboçou um débil sorriso.

– Parece a minha tia, lá em casa. Gosta muito de me dizer que tenho de lhe obedecer. Mas será possível saber como está a Joan Waitly? É a amiga que veio comigo, e estava muito mal.

Joan não recuperara a consciência na ambulância, e Mariette não precisara de perguntar se o seu estado era grave, era mais do que evidente. A enfermeira que viajara com elas na ambulância tinha dito que receava que tivesse sofrido lesões internas.

A irmã Charles assentiu com a cabeça.

– Vou mandar alguém investigar. Mas agora vou eu própria tirar todos esses pedaços de terra que tem nas suas feridas.

Um par de horas mais tarde, Mariette tinha sido lavada, cosida e medicada com analgésicos. Estava numa cama, numa enfermaria cheia de outras mulheres que tinham sido feridas no ataque aéreo daquela noite. Sentia-se tão mais confortável que até conseguiu convencer-se a si mesma de que não ter notícias de Joan era um bom sinal. Adormeceu e só acordou à hora da visita da tarde, quando Johnny chegou.

Estava lavado, barbeado e vestido com roupas normais, mas Mariette percebeu, pelo rosto emaciado e pelos olhos raiados de sangue, que não tinha descansado.

– A Brenda e a Aggie estão aqui no hospital – disse. – Parece que a Brenda pode ter uma lesão na coluna, mas a Aggie só sofreu alguns cortes e contusões.

– E os outros?

– Todos mortos, infelizmente – disse ele, num tom cansado. – Se é que serve de algum consolo, o médico que os examinou no abrigo disse que a morte foi instantânea. Dizem que vai haver um inquérito para se saber como foi aquela cave aprovada como abrigo. Mas é mais um caso de trancas na porta depois da casa roubada.

– E a Joan, sabes como está?

Johnny pegou-lhe nas mãos.

– Receio que tenhas de te preparar para más notícias – respondeu, tristemente. – A força com que a trave a atingiu danificou uma porção de órgãos. Teve uma enorme hemorragia interna, e apesar de a terem operado para tentar salvá-la, não alimentam grandes esperanças.

– Oh, não! – exclamou Mariette, e começou a chorar. – Os pobres filhos, e o marido!

– Eu sei – disse Johnny. – É terrível, mas é sempre terrível para as famílias dos que morrem. Tu sabes isso melhor que ninguém.

– Nada disto faz sentido – soluçou ela, num pranto onde a raiva se misturava à dor. – Aquela família tinha tudo para querer viver, mereciam uma vida melhor depois da guerra. Porque foi que eu não morri também? Já são duas vezes que sobrevivo quando pessoas que amo morrem.

– A minha avó, que era religiosa, diria que é porque Deus tem planos especiais para ti – disse Johnny, docemente. – Vi montes de amigos meus morrerem a combater incêndios, e pensei o mesmo e também perguntei porque tinha tanta sorte.

– Não sinto que tenha sorte nenhuma – protestou Mariette, escondendo a cara na almofada para chorar.

– Eu também não, quando perco alguém de que gosto. – Johnny estendeu a mão para lhe afastar os cabelos da cara com uma carícia. – Mas estou muito feliz por teres sido poupada. Não suportaria perder-te.

A emoção na voz dele era insuportável. Não podia permitir que continuasse a pensar nela daquela maneira e a imaginar que os seus sentimentos eram retribuídos.

– Não digas isso, Johnny – pediu. – Não posso ser o que tu queres que eu seja. Amo-te como pessoa, mas não te «amo», se é que isto faz algum sentido.

Espreitou para a cara dele e viu que ele estava magoado. Sabia que era um momento horrível para lhe dizer uma coisa daquelas, mas se não falasse naquela altura ele havia de querer cuidar dela, arranjar-lhe um lugar para viver, e mal desse por isso as coisas teriam ido demasiado longe para ser possível voltar atrás.

– Lamento muito, Johnny – continuou. – És o melhor amigo que alguém poderia ter. És generoso, bom, divertido e forte, tudo o que uma rapariga quer num homem. Mas sei que queres muito mais de mim do que eu alguma vez serei capaz de te dar.

Por alguns instantes, fez-se silêncio.

Mariette preparou-se para o ouvir argumentar, talvez convencido de que ela só dizia aquilo por estar perturbada.

Mas quando ele falou, o seu tom foi muito seco.

– Bem, devo dizer que o teu sentido de oportunidade é uma miséria. Mas é costume dizer que a verdade vem ao de cima com o vinho ou o trauma. Vou andando. Não vale a pena malhar mais em ferro frio.

Rodou sobre os calcanhares e afastou-se.

E Mariette chorou ainda mais convulsivamente.

*

A irmã Charles, que tinha tratado dela naquela manhã, entrou na enfermaria pouco antes das dez, quando as enfermeiras estavam a fazer a última ronda antes de apagarem as luzes.

Mariette tinha estado a chorar desde que Johnny se fora embora e soube, mal a viu, que ia receber más notícias.

– Morreu, não foi? – perguntou.

– Receio que sim – respondeu a irmã, com a voz repassada de compaixão.

– Disseram-me que recuperou os sentidos por alguns instantes depois da operação e pediu à chefe da enfermaria que lhe desse um recado. Pede-lhe que esteja presente quando os filhos receberem a notícia da sua morte porque sabe como estar com eles.

Novas lágrimas brotaram dos olhos de Mariette. Sabia que aquela mensagem tinha sido transmitida palavra por palavra, tal como Joan a dissera. Quase conseguia ouvir o sotaque *cockney* da amiga e o desespero com que desejara que Ian e Sandra soubessem sem a mínima dúvida que o último pensamento da mãe fora para eles.

– Lamento muito – disse a irmã Charles, e pegou numa mão de Mariette.

– Os filhos dela foram evacuados?

Mariette assentiu com a cabeça.

– Fui com ela vê-los, há pouco tempo. O Ian tem onze anos e a Sandra nove. O marido está no Norte de África.

– O hospital informará o exército, que lhe fará chegar uma mensagem.

– Os filhos estão em Lyme Regis. A Joan queria mudar-se para lá, quando a guerra acabasse – disse Mariette, com a voz entrecortada. – Estava sempre a sonhar com uma casinha junto ao mar. São umas crianças tão encantadoras e felizes, e eu queria tanto que o sonho dela se tornasse realidade.

– Estou a ver porque foi que ela quis que estivesse com os filhos – disse a irmã. – Tem um grande coração, e hoje ninguém poderia ter feito mais para conseguir ajuda para a Joan. Quando se sentir um pouco melhor, escreva

todas as coisas que amava nela, e quando o Ian e a Sandra foram mais velhos, poderá dar-lhes o papel. Ajuda muito os filhos que perderam a mãe quando eram pequenos saberem o que outras pessoas sentiam por ela.

«Agora tenho de ir. Entro outra vez de serviço às seis da manhã. Mas lembrar-me-ei de si nas minhas orações, Mariette. Deus a abençoe.»

– É tão sensata e bondosa como a minha tia Mog, que está lá na Nova Zelândia. – Mariette fungou por entre as lágrimas e tentou um sorriso. – É a segunda vez no mesmo dia que me diz uma coisa tal como ela teria dito.

A irmã inclinou-se para a cama, com o avental engomado a estremejar, e beijou-a na testa.

– Teria muito orgulho em ter uma sobrinha como a Mariette. Agora tente dormir, minha querida. Teve um dia de terríveis choques e desgostos.

As luzes da enfermaria apagaram-se, exceto a que se encontrava em cima de uma secretária no meio, onde uma enfermeira estava sentada a escrever as suas notas. Estava de costas para Mariette, mas era reconfortante vê-la ali, de touca engomada, uniforme e avental branco, a guardiã de todas as mulheres feridas que enchiam a enfermaria.

Pensar no que significava ser enfermeira trouxe-lhe à memória a recordação da mãe e Mog a falarem da enfermagem como uma possível carreira para ela. Claro que na altura gostaria muito de ter ido para Auckland, mas a ideia de arrastadeiras, sangue e vomitado fizera-a torcer o nariz. Naquele tempo, nunca pensava para lá das suas próprias necessidades.

Daria agora uma boa enfermeira? Fosse pelo que fosse, duvidava. Podia sentir compaixão pelas outras pessoas, mas o sangue e as feridas continuavam a causar-lhe repulsa. Até olhar para as suas próprias pernas lhe provocava náuseas.

Aos dezoito anos, ficar com cicatrizes ter-lhe-ia parecido o fim do mundo. Agora, porém, não estava muito preocupada. Tinham-lhe aplicado seis pontos na testa, tinham-lhe rapado uma parte do cabelo para lhe aplicarem outros dez, e ainda tinha mais dezasseis numa perna e dezoito na outra. Mas desde que conseguisse andar e não lhe doesse, não importava.

Quando voltasse a casa, compararia cicatrizes com o pai. Quando menina, ficava sempre fascinada pelas dele – embora ele lhe contasse sempre uma história ridícula e diferente a respeito de cada uma delas. Mas nunca lhe

dissera como arranjara a que lhe atravessava a face. Havia de obrigá-lo a contar-lhe a verdade, quando voltasse.

Quem lhe dera poder ir para casa. Já não tinha nada que a prendesse em Inglaterra – bem, excetuando ver Ian e Sandra. Tinha o seu emprego, claro, e iam sempre precisar de ajuda no centro de apoio instalado na antiga fábrica. Na realidade, teria agora de lá ir por si mesma, para ver se alguém podia ajudá-la a encontrar um sítio onde viver e dar-lhe algumas roupas. Nas muitas vezes em que ajudara mulheres a procurar vestidos, casacos e sapatos, nunca imaginara que um dia teria de o fazer para si mesma. Imaginar que a pulseira de diamantes que Noah e Lisette lhe tinham oferecido no seu vigésimo primeiro aniversário estava agora enterrada sob os escombros da casa de Joan! E todas as outras pequenas coisas que em tempos tivera e que definiam quem ela era.

Desaparecera tudo. Fotografias, cartas dos pais e de Mog, pequenas coisas que Rose lhe tinha dado. As roupas podiam ser substituídas – embora nunca por outras tão bonitas como as antigas – mas estava, de facto, reduzida à miséria. Até o livro de cheques da conta onde tinha as suas poupanças, o livro de cupões de racionamento e o passaporte se tinham perdido.

Na manhã seguinte, graças à intercessão da chefe da enfermaria, Mariette recebeu a visita de Miss Coates, a assistente social do hospital. Era uma mulher secamente eficiente, com uma voz aristocrática e modos que sugeriam que estava mais habituada a lidar com duquesas de Mayfair do que com pessoas vulgares.

Mas Mariette enganava-se. Miss Coates estava não só muito habituada a aconselhar pessoas cujas casas tinham sido bombardeadas, como era além disso cheia de compreensão.

A preocupação imediata de Mariette era que Mr. e Mrs. Harding fossem informados do falecimento de Joan, mas então explicou a Miss Coates que a amiga tinha pedido que estivesse presente quando os filhos recebessem a notícia.

— Não sei o número de telefone nem a morada deles — disse. — Seria incapaz de encontrar a casa se fosse lá, claro. Mas não posso ir agora, e os Harding têm de ser avisados.

— A morada e o número do telefone hão de constar dos registos — respondeu Miss Coates. — Encarregar-me-ei de informar pessoalmente os Harding e explicar-lhes o que a Joan queria. Tenho a certeza de que respeitarão os desejos dela e esperarão até que esteja em condições de se deslocar. Ora bem, quer dizer-me mais alguma coisa a respeito da sua situação atual, para eu ver em que outros problemas posso ajudá-la?

Miss Coates ficou com Mariette cerca de uma hora. Ofereceu-se para ligar a Mr. Perry e dizer-lhe onde ela estava e explicou-lhe como conseguir um novo documento de identidade e um novo livro de cupões de racionamento. Também lhe disse que tinha direito a receber algum dinheiro do fundo de emergência, para a ajudar nos primeiros dias. Perguntou-lhe se tinha alguns amigos que pudessem acolhê-la temporariamente, mas as únicas pessoas que talvez estivessem dispostas a ajudá-la de que Mariette conseguia lembrar-se eram Henry e Doreen Fortesque. Miss Coates disse que ia procurar o número de telefone deles e perguntar-lhes, e prometeu voltar naquela tarde com quaisquer notícias que tivesse da parte dos Fortesque e dos Harding.

Cumpriu a sua palavra e, às quatro horas, estava de volta.

– Antes de mais, localizei os Harding e falei com Mrs. Harding. Ficou, como pode imaginar, muito perturbada, mas concordou de imediato em obedecer aos desejos da Joan. Também disse que as crianças tinham gostado de si e se sentiriam reconfortadas pela sua presença quando soubessem da morte da mãe. Convidou-a para passar alguns dias em casa deles, com as crianças. Mas espera que seja em breve, porque as crianças estão habituadas a receber uma carta da mãe todas as semanas, e quando não a virem chegar vão começar a ficar preocupadas.

– Irei logo que sair daqui – garantiu-lhe Mariette. – E a respeito do pai? Vai poder vir a casa a tempo do funeral da Joan? E onde irá sepultá-la?

Mariette sabia que muitas pessoas que tinham perdido entes queridos em ataques aéreos encaravam com muito maus olhos o recurso a valas comuns, que consideravam um funeral de pobre. Mas Joan sempre afirmara que preferia ser enterrada com pessoas que conhecia; até costumava brincar com o tema. «É só juntarem umas garrafas de cerveja e fazemos uma festa», dissera mais de uma vez.

Disse-o a Miss Coates, que sorriu.

– Penso que uma agência funerária local considerará pôr todas as vítimas de Soame Street na mesma sepultura uma medida prática e adequada – disse. – Viveram juntos, morreram juntos, parece apropriado que sejam sepultados juntos. Mas esse problema será resolvido pela funerária, Miss Carrera, não precisa de se preocupar com ele. Do mesmo modo, se Mr. Waitly vai ou não conseguir chegar a casa a tempo não deve ser uma preocupação sua.

– Não, suponho que não – concordou Mariette.

– Muito bem, voltemos então ao que é preocupação sua. Um lugar onde viver. Telefonei a Mr. e Mrs. Fortesque, que ficaram horrorizados ao saberem o que aconteceu. Sem que eu precisasse sequer de lhes perguntar, ofereceram-se para a receber. Resta-nos, portanto, a falta de roupas.

– Não posso ir a parte nenhuma com isto – disse Mariette, e apontou para a camisa de noite de algodão branco do hospital. – Nem sequer tenho sapatos.

– Tenho uma pequena reserva de roupa – explicou Miss Coates. – Muitas pessoas costumam doar coisas que já não usam. Vou ver o que consigo encontrar, esta noite. Qual é o seu tamanho?

Mariette tinha quase a certeza de que eram roupas de pessoas mortas. Mas, como Mog diria: «A cavalo dado não se olha o dente.»

– Peito oitenta e seis, sapatos trinta e sete... e obrigada – respondeu.

– Vou tentar arranjar qualquer coisa bonita para dar com o seu cabelo. – Miss Coates sorriu. – Como estão os seus ferimentos?

– Doem. – Mariette fez uma careta. – E vou ficar cheia de cicatrizes. Mas tenho sorte em estar viva, não tenho? Obrigada por tudo. Sinceramente.

Quatro dias depois da morte de Joan, Mariette estava no comboio a caminho de Lyme Regis. Sabia que o seu aspeto era terrível, mas talvez fosse melhor para Ian e Sandra verem-na assim. Ajudá-los-ia a perceber que não escapara sem um arranhão enquanto a mãe deles morrera.

O vestido que Miss Coates lhe arranjava era horroroso, uma coisa castanha com bolas brancas que mais parecia um uniforme escolar. Ficava-lhe demasiado comprido, mas não tentara encurtá-lo porque tapava pelo menos em parte os ferimentos das pernas, cujo aspeto fazia medo. Estavam cobertas de manchas negras e azuis e riscadas por golpes e arranhões.

O chapéu de palha de aba enrolada para cima era bastante simpático, e cobria-lhe a parte da cabeça que fora rapada; as sandálias castanhas com salto de cunha eram aceitáveis. Um penso escondia a grande cicatriz na testa, mas os hematomas tinham aparecido por todo o lado, e qualquer pedaço de pele que não estivesse cortado ou arranhado adquirira um inquietante tom violeta.

Teria de voltar a Londres na segunda-feira, 4 de agosto, para tirar os pontos, e era provável que Joan e as outras pessoas de Soame Street fossem sepultadas no dia seguinte. Mas tudo isso seria resolvido durante a sua ausência.

Henry e Doreen tinham sido muito bondosos. Tinham usado alguns dos seus preciosos cupões de gasolina para irem buscá-la ao hospital e tinham-lhe aberto as portas da sua casa.

Só lá passara uma noite, por enquanto, mas, de muitas maneiras, era como estar de novo com Noah e Lisette. Havia a mesma ordem e limpeza, divisões cheias de luz e uma verdadeira casa de banho. Claro que não podia enfiar-se numa banheira enquanto não lhe tirassem os pontos, mas seria maravilhoso quando pudesse.

Tinham insistido que podia ficar todo o tempo que quisesse, e estavam a ser sinceros. Mas a velha ideia de querer sair de Londres voltara ainda mais forte do que antes. Não era só o medo de um novo ataque aéreo, ou sequer de encontrar Johnny. Era mais a sensação de que precisava de tentar construir uma nova vida.

Envergonhava-se da maneira como falara com Johnny – embora pudesse alegar, em sua defesa, que ainda agora não lhe ocorria um modo mais gentil de lho dizer –, mas se não tivesse dito nada, só se teria atascado cada vez mais. Não tinha onde viver, nem dinheiro, nem roupas. Não seria então mais decente partir do que agarrar-se a ele só para ter quem cuidasse dela?

Mrs. Harding tinha os lábios a tremer quando abriu a porta a Mariette, e saltou para a frente para a abraçar, sacudida pela emoção.

– As crianças estão a brincar no quintal. Tem sido muito difícil para nós, saber a verdade e não lhes dizer. A Sandra já me perguntou várias vezes porque estava a chorar – disse, a atropelar as palavras.

Mariette retribuiu o abraço.

– Ainda mal consigo acreditar que a Joan morreu. Éramos tão boas amigas, e convenci-me de que continuaríamos a sê-lo para sempre. Sei que deve ter sido muito difícil para si e para o seu marido não dizer nada, mas tínhamos de fazer o que a Joan pediu, não tínhamos?

– O Bert achou que era a nossa obrigação. Por isso aguentámos, a tentar certificar-nos de que eles não percebiam que alguma coisa tinha acontecido.

– Tiveram alguma notícia do pai?

– Recebemos um telefonema de um oficial a dizer que viria neste fim de semana num avião de carga. Irá ao funeral antes de vir até cá, pobre homem. Vão para a guerra a pensar que são eles que podem morrer, mas duvido que lhes passe pela cabeça que possa acontecer o contrário.

– O Ian e a Sandra vão poder ficar convosco? – perguntou Mariette. – Não sei o que acontece nestes casos.

– Claro que podem ficar connosco... para sempre, se quiserem – disse Mrs. Harding, a limpar os olhos à orla do avental. – Amámo-los desde o primeiro instante. Para dizer a verdade, estávamos sempre com medo de

que a Joan quisesse levá-los... tinha tantas saudades deles. – Tapou a boca com a mão. – Oh, meu Deus, que coisa tão horrível para se dizer!

– Não é nada horrível – garantiu-lhe Mariette. – A Joan sabia o que os senhores sentiam pelos filhos dela, e isso fazia-a feliz. Mas vamos despachar isto de uma vez por todas, não acha melhor? Não vou conseguir conversar normalmente com eles sem lhes dizer a verdadeira razão por que estou aqui.

Mariette soube que, vivesse ela cem anos, nunca esqueceria o momento em que saiu pela porta das traseiras e viu as duas crianças a jogar ténis no quintal com duas velhas raquetas e a corda da roupa a servir de rede.

Estava um dia quente, sem vento. Sandra vestia um vestido de algodão cor-de-rosa com franzidos no peito, Ian apenas uns calções. Estavam ambos muito bronzeados, imagens perfeitas de saúde e vitalidade, tão diferentes das crianças de rosto emaciado que continuavam a viver em Londres.

Sandra foi a primeira a vê-la. Largou a raqueta e correu para ela.

– Onde está a mamã? – gritou.

Ian adivinhou claramente qualquer coisa. Começou a voltar-se, mas deteve-se a meio e olhou para Mariette, desconfiado.

– Não veio contigo? Que aconteceu às tuas pernas?

– Venham sentar-se aqui – disse Mariette docemente e, pegando-lhes nas mãos, levou-os para a manta estendida debaixo de uma árvore. Mrs. Harding estava de pé à porta da cozinha, com os punhos cerrados diante da boca.

– Aconteceu uma coisa má, não foi? – disse Ian, quando se sentaram. – Não terias vindo sozinha sem a mamã a menos que...

– Sim, Ian – respondeu ela, num tom grave. – Receio que tenha acontecido o pior que podia acontecer. Houve um ataque aéreo. Eu e a vossa mãe fomos juntas para o abrigo, mas uma bomba atingiu-o.

As crianças limitavam-se a olhar para ela, quase como se não acreditassem.

– A vossa mamã morreu, juntamente com muitas outras pessoas – continuou Mariette, mas a voz tremia-lhe e soube que não conseguiria conter as lágrimas durante muito mais tempo. – Eu estava sentada mesmo ao lado dela, mas...

– A bomba caiu em cima das tuas pernas? – perguntou Sandra, a olhar para as ligaduras que lhe enfaixavam ambas as pernas.

– Não a bomba, uma trave do teto, mas não me atingiu com tanta força como à tua mamã. Levaram-na para o hospital, e tentaram curá-la, mas não conseguiram. Ela pediu-me que viesse dizer-vos o que tinha acontecido, e que vos amava.

– Então não vem ver-nos? – perguntou Sandra, com os lábios a tremer.

– Se morreu não pode vir, parva – disse Ian, mas então começou a chorar.

Sandra parecera confusa até àquele momento, mas ver o irmão chorar deve tê-la esclarecido. Mariette passou um braço à volta dos ombros de cada um deles, puxou-os para si e chorou com eles.

– O vosso papá vem a caminho – disse. – Quem me dera não ter de vos dizer uma coisa tão horrível, mas a vossa mamã quis que fosse eu a explicar-vos porque éramos muito amigas. E porque eu sei como ela se orgulhava de vocês.

Mrs. Harding aproximou-se com um copo de água para cada uma das crianças.

– Lamento muito – disse, com a voz a quebrar-se-lhe e as lágrimas a deslizarem-lhe pela cara. – A vossa mamã era uma mulher muito boa e não foi justo ter de partir tão nova.

Sandra pôs-se de pé e abraçou-se à cintura dela.

– Podemos ficar aqui consigo? – perguntou.

– Ou vamos ter de voltar a Londres? – acrescentou Ian, com uma expressão de pânico no rosto.

– Não, Ian – apressou-se Mrs. Harding a responder. – Vão ficar aqui connosco.

– Para sempre? – quis saber Sandra, com a esperança a brilhar-lhe nos olhos.

– Pelo menos até a guerra acabar – disse Mariette. Sabia que Joan fora criada num orfanato, pelo que do seu lado não apareceria ninguém para reclamar as crianças. E, tanto quanto soubesse, Rodney também não tinha parentes próximos, e ia ter de voltar para a frente.

– Então está bem – disse Ian.

Mariette soube exatamente o que ele queria dizer – que ter de voltar a Londres sem a mãe seria demasiado horrível. Ian só ainda não aprendera a ter cuidado com a maneira como dizia as coisas.

Mariette lembrava-se de ouvir a mãe dizer que as crianças eram muito resistentes, e confirmou-o naqueles três dias que passou com Ian e Sandra. Primeiro choraram muito, e em seguida perguntaram pela casa e pelos vizinhos. Mas depois foi quase como se tivessem, nas suas cabeças, fechado uma porta sobre a vida que tinham antes de irem para Lyme Regis.

No segundo dia andaram tristes, fazendo ocasionalmente a Mariette uma pergunta a respeito da mãe, ou do que acontecera no abrigo. Ian perguntou-lhe se a mãe tinha tido muitas dores, e ela pudera ao menos dizer que não, o que pareceu satisfazê-lo. Foi dar com Sandra a olhar para uma fotografia em que apareciam os dois com os pais. Fora tirada num estúdio, antes de Rodney, que estava de uniforme, ter partido para o Norte de África.

– Este vestido já não me serve – disse Sandra. – Foi a mamã que o fez, era cor-de-rosa, com franzidos.

– Ainda o tens?

– Sim, está numa gaveta, com todas as outras coisas que já não me servem – respondeu Sandra.

– Deves conservá-lo, e essa fotografia também. Quando fores uma menina crescida, vais gostar de olhar para ela. Um dia, quando tiveres uma filha, poderás mostrar-lhe o vestido, talvez ela até o use. Sabes, as coisas feitas por alguém que nos ama são muito especiais. Fazem-nos recordar coisas boas, e fazem-nos felizes.

– Mas não podemos ser felizes sem a mamã, pois não? – perguntou a criança.

Os olhos castanhos dela eram tão parecidos com os de Joan que Mariette se sobressaltou.

– Oh, sim, claro que podem – disse. – A tua mãe era a pessoa mais feliz que conheci. Não gostaria nada que tu e o Ian ficassem tristes.

No terceiro dia, Ian perguntou se ela era tia deles.

– Não sou uma tia verdadeira... para isso teria de ser irmã da vossa mamã ou do vosso papá. Mas sou vossa tia no coração. Hei de pensar sempre em vocês e manter-me em contacto. Vais escrever-me, Ian?

Ele franziu a testa, como que a ponderar se podia fazer tal promessa.

– Sim, vou – disse. – Mas também virás visitar-nos?

– Claro que sim – respondeu ela. – Vou voltar para a Nova Zelândia quando a guerra acabar. Mas nessa altura hás de ser um rapaz tão crescido que não te vais importar.

– Acho que vou. A mamã disse numa carta que tu eras uma amiga muito especial, e isso faz com que sejas especial também para mim.

Mariette sentiu-se invadir por uma onda de emoção e abraçou-o com força.

– Tu e a Sandra serão sempre especiais para mim.

– Como foi? – perguntou Doreen, quando Mariette voltou do funeral, um pouco depois das sete da tarde, na terça-feira. Tinha chovido durante todo o dia, e Doreen pegou no casaco e no chapéu preto que uma vizinha emprestara a Mariette e pendurou-os a secar no bengaleiro do vestíbulo.

– Muito triste – respondeu Mariette, numa voz átona e com uma expressão cansada. – O vigário disse coisas muito bonitas a respeito das pessoas que morreram, mas ver todos aqueles caixões juntos foi demasiado para toda a gente. O Rodney, o marido da Joan, estava muito abalado. Quando fomos para o *pub*, depois do funeral, ele e o marido da Brenda embebedaram-se. A Brenda nunca mais vai voltar a andar, e quando o marido ouviu alguém dizer que mais valia ter morrido, ficou furioso.

– As pessoas têm boas intenções, mas por vezes falta-lhes tato – suspirou Doreen. – Já ouvi as coisas mais horríveis ditas em funerais. Quando a minha mãe morreu, uma vizinha perguntou logo se podia ficar com as roupas dela. Eu ter-lhas-ia dado de qualquer modo, mas perguntar daquela maneira fê-la parecer um abutre.

Foram para a cozinha, e Doreen preparou uma chávena de chá.

– O Rodney disse quando ia ver os filhos?

– Amanhã. Isto é, se estiver suficientemente sóbrio para apanhar o comboio. – Mariette fez uma careta. – Pobre homem. Tentei falar com ele a respeito da Joan e das crianças, mas desconfio que nem sequer me ouviu.

– Estas coisas levam tempo – disse Doreen. – Está confuso e desgostoso. Só espero que não vá perturbar as crianças.

– É disso que tenho medo – admitiu Mariette. – Disse-lhe que estavam felizes com os Harding, mas ele zangou-se e disse que eu não sabia nada dos filhos.

Fora o momento mais perturbador do funeral. Mariette esperara que Rodney quisesse falar com ela a respeito de Joan e dos filhos. Quisera garantir-lhe que estaria em contacto com eles enquanto ele estivesse longe e

que seria como uma tia para os dois. Rodney Waitly era um homem grande, casmurro, com ar de rufião, e um único olhar bastava para lhe dizer que não ia gostar dele. Mesmo assim tentara, recordando a si mesma que estava transtornado pela dor e que, em circunstâncias normais, seria provavelmente uma pessoa muito simpática. Mas era como se ele a culpasse por estar viva enquanto a mulher morrera, e desconfiara do interesse dela nas crianças.

– A esmagadora maioria dos homens não sabe nada a respeito dos filhos – sentenciou Doreen, com um fungar de reprovação. – Vão para o trabalho antes de eles se levantarem e quando voltam a casa já foram para a cama. Muitos passam a noite no *pub*. Talvez o Rodney seja diferente, quem sabe? Mas até o Henry teve muito pouco contacto com os nossos, quando eram pequenos. E como era o seu pai, Mari?

– Estava sempre perto de nós – respondeu ela, com um sorriso. – Mudava fraldas, levava-nos a passear no carrinho de bebé, partilhava a carga com a minha mãe. A partir dos meus quatro ou cinco anos, passava muitas vezes o dia inteiro com ele. Pensava que todos os pais eram assim, e foi um grande choque descobrir que não.

– Nesse caso, a Belle foi uma mulher cheia de sorte – disse Doreen. – E quanto a si, certifique-se de que arranja um marido igual ao seu pai.

– Vou tentar – disse ela, com um débil sorriso. – Tenho de escrever-lhes esta noite. Dizer-lhes que a casa onde vivia foi bombardeada e onde estou agora. Amanhã, volto ao trabalho. Não que esteja ansiosa por isso, as outras mulheres são tão empreadas.

Doreen deu-lhe uma palmadinha no ombro.

– Talvez sejam diferentes agora que está ferida e perdeu a sua casa.

– Não sei porquê, duvido – respondeu Mariette, com uma gargalhada desprovida de humor.

Mariette não se enganava. As colegas do escritório não mostraram interesse nem compaixão. Limitaram-se a olhar com desdém para o vestido castanho com bolinhas brancas, como se ela acabasse de sair de baixo de uma pedra.

Mr. Perry nem sequer se deu ao incómodo de perguntar onde estava a viver, ou dar quaisquer mostras de compaixão.

Mariette olhou em redor, para as divisões acanhadas e a cheirar a mofo, atravancadas com montes de pastas de arquivo e com as paredes tapadas por estantes carregadas de livros. Pensou que tudo aquilo parecia qualquer coisa tirada de um romance de Charles Dickens.

Decidiu que ficaria só mais algumas semanas, para poupar algum dinheiro, e que então deixaria o emprego e Londres.

Enquanto via a chuva fustigar a montra da casa de chá, Mariette desejou ter levado a bicicleta diretamente para casa, em vez de se refugiar ali. Pensara que era apenas um chuvisco de abril, que passaria em poucos minutos, mas agora parecia que ia ficar para o resto do dia.

Mudara-se para Sidmouth em finais de janeiro, havia quase três meses, e essa mudança fora na realidade uma consequência do facto de Mr. e Mrs. Harding a terem convidado para passar o Natal com eles e com os filhos de Joan.

A longa viagem até Lyme Regis fora um tormento. O comboio apinhado, gelado e lento, parara em todas as estações. Com todas as janelas escurecidas por causa do *blackout* e os nomes das estações retirados, era um jogo para qualquer pessoa conseguir apear-se onde pretendia. Mariette divertira-se a ver pessoas acordarem só quando o chefe da estação gritava o nome da terra, e então, numa pressa frenética, recolherem as suas malas e embrulhos para saírem a tempo.

Mas, mesmo assim, reinara no comboio um espírito de Natal, e os passageiros tinham feito um verdadeiro esforço para se mostrarem simpáticos e bem dispostos. Dois homens da RAF que regressavam à respetiva base na costa tinham-na mantido entretida durante toda a viagem com histórias divertidas. Mariette, que tivera muito poucos motivos para rir desde a morte de Joan, ficara grata por aquela diversão. Referira de passagem que queria sair de Londres, e eles disseram-lhe que Sybil Merchant, a proprietária do Plume of Feathers, em Sidmouth, andava à procura de alguém que a ajudasse no seu concorrido *pub*.

Sidmouth era no Devon, mas relativamente perto, para sul de Lyme Regis, de modo que, num impulso, quando estava com os Harding e as crianças, Mariette apanhou o comboio até lá e foi dar uma vista de olhos ao *pub*. Achou Sybil tão simpática e agradável como os dois homens da RAF tinham dito. Quando o lugar lhe foi oferecido, aceitou sem hesitar. Teve de voltar a Londres para cumprir o prazo de aviso prévio com Mr. Perry e despedir-se de Doreen e Henry, mas em finais de janeiro estava de novo em Sidmouth. Esperava fervorosamente que um novo ano e uma nova casa anunciassem uma mudança de sorte para ela e para Inglaterra. Para crescer

às suas tragédias pessoais, as notícias mundiais em novembro e dezembro tinham sido particularmente sombrias.

Houvera o afundamento do *Ark Royal*, o cerco de Leninegrado, o ataque japonês a Pearl Harbor, o afundamento dos cruzadores *Repulse* e *Prince of Wales* pelos Japoneses, a invasão da Malásia e a queda de Hong Kong. Depois tinham surgido as horríveis histórias das atrocidades perpetradas contra os judeus na Alemanha e na Polónia, homens, mulheres e crianças abatidos a tiro nas ruas ou encerrados em guetos onde morriam de fome. Houvera até rumores de campos de concentração para onde os judeus estariam a ser enviados e possivelmente assassinados. Embora ninguém soubesse se aqueles rumores correspondiam à verdade, havia sem a mínima dúvida provas suficientes do tratamento selvagem infligido aos judeus para que isso parecesse mais do que possível.

Felizmente, houvera uma espécie de trégua nos ataques aéreos contra Londres, talvez por os Alemães estarem a concentrar todas as suas energias na conquista da Rússia. Ficara toda a gente muito satisfeita ao ler nos jornais que os generais alemães tinham subestimado de uma forma grosseira os rigores do inverno russo ao marcharem sobre Moscovo. Dizia-se que os soldados alemães tinham de acender fogueiras debaixo dos tanques para os pôr a trabalhar, que as suas metralhadoras congelavam e deixavam de funcionar, que não tinham roupas suficientemente quentes para fazer face ao terrível frio das estepes.

O facto de os Americanos terem declarado guerra ao Japão também dera a toda a gente alguma esperança de que era possível ganhar a guerra. Winston Churchill fizera, em dezembro, um discurso apaixonado no qual dissera que a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e a União Soviética iam ensinar «aos bandos e cliques de homens malvados» uma lição que não seria esquecida nos próximos mil anos. Toda a gente esperava que tivesse razão.

Mas, para Mariette, todos os horrores e tristezas do ano anterior, e a incerteza quanto ao futuro, pareceram mais fáceis de suportar a partir do momento em que chegou a Sidmouth.

Lyme Regis era mais bonita do que Sidmouth – na realidade, era apenas uma aldeiazita com meia dúzia de pequenas lojas –, mas Sidmouth era uma vila a sério, com escola, biblioteca, montes de lojas, *pubs*, restaurantes, cafés e muito mais. Os residentes não tinham os olhos encovados e o rosto

emaciado das vítimas dos ataques aéreos, sorriam a desconhecidos, paravam para dois dedos de conversa, e não viviam cheios de medo.

As graciosas casas estilo Regência da marginal tinham sido construídas como residências de férias por pessoas ricas e influentes. Em 1819, Eduardo, duque de Kent, passara lá algum tempo com a esposa e a filha, Vitória, que mais tarde seria rainha. A casa onde tinham ficado mudara de nome para Royal Glen Hotel e era agora usada pela RAF como centro de convalescença. Na realidade, quase todas as casas ao longo da frente marítima tinham sido requisitadas pela RAF desde o início da guerra, mas isso não lhes roubara o encanto e a beleza.

Mariette adorava as sinuosas ruas de pequenas casas que ficavam por detrás da marginal e apreciava sobretudo a paz e o sossego, depois do barulho e do tumulto de Londres. Admirava os parques esmeradamente cuidados e os bonitos jardins particulares que, embora despidos de flores em janeiro e fevereiro, prometiam uma abundância para abril e maio. Com gaivotas a voar em grandes círculos no céu, o marulhar das pequenas ondas a desfazerem-se na praia e o revigorante cheiro a algas no ar, sentia que o seu antigo otimismo estava a voltar.

E havia também os espetaculares passeios ao longo das falésias. Infelizmente, não havia um porto, mas a foz do rio Sid estava cheia de pequenos barcos dos mais variados tipos, e ela prometeu a si mesma que se tornaria amiga do dono de qualquer um deles pela possibilidade de voltar a velejar e a pescar.

Apaixonou-se pelo Plume of Feathers à primeira vista porque tinha janelas em arco como as que, na Nova Zelândia, sempre imaginara que os *pubs* ingleses deviam ter. Nas noites frias, o bar era muito acolhedor, com um grande lume a arder na enorme lareira e as espessas cortinas cuidadosamente fechadas. Quase sempre, alguém tocava no piano «The White Cliffs of Dover» ou outras canções nostálgicas, e toda a gente cantava.

Pelo aspeto e pela maneira de falar, Sybil Merchant parecia mais a mulher de um agricultor do que a proprietária de um *pub*. Era baixinha e gorducha, com umas faces rosadas e uma jovialidade exuberante. Em contrapartida, Ted, o marido, era um homem alto, magro e sombrio. Sybil dizia, na brincadeira, que eram Jack Sprat e a mulher. Quando os viu pela primeira

vez, Mariette pensou, como a maior parte das pessoas, que não estavam nada bem um para o outro.

Mas depressa percebeu, como a maior parte das pessoas acabava por perceber, que os dois se complementavam na perfeição. Ele era a água parada para o rumorejante ribeiro da mulher; era o organizador meticoloso, enquanto a calorosa personalidade de Sybil mantinha os clientes satisfeitos.

Ted fora gaseado na Grande Guerra e por vezes tinha problemas respiratórios, e era isso que o fazia parecer sombrio. Mas por muito diferentes que fossem no carácter, era evidente que se amavam ternamente.

O instinto que a levava a aceitar o lugar sem hesitação provara ser bom. Logo na primeira noite em que chegou, cansada, cheia de frio e de fome, e foi recebida com sorrisos cheios de calor e expressões de preocupação, soube que tinha feito a escolha certa. O quarto que lhe tinham dado, apesar de pequeno, era confortável e bonito. Soube, naquela primeira noite, que seria feliz ali.

O seu papel era ajudar no que fosse preciso, fosse fazer limpezas, servir ao balcão, acender a lareira, ou preparar os pequenos-almoços dos hóspedes, quando os havia. Os tempos de folga eram flexíveis: se queria visitar os Harding, dar um passeio pelas falésias, ir ao cinema ou dançar, só tinha de o dizer. Do mesmo modo, se, depois de um animado almoço de sábado, o bar precisava de uma boa limpeza antes de voltar a abrir ao fim da tarde, tratava ela disso e deixava Sybil descansar.

Fevereiro deu lugar a março, e o aniversário dela, e da morte de Noah, Lisette e Rose, ficou para trás. Mariette viu os rebentos crescerem nos jardins e os cordeiros nascerem nos campos à volta da vila. Pareceu-lhe um sinal de que os horrores do ano anterior tinham na verdade passado. Era o começo de uma nova era, que seria mais feliz.

Chegou até à conclusão de que era mais feliz ali do que tinha sido com Noah e Lisette. Amara-os muito, claro, e a Rose também, mas muitas vezes sentira que estava a desempenhar um papel que eles aprovariam. Viver com Doreen e Henry fora muito parecido: sempre a necessidade de ser bem-educada, prestável, alegre, de nunca contrariar nada que eles dissessem.

Com Sybil e Ted, e com as pessoas vulgares que frequentavam o *pub*, podia ser totalmente ela própria, e isso era libertador. Além dos clientes habituais, apareciam muitos homens da RAF, e WAAF também. Namoriscava um pouco com os homens e tagarelava com as raparigas. Não

se sentia um tudo-nada inferior a eles, como por vezes lhe acontecia com os amigos de Rose, nem era acusada de ser uma «finaça», como tantas vezes faziam as pessoas do East End.

Ted comprou-lhe uma bicicleta em segunda mão para que ela pudesse deslocar-se de um lado para o outro com mais facilidade. Quando o sol brilhava e não havia nada que fazer no *pub*, pedalava pelos campos em redor e ao longo da costa, para explorar. Ian e Sandra tinham-se tornado substitutos para os seus irmãos, e Mr. e Mrs. Harding para os pais, e visitava-os todas as semanas. Envergonhava-se de quase nunca ter jogado jogos de tabuleiro com os irmãos, ou tê-los ajudado a fazer os trabalhos de casa. Na realidade, olhando para trás, apercebia-se de que se interessara muito pouco por eles. Agora, em contrapartida, ficava excitadíssima quando recebia uma carta, e quando, semanas antes, Alexis lhe enviara uma fotografia dele e de Noel juntos no Cairo, quisera mostrá-la ao mundo inteiro.

Quando tinha dezasseis anos, Mog zangava-se muito com ela por não mostrar interesse pela família e evitar estar com eles.

«Quase espero que um dia te aconteça alguma coisa má para que tu acordes e vejas a sorte que tens por estares rodeada por pessoas que te amam e se preocupam contigo, minha menina», ralhara-lhe. «Quando fores velha, poucas pessoas se lembrarão de como eras esperta, bonita ou talentosa. Recordarão apenas a maneira como as fazias sentir. Neste momento, fazes toda a gente que entra em contacto contigo sentir-se desconfortável, aborrecida e inferior. Pensa bem nisso, sua espertinha! É assim que queres ser lembrada?»

Mariette sabia, claro, que Mog nunca desejaria de verdade que lhe acontecesse uma tragédia para a fazer dar valor a tudo o que tinha. Mas tinha razão quando afirmava que o sofrimento ajudava ao processo. Se Mog pudesse vê-la agora, a ajudar Sandra a fazer vestidos para as bonecas, ou a levar o pequeno-almoço de Sybil à cama, sem que ninguém lho pedisse, ou até de joelhos a esfregar o chão do *pub* enquanto cantava alegremente a acompanhar o rádio, havia de ficar incandescente de alegria.

O curioso, porém, era que por muito que desejasse regressar a casa e rever Mog e os pais, Mariette não tinha a certeza de ser capaz de dizer adeus a Ian e a Sandra. Era certo que nunca os esqueceria, nem à mãe deles, nem a qualquer das pessoas que aprendera a amar ali em Inglaterra.

Tencionara ir a Lyme Regis mais tarde naquele dia para ver as crianças, mas a chuva cancelara esse plano. Mas tinha um jornal, e quando acabasse de o ler desafiaria o dilúvio e regressaria ao *pub*.

A pequena sineta por cima da porta da casa de chá tilintou, mas Mariette estava demasiado embrenhada a ler um artigo a respeito de mais um ridículo decreto do governo – não haveria mais bordados ou rendas, considerados um desperdício, na roupa interior das mulheres – para erguer os olhos.

– Mari!

Levantou a cabeça ao ouvir o nome. Ali de pé à sua frente estava Edwin Atkins, o piloto que fora seu par na noite em que o Café de Paris tinha sido bombardeado. Acompanhava-o outro piloto, ambos com os uniformes ensopados.

Levantou-se de um salto, estupefacta.

– Santo Deus! – exclamou. – Não posso acreditar! Edwin!

Pensara muitas vezes nele nas semanas que se tinham seguido à morte de Noah, Lisette, Rose e Peter. Fora brutalmente afastada da vida que conhecia, e a maldade de Jean-Philippe tornara ainda pior a sensação de isolamento. Tivera Joan, claro, mas Joan era muito diferente em todos os aspetos da família que perdera. Talvez se lhe tivesse escrito a tal carta, como tencionara, a dizer-lhe onde estava e o que estava a fazer... Mas não escrevera, em parte por receio de que ele fizesse reviver recordações de Rose, Noah e Lisette, e em parte por causa da sua amizade com Johnny.

À luz da maneira como acabara por recusar o amor de Johnny, parecia absurdo que tivesse considerado os sentimentos dele. Mas na altura, a recuperar do maior choque da sua vida, confusa e perturbada por tudo o que lhe acontecera, Johnny fora uma presença constante. Estava ali, como sempre estivera durante o Blitz, como uma inalterável fonte de conforto, uma luz num lugar escuro.

Então, depois de Joan ter morrido e de Johnny ter partido, quando estava a viver em Hampstead, sentira-se demasiado em baixo para pensar em telefonar ou escrever fosse a quem fosse além da família.

Agora, porém, Edwin estava ali à sua frente, numa pequena casa de chá no Devon, e aquilo pareceu-lhe o mais fantástico e extravagante golpe de sorte.

– Estava a festejar o vigésimo primeiro aniversário desta menina no Café de Paris quando foi bombardeado – explicou Edwin ao seu companheiro, um jovem baixo com uma cara fresca que ele apresentou como Tim Warberry. – Que bom ver-te, Mari! E num lugar tão remoto! Que estás tu aqui a fazer?

Mariette explicou que trabalhava num dos *pubs* da vila. Edwin continuava a parecer espantado, mas sentaram-se os dois à mesa dela e Tim pediu chá e bolo para todos.

– Tentei ligar depois do funeral – disse Edwin, depois de terem sido servidos. – Mas o irmão da Rose disse-me que te tinhas ido embora. Foi muito seco. Fizeste alguma coisa que o perturbasse?

– Não, mas ele perturbou-me muito ao mandar-me sair imediatamente. Acabou por deixar-me ficar até ao funeral, e saí nessa mesma tarde – explicou Mariette, e então contou-lhe um pouco mais a respeito de como Jean-Philippe só tinha contactado pessoas que considerava importantes e nenhum dos amigos mais chegados da família. – Quis telefonar-te. Mas, para ser franca, aquele homem horroroso esmagou-me de tal maneira que pouco mais teria conseguido do que choramingar ao telefone, e isso era uma coisa de que não precisavas.

Ele pousou uma mão nas dela, em cima da mesa.

– Devias ter telefonado, fosse ou não para choramingar. Precisamos de amigos quando as pessoas são más para nós. Eu teria tentado ajudar-te.

– Senti que não te conhecia suficientemente bem para te incomodar – disse ela. – Mas esqueçamos isso, agora estou bem.

– Como é que vieste aqui parar?

Mariette explicou resumidamente como fora viver para casa de Joan, e como a amiga tinha morrido num ataque aéreo.

– Os filhos tinham sido evacuados para Lyme Regis, e eu tinha ido lá com ela para os conhecer e conhecer Mr. e Mrs. Harding, que os tinham recebido. Antes de morrer, a Joan pediu-me que fosse eu a dar-lhes a notícia.

– Meu Deus, Mari! Que encargo horrível! – exclamou Edwin.

– Doloroso, sem dúvida. Mas era melhor para as crianças saberem o que tinha acontecido da boca de alguém que estivera com a mãe e a amava em vez de receberem uma mensagem enviada por alguém sem qualquer interesse no bem-estar delas. Seja como for, criei laços muito fortes com as

crianças e com os Harding, de modo que eles me convidaram para passar lá o Natal. Dois pilotos que viajavam no mesmo comboio que eu falaram-me deste lugar no *pub*. Por isso fugi a correr de Londres, e aqui estou.

– Que história! – exclamou Edwin, com uma expressão cheia de preocupação. – Mas é maravilhoso voltar a encontrar-te! Pensei em ti muitas vezes, perguntei-me como estarias, onde estarias. Mas não estava nada à espera de te encontrar numa casa de chá à beira-mar!

Voltou-se para Tim, o companheiro, e explicou-lhe em poucas palavras que tinha visto Mariette pela primeira vez naquela noite, no Café de Paris, e que os parentes dela tinham morrido todos, juntamente com Peter, que Tim conhecera.

– Foi por pura sorte que a Mariette resolveu ir à casa de banho das senhoras e eu me afastei da pista de dança... Se não fosse isso, teríamos morrido também.

Um arrepio de prazer desceu pela espinha de Mariette; ouvia na voz de Edwin a alegria que sentia por ter voltado a encontrá-la. Esquecera como ele era atraente, com os seus doces olhos castanhos e a sua bela voz profunda. Mas era mais do que o aspeto dele: Edwin era um laço que a ligava a Rose, a Noah e a Lisette, uma recordação dos bons tempos que passara com eles, de como a vida fora então fácil e confortável. Podia sentir que era mais feliz ali em Sidmouth, mas nunca esqueceria a bondade e a generosidade do tio Noah, ou como a família dele a mudara para melhor.

– Estás colocado aqui? – perguntou.

– Não, estamos em Bristol, a pilotar *Lancasters* e a vingarmo-nos do Hitler.

– Li no jornal que Bath e Exeter, Norwich e York foram bombardeadas em retaliação pelos estragos que causaram nas cidades alemãs – disse ela. – Certifiquem-se de que lhes dão o dobro do que eles nos deram a nós. Mas que fazes aqui em Sidmouth?

– Como provavelmente sabes, estão cá muitos homens da RAF a fazer as mais variadas coisas. Viemos para uma reunião com os chefões, amanhã. Vamos ficar até segunda-feira... Tens algum tempo livre para mim?

Mariette tinha sido convidada para sair montes de vezes desde que chegara a Sidmouth, mas declinara sempre. Parte da razão era o que tinha acontecido com Johnny. Arrependia-se de o ter mantido em suspenso durante tanto tempo, e não queria voltar a encontrar-se na mesma situação.

A outra razão era o facto de ter consciência de que os homens viam as empregadas de bar como sendo «fáceis», e não queria essa reputação em Sidmouth. Por isso, e por enquanto, contentara-se com ir a um baile ou ao cinema com as novas amigas que fizera no *pub*. Desse modo, podia divertir-se sem a pressão de ser a namorada de alguém.

Mas estava disposta a abrir uma exceção para Edwin.

– Tenho, claro – disse, com um sorriso. – Agora tenho de ir, porque prometi abrir o *pub* esta noite. Mas aparece, será um prazer ver-te.

Enquanto pedalava de regresso ao *pub*, fervilhava de excitação. Gostara de Edwin à primeira vista, naquela noite terrível. Não tinha a mínima dúvida de que se Rose e Peter não tivessem morrido, teriam voltado a sair os quatro. Mas o que lhe ficara gravado na memória fora a bondade dele depois do bombardeamento; um homem capaz de mostrar tanta força e compaixão para com alguém que mal conhecia tinha de ser um homem muito bom.

Às sete e meia, nessa mesma tarde, Edwin entrou no *pub* com o seu amigo Tim e outros dois pilotos. Mariette esforçou-se o mais que pôde por esconder a sua alegria por eles terem escolhido aquele *pub*, em vez de um dos muitos outros que havia na vila. O bar estava já bastante concorrido e os quatro homens sentaram-se a uma mesa desocupada, mas Edwin foi ao balcão pedir a primeira rodada.

Fez um gesto com o polegar, por cima do ombro, na direção dos amigos.

– Tive de ser persistente para os trazer aqui – disse. – Ainda bem que há algumas raparigas, ou arriscava-me a tornar-me muito pouco popular.

– Dizem que é o melhor *pub* da terra – respondeu ela, enquanto começava a encher canecas. – Não que eu possa falar com conhecimento de causa, uma vez que nunca estive em nenhum dos outros.

– Onde te levam então todos os homens que te adoram? – perguntou ele, com os olhos a cintilar.

– Estás a falar dos que me oferecem um porto com limão e prometem levar-me à lua? – Não se pode confiar nos homens, nos tempos que correm. É o que prometem, mas nunca passo da porta do *pub*.

– Nem sequer um com um barco que te leve a velejar?

Mariette ficou comovida por ele se lembrar de que adorava velejar.

– Não, e nem sequer tenho a certeza de que os civis estejam autorizados a sair com um barco para o mar. A minha única hipótese seria com os pescadores, mas, como provavelmente sabes, esses acreditam que dá azar ter uma mulher a bordo. E, de qualquer modo, a maior parte está a trabalhar nos draga-minas.

– Lamento não ter um barco para te oferecer. Mas que tal um passeio pelo alto das falésias amanhã à tarde?

– Gostaria muito, Edwin – disse ela.

Edwin pagou as quatro canecas.

– Quem me dera poder ficar aqui a noite toda a conversar contigo, mas os rapazes esfolavam-me vivo. Posso então vir buscar-te amanhã às duas?

O *pub* estava mais apinhado do que de costume, de modo que mesmo que Edwin tivesse ficado ao balcão, ela não poderia ter falado com ele. Mas continuou a olhar e a sorrir-lhe, e ela soube que ele desejava mais a sua companhia do que a dos amigos.

Antes de ir para a cama, Mariette pensou muito no que usar no passeio do dia seguinte. A mãe e Mog tinham-lhe enviado, pelo Natal, um vestido e um casaco muito bonitos. O vestido, sem mangas e de saia comprida, era estampado em tons de turquesa; o casaco curto era também turquesa, mas liso, com gola e punhos estampados num padrão a condizer com o vestido. Mas era mais adequado para um baile, ou para um jantar fora, do que para um passeio pelas falésias.

Tinha conseguido substituir algumas das roupas que perdera no bombardeamento. Mas eram todas em segunda mão, pois só tinha cupões suficientes para comprar roupa interior nova, e nenhuma tão bonita ou elegante como as antigas. Sentia-se antiquada com a saia de *tweed* e a blusa creme de crepe-da-china que Sybil achava tão encantadoras. O vestido de crepe preto era o que mais vestia, mas usava-o quase todas as noites no *pub*. E se tivesse de usar mais uma vez o castanho com bolinhas brancas, seria capaz de gritar.

O único vestido que lhe restava era o que acabara recentemente de fazer na máquina de costura de Sybil. Era muito simples, de algodão estampado com um padrão de flores em tons pastel sobre fundo branco, sem mangas, com decote redondo e saia comprida. Sybil oferecera-lhe um cinto largo de cabedal azul para usar com ele, e embora ainda fosse um pouco cedo para uma coisa tão estival, calculou que com um casaco de malha não teria frio.

Olhou para as pernas marcadas pelas cicatrizes e fez uma careta. Estava de calças quando encontrara Edwin naquela tarde, e à noite o balcão escondera-lhe as pernas. Que diria ele quando as visse?

– Se não gostar, paciência – disse o seu reflexo no espelho. – O teu papá dizia sempre que as pessoas deviam orgulhar-se dos ferimentos de guerra.

No dia seguinte, Edwin entrou no *pub* às duas em ponto. Geralmente, as sextas-feiras eram dias atarefados, porque muitos casais idosos das redondezas iam à vila na camioneta e, enquanto as mulheres tratavam das compras, os homens aproveitavam para beber uma caneca. Mas como o tempo estava soalheiro, com uma temperatura agradável, era provável que ficassem a saborear o calor nos bancos da marginal.

Mariette já contara a Sybil tudo a respeito de Edwin. Tinham combinado as coisas de modo que pudesse sair mais cedo, porque o *pub* estaria aberto até as três e meia.

Quando viu Edwin, Sybil olhou para ela e piscou-lhe um olho, em aprovação.

– Não tenhas pressa de voltar para a abertura, eu cá me governo sozinha – disse.

– Tens um vestido muito bonito – disse Edwin, enquanto caminhavam em direção à marginal. – É novo?

– Fui eu que o fiz. Perdi tudo no bombardeamento, mas consegui comprar os materiais para este vestido aqui em Sidmouth. Acho que já te tinha dito que costumava distribuir roupa usada às pessoas cujas casas tinham sido bombardeadas. Nunca esperei encontrar-me um dia na mesma situação.

– Gostava que me tivesses telefonado. Deves ter-te sentido tão sozinha depois de teres perdido os teus tios e a Rose. Ter-te-ia levado a conhecer a minha família, e eles teriam ajudado, ter-te-iam arranjado coisas para vestir e tudo o mais.

– Com o Jean-Philippe convencido de que eu tinha estado a sugar a família dele, não ia bater de chapéu na mão à porta de mais ninguém. Mas obrigada, de qualquer modo.

– Os pais do Peter disseram-me que ele os tratou muito mal no funeral. Ficaram chocados, estavam à espera de que o irmão da Rose fosse simpático e carinhoso como ela era, mas atribuíram a atitude dele ao

desgosto. Se soubessem que tinha sido tão mau para ti, penso que teriam insistido que fosses para casa deles.

– Foi mesmo muito mau – admitiu Mariette. – Tinha planeado fazer qualquer coisa para me vingar, mas a morte da Joan afastou tudo isso da minha cabeça. Agora esforço-me por não pensar nele e lembrar-me só dos bons tempos com o tio Noah, a tia Lisette e a Rose. Nem sequer consegui contar aos meus pais como ele me tratou, teriam ficado demasiado perturbados, porque o conheciam desde rapazinho, por isso só desejo que caia borda fora lá do navio dele e tenha uma morte lenta e fria.

Edwin riu.

– Não está em navio nenhum, trabalha a uma secretária no Almirantado. Investiguei-o. Mas talvez possamos esperar que uma bomba lhe acerte em cheio quando for a caminho de casa, uma noite.

Mariette riu. Durante algum tempo, pouco, a raiva e a sede de vingança tinham-lhe retorcido as entranhas. Mas então apercebera-se de que já não queria saber. Ela era feliz e ele não – porque se fosse nunca teria sido tão mau –, de modo que era tempo de o esquecer.

Era fácil pôr as coisas desagradáveis de lado na companhia de Edwin; era fácil estar com ele. A conversa fluía sem esforço entre os dois enquanto contavam coisas que lhes tinham acontecido no último ano, falando a respeito de amigos, da família e da maneira como a guerra os tinha afetado. Edwin reparou nas cicatrizes das pernas e a sua atitude foi de apoio, não de repulsa.

– Hão de desaparecer – disse. – Aposto que daqui a um ou dois anos já quase não se vão notar. E com uma cara bonita como a tua, quem é que vai olhar para as tuas pernas?

Tinha perdido ainda mais pessoas que lhe eram próximas do que ela.

– É terrível admitir isto, mas já quase não reajo quando um dos rapazes não regressa à base. Nenhum de nós reage – disse. – Vamos a um *pub*, bebemos uns copos à sua memória, contamos meia dúzia de histórias e pronto, volta tudo ao normal. Por vezes pergunto a mim mesmo se, quando a guerra acabar, daremos todos em maluquinhos quando a realidade das pessoas que perdemos nos atingir.

– Não consigo sequer imaginar a guerra a acabar – reconheceu Mariette. – Todos conversamos a esse respeito, cantamos «The White Cliffs of Dover»

e «When the Lights Go On Again», mas por vezes penso que nunca vai acontecer, e que eu nunca voltarei à Nova Zelândia.

– Ficarias cá, se te apaixonasses por um inglês? – perguntou ele.

A perguntou pareceu-lhe carregada de segundas intenções, mas Mariette conseguiu não rir nem corar.

– Talvez, se pudéssemos viver num sítio bonito como este. – Agitou a mão na direção das falésias que se erguiam à frente deles. – Mas acho que tentaria obrigá-lo a emigrar para a Nova Zelândia.

– Desconfio que não ias ter de te esforçar muito – disse ele, com um meio sorriso. – Vai demorar anos a reconstruir as nossas cidades. Vão ser precisas tantas casas para substituir as que se perderam nos bombardeamentos, e o racionamento vai de certeza prolongar-se por muito tempo. Já há milhares de viúvas e órfãos, e quase toda a gente perdeu alguém.

– Pelo que aprendi dos Ingleses desde que cá estou, são capazes de aguentar isso e muito mais – respondeu Mariette. – Mas é melhor despacharmo-nos, ou nunca chegaremos a Beer.

Às sete da tarde, apanharam a camioneta em Beer para regressarem a Sidmouth.

– Foi um dia maravilhoso – disse Mariette, enquanto se deixava cair no último banco.

– Foi uma surpresa ter aquecido tanto – observou Edwin. – Estás com sardas no nariz! Parece que o verão está finalmente a chegar.

Mariette limitou-se a sorrir. Fora Edwin que tornara o dia tão especial, não o calor do sol, e ela não queria que acabasse. Edwin ria com facilidade, era capaz de falar de quase qualquer assunto e não tentava impressioná-la ou ser condescendente. E era bondoso, também.

Tinha-lhe falado da namorada grávida de um dos seus amigos que fora abatido.

– Está completamente desfeita, sente que não pode voltar a casa, mas também não se aguenta sozinha – dissera, como se tivesse pensado muito no problema da rapariga. – Tenho tentado convencê-la a escrever aos pais do Bill... Ao fim e ao cabo, o bebé vai ser neto deles.

– Acho maravilhoso da tua parte tentares ajudar – respondera ela, sem conseguir lembrar-se de qualquer homem que conhecesse capaz de o fazer.

– Concordo que deve tentar os pais dele, mas não antes de falar com os dela. E também acho que vai ter de ser mais forte. Se amava o teu amigo, devia sentir-se orgulhosa por trazer na barriga o filho dele e manter a cabeça bem erguida. Encolher-se num canto, ter vergonha, só vai dar aos coscuvilheiros mais motivos para falar.

Edwin sorriu-lhe.

– Bem, isso é que é ser direta! Ou deveria dizer dura?

Mariette corou.

– Admito que acho que algumas raparigas são demasiado fracas – disse. – Mas a verdade é que tive de aprender a cuidar de mim mesma.

O passeio de Sidmouth até Beer demorara mais tempo do que tinham previsto. Uma vez lá, tinham comido peixe e batatas fritas sentados num banco voltado para o mar. Nunca peixe e batatas fritas lhe tinham sabido tão bem. Mas tinham optado por apanhar a camioneta no regresso. Era demasiado longe para fazer o caminho a pé.

Enquanto estavam sentados num muro, à espera da camioneta, Edwin perguntou-lhe se alguma vez tinha desejado não ir para Inglaterra.

Ela ponderou a questão por um instante.

– De vez em quando... Sobretudo quando me sinto muito sozinha, e penso nas pessoas que perdi. Mas acho que ter vindo para Inglaterra me fez muito bem. Não sou tão egoísta como costumava ser, e tornei-me mais tolerante e compreensiva. Pelo menos, é o que eu acho. Só alguém que me tivesse conhecido antes poderia confirmá-lo.

– Há mais alguma coisa que gostasses de fazer antes de voltar para casa?

– Sim, gostaria de fazer qualquer coisa que valesse a pena.

– Como por exemplo? – perguntou ele, e arqueou uma sobrancelha.

Ela encolheu os ombros.

– A verdade é que não sei. Qualquer coisa que pudesse recordar com orgulho, quando for velhota.

Ele não riu da ideia, mas também não fez quaisquer sugestões, de modo que ela ficou bastante surpreendida quando ele voltou ao assunto, já na camioneta.

– Podias optar pela enfermagem – começou. – Ias ser boa nisso.

Ela abanou a cabeça.

– Não, não ia, ia ser uma nulidade. Dá-me vômitos ver alguém vomitar e quase desmaio se vejo sangue.

– Não acredito nisso. A tua mãe conduziu uma ambulância na última guerra.

– Como é que sabes disso?

– O Peter falou no assunto, uma vez. Na verdade, estava a falar do Noah, de ele ter sido correspondente de guerra e tudo isso, e a conversa acabou por derivar para o teu pai. O Peter disse que o Noah o venerava. Um herói condecorado com a Croix de Guerre, e tudo o mais. E então disse que a tua mãe também tinha estado em França. Portanto vens de uma família de gente corajosa.

Mariette riu.

– Mas não sou de certeza suficientemente corajosa para lidar com ferimentos de guerra – disse. – Pôr um penso num joelho arranhado é o mais longe que vou. Mas é curioso teres dito aquilo de o tio Noah venerar o meu pai como herói. Eu também senti o mesmo. Na realidade, desconfio que há uma grande história por detrás da maneira como os dois se conheceram, e tenho quase a certeza de que a minha mãe e a tia Lisette estiveram bem no meio dela. Talvez, se eu conseguisse fazer uma coisa verdadeiramente boa de que os meus pais se orgulhassem, um dia eles me contassem tudo.

– Se fosses minha filha, estaria mais do que orgulhoso da força e coragem que tens tido – declarou Edwin.

– Tudo o que fiz foi lidar com as coisas que me aconteceram. Não chamo a isso ser corajosa, é só uma questão de sobrevivência.

– Não estou de acordo – disse ele e, passando-lhe um braço pelos ombros, puxou-a para si. – Uma coisa verdadeiramente corajosa seria deixares-me beijar-te na camioneta para Sidmouth.

Mariette riu. Não havia mais de seis pessoas na camioneta e eles estavam sentados no último banco, ninguém os veria, de qualquer modo.

– Hoje estou a sentir-me excecionalmente corajosa – disse, e voltou a cara para ele.

O beijo foi perfeito. Não demasiado hesitante, mas também não demasiado ousado. A língua dele tocou-lhe os lábios entreabertos apenas o suficiente para despertar todos os terminais nervosos. E a maneira como ele a abraçava, como se fosse algo precioso, fê-la sentir-se maravilhosamente bem.

– Hum – disse ela, quando por fim se afastaram. – Não tive medo nenhum.

– Talvez tivesses, se soubesses o que se estava a passar na minha cabeça – respondeu ele, e roçou a cara na dela. – Posso dizer-te uma coisa?

– Diz.

– Bem, naquela noite, no Café de Paris, fiquei mesmo embeijado por ti. Se aquela bomba não tivesse caído, ter-te-ia infernizado a vida a uivar debaixo da tua janela todas as noites.

– Eu ter-te-ia despejado um balde de água em cima. – Mariette riu. – Mas é uma coisa bonita, e eu também fiquei bastante embeijada por ti. É uma pena não podermos fazer o tempo voltar para trás e festejar os meus vinte e um anos noutro lugar qualquer.

– A tragédia daquela noite não tem de impedir-nos de começar outra vez, pois não?

– Não, não tem – concordou ela. – E tenho a certeza de que se a Rose e o Peter estiverem a olhar para nós neste momento, hão de estar a aplaudir.

Ele voltou a beijá-la e, dessa vez, todo o corpo de Mariette pareceu fundir-se no dele.

Queria que aquele beijo nunca mais acabasse.

Cambaleavam como se estivessem embriagados quando se apearam da camioneta, com as faces coradas e os lábios inchados de tantos beijos. Sentiam-se como se flutuassem numa espécie de bolha que impedia o mundo exterior de lhes tocar.

– E agora? – disse Edwin. – Vou voltar para Bristol na segunda-feira, tu trabalhas durante o dia e eu tenho reuniões e outras coisas. Nem sequer sei dizer quando poderei voltar a ver-te depois deste fim de semana.

– Vamos ao *pub*, e tenho a certeza de que a Sybil vai ter pena de nós e dar-me algum tempo livre no fim de semana. Quanto ao futuro, vamos ter de esperar para ver o que acontece.

Ele tomou-a nos braços e apertou-a com força contra o peito.

– Ainda bem que um de nós tem os pés assentes na terra. Mas suponho que tenho medo de voltar a perder-te.

– Foi a sorte que nos juntou. Acreditemos que estava destinado a acontecer – disse ela.

– Olha para a cara dele – sussurrou Sybil ao ouvido de Mariette, mais tarde nessa noite.

O *pub* estava cheio de gente e não tinham um momento de descanso. Edwin estava sentado num banco alto na ponta do balcão, a olhar para o vazio. Mariette sentiu que o estômago lhe dava uma pequena volta: era tão bonito! Via as pestanas escuras como pequenos leques a sombrearem-lhe as faces, e os lábios cheios que havia tão pouco tempo a tinham beijado.

– Não está bêbedo, só bebeu duas canecas – continuou Sybil. – Está a sonhar contigo.

– Não sejas tola – riu Mariette. – O mais certo é estar a pensar em voar, ou em carros de desporto.

– Não, só há uma coisa capaz de fazer um homem sentar-se calado a um balcão daquela maneira, e é uma mulher. Estive a observá-lo, a maneira como olha para ti, todo ansioso e esperançado. Confia em mim, tenho anos de experiência a estudar homens. Era capaz de escrever um livro a respeito das minhas descobertas.

– Bem, seria agradável se estivesse a pensar em mim – admitiu Mariette. – Gosto muito dele. Mas não vai ser fácil vê-lo, estando colocado em Bristol.

– Nunca é fácil para os namorados em tempo de guerra – disse Sybil, pensativa. – Conheci o Ted quando ele veio a casa de licença, na última. Apaixonámo-nos à primeira vista, mas então ele foi gaseado. Escreveu-me do hospital, em França, a dizer-me que o esquecesse, que não servia para mim. Como se uma pessoa pudesse esquecer!

– Mas conseguiram ficar juntos – observou Mariette.

Sybil sorriu.

– Sim, mas ao princípio houve momentos difíceis. Ele sentia-se só meio homem por causa dos problemas respiratórios, que o impediam de fazer qualquer trabalho manual. Mas o amor arranja sempre maneira de ultrapassar tudo.

– Espero que sim – murmurou Mariette, a olhar para Edwin na ponta do balcão. – Espero sinceramente que sim.

Sybil espreitou para a sala de estar, nas traseiras do *pub*, onde Mariette estava a passar a ferro em cima de uma mesa.

– Está lá fora um fulano que quer falar contigo em privado. Chama-se Ollenshaw e, pelo ar, é dos Serviços Secretos.

Mariette riu. Sybil estava sempre a adivinhar o que as pessoas faziam na vida, e gostava de escolher ocupações ridículas.

– Há então um ar especial para os Serviços Secretos?

– Claro. É preciso ser incapaz de sorrir e falar de uma maneira muito classe alta, com uma voz afetada – explicou Sybil. – Queres que lhe pergunte se sabe a senha secreta, que o mande dar uma volta ou que o traga até aqui? Prometo não ficar à escuta do outro lado da porta, se escolheres a última opção.

– A última opção, embora não faça ideia do que poderá ele querer de mim – respondeu Mariette. – Mas trá-lo cá, de qualquer modo. É caso para pôr um pouco de *bâton*?

Sybil fez uma careta.

– Nem pouco mais ou menos!

Quando Sybil voltou com o homem e o apresentou, Mariette teve de fazer um esforço enorme para manter uma cara séria. Era baixo e tinha um ar muito composto com o seu fato às riscas, de chapéu de coco na mão, e tão empertigado que parecia ter-se esquecido de tirar o cabide ao vestir o casaco.

– Vou estar no bar, se precisares de mim – disse Sybil em jeito de despedida, ao mesmo tempo que fazia uma cara cómica nas costas do homem.

Mariette dobrou a manta sobre a qual estivera a engomar e ofereceu ao recém-chegado uma chávena de chá.

– Não, obrigado – disse ele, sentando-se à mesa. – Vou direito ao assunto, Miss Carrera. Julgo saber que fala fluentemente francês. É verdade?

– Bem, sim – respondeu Mariette, cuidadosa. Reparou que ele tinha uns olhos pretos e desconcertantemente pequenos, como os de um porco.

– Estaria disposta a usar essa capacidade para ajudar ao esforço de guerra?

– Como intérprete, quer dizer? Sim, claro, desde que fosse compatível com o meu emprego aqui.

– Seria mais do que apenas servir de intérprete – disse ele, a olhar fixamente para ela.

Mariette sabia que Sybil estivera a brincar ao dizer que ele pertencia aos Serviços Secretos. Mas, por espantoso que parecesse, era de facto essa a impressão que dava. Isto podia ser intrigante, mas não gostava da maneira como estava a ser escrutinada, nem do facto de ele ter aparecido ali como que caído do céu.

– Antes de irmos mais longe, gostaria de saber quem o informou de que falo francês e o que é que isso pode interessar seja a quem for.

Ollenshaw encolheu os ombros e tentou esboçar um sorriso. Mas os seus lábios mal se mexeram, mostrando apenas um fugaz vislumbre dos dentes.

– O meu departamento tem ouvidos em muitas portas, Miss Carrera. No seu caso, um comentário casual feito a seu respeito chegou até nós. Por isso investigámo-la.

– Está a dizer que andaram a meter o nariz na minha vida sem que eu soubesse? – exclamou ela, indignada.

– Em tempo de guerra, precisamos de utilizar pessoas com determinadas capacidades – respondeu ele, num tom seco. – Mas como é óbvio, no interesse da segurança nacional, temos de investigar a fundo o passado dessas pessoas. O nosso interesse inicial em si teve a ver com o facto de ser bilingue, mas então descobrimos que tem também experiência de velejar.

– Velejar! Que interesse é que isso pode ter para vocês?

– Muitas vezes, a única maneira de tirar um dos nossos de França é usar um pequeno barco.

Mariette tinha acreditado nele até àquela altura. Mas com certeza nenhum agente do governo se poria a falar de tirar pessoas de França num primeiro encontro, pois não? Teria sido mandado por algum cliente do *pub*? Alinhar no jogo pareceu-lhe ser a melhor ideia.

– Quando diz pequeno, em que é que está a pensar? Um barco à vela ou a remos? – perguntou.

Ollenshaw assentiu com a cabeça.

Mariette desatou a rir.

– Para atravessar o Canal? Está a brincar comigo!

– Claro que não esperamos que alguém atravessasse o Canal num bote. Só até um barco maior, que esteja perto.

Mariette olhou desdenhosamente para aquele homenzinho, que parecia incapaz de manobrar sequer um barco a pedais.

– Quem foi que o mandou? Isto é uma brincadeira, não é?

– Miss Carrera, pareço-lhe o género de homem que prega partidas às pessoas?

Não, não parecia. E, por mais que se esforçasse, não lhe ocorria ninguém que conhecesse que fosse capaz de descobrir alguém como Ollenshaw para montar aquela charada.

– Nesse caso é melhor dizer-me qualquer coisa que me convença de que está a falar a sério.

Ele deixou escapar um fundo suspiro, como se estivesse a lidar com uma atrasada mental.

– Deixe-me explicar porque foi que vim falar consigo, Miss Carrera: os meus superiores estão convencidos de que é o género de jovem de que precisamos desesperadamente para certas missões especiais – disse. – Despertou o nosso interesse há já algum tempo, quando trabalhava como secretária para um tal Mr. Greville, em Londres. Esteve presente num jantar com um oficial superior do exército britânico e serviu de intérprete a outro comensal, um oficial reformado do exército francês. É verdade o que digo?

Mariette soube então que aquele homem devia ser o que dizia, pois nunca falara a ninguém do jantar com o oficial francês.

– Sim, é verdade. Acompanhei muitas vezes Mr. Greville em reuniões com pessoas que podiam fazer-lhe encomendas de uniformes.

– Pois bem, deixou muito boa impressão. Foi tomada uma nota a seu respeito. Desde então, temo-la mantido sob observação.

– Não gosto do som dessas palavras – exclamou ela. – Faz-me arrepios.

Ele encolheu os ombros.

– Talvez seja um sinal dos tempos. Seja como for, tudo o que nos chegou a seu respeito foi bom. Sabemos como se portou durante o Blitz, a ajuda que deu a terceiros apesar da sua enorme perda pessoal. Também conhecemos a história da sua família. O seu pai foi condecorado com a Croix de Guerre na última guerra e a sua mãe serviu o país conduzindo ambulâncias em França. É pouco provável que a filha de duas pessoas assim seja uma cobarde. Isto foi-nos confirmado quando soubemos da

maneira como rastejou por um buraco para fora de um abrigo bombardeado, sem consideração pela sua própria segurança, com o objetivo de conseguir ajuda para os que tinham ficado lá encurralados. No todo, temos uma imagem de uma jovem corajosa, desembaraçada e com bom coração.

Mariette corou, embaraçada e também um pouco indignada por alguém ter estado a vigiar todos os seus movimentos. Por outro lado, era agradável ser retratada a um luz tão lisonjeira.

– Limitei-me a fazer o que precisava de ser feito, não teve nada a ver com heroísmos – disse. – Mas apesar de ter aprendido a velejar ainda criança, na Nova Zelândia, e seja capaz de manobrar muitos tipos de barcos, já vi como aqui o mar pode ser perigoso, e não posso afirmar que tenho esse género de experiência. Provavelmente não teria qualquer utilidade para aquilo que pretendem.

Ollenshaw agitou uma mão, como que a descartar a objeção.

– Só vim aqui hoje para saber se está ou não recetiva à ideia. Como é óbvio, teria de haver uma entrevista mais formal. E então, se passasse essa fase, seguir-se-ia um período de treino.

– Treino! Não vou largar o meu emprego aqui.

Ele abanou a cabeça.

– Ninguém está a pedir-lhe que o faça. Do que estamos a falar é de missões especiais, um par de dias de vez em quando. Não estaria completamente sozinha em nenhuma delas. E voltaria para aqui e continuaria a fazer o seu trabalho, como se tivesse ido apenas visitar um parente.

Mariette estava demasiado ocupada a pensar no que ele dissera para fazer qualquer comentário.

– Neste ponto devo, no entanto, deixar bem claro que é essencial que não fale a ninguém desta conversa. Nem sequer aos seus entes queridos, amigos ou patrões.

Mariette engoliu em seco. Tudo aquilo parecia muito sério e assustador, mas ela afirmara que queria fazer qualquer coisa de útil, e talvez estivesse ali a sua oportunidade.

– Certo. Ok, sim, estou interessada. Bem, pelo menos o suficiente para saber um pouco mais.

– Nesse caso, alguém entrará em contacto consigo muito em breve – disse Ollenshaw e, pegando no chapéu que pousara em cima da mesa, saiu pela

porta que dava para o bar, deixando-a boquiaberta de espanto.

Mariette mal queria acreditar que acabava de ter aquela conversa. Achava muito estranho os Serviços Secretos – ou fosse lá quem fosse que fazia os planos de resgate – escolherem alguém como ela, que nem sequer era inglesa. Dirigiu-se ao bar, onde Sybil estava a limpar copos.

Sybil voltou-se para ela.

– Então? Tenho estado para aqui a roer as unhas até ao sabugo, de curiosidade!

– Infelizmente não posso dizer-te – respondeu Mariette, com uma expressão de impotência.

– Eu não te disse que o fulano era dos Serviços Secretos? Consigo distinguir um espião à légua! – Sybil riu.

– Nem imaginas como estás perto – suspirou Mariette. – Mas, por favor, não perguntes mais nada, porque não posso mesmo dizer-te... Por muito que queira.

Sybil abriu muito os olhos de surpresa, mas levou um dedo ao nariz.

– Boca calada, o inimigo está em todo o lado – disse, usando as palavras de um cartaz espalhado por toda a vila.

Nos dias que se seguiram à visita de Ollenshaw, Mariette alternou entre o pânico e a convicção de que devia ter imaginado todo o encontro com ele. Queria tanto poder falar com alguém, ouvir uma opinião! Até que ponto seria perigoso aquele trabalho? Sabia manobrar um barco, não era isso que a assustava, mas tinha medo de apanhar um tiro. E, se estivesse a ajudar pessoas a sair de França, era exatamente isso que podia acontecer.

Era o início de junho e o tempo estava bom. Tinha a certeza de que havia por toda a Inglaterra pessoas que adorariam viver num lugar bonito e tranquilo como Sidmouth, quanto mais não fosse como antídoto para uma guerra que não parecia mais próxima do fim. O racionamento, os impostos e a escassez de quase tudo estavam a minar o modo de vida das pessoas; enquanto o consumo de alimentos baixava, o consumo de álcool e de tabaco crescia.

Como se não bastasse ouvir histórias de horror vindas de toda a Europa, do Norte de África e do Extremo Oriente, Mariette ficara horrorizada ao saber que, em março, 173 pessoas tinham morrido esmagadas na estação de

metro de Bethnal Green, quando uma mulher tropeçara e caíra nas escadas íngremes. Aqueles que entravam atrás dela tinham caído também, erguendo uma parede de morte. Preocupava-se com os irmãos, que estavam em Itália, e com os pais e Mog. E, claro, preocupava-se também com Edwin. E agora tinha mais uma coisa com que se preocupar. Aceitar levar a cabo aquelas missões especiais fora talvez uma temeridade que roçava a loucura.

No entanto, fosse ou não uma temeridade, era excitante. Não só por ser agradável pensar que alguém ficara impressionado com ela. Ou por sempre ter querido fazer qualquer coisa útil e corajosa, para poder regressar a casa sabendo que tinha dado o seu contributo.

Mas também por causa de Edwin.

Se tivesse sido abordada um par de anos antes, quando o conhecera, teria recusado a proposta sem hesitar, porque queria tanto estar com ele que nunca arriscaria não estar disponível nas raras ocasiões em que tinha licença. Desde que se tinham encontrado naquele dia, na loja de chá, só se tinham voltado a ver cerca de uma dúzia de vezes.

Era igual para todas as esposas e namoradas com homens nas forças. No entanto, Mariette tinha mais sorte do que a maioria delas, porque a base de Edwin era em Inglaterra. Podiam falar ao telefone e eram-lhe concedidas licenças com regularidade – mesmo que fosse apenas por vinte e quatro horas.

Se ele conseguia deslocar-se a Sidmouth, num sábado à noite, iam os dois dançar, e depois sentavam-se à beira-mar, ao luar, a beijarem-se e a conversar durante horas. Tinha ido ter com ele a Bristol um par de vezes, mas nenhuma das ocasiões fora um grande êxito, porque a pensão era feia e sombria, e chovera sem parar, de modo que tinham tido de se refugiar em casas de chá e *pubs*. Mas então a esquadrilha dele tinha sido transferida para uma base em East Anglia, e tornara-se ainda mais difícil vê-lo.

A mudança trouxera um novo perigo para Edwin. Tinha perdido dúzias de amigos pilotos na Batalha de Inglaterra, quando estava colocado em Biggin Hill, no Kent. Quando mudara para Bristol, perdera mais. Agora, porém, estava a participar nos gigantescos ataques aéreos contra a Alemanha, e embora se esforçasse por desdramatizar, comportando-se como se não fosse grande coisa, todas as noites eram abatidos numerosos pilotos aliados.

Mariette esforçava-se muito por não pensar na possibilidade de Edwin ser uma das baixas, e nunca falava dos seus receios nas cartas que lhe escrevia

ou pelo telefone, mas à noite, mal apagava a luz, o medo retorcia-lhe as entranhas. Perdera Gerald, uma coisa com que nunca contara, e achava que não conseguiria aguentar se perdesse também Edwin.

Amava-o muito, e queria vê-lo mais vezes, de modo que sugeriu que se encontrassem em Londres, a meio da distância que os separava. Mas ele dizia sempre que tinha medo que fosse apanhada num ataque aéreo e que preferia sabê-la a salvo, em Sidmouth.

Então, havia algumas semanas, assim sem mais, Sybil perguntou-lhe se casaria com Edwin, se ele lho pedisse. Respondeu que sim sem a mais pequena hesitação, disse até que deixaria Sidmouth e todos os amigos que lá tinha feito e iria viver para East Anglia para estar mais perto dele. Sybil perguntou-lhe então por que razão Edwin não a apresentara aos pais.

Talvez por os seus próprios pais estarem no outro lado do mundo, Mariette nem sequer achava estranho que Edwin não a tivesse levado a conhecer os dele. Mas, a partir do momento em que lhe foi chamada a atenção para o assunto, deu por si a examinar mais atentamente a relação entre os dois.

Em primeiro lugar, apercebeu-se de que enquanto ela tecia pequenos sonhos a respeito de os dois irem juntos para a Nova Zelândia quando a guerra acabasse, na realidade ele nunca dissera nada a respeito de partilharem um futuro juntos.

Dissera que a amava inúmeras vezes. Eram os melhores amigos, riam das mesmas coisas, e parecia nunca haver tempo para tudo o que tinham para contar um ao outro. Mas ele nunca dissera que queria casar com ela, e não se tinham tornado amantes.

Mesmo tendo em conta que seria cautelosa a respeito de fazerem amor, por receio de engravidar e depois ele morrer, sempre pensara que a principal razão para não se terem tornado amantes fora a falta de oportunidade.

Sybil não os autorizava a partilhar um quarto quando Edwin ficava no *pub* – nem sequer os deixava sozinhos por muito tempo na sala de estar. Mas Mariette sempre pensara que Edwin nunca tentara nada com ela no carro ou num campo, ou sugerira que fossem para um hotel, por respeito para com ela e por convicção de que o sexo antes do casamento era uma coisa errada. E gostava disso nele, fazia-a sentir-se segura e apreciada.

Durante todo aquele tempo, estando apaixonada por aquele homem e convencida de que ele sentia o mesmo por ela, sempre pensara que o

casamento e os filhos viriam a seu tempo. Mas era agora obrigada a recuar um passo e considerar a possibilidade de não ser assim.

Depois de Sybil ter levantado a questão, não conseguia deixar de pensar naquilo. Por isso estava contente com a proposta de Ollenshaw, que lhe serviria de distração. Disse a si mesma que da próxima vez que Edwin tivesse licença, sugeriria que a levasse a conhecer os pais, e então veria como reagia ele à sugestão.

Uma semana mais tarde, Mariette recebeu um telefonema a pedir-lhe que se apresentasse numa morada na marginal de Sidmouth, nessa mesma tarde. Ficou surpreendida por a reunião secreta não ser marcada para Londres, mas muito contente por ir em breve saber mais a respeito do que se esperava dela.

Estava um dia de muito calor, e quando Mariette saiu do hotel requisitado, duas horas depois de ter entrado no edifício, olhou saudosamente para o mar e desejou poder dar um mergulho. Mas isso não era possível, com a praia minada e as barreiras de arame-farpado erguidas para manter as pessoas à distância. Como pobre compensação, optou por sentar-se num banco e olhar para a água enquanto tentava arrumar na cabeça os acontecimentos da tarde.

A primeira hora tinha sido passada a falar francês com uma mulher de cabelos cinzento-ferro e ar muito severo que lhe fora apresentada como Miss Salmon. Tivera de presumir que era francesa, mas a mulher nada revelou de si mesma durante a conversa. Disparara uma série ininterrupta de perguntas a respeito de tudo e mais alguma coisa, desde primeiros socorros ao cultivo de legumes, passando pelo cinema e outros tópicos muitas vezes bizarros, pedindo-lhe que respondesse e fizesse perguntas por sua vez, como se estivessem a ter uma conversa normal.

Mariette tropeçou um pouco, ao princípio. Mas depois de entrar no ritmo e ganhar confiança, descobriu que só de longe em longe havia uma palavra francesa que lhe escapava. Mas tal como faria em inglês, simplesmente abanava a cabeça e admitia em francês que não lhe ocorria a palavra certa.

A segunda hora foi passada com um homem chamado Fothergill, um sujeito de meia-idade, robusto e com um olhos escuros penetrantes que pareciam trespassá-la. Começou por interrogá-la a respeito de como fora

crescer na Nova Zelândia, e então passou para perguntas sobre a sua vida em Inglaterra e mais especificamente sobre as suas experiências durante a guerra.

Quando acabara o interrogatório, disse que ela lhe parecia ideal, e então chamou Miss Salmon para se lhes juntar. A mulher foi toda sorrisos – uma coisa de que, uma hora antes, nunca Mariette a teria julgado capaz.

– O seu francês é excelente – disse. – Gosto que fale com o sotaque de Marselha, podemos incluir isso na identidade que vamos construir para si. Quando a mandarmos para França, estará a representar um papel, e terá de acreditar totalmente na sua personagem para evitar deslizos. Por muito prestável ou bondoso que alguém pareça, nunca, mas nunca, poderá ceder à tentação de revelar quem na verdade é e o que está a fazer, pois essa pessoa poderá ser um informador. Dar-lhe-emos o nome da pessoa que será o seu contacto, mas nem a ela dará qualquer informação de carácter pessoal. Se algum membro da cadeia for apanhado, quanto menos souber a respeito dos camaradas melhor.

Mariette perguntou-se se aquilo queria dizer que os Alemães recorreriam à tortura para descobrir quem ela era, e o pensamento gelou-lhe o sangue nas veias.

– Têm consciência de que nunca estive em França e não sei nada a respeito do país? – disse, a olhar de um para o outro, meio na esperança de que a declarassem inútil para os objetivos pretendidos.

– Não precisa de conhecer a França – respondeu Fothergill. – Vai entrar e sair muito rapidamente, e fornecer-lhe-emos uma história adequada.

E como se ela não estivesse já a sentir-se suficientemente assustada, o homem deixou cair uma última bomba:

– Vai precisar de aprender defesa pessoal. Dado o género de situações em que se vai encontrar, uma arma de fogo não serviria de nada. Uma faca é muito melhor, fácil de esconder e silenciosa. Na segunda-feira à tarde, às duas e meia, venha cá e será levada a uma sessão de treino aqui perto. Tem alguma pergunta?

Sentada no banco voltado para o mar e a pensar no que lhe tinha sido dito, Mariette sentiu o coração bater-lhe com mais força no peito. O mar estava muito azul naquele dia, a refletir o céu, e calmo como um lago. À sua volta, havia pessoas a saborear o tempo e a vista. Cheirava a algodão-doce e a peixe e batatas fritas e ouvia-se uma musiquinha vinda de algures

ali perto; e no entanto, acabavam de dizer-lhe que ia aprender a usar uma faca. Como é que dera o salto de empregada de bar para possível assassina num curto par de horas?

Era fácil esquecer, ali em Sidmouth, que uma guerra selvagem assolava metade do mundo. Se não fosse o arame-farpado na praia, e o número invulgar de homens e mulheres de uniforme, poder-se-ia dizer que a guerra não tocara Sidmouth. Que ela soubesse, nem uma única bomba tinha caído ali. Como era estranho que no hotel atrás dela entrevistassem pessoas para trabalhos que seriam impensáveis em tempo de paz.

Quando Mr. Fothergill lhe perguntara se tinha alguma pergunta a fazer, não lhe ocorrera uma única. Naquele instante, porém, elas enchiam-lhe a cabeça, em catadupa. Seria fuzilada, se fosse apanhada pelos Alemães, ou mandada para uma prisão? Quem informaria os pais, se fosse capturada ou ficasse gravemente ferida em França? Com que frequência teria de fazer aquelas curtas viagens ao continente? E como iria explicar a Sybil que precisava de tempo de folga sem lhe dizer para quê?

Não poder dizer a ninguém era pior do que a perspectiva de aprender a matar com uma faca, ou ser capturada pela Gestapo. Como podia tomar uma decisão a respeito de aceitar ou não levar a cabo aquelas missões sem discutir o assunto com alguém que gostasse dela?

– Espete-a como se a sua vida dependesse disso, porque vai mesmo depender – gritou-lhe o instrutor de defesa pessoal, que Mariette conhecia apenas como PJ.

Tinha encontrado PJ no hotel da marginal às duas e meia, como combinado, e ele levava-a, ambos de bicicleta, até uma quinta a cerca de dois quilómetros de Sidmouth.

O tempo estava quente e húmido, como se estivesse a preparar-se uma trovoadas, e ela tivera de suar para acompanhar PJ na sua bicicleta. PJ tinha passado havia muito os cinquenta e era um homem baixo, careca, musculado e com uma cicatriz medonha que lhe descia ao longo do pescoço. Mariette calculou que devia tê-la arranjado na Grande Guerra, mas a única coisa que ele lhe disse a respeito de si mesmo foi que era instrutor. Passou a primeira hora com ele a correr e a saltar por cima de obstáculos, e a trepar por uma corda. PJ parecera satisfeito com a agilidade dela, mas

disse-lhe que devia praticar corrida durante uma hora todos os dias, para ganhar resistência.

Então, quando já pensava que ia morrer de calor e cansaço, começou a lição de defesa pessoal, com ele a mostrar-lhe como derrubar alguém que a agarrasse.

Ao princípio, foi um desastre – Mariette não percebia como podia uma rapariga que pesava pouco mais de cinquenta quilos defender-se contra um homem mais alto, mais forte e mais pesado –, mas, ao cabo de várias tentativas, apanhou-lhe o jeito e conseguiu atirá-lo ao chão.

Ele ficou ali estendido por um minuto, a sorrir-lhe.

– Bem feito. Mas o que vai precisar de ter sempre presente é que o que lhe ensinei só é útil contra alguém que tencione roubá-la ou molestá-la de alguma maneira. A sua reação surpreenderá o atacante e o mais provável é que opte por fugir. Mas em França enfrentará um soldado, que não terá o mais pequeno escrúpulo em matá-la. Derrubá-lo dar-lhe-á alguns segundos vitais para sacar a sua faca e usá-la. E com isto quero dizer matá-lo.

Riu da expressão horrorizada dela e levantou-se de um salto.

– Não pode deixá-lo vivo para a identificar, ou dar o alarme. É você ou ele. Matar ou ser morto. Tenha isto sempre presente. A sua faca será a sua melhor amiga, a única coisa capaz de salvar-lhe a vida. Tem de aprender a confiar nela, em vez de receá-la.

PJ tinha sacos cheios de palha, envoltos numa lona grossa e com a forma aproximada de um corpo humano, para ela treinar. Sentiu náuseas quando ele lhe mostrou como aproximar-se por detrás da vítima, passar-lhe o braço esquerdo pelo pescoço para a imobilizar e cortar-lhe o pescoço com a mão direita. E obrigou-a a passar a faca pelo pescoço do homem de palha várias vezes até ficar convencido de que ela sabia a quantidade de força necessária para seccionar a traqueia.

– Na realidade, é uma coisa bastante suja – disse, com a autoridade de quem já tinha cortado muitos pescoços. – Mas é eficaz, rápido e silencioso. No entanto, é muito mais provável que se encontre face a face com o inimigo, por isso mantenha a faca escondida, para o convencer de que não é uma ameaça. Sendo uma mulher atraente, talvez tenha a sorte de conseguir afastar suspeitas com conversa e evitar a captura. Mas se sentir que não vai resultar, terá de tentar aproximar-se o suficiente para lhe dar uma joelhada nos testículos de modo a incapacitá-lo, e então apunhalá-lo no coração. Ou,

como é muitas vezes mais fácil de fazer, apunhalá-lo no flanco, empurrando a lâmina para cima. Não se esqueça de retirar a faca. Ele morrerá mais depressa, e poderá voltar a precisar dela.

Mariette perguntou-se como conseguia PJ dormir à noite, depois de ensinar semelhantes coisas às pessoas. Ele obrigou-a a atacar tantas vezes o homem de palha que a cobertura de lona estava feita em farrapos quando lhe disse que já chegava para o primeiro dia.

– Teremos outra sessão depois de amanhã – informou-a. – Não foi mau, mas ainda tem um longo caminho a percorrer. Não se esqueça da corrida. Recomendo-lhe a subida da falésia; quanto mais resistente e rápida for, mais segura estará em França.

Julho chegou ao fim e começou agosto. Foram dias longos e quentes, em que Mariette se levantava cedo para subir em corrida o trilho das falésias. Ao princípio foi muito duro, mas não tardou que comesse a achar aquelas corridas matinais revigorantes. Em vez de ficar cansada, descobria que tinha mais energia. Continuou a treinar com PJ duas vezes por semana. E se Sybil perguntou a si mesma o que fazia ela naquelas tardes e manhãs em que chegava a casa suada e cheia de calor, nunca disse nada.

Edwin, em contrapartida, notou uma mudança nela quando apareceu para passar um fim de semana, em meados de agosto.

– Estás diferente – disse, mal a viu. Estava a olhar fixamente para ela, como que a tentar perceber o que tinha mudado.

Mariette sabia que tinha ganhado músculos durante os treinos; os seus bíceps estavam duros, o ventre firme e liso como uma tábua. Mas julgara que ele não repararia.

– É só do bronzado – disse. – Faz sempre as pessoas parecerem diferentes.

– Não, é mais do que isso. Estás mais magra, mas tens uma espécie de brilho. Tens andado a jogar ténis?

– Não, tenho andado a correr. Tenho saudades de nadar e velejar, e como estava a ficar flácida, resolvi começar a correr, para me manter em forma.

– Não estás a planear correr para longe de mim, pois não? – disse ele, em tom de brincadeira.

– Nem que tivesse uma alcateia de lobos colada aos calcanhares – respondeu ela, passando-lhe os braços pelo pescoço e beijando-o.

Nessa noite, depois do fecho do *pub*, passearam pela marginal, às escuras. O som das pequenas ondas a desfazerem-se na praia de seixos era calmante, depois da balbúrdia do bar.

– Este é o som com que cresci – disse Mariette. – Ficava deitada na cama nas noites de tempestade, a ouvir as ondas rebentarem na areia, mas de manhã era apenas um ligeiro marulhar.

– Tens muitas saudade de casa?

– Tantas que daria tudo para ver a minha família e ir nadar e andar de barco. Mas nesse caso não poderia estar contigo.

– Isso quer dizer que sou importante para ti?

– Tu sabes que és – disse ela, e deu-lhe um leve murro no braço. – Por falar de coisas importantes, não será altura de eu conhecer os teus pais?

– B-bem... n-não pen-pensei que quisesses... – gaguejou ele.

– Claro que quero. Porque não havia de querer?

Estava demasiado escuro para lhe ver a expressão, mas Mariette adivinhou pela hesitação dele que estava à procura de uma resposta adequada.

– São um pouco emproados – acabou por dizer. – Antiquados, conservadores empedernidos.

– E depois? Estás a dizer que não me aprovariam? Porque não? Não sou nenhum bicho estranho, como com garfo e faca, digo por favor e obrigada.

– Não tens nada de errado – disse ele, um tudo-nada demasiado depressa.

– Ouve, esqueçamos os meus pais, não quero saber do que eles pensam. Amo-te, quero casar contigo e irei de boa vontade para a Nova Zelândia, se for isso que quiseres, quando a guerra acabar.

Embora fosse bom ouvi-lo declarar o seu amor por ela e as suas esperanças num futuro juntos, não gostava da ideia de a família dele a menosprezar.

– Diz qualquer coisa! – exclamou Edwin. – Acabo de dizer que quero casar contigo.

– Foi muito bom ouvir-te dizê-lo. Mas nunca poderia casar com um homem sem saber tudo a respeito dele, de modo que vou ter de conhecer os teus pais antes de aceitar – disse ela. – Mas não falemos agora nisso. É melhor esperarmos até ao fim da guerra, e ver então o que sentimos.

O que na verdade queria dizer era se ainda estivessem ambos vivos. Mas isso era uma coisa terrível para se dizer.

Sybil e Ted foram para a cama depois de fecharem o *pub* e, por uma vez, deixaram Mariette e Edwin sozinhos na sala de estar.

– Enfim sós! – exclamou Edwin, abraçando-a no sofá. – Ou isso faz-te sentir nervosa?

– Não. Porque havia de fazer? – perguntou ela.

– Pensei que talvez receasses que eu te empurrasse para qualquer coisa que não quisesses fazer.

Durante um ou dois segundos, ela não percebeu aonde estava ele a querer chegar. Mas então compreendeu que se referia a fazer amor.

– Isso é a coisa mais pateta que alguma vez ouvi – disse, indignada. – Claro que não tenho medo. Na realidade, gostaria muito de fazer amor contigo... desde que tomássemos precauções, para eu não engravidar.

Ele fez um ar chocado.

– És surpreendentemente direta – disse. – Trata-se de uma característica da Nova Zelândia? Julgo que nenhuma rapariga inglesa diria uma coisa dessas.

Depois da sugestão de que os pais não aprovariam uma ligação com ela, Mariette não gostou do facto de ele parecer estar a insinuar que as raparigas das colónias eram grosseiras. E gostou ainda menos de ele achar que tinha de discutir se iam ou não fazer amor.

Quanto a ela, a maneira correta de lidar com a situação era beijar e acariciar, e deixar que a paixão assumisse o comando.

– Não vejo a vantagem de falsos recatos. Para ser franca, acho o hábito que as classes superiores inglesas têm de se esconderem atrás de eufemismos um pouco patético – disse, venenosa. – Mas é tarde, estou cansada, de modo que vou para a cama.

Com esta, levantou-se do sofá e saiu da sala.

Já na cama, e ao ouvir Edwin ir em bicos de pés da casa de banho para o quarto onde estava instalado, envergonhou-se um pouco da maneira como reagira. Ele não tinha culpa de os pais serem uns *snoobs*, e também não tinha maneira de saber que ela ficara na esperança de um pouco de fogo de artifício no instante em que Sybil e Ted se tinham ido deitar.

Ainda pensou em ir, sem fazer barulho, até ao quarto dele, para o compensar. Mas porque havia de o fazer? Não fora ela que dera mostras de falta de tato.

Sabendo que Sybil ficaria zangada se a ouvisse entrar no quarto de Edwin, decidiu ficar onde estava. Edwin teria de apanhar o primeiro comboio da manhã, de qualquer modo, pelo que o melhor era deixá-lo descansar.

PJ levantou-se do chão, para onde Mariette o tinha atirado. – Um final adequado para a nossa última sessão – disse, com um sorriso rasgado.

– O treino acabou? – perguntou ela.

– Sem dúvida. Mais pronta não pode estar – respondeu ele. – Tem habilidade, resistência, velocidade e agilidade. Era o meu objetivo. Estou muito confiante que saberá defender-se, caso surja a necessidade. Foi uma boa aluna.

Mariette sorriu. PJ não era por norma pródigo em elogios.

– Quando vai então o meu treino ser posto à prova? – perguntou.

– Não sei dizer. – PJ abanou a cabeça. – Tanto pode ser amanhã como daqui a dois meses. Procurá-la-ão quando precisarem de si.

Mariette olhou para ele, consternada.

– Mas tenho de avisar a Sybil e o Ted com um mínimo de antecedência, não posso deixá-los pendurados. – Por muito que desejasse partir na sua primeira missão, a ideia aterrorizava-a. – Devo dizer que acho indecente esperarem que fique de prevenção, pronta para largar tudo de um momento para o outro!

PJ sorriu da indignação dela e pousou-lhe a mão no ombro, num gesto de compreensão.

– Concordo. Mas sabe, Mari, há muitos obstáculos e dificuldades a vencer. Precisamos de uma noite sem luar para atravessar o Canal. O mar não pode estar muito agitado e a pessoa que vai ser passada ao longo da cadeia de salvamento tem de estar no lugar certo. Os percalços são muito comuns, e muitas vezes a nossa gente em França não tem outro remédio senão adiar ou cancelar um resgate. Mas, no seu lugar, ia para casa preparar a Sybil e o Ted.

– Esta noite?

– Sim, não há momento como o presente. O Ted é um antigo soldado... Se lhe disser que é uma operação clandestina, compreenderá que não pode dar-lhes quaisquer pormenores. Mas vai ter de preparar com eles uma história que explique as suas ausências, quando for chamada. Visitar um parente doente é regra geral uma boa desculpa. Desse modo, pode voltar a usar o mesmo parente mais tarde.

– Não tenho parentes em Inglaterra, mas de certeza que alguma coisa me há de ocorrer – respondeu Mariette. Estava um pouco triste por não voltar a ver PJ. Ao princípio, ele parecera-lhe um pouco duro, mas agora compreendia a razão por que tivera de levá-la até ao limite. – Suponho que só me resta dizer adeus, e agradecer-lhe por me ter treinado.

PJ lançou-lhe um dos seus olhares penetrantes, intimidantes, mas ela sabia que era apenas um dos muitos truques que usava para enervar aqueles que treinava.

– Vai sair-se bem, Mariette. É dura e desembaraçada, e foi um prazer treiná-la. Que Deus a acompanhe. E quando a guerra acabar, talvez possamos encontrar-nos e beber um copo juntos.

Na manhã de domingo, três dias depois de PJ lhe ter dito adeus, Mariette falou finalmente do assunto a Ted e Sybil. Esperara até àquele momento porque, com o *pub* fechado durante todo o dia, era a única altura da semana em que não seriam interrompidos por distrações.

– Posso ter de me ausentar por alguns dias de vez em quando – disse, de chofre. – Receio não poder explicar melhor do que isto, trata-se de trabalho secreto para o governo. Espero que não fiquem zangados, sei que vai ser um inconveniente para os dois, mas não posso evitá-lo.

Fez-se um silêncio total. Ficaram os dois a olhar para ela com expressões vazias, como se tivesse falado numa língua estrangeira.

– Por favor, digam qualquer coisa – pediu ela. Sabia que Ted era de poucas palavras, mas Sybil tinha sempre uma opinião a respeito de tudo. – Preferia que se zangassem ou dissessem que se sentem traídos a ficarem calados.

– Estamos demasiado espantados para saber o que dizer – admitiu Ted. – Nunca imaginámos.

– Bem me pareceu que havia qualquer coisa quando aquele homem cá veio, e então de repente tu começaste a correr – disse Sybil. – E a sair à tarde sem nunca dizeres para onde ias. Tinha alguma coisa a ver com isto?

– Sim. – Mariette suspirou. – Mas, por favor, não me perguntem, porque não posso dizer-vos. Tudo o que posso dizer é que é provável que seja chamada de repente, e não poderei dizer para onde vou ou o que vou fazer. Mas se vos serve de alguma consolação, daria tudo para poder contar-vos.

– Podes contar-nos, nunca passará destas quatro paredes – incitou-a Sybil, com o rosto a brilhar de expectativa.

– Basta, Sybil! – Ted olhou para a mulher com uma expressão severa. – A Mari não pode contar-nos, arranjará problemas se o fizesse. Tudo o que devemos dizer é que terá sempre um emprego e uma casa junto de nós, e que se mantenha a salvo lá para onde a mandarem.

– Obrigada, Ted. – Os olhos de Mariette encheram-se de lágrimas. Era muito raro Ted dizer mais do que meia dúzia de palavras seguidas, e emocionou-a o facto de ele ter encontrado precisamente as que ela queria ouvir. – Disseram que só estaria fora um par de dias de cada vez, e que não seria uma coisa regular. Para ser franca, estou assustada. Quase desejo que eles decidam que não sirvo para isto e cancelem o plano.

– O que é que o Edwin diz de tudo isso? – perguntou Ted.

– O Edwin não sabe, e não pode saber. Por isso, se telefonar, digam-lhe que fui ao cinema, ou qualquer coisa assim. Não quero que se preocupe comigo.

As coisas tinham estado um pouco frias desde o último encontro, quando ele dissera que queria casar com ela mas não se mostrara muito entusiasmado com a ideia de apresentá-la à família.

– Está tudo bem entre vocês os dois? – perguntou Sybil.

– Sim, tudo ótimo – disse Mariette, e pôs-se de pé. Sabia que se ficasse o dia todo no *pub* Sybil se agarraria a ela como um cão a um osso. – Vou visitar o Ian e a Sandra. Até logo.

Sempre que via Ian e Sandra, Mariette pensava em como Joan se sentiria orgulhosa dos filhos. Eram bem comportados, entusiastas, fluentes, interessados em muitas coisas diferentes e muito gratos por tudo o que as pessoas faziam por eles. Talvez muito do mérito por aquilo em que se tinham tornado coubesse a Mr. e Mrs. Harding, mas tinham o sentido de humor de Joan, e a sua generosidade de espírito.

Sandra tinha-se juntado a Ian no secundário, em setembro, e estava excitadíssima com as novas matérias que aprendia, como Ciência Doméstica e Biologia.

– Por enquanto, estamos só a aprender a fazer bolos e coisas assim – disse, com o rosto a brilhar. – Mas em breve faremos refeições inteiras. E

em Biologia estaremos a dissecar rãs não tarda nada. Imaginas-me a fazer uma coisa dessas?

Mariette teve de fazer um grande esforço para não rir. Não conseguia imaginar nada pior do que dissecar uma rã, mas era ótimo Sandra estar a gostar da escola. Ela sempre detestara.

Ian estava a aprender a tocar guitarra. Os Harding tinham-lhe comprado uma, no Natal anterior, e ele tentara aprender sozinho, com um manual. Na Páscoa, Mrs. Harding começara a ter pena dele, porque não estava a chegar a parte nenhuma com o manual e queria tanto tocar. Por isso encontrara alguém em Beer para lhe dar lições, e agora estava a progredir muito bem.

– Tia Mari, achas que posso trabalhar como guitarrista? – perguntou ele. – Quando acabar a escola, quero eu dizer. As pessoas são pagas para tocar instrumentos musicais?

– Sim, se tocarem muito bem – respondeu ela. – Por isso estuda muito, e talvez possas vir a fazer carreira como músico. Mas mesmo que não sejas muito, muito bom, não faz mal. Podes tocar só para teu próprio prazer.

Mais tarde, saiu com eles para um passeio. Apesar de estar um dia de sol, o outono chegara em força no início de outubro, como que disposto a desferrar-se pelo atraso, com ventos frios e mantos brancos de geada pela manhã, e às cinco já era noite. Ao olhar para o mar, que naquele dia parecia um lago, Mariette recordou o que PJ dissera a respeito de esperarem por uma noite sem lua. Parecia a intriga de um filme, uma romântica e arrojada incursão a França para salvar alguém, mas ela sabia que na verdade seria uma viagem longa e fria, semeada de perigos. A costa francesa devia estar bem guardada pelos Alemães, tanto por terra como por mar, e havia também a ameaça das minas.

Mas, olhando para o lado positivo, como sabia que devia fazer, quem planeava aquelas coisas devia saber que eram viáveis. Ao fim e ao cabo, não faria muito sentido enviar pessoas a França para salvar alguém se o mais provável fosse todos os envolvidos acabarem mortos.

Fosse como fosse, e apesar do perigo, estava muito excitada. Sair para um mar agitado num pequeno barco era o género de desafio que desejava. Quanto ao que teria de enfrentar em França, preocupar-se-ia com isso quando lá chegasse.

*

Na segunda-feira de manhã recebeu um telefonema a dizer-lhe que se apresentasse a Miss Salmon nessa tarde, às três e meia, no mesmo hotel à beira-mar onde tivera a primeira entrevista.

– O PJ informa-me de que está pronta – disse Miss Salmon, quando Mariette foi levada ao seu gabinete.

A mulher tinha a mesma expressão azeda que lhe vira no primeiro encontro e Mariette perguntou a si mesma se beberia vinagre para se manter assim. Com um vestido de lã castanho-escuro, sem sequer uma gola de renda ou um medalhão para aliviar a severidade, era evidente que se preocupava pouco com as aparências e estava provavelmente a torcer o nariz ao colorido do casaco verde-maçã e aos cabelos louros dela.

– Temos uma missão planeada para quarta-feira. Esteja no porto de Lyme Regis às cinco da tarde. Vista roupas adequadas, quentes e escuras, para o barco. Mas terá também de levar consigo roupa elegante, de rua, e um vestido de *cocktail*.

Mariette olhou desconfiada para a mulher mais velha. Com certeza não estava à espera que fosse socializar?

– Ora vamos – disse Miss Salmon, num tom de ligeira reprovação. – Vai ter mais de um papel a desempenhar nesta missão. Agora ouça com atenção, vou explicar-lhe os pormenores da sua personagem.

Quando, pouco depois da uma da tarde de quarta-feira, Mariette se preparava para sair pela porta lateral do *pub*, Sybil correu para ela e abraçou-a com força.

– Volta sã e salva, ouviste? – disse, com a voz a tremer de emoção. – Eu e o Ted vemos-te como família e vamos ficar em pulgas até ao teu regresso.

Mariette libertou-se dos braços de Sybil, comovida pelo afeto dela.

– São muito queridos, mas tentem não se preocupar comigo, vai correr tudo bem. Se o Edwin ligar, diz-lhe só que saí. Não lhe digas que estou com as crianças, que foi o que eu disse a toda a gente, porque ele sabe que os Harding têm telefone e pode tentar ligar para lá. Mas agora tenho de ir, ou perco o comboio.

– Querias disfarçar-te de homem? – perguntou Sybil a brincar, numa referência às calças de lã de Mariette e ao facto de ter vestido um casacão de marinheiro que fora esquecido no bar no inverno anterior. – Porque se

querias, não conseguiste. Mesmo com os cabelos presos atrás, continuas a parecer totalmente feminina.

Mariette sorriu.

– Duvido que continue a parecer com isto posto – disse, e tirou do bolso do casacão um gorro de lã preto. – Mas não vou usá-lo aqui em Sidmouth. Vou guardá-lo para quando estiver escuro.

Perguntou a si mesma o que diria Sybil se soubesse para onde, em França, a tinham mandado. Baixara o decote do vestido preto que tantas vezes usava atrás do balcão e cosera dezena de lantejoulas no corpete. Sybil teria adivinhado no mesmo instante o papel que lhe tinham pedido que desempenhasse, se a visse com o vestido modificado.

E teria ficado ainda mais preocupada.

Enquanto o comboio sacolejava na sua viagem ao longo da costa, Mariette pensou na reação emotiva de Sybil à sua partida. Também ela se afeiçoara muito aos patrões, e parecia-lhe agora estranho o facto de, quando era mais jovem, na Nova Zelândia, nunca ter criado quaisquer laços com ninguém exceto a sua família. E nem sequer com eles era particularmente afetuosa!

Tê-la-iam os anos tornado mais generosa e interessada mesmo que tivesse ficado na Nova Zelândia? Ou dever-se-ia a sua mudança de carácter à visão mais ampla da vida que adquirira em Inglaterra e às tragédias por que passara?

O medo apertava-lhe o estômago. Quando guardara na mala, juntamente com as roupas de que ia precisar na viagem, a afiada faca de ponta e mola que PJ lhe dera, sentira-se fisicamente doente, convencida de que nunca seria capaz de usá-la. Mas PJ garantira-lhe que o treino que recebera entraria automaticamente em ação em caso de perigo. Esperava que ele tivesse razão. Perguntou-se também como reagiriam os pais se soubessem em que género de aventura se ia lançar. Teriam medo por ela, claro, mas sabia que ao mesmo tempo se orgulhariam por a filha ter a coragem de arriscar a vida por outra pessoa.

A verdade, porém, era que não se sentia corajosa; seria muito capaz de saltar do comboio na estação seguinte e correr de volta à segurança do *pub*. No entanto, fosse quem fosse que ia buscar a França, apostava que naquele

preciso instante devia estar tão assustado como ela, acoitado num esconderijo qualquer, aterrorizado pela ideia de ser capturado e morto. Não podia sujeitá-lo a mais sofrimento deixando de aparecer como planeado – fazê-lo seria o mesmo que assinar a sua sentença de morte, e a de todos os outros ao longo da cadeia.

Chegou a Lyme Regis demasiado cedo para ir diretamente para o porto, de modo que resolveu sentar-se numa concorrida casa de chá para esperar. Da sua minúscula mesa no canto, podia observar toda a gente, e descobriu que, a despeito do nervoso, era uma atividade muito interessante.

No *pub*, a clientela era maioritariamente constituída por homens, e as mulheres que apareciam por lá eram pessoas vulgares – sobretudo esposas ou namoradas de clientes habituais, membros das Forças Armadas ou funcionárias dos vários organismos ligados à guerra que operavam em Sidmouth ou arredores. Era raro ver aquilo a que Sybil chamava «lá-di-dá», senhoras da classe média com estolas de pele de raposa ao pescoço e vozes altas e agudas. Essas só se encontravam nos bares dos hotéis mais finos, a beberricar *gin-tónico*.

Mas a Copper Kettle, em Lyme Regis, era claramente outro ponto de encontro para esse género de mulheres, e embora algumas pudessem estar ali de férias, à procura de fósseis – que Mariette descobrira serem uma das atrações de Lyme –, deduziu, por fragmentos de conversa ouvidos, que a maior parte residia nas redondezas.

– Pediu-me para ver o meu bilhete de identidade! – exclamou em voz alta uma mulher com um nariz romano e uma pena comprida e sarapintada espetada no chapéu. – Como se não me conhecesse! O descaramento! Foi criada em casa da minha irmã antes da guerra, mas agora que trabalha como rececionista no Bellevue, julga-se membro da realeza.

Uma a uma, as amigas da senhora do chapéu empenachado contaram as suas histórias de criados ingratos, e Mariette sorriu para si mesma. A maré tinha virado para aquelas mulheres. Já não conseguiam arranjar criadas, porque ninguém queria cair sob o jugo da servidão doméstica quando podia ganhar muito mais a trabalhar nas fábricas, e sem restrições impostas às suas vidas privadas. Sem as suas criadas e governantas, aquelas mulheres davam por si exatamente no mesmo barco que as vulgares classes trabalhadoras, tão sujeitas a serem bombardeadas como qualquer outra pessoa e a subsistirem com as mesmas rações. Muitas delas, que viviam em

mansões grandes e antigas, esforçavam-se por manter as suas casas de pé, porque todos os operários que em tempos se encarregavam dos trabalhos de manutenção tinham sido chamados às fileiras.

Mariette não tinha grande pena delas. Estava convencida de que as criadas talvez não as tivessem abandonado se as tratassem bem e lhes dessem o devido valor. Além disso, desprezava a maneira como lidavam com aqueles que consideravam seus inferiores. Esperava que a guerra pusesse fim ao snobismo de classe, mas na verdade não acreditava muito que isso acontecesse.

Pouco depois das cinco, dirigiu-se ao cais. Era já noite escura, e fazia muito frio, mas, felizmente, havia pouco vento. Apontava a luz da lanterna para o chão, a escorregar nas pedras molhadas. As suas instruções eram esperar junto do salva-vidas com um lenço branco na mão. O mestre do barco abordá-la-ia.

Enfiou o gorro de lã na cabeça, puxando-o para baixo até tapar as orelhas. Não apenas para se manter quente; com os cabelos cobertos, seria tomada por um homem e não levantaria suspeitas.

– Élise?

A voz rouca nas suas costas sobressaltou-a, e por um instante esqueceu que devia chamar-se Élise Baudin.

Rodou sobre os calcanhares e viu um homem baixo e atarracado, com uma espessa barba negra, mas estava demasiado escuro para distinguir mais pormenores.

– *Bonsoir, je suis Élise. Armand?*

Ele assentiu com a cabeça.

– Tudo bem, pode falar inglês. Venha comigo.

Caminhou à frente dela pela praia de seixos e não voltou a dizer uma palavra até chegarem junto de um barco a remos puxado até meio para fora de água. Pegou na mala, atirou-a para dentro do barco e disse-lhe que subisse também. Empurrou o barco para a água, saltou para bordo e empunhou os remos.

Remou depressa e com tanta suavidade que mal se ouvia um som, o que recordou a Mariette a maneira como o pai remava; os remos pareciam fazer

parte dele, como se fossem uma extensão dos seus braços. Aquela simples similaridade foi o bastante para lhe acalmar um pouco os medos.

Armand chegou a um barco de pesca ancorado, agarrou a escada que pendia do costado para manter o bote estável e disse a Mariette que subisse à frente. Enquanto ela trepava, outro homem apareceu no convés e estendeu-lhe uma mão para a ajudar.

Minutos mais tarde, o barco de pesca saía do porto. O segundo homem, que se apresentou como Henri, entregou a Mariette um fato de oleado e disse-lhe que o vestisse. À luz de um candeeiro a petróleo no porão, Mariette viu que ambos os homens tinham pelo menos cinquenta anos, senão mesmo bastante mais. Eram ambos ingleses e, como ela, tinham recebido nomes franceses para aquela missão. Não pareciam muito inclinados a falar, mas Henri disse-lhe que o barco era rápido, como era preciso que fosse, uma vez que tinham de se encontrar com um pescador francês ao largo da Bretanha antes do nascer do dia.

Henri deve ter percebido que ela ficara confusa, porque explicou:

– Não podemos ir até à costa, senão os Alemães rebentavam connosco, de modo que nos encontramos com um barco francês e passamo-la para eles. Com uma noite tão escura como esta, esperamos que ninguém nos veja.

O barco era um pouco maior do que o do pai, na Nova Zelândia, e o motor muito mais potente. Sulcava as ondas a boa velocidade e, para Mariette, era maravilhoso estar de novo no mar.

Depressa se apercebeu de que nenhum dos homens a queria na casa do leme – talvez estivessem preocupados com a superstição segundo a qual dava azar ter mulheres a bordo de um barco de pesca –, de modo que foi para o pequeno camarote e sentou-se. Era um barco igual a todos os outros barcos de pesca que tinha visto; cheirava mal, não só a peixe mas também a comida requentada, fumo de tabaco e pés suados. Havia um beliche estreito encaixado na parede no lado da proa e as cadeiras eram as duas arcas onde guardavam o equipamento, encostadas às paredes laterais, com uma mesa estreita aparafusada ao chão no meio. A minúscula cozinha ocupava o espaço entre as arcas e o beliche

Estava tudo muito sujo, mas Mariette sabia bem que a maior parte dos pescadores, sobretudo os que saíam para o mar noite após noite, não tinham tempo para se preocuparem com essas ninharias. Lembrava-se do ar de reprovação da mãe quando via o estado do camarote do barco do pai.

Costumava dizer que limpá-lo era um desperdício de energia, pois voltaria a estar igualmente sujo da próxima vez que o visse. Mas ao cabo de alguns instantes ali sentada a olhar para a louça suja, Mariette pôs a chaleira ao lume para a lavar.

Apesar da velocidade a que navegavam, o barco mantinha-se mais estável do que seria de esperar, de modo que pôde lavar os pratos e os talheres e fazer café para Armand e Henri sem ser sacudida de um lado para o outro.

Quando levou o café à casa do leme, os dois homens pareceram surpreendidos e agradados.

– Estamos a fazer um bom tempo – disse Armand, enquanto aceitava a caneca e recusava a lata de leite condensado que ela tinha levado. – Se fosse a si, tentava dormir um pouco agora. Vamos ter de chamá-la para ficar de alerta a navios quando nos aproximarmos de França.

– Vou tentar – disse Mariette, apesar de saber muito bem que estava demasiado excitada para conseguir dormir.

– Amanhã vai ter um longo dia – disse Henri, e o seu sorriso foi caloroso e até compassivo. – Se tivermos sorte, voltaremos a encontrar-nos com o barco francês, consigo a bordo, por volta das dez da noite, e chegaremos a Inglaterra ao raiar do dia.

– Já fizeram muitas viagens como esta? – perguntou ela.

– Não pergunte, Élise. É melhor que não saiba.

Deitada no beliche, um pouco mais tarde, a tentar dormir, Mariette perguntou a si mesma o que teria ele querido dizer. Teria alguma das suas antecessoras naquele papel sido capturada e fuzilada? Ou teria apenas querido dizer que era melhor não fazer perguntas a respeito do que quer que fosse?

Armand acordou-a às quatro da manhã e deu-lhe uns binóculos para perscrutar o horizonte em busca de barcos, enquanto ele descansava um pouco e Henri pegava no leme. Mariette viu algumas luzes de navios ao longe, mas nada suficientemente perto para justificar preocupações.

O céu começava a clarear quando avistou um barco de pesca a avançar na direção deles.

– É o que devemos encontrar? – perguntou a Henri.

Ele assentiu com a cabeça.

– Vá acordar o Armand e traga a sua mala. Temos de fazer a transferência o mais depressa que pudermos.

O outro barco encostou ao deles e ela saltou para bordo. Armand atirou-lhe a mala.

– Boa sorte! – gritou-lhe, e sem mais um segundo de demora afastou-se em direção a Inglaterra.

Os dois franceses que tripulavam o outro barco tinham uma grande carga de peixe a bordo. Eram mais novos do que Armand e Henri, homens de ar duro com peles curtidas e barbas cerradas. Não se apresentaram. Limitaram-se a ordenar-lhe, num francês rápido, que descesse para o camarote. Disseram-lhe que ficasse lá, escondida, até que a chamassem.

Mariette deitou-se no beliche, a pensar, excitada, no que a esperava. Sabia que o seu destino era Portivy, uma minúscula aldeia piscatória no bordo exterior de um istmo comprido e estreito. O litoral atlântico daquela faixa de terra era conhecido como Côte Sauvage, pelo que deduziu que devia ser batido por ventos fortes e mar bravio. O litoral interior, abrigado, que formava a Baía de Quiberon, seria muito menos hostil, mas qualquer tentativa de levar a cabo uma fuga a partir dali significaria contornar todo o istmo, no topo do qual, a menos de dois quilómetros de Portivy, se erguia o Forte de Penthièvre, construído no século xviii para defender a França dos Ingleses. Tinha agora uma guarnição alemã, e Miss Salmon não soubera dizer-lhe quantos soldados lá estavam colocados.

Quando chegassem a Portivy, deveria dirigir-se ao La Plume Rouge, um café do porto, e falar com Celeste Gaillard, a proprietária. Celeste geria também um bordel, além do café, e o movimento de raparigas que chegavam e partiam era frequente, pelo que o seu súbito aparecimento não levantaria suspeitas. A história que deveria contar, caso fosse interrogada, era que a mãe, que vivia em Marselha, era uma velha amiga de Celeste. Mas, se tudo corresse de acordo com os planos, deixaria a pequena aldeia piscatória nessa mesma noite, idealmente sem despertar o interesse de quem quer que fosse.

Miss Salmon dissera-lhe que Celeste pertencia a um grupo da Resistência muito ativo na Bretanha, responsável por esconder um grande número de pessoas até que pudessem fugir para Inglaterra. Algumas dessas pessoas eram outros membros da Resistência, mas também podiam ser pilotos

aliados abatidos sobre território francês ou judeus que tinham conseguido escapar antes de serem enviados para os campos de trabalho alemães.

Apesar de ter feito questão de destacar que havia dúzias de pessoas que participavam nas operações de salvamento, arriscando a vida, não deixara de realçar que Celeste era particularmente corajosa, uma vez que enfrentava o desprezo e a condenação de muitos compatriotas que não faziam ideia do trabalho secreto que ela levava a cabo e a acusavam de colaborar com os alemães que frequentavam o café e o bordel.

Mariette esperava que um pouco da coragem e determinação com que Celeste continuava a enganar os Alemães passassem para ela. Mas tinha perfeita consciência de que estava a entrar em França ilegalmente, com papéis falsos que não sabia se resistiriam a um escrutínio mais atento, e que o seu objetivo era, de todos os lugares possíveis, um bordel. Só podia esperar que aqueles que a tinham recrutado soubessem o que estavam a fazer.

Pouco depois de Mariette ter tido o seu primeiro vislumbre do Forte Penthièvre, que era uma enorme e intimidante construção de pedra cinzenta sobre a qual drapejava a bandeira alemã, um dos dois pescadores entrou no camarote e apresentou-se como Luc. Era um homem grande, talvez à volta dos trinta e cinco anos, com uma desgrenhada cabeleira louro-palha e um bigode a condizer.

– Tem de ficar aqui dentro – disse, levantando a tampa da arca de madeira que era usada como assento. – Tem orifícios para respirar, e virei buscá-la logo que seja seguro. Mas pode demorar algum tempo. Os soldados alemães vêm muitas vezes comprar peixe diretamente no barco, e nós temos de fingir que ficamos muito contentes. Quando se forem embora, poderá ir procurar a Celeste.

Mariette entrou para a arca com algum receio, pois viu que não tinha comprimento suficiente para lhe permitir deitar-se ao comprido, e cheirava horivelmente mal. Luc pôs a mala a servir de almofada e ela dirigiu-lhe um pálido sorriso.

– Há coisas piores – disse ele, e retribuiu o sorriso, o que teve o condão de o fazer parecer repentinamente muito menos rude.

Mariette ouviu os sons de pessoas no porto ainda antes de sentir a ligeira pancada do barco a encostar ao cais. Seguiu-se um pequeno balanço quando

um deles saltou para terra para prender as amarras e depois o bater de pés e o arrastar de caixas enquanto faziam a descarga.

Ouvia os dois pescadores falarem com outras pessoas, mas não com nitidez suficiente para perceber o que diziam. Pensou que uma parte seria regateio a respeito do preço do peixe, mas de vez em quando havia explosões de gargalhadas. Apertada, cheia de frio e de fome e muito desconfortável, Mariette deu por si a imaginá-los a dizer aos soldados alemães onde poderiam encontrá-la. Estava à espera de ver a tampa da arca ser levantada de um momento para o outro e sentir mãos violentas puxarem-na para fora.

O som das vozes afastou-se, até que tudo o que conseguia ouvir era os gritos das gaivotas. Era muito tentador levantar a tampa da arca só o bastante para espreitar o que se passava. Mas não se atreveu, com medo de que tivesse ficado algum soldado alemão no convés, ou suficientemente perto no cais para ver para dentro do barco.

Ao cabo do que lhe pareceram horas, Luc reapareceu.

– Depressa – disse. – Mude de roupa, deixe o que tem agora vestido na arca, e depois temos de sair do barco.

Deixou-a sozinha, e Mariette desembarçou-se rapidamente das calças, do grosso blusão de lã e dos sapatos pesados, e enfiou um vestido de lã castanho, meias, sapatos de salto alto e um casaco cor de pele de camelo com um gola de raposa vermelha que Sybil lhe tinha dado. Fora Mog que lhe fizera e enviara o vestido, e Edwin costumava dizer que ficava muito *sexy* com ele, por ser justo e com um decote cruzado que lhe realçava o peito. Com os lábios pintados de um vermelho berrante e os cabelos louros, escovados e soltos por baixo de uma boina verde-esmeralda, estava pronta. Guardou a navalha de ponta e mola no bolso do casaco e pegou na mala, onde tinha o vestido de *cocktail* preto e os artigos de higiene pessoal.

Luc sorriu, surpreendido pela transformação.

– Daqui a pouco vai chegar um amigo numa camioneta fechada para levar algum peixe – disse. – Vai estacionar mesmo junto à prancha de desembarque. Eu irei para a traseira da camioneta ajudar a carregar o peixe. Espreite pela vigia, e quando me vir levar o cachimbo à boca, isso significará que pode sair. Corra para a cabina da camioneta, estenda-se no chão e tape-se com uma manta. Momentos depois, o meu amigo arrancará e

levá-la-á até à porta das traseiras do La Plume Rouge. A Celeste dar-lhe-á as instruções para logo à noite.

Mariette não conseguia falar, de tal modo tinha a boca ressequida pelo medo. Limitou-se a assentir com a cabeça.

– A maior parte dos soldados que estiveram aqui há pouco já se foi embora, mas não queremos que ninguém a veja a sair do barco. Há em Portivy certas pessoas capazes de vender a alma aos Alemães.

Miss Salmon não lhe dissera nada daquilo. Mariette tinha imaginado o café de Celeste tão próximo do cais que lhe bastaria saltar do barco e correr até ele. Tudo o que Miss Salmon dissera fora a parte seguinte: não deveria divulgar fosse o que fosse às raparigas de Celeste, cingindo-se à história combinada, ou seja, zangara-se com a mãe, em Marselha, e apanhara um comboio para Paris. Quando essa solução não funcionara muito bem, resolvera ir para ali. Teria de agir como se um bordel fosse o lugar mais normal do mundo para ela, talvez até dar a impressão de que trabalhara num em Marselha.

Uma camioneta azul grande e velha, de caixa fechada, a cuspir fumo e fogo pelo tubo de escape, parou quase colada à prancha de desembarque. Mariette foi para junto da vigia e espreitou. Portivy era uma aldeia minúscula, pouco mais de uma dúzia de casas aglomeradas à volta do porto, com talvez mais um par de ruas por trás. Via o La Plume Rouge numa esquina; era um lugar sem nada de especial, com janelas embaciadas e a tinta vermelha a pelar das paredes. O pequeno porto tinha um ar triste sob o céu cinzento-azulado, mas calculou que seria bonito no verão, com as flores a treparem pela paredes e um mar azul em vez da vastidão cinzenta e fria que era naquele momento.

Não havia muita gente por perto, só um par de pescadores a remendar as redes sentados no cais, três mulheres de pé, a coscuvilhar, e outras duas que se dirigiam à padaria com cestos debaixo do braço. O que a preocupava eram os soldados alemães. Via seis, juntos aos pares, e embora parecessem mais interessados nas conversas que mantinham uns com os outros do que em guardar a aldeia, as botas altas e as espingardas puseram-lhe arrepios de medo na espinha. Já tinha visto muitas fotografias deles, nos jornais e nos noticiários Pathé no cinema, mas ao vivo pareciam maiores, mais duros e assustadores.

– Pronta? – perguntou Luc, tirando o cachimbo do bolso do avental às riscas, para lhe lembrar que era aquele o sinal. Então saiu para o convés, pegou num par de caixas de peixe e desceu a prancha.

O condutor da camioneta era velho, com uma nuvem de cabelos brancos, óculos de aros dourados e um cachecol vermelho-vivo à volta do pescoço. Gritou um cumprimento jovial a Luc enquanto se apeava, e então deu a volta pela frente até ao lado do passageiro, abriu a porta sem se deter e continuou até à traseira.

Luc e o velho mostraram-se satisfeitos por se verem, com muitas gargalhadas e palmadas nas costas, e então pareceram ter uma conversa mais séria a respeito do peixe que estava nas caixas. Mas Mariette percebeu que estavam na realidade a escrutinar todas as pessoas presentes no porto, e em especial os soldados alemães.

Luc tirou o cachimbo do bolso do avental e começou a gesticular com ele enquanto falava com o velho. Mariette sentia o coração bater com tanta força que teve a certeza de que os soldados no cais conseguiam ouvi-lo, mas enfiou a mala debaixo do braço, manteve o olhar fixo em Luc e preparou-se para correr quando ele fizesse o sinal.

Viu-o levantar a mão que segurava o cachimbo várias vezes, só para voltar a baixá-la. Não se atrevia a desviar os olhos dele para ver o que estava a acontecer no cais.

E então Luc enfiou o cachimbo na boca.

Mariette saiu disparada como um foguetão, desceu a prancha de desembarque, esgueirou-se junto ao flanco da camioneta e enrolou-se no chão à frente do banco do passageiro. Havia uma manta em cima do banco, e ela puxou-a para se tapar.

Ouviu o velho despedir-se alegremente de Luc, fechar com estrondo as portas traseiras da camioneta, passar entre o veículo e o barco, fechar a porta do lado dela, sentar-se ao volante e ligar o motor, gritando qualquer coisa a respeito de lagostas pela janela. Ouviu Luc rir em resposta, e no instante seguinte estavam em movimento.

– Fique onde está, minha querida – disse o velho em voz baixa, em francês, enquanto a camioneta avançava ruidosamente pelo empedrado. – Não é longe.

Cinco minutos mais tarde, parou.

– Já pode sentar-se no banco. Se lhe perguntarem, diga que lhe dei uma boleia na estação de comboio em Quiberon.

Mariette sacudiu a manta e sentou-se no banco. Estavam num caminho estreito com muros altos de ambos os lados. Calculou que deviam ser as traseiras das casas voltadas para o porto. Endireitou a boina e sorriu ao velho.

– Pareço alguém acabado de chegar de Marselha?

– Parece uma estrela de cinema – disse ele, galante. – O que não parece de certeza é alguém que passou a noite numa traineira.

Avançou mais alguns metros e voltou a parar diante de um alto portão de ferro forjado aberto num muro.

– Entre por aqui – disse, e apontou. – Se alguém perguntar, diga que foi o Gilpin que a trouxe.

– Gilpin? – repetiu ela.

– É como toda a gente me chama. – O velho estendeu a mão e deu-lhe uma palmadinha no braço.

– Cuidado com as raparigas da Celeste, e boa sorte.

— Posso falar com a Celeste, por favor? — perguntou Mariette, em francês, à rapariga que lhe abriu a porta das traseiras. Não teria mais de catorze anos, pequena, magra, com um vestido e um avental que lhe ficavam demasiado grandes. — Diz-lhe que é a Élise.

— Espere aqui, vou ver — respondeu a rapariga, e fechou-lhe a porta na cara, deixando-a sozinha num pequeno pátio murado. Havia dúzias de plantas em vasos, mas estavam todas mortas, ou mergulhadas no letargo invernal.

A porta foi novamente aberta por uma mulher ruiva, rechonchuda, com cerca de cinquenta anos.

— Élise! — exclamou a mulher num tom demasiado alto, como que para mais alguém ouvir. — Eu ainda agora a pensar em ti e na tua mamã, e tu apareces!

E abraçou-a.

— Quando entrarmos, conta-me uma história qualquer a respeito de te teres zangado com a tua mãe — sussurrou-lhe junto ao ouvido. — As raparigas estão sempre à escuta, portanto nem uma palavra que seja verdade até termos a certeza de que estamos sozinhas.

Levou-a para uma ampla sala de estar, cujas janelas davam para o pátio das traseiras. Além de uma mesa, cadeiras e dois tristes sofás, havia um *chiffonier* que quase desaparecia sob uma enorme quantidade de peças de porcelana, *bibelots* e mil e um objetos diferentes, desde joias a cartas e frascos de comprimidos.

Era uma confusão, mas o fogão a lenha tornava-a confortável e tinha uma atmosfera acolhedora. E ainda bem que estava aquecida, pois Mariette viu três raparigas, sentadas pelas cadeiras e sofás, que vestiam apenas diáfanas camisolas interiores.

— O que foi que te fez vir visitar a tua velha tia? — perguntou Celeste a Élise, sem sequer se dar ao incómodo de a apresentar às outras raparigas.

Mariette contou uma história que bem poderia ser um reflexo da sua quando vivia com os pais na Nova Zelândia: tinha fugido para junto da tia porque a mãe não aprovava o seu namoro com um rapaz e se queixava de que era demasiado orgulhosa para o serviço doméstico ou para ser criada de mesa.

A dada altura, Mariette entusiasmou-se com a história.

– Está sempre a gritar comigo, a dizer que tenho de contribuir com algum dinheiro. E eu até contribuía, se me arranjassem emprego numa loja de vestidos ou num escritório. Mas não nasci para fazer limpezas, trabalhar numa fábrica ou servir comida, por isso vim para cá.

Tinha consciência de que as outras raparigas a observavam com espanto. Se era porque teriam preferido, se pudessem escolher, fazer qualquer daqueles trabalhos a vender o corpo ou se por estarem pela primeira vez a ouvir alguém dizer em voz alta aquilo em que elas próprias acreditavam, Mariette não saberia dizer.

– Oh, Élise. – Celeste abanou tristemente a cabeça. – Com certeza não estás a dizer que queres trabalhar aqui?

Mariette fez uma careta de repulsa.

– As coisas nojentas não, tia Celeste, mas podia recebê-los, com um pouco de estilo e classe, como a tia costumava fazer.

Viu que Celeste estava a fazer um esforço enorme para não se rir, e soube nesse instante que se iam dar bem.

Uma mulher já de idade, com um avental às flores, entrou por uma porta lateral, e Mariette teve um vislumbre do café que ficava do outro lado. Tinha um aspeto miserável, com toalhas de oleado em cima das mesas e cadeiras desconjuntadas. A mulher disse qualquer coisa a respeito de legumes, e Celeste olhou para Mariette.

– Tenho de ir tratar disto, conversamos mais tarde – disse. – É melhor tomares o pequeno-almoço, e depois podes ajudar com as limpezas. Aqui não há borlas para ninguém, nem mesmo para a família.

A meio da tarde, Mariette já tinha aprendido muito a respeito de como era viver sob a ocupação alemã, com os soldados do Reich a criarem medo e ameaça. As raparigas de Celeste não tinham alternativa senão servi-los. Se recusassem, era muito provável que dessem por si no próximo comboio a caminho dos campos de trabalho. Uma delas, de ar sombrio e cabelos escuros encaracolados, disse que tinham todas sido acusadas de colaborar com o inimigo e que a maior parte dos habitantes da aldeia as tratava com a mesma crueldade e desprezo que os Alemães. Outra revirou os olhos ao

ouvir isto, como se achasse que não era bem assim, e Mariette perguntou-se onde estaria de facto a verdade.

Mas ficou a saber como era gerido um bordel, e que algumas das suas opiniões a respeito daquele género de lugares estavam erradas. Para começar, sempre pensara que as raparigas eram levadas à força para a prostituição – como julgava ter sido o caso da mãe –, mas descobriu que todas as seis que trabalhavam para Celeste tinham optado livremente por aquela vida, e que até gostavam. Também sempre imaginara que só homens horríveis e sujos recorriam aos serviços de prostitutas, mas Celeste explicou-lhe que não.

– Temos muitos solteiros, ou homens casados com mulheres inválidas, ou simplesmente casados com mulheres que recusam fazer sexo com eles – disse num tom despreocupado, como se estivessem a discutir os méritos de uma escola. – Os rapazes novos vêm para adquirirem experiência antes do casamento. E, claro, há os homens que trabalham longe de casa, incluindo os soldados, e que precisam de uma mulher. Gosto de pensar que as minhas raparigas lhes proporcionam mais do que simples alívio físico, até mesmo um pouco de afeto e de diversão.

Celeste mudara-se para aquela parte de França em 1920, quando tinha vinte e seis anos, depois de ter sido enfermeira em hospitais de campanha durante a Grande Guerra.

– A França ficou devastada pela guerra – disse. – Um quarto dos nossos homens morreu, e muitos mais não podiam trabalhar devido aos ferimentos. Havia tanta gente exausta e amargurada que tinha perdido tudo: os entes queridos, as casas, os empregos... E a maior parte não fazia ideia de como começar uma vida nova. Vim para aqui para tentar reconstruir a minha.

Calou-se por um instante e sorriu, como se estivesse a recordar qualquer coisa boa.

– Gostei do sossego, do ar bravio e selvagem desta costa, de modo que fiquei e abri um pequeno café. Era pouco mais do que um barracão, ali para trás, mas era um lugar onde as pessoas se podiam juntar e falar, e, talvez por causa da minha experiência como enfermeira, achavam-me compreensiva. Seja como for, foi um êxito, e passado pouco tempo pude alugar esta casa. A minha intenção era transformá-la num hotel... Na realidade, ainda cheguei a alugar quartos, ao princípio, mas um desses primeiros hóspedes, uma mulher, era uma prostituta, e foi assim que tudo começou.

Mariette descobriu que as suas convicções anteriores a respeito da prostituição estavam a ficar esbatidas. Gostava de Celeste e, tanto quanto pudera ver até ao momento, nenhuma das raparigas que trabalhavam no La Plume Rouge parecia infeliz. Segundo Celeste, a maior parte dos soldados alemães tratava-as bem, e pagava mais do que os homens da terra. As raparigas tinham quem cuidasse delas, comiam bem, eram regularmente vistas pelo médico e tinham a companhia umas das outras.

Mas por mais fascinante que fosse conhecer os pormenores de como funcionava um bordel – algo que teria sido impensável em Russell –, Mariette não esquecia que a sua presença ali tinha um propósito muito concreto. Queria saber quem ia ajudar a fugir, e onde estava essa pessoa escondida.

Celeste mantivera com uma soberba capacidade teatral a história de ser tia dela, não só fazendo referência a episódios inventados, como se tivessem de facto tido um passado comum, mas também admoestando-a por ter feito zangar a mãe e ser demasiado arrogante para aceitar trabalhos que considerava indignos de si. Ao almoço, quando todas as seis raparigas estavam presentes, insistiu com Élise para que regressasse a casa e anunciou que ia arranjar alguém que a levasse à estação para apanhar o comboio da noite para Paris.

Mariette conseguiu forçar algumas lágrimas e protestou que Celeste não sabia como a mãe dela podia ser má. Mas Celeste manteve-se inflexível, afirmando que o lugar de uma filha era junto da mãe, sobretudo em tempo de guerra.

– Mais tarde vamos dar um passeio e voltamos a falar disto – concluiu, e Mariette ficou a saber que iriam então discutir o assunto que na verdade lhes interessava.

A tarde chegava ao fim quando finalmente saíram, metendo pelo caminho estreito por onde Gilpin conduziu a sua camioneta naquela manhã.

Celeste fez uma pausa diante de um portão muito parecido com o do La Plume Rouge.

– O piloto está aqui, escondido numa cave – sussurrou. – Não vou correr o risco de te levar a conhecê-lo agora. Explicarei o plano enquanto andamos.

A passagem terminava atrás da última casa voltada para o porto, e a partir dali um trilho aberto no meio das ervas e da areia levava a outro grupo de casas, mais dispersas e afastadas. A praia ficava quase dois metros abaixo deste trilho e era sobretudo constituída por rochas, mas havia aqui e ali zonas de seixos e conchas, descendo num suave declive até ao mar, e, de longe em longe, manchas de areia.

— Esta noite, vai estar ali um barco a remos — continuou Celeste, a apontar para um grande rochedo isolado. — A maré estará a vazar e o barco estará numa faixa de areia. Levarás o barco sempre em frente, numa linha reta por entre as rochas. Estás a ver aquela boia? — Apontava para uma grande boia branca e vermelha presa a quinhentos ou seiscentos metros da costa. — É para lá que vais remar. Não conseguirás vê-la, claro, porque vai estar muito escuro, mas ouvirás a campainha. Quando lá chegares, amarra o bote e espera pela traineira que virá buscar-te.

— E o piloto que vou ajudar? — perguntou Mariette. — Vou ser eu a trazê-lo para aqui?

— Não, alguém se encarregará disso. A maior parte dos aviadores segue a rota habitual de fuga através de Espanha, mas este está ferido num braço e numa perna e não pode fazer uma grande viagem.

— A praia está minada?

— Não. Felizmente os Alemães parecem achar que as rochas são proteção suficiente contra um desembarque. O porto também não está minado, porque eles precisam de usá-lo para entrar e sair com os seus barcos, mas têm sempre vigias no forte, e projetores. Mas aqui estarás fora do alcance deles, e protegida pelo paredão do porto. Há patrulhas a pé ao longo da costa, mas nas noites muito frias os soldados tendem a ficar nos abrigos. Conhecem todos os barcos de pesca e nunca os abordam a menos que suspeitem de qualquer coisa. Esperemos que esta noite não tenham motivos para suspeitar. O nosso grande medo é que ouçam algum zumzum e mandem uma lancha rápida intercetar a traineira. Mas nunca aconteceu até agora. Então, achas que és capaz de levar o barco até à boia com mar picado?

— Sim, sou — respondeu Mariette, confiante. — Mas vou precisar de roupas mais quentes do que estas.

Estava a tiritar, e os sapatos de salto seriam um perigo numa praia cheia de rochas e às escuras.

– Tenho as tuas roupas no café. – Celeste sorriu, e então levantou a mão e tocou afetuosamente na face de Mariette. – Ficaria muito orgulhosa se fosses na verdade minha sobrinha. És uma jovem muito corajosa.

– Ainda não fiz nada – disse Mariette.

– Mas vais fazer, e pode ser muito perigoso. A razão por que pedi que trouxesses um vestido de noite foi ter pensado que podia ser preciso fazeres-te passar por uma das minhas «raparigas» por uma noite. Uma mulher aparentemente embriagada pode fazer muita coisa. Mas com os ferimentos deste homem, tivemos de optar por uma abordagem diferente e devo admitir que estou contente por não ter de te pôr em exibição no café.

– Encontro-me então com ele aqui?

– Sim, se tudo correr de acordo com o plano, ele estará à tua espera no barco a remos, pronto para ser levado. Só podemos pedir a Deus que a sentinela deste setor seja o mesmo mandrião do costume. Se aparecer no La Plume, como tantas vezes faz, ofereço-lhe um *brandy* dos grandes para o desencorajar de ir mais longe.

– O que é que faço se aparecer alguém?

– Foste treinada para isso, segundo sei – respondeu Celeste.

Mariette engoliu em seco. Uma coisa era aprender a teoria de apunhalar uma pessoa e outra, muito diferente, era fazê-lo de facto, no escuro, numa praia onde um simples passo sobre os seixos soaria como um tiro.

– Esperemos que não chegue a isso.

Celeste pegou-lhe no braço.

– Anda, vamos voltar. Fixa bem o caminho. As coisas podem parecer muito diferentes na escuridão, e vais estar sozinha.

Mais tarde, Mariette descobriu que Celeste não lhe mentira. Nada parecia igual sob o fino feixe de luz da lanterna.

Tinha-se despedido das raparigas e de Celeste havia mais de uma hora, exibindo a sua relutância em voltar a casa até ao fim. Gilpin aparecera, supostamente para a levar à estação, mas só tinham percorrido vinte metros pela passagem estreita, até um barracão onde a esperavam as roupas que usara quando saíra de Inglaterra. Gilpin fora-se embora e ela tivera de esperar no barracão até ouvir o relógio da igreja dar as sete.

A espera deu-lhe tempo para pensar em tudo o que podia correr mal, e quando o relógio da igreja finalmente soou, estava com os nervos em franja. Várias pessoas tinham passado por perto, e sempre que ouvira passos pesados de homem, convencera-se de que era um soldado alemão que fora alertado para o plano.

Quando finalmente saiu, foi difícil não olhar constantemente em redor para se certificar de que não estava a ser seguida. Teve um momento de indecisão, num ponto onde o trilho bifurcava – não se lembrava de ter visto aquela bifurcação e pensou que tinha ido demasiado longe –, mas ouvia o mar, de modo que seguiu o som e, de repente, deu por si na praia.

O vento soprava agora com muito mais força. As ondas rebentavam na praia e ela conseguia distinguir as cristas de espuma, mesmo no escuro. Tinha a boca seca e o estômago às voltas enquanto se encostava ao muro do jardim da última casa, a tentar ver se havia mais alguém por perto. Mas não havia mais ninguém, apenas os sons do vento e do mar. Correu rapidamente em direção à grande rocha que Celeste lhe indicara, ansiosa por encontrar o aviador e o barco a remos.

– Sou eu, Élise – sussurrou em inglês. Sabia que se o aviador estivesse ali, no escuro, se assustaria ao ouvir o som de passos. – Ainda não consigo vê-lo. Onde está?

– Atrás do barco – sussurrou em resposta uma voz de homem, que parecia vir de escassos metros de distância. – Estava com medo de que não viesse.

No mesmo instante, Mariette viu-o estendido ao lado do barco. O rosto dele parecia comprido e pálido, à pouca luz que havia.

– Fique aí enquanto eu empurro o barco para mais perto da água – sussurrou ela. – Sei que está ferido, mas vai ser capaz de subir para bordo?

– Vou ter de ser – disse ele, e pôs-se cuidadosamente de pé.

Mariette olhou para ele e viu que cambaleava devido ao esforço. Estendeu a mão e agarrou-lhe o braço, ajudando-o a descer a praia em direção à água.

Voltou atrás para empurrar o barco, e descobriu que era pesado e difícil de mover. O aviador deu alguns passos titubeantes para a ajudar, mas ela deteve-o.

– Não, fique onde está, pode piorar os seus ferimentos. Eu consigo fazer isto sozinha.

Recorreu a todas as suas forças, e por fim o barco começou a deslizar. A partir do momento em que a proa entrou na água, tornou-se muito mais fácil. Segurando-o firmemente pelo cabo de amarração, Mariette indicou ao piloto que embarcasse.

A escuridão era tão densa que mal conseguia ver-lhe as feições, mas adivinhou que estava com dores e a ter dificuldade em passar a perna por cima da beira do barco. Sofreu por ele, mas não podia fazer nada para o ajudar. Quando, por fim, ele conseguiu entrar e sentar-se na popa, empurrou o barco até o pôr a flutuar e saltou para dentro.

Quando pegou nos remos para se afastar da praia, pareceu-lhe ouvir qualquer coisa, e o estômago contorceu-se-lhe de medo. Mas não viu ninguém, de modo que começou a remar em direção à boia.

Desde que partira da Nova Zelândia, só tivera ocasião de remar no *Serpentine* de Londres, e um par de vezes no rio em Arundel, mas nunca depois do início da guerra. Era muito estranho estar outra vez num barco em mar aberto, a lutar contra a corrente e contra o vento.

A boia ficava mais longe do que parecera naquela tarde, e ela mantinha os ouvidos atentos, à espera do grito que significaria que tinham sido avistados. Mas finalmente chegaram à boia, à qual amarrou a embarcação.

– Não sei o seu nome – sussurrou, dirigindo-se ao aviador. Já não conseguia ver a costa, pelo que duvidava que alguém os visse a eles, mas o som chegava longe sobre a água.

– Alan White – respondeu ele, também num murmúrio. – Não faz ideia de como é bom ouvir uma voz inglesa.

– Também para mim – concordou ela. – Mas agora é melhor ficarmos calados. Poderemos conversar no barco.

Pareceu passar uma eternidade antes que Mariette visse o pontinho de luz verde, sinal de que Luc estava próximo. Tinham visto luzes noutros barcos, ao longe. Alguns pareciam dirigir-se para a Baía de Quíberon, talvez com destino a Saint Pierre, do outro lado do istmo, enquanto outros se afastavam do Golfo da Biscaia. Não tinha maneira de saber se eram franceses ou alemães.

Por fim, o barco chegou suficientemente perto para ser visto, avançando direito a eles e só virando de bordo no último instante.

– Vai ser capaz de subir a escada? – perguntou Mariette.

– Vou ter de ser – repetiu Alan. – Não me apetece nada passar a noite neste barco a remos.

Mariette segurou a escada para ele subir, e Luc inclinou-se por cima da amurada para o ajudar, mas ambos tiveram consciência do quanto aquela subida era penosa. Quando chegou ao convés, caiu no chão, esgotado pelo esforço.

Luc e Mariette levantaram-no e, entre os dois, levaram-no até ao camarote, onde o estenderam no beliche.

– Há ali uma garrafa de *brandy* – disse Luc, e apontou para uma caixa junto ao fogão. – Dê-lhe um bom trago. Parece um bloco de gelo.

O alívio quando a traineira se afastou para se encontrar com o barco inglês foi enorme, mas Mariette sabia que ainda não estavam a salvo. Ainda tinham de passar pelo forte, onde, se alguma suspeita tivesse sido levantada, podiam ser intercetados. E quando ultrapassassem esse perigo, podiam ser bombardeados por um avião, chocar com uma mina, ser torpedeados ou atacados por um navio alemão. Mas não ia pôr-se a pensar nisso.

Também Alan estava claramente aliviado. Deitado no beliche, sorria como o gato de *Alice no País das Maravilhas*.

– Para ser franco, não acreditei que conseguisse sair de França – admitiu. – Pensei que ia morrer de gangrena naquela cave. Ou que se me levassem para a praia, apareceria um par de soldados alemães para me darem um tiro.

– E eu imaginei-me a ser capturada e enfrentar um pelotão de fuzilamento – disse Mariette. – Mas não falemos disso. Diga-me, de onde é?

– De um lugar chamado Saffron Walden, no Essex. A minha mãe vai ficar muito contente quando souber que estou vivo e bem. Suponho que lhe terão dito que fui dado como desaparecido e presumivelmente morto, depois de ter sido abatido. Não sei se dizem a alguém que estamos vivos quando estão a planear resgatar-nos.

Mariette achou que Alan fazia lembrar um pouco Gerald. Não tanto fisicamente – era mais alto, com ombros mais largos, e tinha bons dentes, coisa que Gerald não tinha. A semelhança tinha mais a ver com a idade, com a maneira como falavam e com a confiança, sinais que aprendera a reconhecer como indicadores de uma família feliz da classe média e uma

educação superior. Mas também tinha a mesma expressão de cachorrinho de Gerald, como se receasse desagradar-lhe.

– É demasiado nova e bonita para fazer um trabalho destes – disse ele, a mirá-la com um olhar apreciador. – De onde é? Noto um sotaque qualquer.

– Da Nova Zelândia – respondeu ela, num tom severo. – Mas o meu aspeto físico é irrelevante, neste trabalho ou em qualquer outro.

– Ups! – Alan levou uma mão à boca. – Peço desculpa se a ofendi.

– Não me ofendeu. Só é um pouco cansativo ser julgada pela idade e pelo aspeto físico. Com os homens, ninguém o faz. Mas deixemos isso. Como estão os seus ferimentos? Posso fazer alguma coisa para o ajudar? Sente-se bem?

– Sim, agora que estou cada vez mais longe de França – respondeu ele, com um sorriso arrapazado. – Posso até acreditar que dentro de um ou dois dias estarei a beber uma caneca de cerveja no meu *pub* habitual, a sair com a minha namorada, a Valerie, e a ouvir a minha mãe queixar-se do tamanho da fila para o talho.

Mariette esperava que assim fosse. Depois de tudo aquilo por que tinha passado, seria um azar terrível ser capturado agora, ou o barco chocar com uma mina.

Mas tiveram sorte. Foi uma viagem agitada, e Alan enjoou, mas nenhum navio alemão os perseguiu, os bombardeiros que passaram por cima deles não lhes ligaram e chegaram a horas ao encontro com o barco de pesca inglês. Eram onze da manhã quando entraram em Lyme Regis e Alan foi levado para um hospital militar.

Tentou agradecer a Mariette, mas os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e a voz tremeu-lhe.

– Não, Alan – disse ela. – Eu fui apenas um elo na cadeia de pessoas que o ajudaram. Trazê-lo de volta foi o objetivo para o qual todos trabalhámos. Agora ponha-se bom. Vá para casa ver a sua mãe e a Valerie e não se meta em sarilhos.

Sidmouth, fevereiro de 1944

Mariette olhou, através da janela das traseiras do *pub*, para o espesso manto de neve que cobria os telhados, os muros e os jardins de Sidmouth, e um arrepio de medo desceu-lhe pela espinha. A neve tornaria o resgate planejado ainda mais perigoso.

Não por causa do frio. Por muito deprimentes que as baixas temperaturas fossem, funcionavam muitas vezes a favor deles. Quando o frio era muito, os soldados alemães tendiam a procurar abrigo em vez de patrulharem como deviam fazer. A neve, no entanto, significava melhor visibilidade no escuro, e as pegadas eram um claro indício dos caminhos percorridos e do número de pessoas envolvidas.

Naquela noite faria a sua nona viagem a França e, até ao momento, todas elas haviam sido bem sucedidas. Nem todos os resgatados eram pilotos britânicos feridos: dois eram membros da Resistência perseguidos pelos Alemães, e houvera algumas jovens judias que Celeste tinha escondido.

Já ninguém duvidava de que os Aliados acabariam por ganhar a guerra. Os Americanos não paravam de chegar a Inglaterra, e os aviões da RAF infligiam um pesado castigo às cidades alemãs. Os Russos tinham finalmente conseguido pôr um fim vitorioso ao cerco de Leninegrado e até Rommel, no Norte de África, deixara de parecer invencível. Havia a questão dos Japoneses, claro – havia quem dissesse que estavam quase derrotados, mas outros afirmavam que lutariam até ao último homem.

As pessoas podiam ter opiniões diferentes sobre muitos aspetos da guerra, mas aquilo que unia toda a gente era o cansaço do racionamento, do *blackout* e da escassez de todo o género de bens. Curiosamente, queixavam-se mais destas coisas do que das terríveis tragédias que se desenrolavam todos os dias, com maridos, filhos e irmãos mortos em combate e civis ceifados pelos ataques aéreos. Havia milhares de pessoas sem teto, muitas mais a viver em casas gravemente danificadas pelas bombas, e as crianças cresciam sem pai. E no entanto, nenhuma destas coisas era referida com tanta frequência como os escândalos de esposas e namoradas que eram desencaminhadas pelos alegres GI.

Dias antes, houvera no *pub* uma acesa discussão a respeito de mulheres infiéis, traficantes do mercado negro, saqueadores e outros exemplos de

mau comportamento. A opinião de Sybil era que as pessoas estavam a perder o sentido de moral e que todas as coisas que em tempos tinham considerado tão importantes – como honestidade, lealdade, orgulho, boas maneiras e a fidelidade ao casamento mesmo quando ele oscilava um pouco – estavam a ser postas de parte.

Mariette não concordava. Na sua opinião, as pessoas continuavam a ter os mesmos valores, mas os desafios e as privações do tempo de guerra tinham-lhes alterado a perspetiva. Sabia por experiência própria que, até ter começado a treinar para as suas missões secretas, teria casado com Edwin num abrir e fechar de olhos, se ele lho pedisse, e ficaria mais do que feliz por assentar e criar um lar para os dois.

Ficara magoada pela relutância dele em apresentá-la à família, mas tinham sido o treino e o perigo das missões que lhe tinham dado uma nova perspetiva. Aprendera muito a respeito de si mesma, e do que queria da sua vida futura. Já não estava tão segura de que Edwin fosse o homem certo para ela.

Continuava a sentir por ele a mesma atração física, e ansiava passar uma noite inteira nos seus braços. Mas Edwin continuava a portar-se como um perfeito cavalheiro. Nunca sugeria levá-la para um hotel, como qualquer outro homem de sangue na guelra faria se não tivesse outro sítio para estar com a namorada, e embora ela apreciasse este autocontrolo, sentia-se agora inclinada a pensar que havia qualquer coisa de frio num homem que não deixava o coração impor-se à cabeça.

Mas, por outro lado, talvez ele tivesse medo de ser morto e deixá-la grávida e solteira. Fosse como fosse, Mariette sentia que estavam a afastar-se. Eles, que outrora tinham sempre tanto que dizer um ao outro que nunca havia tempo para tudo, pareciam agora ter dificuldade em encontrar do que falar.

Ele falava dos camaradas da base, do que tinham dito ou feito, ela falava dos clientes habituais do *pub*. Mas era aborrecido, e não havia espontaneidade nem excitação.

Sybil dizia que talvez ele não se sentisse capaz de falar das suas experiências quando bombardeava cidades alemãs, e que ela tinha a obrigação de o compreender: ao fim e ao cabo, também não podia falar das suas missões em França. Mas não era isso. Sentia que Edwin se afastara um pouco por ter dúvidas em relação a ela. Sabia, pelas coisas que ele lhe tinha

dito a respeito da família quando se tinham conhecido, que eram gente importante, e recentemente chamara-lhes empregados. Somando a isto os comentários um tanto nada críticos que por vezes fazia a respeito da maneira como ela falava, vestia e se dirigia às pessoas, tudo parecia sugerir que sabia que os pais nunca aprovariam o facto de ela trabalhar num bar, ou ser da Nova Zelândia.

Muitos ingleses pareciam ter a firme convicção de que os Neozelandeses e Australianos eram uns toscos mal-educados, e talvez os pais de Edwin subscrevessem essa maneira de ver.

Embora a magoasse pensar que alguém se sentia no direito de a julgar sem sequer a conhecer, talvez Edwin tivesse razão ao pensar que ela poderia não ser o género de esposa que a mãe dele tinha sido. Mariette conhecia as chamadas senhoras da sociedade, havia muitas no Devon e no Dorset, e não se via a integrar-se naquele grupo de jogadoras de *bridge* e Amazonas caçadoras de raposas de expressões azedas que mandavam os filhos para colégios internos. Os seus sonhos de casamento e criação de uma família tinham sempre como cenário Russell. Queria ser o género de mãe e esposa que a sua própria mãe era – afetuosa, divertida e imprevisível. Belle não precisava de ser avisada com uma semana de antecedência para organizar uma festa ou um piquenique. Uma hora era suficiente. Achava graça a tudo, desde pôr fruta em conserva a recolher os ovos das galinhas de manhã, ou fazer um chapéu novo que chocasse os paroquianos na igreja durante o serviço dominical.

Numa das suas viagens a França, Mariette fizera um passeio ao longo da costa de Quiberon e percebera por que razão o lado atlântico do istmo era chamado Côte Sauvage. Os ventos fortes fustigavam uma paisagem áspera e plana e vergavam as débeis árvores. Fazia-lhe lembrar certos lugares da Nova Zelândia, e sabia que, apesar de ser inóspita em pleno inverno, no verão seria encantadora, com o tojo amarelo a encher o ar com o perfume das suas flores, altas ervas ondulantes e mechas rosadas de armérias e outras flores silvestres a suavizarem o chão pedregoso.

Deu inclusivamente por si a olhar para casas que estavam fechadas desde o início da ocupação alemã e imaginou-se proprietária de uma delas, a abri-la, a cair as paredes exteriores, a plantar gerânios em floreiras junto à porta. Sabia que se dissesse a Edwin que queria viver num lugar assim, com

um barco varado na praia, crianças de pele bronzeada a correrem à vontade, a passar os dias a pescar e a juntar lenha para a lareira, ele julgá-la-ia louca.

Era, claro, apenas a vaga aparência com a Nova Zelândia que lhe despertava saudades; não queria viver em França, queria viver na Baía das Ilhas. Via as casas de madeira de Russell à sua frente, sentia o calor na pele, ouvia as vozes de todas aquelas pessoas no meio das quais tinha crescido. Imaginava as festas de Russell, com toda a gente, desde avós idosos até crianças recém-nascidas – e todo o leque de idades intermédias –, reunida para uma celebração. Tinha visto os pais em muitas dessas festas, a rir e a dançar um com o outro, ainda tão apaixonados como no dia em que tinham casado. E no entanto cada um deles tinha a sua identidade separada, o pai a construir coisas, a pescar e a velejar, a mãe a desenhar, a pintar e a fazer chapéus bonitos.

Era irónico ter precisado de ir para o outro lado do mundo para perceber que os pais viviam a vida que ela queria para si. Mas Edwin nunca se adaptaria a Russell.

Era demasiado polido e sofisticado, demasiado rígido na sua visão do mundo. Era, ainda que afirmasse o contrário, um homem da cidade. Podia gostar de velejar, de nadar e de pescar, mas só nas férias, nunca o ano todo. Mariette não o via a suportar a falta de eletricidade durante muito tempo, ou as péssimas estradas. E que espécie de trabalho poderia ele fazer na Nova Zelândia? Talvez pudesse retomar a sua carreira de contabilista, passar para a advocacia, ou tornar-se piloto de uma das companhias de aviação que, acreditava ele, iriam aparecer depois da guerra? Mas isso significaria que teriam de viver em Christchurch, Wellington ou Auckland.

Mas, além e acima de todas as pequenas ansiedades que a atormentavam, sabia que Edwin ficaria horrorizado quando descobrisse que ela não era virgem. No início da relação, imaginara que uma noite de paixão com ele seria o bastante para varrer o passado – como acontecera com Morgan –, mas Edwin ia exigir garantias de que era a sua primeira vez. Era a maneira como era feito.

E depois havia os pais dela, e Mog. Não tardaria muito a tornar-se óbvio para qualquer pessoa que todos os três tinham tido um passado colorido. Alguns homens poderiam gostar, mas não lhe parecia que fosse o caso de Edwin. Era demasiado convencional. Não conseguia suportar a ideia de

passar a vida com alguém de quem tivesse de esconder coisas, por temer a sua reprovação.

Desde que conhecera melhor Celeste, Mariette confidenciara-lhe o que Jean-Philippe tinha dito a respeito da mãe. Celeste sorria, com um ar conhecedor, e dissera-lhe que quando voltasse a casa pedisse a Belle que lhe falasse das suas experiências.

— Nunca cometas o erro de pensar que todas as mulheres que são, ou foram, prostitutas, são mulheres más — dissera. — A minha experiência mostrou-me precisamente o contrário. Vi grande bondade e capacidade de sacrifício, generosidade de espírito, e coragem também. Qualquer mulher capaz de gerar uma filha como tu só pode ser verdadeiramente boa. Por isso escuta a sua história, quando ela achar que chegou o momento de ta contar, e orgulha-te dela.

Mariette sabia que tinha visto o suficiente da vida real desde o início da guerra para aceitar fosse o que fosse que os pais pudessem ter feito no passado. Mas Edwin não seria de certeza capaz disso. Tentaria, claro — era, ao fim e ao cabo, um homem bom e tolerante —, mas como Mog gostava de dizer: «Não podes fazer um cego ver nem um surdo ouvir. Por mais que queiras.»

Afastou-se da janela e vestiu umas calças de pijama de flanela cujas pernas enfiou nos canos das meias e vestiu por cima umas grossas calças de lã. Completou a indumentária com uma camisola interior de lã, uma camisa de flanela e dois camisolões. Tinha de se manter aquecida, caso contrário a viagem por mar seria um tormento.

Naquele dia, como de todas as outras vezes em que partira para uma das suas missões, esperava que fosse a última. O medo nunca a abandonava. Já escapara por uma unha negra, quando os soldados alemães tinham aparecido a correr na praia no instante em que se fazia ao largo. Dessa vez tivera uma mulher judia consigo, e os alemães tinham disparado. Felizmente, já estava demasiado longe e as balas tinham acertado apenas na água. Mas o terror não acabara ali. Tinham-se convencido de que os soldados pediram ajuda e que uma lancha rápida sairia do porto para as intercepar. Por qualquer razão, isso não acontecera — Luc achava que os soldados deviam estar noutro lado qualquer e que lançar o alarme levaria a que fossem feitas perguntas —, mas apesar de ter ficado grata pela sua sorte naquela noite, Mariette sabia que era pouco provável que se repetisse.

Edwin parecia pensar que os Aliados invadiriam a França no início do verão. Esperava fervorosamente que ele tivesse razão. Através de Celeste e dos pescadores franceses, ficara a saber quanto aquele povo sofria sob a ocupação. Os agricultores tinham visto os seus rebanhos e colheitas serem confiscados, e por vezes as suas casas saqueadas e incendiadas. As crianças passavam fome e os velhos morriam porque a comida era pouca e não tinham lenha suficiente para se manterem quentes.

Fora Luc que lhe dissera que Celeste usava os lucros do café e do bordel para ajudar os aldeãos. «Há quem lhe chame colaboracionista porque recebe os Alemães, mas cada cêntimo que ganha à custa deles é distribuído pela nossa gente, e ela corre um enorme risco ao apoiar a Resistência. Há na aldeia pessoas capazes de denunciar seja quem for por um pão ou alguns ovos, de modo que é só uma questão de tempo antes que um desses aponte o dedo para ela.»

Sabia agora que todos aqueles terríveis rumores a respeito de campos onde os judeus eram gaseados eram verdade e não propaganda antinazi. Também sabia que todos os que trabalhavam para a Resistência eram fuzilados ou enviados para campos de trabalho se fossem apanhados. Um campo de trabalho podia parecer melhor do que ser fuzilado, mas tudo indicava que eram piores, porque significavam uma morte lenta de fome e doença. Tudo isto tornava a teimosa determinação de Celeste em enganar a Gestapo ainda mais admirável.

— Se não queres perder o comboio, é melhor despachares-te! — gritou Sybil lá de baixo, arrancando-a abruptamente ao seu devaneio.

Guardou na mala as poucas coisas que faltavam. Não queria, mas tinha de ir, havia pessoas que dependiam dela. Havia muito que Sybil desistira de tentar descobrir o que ela fazia. Mas sabia que era perigoso, porque cada vez que Mariette saía o abraço de despedida era mais demorado, e maior o alívio que se lhe espelhava no rosto quando voltava.

Tinha guardada no fundo do guarda-fato uma caixa de lata com cartas para os pais, Mog, os irmãos, Edwin, Sybil e Ted, Ian e Sandra, para o caso de não voltar. Naquelas cartas explicava o que andara a fazer nos últimos meses e dizia que esperava que lhe perdoassem por ter escolhido uma atividade tão perigosa. Escrevera numa delas:

Fiquei satisfeita pelo facto de falar fluentemente francês e saber manobrar um barco me ter permitido ajudar algumas pessoas. A mamã e o papá sempre disseram que fui uma criança desafiadora, e orgulhei-me de desafiar os Alemães entrando e saindo de França mesmo nas barbas deles.

Cada carta tinha sido individualmente pensada para dizer aos seus entes queridos quanto significavam para ela e porquê. Pensou, ao guardá-las na caixa, que eram tudo o que tinha para deixar fosse a quem fosse. As suas roupas e outros pertences caberiam todos numa pequena mala. E se morresse em França, ninguém saberia onde o seu corpo jazia.

Eram sete da manhã quando o barco de pesca inglês se encontrou com o francês para a transferência. O céu estava plúmbeo e ameaçava mais neve. Luc e Guy, a tripulação habitual, receberam-na a bordo. Guy mostrou-se sombrio como sempre, limitando-se a um aceno de cabeça, mas Luc parecia preocupado. Tinham-se tornado bons amigos ao longo dos últimos meses, mas daquela vez mal lhe falou.

Depois de vestir a roupa de oleado no pequeno camarote, Mariette subiu à casa do leme com uma caneca de café para cada um dos homens, e um pouco de queijo e tarte de cebola que levara de casa.

– Foste tu que a fizeste? – disse Luc, depois de provar. – É muito boa.

– Obrigada – respondeu ela. – Agora conta-me o que se passa.

Ele deixou escapar um fundo suspiro.

– Esta noite vais trazer crianças. Quatro crianças judias, e eu acho que é demasiado arriscado.

Mariette compreendia os receios dele. As crianças podiam chorar e denunciá-los, não se podia esperar que usassem a sua própria iniciativa se as coisas dessem para o torto, não corriam tão depressa como um adulto e não poderiam ajudar a empurrar um barco para a água. Mas, para ela, as crianças eram o futuro, e eram inocentes que mereciam ser salvos. Ouvira falar dos comboios que partiam de Paris carregados de judeus amontoados em vagões de gado, quase sem ar e sem água. Não suportava a ideia de alguém ser sujeito a uma coisa daquelas, quanto mais crianças.

– Pobrezinhas – disse, a imaginar o medo que deviam sentir e a sorte que as esperaria se fossem apanhadas. – Mas tenho a certeza de que seremos capazes.

– Nunca concordei com transportar crianças – insistiu Luc, teimoso. – O risco é demasiado grande. Tenho os meus próprios filhos para criar. Se for apanhado, é o pelotão de fuzilamento. E que vai então ser deles?

Mariette compreendia o dilema dele, mas sabia que as pessoas que organizavam as fugas deviam ter boas razões para quererem tirar aquelas quatro crianças de França.

– Nesse caso, temos de nos certificar de que não somos apanhados – disse, com muito mais firmeza do que sentia.

Mariette não pudera visitar o La Plume Rouge nas últimas três missões porque uma sobrinha a aparecer com tanta regularidade para ficar apenas algumas horas acabaria por tornar-se suspeita. Mas ao menos isso significava que não precisava de se vestir para representar um papel e podia conservar as suas roupas quentes.

Havia apenas alguns salpicos de neve no porto, de onde foi levada, como sempre, na camioneta do peixe de Gilpin, que a deixou num barracão situado num beco escuso onde teria de esperar que Celeste aparecesse com mais instruções. Também Gilpin parecia nervoso, e quase não falou.

Esperou três horas no barracão gelado até que Celeste finalmente chegou, embrulhada num sobretudo de homem e com um gorro de lã vermelho, salpicado de neve, enterrado até às orelhas.

– Desculpa – disse Celeste, ao encontrá-la a tiritar encolhida num canto, com um saco de serapilheira à volta dos ombros –, mas foi impossível escapar-me mais cedo. As coisas estão a tornar-se cada vez mais difíceis e tenho de ter muito cuidado com aqueles em que confio. Mas trouxe-te uma sopa para te aquecer.

Mariette bebeu agradecida a sopa quente, apesar de não ter praticamente sabor.

– Em tempos orgulhava-me dos meus cozinhados – disse Celeste. – Agora é difícil conseguir até os ingredientes mais básicos, tenho de me governar com o que vou arranjanando.

– Em Inglaterra é o mesmo – disse-lhe Mariette. – As pessoas fazem geleia de nabo, os ovos secos são uma porcaria e aqui há dias distribuíram uma batata seca em pó chamada *Pomme*. Mistura-se com água quente para fazer puré, mas é intragável.

– Quem me dera poder ficar mais tempo contigo, ou pelo menos levar-te para um sítio mais quente, mas não posso – disse Celeste, com tristeza no olhar. – Penso que há alguém no café que anda a dar aos boches informações a meu respeito; vi um homem a vigiar a casa. Depois desta, vamos ter de parar durante algum tempo. Está a tornar-se demasiado arriscado.

– O Luc disse que esta noite são crianças – disse Mariette.

– Sim. Tudo o que posso dizer é que são filhos de dois dos nossos. A mais nova tem quatro anos, a mais velha catorze, e temos de levá-las para um lugar seguro.

Mariette adivinhou, pelo ar de profunda preocupação no rosto da mulher mais velha, que temia que se as crianças fossem apanhadas, os Alemães as usassem como reféns para chegar aos pais e a outras pessoas da cadeia de salvamento.

– É o plano habitual? – perguntou.

– Sim. As crianças já estão escondidas perto da praia. O barco a remos estará no sítio do costume, e vais ter de partir às cinco e meia por causa da maré. O soldado que faz patrulha nesse troço da costa costuma lá chegar por volta das seis menos um quarto. Mas passa sempre pelo café para beber um *cognac* quando está muito frio, e eu vou convencê-lo a ficar um pouco mais no quentinho.

Mariette não ia perguntar se Celeste tinha a certeza de conseguir fazer o que dizia. Confiava nela.

– Sais daqui quando o relógio da igreja der as cinco – continuou Celeste.

– O rapaz mais velho, o Bernard, sabe que vão ter de estar preparados. Quando te aproximares da praia, faz o sinal habitual, para ele saber que és tu.

Mariette assentiu. Fora ela própria que inventara o sinal; agitava alguns seixos dentro de uma lata, porque assobiar ou falar alto seria demasiado perigoso.

– Este pode ser o nosso último encontro – disse Celeste, e estendeu os braços para a abraçar. – Sinto que melhores tempos virão em breve. Espero

não me enganar. Mas se não voltarmos a ver-nos, quero agradecer-te por tudo o que fizeste por nós. A tua coragem é admirável, e desejo-te as maiores felicidades no futuro.

Celeste saiu rapidamente, deixando Mariette a sentir-se um pouco emocionada. Gostava muito dela, e admirava-a, e não queria acreditar que podia nunca mais voltar a vê-la.

Encolhida no barracão, ouviu o relógio da igreja dar a uma, e depois as duas, as três e as quatro. O frio fazia que o tempo decorrido entre cada série de badaladas parecesse muito mais do que uma hora. Depois das quatro, começou a escurecer. Pôs-se de pé e correu sem sair do lugar durante algum tempo, para ativar a circulação.

Por fim, o relógio deu as cinco, e ela abriu a porta do barracão com muito cuidado e espreitou para fora. Quando teve a certeza de que não havia ninguém por perto, dirigiu-se para a praia.

Como sempre, tinha sido escolhida uma noite sem lua, mas conseguia distinguir os contornos da grande rocha junto à qual o barco estaria escondido. Mesmo com o rebentar das ondas na praia, ouvia o tilintar da campainha da boia, a assinalar a direção em que tinha de remar. Apanhou um punhado de pequenos seixos, pô-los dentro da lata e agitou-os.

Um ruído muito ligeiro fê-la voltar-se; viu as quatro crianças a saírem, deslizando como sombras, da cancela do jardim da casa mais próxima da praia. Celeste dissera-lhe que aquela casa pertencia a um casal de parisienses ricos que, antes da guerra, costumavam lá passar o verão inteiro. Estava trancada, com as portadas das janelas fechadas e as portas seguras por cadeados, mas Mariette calculou que Celeste tinha usado uma cave ou um barracão exterior.

Aproximou-se das crianças e tocou-lhes nas faces, uma a uma, numa saudação silenciosa. O rapaz mais velho, que sabia chamar-se Bernard, era mais alto do que ela. Tanto ele como o outro rapaz, que aparentava seis ou sete anos, tinham a cabeça coberta por balaclavas negras. As duas raparigas, mais novas, vestiam casacos escuros e gorros.

— Venham — sussurrou em francês, estendendo as mãos às raparigas. — Vou pô-las no barco primeiro e depois venho buscar os vossos irmãos.

Disse aos dois rapazes que voltassem ao jardim e se escondessem atrás do muro e afastou-se com as raparigas. Neste ponto de um salvamento, receava sempre que o barco não estivesse lá, ou que um soldado aparecesse de

repente. Mas o barco estava no lugar habitual, onde tinha sido deixado algumas horas antes. Colocou as raparigas a bordo e disse-lhes que se estendessem no fundo, escondidas, enquanto ia buscar os irmãos.

Estava quase a chegar junto dos rapazes quando, para seu horror, ouviu passos que se aproximavam pelo trilho que corria ao longo da costa vindo da aldeia. Eram passos pesados, medidos, passos de soldado que lhe gelaram o sangue nas veias. Se as raparigas no barco gritassem, ou se os irmãos tentassem chegar até elas, estaria tudo perdido.

Chegou ao portão do jardim, e a expressão ansiosa de Bernard disse-lhe que o rapaz compreendia o perigo. Com um gesto silencioso, indicou aos dois rapazes que se escondessem atrás do muro e levou um dedo aos lábios, para lhes recordar que deviam manter silêncio.

Continuou junto ao portão enquanto os dois voltavam a agachar-se atrás do muro. A sua esperança era que, uma vez que tinha aparecido mais cedo, a intenção do soldado fosse despachar a patrulha o mais rapidamente possível e voltar para o calor do café. Mas o coração caiu-lhe aos pés quando o viu deter-se a poucos metros do seu esconderijo e olhar para a praia, como se procurasse qualquer coisa.

A camada de neve que cobria o chão não ultrapassava os dois centímetros de espessura, e Mariette tinha a certeza de que estava demasiado escuro para o alemão ver as pegadas. Mas teria uma das raparigas falado, ou feito qualquer ruído que ele tivesse ouvido? Parecia improvável, porque o barulho das ondas a baterem nas rochas era o suficiente para abafar tudo menos um grito. Estaria o soldado apenas a olhar para ver onde iriam assentar os flocos de neve que caíam?

Esperou e esperou, mas o homem não se mexia.

De repente, ocorreu-lhe que fora mandado para vigiar aquela área, e que ia continuar onde estava. A ideia apavorou-a, pois colocar uma sentinela naquele sítio significava que os Alemães suspeitavam que a praia estava a ser usada para evacuar pessoas.

Estava encurralada numa situação sem saída. Não podia chegar junto das duas raparigas, e não tardaria muito que o medo e o frio as fizessem sair de onde estavam. E também não tinha maneira de levar os rapazes até ao barco.

O soldado mataria as crianças, se as visse. Sabia isto com uma certeza absoluta. E não podia permitir que acontecesse.

As palavras de PJ acudiram-lhe à cabeça. «Descobrirá que é capaz de usar a faca, como lhe ensinei, se a sua vida ou a de qualquer outra pessoa dependerem disso.»

Enfiou a mão no bolso e fechou os dedos à volta da navalha. Não tinha alternativa senão matar o soldado. Não podia deixar morrer quatro crianças só porque tinha medo.

Mas tinha medo. Se vestisse roupas de mulher, sairia ousadamente do portão, fingir-se-ia surpreendida ao ver ali o soldado e diria qualquer coisa coquete para poder aproximar-se dele. Mas vestida como estava tornar-se-ia de imediato suspeita. O que significava que tinha de apanhá-lo de surpresa.

Fez sinal a Bernard para que não saísse de onde estava e, apelando a toda a sua coragem, afastou-se agachada ao longo do muro do jardim e deteve-se no ponto onde crescia um grande arbusto que pendia para o outro lado.

Apanhou do chão algumas pedras e subiu para o muro. Então, escondida pelo arbusto, atirou uma delas. A pedra caiu no chão com um estalido seco. Espreitando por entre os ramos, Mariette viu que o soldado voltava a cabeça na direção do som, mas não se movia.

Atirou outra pedra, esta para mais longe, para a praia, onde ressaltou várias vezes nos seixos. Dessa vez, o soldado mexeu-se. Começou a avançar em direção ao lugar onde ela estava escondida, enquanto perscrutava a escuridão da praia como se pensasse que podia lá estar alguém, a observá-lo.

O trilho não chegava a ter um metro de largura. Havia uma pequena ravina do outro lado, uma ravina de que qualquer pessoa desconfiaria porque era impossível, no escuro, ver-lhe o fundo, ou até saber se acabava em rochas ou apenas numa zona de areia e erva.

Mariette desceu silenciosamente do muro para o trilho onde o soldado se encontrava, ainda escondida pelos ramos pendentes. Estava agora a pouco mais de um metro de distância do alemão, tão perto que conseguia detetar o cheiro a tabaco que lhe impregnava o pesado capote.

Avaliou-o. Era pouco mais alto do que ela, mas pesado e lento de movimentos. Tinha a espingarda suspensa do ombro e as mãos enfiadas nos bolsos. Desde que conseguisse saltar-lhe em cima com a mesma rapidez que nos treinos, poderia cortar-lhe o pescoço antes que ele tivesse sequer tempo de as tirar para fora.

Para se convencer a fazê-lo, imaginou as duas rapariguinhas à espera no barco e os rapazes do outro lado do muro do jardim, sujeitos a serem descobertos e mortos de um momento para o outro. Tinha de fazer aquilo bem, por eles. Falhar significaria a morte para todos e, quase de certeza, o pelotão de fuzilamento para Luc, Guy e Celeste.

Avançou para as costas do soldado. Esperava que o rebentar das ondas abafasse qualquer ruído que fizesse.

Inspirou fundo, ergueu-se nas pontas dos pés e saltou para a frente. Agarrou com a mão esquerda o queixo do homem e puxou-lhe a cabeça para trás, para expor o pescoço. O homem gritou de surpresa e o capacete que usava bateu no ombro dela. Segurando firmemente a faca com a mão direita, Mariette passou-lhe a lâmina pelo pescoço.

O soldado debateu-se, fez um som gorgolejante e ela sentiu o sangue quente jorrar-lhe para as mãos e para a cara. E cheirou-o, também, como aço no ar gelado. O alemão pesava contra ela e Mariette empurrou-o para a frente, viu-o cair de joelhos e correu para os rapazes.

– *Vite, vite!* – chamou.

Atravessaram a praia a toda a velocidade, lançando fugazes olhares de relance ao corpo caído no trilho.

Até então, Mariette sempre se tinha movido lenta e cautelosamente na praia, para fazer o menos barulho possível, mas daquela vez não quis saber. Todos os seus pensamentos estavam concentrados em enfiar as crianças no barco e sair dali.

Quando Bernard atirou o rapaz mais novo para dentro do barco, as duas rapariguinhas levantaram-se de um salto, alarmadas.

– Para baixo! – ordenou Mariette enquanto puxava a corda amarrada a uma estaca de metal cravada na areia.

Bernard esforçou-se por ajudá-la a empurrar o barco até à água. Entretanto, a maré já tinha recuado um pouco, dificultando a tarefa. Mas, por fim, a proa chegou à água.

– Salta para dentro – ordenou Mariette a Bernard. – Vou empurrá-lo só mais um pouco e já te sigo.

O rapaz fez o que ela mandava. Quando sentiu que o barco começava a flutuar, Mariette atirou-se para cima da borda para rolar para dentro. Ouviu uma detonação seca, mas antes que o seu cérebro tivesse tempo de registar

que fora um tiro, uma pontada de dor lancinante, como um ferro em brasa, trespassou-lhe o joelho direito.

– Não estava morto! – gritou Bernard, agarrando nela e puxando-a para dentro do barco.

Soou um segundo tiro, e o rapaz mais novo soltou um grito de choque e de dor. Horrorizada, Mariette viu que tinha sido atingido num ombro.

Empunhou os remos e, ajudada pela maré que puxava o barco para o largo, começou a afastar-se da praia.

Mais uma detonação. Viu o clarão do disparo, quase rente ao chão, o que parecia sugerir que o soldado estava a disparar com o seu derradeiro alento.

– Bernard, pega nisto e aperta-o com força sobre o ferimento do rapazinho – disse, tirando o lenço que tinha à volta do pescoço. – Como se chama ele?

– Isaac – respondeu Bernard. – É irmão da Sabine, a menina mais pequena. A Céline tem seis anos e é minha irmã.

– Ok, Isaac – disse Mariette, enquanto manobrava os remos com gestos vigorosos, a fazer um grande esforço para não gritar por causa da dor no joelho. – Foste ferido, e eu também, mas tratarão de nós quando o barco vier buscar-nos. Consegues ser muito corajoso e não chorar enquanto não estivermos a salvo?

– Vou tentar – disse ele. – Mas dói muito.

– O meu joelho também – admitiu ela. – Mas vamos os dois ser corajosos.

A boia não era fácil de encontrar. Mariette ouvia a sineta tilintar, mas não conseguia vê-la por causa da altura das ondas. Estavam todos encharcados e a pequena Sabine choramingava, com os grandes olhos escuros cheios de medo enquanto se agarrava a Bernard. Céline ajudava a apertar o lenço contra o ferimento de Isaac e fazia o possível por o confortar. Mariette pensou que aquelas quatro crianças já deviam ter passado por vários géneros de inferno para se manterem tão controladas numa situação daquelas. Estava escuro, fazia um frio terrível, as ondas ameaçavam voltar o barco, estavam molhadas até aos ossos e com uma mulher que não conheciam.

Bem gostaria de ser tão controlada como elas. Mas o joelho doía-lhe, e temia que os disparos tivessem atraído outros soldados, e então o homem morto seria descoberto. Estava demasiado escuro para ver fosse o que fosse

na costa, mas isso não significava que não estivesse lá ninguém. E se Luc já tivesse sido impedido de sair com o barco por os Alemães desconfiarem dele? Quanto tempo ia conseguir ficar no mar aberto, com quatro crianças, na esperança de que alguém aparecesse?

Entre a sua própria dor e o medo pela sorte das crianças, sentia que aquele era o pior de todos os pesadelos. Imaginou Celeste a tentar enganar os oficiais nazis que apareceriam para revistar o La Plume Rouge. Iriam prendê-la e interrogá-la?

Que ia ela fazer se isso acontecesse? Não podia manter as crianças no mar a noite inteira, e de manhã estariam todos mortos de frio. E se não encontrasse a boia, como conseguiria remar ao longo da costa até descobrir um lugar seguro para desembarcar? E mesmo que conseguisse, o barracão onde passara o dia era tão desprovido de conforto como aquele barco.

Ainda por cima, havia o seu ferimento e o de Isaac. Sabia pouco de questões médicas, mas bastava olhar para o joelho para ver que a bala o destroçara. Ao ritmo a que o sangue jorrava da ferida, não tardaria a perder os sentidos. Isaac era uma criança, se não fosse tratado rapidamente poderia apanhar uma infecção fatal.

Que fazer?

Sentia-se cada vez mais fraca, mas cerrou os dentes e obrigou-se a pensar no que o pai tinha passado na Grande Guerra. Tinha continuado a lutar apesar de gravemente ferido, e ela tinha de fazer o mesmo.

De repente, viu o rosto dele à sua frente. Estava a dizer qualquer coisa, e teve de apurar o ouvido para o escutar. «A verdadeira coragem é quando consegues manter-te fiel ao que estás certo», ouviu-o dizer. «Seja qual for o custo para ti, mesmo quando parece que toda a esperança se perdeu.»

Sabia que era o que ele lhe tinha dito antes de ela partir da Nova Zelândia, mas foi como se estivesse ali, a sussurrar-lhe ao ouvido.

— Élise!

Voltou a si ao ouvir o nome que mal reconheceu.

Bernard estava a tocar-lhe no braço.

— Acho que a boia é aqui, vi-a há um instante. Trouxe-nos até cá.

O pequeno barco foi levantado por uma grande onda e, quando voltou a descer, Mariette viu a boia. Recorrendo a toda a perícia que aperfeiçoara quando era mais nova, em Russell, conseguiu lançar um laço de corda por cima do topo da boia e puxar o barco para mais perto.

– É tão inteligente – disse Bernard, cheio de admiração.

– Tive muita prática – respondeu ela, e conseguiu esboçar um pálido sorriso, apesar de o joelho dar a sensação de ir explodir.

– O Isaac está a ficar muito doente – disse Céline, ansiosa. – E eu e a Sabine temos muito frio.

– Agora já não falta muito – afirmou Mariette. – Vamos ver quem consegue avistar primeiro a traineira?

Pareceu-lhes que esperavam uma eternidade, com o pequeno barco a subir e a descer, sob uma chuva constante de salpicos gelados, e o frio cortante a queimar-lhes a cara. Cinco pares de olhos perscrutavam a escuridão, e Mariette rezou em silêncio para que a ajuda chegasse.

Então, quando a pequena Sabine começou a chorar, Bernard viu a minúscula luz verde do barco de pesca.

– Tem de ser ele! – gritou, exultante. – Se fosse um barco alemão, tinham um grande projetor.

Mais tarde, estendida no beliche embrulhada numa manta enquanto Luc lhe limpava e ligava o joelho, Mariette ficou a saber que eram apenas sete da noite quando ela e as crianças tinham sido recolhidas. Parecia impossível que todo aquele inferno, desde deixar o barracão para ir ao encontro das crianças, cortar o pescoço ao soldado, levar as crianças para o barco, remar para o mar alto com um joelho desfeito e esperar que Luc aparecesse, durara apenas duas horas.

Só a parte em que remara no meio das grandes ondas, à espera do barco de pesca, parecera-lhe uma eternidade.

– A menos que um torpedo nos atire pelos ares ou um avião alemão nos ataque, o pesadelo acabou – disse, com um risinho. Pensava que nunca seria capaz de explicar convenientemente a Luc como fora maravilhoso ver o barco avançar na direção deles.

– Não é bem assim – respondeu Luc. – Ainda vamos ter de te passar para o barco inglês, e com o joelho nesse estado não vai ser fácil.

– Estamos todos vivos, e isso é o que importa – disse ela. O joelho continuava a doer-lhe muito, mas despir as roupas molhadas, que cheiravam a sangue, fora como entrar no paraíso. – Como está o ombro do Isaac?

Guy estava ao leme, e Bernard e Luc tinham improvisado uma cama para as crianças no chão do camarote, com almofadas e mantas. Depois de lhe terem lavado e tratado o ferimento no ombro, Isaac ficara mais que feliz por poder enfiar-se na cama com a irmã e Céline.

– A bala entrou e saiu – disse Luc, e sorriu às crianças adormecidas. – Vê como dorme profundamente. É porque não deve doer-lhe muito.

Também Mariette sorriu às crianças. Sabine e Céline eram tão bonitas, com cabelos escuros e encaracolados, grandes olhos castanhos e meigos e bocas largas. Isaac tinha cabelos castanho-claros, com um caracol à frente que teimava em levantar-se, e sardas no nariz. Naquele instante, a dormir descansado, parecia que o seu único desgosto na vida era perder ao berlinde.

– E tu, Bernard, como estás? – perguntou ao rapaz mais velho, que estava sentado à pequena mesa embrulhado numa manta.

Bernard olhou para ela e tentou sorrir.

– Estou bem, graças a si. – Era um rapaz alto, muito magro, com olhos escuros que pareciam demasiado grandes para a cara e uns cabelos encaracolados que estavam a precisar de ser cortados. Mariette adivinhou que estava a remoer a morte do soldado. Já era suficientemente chocante para ela descobrir que era capaz de matar, mas mais chocante ainda uma criança ter assistido.

– É tempo de dormires um pouco – disse.

Luc anunciou que tinha de regressar à casa do leme, para junto de Guy.

Mal ele saiu, Bernard voltou a olhar para Mariette.

– Já matou muitas pessoas? – perguntou.

– Não, esta noite foi a primeira vez. E não o fiz muito bem, ou ele não teria disparado contra o Isaac e contra mim.

– Nem queria acreditar que fez aquilo – disse ele, em voz baixa. – Saltou para as costas dele como um gato, e quando lhe puxou a cabeça para trás, vi como o matou.

– Era ele ou nós – disse Mariette. – Espero que compreendas.

– Sei que numa guerra é preciso matar pessoas. E depois do que os nazis estão a fazer ao meu povo, devia estar contente por ver mais um morrer. Mas uma faca é muito mais pessoal do que uma espingarda – continuou ele, com a voz a tremer.

Mariette desejou poder levantar-se e abraçá-lo. Bernard era demasiado jovem para assistir àquelas coisas, mas calculou que já tinha visto mais horror do que a maior parte das pessoas numa vida inteira.

– Tenta não pensar muito nisso, Bernard. Eu própria fiquei chocada por ter sido capaz de fazer aquilo. Mas ainda bem que fui, ou nenhum de nós estaria aqui agora. E os teus pais ficariam muito orgulhosos se soubessem a maneira como te comportaste esta noite. Deita-te aqui no beliche ao meu lado. Estás exausto, e há espaço para os dois.

Bernard enfiou-se debaixo das mantas e adormeceu quase no instante em que pousou a cabeça na almofada. Mariette desejou ser capaz de dormir assim, e fazer desaparecer a dor do joelho, o cheiro a sangue que parecia agarrar-se a ela, e a tristeza que sentia por só ter conseguido salvar quatro crianças judias quando havia dezenas de milhares que podiam perecer antes que a guerra acabasse.

— Não posso acreditar que lhe aconteceu uma coisa tão horrível — soluçou Belle, com a cara escondida no peito de Étienne. — Nunca devíamos tê-la mandado para Inglaterra.

— Ela vai ficar bem, agora está no hospital — garantiu Étienne, esperando que fosse verdade. Ainda estava abalado depois de ter sido chamado à padaria de Peggy, ao nascer do dia, para receber o telefonema de Sybil.

Saber que a filha fora ferida a tiro no decurso de uma missão secreta em França, quando a julgavam em segurança a trabalhar atrás do balcão de um *pub* numa tranquila vila costeira algures em Inglaterra, fora um choque enorme. Étienne sempre acreditara que era capaz de enfrentar calmamente tudo o que a vida tivesse para lhe atirar à cara, mas enganava-se. Não era possível manter a calma quando um filho estava ferido ou em perigo.

— Porque se ofereceu ela para fazer uma coisa tão perigosa? — continuou Belle. — Não compreenderá que já temos mais do que o suficiente com que nos preocupar, com os rapazes tão longe?

— Penso que devíamos estar orgulhosos por ela ter decidido fazer qualquer coisa para ajudar nesta guerra — disse Étienne. — Por acaso paraste para pensar em como se sentiria a Mog se tivesses morrido, quando foste para França conduzir ambulâncias na última?

— Isso foi diferente — fungou Belle.

Étienne sorriu. Belle tinha sido, quando nova, tão impulsiva e temerária como Mari, mas, por qualquer razão, sempre vira a maneira de ser da filha como uma coisa má. Os rapazes podiam ser destemidos, mas as raparigas deviam ser sossegadas e obedientes.

— Não foi nada diferente — disse ele, num tom de reprovação. — Tu conduziste ambulâncias porque querias fazer qualquer coisa para ajudar na guerra. E embora não saibamos ao certo o que estava a Mari a fazer em França, tenho a certeza de que era qualquer coisa semelhante. Portanto seca esses bonitos olhos e alegra-te por ela ter sobrevivido para contar a história.

Belle fez uma careta.

— Sempre estiveste do lado da tua filha quando ela agia impulsivamente.

– Tal como tu sempre estiveste do lado do Alexis e do Noel quando eu os acusava de serem demasiado tímidos! É para isso mesmo que há um pai e uma mãe, para se equilibrarem um ao outro.

Sorriu a Belle, que continuava a fazer beicinho. Se a deixassem, teria embrulhado os rapazes em algodão. Mas o beicinho dela era tão *sexy* que Étienne sentiu vontade de a beijar.

– Ainda bem que a Sybil parece gostar tanto da Mari. Disse que devíamos orgulhar-nos dela – observou Belle, pensativa. – Gostava tanto que pudéssemos ir ter com ela. Cartas e telefonemas não são o suficiente, estando ela no hospital.

– Se houvesse alguma maneira de chegar a Inglaterra, tentaria – disse Étienne. – Mas sabemos que é impossível, e a Sybil disse que podemos ligar para o *pub* quando quisermos, para nos informarmos.

Peggy entrou na loja naquele momento, com a grande cara avermelhada tanto pelo calor dos fornos como pela preocupação, porque quando atendera o telefonema de Inglaterra pensara logo que um dos rapazes tinha morrido. Ver Belle e Étienne muito pálidos, abraçados um ao outro, só serviu para confirmar esta suposição.

– Um deles... – calou-se, incapaz de dizer a terrível palavra.

– Não, estão todos vivos e bem, Peggy, exceto a Mari, que ficou com um joelho desfeito – respondeu Étienne, adivinhando os pensamentos da amiga. – A senhora que telefonou chama-se Sybil e é a dona do *pub* onde a Mari trabalha e vive. Só estamos perturbados porque parece que a Mari estava a fazer um trabalho secreto em França, e o resultado podia ter sido bem pior do que um tiro num joelho.

– Estás a dizer que ela andava a espiar? – perguntou Peggy.

Étienne riu.

– Não, não me parece, pensamos que estava a trabalhar para a Resistência. Mas o ferimento pôs fim a isso! Parece que vai demorar muito tempo pô-la outra vez a andar. Mas o hospital de Southampton é bom, de modo que vai ser bem tratada.

– Graças a Deus! Mas agora é melhor levares a Belle para casa e cuidares dela – disse Peggy, ao notar que Belle tremia. – Se voltarem a precisar de usar o telefone, já sabem que podem vir a qualquer hora.

Étienne passou o braço à volta da cintura de Belle para a apoiar no curto trajeto até casa. Estava preocupado por vê-la tão abalada e pálida. Viu Mog

à espera deles no alpendre, e mesmo àquela distância sentiu-lhe a agitação.

A guerra e o receio pelos filhos deixara marcas em todos eles. Étienne podia continuar esbelto e saudável aos sessenta e quatro anos, mas quando olhava para o espelho era um choque ver que tinha a cara sulcada de rugas e os cabelos brancos, e já não louros.

Mog acabava de fazer setenta e dois anos, e também os seus cabelos eram brancos como a neve. Tinha artrite nos joelhos e caminhava com a ajuda de uma bengala. Mas embora costumasse brincar a respeito de estar senil porque se esquecia das coisas e repetia as mesmas histórias, Étienne sabia que não era nem de longe verdade.

Quanto a Belle, com quarenta e nove anos, continuava a ser uma mulher bonita, mesmo com os cabelos grisalhos e os óculos. Conservara a figura, os brilhantes olhos azuis e a doçura do sorriso, e quase não havia uma manhã em que Étienne não acordasse e olhasse para ela e pensasse em como tinha sido afortunado.

Tinham passado por muito, tanto antes como depois do casamento, mas o amor entre os dois tornara-se ainda mais forte com o nascimento dos filhos, apesar das dificuldades da Depressão, e agora da guerra. Mog, Belle e Étienne sentiam-se vazios e desmotivados sem os filhos, e a casa tornara-se demasiado silenciosa, demasiado arrumada e demasiado grande. Étienne tinha saudades de levá-los a sair no barco, da conversa às horas das refeições e até de ter de pôr cobro às discussões entre eles.

Mog continuava a fazer todos os vestidos e arranjos de roupa em Russell, mas Belle já só muito raramente fazia chapéus. Em vez disso, cultivava legumes e fruta no quintal e num pedaço de terra que tinham comprado perto da casa, e vendia os excedentes.

Com todos os rapazes de Russell enviados para a frente, Étienne tinha trabalho de construção e reparação mais do que suficiente para o manter ocupado, e os três estavam melhor financeiramente do que alguma vez tinham estado. Mas isso não era compensação para a ausência dos filhos, ou para o omnipresente medo de receber um telegrama ou um telefonema a dizer que um dos rapazes, ou ambos, tinha sido morto ou dado como desaparecido no Norte de África.

Ironicamente, a possibilidade de Mari ser ferida nunca os preocupara a sério; talvez por já ter sobrevivido duas vezes a bombardeamentos que tinham matado as pessoas que estavam com ela. Mas preocupavam-se com

os rapazes, porque os regimentos a que pertenciam estavam bem no centro da ação. Até ao momento, no entanto, nenhum deles sofrera um arranhão que fosse. Pediam a Deus que esta sorte se mantivesse.

Três rapazes de Russell tinham morrido em combate, rapazes que tinham ido à escola e brincado na praia com os filhos deles, participado em festas em casa deles. Em todos os serviços fúnebres, Étienne e Belle tinham sofrido pelos pais desolados e pensado que se naquele dia choravam a morte de Tom, Roger ou Andrew, na semana seguinte, ou no mês seguinte, poderiam chorar por Alexis ou por Noel.

– Que se passa? Está doente? Meteu-se em sarilhos? – perguntou Mog, mal chegaram suficientemente perto.

Esperaram até estarem todos sentados no banco do alpendre antes de Belle explicar a Mog tudo o que sabiam. Mas não era o suficiente para nenhum deles. Até Sybil dissera que quando o homem telefonara para lhe dizer que Mari estava no hospital se tinha limitado a dar a notícia, recusando acrescentar mais qualquer informação. O mais que conseguira arrancar-lhe fora que tinha sido atingida por uma bala num joelho.

– Tem o joelho muito danificado – disse Belle. – A Sybil não sabe como aconteceu, nem porquê ou sequer onde, mas disse que tencionava ir ver a Mari ao hospital amanhã, e que depois voltaria a telefonar. Mas hoje os médicos conseguem fazer milagres, Mog, não é como na última guerra.

Étienne percebeu pela expressão atormentada dos olhos de Belle que estava a recordar o momento em que lhe tinham dito que o seu primeiro marido, Jimmy, tinha perdido um braço e uma perna em Ypres.

– É mesmo da Mari oferecer-se como voluntária para uma coisa perigosa – resmungou Mog.

Étienne sorriu. Bem via que Mog estava orgulhosa da coragem de Mari.

– Nas cartas dela não havia a mais pequena indicação de que estava a fazer uma coisa destas – observou Belle, indignada. – Como pôde ela escrever-nos e contar-nos histórias a respeito do *pub* e do Edwin e não dizer uma palavra a respeito disto?

– Olha quem fala! – retorquiu Mog. – Se bem me lembro, dizias muito pouco nas tuas cartas a respeito das condições em que viviam em França.

– Eram demasiado más para que falasse delas – disse Étienne. – Mas se a Mari estava a trabalhar para os Serviços Secretos, não podia divulgar fosse o que fosse.

— E se ela nunca mais voltar a andar? — perguntou Belle, com lágrimas na voz.

— Para com isso! — pediu Étienne. — Não serve de nada pormo-nos com esse tipo de especulações. Temos de esperar que a Sybil nos volte a telefonar com mais notícias. Talvez o Edwin também telefone... isto é, se foi informado. Pobre rapaz, penso que deve ter ficado tão chocado como nós quando soube no que ela andava metida.

Belle pediu licença, entrou em casa e foi para o quarto chorar. Sabia que tudo o que Étienne dissera fazia todo o sentido. Mas ele não compreendia que descobrir que a filha tinha estado envolvida numa coisa perigosa era muito pior do que enfrentar ela própria o perigo.

Queria Mari de volta tal como era quando saíra de casa, cinco anos antes. Podia ser desobediente, retorcida e egoísta, mas ao menos estava a salvo.

Belle sabia que a filha tinha mudado muito naqueles cinco anos. Sabia que, quando escrevia para casa depois de ter chegado a Inglaterra, estava a fingir ser uma rapariga sensata e responsável, e passara muitas noites sem dormir a perguntar-se quanto tempo passaria até que fizesse um disparate qualquer que a desgraçasse.

Fora depois de Noah, Lisette e Rose terem perecido no bombardeamento do Café de Paris que uma verdadeira maturidade começara a transparecer nas cartas de Mari. Não havia autocomiseração, apenas um desgosto sincero por ter perdido uma família que acabara por amar. Nunca dissera que Jean-Philippe a expulsara de casa, mas Belle e Étienne tinham adivinhado que ele a tratara mal, e Belle sabia muito bem o que era uma mudança de St. John's Wood para o East End. No entanto, Mari não se queixava das suas novas condições de vida. Na realidade, escrevia a respeito da sua amiga Joan em termos esfuziantes, grata por ter um teto onde se abrigar.

Mas foi quando Joan morreu no bombardeamento e Mari ficou sem nada — sem casa, sem sequer uma muda de roupa — que a verdadeira transformação do seu carácter aconteceu. O desgosto pela perda da amiga era muito evidente. Disse, numa carta cheia de paixão, que não era justo uma mulher com dois filhos morrer assim. Então mudou-se para Sidmouth, e, apesar de nunca ter dito que foi por os filhos de Joan estarem perto, Belle sabia que sim. E ficou profundamente emocionada pela compaixão da filha para com eles. Cinco anos antes, Mari não teria pensado para lá das suas próprias necessidades. Poderia ter arranjado um marido rico que cuidasse

dela, e de certeza nunca lhe teria ocorrido tentar ajudar duas crianças sem mãe que mal conhecia.

Belle enterrou a cabeça na almofada e chorou.

Sentia-se culpada porque, sempre que se preocupava com Mari, imaginava-a a fazer o género de coisas vergonhosas que ela própria fizera quando se via num aperto. Que espécie de mãe era ela para nunca se ter preocupado com bombas e balas e só imaginar uma gravidez indesejada, desonestidade e manha?

Porque não fora capaz de confiar que Mari optaria pela solução certa e honrosa?

Ouviu Étienne entrar no quarto, mas ele não disse nada. Limitou-se a sentar-se na cama, a seu lado, e tomá-la nos braços. Deixou-a chorar contra o seu ombro durante algum tempo antes de falar.

– Sabes, tivemos mais do que a nossa quota-parte de boa sorte – disse finalmente. – Voltámos a encontrar-nos, temos três filhos maravilhosos, inteligentes e saudáveis, e vivemos no paraíso. Se tudo o que temos a lamentar é um deles estar num hospital com um ferimento de bala, penso que a nossa sorte está a aguentar-se.

– Consegues sempre olhar para o lado bom de tudo – fungou ela. – Mas eu sinto-me responsável por isto porque achei que era uma boa ideia mandá-la para Inglaterra.

– E *foi* uma boa ideia. Se a Mari tivesse ficado na Nova Zelândia, teria acabado por se meter num sarilho qualquer. Vistas bem as coisas, a Inglaterra foi o melhor para ela. Só espero que o tal Edwin não a prenda lá para sempre.

– É exatamente isso – suspirou Belle. – Ela não nos fala dos seus planos nem do que pensa. Nunca disse declaradamente que ama o Edwin, ou que estão a planear um futuro juntos. Sentir-me-ia muito mais feliz se pudesse sentar-me com ela durante uma hora, ou isso, e descobrir tudo.

– Alguma vez os filhos contam tudo aos pais? – Étienne riu. – Eu de certeza que nunca contei nada ao meu pai porque ele estava sempre bêbedo. E duvido que tu contasses fosse o que fosse à Annie.

– Não. Mas tinha a Mog, e falava com ela.

Étienne mudou de posição para se apoiar num cotovelo, e olhou para ela.

– Aposto que não lhe disseste que me tinhas encontrado em França e sido infiel ao Jimmy – disse, arqueando uma sobrancelha.

– Não! Como podia contar-lhe uma coisa dessas! Ela adorava o Jimmy.

– Estou só a tentar lembrar-te que há muitas razões para não dizer toda a verdade – disse ele, num tom conclusivo. – Talvez a Mari não ache que o Edwin é «o tal»». Ou talvez saiba que ele não gosta dela tanto como ela gosta dele. Ou ele pode ter a cara horivelmente desfigurada.

Belle esboçou um sorriso débil.

– Agora estás a ser parvo!

Étienne afastou-lhe os cabelos da cara.

– Vamos sair os dois no barco. Levamos um piquenique, e eu farei amor contigo numa praia deserta.

– Porque será que acreditas que fazer amor é a cura para tudo, desde dores de cabeça ao pé chato?

– Porque, *ma chérie*, tu tens-te mantido excecionalmente saudável desde que eu comecei a fazer amor contigo. É toda a prova de que preciso.

Belle riu. Étienne continuava a ter a capacidade de fazê-la sentir-se como se tivesse outra vez dezoito anos.

Dois dias depois do telefonema a respeito do ferimento de Mari, Mog voltou da loja com uma carta na mão. Belle e Étienne ainda estavam na cozinha, a tomar um pequeno-almoço demorado.

Tinham saído no barco no dia anterior, e passado um dia maravilhoso juntos. Só tinham regressado já bem depois do escurecer, e Belle fora recordada de que havia muito tempo que não era espontânea e fazia qualquer coisa só pela graça de a fazer.

– Chegou esta carta para ti, de Inglaterra – disse Mog, entregando-a a Étienne. – Tem um ar muito oficial. Será a respeito da Mari?

Étienne usou uma faca para abrir o sobrescrito. Começou a ler, e à medida que lia franzia a testa.

– Más notícias? – perguntou Belle, ansiosa.

– Não – disse ele –, só surpreendentes. É de um solicitador. Parece que o Noah nos deixou a minha antiga propriedade em Marselha.

Belle ficou tão surpreendida que, por um momento, não disse nada.

– A sério? – exclamou por fim, sabendo que tinha de dizer qualquer coisa.

– Tens razão, é surpreendente. E tão próprio do Noah fazer isso por nós.

Étienne comprara a terra muito antes de ela o conhecer. Reconstruíra a velha casa, plantara limoeiros e criara galinhas. Durante a Grande Guerra, quando ela o encontrou em França, ele falara-lhe disso. Chegara até a sugerir que deixasse Jimmy, o marido, e se refugiasse lá com ele até ao fim do conflito. Mas então Jimmy perdeu um braço e uma perna, e ela não foi capaz de o deixar.

Mais tarde, convencera-se de que ele tinha sido morto na guerra, e quando Jimmy morreu também, emigrou com Mog para a Nova Zelândia. Foi Noah que descobriu que Étienne continuava vivo. Descobriu-o na quinta e convenceu-o a ir ter com ela à Nova Zelândia. E comprou-lhe a pequena propriedade, dizendo que ele e Lisette adorariam ter uma casa de verão no Sul de França.

– Porque é que o solicitador demorou tanto tempo a contactar-nos? – perguntou Belle.

– Parece que tiveram alguma dificuldade em encontrar-nos.

– Como assim? – estranhou Belle. – O Jean-Philippe sabe muito bem onde estamos.

Étienne sorriu.

– Desconfio que o Jean-Philippe não quis dizer. Diz o solicitador: «Mr. Foss contestou o testamento do padrasto, afirmando que a casa em França lhe tinha sido prometida.» Segundo ele, o tribunal determinou que os desejos de Mr. Baylis deviam ser respeitados.

– E devem – disse Belle, com alguma indignação. – Tenho a certeza de que o Jean-Philippe não ficou a perder, de qualquer modo. Mas, sabes, a Lisette disse-me numa carta, há anos, que o Noah tinha problemas com ele. Não explicava porquê. Mas a situação devia incomodá-la, considerando que foi o Noah que a salvou das garras de bandidos franceses e lhe deu uma nova vida.

Étienne acenou em concordância.

– Só vi o Jean-Philippe uma vez – disse –, e lembro-me de o ter achado um rapazinho muito macambúzio. O Noah ficou embaraçado por ele não responder às minhas perguntas. Na altura pensei que melhoraria com a idade, mas parece que não.

– Do mal o menos – comentou Belle, com um sorriso.

– Uma casa no Sul de França não vale grande coisa neste momento, e pode até ser um peso – disse Étienne, pensativo. – O mais certo é ter sido

danificada, requisitada ou até destruída. Lembro-me de o Noah nos ter mandado uma fotografia da família tirada lá, e parecia maravilhosa, porque ele a tinha arranjado. Mas há de ter sido há uns bons quinze anos.

– Vou tentar encontrar a fotografia – prometeu Belle. – Iam para lá todos os verões. A Lisette gostava da casa tanto como o Noah. Disse-me numa carta que as pessoas das redondezas ainda falavam a teu respeito.

Étienne sorriu.

– Bem, diria que quando a guerra acabar e tivermos dinheiro suficiente para ir até lá dar uma vista de olhos, a maior parte dessas pessoas já terá morrido. Vamos ter de a vender, de qualquer modo. É demasiado longe.

– O Noah devia saber que não voltaríamos para a Europa – disse Belle. – Porque no-la terá deixado?

– Era um sentimental, sabia quanto tinha em tempos significado para mim, e suponho que achou que o mais correto era devolver-ma. Mas espero que também tenha sido para irritar o Jean-Philippe – respondeu Étienne, com um sorriso torcido. – Nunca to disse, porque o Noah mo pediu, mas quando falámos ao telefone a respeito de mandar para lá a Mari, ele admitiu que o rapaz era má peça. Disse que era rancoroso, mesquinho e tinha ciúmes da Rose. Tentava muitas vezes magoá-la. Disse-me que tudo aquilo perturbava muito a Lisette e que os dois tinham ficado muito aliviados quando ele casou e saiu de casa.

– Porque não me disseste isto mais cedo? – indignou-se Belle. – Devias ter dito qualquer coisa quando a Mari deixou a casa do Noah tão cedo depois da tragédia. Não pensaste que o Jean-Philippe deve ter sido mau para ela?

– Sim, pensei. Mas não podia voar até lá e dar-lhe um par de palmadas, pois não? Estávamos ambos muito tristes por termos perdido o Noah, a Lisette e a Rose. E de que teria servido eu falar-te do que o Noah me disse?

– Que mais diz o solicitador? – perguntou Belle.

– Tenho de confirmar que sou Étienne Carrera, arranjar alguém que assine o documento como testemunha, e eles enviam-me a escritura. Talvez também peça para ver uma cópia do testamento, para ter a certeza de que o Jean-Philippe não bloqueou a herança de mais ninguém.

– Quanto poderá valer a casa, querido?

Étienne encolheu os ombros.

– Não faço a mínima ideia. Fica na França de Vichy, mas não sei se isso faz com que seja mais ou menos provável que esteja intacta. Nem sequer sei se o Noah tinha alguém a cuidar dela. Mas a terra há de valer alguma coisa, quando a guerra acabar e as pessoas começarem a regressar a França.

– Talvez quando a perna da Mari estiver melhor ela possa ir até lá dar uma vista de olhos? – disse Belle.

– Sim, talvez – respondeu Étienne.

Mas não conseguiu olhar Belle nos olhos, porque um sexto sentido dizia-lhe que a recuperação do joelho de Mari ia ser um processo muito demorado.

Southampton

O instinto de Étienne não o enganava. Mariette ficara com o joelho muito danificado pela bala e foi operada pela primeira vez na tarde em que chegou ao Hospital de Southampton.

No seu espírito, a viagem de regresso de França estava envolta numa espécie de bruma. A única coisa de que se lembrava era de estar no convés, com as quatro crianças, pronta para a transferência da traineira francesa para o barco de pesca inglês, e de as dores no joelho serem tão horríveis que não conseguia apoiar-se na perna direita.

No fim, Luc saltou para o outro barco levando-a nos braços, porque ela desmaiou. Pelo menos foi o que Armand lhe disse no regresso a Inglaterra, pois não tinha qualquer memória do episódio.

O resto da viagem, a chegada a Lyme Regis e ter sido transferida para a ambulância eram uma série de instantâneos desconexos, com rostos que não conhecia a debruçarem-se para ela e uma onda de dor lancinante a engoli-la inteira.

Só teve consciência de que estava a salvo num hospital no dia seguinte, depois da primeira operação ao joelho. Um homem chamado Whitlock foi vê-la, a mando de Miss Salmon, e Mariette pediu-lhe que contactasse Sybil e lhe dissesse onde ela estava. Mas Whitlock estava mais interessado em saber os pormenores de como decorrera o resgate, e recordar-lhe que não podia divulgar fosse a quem fosse nada do que acontecera, do que em tranquilizá-la a respeito de Sybil ser avisada.

Por isso ficou sem saber se ele ia ou não contactar Sybil. Além disso, perguntava-se como ia explicar o seu ferimento às pessoas, sobretudo ali no hospital. Tinha quase a certeza de que um ferimento por bala era muito diferente do que poderia resultar de uma queda ou de ter sido atropelada por um carro. Deveria dizer que não podia responder, se o médico perguntasse quem a atingira?

No fim, o médico que foi examiná-la quando acordou da anestesia limitou-se a dizer que tinha removido a bala do joelho. Explicou então que teria de ser novamente operada dentro de um ou dois dias, porque o projétil lascara outros ossos. Não fez perguntas a respeito de como aquilo tinha

acontecido. Tudo o que disse foi que ia ter de ficar no hospital durante algum tempo.

Excetuando a constante dor no joelho, era bom estar deitada numa cama num quarto aquecido, livre de outras responsabilidades. Estava sozinha numa pequena enfermaria lateral. Se esticasse o pescoço, conseguia ver, através do painel de vidro da parede, a grande enfermaria principal. Estava contente por não a terem posto ali. Nos hospitais, as mulheres faziam sempre questão de tentarem descobrir o que acontecera a toda a gente, e ela precisava de repouso e de tempo para inventar uma história antes de estar pronta para falar com quem quer que fosse.

No entanto, sempre que fechava os olhos voltava a ver como tinha matado o soldado alemão. Ouvia o som gorgolejante que ele fizera, e sentia na mão o jorro de sangue quente da garganta.

Perguntava a si mesma se alguma vez seria capaz de esquecer. Iria ver a horrível cena até ao fim da vida? Podia racionalizar a questão, dizer a si mesma que as vidas de quatro crianças inocentes eram mais importantes do que a de um soldado. Só esperava que a boa gente de Portivy não tivesse sofrido as consequências daquilo que fizera. Sobretudo Celeste, Luc e Gilpin. Alguma vez voltaria a ter notícias deles?

A irmã Fairclough, uma mulher magra com feições pesadas, apareceu para a ver às nove dessa noite e disse-lhe que Sybil tinha telefonado para o hospital a perguntar como ela estava e dizer que iria visitá-la no dia seguinte.

– Disse que foi contactada por um tal Mr. Whitlock – acrescentou. – Foi o cavalheiro que estive cá esta manhã, não foi? É um parente?

– Não, é alguém para quem trabalho, de certa maneira – respondeu Mariette, na esperança de que aquilo pusesse cobro a novas perguntas. – Pedi-lhe que avisasse a Sybil. Estou alojada em casa dela e sabia que ia ficar preocupada comigo.

– Também eu ficaria preocupada, se uma hóspede minha apanhasse um tiro num joelho – disse a enfermeira, num tom seco.

– Não estou autorizada a falar sobre o assunto – explicou Mariette. – Lamento.

A enfermeira fungou, enfiou-lhe um termómetro na boca e levantou a manga da camisa de noite do hospital para lhe medir a pressão arterial.

Aparentemente, tinha percebido a ideia.

Na manhã seguinte, ao cabo de uma longa noite que Mariette passara quase sempre acordada por causa das dores no joelho, apareceu uma jovem enfermeira com uma arrastadeira e uma bacia com água para a lavar. Era uma rapariga vulgar, de cabelos escuros e óculos, mas percebeu logo que Mariette estava envergonhada por ter de usar a arrastadeira. Conseguiu, com alguma dificuldade, enfiá-la no lugar, e então desapareceu enquanto ela a usava, regressando no momento exato para a retirar discretamente.

– Vou deixá-la lavar-se sozinha enquanto procuro uma escova e pasta de dentes – disse, num tom jovial. – E vou trazer também uma camisa de noite lavada.

Mariette conseguiu lavar-se sem grande dificuldade – considerando que cada vez que mexia a perna tinha dores terríveis –, mas ficou muito contente quando a enfermeira voltou e a ajudou a vestir uma camisa lavada e lhe penteou o cabelo.

– Tem um cabelo tão bonito – disse a rapariga. – Mas parece estar sujo de sangue. De onde veio?

Mariette sabia que era sangue do soldado alemão, e sentiu uma náusea revoltar-lhe o estômago. Recostou-se na almofada sem responder.

– Vou trazer-lhe o pequeno-almoço – anunciou a enfermeira, recuando com a bacia de água, claramente consciente de que tinha perturbado a paciente, embora não soubesse como.

Mariette estava deitada na cama, à beira de cair no sono, quando, de repente, ouviu uma voz de homem do outro lado da porta.

– Mandaram-me levar alguém aos raios X – disse o homem, e Mariette ficou de imediato bem desperta. Conhecia muito bem aquela voz.

Refreou-se, recordando que muitos londrinos tinham uma maneira de falar muito parecida.

Era impossível, não podia ser Morgan.

Mas quando a pequena enfermeira de óculos entrou no quarto dela, transportando a bandeja do pequeno-almoço, teve de perguntar.

– Apareceu há pouco um homem para levar um paciente aos raios X – disse. – A voz dele pareceu-me a de alguém que conheci. Como se chama?

– Não sei – respondeu a rapariga. – Estou cá há pouco tempo, e a maior parte das pessoas chama-lhe simplesmente «Maqueiro». Mas também há

quem lhe chame «Cicatriz» – acrescentou, e então tapou a boca com a mão num súbito gesto de embaraço pelo que tinha dito. – Peço desculpa, foi horrível dizer aquilo, sobretudo porque é muito simpático, e muito gentil e bondoso para com os pacientes. Foi muito má educação da minha parte, se é seu amigo.

– Não é – disse Mariette, a recordar o rosto bonito de Morgan. – Se fosse, tê-lo-ia descrito de uma maneira muito diferente.

Às onze dessa manhã, voltou a ouvir a voz do maqueiro, e dessa vez tinha vindo por ela, para a levar aos raios X.

Quando entrou no quarto, a empurrar a maca, deteve-se a olhar para ela de boca aberta.

Se ele não tivesse reagido, talvez Mariette não se tivesse apercebido de que era Morgan.

Porque tudo nele mudara de uma forma dramática.

Os cabelos negros estavam riscados de cinzento, talvez em consequência do choque da queimadura que lhe desfigurava o lado direito da cara e do pescoço. Franzia-lhe muito ao de leve os olhos e um canto dos lábios, mas tudo indicava que tinha sido sujeito a uma extensa cirurgia plástica, porque o tecido cicatricial era pálido e brilhante, quase como pele de cobra. Só olhando para o lado esquerdo da cara Mariette conseguia reconhecer o homem por que se apaixonara na viagem para Inglaterra. A face era tão dourada e lisa como a recordava.

– Morgan! – arquejou. – Bem me pareceu ouvir a tua voz esta manhã. Mas convenci-me de que era apenas alguém com uma voz parecida com a tua.

– Mariette! De todas as pessoas neste mundo!

– Que tu esperavas nunca mais voltar a encontrar – acrescentou ela.

Ele deixou pender a cabeça.

– Tenho a certeza de que podes ver porque não quis que fosses visitar-me a Folkestone. Pareço um monstro.

– Acreditaste mesmo que eu era assim tão superficial? – retorquiu ela, mas, mesmo enquanto falava, sabia que na altura era na verdade assim tão superficial. E o aspeto dele devia ser mil vezes pior do que era agora.

– Eras uma jovem impressionável, e além disso eu tratei-te muito mal da última vez que te vi – disse ele. – Fiquei admirado por me teres sequer escrito, depois.

Quando ele voltou o lado são da cara para ela, Mariette ficou espantada ao sentir nas entranhas a crisão que tão bem conhecia. Parecia ridículo, tendo em conta tudo aquilo por que ambos tinham passado desde a última vez que se tinham visto.

– Tens um ferimento grave no joelho, segundo me disseram. O cirurgião precisa de uma radiografia para estudar a melhor maneira de o reconstruir – explicou Morgan.

Levou a maca para junto da cama e levantou as mantas para poder mudá-la.

– Podemos falar um destes dias? – perguntou ela.

Ele deixou cair as mantas e tocou-lhe ao de leve na cara, como tinha feito no navio na viagem para Inglaterra.

– Falar de quê? – perguntou. – Talvez, no navio, parecesse especial. Mas tu vives num mundo, e eu venho de outro. Não merecias a maneira como te tratei; a única desculpa que posso oferecer era que sabia que estava fora do meu território.

«Não sei porque é que te escrevi quando estava no hospital em Folkestone. Arrependi-me mal mandei a carta para o correio. Seja como for, tudo isso aconteceu há muito tempo. Deixemos as coisas como estão e recordemos apenas as partes boas.»

Deitada na maca, a olhar para o teto, Mariette tentou pensar numa maneira de iniciar uma conversa com Morgan enquanto ele a empurrava para a Radiologia. Mas sabia que o silêncio dele era do género que significava que não tencionava manter uma conversa, dissesse ela o que dissesse.

Quando chegaram ao departamento, onde tiveram de esperar que os chamassem, Morgan afastou-se da maca. Foi então que reparou como ele inclinava um pouco a cabeça para o lado, como que a tentar esconder as cicatrizes, e o seu coração encheu-se de compaixão. Era mau para qualquer homem ser desfigurado, mas para alguém tão bonito como Morgan fora, tinha de ser um desastre horrível.

Depois da radiografia, ele voltou a levá-la na maca para o quarto, mais uma vez em silêncio.

Mas enquanto Morgan a ajudava a passar da maca para a cama, Mariette sentiu que tinha de dizer qualquer coisa.

– Gostava que me tivesses dito a verdade a respeito dos teus ferimentos e me tivesses dado uma oportunidade de te ajudar a ultrapassar a situação.

Ele fitou-a por instantes, com dureza no olhar.

– Terias fugido. Ou, pior ainda, fingido que não te importavas, quando na realidade não suportavas olhar para mim.

– Talvez. Admito que na altura não era muito compassiva – concordou ela. – Mas tu também não eras muito simpático, pois não? Fiquei muito magoada pela maneira como te comportaste naquela noite, em Green Park.

– Eu sei, e tenho vergonha de mim mesmo.

– Muita água correu por debaixo da ponte desde então, portanto já não interessa. Mas uma vez que disseste numa das tuas cartas que gostavas de mim, devias ter sido sincero a respeito dos teus ferimentos e deixar-me decidir. Fiquei a pensar que tinhas encontrado outra pessoa.

Morgan voltou-lhe as costas.

– Nunca fui o homem certo para ti, Mari, ambos o sabíamos. Não sabia ler e escrever como deve ser, não tinha nada para te oferecer. Tu precisavas de um homem que pudesse levar-te a dançar ao Ritz, e tudo isso. Fui a casa do teu tio antes de me apresentar para fazer a recruta. Não sabia escrever suficientemente bem para explicar porque me tinha portado tão mal naquela noite em que saímos os dois, mas pensei que talvez pudesse explicar-te cara

a cara. Mas quando vi como vivias, percebi que não valia a pena tentar sequer fazer-te compreender e perdoar. Nunca poderias ser feliz com um criado de bordo ou um soldado. Precisavas de um rico que te garantisse uma vida em grande estilo.

Aquelas palavras mortificaram-na profundamente. Queria dizer que ele a julgara mal, mas sabia que não era verdade. Na altura, ela era de facto a pessoa que ele descrevia.

– Talvez eu fosse vazia e superficial, nesse tempo – concordou. – Mas a guerra fez-me mudar. O tio Noah, a mulher e a filha morreram no bombardeamento do Café de Paris. Estávamos lá para festejar o meu vigésimo primeiro aniversário. Só sobrevivi porque estava na casa de banho das senhoras quando a bomba caiu.

Os olhos dele suavizaram-se.

– Lamento sabê-lo – disse.

– Não estou a pedir a tua compaixão. Só preciso de explicar porque é que já não sou assim. Logo a seguir ao funeral, o filho da tia Lisette expulsou-me de casa. Por isso fui para Whitechapel, viver com uma amiga... Não era o melhor lugar para se estar durante o Blitz, mas fui feliz enquanto lá estive. Lembras-te de me ter dito que devia ir ver o East End?

Morgan assentiu com um gesto da cabeça.

– Nesse caso vais gostar de saber que acabei por perceber o que querias dizer. Nunca encontrei um homem que me levasse a dançar ao Ritz, e com este joelho duvido muito que volte alguma vez a dançar.

Houve uma mudança perceptível na linguagem corporal de Morgan. Os ombros dele relaxaram, e quando se voltou para ela, a expressão dos seus olhos era de compreensão.

– Vi na tua papeleta que foste atingida a tiro no joelho. Como foi que isso aconteceu?

– É uma longa história, e a verdade é que não estou autorizada a contá-la.

– Mariette suspirou. – Mas se quiseses saber tanto sobre mim quanto eu quero saber tudo o que te aconteceu, vem visitar-me quando não estiveres muito ocupado. Parece que vou ficar aqui durante algum tempo.

Ele hesitou.

Mariette percebeu que queria, mas não tinha a certeza de ser uma boa ideia.

– Vá lá, Morgan! – exclamou. – Conversar nunca fez mal a ninguém.

Ele sorriu.

– Não, claro que não. Estás à espera de ter visitas esta noite?

– Não, a única pessoa que sabe que estou aqui é a minha patroa. Acho que vem depois do almoço.

– Nesse caso, passarei por cá quando acabar o meu turno. Agora tenho de ir, há mais pacientes para levar de um lado para o outro – disse ele, e saiu a empurrar a maca.

Minutos mais tarde, a enfermeira Jones apareceu para verificar o penso do joelho. Mariette só tinha falado com aquela mulher desengraçada e roliça no dia anterior, mas achara-a calorosa e conversadora. Parecia a pessoa ideal para a informar a respeito de Morgan.

– Conheci o Morgan Griffiths, o maqueiro, quando ele era criado de bordo no navio que me trouxe para cá da Nova Zelândia – disse, como se o assunto não tivesse grande importância. – Lembrou-se de mim, mas acho que ficou envergonhado por causa da cicatriz. Sabe dizer-me alguma coisa sobre ele?

– Só que é um homem bondoso e dedicado – respondeu a enfermeira Jones. – Oficialmente é maqueiro, mas tem quase qualificações para ser enfermeiro. Sabe tanto de enfermagem como a mais especializada de nós. Já perdi a conta às vezes em que nos ajudou numa emergência. Há quem diga que devia ser médico, devora livros a respeito de tudo.

Mariette sentiu um calor no coração ao ouvir aqueles elogios, e ficou encantada por saber que ele tinha aprendido a ler.

– Era parecido com o Errol Flynn – disse. – Tão bonito que mal dá para acreditar.

– Quando passar algum tempo na companhia dele, vai dar por si a pensar que continua a ser – respondeu a enfermeira, com uma pequena gargalhada. – Tem uma maneira tão especial de lidar com as pessoas que elas deixam de reparar na cicatriz. Claro que está agora muito melhor do que já estive; já fez várias operações desde que foi ferido. Nunca mais vai voltar a parecer uma estrela de cinema, mas penso que a mulher que conseguir conquistá-lo o coração será muito afortunada.

– Não tem ninguém, então?

– Não, o pateta não socializa. Desconfio que passa todos os seus tempos livres com o nariz enfiado num livro.

– Penso que quando se foi muito bonito e de repente se fica desfigurado, é natural que uma pessoa queira esconder-se dos outros – disse Mariette.

– Sim, como é natural que queira tapar esta perna – respondeu a enfermeira, desviando os olhos do ferimento de bala que estava a limpar para as muitas outras cicatrizes na perna de Mariette. – Parece que esta não foi a primeira vez que andou na guerra.

– Estava num abrigo que recebeu um impacte direto e uma trave do teto caiu-me em cima das pernas – explicou Mariette, e lançou um olhar desprovido de emoção às pernas cobertas de cicatrizes. Já se habituara e só muito raramente pensava nelas, mas o novo ferimento no joelho, lívido e rodeado de pele inflamada, fazia as antigas cicatrizes parecerem muito piores. Tinha de admitir que além de lhe doer muito, a sua perna tinha um aspeto horrível.

– Pobrezinha – disse a enfermeira.

– Fui a felizarda, consegui sair do meio do entulho. Só se salvaram outras duas pessoas. Não poder usar calções, ou andar sem meias, é um pequeno preço a pagar pela vida.

– Como foi uma bala alemã parar ao seu joelho? Toda a gente quer saber – perguntou a enfermeira, com um sorriso conspirativo.

– Quando ia a fugir de um alemão, em França – respondeu Mariette, retribuindo o sorriso. – Bem, mais exatamente quando saltava para dentro de um barco a remos para fugir.

A enfermeira Jones arqueou as sobrancelhas

– A Resistência?

– Não estou autorizada a dar pormenores, peço desculpa – disse Mariette.

– Mas fale-me de si? É daqui de Southampton? Há quanto tempo é enfermeira?

– Bem, isso diz-me tudo o que preciso de saber – riu a enfermeira. – Uma heroína relutante!

Sybil apareceu a meio da tarde com um grande ramo de rosas de estufa que lhe deviam ter custado uma fortuna. Largou as rosas em cima da cama e apertou Mariette num choroso abraço.

Quando por fim a largou, tinha os olhos vermelhos e inchados.

– Falei com a tua mãe na Nova Zelândia – disse. – E vou voltar a ligar-lhes esta noite para lhes dizer como estás. A tua mãe deu a ideia de estar a preparar-se para saltar para o próximo barco e o teu pai não parou de fazer perguntas. Claro que não tinha grande coisa para lhes dizer. Só que estavas magoada num joelho. – Fez uma pausa e olhou para a armação que mantinha as roupas da cama afastadas do joelho de Mariette. – É muito mau?

Mariette tentou sorrir, mas era difícil, porque lhe doía muito o joelho.

– Vou ter de voltar a ser operada, está muito estragado. Digamos que nunca vou ganhar um concurso de «Pernas Bonitas». Mas consegui sair de França com as crianças.

– Foste salvar crianças?

Mariette tapou a boca com uma mão.

– Não devia dizer isto, portanto esquece. Esta coisa do segredo não é nada comigo, estou contente por estar fora de tudo isso. Os meus nervos não aguentavam mais uma missão.

– Ninguém poderia ficar mais feliz do que eu por ouvir isso. Exceto talvez a tua mãe. Ela, claro, não percebeu o que estavas a fazer em França ou sequer porque foi que estavas a fazer outra coisa que não fosse servir bebidas num *pub*. O Edwin está a tentar arranjar maneira de te vir ver. Fez-me mil perguntas ao telefone, e estava muito zangado. Eu disse-lhe, «Devia estar orgulhoso dela», mas ele insistia que lhe devias ter dito o que andavas a fazer.

Mariette deixou escapar um fundo suspiro.

– Ele, melhor do que ninguém, devia compreender porque é que não podia dizer nada.

– Eu sei, mas deve ser um grande choque ouvir dizer que a mulher que amamos, e que julgamos sã e salva em casa, foi ferida a tiro em França.

– Sabes, Sybil, acho que o Edwin não é o homem certo para mim – admitiu Mariette, num tom cansado. – Precisa de alguém que a família

aprove, uma jovem sossegada, bem comportada, que não lhe cause um momento que seja de ansiedade.

– Não sejas ridícula – protestou Sybil. – Ela adora-te tal como és.

– Talvez fosse verdade, ao princípio, mas acho que já passou, e que ele é demasiado cavalheiro para o admitir. Quero um homem como o meu pai, forte, nobre e capaz, que se está nas tintas para o que os outros pensam dele.

– Estás a ser mazinha para ele – ralhou Sybil. – É um piloto de caça, o mais bravo dos bravos. É um cavalheiro porque foi assim que foi criado. Se fosses minha filha, havia de querer que casasses com ele.

Mariette pegou na mão de Sybil e apertou-a entre as suas.

– És uma ótima mãe substituta – disse, com afeto. – Mas penso que a minha verdadeira mãe diria que tem de haver paixão para que um casamento resulte. E também não ia achar graça nenhuma ao facto de os pais dele não me acharem suficientemente boa para o filho.

– Não sabes isso – disse Sybil, com alguma indignação.

– Sei, sim, e foi por isso que ele nunca me levou a casa. E esta pequena aventura só vai tornar tudo ainda pior. Vão pensar que sou uma maluca, demasiado ousada e um pouco perigosa, o que talvez até seja verdade. E preciso de um homem que goste de mim por ser assim.

Mariette tinha a perna a latejar, o que a fazia sentir-se esquisita. Mas não disse nada, continuou a conversar com Sybil, e pouco depois contou-lhe que tinha voltado a encontrar Morgan. Admitiu que tinham tido um romance tórrido no navio, durante a viagem da Nova Zelândia para Inglaterra. Quando explicou que ele tinha ficado muito desfigurado, Sybil fez um ar preocupado.

– Não me digas que estás a pensar em recomeçar tudo com ele – disse.

– Ainda não sei – admitiu Mariette. – Era uma rapariga pateta e de cabeça vazia quando o conheci, e ele era um criado de bordo bonito mas sem instrução. A guerra mudou-nos aos dois. Mas aconteceu qualquer coisa quando voltei a vê-lo, foi como tornar a abrir um livro que não tinha acabado de ler e descobrir que é muito bom. De modo que talvez!

– Oh, Mariette – exclamou Sybil. – A vida não é assim. Ele tornou-se um recluso por causa da cicatriz, e provavelmente sente um enorme ressentimento contra o mundo. E quanto a ti! Bem, estás a agarrar-te a ninharias. Mal estejas em condições de viajar, vou levar-te para casa para

cuidar de ti lá. Ok, talvez o Edwin não seja «o tal», mas não posso acreditar que um homem que se esconde em hospitais há anos, em vez de te dizer o que lhe aconteceu, seja a pessoa certa para ti.

Mariette sentiu-se muito pior depois de Sybil se ir embora. Ficou febril e chorosa, mas atribuiu o facto à irritação que lhe causara o facto de Sybil não ter concordado com ela em relação a Edwin e ter menosprezado o seu reencontro com Morgan.

Estava, além disso, magoada por Edwin não ter aproveitado a visita de Sybil para lhe enviar uma mensagem de amor e preocupação. Sabia que estava a ser totalmente irrazoável, uma vez que momentos antes afirmara não ter a certeza de ser ele o homem certo para ela. Mas sabia que Edwin teria esperado que, na situação contrária, ela estivesse à sua cabeceira logo no dia seguinte, sobretudo se tivesse sido abatido.

Também estava zangada com o médico por ele não ter voltado a aparecer para discutir com ela o resultado da radiografia. Estivera à espera de que o joelho lhe doesse durante algum tempo, mas não tanto como doía, e ninguém se aproximara para indagar se precisava de analgésicos mais fortes.

O cheiro da carne picada com cenouras que lhe levaram ao jantar fez-lhe o estômago dar uma volta, e nem sequer provou. A ajudante de enfermagem que foi recolher a bandeja ralou-lhe por não ter comido e Mariette respondeu-lhe, zangada, que aquilo não era coisa que se desse sequer a um cão.

Depois, arrependeu-se. Deitou a cabeça na almofada e chorou.

Ainda estava a chorar quando Morgan entrou.

– Ei, que se passa? – perguntou ele.

– Não sei – admitiu Mariette. – Sinto-me péssima, e o joelho lateja-me muito.

Morgan pousou-lhe a mão na testa, e ela viu a preocupação refletir-se-lhe no rosto.

– Há quanto tempo estás assim tão quente? – perguntou ele.

– Há algum.

– Há quanto tempo te viram a temperatura e verificaram a pressão arterial?

– A enfermeira fez tudo isso quando me mudou o penso, esta manhã.

– E não voltaram a fazê-lo?

Ela abanou a cabeça.

Morgan pôs-se de pé e saiu do quarto. Regressou instantes depois com a enfermeira Jones, que se preparava para sair de serviço. A enfermeira leu a papeleta pendurada aos pés da cama de Mariette e franziu os lábios enquanto olhava para Morgan.

– Parece que a enfermeira de serviço se esqueceu. Temos estado cheios de trabalho esta tarde, mas isso não é desculpa. Mas não se preocupe, vou já tratar disso.

Verificou o pulso de Mariette, mediu-lhe a pressão arterial e enfiou-lhe um termómetro na boca. Ao ver o valor registado pelo mercúrio, fez um ar preocupado e disse que ia chamar um médico. Pediu a Morgan que ficasse com Mariette.

– Estou com a temperatura muito alta? O que é que isso significa? – perguntou ela, depois de a enfermeira sair.

– Não vi, mas penso que deve estar alta, e isso pode significar que tens uma pequena infeção. Ou podes ter apanhado outra coisa qualquer. Seja como for, eles não tardam a pôr-te boa.

Mariette perguntou a si mesma se ele estaria a segurar-lhe a mão por ser isso que fazia com todos os pacientes. Ou por ela ser especial? Não se sentia nada bem, e não era só por estar chorosa por Sybil ter sido dura com ela ou por o médico não ter aparecido.

– Estiveste muito tempo ao frio, ou no mar, antes de seres recolhida? – perguntou ele.

– Acho que foi só uma hora, mas pareceu-me uma eternidade. As crianças foram muito corajosas e não fizeram barulho. Espero que estejam todas num sítio bonito.

Um vizinha no fundo da cabeça recordou-lhe que não devia falar do resgate. Mas sentia-se demasiado zozza para querer saber, e fechou os olhos.

– Tive de matar um soldado alemão para conseguir fugir – ouviu-se a si mesma dizer. A voz soava como se viesse de muito longe. – Cortei-lhe o pescoço, e fiquei coberta de sangue. Mas não devo tê-lo feito como deve ser porque foi ele que me atingiu, quando estava a entrar no barco. – Abriu os

olhos e viu Morgan a olhar para ela. – Não te devia ter dito isto – murmurou, num tom cansado.

– Talvez estivesses a precisar de o fazer – respondeu ele, e acariciou-lhe a testa, num gesto calmante. – Prometo não contar a ninguém.

– Estava escrito que havíamos de encontrar-nos outra vez?

Ele riu.

– Devia estar. É engraçado eu ter tido tanto medo que visses a minha cara e agora, que também estás mal, olhas para mim como costumavas olhar.

– Vejo o mesmo homem – disse ela. – Mas neste momento está um pouco indistinto. Não te vais embora, pois não?

Um pouco mais tarde, uma enfermeira apareceu à porta do quarto e disse que o médico estava atrasado porque havia uma emergência noutra ala do hospital.

Morgan estava a ficar cada vez mais preocupado porque, entretanto, Mariette estava quase inconsciente.

– Penso que isto também é uma emergência – sussurrou à enfermeira. – Ela está a arder.

Já tinha ensopado um pano em água fria e pusera-lho em cima da testa, depois de o torcer. Embora esperasse que fosse apenas uma gripe, ou uma constipação muito forte – que seriam fáceis de tratar –, um sentimento visceral dizia-lhe que o ferimento no joelho tinha infetado.

Tinha-o visto acontecer inúmeras vezes, sobretudo quando decorria muito tempo entre o ferimento e a chegada do paciente ao hospital. Num momento a pessoa estava alegre e faladora, e no instante seguinte ardia em febre. Mas, pior ainda, muitas, demasiadas vezes, tornava-se inevitável a amputação do membro infetado.

As pessoas costumavam perguntar-lhe se teria preferido perder um membro a ficar queimado. Ele respondia sempre que preferia a queimadura, até porque não era a maldição que os outros pensavam.

Estava a retirar de Dunquerque com o seu regimento quando um avião alemão metralhara o camião que conduzia e este irrompera em chamas. Antes que pudesse saltar, as chamas tinham-lhe lambido a cara, e a dor horrível quase o paralisara. Felizmente, o uniforme protegera-lhe o corpo, e as queimaduras nas mãos tinham sido superficiais.

Ao princípio, enchera-se de autocomiseração. A dor, o choque de ter sido desfigurado e o receio de se tornar uma espécie de marginal para o resto da vida tinham-no levado, durante algum tempo, a pensar em suicídio. Mas quando ainda estava no hospital em Folkestone, disseram-lhe que podia ser transferido para o grande Hospital Militar de Netley, perto de Southampton, para ser visto pelo Dr. Franz Dudek, um brilhante cirurgião plástico polaco.

O Dr. Dudek podia ter-lhe melhorado o aspeto físico com a sua paciência e perícia, mas fora o Dr. Mercer, um cirurgião do Netley, que na verdade dera à sua vida uma volta de cento e oitenta graus ao instilar nele a vontade de aprender a ler e escrever.

– Tem de dominar essas capacidades – disse-lhe o Dr. Mercer. – Uma cara bonita pode ter-lhe aberto portas antes do acidente, mas uma cara desfigurada fechá-las-á a menos que consiga provar às pessoas que é inteligente.

O Dr. Mercer pediu a Mrs. Lovage, uma antiga professora primária e mulher de um dos seus amigos, que o ensinasse. Três vezes por semana, da parte da tarde, Morgan deixava a enfermaria para ter lições com ela, num pequeno gabinete que raramente era usado. Três meses mais tarde, período em que fora submetido a três novas operações à cara, conseguia ler tão bem como Mrs. Lovage. E ela também o ensinara a escrever cartas.

Por recear ter de deixar o hospital, onde se sentia seguro e aceite, Morgan começou a ajudar nas enfermarias, empurrando macas, dando de comer aos pacientes e fazendo limpezas. Por vezes, quando ajudava a lavar ou a alimentar soldados que tinham perdido ambas as pernas, sido esmagados por maquinaria pesada ou atingidos a tiro na cabeça e ficado com graves problemas cerebrais, sabia que tinha tido sorte por ter sido só a sua cara.

Foi trabalhador voluntário no Netley durante quase um ano, não se importando de trabalhar a troco de cama e mesa. À noite, lia todos os livros de enfermagem a que conseguia deitar mão.

Foi o Dr. Mercer que o convenceu a candidatar-se a um lugar de maqueiro no Hospital de Southampton, onde também operava e podia recomendá-lo. Como lhe fez notar, não podia esconder-se eternamente num hospital militar, tinha de aprender a conviver de novo com civis.

No fim, o Hospital de Southampton revelou-se um lugar muito mais feliz para ele do que o Netley. Não era regido ao estilo militar, nem era tão grande e impessoal. As pessoas ficavam a olhar para ele, era verdade, e por

vezes ouvia comentários, mas descobriu, à medida que o tempo passava, que isso o incomodava cada vez menos, e que a maior parte do pessoal era simpática e amistosa.

A direção dispensara-lhe um tratamento especial, autorizando-o a fazer o treino prático de enfermagem enquanto trabalhava e concedendo-lhe folgas para assistir às lições. Descobriu que trabalhar num hospital não era muito diferente de estar num navio – cada um tinha a sua função e todos trabalhavam para o mesmo objetivo. Alugou um quarto perto do hospital e até fez alguns amigos.

Dentro de três meses, faria os seus exames finais de enfermagem. Não sabia se algum outro hospital queria um enfermeiro, pelo que poderia ter de ficar em Southampton, mas por ele tudo bem, sentia-se feliz ali.

Ao princípio, quando fora ferido, pensava constantemente em Mariette. Quando ainda estava em Folkestone, escreveu-lhe uma carta a dizer-lhe que não o fosse visitar, meio na esperança de que ela lhe desobedecesse. Torturava-se a imaginá-la com outro homem. Mais tarde, quando fora transferido para Netley, estivera tentado a voltar a escrever-lhe para lhe pedir que o fosse visitar, quanto mais não fosse para provar a si mesmo que tivera razão ao pensar que ela fugiria dele a sete pés.

Mas, pouco a pouco, Mariette foi deslizando para o lugar onde guardava tudo o que era «antes do acidente». Não queria ver ninguém daquele tempo, ou sequer pensar nessas pessoas, porque fazê-lo só servia para lhe recordar o que tinha perdido.

Os livros tinham ocupado o lugar das mulheres na sua vida. Levavam-no a sítios onde nunca estivera, ensinavam-lhe coisas, faziam-no rir e confortavam-no. Tudo coisas que, como costumava dizer a si mesmo, nenhuma mulher seria capaz de fazer.

Mas então, de repente, ali estava ela na enfermaria isolada, com os seus cabelos louros, os seus grandes olhos azuis e aquela boca macia com que tantas vezes sonhara. Ouvira rumores de que tinha sido internada uma heroína da Resistência Francesa com uma bala num joelho. Não levava aquilo a sério, porque rumores como aqueles circulavam pelo hospital todos os dias e a verdade era regra geral qualquer coisa sem ponta de interesse.

Mas quando viu quem era a dita heroína, acreditou que Mariette era bem capaz disso. Sempre fora ousada – única, até – e a centelha que a animava nunca fora destinada a uma vida vulgar.

O cirurgião que removera a bala do joelho de Mariette estava em Londres e não podia ser contactado. Quando a temperatura subiu ainda mais e ela começou a delirar, Morgan suplicou à enfermeira-chefe que chamasse o Dr. Mercer.

Ela concordou, mas Mercer não podia vir imediatamente porque se encontrava a meio de uma operação delicada. Quando apareceu e examinou Mariette, a expressão da cara dele e o cheiro que o ferimento exalava não deixaram no espírito de Morgan a mínima dúvida de que sabia que o único caminho que lhe restava era a amputação. Mas o médico não o disse, limitou-se a comunicar à enfermeira-chefe que ia ter de voltar a abrir o ferimento e examiná-lo.

Pediu a Morgan que levasse Mariette diretamente para o bloco operatório.

Depois de a ter levado, Morgan sentou-se numa cadeira do corredor, disposto a esperar. Ia ficar ali, demorasse o tempo que demorasse.

Mas, apenas meia hora mais tarde, o Dr. Mercer saiu da sala de operações, a retirar a máscara.

– Dizem-me que é uma velha amiga sua – disse.

– Sim, é – respondeu Morgan. – São más notícias, não são?

George Mercer tinha um grande respeito por Morgan. Admirava a maneira como ele lidara com o que lhe acontecera, sem nunca se queixar ou tentar culpar outros pelo seu infortúnio. Aplicara-se a aprender a ler e em seguida usara essa capacidade para se instruir. Por isso agira como seu advogado junto da direção do hospital, para que pudesse estudar enfermagem enquanto continuava a desempenhar as funções de maqueiro. A ideia fora pioneira, mas não conhecia ninguém ali que não achasse que Morgan era uma mais-valia para o hospital.

Era mais do que evidente que a rapariga era muito importante para ele, e Mercer lamentava muito pelos dois.

– Tive de amputar a perna acima do joelho. A infeção tinha-se agravado demasiado para poder ser controlada. É uma tragédia para uma rapariga tão nova e bonita, sobretudo porque julgo que foi ferida quando ajudava pessoas a fugir de França. Há alturas em que a vida é pura e simplesmente injusta.

Morgan sentiu-se como se lhe tivessem dado um murro na barriga. Recordou Mariette de calções a bordo do navio, aquelas pernas belas e compridas a atraírem os olhares de todos os passageiros do sexo masculino. Sabia que os interesses dela eram todos físicos – nadar, velejar, andar de bicicleta. Aquilo não era apenas injusto, era cruel.

– Vi, nas notas do hospital, que ela é neozelandesa. Os pais estão cá? Há alguém que possamos contactar?

Morgan demorou alguns instantes a recompor-se, e então explicou que, tanto quanto sabia, a única pessoa a notificar era a patroa, que já estivera no hospital para a visitar.

– Ela há de saber como contactar os pais – acrescentou. – E se não se importa, vou esperar aqui para levar a Mari para a enfermaria quando estiver pronta, e depois ficarei com ela.

Quando Mariette acordou da anestesia e viu Morgan sentado ao lado da sua cama, tentou sorrir.

Ele soergueu-a um pouco e levou-lhe um copo de água aos lábios, para a deixar beber alguns golos.

– Cortaram-me a perna, não foi? – disse ela, quando ele voltou a deitá-la.

Morgan não tencionara dizer-lhe assim de chofre, mas não podia mentir depois de ela lhe fazer uma pergunta direta.

– Sim, Mari. Não tiveram alternativa. Lamento muito.

– Antes de me anestesiarem, ouvi a enfermeira dizer qualquer coisa a respeito do cheiro. Soube logo que aquilo significava que iam ter de me cortar.

A voz dela foi átona e despida de emoção. Se aquilo era resignação ou uma consequência de estar ainda sob os efeitos da anestesia, Morgan não saberia dizer.

– Atualmente fazem umas próteses fantásticas – garantiu-lhe. – Fartei-me de ver pessoas com elas em Netley. Depois de te habituares, poderás continuar a fazer tudo o que fazias antes.

Mariette estava demasiado sonolenta para falar. E que havia para dizer, de qualquer modo?

Sybil teve de se sentar quando Morgan lhe telefonou para contar o que tinha acontecido. Morgan disse que se tinha oferecido para lhe transmitir a terrível notícia por sentir que seria melhor ser alguém que conhecia verdadeiramente Mariette.

E a verdade foi que ajudou, porque a maneira como a voz dele se quebrava de emoção disse a Sybil que era tão amigo de Mariette e estava tão desolado como ela própria.

Morgan explicou que tivera muita experiência com amputados no Hospital Militar de Netley, pelo que conhecia os problemas e sabia o que era possível fazer para ajudar a melhorar-lhes a qualidade de vida. Sybil não teve a mínima dúvida de que, dentro de algumas semanas, Belle e Étienne gostariam muito de discutir aquelas coisas com ele, mas naquele momento estava demasiado chocada, e só conseguia pensar no que aquilo ia significar para Mariette e em como ia dar a notícia à família.

Quando pousou o telefone, desfez-se em lágrimas. Era demasiado horrível para pôr em palavras, e no entanto sabia que tinha de ligar para Belle imediatamente, porque naquele momento seria manhã na Nova Zelândia. E depois havia Edwin; ia ter de ligar para o número da base e tentar apanhá-lo. Era um pouco estranho ele não ter corrido para junto de Mariette logo que soubera que ela tinha sido ferida, mas talvez não tivesse conseguido uma licença. De qualquer modo, ter de dizer-lhe agora que a namorada ficara sem uma perna era uma coisa assustadora.

Dizer a Belle era, porém, mil vezes pior. Como se dizia a uma mãe, qualquer mãe, que a sua bela e corajosa filha era agora uma inválida?

Morgan dissera que estava convencido de que Mariette aceitaria o que acontecera. Disse que, na sua experiência, aqueles que corriam grandes riscos, como ela fizera, eram regra geral os mais estoicos.

Sybil esperava que tivesse razão. Nunca vira ponta de vaidade em Mariette, apesar de ser tão bonita. Mas lembrava-se de a ouvir admitir, no meio de gargalhadas, que em Russell achava que era o máximo.

Mas por muito que pensássemos que conhecíamos alguém, por vezes, numa crise, essa pessoa fazia precisamente o contrário do que se esperava. Sybil não podia ter a certeza de como alguém reagiria a uma notícia daquelas.

Belle não recebeu com calma as notícias de Sybil. Começou a chorar histericamente e a amiga da padaria, Peggy, teve de lhe tirar o telefone da mão e dizer que telefonariam mais tarde, quando Belle se recompusesse.

Foi Étienne que acabou por ligar; disse que Belle estava destroçada.

– O primeiro marido perdeu um braço e uma perna na última guerra – explicou, e o seu sotaque francês mexeu com Sybil. – Tornou-se um homem diferente por causa disso, e a Belle tem medo que aconteça o mesmo à Mari.

– Compreendo o medo dela – admitiu Sybil. – Ainda não me capacitei bem do que aconteceu, porque estive com ela há poucas horas e pareceu-me estar bem. Mas tem de dizer à Belle que não me parece que a Mari seja do género de ficar a lamentar-se ou deixar que isto lhe estrague a vida. Claro que ainda é demasiado cedo para nos pormos a adivinhar o que é que ela vai ou não vai fazer. Mas tem um velho amigo, um rapaz chamado Morgan, que está lá a fazer-lhe companhia, e penso que ele vai ajudá-la a aceitar. Foi ele que me telefonou a dar as más notícias.

Contou a Étienne que Mariette e Morgan se tinham conhecido no navio durante a viagem para Inglaterra, mas omitiu a história do romance. Explicou que, em consequência das queimaduras faciais que tinha sofrido em Dunquerque, Morgan perdera o contacto com ela, e que só tinham voltado a encontrar-se por puro acaso, porque ele trabalhava no Hospital de Southampton.

– Informei-me a respeito dele antes de sair de lá – acrescentou. – Todas as pessoas com que falei só tinham coisas boas a dizer a seu respeito, e foi ele que alertou a enfermeira-chefe para o estado da Mariette.

– Estou a ver – disse Étienne, num tom duro, e Sybil suspeitou que ele não gostava de ter um homem marcado pela guerra a ajudar a filha. – E o Edwin? Já a foi ver?

– Ainda não, mas tenho a certeza de que vai conseguir uma licença em breve para a ir visitar. Receio não poder voltar ao hospital nos próximos dois dias. Mas, por favor, diga à sua mulher que irei logo que possa. Espero que não se importem, mas dei o vosso número ao Morgan e sugeri que lhes telefonasse. Como trabalha no hospital e vai poder ver a Mari várias vezes por dia, está em muito melhor posição do que eu para lhes explicar tudo.

Concluiu o telefonema dizendo a Étienne que Mariette seria recebida de braços abertos em Sidmouth, para viver com ela e com Ted, logo que estivesse em condições de viajar.

– Para nós é como se fosse família, não uma empregada. Cuidaremos dela como se fosse nossa até que a guerra acabe e ela possa voltar para o vosso lado.

*

Quando Sybil desligou, Étienne encostou a testa à parede e soluçou. Já fora suficientemente mau saber que a filha tinha sido ferida a tiro, mas nunca pensara que perdesse a perna. Convencera-se de que os horrores como aquele tinham morrido com a última guerra. Chorou durante algum tempo antes de limpar a cara e voltar à sala de estar de Peggy.

Belle continuava a chorar convulsivamente nos braços da amiga.

– Nunca a devia ter deixado ir para Inglaterra! – gritou. – Fui egoísta porque estava farta de me preocupar com ela. Que espécie de mãe faz uma coisa dessas?

– Isso é parvoíce! Não teve nada a ver com egoísmo. Quisemos que tivesse mais hipóteses do que tinha aqui – disse Étienne num tom perentório, tirando Belle dos braços de Peggy e envolvendo-a nos seus. – Quero que penses em como podia ter sido muito pior. Podia ter morrido... Em comparação com isso, perder uma perna não é assim tão mau. E não esqueças, Belle, que estamos a falar da nossa Mari. Foi ferida por ser corajosa e determinada, e estava a proteger crianças. Não se vai enfiar numa cama nem desistir de viver. Vai lutar contra isto e ganhar, vais ver.

Contou-lhe então o que Sybil dissera a respeito de Morgan. Podia desconfiar dos motivos do homem, mas sabia que seria um conforto para Belle pensar que a filha tinha um velho amigo no hospital.

– Numa das cartas que escreveu do navio, falava de alguém chamado Morgan. Trabalhava na enfermaria e parecia o Errol Flynn. – Belle limpou os olhos com o lenço e tentou sorrir. – A Mog disse que esperava que não fosse um mulherengo, como o ator.

– Duvido que continue a parecer o Errol Flynn, ficou com a cara queimada em Dunquerque – disse Étienne. – A sorte pode ser cruel, por vezes, mas também sabe ser generosa. Imagina, a Mari ir parar ao mesmo hospital onde ele trabalha.

– Achas que o Edwin vai gostar de ver aparecer um homem vindo do passado dela? – perguntou Belle.

– Não me pareceu que o Edwin estivesse a fazer todos os esforços possíveis para ir vê-la – observou Étienne, de testa franzida. – Por isso talvez não fosse um romance a sério, ao fim e ao cabo. Pergunto-me como reagirá ele quando souber que ela perdeu uma perna.

– Eu diria que com medo – disse Belle, com um suspiro. – Lembro-me de que fiquei horrorizada quando soube dos ferimentos do Jimmy. Não é muito bonito, eu sei, mas foi o que senti. Mas não me sinto assim pela Mari, só desesperadamente triste por ela.

Uma lágrima solitária correu pela face de Étienne.

– Não consigo imaginar a nossa filha linda e perfeita com um membro a menos. Sinto uma grande infelicidade dentro de mim, e não sei se haverá alguma coisa capaz de a fazer desaparecer.

Mariette não queria pensar em como seria a sua vida só com uma perna. Descobriu que tomando todos os analgésicos que lhe davam, fechando os olhos e desligando mentalmente, conseguia dormir a maior parte do dia e da noite. Estavam sempre a acordá-la, claro, para mudarem os pensos, para lhe verificarem a temperatura e a pressão arterial, e também para lhe darem de comer. Mas, de um modo geral, o tempo passava sem grande agitação.

Sybil apareceu para a visitar, muito chorosa, dois dias depois da amputação.

Mariette disse-lhe que não voltasse, que era uma viagem muito longa e a sua visita era demasiado perturbadora.

– Não preciso de nada que me lembre como costumava ser – disse. – Estou bem sozinha, só estou a deixar o meu corpo e o meu espírito saírem o suficiente até me sentir com forças para experimentar as canadianas. Sei que tu e o Ted cuidarão de mim, e amo-vos por isso. Mas vocês os dois têm um estabelecimento para gerir.

Mas se ver Sybil fora difícil, quando Edwin chegou no terceiro dia, com um grande ramo de flores, foi muito pior. Estava muito garboso no seu uniforme, e ela adivinhou que tinha feito palpar o coração de mais do que uma enfermeira, mas via-se que estava muito pouco à vontade. Fez tudo o que devia, beijou-a e abraçou-a como se nada tivesse mudado, mas Mariette

sentiu que estava rígido, reparou que os olhos dele se desviavam a todo o instante para a armação debaixo das roupas da cama. Percebeu que estava com medo de ter de olhar para o coto. Era ridículo, porque ela não fazia tenção de o mostrar fosse a quem fosse, e muito menos a ele.

– Podes dizer-me o que na realidade sentes – disse. – É melhor falarmos disto abertamente.

– Amo-te na mesma, com ou sem a perna – disse ele, um tudo-nada demasiado depressa.

– Isso não é verdade. Tens medo de ver, e tens medo do que pareceria ser visto com uma rapariga de muletas. Mas tudo bem. Eu sentiria exatamente o mesmo, se tivesses sido tu a ficar sem uma perna.

Aquele não era, porém, o único problema de Edwin com ela. Mariette sentia que o facto de ter perdido a perna tinha vindo apenas pôr uma tampa sobre a fervilhante panela das muitas outras ansiedades que o atormentavam.

– Porque é que tens sempre de forçar as questões? – perguntou ele, num tom zangado. – Acho que deve ser uma característica cultural dos Neozelandeses e Australianos. Tenho conhecido uns quantos dos vossos pilotos, e são todos iguais. Têm de pôr tudo a limpo, independentemente de quem embaraçam ou perturbam.

Mariette não teria grande dificuldade em concordar que os homens das colónias eram, de um modo geral, mais francos e diretos do que os ingleses da classe média pareciam ser. Mas irritava-a que Edwin estivesse a querer atribuir o seu desejo de compreender os sentimentos dele a uma espécie de idiossincrasia cultural.

– Muito bem, nesse caso vou forçar mais um raio de uma questão – atirou-lhe. – Tens perfeita consciência, há já algum tempo, de que a tua família não me concederia a sua aprovação. Mas se não lhes agradava uma empregada de *pub* das colónias, que diriam a uma namorada perneta? Estás farto de saber que vai causar uma escandaleira de todo o tamanho, mas não sabes como mo dizer sem pareceres um autêntico patife.

Ele pareceu horrorizado por esta explosão e tentou dizer-lhe que estava enganada.

– Deixa-te disso, Edwin. Não sou parva. Ao princípio, achaste que eu era maravilhosa. Mas quando a tua família começou a fazer perguntas

incômodas, afastaste-te de mim. Nunca me levaste a conhecê-los porque sabes muito bem como seria.

– Isso não é verdade – protestou ele. – Os meus pais são emproados e perderam o contacto com a realidade, e a única razão por que não te levei a conhecê-los foi porque sei como te sentirias.

– Vai dar ao mesmo. Mas ainda mais importante, não mostras ponta de verdadeira paixão por mim.

– Como podes dizer uma coisa dessas? – exclamou ele, a parecer cada vez mais ofendido. – Só porque não tentei convencer-te a ir passar fins de semana porcos comigo ou deitar-te no chão no meio do bosque, não quer dizer que não queira. É só porque fui criado a acreditar que um cavalheiro espera até estar casado para fazer essas coisas.

– Sei muito bem a diferença entre um homem que mostra respeito e um homem que não sente paixão nenhuma – retorquiu ela. – E se não sentias paixão antes, não vais com certeza senti-la quando a tua mão tocar o coto da minha perna.

– Por vezes consegues ser tão crua – disse ele, num tom de repulsa.

– E tu, Edwin, és um maricas – respondeu ela, com dureza.

– Estás a dizer que sou homossexual? – exclamou ele, profundamente chocado.

– Não. Tenho a certeza que saberás estar à altura da ocasião com alguém que os teus pais aprovem. Sê um homem e admite que não sou eu, e depois cada um de nós pode ir à sua vida.

Ele semicerrou os olhos, não gostando do que estava implícito nas palavras dela.

– Não foste exatamente um modelo de sinceridade – atirou-lhe. – Deves ter treinado com os Serviços Secretos durante meses, mas nunca me deste a mais pequena pista sobre o que andavas a fazer. Depois foste para França e também não disseste uma palavra a esse respeito. Como é que posso pensar em casar com uma rapariga que guarda segredos destes?

– Estamos em guerra! Por toda a Inglaterra há pessoas a guardarem segredos destes das respetivas famílias – retorquiu ela. – Não me dirias que cidade vais bombardear esta noite, pois não? Mas, para tua informação, não me ofereci para este trabalho. Foram eles que me contactaram porque falo fluentemente francês. Mas como te atreves a sentir-te ofendido? Salvei vidas, devias estar orgulhoso de mim. Mas talvez penses que só há espaço

para um herói? É isso? Não gostas da concorrência de uma simples mulher?

– Não sejas ridícula. Claro que me orgulho de ti. Mas tudo isto foi um grande choque.

Tentou sorrir, e pousou a mão na face dela, num gesto de afeto.

Mariette queria acreditar, mas viu a frieza nos olhos dele, sentiu a falta de ternura da carícia.

– Vai, Edwin – disse, com a voz a tremer porque esperara tanto mais dele.

– Volta para a tua esquadrilha e para a tua família. Sem ressentimentos, simplesmente não fomos feitos um para o outro.

– Não estás a falar a sério. Estás perturbada pelo choque de tudo isto – disse ele.

Ela estava perturbada, e não duvidava de que mais tarde se arrependeria da maior parte das coisas que dissera, mas sabia, no fundo do coração, que ele queria ir, só não gostava da imagem que isso ia dar. Talvez estivesse à espera que ela dissesse qualquer coisa verdadeiramente má, porque então poderia ir a sentir-se justificado, mas Mariette não fazia tenção de lhe facilitar assim tanto a vida.

– Estou a devolver-te a tua liberdade porque tu serves tanto para mim como eu para ti – disse, a tentar não chorar. – Vai e encontra uma rapariga que os teus pais aprovem. E sê feliz com ela.

Ele deu um passo em direção à porta, mas então deteve-se e voltou-se, com uma expressão intrigada.

– Alguma vez me amaste?

Se não estivesse tão cheia de dores, e à beira das lágrimas, Mariette talvez tivesse rido.

– Sim, até perceber que és frio e dominado pelos teus pais – disse. – Por favor, vai, Edwin. Não serve de nada arrastar esta conversa. Adeus.

Edwin saiu. Se tivesse uma cauda, levá-la-ia entre as pernas.

Morgan apareceu para a ver pouco depois de Edwin ter saído, e encontrou-a de olhos inchados e vermelhos.

– Estiveste a chorar – disse. – Tens muitas dores?

– Dói-me, mas não mais do que o costume – respondeu ela.

– Então porquê as lágrimas?

– Desapontamento, acho eu – disse ela, numa voz carregada de tristeza. – O Edwin veio ver-me. Percebi que queria sair, de modo que lhe mostrei a porta. Mas teria sido agradável vê-lo dar alguma luta.

Morgan limitou-se a pousar a mão em cima da dela, num gesto de solidariedade.

– Ainda bem que ele se mostrou tal como é. Antes agora que mais tarde – disse.

– Sim, é verdade, e não penses que fiquei com o coração destroçado, sabia que ele não era o homem certo para mim. Mas... – Calou-se, incapaz de dar voz ao que lhe ia na cabeça.

– Tens medo de que mais ninguém te queira?

Ela olhou para Morgan, e os seus olhos encheram-se de lágrimas.

– Sim, suponho que sim.

– É como eu me sinto – disse ele. – É horrível, não é?

– Fazemos um belo par – disse Mariette, e tentou rir.

*

À medida que o corpo sarava, a necessidade de estar sempre a dormir foi diminuindo, e então o tempo começou realmente a arrastar-se. Deu por si a pensar em como a vida seria difícil só com uma perna, a recear nunca casar e ter filhos, a recordar a alegria que sentia quando subia a correr o trilho até ao alto da falésia em Sidmouth. Desejava ter sabido então que os seus dias de corridas estavam contados, para poder apreciar um pouco melhor o que tinha.

Ao oitavo dia depois da amputação, começou a pensar que era bem capaz de enlouquecer de tédio. E o facto de estar sempre a pôr o dedo na ferida que era Edwin não ajudava nada. Deveria ter tentado conformar-se à norma e tornar-se o género de mulher com que os homens como ele casavam. Teria sido uma loucura temerária aceitar ir para França no desempenho de missões secretas? Deveria ter mantido silêncio a respeito de tudo aquilo até estar curada?

No entanto, fosse como fosse que olhasse para a sua relação com Edwin, acabava sempre por voltar à mesma coisa. Ele não a amara o suficiente para ultrapassar quaisquer problemas que tivessem surgido. E enquanto estava a ver as coisas ao microscópio, apercebeu-se de que talvez se tivesse apaixonado pela imagem de um piloto de caça vindo de uma família ilustre, e não pelo próprio Edwin.

Enfrentar a sua nova situação era doloroso. Sempre se imaginara a regressar à Nova Zelândia pelo braço de um marido bonito e rico, sofisticada, elegantemente vestida, e com um tesouro de experiência acumulada que poderia usar para deslumbrar as suas antigas amigas.

Mas agora ia voltar sozinha, pobre, mal vestida, e ninguém queria ouvir as suas experiências. E ainda por cima, com uma perna a menos. Nunca mais poderia voltar a saltar para dentro de um barco vestindo apenas um fato de banho, deixando os homens de Russell de olhos esbugalhados.

– Não vou sucumbir à autocomiseração – murmurava para si mesma sempre que estes pensamentos a assaltavam. – É possível que nunca mais consiga saltar, mas posso aprender a deslocar-me pelos meus próprios meios.

Com este objetivo, insistiu em experimentar a cadeira de rodas, e uma vez dominada esta técnica de locomoção, pediu para tentar as canadianas. O fisioterapeuta exortou-a a ir com calma, mas ela não lhe deu ouvidos. As canadianas foram mais difíceis de dominar do que esperara, e o processo de aprendizagem custou-lhe um par de tombos.

– Vai acabar por magoar-se a sério se não ouvir o que lhe digo, Miss Carrera – disse-lhe o fisioterapeuta, num tom cansado. – É preciso tempo para que o seu corpo se adapte a uma distribuição desigual do peso. Tem de aprender a equilibrar-se, tal como quando era pequena e aprendeu a ficar de pé ou a saltitar sobre uma só perna. Dez minutos por dia, por enquanto, é mais do que o suficiente.

Mariette sabia que o coto da perna teria de estar completamente sarado antes de lhe tirarem sequer as medidas para uma prótese, e que depois de colocada demoraria semanas a aprender a andar com ela. Mas a paciência não era um dos seus pontos fortes. Queria voltar ao trabalho em Sidmouth porque tinha saudades da agitação e do barulho do *pub*. Ou, se isso não fosse possível, tencionava procurar emprego ali mesmo, em Southampton, para ficar mais perto do hospital.

Mas a realidade era que ninguém ia empregar uma mulher só com uma perna.

Até Sybil, quando da sua última visita, brincara com o assunto, dizendo que uma empregada de bar de muletas era tão útil como um guarda-fogo de chocolate. Queria Mariette em casa, mas fizera notar que, para ser realista,

Mari teria de aceitar que pouco mais poderia fazer do que sentar-se no *pub* e conversar com os clientes.

Um dia, Mrs. Harding levou Ian e Sandra a vê-la. Apesar de se ter esforçado muito por fingir que estava tudo bem com ela, que gostava de estar no hospital e tinha montes de pessoas com que falar, Mariette desconfiou que não tinha conseguido enganá-los.

Sandra abraçou-a, antes de se irem embora, e murmurou-lhe ao ouvido:

– Gostamos de ti na mesma só com uma perna. E as outras pessoas também vão gostar.

Era estranho que uma criança fosse capaz de aperceber-se do seu verdadeiro medo: que não gostassem dela, ou a ignorassem, ou até que a tratassem de uma maneira diferente. Lembrava-se de haver na escola uma menina que tinha pé boto e de ninguém querer ser amigo dela. A família acabara por mudar-se para Auckland, e Mariette lembrava-se de ouvir uma das raparigas mais crescidas dizer que tinha sido por ela não ter amigos em Russell. Mas recordou a si mesma que tinha um amigo em Morgan, um amigo que ia vê-la todos os dias, mesmo quando só podia dispor de alguns minutos.

– Tens de usar todo este tempo livre de uma maneira produtiva – disse-lhe ele, quando ela se queixou do tédio. – Não podes esperar que as pessoas te entretenham, tal como, quando saíres daqui, não podes esperar que estejam dispostas a servir-te a todo o momento. Terão muito mais simpatia por alguém que se esforce por fazer coisas sozinha. Acredita no que te digo, eu sei.

Mariette tomou boa nota do que ele disse, e tentou ocupar o tempo de uma maneira produtiva. Escrevia cartas para casa, lia muito, e começou a bordar um tapete que outra paciente tinha levado e depois deixado no hospital quando regressara a casa. Pedia até às enfermeiras que a deixassem desempenhar pequenas tarefas.

Mas, por vezes, era demasiado difícil mostrar-se alegre, bem disposta e otimista e não se queixar da sua sorte. A cabeça enchia-se-lhe de pensamentos sombrios a respeito de como era injusto pessoas como Miss Salmon, que a convencera a treinar para as missões de salvamento, passarem todo o dia em segurança sentadas numa cadeira. A mulher nem sequer fora vê-la ao hospital para lhe perguntar se precisava de alguma coisa!

Não que quisesse muito ver Miss Salmon, mas queria saber como estavam as crianças que tinha salvado naquela última noite, e talvez obter um endereço para onde pudesse escrever-lhes. Também estava preocupada com Celeste e os outros elos da cadeia em França; o soldado morto devia ter trazido problemas para toda a gente. Mas o que a deixava verdadeiramente zangada era o facto de Miss Salmon e os outros falarem tantas vezes da necessidade de humanidade naquela guerra, e agora que ela estava ferida e já não lhes servia para nada, mostrarem que, para eles, aquelas frases altissonantes eram apenas palavras desprovidas de conteúdo.

Mas, pelo menos, as cartas de e para casa estavam a chegar mais depressa. Usando um sobrescrito especial e um papel muito leve, eram transportadas de avião, e muitas vezes entregues dez dias depois de terem sido escritas. O dia em que recebeu a carta da mãe a dizer que o tio Noah lhes deixara a casa em França foi muito especial. Esqueceu as suas dores e achaques na alegria de imaginar como Jean-Philippe devia ter ficado furioso.

O pai tinha escrito a um amigo que tinha em Marselha e pedira-lhe que descobrisse em que estado se encontrava a casa, e se tinha sido requisitada pelo governo. O seu plano era conseguir alguém que cuidasse da propriedade até a guerra acabar e ele a poder vender.

Mariette tinha a esperança de que qualquer coisa de muito desagradável acontecesse a Jean-Philippe, em breve. A mulher fugir com outro homem serviria perfeitamente, ou a casa ser arrasada por uma bomba e ele perder tudo o que tinha. Talvez não fosse muito bonito da sua parte pensar aquelas coisas. Mas a verdade era que ele fora muito mau.

Finalmente, ao cabo de quase quatro semanas no hospital, o Dr. Mercer foi ver Mariette e disse-lhe que ia recomendar que fosse transferida para uma casa de convalescença em Bournemouth. Informou-a de que eram especialistas na aplicação de membros protéticos e em ajudar os pacientes a usá-los.

— Bournemouth! — exclamou ela. Preparava-se para dizer que não conhecia lá ninguém. Porque não podia ficar em Southampton, ou então voltar para Sidmouth? Mas então percebeu que o Dr. Mercer estava a fazer

o que considerava ser melhor para ela. – Oh, isso é ótimo – disse, e esperou que desse ao menos a impressão de que estava a ser sincera.

– Eu sei que provavelmente gostaria de voltar para junto dos seus amigos em Sidmouth – disse o médico. – Mas a minha experiência diz-me que os familiares e amigos tendem a exagerar na ajuda àqueles que perderam um membro. Precisa de tornar-se independente. Seja como for, Bournemouth é um sítio muito agradável. E com a primavera aí à porta, vai gostar de lá estar. Ouvi dizer que estamos prestes a invadir a França. Talvez mais um ano e a guerra acabe.

Mariette gostava do Dr. Mercer; tinha uns olhos cinzentos bondosos e uns modos muito gentis. Era o género de homem que qualquer pessoa gostaria de ter como avô. Morgan contara-lhe como tinha sido bom também para ele, encorajando-o a aprender a ler e conseguindo-lhe a admissão no treino para enfermeiro.

– Espero que sim. – Suspirou. – Já toda a gente sofreu mais do que o suficiente.

– Deve usar o próximo ano para aprender a usar a sua nova perna e preparar-se para uma vida diferente em tempo de paz. Aposto que a sua família na Nova Zelândia está ansiosa por voltar a vê-la.

– Sim, estão. E por ver os meus irmãos de regresso a casa são e salvos. Estão em Itália, com o regimento deles. Pelo que li nos jornais, parece que os Aliados puseram os Italianos em debandada.

– Parece que sim – concordou o Dr. Mercer, com um grande sorriso. – Deus sabe que precisamos que tudo isto acabe.

Mariette foi levada para Stanford House, em Bournemouth, por uma voluntária, num carro particular, e Morgan acompanhou-a.

A voluntária era uma mulher de meia-idade que vestia um saia-casaco de *tweed* – do género aristocrata rural exuberante – e o carro dela era um *Riley*, com que Morgan ficou muito entusiasmado.

– Não só tenho direito a um dia fora do hospital com pagamento, como ainda por cima a uma viagem no meu carro preferido! – exclamou.

– Tem bom gosto, jovem – disse a dona do carro, na sua voz tonitruante. – Se se portar bem, talvez o deixe conduzir na viagem de regresso.

Chamava-se Mrs. Dykes-Colman e disse-lhes que tinha quatro filhos. Um deles, piloto, tinha sido abatido sobre a França e encontrava-se presentemente num campo para prisioneiros de guerra na Alemanha, o segundo era tenente da Marinha – segundo ela, estava algures perto de Gdansk –, o terceiro estava na RAF, mas era engenheiro, e o mais novo estava nos Royal Marines, a servir no Extremo Oriente.

– O pai morreu em 1922, de uma doença pulmonar depois de ter sido gaseado nas trincheiras da Grande Guerra – explicou. – Uma desgraça tremenda, era um homem maravilhoso. Os filhos saem a ele, graças a Deus, e rezo para que voltem a casa inteiros. – Olhou de relance para Morgan e Mariette, e uma sombra passou-lhe pela cara. – Foi falta de tato da minha parte. Peço desculpa.

– Sobrevivemos, tivemos sorte – disse Morgan. – E já nos conhecíamos desde antes da guerra e voltámos a encontrar-nos no hospital. O que também foi uma grande sorte. Pode dizer-nos alguma coisa a respeito de Stanford House?

– Posso, com certeza, vou lá quase todos os dias ajudar. Têm um pessoal muito dedicado, todos especialistas nas respetivas áreas. Teve sorte, Miss Carrera, por a terem mandado para lá. Vão pô-la a andar de um lado para o outro num abrir e fechar de olhos. Quanto a si, jovem, se quiser uma cama para passar a noite quando vier visitar Miss Carrera, terei muito gosto em acomodá-lo. Vivo perto, e é sempre agradável ter alguém em casa.

Morgan olhou para Mariette e arqueou uma sobrancelha.

– Queres que venha visitar-te? – perguntou.

– Tu sabes que sim – respondeu ela. Na realidade estava com medo de que ele não mantivesse o contacto, e isso sim, teria sido muito doloroso. – Mas só quando tiveres tempo. Sei que vais fazer em breve os exames de enfermagem.

Ele pegou-lhe na mão e apertou-lha entre as suas.

– Terei sempre tempo para ti. Mas vais conhecer montes de pessoas boas em Stanford, não vais precisar de mim.

Uma semana mais tarde, Mariette pensou no que Morgan dissera a respeito de conhecer pessoas boas em Stanford. Não se enganara. Os outros dezassete pacientes e os oito membros do pessoal eram todos excelentes

peessoas, agradecidas, sinceras, otimistas, dedicadas e entusiastas. Encantador – mas um pouco como uma dieta de chocolate, passado algum tempo, começava a tornar-se enjoativo.

Queria alguém como ela própria, alguém que não visse nada de bom no facto de ter perdido uma perna, que protestasse, que amaldiçoasse o mundo, mas que ao mesmo tempo também conseguisse ver o lado divertido. Ali ninguém o fazia, nem sequer aqueles que tinham perdido dois membros. Estavam sempre a dizer como se sentiam humildemente gratos pela ajuda que recebiam, como os membros protéticos eram uma espécie de milagre, como estavam felizes por dentro de poucas semanas poderem ir para casa e retomar as suas antigas vidas.

Só oito dos homens eram soldados; todos tinham perdido um membro numa explosão qualquer. Tinham sido levados para ali, em vez de para Netley, porque se acreditava que poderiam beneficiar dos cuidados especializados dispensados em Stanford.

As outras dez pessoas – seis mulheres, incluindo Mariette, e quatro homens – eram civis. Dois dos homens eram polícias, outro era um agricultor cujo braço fora apanhado por uma debulhadora e o quarto caíra quando tentava atravessar a via férrea e fora colhido pelo comboio. As mulheres, com exceção de Mariette, tinham sofrido graves ferimentos em ataques aéreos, e mais tarde infeções de que tinham resultado amputações.

Mariette não se sentia culpada por não estar tão agradecida como os outros, porque não estava convencida de que estivessem na realidade tão felizes e contentes como apregoavam. Como poderiam estar? Era uma utopia pensarem que voltariam às suas antigas vidas, como se nada tivesse acontecido. Os dois polícias não poderiam voltar a fazer os seus giros, e o agricultor descobriria que era difícil conduzir um trator com um braço postiço. Quanto ao homem que fora colhido pelo comboio, tinha quase a certeza de que tentara suicidar-se mas que, quando sobrevivera, ficara tão envergonhado que inventara uma história diferente.

As mulheres estavam todas casadas com soldados. Mariette depressa percebeu que a razão de se mostrarem tão calmas e agradecidas era o facto de terem filhos pequenos. As crianças estavam a cargo de parentes ou em instituições do Estado, e elas sabiam que tinham de reaprender a andar se quisessem voltar para junto dos filhos. Quaisquer sinais de mau humor poderiam fazer que fossem devolvidas aos cuidados de um hospital geral,

onde não teriam especialistas para as ajudarem. Mesmo assim, Mariette não conseguia compreender porque não se lamentavam, em privado, de vez em quando. Achava que só lhes faria bem.

Quanto a ela, não tentava enganar-se a si mesma permitindo-se pensar que poderia voltar a nadar e a velejar como dantes, embora tencionasse fazê-lo, se fosse humanamente possível. De momento, contentava-se com ser perita em manobrar a cadeira de rodas e ser capaz de subir as escadas com a ajuda das canadianas enquanto esperava a chegada da sua nova perna.

E mantinha um diário onde registava os seus progressos.

Um diário talvez não fosse o nome exato, porque naquelas páginas dava voz à sua irritação contra os que eram irreprimivelmente joviais, os que lhe impingiam preleções a respeito de fazer cursos de tudo e mais alguma coisa, desde modista a eletricista, e os que estavam agradecidos pelo simples facto de continuarem vivos. Gostava de ridicularizá-los no papel, ria-se sozinha enquanto os descrevia com todo o pormenor. O seu diário seria perigoso como uma bomba, se alguém o encontrasse e o lesse, de modo que o trazia quase sempre consigo.

Felizmente, partilhava um quarto com Freda, que não era dada a leituras nem a bisbilhotices. Era uma mulher de vinte e oito anos, calada e de ar frágil, com uns olhos azul-água e cabelos cor de serapilheira velha. Estava sempre a tricotar para um dos dois filhos e, quando não estava a praticar caminhar com a sua nova perna, passava a maior parte do tempo a olhar para uma foto das crianças.

– Achas que todas as crianças se sentem embaraçadas quando veem pessoas com uma perna artificial? – perguntou de repente, certa tarde.

Mariette acabava de regressar da primeira prova da sua prótese.

– Se se sentirem, é porque estão a precisar de um puxão de orelhas – respondeu. – Porquê? O que foi que te levou a perguntar?

Os filhos de Freda, Alice e Edward, estavam a viver com a tia, a irmã mais velha da mãe, em Salisbury. Freda já tinha referido, de passagem, que só a tinham ido ver uma vez, por causa do tempo, que estivera sempre péssimo.

– A minha irmã disse, numa carta, que achava errado embaraçá-los – disse Freda. – Sugere que é melhor ficarem com ela.

– É sempre melhor para as crianças ficarem com a mãe – respondeu Mariette num tom firme, a pensar em Ian e em Sandra e em como eles falavam com saudade de Joan. – Tens essa perna, podes cozinhar, lavar a roupa, fazer tudo o que uma mãe tem de fazer. Não percebo o que é que a tua irmã quer dizer.

– Não tem filhos, e adora os meus – disse Freda, num fio de voz. – Fez notar que se habituaram a viver numa casa muito maior, num sítio agradável e seguro com campos ao fundo da rua. Em Southampton vivíamos em duas divisões, perto das docas. E agora nem sequer isso tenho, ficou tudo arrasado.

– Porque é que ela não te convida a viver lá em casa? – perguntou Mariette. – Seria a solução ideal. Continuará a ter as crianças com ela, e poderia ajudar-te a ti também.

Freda demorou muito tempo a responder. Estava a morder o lábio inferior, como se achasse que não devia estar a falar da família com alguém que, na realidade, mal conhecia.

– Ela não me quer lá em casa. Ia embará-la.

Mariette ficou espantada por a irmã de Freda poder ser tão insensível.

– Se não és suficientemente boa para ela, os teus filhos também não são – disse, num tom que não admitia réplica. – Já provou que não tem coração, e portanto não deve ocupar um lugar permanente na vida dos teus filhos. Tens sido muito corajosa nesta coisa da tua perna; agora tens de ser ainda mais corajosa para te impores. E eu vou ajudar-te!

— Ouvi dizer que tem encorajado alguns pacientes a lutarem pelos seus direitos — disse o Dr. Hambling enquanto examinava o coto da perna de Mariette, à procura de bolhas ou de pontos doridos.

Mariette recebera finalmente a sua prótese três semanas antes. Mas em vez de ir com calma, como lhe fora dito que fizesse, praticando por curtos períodos de tempo, arrancara de imediato como um touro à carga. O Dr. Hambling sabia que ela ficara surpreendida ao descobrir como era difícil caminhar com a nova perna. Mas Mariette continuava convencida de que, se insistisse, lhe apanharia o jeito mais depressa. O resultado fora alguns pontos doridos. Felizmente, conseguira travá-la antes que se magoasse a sério.

— Quem foi que disse isso? — perguntou ela, de imediato na defensiva.

A primeira vez que o Dr. Hambling ficara a saber que Mariette se tornara uma espécie de conselheira fora quando Freda o procurara e lhe dissera que a irmã queria tirar-lhe os filhos. Freda perdera o seu ar de ratinho assustado e dissera que Mariette a fizera compreendera que tinha de lutar pelos filhos. Pedira-lhe ajuda para arranjar uma casa, para ter um lugar seguro para onde levar a família.

Não tardara muito que o Dr. Hambling e outros membros do pessoal reparassem que Mariette tinha com frequência conversas muito sérias com os outros pacientes e que, de repente, aquelas pessoas outrora submissas e caladas começavam a afirmar-se, a pedir para serem postas em contacto com organizações capazes de ajudá-las a resolver os seus problemas, ou apenas a comportarem-se e a falarem de uma maneira positiva em relação ao futuro.

— Aqui nada passa despercebido — disse o Dr. Hambling. — Mas é ótimo estar a conseguir pôr os outros pacientes a falar. Muitas vezes, os problemas psicológicos causados por uma amputação são mais graves do que os físicos. Provavelmente sabe que a Freda me procurou, a pedir ajuda para ser realojada, e nunca teria coragem suficiente para o fazer sem um empurrão. Com toda a sinceridade, penso que a irmã está convencida de que ela já não pode cuidar dos filhos e que o melhor seria abandoná-los.

Mariette ficou contente com a aprovação do Dr. Hambling. Estivera meio à espera de que lhe dissessem que ficasse quieta e não metesse o nariz na

vida dos outros. Descobrira que tinha muito jeito para convencer as pessoas a falarem das suas ansiedades, e vira por si mesma o muito que as ajudara poderem discutir possíveis soluções. Também a ajudava a esquecer um pouco as suas próprias preocupações e tristezas.

– Acha que vai poder fazer alguma coisa pela Freda? Está aterrorizada pela ideia de perder os filhos.

– Está a ser tratado. Mas falemos de si, minha cara jovem! Promete abrandar e adaptar-se à prótese ao ritmo que sugerimos? É que nós sabemos umas coisas, acredite.

Mariette riu. Gostava do Dr. Hambling, com os seus cabelos brancos, sempre despenteados, e a sua grande barba. Era velho, já operara os feridos da Grande Guerra, e fora o que então vira que o levara a trabalhar com próteses e ajudar os amputados a fazerem uma vida normal. Morgan dissera-lhe que era considerado o melhor na sua área.

– Está bem, aprendi a lição – disse. – Talvez possa pô-la agora e mostrar-lhe como é que estou a andar?

A primeira vez que vira a sua «perna», quase se desfizera em lágrimas. Tinha visto as de outras pessoas, mas isso não a preparara para a sua. A cobertura de baquelite, num doentio tom creme-rosado, as grandes correias e o peso daquela coisa horrível tinham-na feito pensar que preferia usar canadianas pelo resto da vida.

Não pudera deixar de se lembrar de Morgan, no navio, a passar-lhe os dedos desde a ponta do pé até ao alto da perna e a dizer que ela tinha as pernas mais bonitas que alguma vez vira. Nenhum homem ia querer fazer aquilo a uma rapariga pernetas. Não conseguia sequer imaginar um homem a abraçá-la e beijá-la. Podia continuar a ter uma cara bonita, mas uma perna artificial seria o bastante para dissuadir qualquer um.

O Dr. Hambling ficou a vê-la colocar a prótese e apertar as correias. Percebia pela expressão dela que a enojava, mas que tinha decidido aceitar o inevitável. E que, gostasse ou não, precisava dela.

Para o espírito do médico, Mariette constituía um curiosidade fascinante: desafiadora, impaciente, ousada, divertida, dada a ideias loucas, com frequência casmurra e muito corajosa. Mas tinha também um lado terno, e preocupava-se com as pessoas, em especial as menos capazes do que ela própria. Se tivesse nascido homem, teria dado um ótimo oficial.

E era também inegavelmente bonita.

O Dr. Mercer comentara o facto, dizendo: «Ilumina qualquer sala onde entre.» E era bem verdade.

Havia quem dissesse que era mais fácil para uma mulher bonita adaptar-se a uma perna protética do que a uma feia, porque as pessoas iam querer ajudá-la. Mas o Dr. Hambling estava convencido de que a verdade era precisamente o contrário: as pessoas tendiam a retrain-se quando viam uma beleza com falhas. Fosse como fosse, tinha a impressão de que enquanto respirasse, nunca Mariette deixaria de lutar por ser tudo o que tinha sido antes de perder a perna. E um verdadeiro homem veria o seu real valor e nunca pensaria na sua deficiência.

– Mais um par de semanas e estará pronta para ir para casa – disse, enquanto ela andava de um lado para o outro à sua frente.

Bem gostaria de poder dizer-lhe que a sua maneira de andar era igual à de qualquer pessoa com duas pernas, mas não podia. Tinha de balouçar o membro protético para dar cada passo, e estava ainda numa fase em que esse movimento era muito óbvio. Com tempo e prática conseguiria disfarçar muito mais, mas nunca voltaria a andar como antes.

– Quem me dera que «casa» fosse casa mesmo – disse Mariette, com um sorriso. – Mas suponho que não há hipóteses de um barco me levar à Nova Zelândia?

– Então não vai querer está cá para as celebrações do fim da guerra? – disse o médico, a provocá-la. – E, antes disso, para ver o que acontece quando invadirmos a França?

– Suponho que sim. – Mariette deixou escapar um suspiro dramático, e então riu. – Seria má educação ir-me embora quando os soldados estão todos a vir para a costa. Há ianques em todas as esquinas. É pena não estar para grandes danças, ouvi dizer que é a loucura total nos salões de baile nos sábados à noite. Mas que acha do andar? Melhor do que da última vez que me viu?

– Muito melhor – disse ele. – Ainda está a balouçar a perna um pouco de mais, mas a prática vai resolver isso. O principal é que não hesita, e isso é muito bom. Mas voltando aos salões de baile... Não estou a vê-la a apaixonar-se por um ianque inexperiente. Mesmo que metade das raparigas inglesas esteja a ir por esse caminho. Eu aposto em si e no Morgan.

Mariette ficou espantada por o médico se ter apercebido da existência de qualquer coisa entre ela e Morgan. Toda a gente pensava que era apenas

amizade. Mas a verdade era que Morgan continuava a fazer com que o seu coração palpitasse, e tinha quase a certeza de que causava o mesmo efeito nele. Mas apesar de ele fazer a viagem para ir vê-la quase todas as semanas desde que ela estava em Stanford, não admitira ter quaisquer sentimentos especiais por ela. Nem sequer tentara beijá-la.

O Dr. Hambling adivinhou-lhe os pensamentos, e compadeceu-se da incapacidade dela de fazer avançar as coisas com Morgan.

– Infelizmente, o Morgan tem o mesmo problema que muitos pacientes daqui que temos tentado ajudar – disse. – Vi uma fotografia dele como era, e não tenho dificuldade em compreender que um homem que foi em tempos tão atraente imagine que não tem nada para oferecer a uma mulher agora que perdeu a beleza física. Está enganado, claro, como ambos sabemos. A Mariette não é uma pessoa diferente por ter perdido uma perna. E ele não é diferente por ter a cara queimada. Mas não é fácil levar os pacientes a compreender isto.

– Mas também tem a ver com a maneira como os outros olham para nós – disse Mariette. – Antigamente, quando eu passava na rua, os homens voltavam a cabeça para olhar. Agora, quando me veem coxear, a expressão deles muda, baixam os olhos. E com o Morgan é o mesmo. As mulheres paravam para olhar para ele, mas agora evitam olhá-lo diretamente.

– Mas a Mariette não evita olhar para ele – disse o Dr. Hambling, num tom carregado de significado. – Já os vi juntos, nunca desvia os olhos dos dele. E, quando se afasta, ele olha para si como se tivesse medo de nunca mais voltar a vê-la. Eu diria que temos aqui qualquer coisa sobre a qual é possível construir.

– Não haverá muita oportunidade de construir seja o que for quando eu voltar a Sidmouth – observou ela. – E se a invasão for para a frente, o hospital não vai ter um momento de descanso, com os feridos, e ele nunca terá tempo para me ir visitar.

– Nesse caso, talvez devesse voltar ao hospital – disse o médico, com um sorriso malicioso. – Julgo recordar que me disse que fez um curso de secretária. É muito possível que o hospital precise de alguém na administração.

Os olhos de Mariette iluminaram-se.

– Acha que me aceitam? – perguntou. – E estou em condições de fazer um trabalho desses neste momento?

– Sim, acho que a aceitam, se eu disser uma palavrinha ao ouvido certo. Quanto a estar em condições de o fazer, bem, só a Mariette pode responder a essa pergunta. Fisicamente, está capaz: sabe quanto tempo pode caminhar com a prótese e que coisas são mais difíceis para si. Mas o trabalho de uma secretária faz-se sobretudo sentada. Muito mais adequado do que estar de pé atrás de um balcão. Por isso sim, acho que pode fazê-lo.

– O Morgan não irá pensar que ando a persegui-lo?

O Dr. Hambling atirou a cabeça para trás e riu.

– Oh, Mariette, nenhum homem neste mundo se importaria de ter alguém parecido consigo a persegui-lo! Estou convencido de que o Morgan vai ficar encantado. Persiga-o, e beije-o quando o apanhar, e tenho a certeza de que será seu para o resto da vida.

Mariette recordou-se do cerco descarado que fizera a Morgan no navio.

– Costumava ser tão segura de mim mesma, quando era mais nova – disse, com um ar pensativo. – Nunca tinha um momento de dúvida a respeito do que quer que fosse. Agora tenho dúvidas a respeito de quase tudo.

– Faz parte do processo de crescimento – assegurou-lhe o Dr. Hambling. – Não tem nada a ver com a sua perna, a guerra ou qualquer coisa à sua volta. À medida que nos tornamos adultos, aprendemos a ser cautelosos. Mas isso não significa que não possamos arriscar, sobretudo quando as probabilidades são a nosso favor. Agora ponha-se a andar, e da próxima vez que o Morgan vier visitá-la diga-lhe que quer estar perto dele.

Mariette sorriu e começou a caminhar em direção à porta.

– Vou ter saudades suas, quando me for embora – disse, voltando-se para o médico antes de abrir a porta. – Depois conto-lhe como correram as coisas.

– Ainda não está livre de mim, minha querida – disse ele. – Hei de voltar a vê-la antes de se ir embora. E depois disso vou precisar de observá-la de dois em dois meses.

*

– Vais trabalhar para o hospital? – exclamou Morgan, incrédulo. – Pensei que apanharias o primeiro comboio para Sidmouth mal saísse daqui. Porquê o Hospital de Southampton?

Mariette inspirou fundo.

– Porque tu estás lá – disse.

Estava um quente dia de maio, e quando Morgan chegou para a visitar ela sugerira que se sentassem no jardim de Stanford House, para aproveitar ao máximo o sol. Tinha recebido nessa manhã uma encomenda de casa, contendo um par de calças de linho creme e uma blusa verde-clara com franzidos no peito, muito bonita. Fora Mog que as fizera, claro. Como sempre, parecia saber exatamente o que ela precisava. Mariette vestira-as logo e, com as pernas tapadas, sentia-se pronta para tudo.

– Deves saber que não posso viver sem ti – continuou. – Agora diz-me que só tens pena de mim, e nada mais, e ponho-me já a andar para Sidmouth.

Morgan deixou pender a cabeça.

– Tu sabes que não é isso – disse, em voz baixa. – Também eu quero estar perto de ti, mas não posso ser o homem de que precisas.

– Permite que seja eu a decidir aquilo de que preciso. E és tu – declarou ela, firmemente.

Ele endireitou a cabeça, e havia um mundo de tristeza nos seus olhos escuros.

– Não compreendes... – Abriu a boca para dizer mais qualquer coisa, mas voltou a fechá-la. – Nem sequer te posso dizer – acabou por murmurar.

– Dizer-me o quê? Eu sei que sentes o mesmo por mim – disse ela. – Tu tens a cara queimada e eu tenho uma perna a menos. Faz de nós um par estranho, mas significa que teremos sempre qualquer coisa de que falar, quanto mais não seja quem foi que olhou para nós com um ar espantado naquele dia.

Inclinou-se para a frente, segurou-lhe a cara com ambas as mãos, pôs-se em bicos de pés e beijou-o nos lábios.

Ele reagiu no mesmo instante. Rodeou-a com os braços e agitou a língua dentro da boca dela. Mariette inclinou-se mais para ele. Só sentir aquele corpo firme contra o seu pôs-lhe os mamilos rígidos.

Morgan foi o primeiro a afastar-se.

– Tenho de te dizer – começou, com o rosto contorcido, como se tivesse dores. – Já não consigo fazer nada. Desapareceu quando fui queimado.

Mariette adivinhou que dizer aquilo fora a coisa mais difícil para ele. Hesitou em responder, receando fazê-lo sentir-se ainda pior.

– Ok, estás a dizer que não consegues ter uma ereção?

Ele assentiu com a cabeça e voltou a cara para o lado, para esconder a vergonha.

Ela pegou-lhe na mão e levou-o para um banco junto a um canteiro de tulipas.

– Falaste com o médico a respeito disto? – perguntou, depois de terem passado alguns instantes só de mãos dadas.

– Falei, uma vez, e ele disse que havia de voltar, com o tempo. Mas não voltou.

Havia uma trágica ironia no facto de o homem que lhe mostrara todo o prazer que o sexo podia proporcionar estar agora a dizer-lhe que ficara impotente.

– Quando estávamos a beijar-nos, como foi? – perguntou.

– Muito bom, porque eras tu. Mas não provocou nada.

– Foi só um beijo no jardim. Não achas que se estivéssemos sozinhos, num lugar confortável, seria um teste muito melhor?

– Suponho que sim – admitiu ele.

Mariette voltou-se para ele.

– Estás sempre a incitar-me a fazer isto ou aquilo. O que conseguiste desde que foste ferido é um exemplo, por isso acho muito triste teres-te deixado convencer que este problema não tem solução.

– Esquece – disse ele, com súbita rispidez. – Não quero falar nisso.

Mariette levantou-se do banco.

– Não posso obrigar-te a falar comigo, nem com o médico. Mas tu sabes tão bem como eu que uma cara queimada não seria o bastante para destruir a capacidade sexual de qualquer homem. Passa-se tudo na tua cabeça, e se foste tu que lá meteste a ideia porque te convenceste de que nenhuma mulher queria um homem desfigurado, então também podes ser tu a tirá-la.

– Não consigo – disse ele. – Deus sabe que tentei.

– Então vamos tentar juntos – insistiu ela, obstinada. – Se eu consigo ultrapassar o medo de te mostrar o coto da minha perna, não vejo razão para que tu não consigas enfrentar este desafio.

Disse isto e riu, tapando a boca com a mão.

Morgan riu também, e pouco depois estavam os dois a rir à gargalhada, mais pelo alívio de terem afastado do caminho um tema desagradável do que por ter verdadeiramente graça.

– Ficas contente por eu ir para o hospital? – perguntou Mariette, um pouco mais tarde.

– Não disseste o que vais lá fazer – disse ele, com um sorriso. – Se é só para me vigiar, talvez não fique muito contente.

– Trabalho administrativo – respondeu ela. – Datilografar requisições, escrever cartas, esse género de coisas. Mas como o Dr. Hambling lhes disse que sou muito boa a ouvir os problemas das pessoas e tentar encontrar soluções, também vou trabalhar com a assistente social.

– Boa sorte com essa! – Morgan arqueou uma sobrancelha. – Miss Wainwright é uma autêntica fera. Penso que na verdade não ouve os problemas de ninguém, limita-se a gritar com as pessoas até elas se calarem.

– Talvez eu consiga domá-la – disse Mariette.

– Se alguém consegue, és tu. Já te arranjam alojamento?

Mariette assentiu com a cabeça.

– Tenho um quarto no lar das enfermeiras. Parece que foi uma sugestão do Dr. Mercer. Foi uma grande sorte tê-lo a ele e ao Dr. Hambling do meu lado.

– E a Sybil e o Ted? Ficaram desapontados por não voltares para junto deles?

Mariette fez uma careta.

– Acho que a Sybil não achou graça nenhuma à ideia. Penso que queria apaparicar-me e exhibir-me como o seu troféu de guerra particular. Mas não é isso que eu quero. Quero estar perto de ti.

– Não vamos ter muito tempo para nos vermos quando a invasão começar – disse Morgan. – Espero que não haja tantos feridos como em Dunquerque, mas a verdade é que pode ser ainda pior.

Todos presumiam que os Aliados iam invadir a França no final da primavera ou no início do verão de 1944, isto devido à enorme concentração de tropas ao longo da costa sul de Inglaterra, mas sobretudo em Portsmouth e Southampton. Mariette nunca ia ao centro de Southampton, mas ouvia as enfermeiras falarem excitadamente do número de soldados americanos que lá havia e a combinarem ir a bailes para os conhecerem.

Quando a primavera deu lugar ao verão, havia no ar um zunzum de expectativa quase palpável, pois toda a gente sentia que a invasão estava para breve. Mas ninguém sabia ao certo o que quer que fosse – nem a data em que começaria, nem que parte de França seria visada. Por volta do início de junho, correu o rumor que seria através do Pas-de-Calais. Mas era uma falsa informação, posta a circular para que os generais alemães enviassem para lá o grosso das suas tropas.

Tornou-se no entanto óbvio que a invasão ia começar quando se soube que havia dois mil navios de guerra e transporte à espera no Canal, balões de barragem por todo o lado para os proteger contra os ataques da aviação inimiga e um grande número de draga-minas a limpar o caminho. A 5 de junho, o rugido de centenas de bombardeiros aliados atroou os ares, e pouco depois ouviu-se o estrondo abafado das bombas que choviam sobre as povoações costeiras francesas.

Toda a gente tinha teorias, e muitos afirmavam «saber de fonte fidedigna», mas de um modo geral pensava-se que a invasão ocorreria a 6 de junho. Haveria lua cheia nessa noite e uma maré muito alta nas praias da Normandia, o que permitiria passar por cima dos obstáculos que os Alemães tinham colocado com o objetivo de rasgar o fundo das lanchas de desembarque.

Em todos os hospitais ao longo da costa sul, médicos, enfermeiras e restante pessoal estavam preparados para a inevitável avalanche de baixas. No Hospital de Southampton, tinha sido desimpedido o máximo possível de enfermarias, apesar de se saber que os feridos seriam encaminhados sobretudo para o Hospital Militar de Netley, entretanto ocupado pelos Americanos.

Morgan passara os exames finais de enfermagem com distinção e os médicos de Netley tinham pedido que fosse enviado para lá para os ajudar. Achavam que tinha competências especiais: fora ele próprio um soldado e era considerado um especialista com conhecimentos excepcionais em tudo o que tivesse a ver com ferimentos sofridos em combate. Apesar de Mariette ficar muito contente por os seus talentos estarem a ser reconhecidos, era irónico que ele lhe fosse roubado precisamente quando conseguira aproximar-se dele e estava a vê-lo todos os dias.

Mas tinha trabalho mais do que suficiente para a manter ocupada, a estenografar ditados dos membros da administração e a datilografar cartas e notas. Até ao momento, Miss Wainwright não a deixara falar com qualquer das pessoas que apareciam no gabinete da assistente social com problemas ou perguntas. Tudo o que lhe permitia fazer era datilografar relatórios e arquivá-los. Morgan não mentira a respeito dela: era um dragão, rude para com os pacientes, insensível aos seus problemas e muito arbitrária. Mas a verdade era que ia a caminho dos sessenta, estava no hospital havia dezoito anos e considerava aquele lugar uma espécie de coutada particular.

Apesar de Mrs. Wainwright, Mariette adorava o seu novo trabalho. Não era difícil, e depois de tanto tempo de tédio mortal, era um prazer estar ocupada e sentir que alguém precisava dela. Já conhecia algumas das enfermeiras, dos tempos em que estivera ali como paciente, e não tardou a fazer novas amizades. E não se sentia uma aberração. Talvez fosse por o pessoal do hospital estar habituado a ver todo o género de ferimentos e deficiências, mas ninguém ficava a olhar embasbacado, ou, pior ainda, desviava os olhos. Perguntavam-lhe com frequência como perdera a perna e como se sentia com a prótese, e ela descobrira que preferia a franqueza a um silêncio embaraçado.

O seu quarto no lar das enfermeiras, um edifício separado dentro dos terrenos do hospital, era minúsculo, tão pequeno que algumas das enfermeiras lhe chamavam um armário. Mas ela tinha tão poucos pertences que não importava. E só lá ia dormir, pois havia uma sala comum no piso térreo onde todas as enfermeiras que não estavam de serviço se reuniam ao fim da tarde.

Na noite de 6 de junho, toda a gente largou tudo para se juntar à volta do rádio e ouvir as notícias. Ficaram assim a saber que, nessa madrugada, tinham sido largados sobre território francês para-quedistas que tinham

cortado as linhas telefônicas e elétricas. Às seis da manhã, dezenas de milhares de soldados, transportados em veículos anfíbios e lanchas de desembarque, tinham pisado solo francês em quatro praias da costa da Normandia. A Marinha de Guerra, que tinha previamente bombardeado a área costeira, mantivera o ataque durante uma hora depois dos desembarques.

Havia júbilo e admiração na voz do locutor. Júbilo por parecer que os muitos planos gizados para enganar o inimigo e levá-lo a pensar que a invasão teria por alvo Calais tinham resultado, e as tropas alemãs na Normandia tinham sido apanhadas a dormir. Admiração à medida que a escala gigantesca da operação era revelada, numa magnífica exibição de organização, poder e coragem.

Mas mesmo enquanto aplaudiam e se abraçavam umas às outras, sabendo que a invasão ia pôr a Alemanha de joelhos e acabar com a guerra, as enfermeiras não ignoravam que dentro de vinte e quatro horas estariam a cuidar da primeira vaga de centenas, talvez milhares, de baixas. Pensar que muitos dos homens que tinham tão corajosamente saltado dos seus barcos e lanchas e avançado até terra prontos para combater morreriam naquelas praias normandas era o suficiente para empanar a alegria do momento.

Tanto quanto Mariette soubesse, os irmãos continuavam em Itália, apesar de haver neozelandeses, australianos e canadenses a lutar em França ao lado dos soldados americanos e britânicos. Imaginava como os pais iam ficar receosos quando a notícia da invasão chegasse à Nova Zelândia. Recordariam os horrores por que ambos tinham passado em França durante a última guerra e não poderiam ter a certeza de que Alexis e Noel não se encontravam no meio da batalha.

Por vezes, Mariette desejava tanto poder estar em casa que tinha vontade de chorar. Ansiava sentir os braços da mãe à sua volta, ouvir aquele riso cristalino que era tão imediatamente reconhecível como sendo de Belle. Mais do que tudo, queria poder sentar-se ao lado dela e falar, falar a sério, não apenas conversar a respeito do que as vizinhas faziam, ou as últimas modas, mas a respeito das experiências que vivera em Inglaterra, e da vida da mãe quando tinha mais ou menos a sua idade. Queria conhecer a verdadeira Belle, não a mãe, mas a rapariga, e compreender todas as forças que a tinham moldado e feito dela a mulher que era agora.

E o pai também. Era um homem duro e forte – por vezes um pouco assustador – que a ensinara a velejar, nadar e pescar, mas capaz de confortar uma criança tão bem como qualquer mulher. Ainda criança, sempre sentira que havia nele mais do que o papá, o pescador e o marinheiro. Noah fizera alusões a coisas no seu passado, e Mariette queria saber essas coisas.

E depois havia Mog. Nunca ninguém lhe tinha verdadeiramente explicado como Mog se tornara uma mãe para Belle. Mariette sabia que nascera em Gales, mas ela nunca dissera o que acontecera à sua família, ou sequer se alguma vez voltara para a visitar. Sempre fora apenas a figura da avó – amorosa, cheia de ternura –, uma costureira fantástica e a pessoa a quem ela contava tudo.

Quase seis anos era demasiado tempo para estar longe deles. Tinha saudades dos jantares de família à volta da mesa da cozinha, das noites entretidas com jogos de tabuleiro, de se juntarem todos diante da lareira no inverno. Era curioso ter tido de viajar até ao outro lado do mundo para se aperceber dos tesouros que tinha em casa. Sentia que quando por fim voltasse a Russell, nunca mais havia de querer sair de lá.

Mas, por muito que quisesse regressar a casa, também queria Morgan. Com a transferência dele para Netley, deixara de ter tempo para o «trabalhar». E mesmo quando estavam juntos, era quase impossível estarem sozinhos. Ela não conseguia caminhar até muito longe pelos campos ou em terrenos irregulares, e Morgan não gostava de ir a *pubs* ou cafés, onde as pessoas tinham tendência para ficar a olhar.

Iria ser sempre assim? E se houvesse sempre barreiras, como poderia ela ter a certeza de que Morgan era o homem com o qual queria verdadeiramente passar o resto da vida?

Na tarde de 9 de junho chegaram ao hospital as primeiras baixas do Dia D, como toda a gente passara a chamar a invasão de França. Os homens tinham sido tratados nos postos de primeiros socorros e pelos médicos e enfermeiras dos navios que os tinham transportado até Southampton, mas alguns estavam gravemente feridos.

Mariette ia a passar pela sala das urgências quando viu um homem a que uma explosão levara metade da cara. Mais tarde, soube através de Julia, uma das enfermeiras com que fizera amizade, que havia outros soldados

com lesões na coluna vertebral, nos olhos, com pernas e braços arrancados, e que muitos deles nunca mais voltariam a andar.

Na manhã seguinte, Miss Wainwright disse-lhe que fosse recolher os dados pessoais dos feridos. Era preciso estabelecer uma lista de todos eles e contactar as famílias, se não estivessem em condições de fazê-lo eles próprios.

Miss Wainwright era uma autêntica megera, uma tirana de sessenta anos com cabelos grisalhos e uma expressão azeda que conseguia conservar o seu lugar de assistente social porque, apesar de não mostrar a mais pequena compaixão para com os pacientes, lidava com eles de uma maneira eficiente. Mariette teve vontade de rir quando descobriu que havia uma brecha na armadura da criatura. Não suportava ver sangue nem ferimentos! Por isso a mandava fazer um trabalho que deveria ser ela a fazer.

– Não demore o dia todo – ladrou-lhe Miss Wainwright. – Encontrará os formulários que usamos no armário da documentação. E veja se não se esquece de anotar todos os dados!

– O que é que faço se estiverem inconscientes e não puderem dizer-me? – perguntou Mariette.

– Se isso acontecer, anote os dados que constam das chapas – respondeu Miss Wainwright, irritada. – Desde que saibamos o nome e o regimento, é quanto basta, por enquanto.

Quando Mariette entrou na primeira enfermaria, onde estavam acamados vinte e quatro homens, alguns com a cabeça ou o peito envoltos em ligaduras, outros com armações metálicas debaixo das mantas ou braços já amputados, pensou na mãe. Belle descrevera-lhe certa vez o seu primeiro dia no Brooke War Hospital em Londres, onde trabalhara como voluntária. Dissera que o horror era quase de mais para aguentar, com a visão de ligaduras empapadas em sangue, rostos lívidos contorcidos pela dor, os cheiros e os gemidos que os homens não conseguiam controlar.

Mariette viu tudo isso naquele momento, e mais, sobretudo como alguns daqueles soldados eram jovens. O coração encheu-se-lhe de compaixão quando os olhos se voltaram para ela, num silencioso pedido de ajuda.

Tinha visto muitos civis feridos quando vivia no East End, e fora uma coisa de partir o coração, mas aqueles homens faziam-na pensar nos irmãos

que podiam, tanto quanto sabia, fazer numa cama de hospital algures, cheios de medo e de dores, a sentirem-se muito sozinhos.

Todos os homens daquela enfermaria eram ingleses. Mariette supôs que os americanos tinham ido para Netley. Fez o que lhe tinham dito e preencheu os formulários, mas não se limitou a isso. Perguntou a cada um deles como se sentia. E aos que não eram casados, perguntou se havia alguém especial, além dos pais, a quem quisessem enviar uma mensagem. Disse-lhes como as famílias se orgulhariam deles, e como a Inglaterra se orgulhava dos seus bravos rapazes.

Alguns choraram, agarraram-lhe a mão e disseram-lhe, entre soluços, como tudo fora aterrador e confuso na praia normanda. Um deles contou-lhe que, depois de ser ferido, correria pela praia à procura do seu pelotão, mas tivera medo de ser acusado de deserção. Outro disse-lhe que vira o seu melhor amigo ser atingido por uma bala na cabeça, mesmo à sua frente. Precisava de falar daquilo e Mariette, sem querer saber se Miss Wainwright ia ralhar-lhe por demorar tanto tempo, ouviu-o.

A tarde chegava ao fim quando voltou ao gabinete da assistente social com os formulários preenchidos. Miss Wainwright estava com um ar muito amargo.

– Onde esteve? – perguntou.

– A recolher a informação – respondeu Mariette.

– E posso saber porque demorou tanto tempo?

– Porque alguns deles queriam falar, e eu ouvi-os.

– Não está aqui para fazer as vezes de familiar ou de psiquiatra. Os seus deveres são exclusivamente administrativos. E agora vai ter de ficar a trabalhar até mais tarde para datilografar as cartas para as famílias dos que não podem fazê-lo por si mesmos.

– Era o que tencionava fazer, de qualquer modo – disse Mariette. – E, com o devido respeito, penso que é dever de todos nós apoiar e ajudar os que lutaram pelo nosso país. Se ouvir ajudar, ouvirei.

– Rapariguinha insolente! – exclamou Miss Wainwright. – Este é o meu departamento e pretendo geri-lo à minha maneira.

Mariette estava cansada, doía-lhe a perna e fora um dia comprido e perturbador. Fizera o que achara que devia fazer e não ia rebaixar-se e deixar aquela mulher espezinhá-la.

– E a senhora, Miss Wainwright, é uma pobre imitação de um ser humano, mais adequada para ser diretora de uma prisão do que assistente social.

A mulher pôs-se de pé, dando a impressão de que ia bater-lhe.

– Como se atreve a falar-me nesses termos? – rosnou. – Vou falar com a chefe das enfermeiras e conseguir que a despeçam.

– Boa sorte. – Mariette encolheu os ombros. – Agora, se me dá licença, tenho trabalho para fazer.

Miss Wainwright pegou na mala e no casaco de malha e saiu disparada porta fora. Mariette sentou-se à sua secretária e começou a datilografar um endereço num sobrescrito. Havia uma espécie de carta-padrão que era usada para informar as famílias dos homens internados no hospital. Naquela fase, não eram fornecidos quaisquer pormenores; os familiares tinham de telefonar ou aparecer para serem informados. Mariette não tinha a mínima intenção de infringir as regras, mas tinha os endereços de duas namoradas que os feridos receavam que não fossem contactadas.

Alguns dos homens feridos eram do Norte de Inglaterra. Enquanto datilogravava as moradas, Mariette perguntava a si mesma se alguém teria a possibilidade de ir vê-los. Lembrava-se de como se sentira em baixo quando estivera hospitalizada, e de como teria gostado de ver alguém da família. Se não fosse Morgan, não sabia como teria conseguido lidar com aquilo.

Já passava das nove de uma bela e quente noite de verão quando regressou ao lar das enfermeiras. Estava cheia de fome, mas perdera o jantar e ia ter de contentar-se com uma sanduíche. Não queria pensar na cena desagradável com Miss Wainwright nem nas possíveis repercussões.

Enfrentaria o problema no dia seguinte.

Mas passados vários dias sem qualquer reprimenda por ter sido mal-educada para com Miss Wainwright, presumiu que a mulher tinha decidido não apresentar queixa, ao fim e ao cabo. Continuou a mostrar-se tão gelada e desagradável como sempre, mas mandou-a voltar às enfermarias e perguntar a cada um dos soldados se precisava de ajuda ou conselho em qualquer assunto.

– Claro que na verdade a responsabilidade cabe ao exército. Se estivessem em Netley, já um oficial tinha feito a ronda para os visitar –

disse, num tom desinteressado. – Mas pode fazê-lo, até que apareça mais alguém.

Mariette não sabia se Miss Wainwright estava a encarregá-la de uma tarefa que não queria ser ela a fazer ou se alguma das chefes de enfermaria sugerira o seu nome. Mas, fosse como fosse, estava contente. Era muito mais gratificante escrever uma carta para um soldado impossibilitado de pegar numa caneta do que datilografar relatórios e requisições. Muitos dos homens tinham perguntas a respeito do futuro agora que estavam gravemente feridos, e embora ela não soubesse as respostas para essas perguntas, podia chamar a pessoa certa para discutir com eles esses assuntos.

Mas os homens ficavam sobretudo felizes por terem alguém com quem falar. E para aqueles que já tinham sido amputados, ajudava um pouco saber através dela quanto tempo demorava habituarem-se a uma prótese, e como era.

A 12 de junho, houve notícia de que os Alemães estavam a usar, aparentemente a partir de bases em França, uma nova bomba sem piloto. Ao princípio, as pessoas tomaram-na por um avião, porque tinha asas. Mas não tardou que comesçassem a chegar muitas mais, de dia e de noite, e o alvo era Londres. O barulho que faziam ao voar era semelhante ao de uma mota, com um motor que se desligava de repente antes de caírem e explodirem. Tinham sido claramente concebidas para espalhar o terror, e era o que faziam.

Duas velhotas que viviam juntas tinham sido levadas para o hospital depois de um daqueles engenhos, a que as pessoas chamavam «bombas zumbidoras», ter caído no quintal e a casa onde moravam se ter desmoronado à volta delas. Excetuando muitos golpes e contusões – e uma das senhoras tinha partido um braço –, não estavam gravemente feridas, mas o choque fora o suficiente para lhes provocar um ataque cardíaco.

– No Blitz sabíamos com o que contar – disse a Mariette a mais velha das duas, numa voz que tremia. – Mas ouvimos isto, e então o barulho para, e quem calha de estar por baixo não tem salvação possível. O que é que vamos fazer agora, sem um sítio para viver?

Era duro para qualquer pessoa ver a sua casa destruída por uma bomba, mas para os velhos era particularmente cruel perder os pertences acumulados ao longo de uma vida, sobretudo quando, como era o caso daquelas duas senhoras, não tinham meios para substituir fosse o que fosse. Mariette disse que ia contactar alguém que as ajudasse, mas sabia que a prioridade estava a ser dada a famílias, de modo que duvidava que aquelas duas velhotas conseguissem mais do que um quarto numa casa partilhada.

Falou a Morgan das suas preocupações com o realojamento das pessoas quando ele foi ao hospital visitá-la. Aproveitando a temperatura agradável do fim da tarde, sentaram-se num banco em frente do lar das enfermeiras.

– Desespero por toda esta gente – suspirou Mariette. – Vão ser precisas milhares de casas para substituir as que foram destruídas. E vai levar anos a reparar aquelas que ficaram só sem algumas telhas ou com as janelas partidas. Não consigo imaginar a vida depois da guerra, vai ser com certeza muito diferente do que era antes. Graças a Deus que vou regressar a casa.

Morgan não respondeu.

Quando se voltou para ele, Mariette apercebeu-se de que aquele último comentário o tinha perturbado.

– Vem comigo – disse, pegando-lhe na mão. – Não quero ir sem ti.

– E que faria eu para ganhar a vida? – perguntou ele. – Pelo que me contaste, Russell é uma terra demasiado pequena para ter um hospital.

– Há o hospital da Baía das Ilhas em Kawakawa, que não fica muito longe. Recebeu muitos feridos na última guerra, e nesta também tem estado muito ocupado. E há também um sanatório para tuberculosos.

– Duvido que queiram um enfermeiro.

– Tu, Morgan, consegues ser muito negativo – disse ela, num tom jovial.

– Queres ficar cá sem mim?

Ele fez um gesto com as mãos. Ela soube exatamente o que significava, que queria estar com ela mas não ia comprometer-se a fazê-lo, não no estado em que estava.

– Que diriam os teus pais se levasses para casa alguém como eu? – perguntou.

– Falaste com eles pelo telefone quando eu perdi a perna, de modo que sabes como te estão agradecidos por me teres ajudado. Sabem que foste queimado, não vai fazer a mais pequena diferença para eles.

– Mas eu não sou o que eles devem querer para ti.

Mariette sentiu que começava a ficar zangada.

– Estou farta dessa conversa! Eles não são o género de pessoas de dar importância ao aspeto físico. Não vou voltar a perguntar-te, vou-me embora sozinha.

Pôs-se de pé para se afastar, mas Morgan agarrou-a por um braço e puxou-a, fazendo-a sentar-se no seu joelho.

– Tenho medo – disse.

– Medo de quê? – perguntou ela, exasperada.

– Conhecemo-nos quando éramos ambos perfeitos. Julgámos que era amor, mas não estivemos juntos o tempo suficiente para ter a certeza. E então voltámos a encontrar-nos cinco anos mais tarde, e estávamos ambos fisicamente marcados. Como é que podemos ter a certeza de que não estamos só a conformar-nos com o que temos por sabermos que é pouco provável que mais alguém nos queira?

– Conformar-nos! – explodiu Mariette. – É isso que estás a fazer comigo? Mais vale ter uma rapariga imperfeita a teu lado do que não ter nenhuma?

Levantou-se tão depressa do joelho dele que se esqueceu da perna e quase caiu de cara no chão.

Morgan segurou-a e voltou a puxá-la para si.

– Não estava a falar dos meus sentimentos por ti, mas do que tu talvez sintas por mim.

Mariette olhou para ele, confusa.

– Porque é que pensas essas coisas? Foste tu que me abandonaste. Sabias que eu gostava de ti.

Morgan desviou os olhos dos dela.

– Portei-me de uma maneira vergonhosa no jardim do Ritz. Tu eras tudo o que eu queria numa rapariga: inteligente, *sexy*, bonita... Mas ao mesmo tempo sentia que ia perder-te porque te tinha dito que mal sabia ler e escrever. Por isso fui duro; era o que tinha visto tantos homens ciganos fazerem às mulheres quando se sentiam inferiores. Se na altura soubesse escrever melhor, talvez tivesse conseguido explicar tudo. Tentei esquecer-te, mas não fui capaz. Era um idiota muito baralhado, não era?

– Se te serve de consolação, eu também não era grande coisa, naquele tempo – admitiu Mariette. – Gostava da maneira como o tio Noah vivia, queria aquela vida para mim. Hesitei muito em ir ter contigo a Trafalgar

Square, naquele dia, porque achava que não encaixavas nos meus planos, mas também não era capaz de te largar.

– Alguma vez pensaste em mim, depois de eu ter deixado de escrever?

Mariette assentiu com a cabeça.

– Muito. Até pensava em ti quando saía com outros homens. Nenhum deles me fez sentir o mesmo que tu, e não voltei a dormir com nenhum homem depois de ti.

Mariette não sabia muito bem por que razão tinha confessado aquilo.

– E eu também não voltei a estar com outra rapariga – disse ele. – Em França, nunca tive oportunidade. E depois o fogo pôs fim a tudo isso.

Mariette segurou-lhe a cara com as duas mãos e beijou-o demoradamente.

– Já não vejo a tua queimadura – disse, quando se afastou. – Para mim és apenas o Morgan, e eu amo-te.

De repente, ouviram o temido som de motor de mota de uma bomba zumbidora cada vez mais próximo deles. Morgan pegou-lhe ao colo e correu com ela nos braços para o abrigo antiaéreo. Várias enfermeiras saíram do lar e correram na mesma direção, e algumas delas ultrapassaram-nos. Acabavam de abrir a porta do abrigo quando ouviram o motor da bomba desligar-se.

– *Para dentro!* – gritou Morgan, empurrando Mariette e as enfermeiras para o interior do abrigo e seguindo-as de imediato.

O rebrandamento da bomba foi tão violento que o chão estremeceu.

– O lar! – exclamou uma das enfermeiras. – Toda a gente conseguiu sair?

Morgan riscou um fósforo e encontrou uma vela junto à porta. Estavam sete enfermeiras no abrigo. Interrogou-as a respeito das que faltavam, e aparentemente todas tinham ido à cidade ou estavam de serviço.

– Penso que já podemos abrir a porta – disse Morgan, e abriu com cuidado uma pequena fresta. Espreitou para fora.

Estavam todos à espera de ver uma nuvem de pó e uma cena de total destruição. Mas, para surpresa de todas, Morgan riu.

– O lar está intacto. A bomba caiu num terreno baldio, ao lado do jardim. Há uma enorme cratera!

Começaram todos a rir, de alívio. Mariette apercebeu-se de que tinha estado a conter a respiração desde que ouvira o motor da bomba. E lá estava ela, no fundo de um grande buraco, ainda a deitar fumo.

– Se tivesse atingido o hospital... – disse uma das enfermeiras, quando saíram todos do abrigo para olhar.

– É melhor nem pensar isso – acrescentou outra.

– Não era a nossa vez de morrer – sussurrou Morgan ao ouvido de Mariette. – Ainda bem, porque tenho um assunto pendente para resolver.

– O que é? – perguntou ela.

– Vem comigo – disse ele, pegando-lhe na mão e afastando-se do grupo de enfermeiras que continuavam a olhar para a enorme cratera que a bomba zumbidora tinha aberto.

Levou-a para o outro lado do hospital, através de uma abertura na sebe, até um pequeno bosque.

Estava a escurecer, e Mariette tinha sempre medo de caminhar em terreno irregular no escuro, porque podia tropeçar.

– Para onde estás a levar-me? – perguntou.

– Para aqui – disse ele –, onde não há olhos a espiar-nos nem, esperemos, mais bombas zumbidoras.

Mariette riu ao compreender o que ele queria dizer.

Morgan puxou-a contra o peito e beijou-a. O beijo prolongou-se, os corpos apertados um contra o outro, os braços a agarrarem com força. Mariette não sabia se Morgan estava excitado, mas ela estava de certeza. Se ele optasse por deitá-la no chão naquele momento, não seria ela a tentar impedi-lo.

– Minha querida – sussurrou ele, quando afastou a cabeça. Amo-te, amo-te mais do que alguma vez julguei ser capaz de amar. E parece que o meu problema se resolveu por si mesmo.

– Folgo muito em sabê-lo – sussurrou ela em resposta, enquanto esfregava o nariz no dele. – E o que é que vamos fazer quanto a isso?

– Vamos planear um fim de semana fora daqui, num hotel. Faremos aquela coisa do Mr. e Mrs. Smith. Ou até Griffiths, se quiseres.

– Quero – disse ela. – Quer isto dizer que vais comigo para a Nova Zelândia?

– Bem, não posso deixar-te ir sozinha, pois não? – Morgan riu. – Mas agora tenho de voltar a Netley, de modo que faremos os nossos planos da próxima vez que nos virmos.

– Da próxima vez que nos virmos... – Mariette murmurou as palavras que ele lhe tinha dito naquela noite, no bosque, e perguntou a si mesma quando seria.

Havia semanas que não o via. Ele escrevera-lhe cartas, e por duas vezes conseguira falar-lhe pelo telefone no lar das enfermeiras. Mas o Hospital de Netley estava inundado de feridos vindos de França e Morgan não tinha a mais pequena hipótese de sair de lá.

«Pensa nas seis semanas no navio a caminho da Nova Zelândia», escrevera numa das suas cartas. «Vamos estar juntos de manhã, à tarde e à noite. Ao fim de duas semanas, estarás capaz de gritar para te veres livre de mim.»

Também ela andava numa roda-viva, com o hospital cheio até ao limite da sua capacidade, não só com feridos da guerra mas também com coisas de todos os dias, como remoções do apêndice, partos e ataques cardíacos. Quase todos estes pacientes tinham problemas para os quais precisavam de ajuda. A vida continuava, a despeito da guerra.

Setembro começava e já não havia a mínima dúvida de que os Aliados estavam a ganhar. Um grupo de generais alemães organizara um atentado contra Hitler mas, para desapontamento geral, a tentativa falhara. Os Aliados tinha tomado Cherburgo, libertado Paris e expulsado os Alemães da Bélgica. Em Itália, Florença fora capturada e, em Varsóvia, os Polacos tinham-se insurgido.

Mariette estava muito aliviada por saber que ambos os irmãos continuavam em Itália, e incólumes. Recebera uma carta deles, em que diziam como estavam ansiosos por voltar a reunir a família quando a guerra acabasse.

Mas apesar de haver tantos motivos para otimismo, Hitler enviara uma nova surpresa, ainda pior do que a bomba zumbidora. O foguetão V2. Não podia ser intercetado e voava a velocidades supersónicas. A destruição que conseguia causar era enorme, e os estragos no ânimo das pessoas terríveis.

Com o racionamento a tornar-se cada vez mais severo a cada mês que passava, o número de pessoas sem teto ou a viver em condições inenarráveis a aumentar e as listas de baixas a alongarem-se, não havia muitas razões para celebrar. Por vezes, quando ouvia dizer que um daqueles novos foguetões tinha matado cinquenta pessoas com uma única explosão, Mariette perguntava-se quanto mais conseguiria a Inglaterra aguentar.

Mas a verdade era que uma luz rosada a aquecia por dentro quando pensava em Morgan. Parecia-lhe verdadeiramente possível que, no ano seguinte, estivessem em Russell a festejar o Natal.

—É encantadora – mentiu Mariette enquanto examinava a pequena cabana que alguém do Hospital de Netley cedera a Morgan pelo fim de semana. – Muito especial.

– Ainda bem que não disseste romântica, ou era capaz de dar-te uma palmada por dizeres mentiras – disse Morgan. – Eu chamar-lhe-ia arrepiante, e penso que é a ideia que o Jim faz de uma boa piada.

A cabana ficava apenas a dois ou três quilómetros de Southampton. Jim descrevera-a a Morgan como sendo uma coisa que parecia saída de um conto de fadas, muito pitoresca, num pequeno bosque. Dissera que a camioneta os deixaria no cimo do caminho que levava até lá.

Só não dissera que o conto de fadas era sobre uma bruxa, nem que a cabana estava deixada ao abandono havia pelo menos uma década, nem que o caminho tinha quase um quilómetro e meio de comprimento e fora transformado num lamaçal pela última chuvada. Mariette achara a longa caminhada naquelas condições muito difícil e estava com um ar extremamente cansado.

Era a primeira semana de novembro, e o tempo estava frio e ventoso. As rajadas de vento faziam bater a cancela meio pendente dos gonzos e as árvores à volta da cabana rangiam com um som sinistro.

– Tenho a certeza de que se estará muito bem lá dentro, depois de termos acendido a lareira – disse Mariette. – Trouxe algumas acendalhas comigo, para o caso de não haver nenhuma.

– Acho que vamos ficar muito contentes com todos os teus «para o caso de» – sorriu Morgan, e olhou para o grande saco que Mariette preparara e ele transportava. Ela já lhe dissera que continha lençóis lavados, um tacho de guisado que a cozinheira do lar das enfermeiras se deixara persuadir a preparar para ela, velas, mercearias várias que incluíam leite e pão, e meia garrafa de *brandy* que ganhara numa tómbola.

– Vamos entrar – disse Mariette, com uma nota de excitação na voz. – Tudo isto está a ser uma aventura, não está?

Morgan abriu a porta e repreendeu-se por não ter alugado um quarto num hotel. Mas Jim dissera que a cabana no bosque era romântica e que Mariette ia adorar.

Talvez até tivessem adorado os dois, se tivessem podido ir ali no verão. Mas como as coisas estavam em Netley, com novas vagas de feridos a chegarem de França todos os dias, Morgan nunca conseguia mais do que umas horas de folga.

Teve de empurrar com força para abrir a porta, e quando ela se abriu foram recebidos por um intenso cheiro a mofo.

– Só precisa de ser arejada – disse Mariette. – A primeira coisa a fazer é acender a lareira.

O interior não era tão mau como o exterior os fizera temer. Havia uma divisão principal com uma grande lareira, uma cozinha num dos extremos e um quarto no outro. A mobília era simples, como a que um trabalhador agrícola poderia ter no virar do século, e o tapete que cobria o soalho estava velho e puído.

– Era a avó do Jim que vivia aqui – explicou Morgan. – Deixou-lha a ele. Disse-me que passava aqui todas as férias da escola, quando era miúdo.

– Talvez seja por isso que não reparou que estava a precisar de uns arranjos – disse Mariette enquanto despejava o conteúdo do saco em cima da mesa e procurava as acendalhas. – Mas vê a quantidade de lenha que há – acrescentou, a apontar para o monte de troncos empilhados ao lado da lareira e que chegava quase ao teto. – Pelo menos não vamos ter frio.

Morgan despiu o casaco e começou a preparar a lareira. Olhou para trás e viu Mariette a inspecionar um candeeiro a petróleo.

– Temos sorte, o depósito está cheio – disse ela, com um sorriso. – Vou só aparar o pavio e acendê-lo. Podemos fingir que estamos em casa, em Russell.

Morgan pôs a lareira a funcionar num instante, porque a lenha estava bem seca. Sorriu ao ver Mariette fazer o papel de dona de casa; não só acendera o candeeiro a petróleo como descobrira a maneira de ferrar a bomba de água na cozinha e ligar o gás de uma botija para o fogão. A cafeteira já estava ao lume.

Achou imensamente reconfortante vê-la guardar a comida na cozinha, verificar os tachos e panelas e de um modo geral instalar-se como se estivesse em casa. Passara a semana inteira muito nervoso a pensar no que poderia acontecer quando fossem para a cama. Por qualquer razão, imaginara-os a irromper porta dentro e irem direitos para o quarto. Assim era muito melhor, não parecia um desafio.

– A cama está um pouco húmida – disse Mariette, do quarto. – É um colchão de penas, mas se lhe dermos uma boa sacudidela e o deixarmos diante do lume durante algum tempo, vai ficar ótimo.

– Quando eu era miúdo tínhamos um colchão de crina – disse Morgan, enquanto levavam o colchão para a sala e o sacudiam. – Duro como pregos e quase sempre cheio de percevejos. Bem, os colchões das camas de Netley também são de crina, só não têm percevejos. Mas estou sempre tão cansado quando me deito que nem reparo em como é duro.

– Uma pessoa habitua-se a tudo – sentenciou ela. – Em casa do tio Noah, as camas tinham molas e eram maravilhosas. Na primeira noite que passei em casa da Joan, no East End, pensei que nunca mais voltaria a dormir, com tantos altos e baixos no colchão, mas dormi. E também conseguia dormir perfeitamente nos abrigos.

– Achas que vais dormir bem comigo? – perguntou ele.

Ela estendeu a mão e despenteou-lhe os cabelos.

– Sim, desde que não rresses. Mas estou um pouco assustada – confessou.

– Porquê?

Mariette encolheu os ombros.

– A minha perna, claro. Pode ser que te cause repulsa.

Morgan riu.

– Se a minha cara não te causa repulsa, porque havia a tua perna de me afetar?

Ela segurou-lhe a cara com as duas mãos.

– Eu sei que a tua cara está queimada e um bocado brilhante, mas na minha cabeça continua igualzinha ao que era antigamente. A tua voz é igual, os teus olhos também e até o toque dos teus dedos é como costumava ser. Estou muito orgulhosa de ti, Morgan, porque não te deixaste afundar na autocomiseração e em vez disso tornaste-te um brilhante enfermeiro.

«Quando te conheci, vi a cara bonita, o encanto, mas não havia muito mais. Agora há um tesouro de compaixão, força, tenacidade e conhecimento. És um homem para amar, Morgan.»

Viu os olhos dele ficarem húmidos e limpou as lágrimas com os polegares.

– Mesmo que não consigamos incendiar o mundo esta noite, não fará diferença – continuou, numa voz muito doce. – Estou aqui contigo, e isso é

tudo o que quero.

– Também tu mudaste muito, e tudo para melhor – disse ele, com um sorriso lacrimoso. – Naquela altura, pareceste-me calculista e egoísta, mas eras muito nova e eu fiquei atordoado porque eras tão bonita. Agora já não és bonita, agora és bela, por dentro e por fora. Adoro a maneira como te interessas pelos soldados, o facto de, hoje em dia, os teus primeiros pensamentos serem para os outros. A perna que te falta é uma medalha de honra porque a perdeste a proteger crianças. Amo-te mais do que julgava possível amar alguém.

Abraçaram-se, com as cabeças apoiadas no ombro um do outro, os corações a baterem como um só. Não eram necessárias mais palavras; estarem juntos era tudo o que importava.

E assim continuou. Comeram o guisado, aninharam-se no sofá e até dormitaram um pouco porque o interior da cabana se tinha tornado quente e acolhedor. Às quatro horas era noite escura e o vento uivava lá fora. Mariette estava com receio de ir à casa de banho exterior, de modo que Morgan foi à frente e acendeu uma vela dentro de um frasco de geleia para se certificar de que não havia aranhas.

– Posso ficar aqui à porta, se tiveres medo que o papão te venha buscar – disse, a rir, quando ela entrou.

– Não sou assim tão patética – gritou-lhe ela lá de dentro.

Mas, quando voltou à cozinha, ele saltou para ela de trás de uma porta e pregou-lhe um susto de morte.

– Seu monstro! – gritou Mariette, mas riu com ele porque aquilo lembrou-lhe como ela e os irmãos estavam constantemente a assustar-se uns aos outros. Era estranho conseguir sentir-se assustada e segura ao mesmo tempo.

Mais tarde, puseram na cama o colchão que tinham sacudido, arejado e aquecido, e riram muito enquanto esticavam os lençóis lavados. Mas apesar de se beijarem muitas vezes, Morgan não fez qualquer tentativa de ir mais longe.

Beberam o *brandy* e jogaram cartas, e riram porque estavam um pouco tocados. Então, de repente, Morgan pôs-se de pé, acendeu uma vela, pegou-lhe na mão e disse que eram horas de ir para a cama.

– Tinha planeado deitarmo-nos diante da lareira – disse, enlaçando-a num abraço apertado. – Mas penso que estaremos os dois mais confortáveis na

cama.

Mariette sabia que o que ele queria dizer era «mais à vontade no escuro», mas gostou de o ouvir usar a palavra «confortáveis». Fazia-a sentir-se segura, e nem um bocadinho assustada.

Morgan desapareceu, talvez para verificar se as portas estavam todas fechadas e o candeeiro a petróleo apagado. Mariette desapertou as correias da prótese, pousou-a em cima da mesa de cabeceira e enfiou-se rapidamente na cama. Mas a luz da única vela acesa no quarto era agradável. As rosas desbotadas do papel de parede e o quadro bordado, talvez feito pela avó de Jim quando era pequena, evocavam nela uma sensação de casa.

– Como é a cama? – perguntou Morgan ao entrar no quarto. Devia ter estado a lavar-se, porque vinha de peito nu. Mariette viu que continuava tão bronzeado e musculoso como o recordava da viagem para Inglaterra.

– Aconchegada como um ninho – respondeu ela. – Tão macia que quase nos afogamos nela. Mas como é que estás tão bronzeado? Pensava que não tinham um minuto de descanso em Netley.

– Juntei-me a alguns funcionários e pacientes em convalescença num grupo para aparar a relva e podar as árvores, quando tivemos aqueles dias de calor em setembro – explicou ele. – Pôr os feridos a apanhar sol e a olhar para a natureza faz muitas vezes mais bem do que os medicamentos.

Mariette quase disse que, à luz débil da vela, não parecia nada diferente do que era quando o tinha conhecido. E que, deitada numa cama quente e confortável, também ela não se sentia diferente. Mas não o disse, limitou-se a bater no colchão a seu lado, para que ele se lhe juntasse.

– Bem, cá estamos finalmente – sussurrou ele, depois de ter soprado a vela e os dois ficarem deitados frente a frente na cama. – Sempre é verdade que os sonhos podem tornar-se realidade.

O vento soprava ainda com mais força, e a chuva fustigava o telhado, mas o hálito dele era quente e doce no rosto de Mariette, e a mão pousada na anca dela estava prenhe de promessas.

– Sonhaste com isto? – sussurrou ela em resposta.

– A toda a hora, quando estava no hospital por causa das minhas queimaduras. Não eram bem sonhos verdadeiros, mas eu obrigava-me a pensar em ti para me distrair da dor. Mais tarde, depois das duas primeiras cirurgias plásticas, costumava ter fantasias em que tu ias visitar-me, pousavas as mãos na minha cara e as cicatrizes desapareciam todas. Falei

disto ao psiquiatra do hospital, e ele disse que era muito bom sinal eu permitir-me pensar que o amor podia conquistar tudo. Mas perguntou-me porque não te tinha contactado, se era aquilo que sentia.

– E que razão lhe deste tu?

– Que era demasiado cobarde. Estava convencido de que me rejeitarias.

Ele estava a ser tão franco que Mariette achou que devia fazer o mesmo.

– Gostaria de pensar que não o teria feito – admitiu. – Mas receio que talvez tivesse. Estava tão centrada em mim mesma, nessa altura. Só comecei a sentir verdadeira compaixão pelos outros quando o Blitz começou e vi casas reduzidas a montes de entulho e pessoas a escavarem com as mãos nuas para procurarem entes queridos soterrados pelos destroços. E depois, perder o tio Noah, a tia Lisette e a Rose no dia do meu vigésimo primeiro aniversário foi devastador. Foi como se até então tivesse tido uma armadura à minha volta e, a cada terrível golpe, ela se fosse lascando. Penso que o último pedaço saltou naquela noite no barco a remos, com as crianças francesas e uma bala no meu joelho. Tive tanto medo de não conseguir pôr as crianças em segurança. Nem sequer pensei em mim mesma.

– Amo-te – disse ele numa voz muito baixa, passando-lhe um braço por baixo do tronco e puxando-a para si. – Aqui, nesta casinha, nada importa, nem o passado, nem o futuro, nada exceto nós.

Foi muito suave e hesitante, como se receasse que ela o mandasse parar se fizesse qualquer coisa de que não gostasse. Mas quando enfiou as mãos por baixo da camisa de noite dela para lhe acariciar os seios, Mariette ficou de repente tão excitada que quis sexo rápido e furioso. Mas Morgan estava decidido a impor o ritmo, acariciando cada centímetro do corpo dela com terna determinação. Despiu-lhe a camisa de noite como que por magia e desceu um pouco na cama para lhe sugar os mamilos enquanto enterrava os dedos nela, fazendo-a gemer e contorcer-se de prazer.

Mariette sentia o pénis dele duro e ereto contra a sua perna, mas quando quis agarrá-lo, ele afastou-lhe a mão. Por isso entregou-se ao delicioso prazer, deixou-o sondar, acariciar e esfregar até que explodiu num orgasmo, ao mesmo tempo que gritava o nome dele.

Morgan puxou-a então para cima dele, com o pénis tão duro e grande que Mariette pensou que não conseguiria recebê-lo todo, mas estava enganada, e enquanto ainda sentia os ecos do seu orgasmo, deliciou-se a proporcionar-

lhe igualmente prazer. Fê-lo deitar-se de costas e sentou-se em cima dele. Morgan, a agarrar-lhe os seios com as duas mãos, gemia num êxtase.

Quando os seus movimentos se tornaram mais rápidos, ele sentou-se, agarrou-a com força pelas nádegas e moveu-a para cima e para baixo ao mesmo tempo que a beijava com uma tal paixão que parecia impossível tornar-se melhor. Mas tornou. Um novo orgasmo atingiu-a como uma onda gigante e, no auge do clímax, ouviu-o dizer-lhe que a amava, no instante em que também ele acabava.

O pálido sol outonal acordou-a ao tocar-lhe na cara, e Mariette abriu os olhos para descobrir Morgan a observá-la.

– Bom dia, bela – disse. – Já começava a pensar que nunca mais acordavas.

Ela só pôde sorrir. Tinham feito amor durante horas, só adormecendo quando os primeiros raios de uma cinzenta luz matinal começaram a clarear o pedaço de céu que podiam ver através da janela.

– Quero ficar aqui todo o dia, é tão quentinho e bom – disse.

– Por mim tudo bem – respondeu Morgan, com uma gargalhada. – Mas uma chávena de chá e uma fatia dourada vinham a calhar. Vi um par de ovos, não vi?

– Viste. Nesse caso, podes tratar de fazer o nosso pequeno-almoço – disse ela. – E já agora, é preciso limpar e acender a lareira. E também podes aquecer água para eu me lavar.

– Fui então relegado para o papel de criado, é isso? – disse ele, enquanto se sentava na beira da cama e enfiava as calças. – Se bem me lembro ontem à noite era um deus.

– E és – confirmou ela. – Mas qualquer mulher sujeita a uma sessão de sexo tão séria e prolongada precisa de ficar quieta num quarto às escuras.

Ele riu e saiu para a sala de estar, onde ela o ouviu a varrer as cinzas do lume da noite anterior. Devia ter tornado a adormecer, porque de repente ele estava de volta, transportando uma bandeja com duas chávenas de chá e um prato de fatias de pão passadas por ovo e fritas.

– E também és o deus dos pequenos-almoços – disse, sentando-se na cama e puxando as mantas para tapar os seios nus.

Morgan voltou a puxá-las para baixo.

– Deixa estar, gosto de olhar para elas.

– Ai gostas? O pior é que tenho frio. Por falar em tapar, não usaste nada ontem à noite, pois não?

Ele fez um ar embaraçado.

– Era para usar, mas varreu-se-me completamente da cabeça.

– E se eu ficar grávida? – perguntou ela, enquanto dava uma dentada numa fatia dourada e revirava os olhos, deliciada.

– Casamos – respondeu ele. – Isto, claro, se tu me quiseres.

Mariette esperou até ter acabado de mastigar e engolir.

– Já, se quiseres – disse, por fim. – Mas é melhor termos cuidado, no futuro. Quero que os meus pais saibam que casei contigo por amor, não por não ter tido outro remédio.

– Talvez seja melhor casarmos cá – disse Morgan, repentinamente sério. – Caso contrário, é possível que não me deixem entrar na Nova Zelândia. E mesmo que deixem, o mais certo é sermos postos em camarotes diferentes... E isso significa partilhá-lo com alguém, como quando vieste para cá.

– Os meus pais e a Mog ficariam muito tristes se não assistissem ao casamento – disse ela, pensativa.

– Podíamos casar aqui no civil e depois fazer uma cerimónia como deve ser na Nova Zelândia – sugeriu ele. – Mas acho que chamam a isso abençoar o casamento. Um tipo que conheci na Marinha casou na Cidade do Cabo, e foi o que fez quando chegou a casa. A noiva foi de vestido branco, com damas de honor e tudo isso. Suponho que é o que montes de ianques vão fazer, pois o mais certo é as namoradas não poderem ir com eles para a América a menos que sejam casados.

– Quanto tempo achas que falta para a guerra acabar? – perguntou Mariette.

– Falei com um oficial em Netley, há dias, e ele disse-me que a guerra na Europa não pode durar mais de seis ou sete meses. Os Aliados já entraram na Alemanha, e o Rommel está morto. Ninguém acredita que morreu dos seus velhos ferimentos de guerra. Os que sabem acham que o Hitler o obrigou a suicidar-se por estar convencido de que ele participou na tentativa para o matar. O simples facto de o Hitler ter matado um dos seus generais mais respeitados prova que sabe que a guerra acabou.

– Mas não vai haver navios para a Nova Zelândia enquanto os Japoneses continuarem a lutar, pois não?

– Não, não vai – admitiu Morgan. – E a menos que tenhamos muita sorte, vamos ter de esperar que todas as tropas neozelandesas sejam repatriadas.

– Mas tu queres ir comigo?

Morgan sorriu de orelha a orelha.

– É o que quero mais do que qualquer outra coisa neste mundo.

—Mariette! Telefone! — gritou Sybil para o alto das escadas. — São os teus pais!

Mariette desceu os degraus o mais depressa que foi capaz, vestindo apenas a combinação e com os cabelos ainda molhados da lavagem.

— Só queria desejar-te um dia maravilhoso — disse a voz da mãe. — Estás muito nervosa?

— Um bocadinho — admitiu Mariette. — Mas sobretudo com medo de que não haja comida e bebida suficientes, não de não estar a fazer o que é certo.

— A mim parece-me um bom homem — interveio o pai. — Gostei do gesto de me ter telefonado a pedir autorização para casar contigo. Espero que possam vir para casa em breve.

— Por aqui há em todo o lado uma espécie de sensação de anticlímace, depois do Dia da Vitória — disse Mariette. — Foi uma verdadeira loucura, com muita excitação, grandes bebedeiras e tudo o que seria de esperar. Mas depois disso tem voltado ao normal, com histórias de horror a aparecer todos os dias nos jornais a respeito dos campos de morte. Eu e o Morgan não conseguimos aguentar alguns dos noticiários no cinema, eram demasiado chocantes.

— Aqui estão todos à espera que os seus homens voltem a casa — disse Belle. — Vamos contar os dias até te vermos a ti e aos rapazes. A Mog quer dar-te uma palavrinha, e a Peggy manda dizer que te vai fazer um bolo de casamento a sério quando chegares.

Belle passou o telefone a Mog, e ao ouvir a voz dela os olhos de Mariette encheram-se de lágrimas. Mog tinha-lhe feito um vestido maravilhoso, de cetim cor de marfim com centenas de pérolas de cultura no corpete. Fizera-a pensar no vestido de noiva que a ajudara a fazer quando andava com Sam, só que sem a cauda. Era apenas mais uma recordação de como Mog sempre fora o ouvido que escutava, sem nunca julgar, sem nunca gritar, limitando-se a oferecer sabedoria e carinho.

— O vestido serve-te bem? — perguntou Mog. — Estava com medo de que não chegasse a tempo.

— Chegou há três dias... Pensei que ia ter de pedir um emprestado. Mas serve-me como uma luva, e sinto-me uma princesa com ele — disse

Mariette. – Uma das enfermeiras do hospital emprestou-me os sapatos de cetim que usou no casamento. Ninguém vai sequer saber da minha perna, se andar devagar.

– Ama-o como se não houvesse amanhã – disse Mog, com a voz a tremer de emoção. – E se ele não fizer o mesmo contigo, dou-lhe nas orelhas quando cá chegarem.

Tinham de desligar. A última coisa que Mariette ouviu foi os três a desejarem-lhe sorte e amor.

Estava um belo dia de sol, sem uma nuvem no céu. O casamento estava marcado para as duas da tarde, na St. Giles and St. Nicholas Church. Belle fora contra um casamento só pelo civil. «Um passo tão importante como o casamento tem de ter a bênção de Deus», dissera, perentória. Além disso, era a igreja onde costumava refugiar-se antes de cada uma das suas missões em França, pelo que sentia que o cenário seria um bom augúrio.

Ted levá-la-ia ao altar, a jovem Sandra seria a sua única dama de honor e Ian o pajem. O Dr. Mercer seria o padrinho. Morgan convidara-o porque, se não fosse ele, nunca teria conseguido estudar para enfermeiro.

Sybil faria as vezes de mãe da noiva. Fora desencantar um bonito saia-casaco cor-de-rosa com um chapéu florido a condizer que só usara uma vez, em 1936, no casamento de um sobrinho. Com o racionamento e a escassez de quase tudo o que podia ser necessário para um casamento, o vestido de dama de honor, azul-claro, de Sandra era «filho» de um velho vestido de noite de Mrs. Harding. O bolo era uma armação de cartão – por baixo havia apenas um humilde pão de ló –, mas muitos dos clientes habituais do *pub* tinham contribuído para o festim. Havia um grande presunto, várias latas de salmão, e um agricultor oferecera uma saca de batatas novas.

Sybil, com a ajuda de Mariette, fizera pequenos bolos e uma grande quantidade de pães. Havia tanto tempo que nenhuma delas provava pão branco – o único que aparecia à venda sabia a serradura – que, durante a preparação, tinham devorado três cada, como se estivessem a desferrar-se de um jejum de meses.

Sybil e Ted tinham insistido em organizar a receção no *pub*, embora o único contacto que Mariette tinha tido com eles desde que começara a trabalhar para o hospital fosse um breve telefonema todas as semanas. Sybil

afirmara que sempre a veriam como uma filha adotiva e que estava muito contente por ela ir casar com Morgan.

Mariette não abandonara o seu emprego no Hospital de Southampton, aonde voltaria depois de uma curta lua de mel em Lyme Regis. Miss Wainwright tinha-se finalmente reformado, embora a opinião quase unânime fosse que se tinha antecipado ao seu despedimento, e Mariette substituíra-a como assistente social do hospital.

Morgan continuava em Netley, e lá ficaria pelo menos até ao fim do ano. Continuavam a chegar feridos da Europa, e alguns dos mais graves não estavam em condições de ser transferidos para mais perto de casa. Mas os horários intermináveis eram agora uma coisa do passado e conseguira alugar um apartamento com duas divisões a meio caminho entre os dois hospitais onde ele e Mariette iriam viver. Estavam a poupar o mais possível para a viagem até à Nova Zelândia.

Sybil apareceu à porta do quarto de Mariette e ficou ali parada alguns instantes, a olhar para a noiva sentada diante do toucador.

Sempre achara Mariette bonita, mas vê-la com o seu belo vestido de casamento, a pele a brilhar de excitação e os cabelos a caírem-lhe sobre os ombros como uma espuma de caracóis louros, pôs-lhe um nó na garganta.

– Já estás pronta? – conseguiu perguntar. – É uma e meia. Tenho de pôr-te o véu antes de sair para a igreja.

– Quem me dera que os meus pais, a Mog e os meus irmãos pudessem estar aqui hoje, Sybil – disse Mariette, pegando-lhe na mão e apertando-lha.

– Mas tu e o Ted foram maravilhosos. Não só nisto do casamento, mas desde que eu vim para cá. Obrigada pela generosidade e apoio, não sei o que teria feito sem os dois.

– Ter-te-ias saído lindamente – disse Sybil, a limpar uma lágrima do canto do olho. – Tu, minha menina, és mais corajosa do que qualquer pessoa que eu conheça, e tanto eu como o Ted estamos muito orgulhosos por te ter conhecido. Mas vamos lá pôr esse véu. A carroça não tarda a chegar. Só espero que a tenham enfeitado como eu pedi.

Mariette manteve-se sentada e imóvel enquanto Sybil prendia o véu. A ideia da carroça dava-lhe vontade de rir. Em Russell, as pessoas iam a pé para a igreja para se casarem, mas compreendia que em Inglaterra a norma era um carro. Com a escassez de gasolina, um carro era difícil, mas Sybil

tivera a ideia de uma carroça. Mariette só podia esperar que não parecesse o género de carreta usada para levar os condenados até ao patíbulo.

Desceram a escada para verificar se no *pub* estava tudo pronto para a receção, com as mesas devidamente preparadas. Em cada uma delas havia uma toalha muito branca, copos a refulgir de limpos e flores cor-de-rosa. Janice e Molly, duas amigas de Sybil, tinham aceiteado o encargo de organizar o festim e ficariam no *pub* para terem tudo pronto para quando os convidados regressassem da igreja.

– Esperem até verem a carroça – gritou Janice da cozinha. – Os rapazes esmeraram-se.

Mariette e Sybil saíram para a rua, e lá estava ela. O condutor, que usava uma velha cartola com uma rosa pregada ao lado, sorriu com um ar embaraçado.

– Olha só para isto! – exclamou Sybil, juntando as mãos num gesto de espantado prazer.

Estava na verdade bonita. As partes de madeira em tosco tinham sido tapadas com lençóis brancos, incluindo o banco na parte de trás, que apresentava estranhas semelhanças com o que costumava estar no quintal das traseiras do *pub*. Grinaldas de hera e flores, muitas delas silvestres colhidas em sebes, tinham sido presas aos taipais por fitas cor-de-rosa que esvoaçavam ao vento. O próprio banco parecia um duplo trono, coberto por uma toalha de mesa de veludo verde-escuro, com os braços e o espaldar afogados em flores.

Até o velho cavalo que puxava a carroça tinha a crina entrançada e uma grinalda de flores à volta do pescoço.

– Tenho de ir agora, para chegar antes de ti à igreja – disse Sybil. Voltou-se para Ted, que acabava de se lhes juntar, e agitou-lhe um dedo ameaçador debaixo do nariz. – Ajuda a Mari a subir e a descer da carroça, e não corras com ela pela coxia acima. Devagar, ao compasso da música.

– Sim, amor da minha vida – respondeu ele, com um toque de sarcasmo. E então, voltando-se para Mariette, levantou-a em peso e depositou-a no banco. Um segundo mais tarde, estava sentado ao lado dela.

Muitas pessoas tinham saído de casa para ver, acenar e desejar felicidades. Quando o condutor sacudiu as rédeas, indicando ao cavalo que arrancasse, Mariette respondeu aos acenos.

– Conquistaste muitos corações nesta terra – disse Ted –, incluindo o meu e o da patroa. Acho que é por isso que até o sol brilha para ti.

Ted fez exatamente o que lhe tinha sido ordenado, avançando lentamente pela coxia até ao sítio onde Morgan esperava.

Mariette notou que Morgan usava um fato novo, azul-escuro, que lhe assentava quase como se tivesse sido feito por medida. Lembrou-se de ele ter dito que ia tentar arranjar um, porque o que tinha estava velho e quase no fio, mas não acreditara que conseguisse juntar o número de cupões necessário. Morgan voltou-se para olhar para ela, com a boca bonita a encurvar-se num alegre sorriso. Devido à luz que incidia obliquamente vinda das altas janelas, não via a cicatriz, e pareceu-lhe tão sedutor como quando se tinham conhecido.

– Quase lá, minha bela namorada – disse ele, quando ela ocupou o lugar a seu lado.

Naquele momento, na presença de Deus e na Sua casa, Mariette soube com uma certeza absoluta que aquele era um casamento feito no Céu.

Só quando a cerimónia terminou e os noivos desciam a coxia de aliança no dedo é que Mariette viu as quatro crianças.

Nem queria acreditar nos seus olhos.

Deteve-se bruscamente junto ao banco à frente do qual Bernard, Isaac, Sabine e Céline estavam de pé. As quatro crianças judias que ela tinha tirado de França.

Estavam vestidas a preceito para a ocasião, as duas meninas com vestidos bordados, os rapazes com elegantes *blazers* azuis e calças cinzentas. Mas foram os grandes olhos escuros que mais comoveram Mariette; já não estavam cheios de medo, e sim de felicidade. Os sorrisos rasgados diziam que estavam tão contentes por ver Mariette como ela por os ver a eles.

– Que surpresa maravilhosa! – arquejou, e explicou rapidamente a Morgan quem eram.

Bernard riu, vendo que a congregação estava ansiosa por seguir em frente.

– Vão, não podem deixar toda a gente à espera – disse, num inglês hesitante. – Vemo-nos na festa.

– Como foi que eles apareceram aqui? – perguntou Mariette a Morgan quando iam na carroça de regresso ao *pub*, a distribuir acenos à esquerda e à direita. Quase todos os convidados caminhavam atrás da carroça, numa procissão que fazia as pessoas voltarem a cabeça, espantadas. – Estou muito contente por terem vindo, mas também estou confusa.

– Não faço a mínima ideia – respondeu ele, com um encolher de ombros. – Mas é uma surpresa muito boa, e aposto que a Sybil teve qualquer coisa a ver com ela.

No Plume of Feathers, sentaram-se todos às mesas e brindaram com *sherry*. Sybil disse a Mariette que teria de esperar um pouco mais para saber como tinham as crianças aparecido no casamento. As mesas estavam postas para cerca de trinta convidados, alguns dos quais eram amigos de Mariette e de Morgan, de Southampton. Mr. e Mrs. Harding estavam presentes, bem como Henry e Doreen Fortesque e vários clientes habituais do Plume of Feathers que eram particularmente próximos de Mariette. Mas as quatro crianças francesas tinham sido sentadas à mesa maior, com Mariette, Morgan, o Dr. Mercer, Sybil, Ted, Ian e Sandra.

Como padrinho, o Dr. Mercer – que exigira a Mariette que o tratasse pelo seu nome de batismo, George – estava encarregado de fazer o discurso antes da refeição. Começou por explicar como conhecera Morgan, e expressou a sua admiração por um homem que, apesar de desfigurado, queria ajudar outros que tinham sido mutilados ou marcados pela guerra. Em seguida, contou que tinha visto Mariette pela primeira vez quando tivera de lhe amputar a perna.

– Fiquei, claro, cheio de curiosidade por saber como fora uma bala alemã ter ao joelho de uma jovem tão bonita.

Neste ponto fez uma pausa, por uma questão de efeito dramático.

– Quando correu pelo hospital o rumor que tirara quatro crianças de França num barco a remos, debaixo de fogo, tive de saber mais. Revelou-se difícil, porque a Mariette se limitava a dizer que não estava autorizada a falar do assunto.

«Entretanto, a Mariette tinha encontrado o Morgan no hospital. Ao que parece, já se conheciam, dos tempos em que ele era criado de bordo no navio que a trouxe para Inglaterra. Pedi ao Morgan que me contasse a história do salvamento das quatro crianças, e descobri que, afinal, ele não

sabia muito mais do que eu. Disse-me, no entanto, que a Mariette estava desesperada por saber onde se encontravam.

«Tentei tudo para obter esta informação, mas sem resultado. Então, muitos meses mais tarde, recebi, de repente, uma comunicação, escrita em papel oficial do governo, a indagar sobre os progressos da Mariette. Tinha, como é evidente, de vir do departamento que a enviara para França, e por isso respondi, fazendo notar que não tinham mostrado grande pressa em interessar-se por ela. Acrescentei que a Mariette gostaria muito de saber das crianças, onde e como estavam.»

Mercer calou-se, olhou para as caras expectantes espalhadas pelas mesas à sua volta, e então fez um sorriso rasgado.

– Resumindo, eu e a Sybil infernizámos a vida a meio mundo até obtermos um endereço. E finalmente conseguimos ter as quatro crianças aqui connosco neste dia, uma coisa que eu sei que ajudaria a compensar a Mariette por não ter a sua própria família consigo.

Ergueu o copo.

– E agora, senhoras e senhores, ergam por favor os vossos copos num brinde ao Bernard, ao Isaac, à Sabine e à Céline!

As quatro crianças puseram-se de pé, instadas por Sybil e Ted. Bernard estava muito composto; com quinze anos, tinha idade suficiente para compreender perfeitamente por que razão Mariette era tão especial. Isaac e Céline encolhiam-se, tímidos; com sete anos, lembravam-se muito bem daquela noite em França, sobretudo Isaac, que fora atingido por uma bala. Só Sabine, com cinco anos, parecia confusa. Mas reconheceu Mariette, e sorriu-lhe.

– Se não fosse a coragem, a vontade de ferro e a capacidade de resistência da Mariette – continuou Mercer –, estas crianças não estariam hoje vivas para a abraçar e lhe falar da sua nova vida em Brighton, em casa de parentes. A Mariette deu-lhes vida. E sinto-me ainda mais feliz por poder dizer-lhes que, há poucos dias, as crianças souberam que os pais estão vivos e que dentro de um ou dois meses irão reunir-se com eles em França.

Houve uma grande revoada de palmas, e muitas pessoas limpavam os olhos.

– E agora, uma maravilhosa história de amor – continuou Mercer, quando os aplausos amainaram. – O Morgan era um belo criado de bordo no navio que trouxe a jovem e bonita Mariette para Inglaterra. Apaixonaram-se, mas

o Morgan alistou-se no exército quando rebentou a guerra. Foi ferido em Dunquerque, e ficou tão horivelmente queimado que se convenceu de que a Mariette não queria um homem desfigurado, e por isso decidiu nunca mais voltar a contactá-la.

«Mais tarde, enquanto ele fazia corajosamente um trabalho indispensável no Hospital de Southampton ao mesmo tempo que era submetido a uma série de cirurgias estéticas e enxertos de pele, a Mariette, em Londres, ajudava as vítimas do Blitz. Perdeu todos os membros da família com que estava em Londres na noite do seu vigésimo primeiro aniversário, no bombardeamento do Café de Paris, e teve de mudar-se para o East End, onde passou a viver em casa de uma amiga chamada Joan, cujos dois filhos, Sandra, a nossa dama de honor, e Ian, o pajem, estão aqui connosco.»

– A Mari tentou salvar a nossa mãe quando a bomba atingiu o abrigo onde elas estavam – interveio Sandra. – Conseguiu sair por um buraco para chamar as equipas de salvamento, mas a mamã morreu no hospital.

– É verdade – confirmou Mercer. – E a Mariette veio viver e trabalhar em Sidmouth só para poder estar perto do Ian e da Sandra, que tinham sido evacuados para cá e estavam a viver com Mr. e Mrs. Harding. Foi enquanto estava a trabalhar no Plume of Feathers que foi recrutada para levar a cabo missões secretas e ajudar pessoas a sair de França. Foi escolhida por ser bilingue, mas penso que eles devem ter visto muito mais do que isso nesta bonita rapariga que fala fluentemente francês.

Fez uma pausa para olhar para Mariette, que estava vermelha como um pimento.

– O Ted e a Sybil não faziam a mínima ideia de para onde ela ia quando, uma vez por outra, desaparecia durante alguns dias – prosseguiu. – A Sybil disse-me que vivia num medo constante pela vida dela. Mas por muito trágico que tenha sido ser atingida por uma bala no joelho quando salvava as crianças, a verdade é que foi por isso que a levaram para o Hospital de Southampton, onde voltou a encontrar o Morgan...

Uma nova explosão de entusiásticos aplausos obrigou-o a esperar que as coisas acalmassem.

– Bom, para resumir uma longa história e podermos começar a comer, deixem-me dizer-lhes que a centelha de amor, que estivera adormecida durante tanto tempo, se reacendeu finalmente entre os dois. E o feliz resultado é este casamento. Que sejam felizes para sempre. Não consigo

lembrar-me de duas pessoas que tenham sido mais feitas uma para a outra, ou que tenham merecido mais do que eles a felicidade. À Mariette e ao Morgan!

Às seis da tarde, Mariette escapuliu-se até ao quarto para vestir as calças e um casaco axadrezado que Mog lhe fizera. Os Harding tinham conseguido arranjar um pouco de gasolina e tinham-se oferecido para levar os recém-casados até Lyme Regis, se não se importassem de carregar as crianças ao colo.

Quando voltou a descer ao *pub*, George Mercer, que estava a conversar com Morgan, voltou-se para ela.

– Tenho uma coisa para si – disse. – É uma mensagem de Miss Salmon.

– A sério? – exclamou Mariette. – Foi ela que entrou em contacto consigo?

– Sim, foi. É fria como um peixe, se me permite a expressão. Começou por dizer que era impossível deixarem-na ver as crianças, mas então, de repente, mudou de opinião e ofereceu-se para as mandar trazer até cá hoje. Tudo muito estranho, muito Serviços Secretos. Nem sequer quis pôr a coisa por escrito! Também me pediu para lhe dizer que a Celeste está bem, que continua a gerir o seu café e ficou livre das acusações de colaboracionismo que queriam fazer-lhe quando se soube dos riscos que correu para ajudar pessoas a fugir.

– Graças a Deus – exclamou Mariette. – Estava com medo de que tivesse sido presa pela Gestapo. Merece uma medalha por tudo o que fez.

– Miss Salmon também disse isso, mas parece muito mais interessada nos que fizeram os salvamentos do que nos que foram salvos. Foi um milagre ter mandado as crianças até cá.

– Bem, estou-lhe muito agradecida. Completou o meu dia – disse Mariette, e sorriu. – Vê-las saudáveis e felizes fez com que tudo valesse a pena. E é espantoso saber que os pais continuam vivos!

George concordou com um aceno de cabeça.

– Nada menos do que um milagre, considerando que eram judeus e trabalhavam para a Resistência. Pelo que ouvi dizer, a Gestapo costumava matar pessoas como eles sem mais conversas. Mas voltando a si, Mari, parece que o departamento de Miss Salmon sente que tem uma dívida para

consigo. Quando lhe falei da sua intenção de regressar à Nova Zelândia o mais breve possível depois do casamento, respondeu que teriam muito prazer em dar-lhe alguma ajuda.

– Santo Deus! – exclamou Mariette, a olhar para Morgan com um brilho de esperança nos olhos. – Estava a falar de ajuda financeira, ou para conseguir passagem num navio?

– Penso que talvez ambas as coisas. Pediu-me para lhe dizer que a contactasse na morada que sabe.

– Isso seria maravilhoso – disse Morgan. – Imagino a luta que vai haver para conseguir um lugar num navio. Sem ajuda, vamos ter de esperar meses.

– Os Harding estão prontos para ir, e eu quero despedir-me das crianças – disse Mariette. Inclinou a cabeça na direção do homem corpulento que aguardava junto à porta do *pub*. – Julgo que é o motorista delas.

As três crianças mais pequenas juntaram-se à volta de Mariette, ansiosas por abraçá-la. Ela dirigiu algumas palavras em francês a cada uma, dizendo-lhes que se esforçassem muito na escola e se portassem com juízo e não se metessem em sarilhos.

Voltou-se então para Bernard.

– Fiquei muito feliz por vos ver aqui hoje – disse. – Eu sei que os mais pequenos não compreendem tudo, e ainda bem. Espero que, com o tempo, também nós os dois consigamos esquecer. – Pôs-lhe na mão um papel com a morada do Plume of Feathers. – Escreve-me para esta morada, quando voltarem para junto dos vossos pais. A Sybil far-me-á chegar a carta. Gostava de manter o contacto convosco.

Para sua surpresa, Bernard abraçou-a.

– Foste muito corajosa – disse em francês, em voz baixa, junto ao ouvido dela. – Devemos-te a vida. Tenho muita pena por teres perdido a perna, mas estou contente por teres um bom marido que vai cuidar de ti.

Mariette sentiu os olhos encherem-se-lhe de lágrimas.

– Não o teria conseguido sem a tua ajuda, Bernard. Também tu foste muito forte e corajoso. – Libertou-se dos braços dele e sorriu ao grupo de crianças. – O vosso motorista está aqui para vos levar para casa. Fiquei muito contente por terem vindo e espero que se tenham divertido.

– Li numa revista, há algum tempo – disse Morgan quando estavam no carro dos Harding, a caminho de Lyme Regis –, que quando alguém olha para o passado encontra sempre uma figura que o inspirou, ou alguém que mudou o rumo da sua vida. Açam que é verdade?

– Bem, estes dois mudaram o rumo da nossa vida – disse Mrs. Harding, voltando a cabeça para olhar para ele e para as crianças, no banco traseiro. – Já tínhamos abandonado a esperança de ter filhos nossos, e convenceram-nos a receber um casal de crianças evacuadas. Éramos os únicos dispostos a acolher um rapaz e uma rapariga; todos os outros que concordaram em ficar com duas crianças queriam que fossem do mesmo sexo.

Mr. Harding disse que tinha sido inspirado por um homem para quem trabalhara como aprendiz, quando rapaz.

– Eu fui inspirado pelo Dr. Dudek, o cirurgião plástico, e pelo Dr. Mercer – disse Morgan. – Mas estava a pensar no rapaz francês, no Bernard. Açam que vai considerar a Mariette a sua figura inspiradora?

Mr. Harding sorriu para o retrovisor.

– Penso que todos os que estiveram hoje no casamento hão sempre de considerá-los aos dois figuras inspiradoras. Ficaríamos muito felizes se os nossos dois miúdos aprendessem alguma coisa convosco.

– Feliz? – perguntou Morgan, quando já estavam os dois na cama. A pensão onde se tinham alojado ficava mesmo junto ao Cobb, em Lyme Regis, e, através da janela aberta, ouviam o som das ondas a bater contra o paredão.

– Foi um dia maravilhoso – suspirou Mariette. – Quem me dera que fosse possível engarrafar dias como este. E de vez em quando, no futuro, tirar a rolha da garrafa e revivê-lo.

– Tenho muita esperança que Miss Salmon nos consiga uma passagem para a Nova Zelândia – continuou Morgan, pensativo. – Não estou a ver o Netley a continuar como hospital durante muito mais tempo. É demasiado grande e mal concebido, e não há muitos outros hospitais a quererem homens para os serviços de enfermagem. E também não podemos continuar a viver em duas divisões por muito mais tempo. Gostaria de poder acreditar nos políticos quando eles falam de um Serviço Nacional de Saúde,

empregos e casa para todos, e coisas assim. Mas de onde virá o dinheiro para tudo isso?

– Não sei – respondeu ela, sonolenta. – A única coisa que sei neste momento é que nunca me senti tão feliz. Ou tão contente por estar contigo. Por isso acho que não importa quanto tempo vai demorar até chegarmos à Nova Zelândia. Ou aonde vão os políticos arranjar dinheiro.

— **H**avia com certeza outra maneira de acabar com a guerra sem ser lançar bombas atômicas — disse Mariette, erguendo os olhos do jornal que estava a ler, com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces. — Dizem que setenta mil pessoas foram mortas instantaneamente em Hiroxima e Nagasaki, e muitas mais morrerão mais tarde. Não estavam a matar soldados, eram pessoas vulgares: homens, mulheres, crianças e até bebês.

A notícia, publicada a 15 de agosto, de que o Japão se rendera e a guerra tinha finalmente terminado, fora maravilhosa. Houvera festas, fogos de artifício e júbilo generalizado por toda a Inglaterra. Mas agora que sabia como essa vitória fora conseguida, Mariette envergonhava-se de ter festejado. E tinha a certeza de que milhares de outras pessoas deviam sentir o mesmo.

— Eu sei, é horrível — concordou Morgan. — Mas, para ser justo para com os ianques, acho que eles não sabiam verdadeiramente aquilo de que a bomba era capaz.

— Que espécie de pessoa cria uma arma e a usa sem saber qual vai ser o resultado final? — indignou-se ela, a limpar as lágrimas da cara. — Não acredito que eles não soubessem. Aposto que sabiam, e que mesmo assim largaram as bombas.

Era uma manhã de domingo e, exceccionalmente, Morgan pudera tirar o dia para estar com Mariette. Tinham planeado apanhar a camioneta para Brokenhurst e fazer um piquenique na New Forest.

— Para de olhar para essas fotografias — disse Morgan, e arrancou-lhe o jornal das mãos. — Ultimamente tens andado chorosa e perturbada por tudo e mais alguma coisa. O que é que se passa?

— Não sei — admitiu Mariette, a olhar para ele. Há dias, no trabalho, comecei a chorar quando uma paciente me disse que o cão tinha morrido enquanto ela estava no hospital. Foi ela que teve de me consolar, dizendo-me que o cão estava muito velho e tinha tido uma boa vida.

— Não estás grávida, pois não? — perguntou ele. — Acho-te com a cara mais cheia, e muito rosada.

Mariette ficou a olhar para ele.

– Não sei! Nem sequer me passou pela cabeça. – Levantou-se de um salto e procurou o diário na mala de mão. – Tive o período pouco depois da nossa lua de mel – disse. – Fiz uma cruz no dia 5 de junho. Há outra a 3 de julho... – Folheou mais algumas páginas e voltou a olhar para Morgan. – Nada no início de agosto, mas posso ter-me esquecido de marcar.

– Ou não aconteceu. E se, com o fim da guerra e toda aquela excitação, tu não reparaste?

– Oh minha santa tia! – exclamou Mariette. – Não sei se devo chorar outra vez ou rir. É bom ou mau? Que estou eu a dizer? Claro que é bom. Só que talvez não venha na melhor altura, connosco à espera de conseguir passagem para casa.

Morgan começou a sorrir e, pouco a pouco, o sorriso estendeu-se-lhe a toda a cara.

– Pelo que me diz respeito, qualquer altura é a melhor altura. Mas talvez devêssemos atazanar Miss Salmon para nos pôr lá mais depressa. O ideal seria a criança nascer no mar.

Mariette aproximou-se dele e passou-lhe os braços pelo pescoço.

– Muito bem, senhor enfermeiro, quando é que poderemos ter a certeza?

– Leva uma amostra de urina para o hospital, amanhã, e pede-lhes que façam uma análise – respondeu Morgan. – É possível que seja um pouco cedo de mais, mas vale a pena tentar. Mas penso que outra maneira fiável de saber é examinando os seios. A aréola torna-se castanha. Deixas-me ver?

– Estás a inventar – riu ela. – Não vais examinar coisa nenhuma, porque sabes muito bem aonde é que isso nos levará.

– Tens toda a razão, meu doce. – Morgan sorriu. – Mas, como sou teu marido, tenho todo o direito de examinar qualquer parte do teu corpo que ache que precisa de ser examinada.

Ela fugiu para o quarto, mas ele alcançou-a e empurrou-a para cima da cama.

– Sujeitas-te a exame? – perguntou, segurando-lhe as duas mãos acima da cabeça só com a esquerda, enquanto com a direita lhe desapertava os botões da blusa e lhe levantava o *soutien*.

– Sujeito-me – riu ela.

– Hum, tal como eu suspeitava, aréolas castanhas. E a menos que esteja muito enganado, Mrs. Griffiths, os seus seios estão um pouco maiores do

que o normal. Vão ter de ser beijados todos os dias, a partir de agora.

– Então estou grávida? – perguntou Mariette, mas ele estava demasiado ocupado a chupar-lhe os mamilos para responder.

Mariette sorriu para si mesma. Podia não ter pensado em ter já um filho, mas tudo indicava que vinha um a caminho. Sentiu um calor agradável invadir-lhe o corpo.

Não poderia estar mais feliz.

Na segunda-feira de manhã, a primeira coisa que Mariette fez foi telefonar a Miss Salmon. Depois do casamento, o Dr. Mercer tinha-lhe dado o número de telefone da mulher em Londres e sugerido que lhe ligasse a lembrar a oferta de uma passagem de regresso a casa.

Mariette não o fizera. A sua desculpa fora a excitação do casamento, e a mudança para o pequeno apartamento que tinham alugado, mas a verdade era que se sentia um pouco intimidada pela gélida criatura. Mas agora, convencida de que estava grávida, enfrentaria tudo e todos.

Para sua surpresa, Miss Salmon estava no gabinete e pareceu até satisfeita por saber dela, perguntando-lhe como corra o casamento e se tinha gostado de voltar a ver as crianças francesas.

– Foi a melhor prenda de todas – disse Mariette. – E fiquei encantada por saber que se vão reunir aos pais. Mas o Dr. Mercer disse-me que estaria preparada para ajudar a arranjar uma passagem para a Nova Zelândia para mim e para o meu marido. Venho pedir-lhe que cumpra agora essa promessa. Acabo de descobrir que estou grávida, e como é natural gostaria de estar em casa quando o bebé nascer.

– Bem, não sei se consigo arranjar qualquer coisa muito depressa. – A voz de Miss Salmon tinha de repente recuperado o habitual tom gelado. – Como de certeza compreende, há muitas pessoas importantes que estão ansiosas por chegar ao seu país, e há que definir prioridades.

– E alguém que ariscou a vida para salvar pilotos ingleses e membros da Resistência Francesa não é uma prioridade? Sobretudo alguém que perdeu uma perna a salvar outras pessoas? – argumentou Mariette.

– Bem, claro que sim, Mariette – disse Miss Salmon, num tom oleoso. – Vou ver o que posso fazer, mas não prometo nada.

Mariette percebeu que tinha de pressionar a sério, ou correr o risco de ser deixada à margem e possivelmente nunca conseguir qualquer espécie de ajuda.

– Obrigada, Miss Salmon. A única outra maneira de termos a certeza de conseguir uma passagem é subornando alguém, e não temos dinheiro para isso... A menos, claro, que eu venda a minha história a um jornal.

– Não pode fazer isso! – exclamou Miss Salmon, com uma nota de pânico na voz.

– Não quero fazer – respondeu Mariette. – Mas tenho de partir dentro de um mês, para chegar a casa antes do Natal.

O silêncio que se seguiu demorou dois ou três segundos.

– Deixe o caso comigo – acabou Miss Salmon por dizer. – Tenho a certeza de que alguma coisa se há de arranjar.

Quando pousou o auscultador, Mariette sentia-se vitoriosa. Quase conseguia imaginar Miss Salmon a pegar no telefone e exigir passagens para eles. Não havia de querer que o público tivesse conhecimento da existência do seu departamento nem do pouco que se importavam com o que acontecia àqueles que recrutavam para arriscar a vida em missões secretas.

Mariette passou a semana seguinte num estado de ansiedade. Claro que nunca contaria a sua história a um jornal, e perguntava a si mesma se Miss Salmon teria consciência disso.

Mas, no final da semana, recebeu confirmação de que estava grávida. O bebé nasceria em finais de abril e, de repente, nada parecia tão importante como essa notícia. Esteve tentada a telefonar para casa e dizer aos pais, mas Morgan disse que devia esperar um pouco mais, para não desafiar a sorte.

Então, três dias depois de a gravidez ter sido confirmada, chegou pelo correio um gordo sobrescrito castanho. Para espanto e delícia dos dois, continha bilhetes para o *Ruahine*, que partia de Southampton para Auckland a 25 de setembro.

– Raios! – exclamou Morgan. – É uma lata velha. Estava destinado à sucata e só foi salvo pela guerra. Penso que tem andado a transportar tropas e carga.

– Não me interessa que seja velho e feio... Até ia a remos numa banheira, se fosse essa a única opção. Oh, Morgan, vamos para casa!

Lançou-lhe os braços ao pescoço, com o rosto radiante de alegria. Ele levantou-a do chão pela cintura e rodopiou com ela. Pela última carta que Mariette recebera dos pais, ficara a saber que Alexis e Noel continuavam em Itália, «a arrumar a loja», mas que contavam regressar a tempo do Natal.

– E nós também vamos estar em casa para o Natal! – gritou, excitada. – Melhor do que isto era impossível!

No início de dezembro, sentado no convés do *Ruahine*, Morgan voltou a cabeça para olhar para Mariette, que adormecera estendida na cadeira de repouso, como lhe acontecia quase todas as tardes agora que o tempo aquecera o suficiente para se estar ao ar livre num sítio abrigado do vento.

Pensou que nunca tinha visto uma mulher que ficasse tão bonita grávida. Os cabelos refulgiam, a pele irradiava luz, e o ventre arredondado parecia-lhe adorável.

Dentro de uma semana chegariam a Auckland, e de lá apanhariam o vapor para Russell, aonde chegariam a 20 de dezembro, com tempo de sobra para o Natal. Mas por muito bom que fosse ir finalmente conhecer a família de Mariette, e ver a pequena vila onde ela nascera e de que tantas vezes falava, sentia-se um pouco triste por a viagem estar a chegar ao fim.

Em Inglaterra, o trabalho sempre fora um impedimento a passarem muito tempo juntos, por isso fora maravilhoso acordar todos os dias no navio sem nada de mais premente para fazer do que tomar o pequeno-almoço, almoçar e jantar, passear pelo convés e simplesmente estarem um com o outro. O *Ruahine* fora remodelado, em 1933, para transportar 220 passageiros em classe turística e, em 1938, mais uma vez transformado em cargueiro. Pouco depois, voltara a ser equipado para receber passageiros e servira como transporte de tropas.

Felizmente tinham-lhes dado, a ele e a Mariette, um dos camarotes que deviam ser reservados aos oficiais. Era espaçoso, confortável, no convés superior, mesmo ao lado de uma casa de banho, e até tinha uma cama de casal. Pelo que tinham sabido através dos outros passageiros, na sua maioria

soldados de regresso a casa, os camarotes normais eram muito pequenos e abafados.

O camarote era um refúgio onde podiam esquecer os outros passageiros, as recordações da guerra, o hospital e até a vida real. Jogavam cartas e jogos de tabuleiro, deitavam-se na cama a ler, e também faziam amor. Muito. Pertenciam os dois ao muito reduzido grupo de passageiros que não tinham enjoado. Os que viajavam nos camarotes situados nas entranhas do navio tinham sofrido muito com a agitação do mar. Apesar de ter prometido a si mesmo, antes de embarcar, não dizer a ninguém que era enfermeiro, para que não se lembrassem de o chamar numa emergência, Morgan ajudara, e Mariette também. Parecera-lhes errado ficarem de braços cruzados quando estava tanta gente doente.

Uma das melhores coisas da viagem, além de estar com Mariette, era ter tempo para refletir sobre o seu passado, e também sobre o seu futuro. Passara de ser um conquistador iletrado que ia para a cama com qualquer rapariga que conhecesse nas suas viagens para soldado. E então fora ferido, o que, na altura, o fizera deseja estar morto.

Aqueles primeiros meses de dor e de desânimo absoluto tinham sido terríveis, mas deles alguma coisa de bom resultara. Descobrira que o aspeto físico não era o seu único atributo, que era inteligente, que sentia compaixão para com os doentes e que tinha a capacidade de aprender novas competências.

Fora verdadeiramente doloroso dizer adeus aos muitos amigos que tinha feito nos hospitais de Netley e de Southampton. Os dois hospitais tinham sido a totalidade do seu mundo durante cinco anos. Até Mariette aparecer, como que surgida do nada, acreditara que lá ficaria para o resto da vida.

Mariette fizera-o deixar de pensar na sua desfiguração. Até já conseguia olhar para o espelho e ver-se apenas a si mesmo, não a queimadura.

Agora, porém, estava prestes a iniciar-se todo um novo capítulo da sua vida. Não tinha medos nem ansiedades a respeito de ser marido e pai, mas preocupava-o a provável dificuldade em arranjar trabalho, e também ter de se adaptar a uma vida que não girasse em torno de um hospital. Pelo que ouvira, o pai de Mari parecia ser um homem duro, e esperava vir a dar-se bem com ele, e com a mulher.

O que queria verdadeiramente, embora ainda não soubesse se seria possível, era trabalhar numa unidade de queimados. Supunha que a mais

próxima seria em Auckland, e talvez Mariette não quisesse viver numa cidade.

Mas não ia falar-lhe disto, por enquanto. Esperaria até que o bebé chegasse. Talvez por essa altura ela achasse que, ao fim e ao cabo, Russell era demasiado pequena e demasiado pobre em desafios. Os bebés faziam as pessoas mudar de opinião a respeito de todo o género de coisas.

– Estamos quase a chegar!

Estavam os dois de pé junto à amurada do vapor e Mariette enfiou o braço pelo de Morgan e apertou-o com força, dominada pela excitação. Desfizera-se várias vezes em lágrimas de emoção durante aquela última etapa da viagem de Auckland para Russell: ao ver o azul límpido do mar, o verde luxuriante das árvores ao longo da costa rochosa, os golfinhos que tinham feito uma exibição de acrobacia sulcando a água ao lado do vapor, uma exibição que, para ela, se destinava a dar-lhe as boas-vindas a casa.

Já não havia a antiga ligação semanal por barco a Northland – as pessoas iam agora de carro –, mas aquele fora fretado para transportar os veraneantes que iam passar o Natal na Baía das Ilhas ou até mais para o interior, onde tinham familiares. Havia também um grande número de homens trajando à civil que ela calculou serem soldados que regressavam, mas não reconheceu nenhum deles, por não serem de Russell.

– Lá está! – gritou, quando entraram na baía e viram as casas ao longe. – Achas que vão lá estar todos à nossa espera? Sinto que o coração me vai explodir de excitação. Julgo que nunca estive tão excitada como neste momento, mas também tenho um pouco de medo.

– Medo de quê? – perguntou ele, passando-lhe o braço pelos ombros e puxando-a para si.

– De que fiquem perturbados pela minha maneira de andar, de não serem como os recordo. O Alexis tinha quinze anos quando me fui embora, e o Noel catorze. Agora são homens adultos, passados sete anos. Fui sempre tão má para eles que provavelmente não estão nada satisfeitos com o meu regresso.

– Pateta – disse Morgan afetuosamente, e beijou-lhe a testa. – Sete anos e uma guerra mundial mudaram de certeza a maneira como toda a gente se

comporta e sente. Tu não és a mesma rapariga que partiu, e eles não serão os mesmos rapazes.

Belle, Étienne e Mog estavam à espera no cais, tão excitados como Mariette, e igualmente receosos. Para eles, as preocupações eram se Mariette aprovaria a maneira como tinham redecorado o quarto dela, se Morgan viria a revelar-se uma pessoa difícil e, sobretudo, o receio de que, depois de ter estado longe tanto tempo, Mariette não conseguisse adaptar-se. Tinham sugerido que Alexis e Noel esperassem em casa, com medo de que Mariette se sentisse avassalada por demasiadas pessoas à espera do vapor.

– Mais dez minutos – disse Étienne, e passou um braço pela cintura de Belle e o outro pela de Mog, mas sem desviar os olhos do barco que avançava para eles. Queria aquela primeira visão dos maravilhosos cabelos da filha.

A espera fê-lo recuar até ao dia em que ele próprio tinha chegado no velho *SS Clansman*. Chovia a potes e ele mantivera-se no convés, pronto, o coração a palpitar com medo de que Belle tivesse encontrado um novo amor desde que ali chegara, um ano antes.

Não tinha, e estava miraculosamente à espera no cais, tal como eles faziam naquele momento. Não dele, claro – ela não sabia da sua chegada –, mas para recolher um embrulho. Recordou a expressão sobressaltada dela quando o vira, uma expressão que lhe dissera que pensava que estava a ter alucinações. E então, de repente, Belle correria para se lhe lançar nos braços. A rapariga que conservara no coração durante tanto tempo ainda o queria.

Inclinou-se para sussurrar ao ouvido de Belle.

– Lembras-te do dia em que cheguei? – perguntou.

Ela sorriu-lhe, mais velha agora, um pouco mais cheia, com os cabelos a ficarem grisalhos, mas ainda a sua bela namorada.

– Sim, e nada mudou – sussurrou ela em resposta. – Continuas a fazer o meu coração cantar.

– Que estão vocês os dois para aí a sussurrar? – quis Mog saber.

– É segredo – disse Étienne, e voltou a olhar para o vapor. – Olhem! Não é ela, junto à proa? Com qualquer coisa verde?

Alongaram os três o olhar, a tentar ver.

– Acho que pode ser – disse Belle. – São os cabelos louros dela.

Tinham consciência de que havia outras pessoas que tinham ido esperar o vapor. Ouviam o som de passos ao longo do caminho de saibro que levava ao cais, e vozes erguidas em saudações. Nos tempos em que o *Clansman* chegava todas as semanas, trazendo o correio, utensílios domésticos e até, de longe em longe, um piano, havia a tradição de ir toda a gente esperá-lo.

Essa tradição morrera com a «passagem à reforma» do *Clansman*, mas Mariette sabia que a maior parte das pessoas que ali estavam queria ver Belle e o marido. Todas afirmariam que era para lhe dar as boas-vindas a casa, mas Belle sabia que correria palavra de que Mariette perdera uma perna, e Morgan fora desfigurado por uma queimadura, e era a curiosidade que as acicatava.

Apesar da irritação que lhe causava o facto de as pessoas serem tão mórbidas, pensou que sempre era melhor ir ver a filha e o genro ali no cais, e satisfazerem a curiosidade, a aparecerem mais tarde lá por casa alegando um pretexto qualquer.

– Cuu-ii!

Belle voltou a cabeça e viu Peggy bambolear-se em direção a eles. Arranjara um problema qualquer nos pés e tinha dificuldade em caminhar mesmo distâncias curtas.

– Nunca mais conseguia fechar a loja – disse Peggy, ofegante, a limpar o rosto suado ao avental. – As pessoas não paravam de entrar. Há cá tanta gente de férias que só Deus sabe onde arranjaram alojamento.

– Julgamos que é a Mari, junto à proa – disse Mog, e apontou.

– Aposto que não saiu dali durante toda a viagem, sempre gostou de sentir o vento nos cabelos. Só espero que o Morgan também goste do mar – disse Belle.

– Deve gostar, se trabalhou em navios – observou Étienne.

– Vamos acenar todos, mesmo que não seja ela – propôs Mog. – Os olhos dela são melhores do que os nossos. Se responder, teremos a certeza.

Acenaram freneticamente. E a figura que estava junto à proa do barco, e o homem a seu lado, acenaram em resposta.

Em tempo real, passaram menos de dez minutos antes que o vapor chegasse ao cais, as amarras fossem presas aos cabeços e a prancha de desembarque colocada no seu lugar. Mas pareceu uma hora para os que esperavam.

Quando Mariette deu o primeiro e hesitante passo na prancha, Belle libertou-se do braço de Étienne e correu em frente, chegando junto da filha no instante em que ela punha o pé em terra.

– Minha querida! – gritou, lançando os braços à volta de Mariette. – Bem-vinda a casa! Houve momentos em que pensei que nunca mais voltava a ver-te.

– Deixa as outras pessoas saírem do barco – disse Étienne atrás dela, puxando a mulher e a filha para um lado.

– Papá! – exclamou Mariette, e no mesmo instante estava a chorar, a tentar abraçar o pai e a mãe ao mesmo tempo.

Mog voltou-se para Morgan. A sorrir, estendeu-lhes as duas mãos.

– Bem-vindo também, Morgan. Sou a Mog, e estávamos todos mortos por te conhecer. Eles já te dirão o mesmo, daqui a pouco. Mas acho que quanto mais depressa formos para casa melhor.

Para Mariette, foi uma sensação estranhíssima voltar a estar em casa. Tudo – as vistas, os sons, os cheiros – era tão familiar, como se tivesse saído dali no dia anterior. Mas também era como um sonho, como se fosse acordar de um momento para o outro e dar por si de novo em Inglaterra.

Toda a gente tinha tanto que dizer, tantas perguntas a fazer, e pareceu-lhe uma coisa esquisitíssima os dois irmãos serem agora homens adultos, com vozes graves e ombros largos. E no entanto, os olhos deles, azul-cobalto, pareciam refletir ainda todos os perigos e dificuldades por que deviam ter passado.

Com toda a gente a falar ao mesmo tempo, Belle pediu a Étienne que levasse Morgan e os rapazes para a cozinha, enquanto ela levava Mariette e as malas para o seu antigo quarto.

– Assim é melhor – disse, enquanto fechava a porta do quarto. – Tenho-te só para mim durante alguns minutos.

Mariette sentou-se na cama de casal nova, que substituíra a antiga, de solteira, e olhou em redor. As fotografias de estrelas de cinema que deixara penduradas tinham desaparecido, e as paredes tinham sido forradas com um bonito papel azul e branco. Toda a restante mobília era a mesma, só que embelezada por uma recém-aplicada camada de tinta branca. Numa das paredes havia uma ampliação de uma fotografia dela; estava de pé ao leme

de um iate, vestida com um fato de oleado amarelo, porque o mar estava bravo.

– De onde veio a fotografia? – perguntou. A fotografia era demasiado boa para ter sido tirada por alguém que ela conhecesse.

– Foi um fotógrafo que esteve cá a passar férias e a pescar que a tirou. Há de ter sido no ano anterior a teres ido para Inglaterra. Seja como for, aqui há um par de anos voltou cá e ofereceu-no-la. Como imaginas, o teu pai ficou contentíssimo. Pusemo-la aí quando arranjámos o quarto para ti.

– É encantador – disse Mariette. – Tão bonito e fresco. E é tão bom estar outra vez em casa.

– A Mog acha que, passado o Natal, tu e o Morgan vão querer ter a vossa própria casa – disse Belle, mas riu, como se não tivesse muito a certeza de que isso fosse provável.

– Não me parece – respondeu Mariette. – Vem sentar-te aqui, para podermos abraçar-nos. – Bateu no colchão, a seu lado. – Ou achas que já sou demasiado velha para festinhas?

Belle estava junto dela num abrir e fechar de olhos, a abraçá-la com força.

– Houve momentos em que pensei que nunca mais voltaria a fazer isto – disse, com a voz a tremer de emoção. – Agora só quero abraçar-te e nunca mais te largar.

– Vais ser avó não tarda – observou Mariette. – Nem vou ter direito a um olhar, quando houver um bebé a competir comigo.

– Hás de ser sempre a minha bebé – disse Belle ternamente, e acariciou a face da filha. – É por isso que tenho de perguntar-te a respeito da tua perna. Tenho de a ver. Achas muito esquisito da minha parte?

Mariette riu.

– Não, acho que compreendo. Ouvi dizer que todas as novas mães examinam os filhos para ver se têm todos os dedos das mãos e dos pés. Suponho que é o mesmo instinto.

– Então não te importas de me mostrar?

– Não, bem, desde que seja de uma vez por todas. Só para te descansar o espírito.

Mariette pôs-se de pé, desapertou as calças e deixou-as cair no chão. Ouviu a mãe inspirar com força por entre os dentes cerrados, mas não disse nada, limitou-se a deixá-la ver a perna protética e a maneira como estava

segura por correias. Compreendia que a coisa mais difícil do mundo para qualquer mãe era ver um filho magoado.

— Não dói, mamã — disse, enquanto se sentava e começava a desapertar as correias. — Agora estou habituada e já não me incomoda. E quero que sintas o mesmo. Consigo fazer a maior parte das coisas que fazia antigamente, menos correr e saltar. Pronto! — Expôs o coto, pegou na mão da mãe e pousou-a na coxa. — Sou a mesma, mamã, só me falta um pedaço, mais nada.

Viu os dedos da mãe tatearem, hesitantes, os pontos do coto, e depois as lágrimas deslizarem-lhe pelas faces.

— Não chores, mamã — disse. — Estou bem, palavra.

— Quando eras bebé, eu costumava beijar-te a barriguinha, e o rabinho, e as perninhas — disse Belle. — Brincava com os dedinhos dos teus pés. Nunca me passou pela cabeça que qualquer coisa pudesse alguma vez estragar um corpo tão perfeito. Mas obrigada por me teres deixado ver. Não é tão horrível como eu tinha imaginado.

— Temos tanto de que falar — disse Mariette, enquanto voltava a prender a prótese e puxava as calças para cima. — Não estou a referir-me a isto, mas a coisas de que nunca falámos. Tu, e o papá, e a Mog, como foi que se juntaram, as vossas aventuras antes e durante a outra guerra. Quero saber tudo.

Belle riu.

— E eu também vou interrogar-te a respeito das tuas aventuras.

Mariette pôs-se de pé e pegou na mão da mãe.

— Mas não hoje. Temos uma vida inteira para isso. Agora vamos para baixo ver os rapazes. Aposto que eles também têm montes de coisas para contar.

Mais tarde, depois de um jantar festivo de cordeiro assado, uma coisa que nem Mariette nem Morgan comiam havia anos, Belle sugeriu que fossem todos para o exterior, por estar uma noite tão agradável.

Durante a viagem de regresso à Nova Zelândia, Mariette imaginara todas as conversas que ia ter com a família. Sobretudo com os irmãos, pois estava bem consciente de que praticamente não comunicavam antes de ela partir para Inglaterra.

No entanto, não obstante todos os seus planos, a partir do instante em que se tinham sentado à volta da mesa, a conversa fora tão trivial como se só tivessem estado separados uma semana. Mariette e Morgan falaram da viagem desde Inglaterra, e Alexis e Noel contaram algumas coisas que lhes tinham acontecido em Auckland, quando por lá tinham andado uma semana, impedidos de voltar a casa enquanto não fossem oficialmente desmobilizados.

Quando todos se levantaram para sair, Alexis agarrou a mão de Mariette e manteve-a segura durante vários minutos, sem dizer uma palavra. Quando por fim a largou, acariciou-lhe a face num gesto de ternura.

– É ótimo voltar a estar em casa contigo, mana, e saber que eu e o Noel vamos ser tios. Esta noite não é o momento para falar da guerra e do que ela fez a todos nós. É o momento para estarmos felizes por estarmos todos em casa, outra vez em segurança. Para receber o Morgan na nossa família e para preparar o Natal.

Noel deu-lhe uma palmadinha no ombro, como que a dizer que estava em total acordo com o irmão mais velho.

– Espera só até veres o que o velho andou a fazer enquanto estávamos todos fora – disse, com um grande sorriso.

– Eu dou-te o «velho» – ralhou Étienne. – Tinha de arranjar qualquer coisa com que me entreter, com os meus filhos todos fora de casa e a minha mulher a cultivar frutas e legumes.

Étienne pegou na mão de Mariette e conduziu-os para fora. Quando viu a transformação, Mariette arquejou.

Enquanto crescia, sempre houvera apenas arbustos e erva a crescer encosta abaixo a partir dos degraus das traseiras até ao redil das galinhas. No inverno era como um pântano, e no verão a erva apresentava grandes áreas carecas por causa dos muitos jogos que lá se faziam.

Agora, porém, era um terraço elevado com um pavimento esplêndido e extravagante, rodeado por muros construídos de modo a servirem de floreiras. Era muito bonito, com uma orgia de flores vermelhas, amarelas e cor de laranja a caírem em cascata lá de cima. Dois degraus davam acesso ao resto do jardim, onde havia um relvado a sério, denso e verde, com pequenos canteiros de flores. Mariette viu filas de legumes a crescerem do outro lado de uma divisória em treliça.

– É tão bonito! – exclamou, e no mesmo instante desfez-se em lágrimas. Fosse pelo que fosse, a transformação do jardim fê-la tomar consciência de que ela e os irmãos eram agora adultos. De que os pais e Mog tinham sido forçados a inventar uma vida para si mesmos enquanto os filhos estavam longe. Agora estavam de novo todos juntos, mas, em breve, ela, Alexis e Noel iam ter de encontrar o seu próprio caminho, um caminho que podia até levá-los para longe de Russell.

Morgan sentou-se, puxou-a para o colo e deixou-a chorar com a cabeça apoiada no seu ombro.

– Está emocionada, o que é natural – disse, a olhar para a família dela, que parecia confusa com aquelas lágrimas. – Durante sete anos, conservou no coração uma imagem desta casa, de Russell e de todos vocês. Mas agora descobriu que essa imagem está desatualizada. Tem tanta coisa para lhes dizer, há tantas histórias a vosso respeito que ela quer ouvir. Mas está a esquecer que não há pressa, que temos muito tempo à nossa frente para pôr as notícias em dia.

Étienne pousou uma mão no ombro do genro.

– Bem dito, Morgan. Posso só dizer que estou muito contente por a minha filha ter casado com o homem que eu próprio teria escolhido para ela?

«Imagino as coisas que te passaram pela cabeça durante a longa viagem, sem saberes exatamente o que te esperava. Também fiz uma vez essa viagem ao desconhecido. Mas agora tu e a Mari vão ser tão felizes como eu e a Belle temos sido, e neste momento começa para ti uma nova vida como membro desta família.»

Sentou-se então ao lado de Morgan e pegou na mão de Mariette, que começara a chorar ainda com mais força ao ouvir as palavras do pai.

– Amanhã, vamos sair no barco – prometeu. – E tu vais descobrir que na realidade nada mudou aqui.

Belle aproximou-se e inclinou-se para beijar Morgan e a filha na face.

– Que futuro temos agora! Todos nós mais velhos e mais sábios, mas com um bebé a juntar-se-nos em breve. Os bebés têm o hábito de tornar tudo real, mostram-nos o que é importante e o que não é.

– Antes de tu nasceres, Mari, a tua mãe ficou num estado que nem imaginas – disse Mog. – Lamuriava-se que não sabia nada de bebés, e que tu podias morrer às mãos dela, por não saber tratar de ti. Eu ria-me, porque já tinha visto que era capaz de lidar fosse com o que fosse que a vida lhe

atirasse à cara. Tu és igualzinha à tua mãe, capaz de lidar com tudo, e além disso tens-nos a todos nós. Um exército para te ajudar.

Mariette endireitou-se, fungou e limpou as lágrimas.

– Acho que voltar a casa me fez lembrar a pessoa egoísta que era quando me fui embora. Mas preciso de vos dizer que ir para longe me ensinou como todos vocês são preciosos – disse, olhando para cada um deles à vez.

– Tenho milhões de perguntas para todos, e há tanta coisa que quero partilhar convosco. Mas suponho que o meu querido Morgan tem razão, há muito tempo para tudo isso.

– Há milhares de amanhã – disse Belle, e estendeu a mão para acariciar a cara da filha. – Todos eles vazios e à espera de serem enchidos de riso, amor e felicidade. Tempo para falarmos de todas as coisas que não tivemos oportunidade ou vontade de abordar no passado. Esta noite é uma celebração para todos os que aqui estamos, de novo juntos, finalmente.

AGRADECIMENTOS

Devo muito a Olive Bedford, da Ilha do Norte, na Nova Zelândia. Não só tem sido a minha fã mais leal desde há mais de vinte anos, como fez, para me ajudar a escrever este livro, uma pesquisa aprofundada sobre a Nova Zelândia.

Só a conheci pessoalmente em 2011 – até à altura só nos tínhamos correspondido –, mas quando festejou o seu octogésimo aniversário, numa altura em que tinha perdido o marido pouco antes, fui visitá-la à Nova Zelândia. Desde então, mudou de casa, aprendeu a usar o computador, viajou sozinha até Inglaterra, mantém-se a par de tudo o que acontece no mundo, tricota camisolas para a minha neta e é minha amiga querida e confidente. Intitula-se minha mãe honorária, mas eu teria muito orgulho em tê-la como verdadeira mãe, porque é a mulher mais corajosa, mais inteligente e mais generosa que alguma vez conheci. Adoro-te, Olive!

Também quero agradecer ao pequeno museu de Russell, na Baía das Ilhas, onde passei tanto tempo a consultar velhas fotografias e pedaços de informação para ficar a saber como era ali a vida nos anos trinta e quarenta do século passado. Se me enganei nalguma coisa, peço que me desculpem. Agradeço também ao fabuloso Imperial War Museum, de Londres, que é só o melhor lugar para ficar a saber tudo sobre as duas guerras mundiais e a maneira como afetaram as vidas de milhões de pessoas comuns.